

A Redenção de Gabriel

Sylvain Reynard

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

*Eles são perdidamente apaixonados,
mas objetivos diferentes vão pôr
seu amor à prova*



A REDENÇÃO DE GABRIEL



SYLVAIN REYNARD

autor de O inferno de Gabriel

 leLivros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível."

*Eles são perdidamente apaixonados,
mas objetivos diferentes vão pôr
seu amor à prova*

A REDENÇÃO DE GABRIEL

SYLVAIN REYNARD

autor de *O inferno de Gabriel*

A REDENÇÃO

DE GABRIEL



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17

anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes com o *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas*, 4/1201

muitos mestres, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros

cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

A REDENÇÃO DE GABRIEL

SYLVAIN REYNARD



Título original: *Gabriel's Redemption*

Copy right © 2013 por Sy Ivain Rey nard

Copy right da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com The Berkley Publishing Group, um membro

da Penguin Group (USA) Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhum a parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiano Moraes

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Flavia Midori e Luis Américo Costa *projeto gráfico e diagramação*: Valéria Teixeira *capa*: Ana Paula Daudt Brandão *imagem de capa*: Homem : Fuse / Getty Images Casal: Ivan Bliznetsov /

iStockphoto

Fumalça verde: G. K. / Dreamstime.com e Prillfoto / Dreamstime.com *produção digital*: SBNigri Artes e Textos Ltda.

7/1201

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Reynard, Sy Ivain

A redenção de Gabriel [recurso eletrônico] / Sy Ivain Reynard [tradução de Fabiano Moraes]; São Paulo:

Arqueiro, 2013.

recurso digital

R351r

Tradução de: Gabriel's redemption

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-241-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Moraes, Fabiano. II. Título.

CDD: 819.13

13-07153

CDU: 821.111(71)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia 04551-060 – São Paulo –

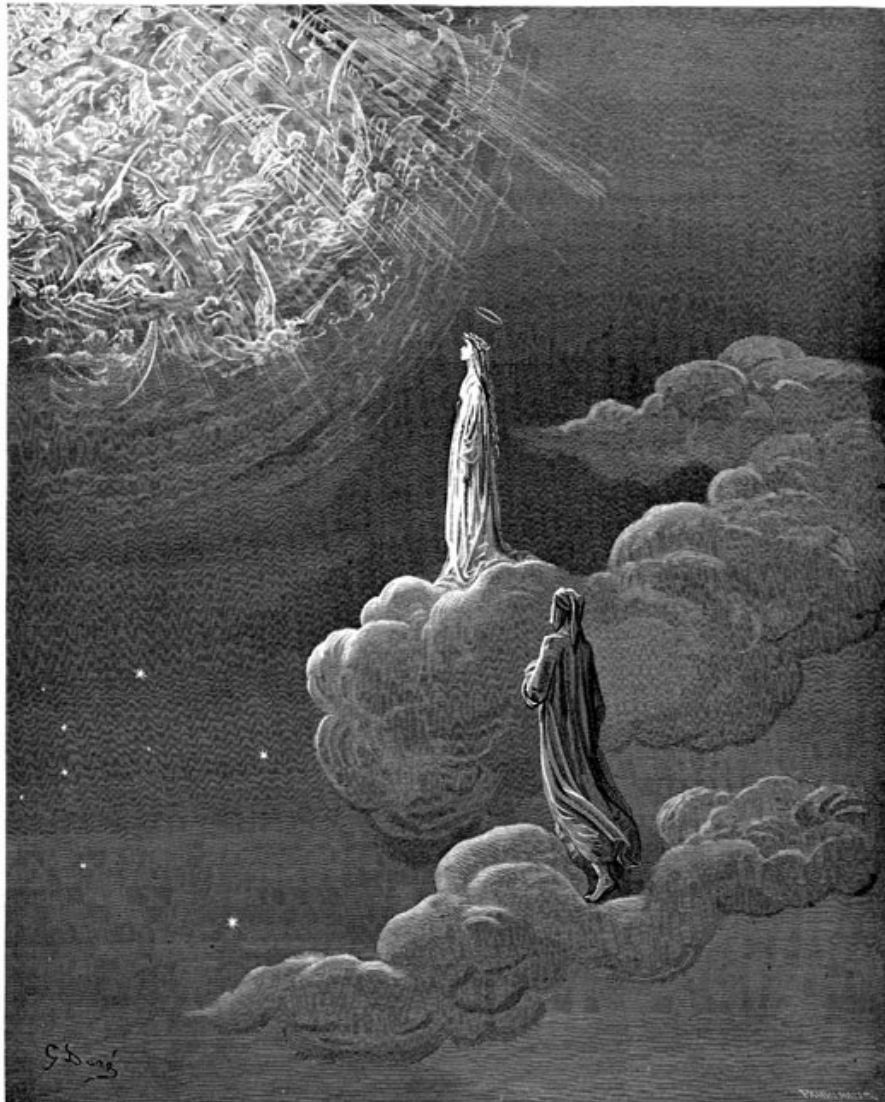
SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Aos meus leitores,

com gratidão.



Dante e Beatriz ascendem à esfera de Marte Gravura de Gustave Doré, c. 1868

“A esperança”, disse eu, “é a expectativa segura Da glória futura, que resulta

Da graça divina e do mérito precedente.”

– DANTE ALIGHIERI, *Paraíso*, Canto 25

Prólogo

Florença, Itália

O poeta se levantou da mesa e olhou pela janela sua adorada cidade. Em bora a arquitetura e as ruas o chamassem, o faziam com vozes ocas, sem vida. Era com o seu um grande luz tivesse se apagado, não só na cidade, mas no mundo todo.

*“Quomodo sedet sola civitas plena populo! Facta est quasi vidua domina gentium...” **

Ele correu os olhos pela citação do Livro das Lamentações, da Bíblia, que escrevera havia pouco. As palavras do profeta Jeremias eram

tristemente inadequadas.

12/1201

– Beatriz – sussurrou ele, o coração se aper-

tando no peito. Mesmo agora, dois anos após sua morte, era-lhe difícil escrever sobre essa perda.

Ela permaneceria para sempre jovem, nobre, e seria eternamente sua bem-aventurança, e nem toda a poesia do mundo conseguiria expressar sua devoção por ela. Mas, em consideração a sua memória e ao amor dos dois, ele tentaria.

* “Com o está deserta a cidade, antes tão cheia de gente!

Com o se parece com uma viúva, a que antes era grandiosa entre as nações!”

– Lamentações 1:1, NVI (N. do E.) CAPÍTULO UM

Junho de 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

O professor Gabriel Emerson estava parado à

porta do seu escritório, com as mãos nos bolsos, olhando para a esposa com considerável paixão.

Alto e atlético, ele tinha uma imagem arrebatadora, com seus traços rústicos e olhos cor de safira.

Ele a conhecera quando ela era uma jovem de 17 anos (dez anos

do que ele) e se apaixonara.

Os dois haviam sido separados pelo tempo e pelas circunstâncias, mas, acima de tudo, pelo estilo de vida hedonista de Gabriel.

Ainda assim, o Céu lhes havia sorrido. Seis anos mais tarde ela se tornara sua aluna de pós-14/1201

graduação em Toronto, o que reacendeu a paixão entre eles. Casaram-se um ano e meio depois.

Agora que já tinham quase seis meses de casados,

ele a amava ainda mais do que antes. Invejava até o ar que ela respirava.

Havia esperado tempo demais pelo que estava prestes a fazer. Talvez ela precisasse ser seduzida, mas Gabriel orgulhava-se de ser um mestre da

sedução.

Os acordes da canção “Mango”, de Bruce Cock-

burn, flutuavam pelo ar, evocando lembranças da viagem a Belize, que eles fizeram antes de se casarem. Na ocasião, tinham feito amor em vários lugares ao ar livre, inclusive na praia.

Julia estava sentada à mesa, sem se dar conta da música ou de que ele a observava. Digitava no laptop, cercada de livros, pastas de arquivo e de duas caixas de papéis que Gabriel fizera a gentileza de trazer do andar de baixo da antiga casa de seus pais.

15/1201

Havia um momento que estavam morando em

Selinsgrove – um intervalo em suas vidas agitadas em Cambridge, Massachusetts. Gabriel dava

aulas na Universidade de Boston, e Julia terminava pouco tempo antes o primeiro ano do doutorado em Harvard, sob a orientação de um brilhante acadêmico, ex-professora de Oxford. Eles haviam fugido de Cambridge porque a casa na Harvard Square estava um bagunça, por conta de uma reforma para expandi-la.

A casa da família Clark em Selinsgrove fora reformada antes de eles

chegarem , seguindo com exatidão os padrões de Gabriel. Grande parte da mobília deixada por Richard, o pai adotivo de Gabriel, tinha ido para um depósito.

Julia escolhera cortinas e móveis novos e convencera Gabriel a ajudá-la a pintar as paredes. O

gosto estético dele pendia mais para madeiras escuras e couro marrom , mas Julia preferia as cores claras de uma casa de praia, com paredes e

16/1201

mobília pintadas de branco, realçadas com vários tons de azul.

Gabriel havia pendurado no escritório reproduções de pinturas que enfeitavam a casa

deles na Harvard Square – *Dante e Beatriz*, de Henry Holiday , *Primavera*, de Botticelli, e *Madona com a criança e dois anjos*, de Fra Filippo Lippi. Ele se pegou analisando com atenção o último quadro.

Era possível dizer que aquelas pinturas ilus-

travam as etapas do relacionamento deles. A primeira retratava o encontro dos dois e a obsessão crescente de Gabriel por Julia. A segunda representava a flecha de Cupido atingindo-a

quando ele já não se lembrava dela, além do nome e do casamento subsequente. Por fim , a pintura da Madona mostrava o que Gabriel esperava do futuro.

Aquela era a terceira noite que Julia passava sentada à mesa, preparando sua primeira palestra 17/1201

pública, que ela daria em Oxford no mês

seguinte. Quatro dias antes, quando os móveis ainda não tinham sido entregues, eles haviam feito amor no chão do quarto, sujos de tinta.

(Julia descobrira que pintura corporal com

Gabriel era seu novo esporte favorito.)

Com as lembranças da conexão física entre eles em mente e ouvindo o ritmo da música acelerar, a paciência dele chegou ao fim . Eles eram recém -

casados. Gabriel não tinha a menor intenção de deixar que ela o ignorasse por mais uma noite.

Aproximou-se dela, sorrateiro, com passos silenciosos. Afastou os cabelos de Julia, que lhe caíam sobre os ombros, expondo seu pescoço. Os pelos curtos da barba por fazer roçaram a pele dela, e ele intensificou seus beijos.

– *Venha* – sussurrou ele.

A pele de Julia se arrepiou. Os dedos longos e finos de Gabriel contornavam o arco do seu

pescoço enquanto ele esperava.

18/1201

– Ainda não terminei a palestra. – Julia ergueu seu belo rosto para encará-lo. – Não quero que a professora Picton passe vergonha, afinal foi ela

quem me convidou. Sou mais jovem do doutorado.

– Você não vai fazê-la passar vergonha. E ainda tem muito tempo para terminar a palestra.

– Preciso arrumar a casa para a sua família. Eles vão chegar daqui a dois dias.

– Eles não são minha família. – Gabriel a encarou com um olhar torrido. – São a *nossa* família.

E vou contratar uma empregada. Venha. Traga a mala.

Julia se virou e viu uma famíliailar mala de lã es-cocesa jogada sobre a poltrona branca que ficava debaixo da janela. Olhou para o bosque que delimitava o quintal.

– Está escuro.

– Eu protejo você.

19/1201

Ele ajudou-a a levantar e envolveu-lhe a cintura com os braços por alguns instantes, colando seu peito ao dela.

Julia sentiu o calor do corpo dele através do tecido fino de seu vestido de verão, a temperatura reconfortante e sedutora.

– Por que você quer visitar o pomar no escuro?

– provocou ela, tirando os óculos do rosto do marido e pousando-os sobre a mesa.

Gabriel a fitou com um olhar capaz de derreter neve. Então, colando os lábios à orelha dela, disse:

– Quero ver sua pele nua brilhar sob o luar *enquanto estou dentro de você*.

Ele lhe explicou de leve a orelha de Julia. Em

seguida, começou a explorar seu pescoço,

cobrindo-o de beijos e mordidinhas, fazendo os batimentos cardíacos dela acelerarem.

– Uma declaração de desejo – sussurrou ele.

20/1201

Julia se entregou às sensações, finalmente percebendo a música no ar. Sentiu o cheiro de Gabriel, um aroma misto de hortelã e Artemísia.

Ela soltou, observando-a pegar a manga com o qual um gato observaria um rato.

– Imagino que Guido da Montefeltro possa esperar – disse ela, olhando para suas anotações.

– Ele está morto há setecentos anos. Eu diria que já está acostumado a esperar – falou ele, sorrindo.

Julia retribuiu o sorriso, ajoelhando a manga nos braços para segurar a mão que Gabriel lhe

oferecia.

Enquanto eles desciam as escadas e atravessavam

o jardim, uma expressão travessa tomou o rosto de Gabriel.

– Você já fez amor em um pomar antes?

Ela arregalou os olhos e negou com a cabeça.

– Então fico feliz em ser o prim eiro.

Julia apertou a mão dele com mais força.

21/1201

– Você é meu último, Gabriel. O único.

Ele acelerou o passo e acendeu a lanterna

quando os dois adentraram o bosque atrás da

casa. Gabriel foi na frente, evitando as raízes expostas e as irregularidades do terreno.

Era junho e fazia muito calor na Pensilvânia. O

bosque era cerrado e o dossel formado pelas copas das árvores bloqueava a maior parte da luz da lua e das estrelas. O canto noturno dos pássaros e o som dos gafanhotos fazia com que o ar parecesse estar vivo.

Em pouco tempo eles chegaram à clareira.

Flores do campo salpicavam o espaço verde. No outro extremo da clareira havia diversas madeiras antigas. Por trás dos vestígios do velho campo, as novas árvores que Gabriel havia plantado erguiam seus galhos para o céu.

À medida que eles se aproximavam do centro da clareira, o corpo de Gabriel foi relaxando.

22/1201

Algo naquele lugar, quer fosse sagrado ou não, sempre o tranquilizava.

Julia o observou estender a manta com cuidado sobre a grama espessa, desligando a lanterna em seguida. A escuridão os envolveu com o umbral de um véu de veludo.

A lua cheia brilhava no céu, sua face pálida vez

por outra ocultada por nuvens passageiras.

Estrelas cintilavam sobre suas cabeças.

Gabriel passou as mãos pelos braços dela, antes de percorrer com os dedos o singelo decote do seu vestido de verão.

– Gosto disto – murmurou ele.

Adm irou sem pressa a beleza da esposa, evidente até mesmo na penumbral: o contorno das maçãs do rosto, os lábios carnudos, os olhos grandes e expressivos. Gabriel ergueu o queixo de Julia e colocou seus lábios aos dela.

Foi o beijo de um amor ante fervoroso, que queria comunicar com sua boca o desejo que sentia. Ele 23/1201

pressionou seu corpo alto contra as formas delicadas de Julia, os dedos se entranhando nos cabelos castanhos e sedosos dela.

– E se alguém nos vir? – perguntou ela,

ofegante, antes de enfiar a língua na boca de Gabriel.

Ela explorou ardorosamente o seu corpo até ele recuar.

– Este bosque é particular. E, com o você mesmo disse, está escuro.

As mãos dele encontraram a cintura de Julia, espalmando-se sobre a base das suas costas.

Ele acariciou as covinhas que ela tinha ali, com o se fossem adorados arcos geológicos, antes de subir até seus ombros. Sem cerimônia, Gabriel tirou o vestido dela devagar, largando-o sobre a parede. Então abriu o sutiã com um simples girar de dedos.

Ela deu um ar risadinha diante daquele movimento

ento hábil, enquanto segurava o sutiã no lugar 24/1201

para se cobrir. Era de renda preta e provocativamente transparente.

– Você é muito bom nisso – comentou ela.

– Em quê?

Gabriel aninhou os seios dela em suas mãos grandes, por sobre o sutiã.

– Em tirar sutiãs no escuro.

O silêncio de Gabriel ecoou ao redor deles. Ele não gostava de ser lembrado do seu passado.

Julia ficou na ponta dos pés para dar um beijo no queixo anguloso dele.

– Não estou reclamando. Afinal, quem sai ganhando com sua habilidade sou eu.

Ao ouvir essas palavras, ele traçou os contornos dos seios de Julia através da renda.

– Por mais que eu goste da sua lingerie, Julianne, prefiro você nua.

– Não sei... – Ela espiou por sobre o ombro,

vasculhando a área em torno da clareira. – Parece 25/1201

que alguém vai nos interromper a qualquer

momento.

– Olhe para mim.

Os olhos dela encontraram os dele.

– Estam os sozinhos aqui. E o que vejo é de tirar o fôlego.

Com mais um movimento provocante, ele

soltou os seios de Julia e deslizou as mãos pelas colinas e pelos vales das costas dela, espalmando-as em seguida sobre os quadris. Os dedos dele pairavam sobre a pele dela.

– Eu vou cobrir você.

– Com o quê? Com a minha anta?

– Com o meu corpo. Mesmo que alguém nos

surpreenda, não vou deixar que a veja. Eu

prometo.

O canto dos lábios de Julia se curvaram num sorriso.

– Você pensa em tudo.

– Só penso em você. Você é tudo para mim.

26/1201

Gabriel aceitou os lábios que ela lhe oferecia e, contendo-se ao máximo, descolou o sutiã de

renda do corpo de Julia. Beijou-a com paixão, explorando languidamente sua boca, antes de baixar sua calcinha.

Agora ela estava nua à sua frente, no pomar deles.

Ó deuses do sexo em pomares, pensou ela. Por favor, não permitam

que

ninguém

nos

interrompa.

Ela tirou a blusa de Gabriel com avidez, os dedos brincando com os poucos fios de cabelo no peito dele. Então deslizou as mãos por seus músculos abdominais para desafivelar o cinto.

Quando os dois estavam nus, ele a envolveu em seus braços e Julia deu um suspiro.

– Ainda bem que está calor – sussurrou ele. –

Só trouxem os um a mim aqui.

Com um sorriso, ela se deitou no chão e Gabriel a cobriu com seu corpo. Seus olhos azuis fitaram

os dela enquanto ele pousava as mãos uma em cada lado do seu rosto.

– “Ao Leito Nupcial eu a levo, suas faces rubras com o amaranho: nessa hora, todo o Céu e as jubilosas estrelas sobre nós...”

– *Paraíso perdido* – sussurrou ela, acariciando a barba por fazer em seu queixo. – Mas, aqui, só

consigo pensar em Paraíso encontrado.

– Deveríamos ter nos casado aqui. Deveríamos ter feito amor pela primeira vez aqui.

Ela correu os dedos pelos cabelos de Gabriel.

– Estam os aqui agora.

– Foi neste lugar que descobri a verdadeira beleza.

Ele tornou a beijá-la, suas mãos a explorando com carinho. Julia retribuiu as carícias e a paixão dos dois se inflamou, ardendo em chamadas.

Nos meses que se seguiram ao casamento, o

desejo que sentiam um pelo outro não diminuiu, tão pouco a doçura com que se amavam. As

28/1201

palavras se dissolviam, fundiam-se a momentos, toques e à bênção do amor físico.

Gabriel conhecia a esposa: conhecia sua libido e sua excitação, sua impaciência e seu êxtase. Eles fizeram amor cercados pela escuridão e pelo verde da natureza.

Na extremidade da clareira, as velhas madeiras que observaram o amor casto dos dois no passado desviaram os olhos com pudor.

Depois de enfim recuperarem o fôlego, Julia ficou deitada ali, leve com o amor a pluma, admirando as estrelas.

– Tenho um presente para você.

Ele tateou em busca da lanterna e a usou para encontrar a calça. Quando voltou para o lado de Julia, prendeu um objeto frio em torno do seu pescoço.

Julia olhou para baixo e viu um colar com três pingentes: um coração,

um a m açã e um livro.

29/1201

– É lindo – sussurrou ela, acariciando os pingentes um a um .

– Mandei vir de Londres. As argolas e os pin-

gentes são de prata, com exceção da m açã, que é de ouro. Ela representa o dia em que nos

conhecem os.

– E o livro?

–Tem “Dante” gravado na capa.

Ela olhou para ele um pouco envergonhada.

– Por acaso m e esqueci de algum a data

especial?

– Não. Mas eu gosto de lhe dar presentes.

Julia o beijou com paixão e ele a deitou de costas, tornando a afastar a lanterna.

Quando se separaram , ele pousou a m ão na

barriga lisa de Julia e levou os lábios ao ponto logo abaixo do polegar.

– Quero plantar m eu filho aqui.

As palavras dele ecoaram na clareira e Julia ficou petrificada.

30/1201

– O quê?

– Quero ter um filho com você.

Ela prendeu a respiração.

– Tão cedo?

O polegar dele percorreu sua pele.

– Nunca sabem os quanto tem po nos resta.

Julia pensou em Grace, a m ãe adotiva de Gabriel, e em sua própria m ãe, Sharon. Am bas haviam m orrido cedo, m as sob circunstâncias m uito diferentes.

– Dante perdeu Beatriz quando ela tinha apenas 24 anos – prosseguiu ele. – Perder você seria devastador.

Julia ergueu a m ão para tocar a covinha no
queixo dele.

– Nada dessa conversa m órbida. Não aqui, de-
pois de celebrarm os a vida e o am or.

Gabriel deu vários beij os arrependidos na barriga de Julia antes de se reclinar de lado.

31/1201

– Já sou quase m ais velha que Beatriz e estou saudável. – Ela pousou a m ão no peito de Gabriel, sobre a tatuagem de um coração que sangrava, tocando o nom e inscrito nele. – Sua ansiedade é por causa de Maia?

O rosto dele ficou tenso.

– Não.

– Se for, não tem problem a.

– Eu sei que ela está feliz.

– Tam bém acredito nisso. – Julia hesitou, com o se quisesse falar algo m ais.

– O que foi?

– Estava pensando em Sharon.

– E?

– Ela não foi um a m ãe exem plar.

Ele se inclinou para a frente e roçou os lábios nos dela.

– Você será um a excelente m ãe. É carinhosa, paciente e tem bom coração.

– Não saberia o que fazer.

32/1201

– Nós descobriríamos os juntos. Eu é que deveria estar preocupado. Meus pais biológicos eram a

personificação dos com portamentos não funcionais e não poderiam ter sido mais disfuncionais. E em meu passado está longe de ser mais oralm ente im pecável.

Julia balançou a cabeça.

– Você é ótimo o com o bebezinho da Tammy.

Até o seu irmão concorda com isso. Mas ainda é muito cedo para termos um filho, Gabriel. Só estamos os casados há seis meses. E quero terminar meu doutorado.

– Eu concordei com isso, lembra? – Ele deslizou um dedo pelo arco das costelas de Julia.

– A vida de casados é maravilhosa, mas tem sido uma adaptação. Para nós dois.

Ele deteve seus movimentos.

– É verdade. Mas precisamos conversar sobre o futuro. Quanto antes eu falar com meu médico, 33/1201

melhor. Faz tanto tempo que fiz a vasectomia que talvez não seja possível revertê-la.

– Há mais de uma maneira de formar uma

família. Podem cogitar outras possibilidades médicas. Podem adotar uma criança do

orfanato franciscano em Florença. Na hora certa.

– O rosto dela se encheu de esperança.

Ele afastou um cacho do rosto dela.

– Podem os fazer todas essas coisas. Pretendo levá-la à Úm bria depois da conferência, antes de irm os à exposição em Florença. Mas, quando voltarm os da Europa, gostaria de conversar com

m eu m édico.

– Está bem .

Ela a puxou para cim a de si. Um a estranha corrente elétrica pareceu percorrer os dois quando Gabriel a agarrou pelos quadris.

– Assim que você estiver pronta, podem os
com eçar a tentar.

Ela sorriu.

34/1201

– Talvez sej a m elhor praticarm os bastante
antes.

– Sem dúvida.

CAPÍTULO DOIS

Na m anã seguinte, Julia acordou bem cedo,

sobressaltada. Ainda não havia am anhecido e o quarto estava silencioso; os únicos sons eram o da respiração ritm ada de Gabriel e o chilrear distante dos pássaros lá fora.

Ela puxou as cobertas para j unto do peito nu e fechou os olhos, forçando a respiração a se acalm ar. Isso serviu apenas para trazer as cenas do seu pesadelo à tona com total clareza.

Ela estava em Harvard, correndo pelo cam pus à procura do local da sua prova de qualificação.

Julia parava todos que encontrava pelo cam inho, im plorando por ajuda, m as ninguém parecia saber onde a banca exam inadora estava reunida.

Então ouviu o som de alguém chorando e ficou chocada ao ver que havia um bebê em seus

braços. Ela o colocou ao peito, tentando silenciá-lo, mas a criança não parava de chorar.

De repente, estava parada diante do professor Matthews, o chefe do departamento. Um grande cartaz à sua esquerda indicava que a prova estava acontecendo na sala atrás dele. Matthews bloqueava a porta e dizia a Julia que não era permitida a entrada de crianças.

Ela tentou argumentar. Prometeu que não deixaria o bebê chorar. Implorou que ele lhe desse uma chance. Todas as esperanças e o sonho de terminar o doutorado e se tornar uma especialista em Dante dependiam daquela prova de qualificação. Se não a fizesse, seria afastada do

programa.

Foi então que a criança em seus braços

começou a gritar. O professor Matthews fechou a cara e apontou para as escadas, mandando-a ir em busca.

Julia sentiu um braço sobre seu corpo,

abraçando-a. Olhou para o lado e viu que Gabriel ainda dormia. Algo em seu estado inconsciente

deve tê-lo imobilizado e confortado. Observou-o com uma mistura de amor e ansiedade, o corpo ainda tremendo por causa do pesadelo.

Ela se levantou, camaleou até o banheiro,

acendeu as luzes e abriu o chuveiro. Esperava que a água quente a acalmasse. As luzes fortes sem dúvida ajudaram a dispersar um pouco a

escuridão.

Debaixo do chuveiro de teto, tentou esquecer o pesadelo e outras preocupações que lutavam para vir à tona em sua mente – a palestra, a visita iminente da família, a repentina necessidade de Gabriel de ter um filho...

Julia levou os dedos ao colar em seu pescoço.

Sabia que Gabriel queria ter filhos com ela. Eles já haviam conversado sobre isso antes em um momento de

ficarem noivos. Mas também tinham concordado 38/1201

em esperar até ela terminar o doutorado. Isso levaria ainda uns cinco ou seis anos.

Por que ele está tocando nesse assunto agora?

A pesquisa já era motivo suficiente de an-

siedade. Em setembro, estaria de volta às aulas, preparando-se para a prova de qualificação que precisaria fazer no ano seguinte.

Mais urgente ainda era a palestra que daria em Oxford dentro de semanas. No semestre anterior, Julia havia escrito um artigo sobre Guido da Montefeltro para o curso da professora Marinelli.

Ela gostara muito do resultado e mencionara o artigo para a professora Picton, que incentivou Julia a submeter um resumo aos organizadores da conferência.

Julia ficara eufórica ao saber que sua proposta havia sido aceita. Mas a ideia de estar diante de uma plateia de especialistas em Dante e palestrar sobre temas em que eles eram muito mais especializados do que ela era intimidadora.

39/1201

Agora, Gabriel estava falando em reverter a vasectomia quando eles voltassem da Europa, em

♦ ♦ ♦

agosto.

E se a vasectomia fosse revertida com sucesso?

Julia foi tomada pela culpa. É claro que ela queria ter um filho dele. E sabia que reverter a vasectomia era mais do que um simples procedimento cirúrgico. Seria um gesto simbólico – significaria que ele finalmente havia se perdoado pelo que acontecera com Paulina e Maia. Que enfim começara a acreditar que era digno de gerar e criar um filho.

Eles haviam rezado por isso. Depois do

casam ento, tinham ido à cripta de São Francisco e feito um a prece espontânea e íntim a, pedindo que Deus abençoasse o casam ento e lhes desse um a criança.

Se Deus quiser atender às nossas preces, como posso dizer “agora não”?

40/1201

Julia teve m edo de estar sendo egoísta. Talvez devesse priorizar os filhos, e não seus estudos e suas am bições. Harvard não iria a lugar nenhum .

Muita gente voltava à universidade depois de

com eçar um a fam ília.

E se Gabriel não quiser esperar?

Ele tinha razão ao dizer que a vida era curta. O

fato de terem perdido Grace era prova disso.

Assim que Gabriel se soubesse capaz de gerar um a criança, era provável que fosse querer fazer isso sem dem ora. Com o ela poderia dizer *não*?

Gabriel era um a cham a que consum ia tudo ao redor. Suas paixões e vontades pareciam sobrepun-j ar os desej os de todos à sua volta. Certa vez ele lhe confessara que ela era a única m ulher que

tinha lhe dito *não*. Isso provavelm ente era verdade.

Julia tem ia não ser capaz de dizer *não* ao m aior anseio dele. Ela seria tom ada pelo desej o de

41/1201

agradá-lo, de fazê-lo feliz – e, para isso, sacrificaria a própria felicidade.

Ela não tivera quase nada quando criança. Sua infância com Sharon em St. Louis fora m arcada pela pobreza e pela negligência. Mas Julia havia se destacado na escola. A

inteligência e a disciplina foram seus trunfos nas universidades de Saint Joseph e Toronto.

Seu prim eiro ano em Harvard tinha sido um

sucesso. Não era hora de desistir ou abandonar o curso. Não era hora de ter um filho.

Julia cobriu o rosto com as mãos e pediu a Deus que lhe desse forças.

Algum as horas depois, Gabriel entrou na cozinha com seus tênis de corrida e um par de meias nas mãos. Usava short e uma blusa de Harvard e estava prestes a pegar uma garrafa d'água na

42/1201

geladeira quando viu Julia sentada à ilha da cozinha, com a cabeça apoiada nas mãos.

– Aí está você. – Ele largou os tênis e as meias no chão e lhe deu um insistente beijo de bom -dia.

Foi então que notou os olhos cansados da es-

posa e as mãos anchas roxas debaixo deles. Ela parecia chateada.

– O que houve?

– Nada. Acabei de limpar a cozinha e a ge-

ladeira e agora estou fazendo uma lista de

compras.

Ela apontou para uma grande folha de papel

coberta pela sua letra caprichada. Ao seu lado havia uma xícara cheia até a metade de café frio, assim como a outra lista de tarefas igualmente longa.

Gabriel correu os olhos pela cozinha, que brilhava. Até o piso estava imaculado.

– São sete da manhã. Não está um pouco cedo para faxina?

43/1201

– Tenho muito o que fazer. – Ela não parecia animada.

Gabriel pegou sua mão e acariciou a palma com o polegar.

– Você parece cansada. Não dormiu bem ?

– Acordei cedo e não consegui pegar no sono

outra vez. Preciso arrumar os quartos e limpar os banheiros. Depois, tenho que ir ao mercado e



planejar as refeições. E... – Ela deu um suspiro trêmulo.

– E? – perguntou ele, baixando a cabeça para

fixar os olhos dela. Julia tinha voltado a olhar para a longa lista de tarefas.

– Preciso me apressar. Ainda nem troquei de roupa. – Ela juntou as beiradas do seu roupão azul-claro e comêçou a se levantar.

Gabriel a deteve.

– Você não precisa fazer nada. Eu falei que iria encontrar alguém para limpar a casa e vou fazer 44/1201

isso. – Ele apontou a lista de compras. – Posso passar no mercado depois da minha corrida.

Os ombros dela relaxaram um pouco.

– Isso ajudaria. Obrigada.

Ele aninhou o rosto dela em um abraço dos ombros.

– Volte para a cama. Você está exausta.

– Ainda falta muita coisa para fazer – sussurrou ela.

– Deixe comigo. Você precisa trabalhar na sua palestra. – Ele lhe ofereceu um meio sorriso. –

Mas durma um pouco antes. Uma mente cansada é incapaz de trabalhar direito.

Ele tornou a beijá-la e a conduziu até o segundo andar. Afastou as cobertas de cima da cama, ficou olhando enquanto ela se acomodava e então a

cobriu.

– Sei que é a primeira vez que recebem os convidados em casa. Não espero que você faça o papel de anfitriã. E certamente não quero que nossos parentes atrapalhem seus prazos. Passe o 45/1201

restante do dia trabalhando no escritório.

Esqueça qualquer outra coisa. Eu cuido de tudo.

Ele pressionou os lábios na testa dela e apagou a luz, deixando Julia dormir.

Gabriel costumava ouvir música enquanto corria, mas nessa manhã sua mente estava distraída. Julianne estava sobrecarregada; isso era óbvio. Não tinha o hábito de levantar cedo e, pela sua cara de cansaço, estava acordada

há horas.

Talvez não deveriam ter convidado a família para uma visita antes da palestra dela. Gabriel nunca recebera mais de uma ou duas pessoas de cada vez – e, mesmo nessas ocasiões, contava com a ajuda de uma anfitriã e de uma contadora bancária que lhe permitia levar seus hóspedes para comer fora.

46/1201

Pobre Julianne. Gabriel se lembrou de seu

próprio tempo em Harvard. Na época, as férias nunca eram um verdadeiro descanso, pois

sempre havia trabalho a fazer, línguas para aprender e provas para as quais se preparar.

Era um alívio ser professor titular. Ele não trocaria de lugar com Julia por nada. Ainda mais sabendo que costumava lidar com as pressões da pós-graduação bebendo, cheirando cocaína e

transando com P...

Gabriel tropeçou e foi jogado para a frente

quando o bico do seu tênis ficou preso na

calçada. Ele se ajoelhou depressa e recuperou o ritmo, forçando-se a se

concentrar em seus

passos.

Não gostava de pensar nos anos que passara em Harvard. Desde que tinha voltado a m orar em

Cam bridge, suas experiências com as drogas lhe voltavam à m ente com tanta clareza que, às vezes, ele poderia j urar que sentia a cocaína entrando 47/1201

pelas suas narinas. Quando dirigia pelo cam pus da universidade ou entrava em um dos seus pré-

dios, sentia um a fissura tão intensa que chegava a doer.

Até ali, com a graça de Deus, havia resistido. As reuniões sem anais nos Narcóticos Anônim os sem dúvida tinham aj udado, assim com o as consultas m ensais com um terapeuta.

E além disso, é claro, havia Julianne.

Se Gabriel tinha de fato entrado em contato

com um poder superior em Assis, no ano passado, Julianne era seu anj o da guarda. Ela o

am ava, o inspirava, tornava sua casa um lar. Mas ele não conseguia se livrar do m edo de que o Céu lhe havia sorrido apenas para ganhar tem po antes de tirá-la dele.

Gabriel m udara em vários sentidos desde a épo-ca em que Julianne era sua aluna. Porém ainda não conseguira abandonar a crença de que não

era digno de um a felicidade duradoura. Com o o 48/1201

próprio terapeuta alertara, ele sem pre caía no m esm o padrão de autossabotagem .

Grace, sua m ãe adotiva, m orrera de câncer

cerca de dois anos antes. Sua m orte prem atura sim bolizava quanto a vida é curta e incerta. Se ele perdesse Julianne...

Se tivesse um filho com ela, jamais a perderia, um a voz baixa e serena sussurrou em seu ouvido.

Gabriel acelerou o passo. A voz tinha razão,

mas não expressava o principal motivo para ele querer ter um bebê com Julianne. Queria uma família com filhos – uma vida cheia de riso e da certeza de que ele poderia consertar os erros cometidos pelos pais biológicos.

No entanto, ele não dividia esses conflitos internos com a esposa. Julia tinha muitas preocupações e ele detestaria lhe causar mais. Ela se pre-ocuparia com seus vícios e medos, e Gabriel já a

fizera sofrer muito.

49/1201

Enquanto corria pelo familiar trajeto de sua antiga vizinhança, ele se perguntava por que Julia estaria tão abatida mais cedo. Tinham passado uma noite incrível juntos, celebrando o amor no pomar e depois na cama. Quebrou a cabeça tentando descobrir se havia feito algo que a magoara.

Mas o sexo entre os dois tinha sido, com o
sem pre, tão apaixonado quanto carinhoso.

Havia

outra

possibilidade

e

Gabriel

◆◆◆

◆◆◆

se

amaldiçoou por não ter pensado nela antes. Julianne sem pre demonstrou certa ansiedade por

voltar a Selinsgrove. Um ano e meio atrás, seu ex-namorado, Simon, invadira a casa do pai dela e a atacara. Pouco depois, a atual namorada dele, Natalie, tinha confrontado Julia em um restaurante, am

eaçando divulgar fotos obscenas dela caso a queixa de agressão não fosse retirada.

Julianne conseguiu convencer Natalie de que

não seria vantajoso para ela divulgar as imagens, pois também com prometeriam Simon. O pai dele 50/1201

era senador e estava concorrendo à Presidência, e Natalie trabalhava na campanha.

Na época, Gabriel guardara para si suas dúvidas quanto ao sucesso de Julia nessa questão. Ele sabia que, uma vez que uma pessoa tomava gosto pela chantagem, ela sempre recorreria a essa mesma tática.

Ele praguejou ou talvez não, correndo a uma velocidade extenuante. Nunca contara a Julia o que havia feito. Também pouco queria fazer isso agora.

Mas, se ela estava preocupada com Simon e

Natalie, então talvez estivesse na hora de lhe contar a verdade...

Quando Gabriel voltou da corrida, Julia ainda estava dormindo. Ele viu ao notar os pés descalços dela despontando por debaixo das cobertas. Julia não gostava que seus pés ficassem quentes, então 51/1201

os colocava para fora enquanto mantinha o resto do corpo debaixo de vários cobertores.

Inclinando-se sobre ela, Gabriel cobriu seus pés e foi tomar um banho. Depois de se vestir, tornou a dar uma olhada nela, mas Julia continuava dormindo. Desceu as escadas, pegou na cozinha as listas que ela fizera e seguiu para o Range Rover. Com alguma sorte, conseguiria

fazer as coisas e arrumaria uma faxineira antes que ela acordasse.

Às onze da noite, Julia finalmente desceu do segundo andar. Encontrou Gabriel sentado na sala de estar, lendo. Ele estava em um sofá de couro, com os pés repousados sobre uma almofada. Seus olhos se moviam por trás dos óculos.

– Ora, ora, veja só quem apareceu. – Ele também primou, fechando o livro.

52/1201

– O que está lendo?

Ele lhe mostrou a capa. *O caminho de um peregrino.*

– É bom ?

– Muito. Você já leu *Franny e Zooey*, de J. D.

Salinger?

– Há muito tempo. Por quê?

– Franny fica angustiada ao ler este livro. Foi assim que ouvi falar dele pela primeira vez.

– Do que se trata?

Ela pegou o exemplar, analisando a contracapa.

– É sobre um cristão ortodoxo russo que tenta descobrir o que significa o ensinamento bíblico de que devem os “orar sem cessar”.

Julia arqueou as sobrancelhas.

– E?

– Estou lendo para descobrir o que ele aprendeu.

– Você está orando por alguma coisa?

Ele esfregou o queixo.

53/1201

– Estou orando por um bocadinho de coisas.

– Com o quê?

– Que eu me torne um bom homem, um bom marido e, algum dia, um bom pai.

Ela sorriu e tornou a olhar para o livro.

– Estam os todos em nossas próprias j ornadas espirituais, im agino.

– Alguns estão m ais adiantados do que outros.

Julia largou o livro e se sentou no colo dele.

– Não concordo. Acho que perseguim os Deus

até que Ele nos encontra.

– Com o “O cão de caça do céu”, do poem a de

Francis Thom pson?

– Mais ou m enos isso.

– Um a das coisas que m ais adm iro em você é sua com paixão pela fragilidade hum ana.

– Tam bém tenho m eus vícios, Gabriel. Eles só estão escondidos.

Ela correu os olhos pela sala, notando as m arcas deixadas pelo aspirador de pó no carpete e os 54/1201

m óveis recém -espanados. O ar recendia a lim ão e pinho.

– A casa está um brinco. Obrigada por arrum ar alguém para lim pá-la. Consegui adiantar bastante o trabalho hoj e.

– Ótim o. – Ele a encarou por sobre a arm ação dos óculos. – Com o está se sentindo?

– Bem m elhor. Obrigada por preparar o j antar.

– Ela descansou a cabeça no om bro do m arido.

– Você não estava com m uita fom e quando levei a com ida lá para cim a. – Ele correu os dedos pelos cabelos dela.

– Mas acabei com endo depois. Encontrei um

problem a no m eu artigo, então não consegui

com er naquela hora.

– Posso aj udar? – Ele tirou os óculos,

pousando-os em cima do livro.

– Não. Não quero que as pessoas achem que você é o cérebro por trás da minha pesquisa.

55/1201

– Não era isso que estava oferecendo. – Gabriel pareceu ofendido.

– Preciso fazer isso sozinha.

Ele torceu o nariz.

– Acho que você se preocupa demais com o que as pessoas pensam.

– Tenho que me preocupar – disse ela com

respeito. – Se apresentar um artigo que pareça escrito por você, todos vão notar. Christa Peterson já vem espalhando boatos a nosso respeito. Paul me contou.

Gabriel fez cara feia.

– Christa é uma piranha invejosa. A carreira dela está andando para trás, e não para a frente. A Colúmbia a obrigou a se matricular no mestrado

em filosofia. Eles se recusaram a aceitá-la no programa de doutorado. Já conversei com a chefe do

departamento. Se Christa nos difamar, o risco é todo dela. – Ele se remexeu na poltrona. – E

quando você andou falando com Paul?

56/1201

– Ele me mandou um e-mail depois da confer-

ência de que participou na UCLA. Foi onde viu Christa e ficou sabendo dos boatos que ela estava espalhando.

– Você nem me deixou ler seu artigo. Se bem que já discutimos os tanto Guido que tenho certeza de que sei o que vai dizer.

Julia roeu a unha do polegar, mas ficou calada.

Ele a abraçou m ais forte.

– Meu livro aj udou em algum a coisa?

– Aj udou, m as estou seguindo um a linha diferente – respondeu ela, evasiva.

– Isso pode ser um a faca de dois gum es, Julianne. A originalidade é bem -vista, m as às vezes m étodos consagrados são consagrados por um

m otivo.

– Vou deixá-lo ler o artigo am anã, se você

tiver tem po.

– É claro que terei tem po. – Gabriel com eçou a acariciar as costas dela. – Na verdade, estou 57/1201

ansioso para lê-lo. Só quero aj udar você, não prej udicá-la. Sabe disso, não sabe?

– Claro. – Julia tornou a beij á-lo, antes de se aninhar no peito dele. – Só estou preocupada com o

que vai achar.

– Serei sincero, m as de um j eito construtivo. Eu prom eto.

– Não poderia pedir m ais do que isso. – Julia sorriu para ele. – Agora, preciso que você m e leve para a cam a e m e alegre.

Ele estreitou os olhos, pensativo.

– E o que devo fazer para alegrá-la?

– Afastar os problem as da m inha cabeça m e se-duzindo com seu corpo nu.

– E se eu não estiver pronto para ir para a cam a?

– Então acho que terei que ir sozinha. E talvez m e alegrar por conta própria.

Ela se levantou e se espreguiçou, olhando de esguelha para Gabriel.

58/1201

Num piscar de olhos ele estava atrás dela, erguendo-a nos braços e correndo em direção às escadas.

CAPÍTULO TRÊS

– Você não pode apresentar isto – disse Gabri-el, entrando no escritório na tarde do dia seguinte com um a im pressão do artigo de Julia nas m ãos.

Ela ergueu os olhos da tela do laptop, horrorizada.

– Por que não?

– Você está errada. – Ele largou as páginas e tirou os óculos, atirando-os em cim a da m esa. –

São Francisco vai buscar a alm a de Guido da

Montefeltro depois que ele m orre. Já discutim os isso. Você concordou com igo.

Julia cruzou os braços, na defensiva.

– Mudei de ideia.

– Mas é a única interpretação que faz sentido!

Ela engoliu em seco, balançando a cabeça.

60/1201

Gabriel com eçou a andar de um lado para outro em frente à m esa dela.

– Nós falam os sobre isso em Belize. Pelo am or de Deus, eu lhe enviei um a ilustração da cena quando estávam os separados! Agora você vai aparecer diante de um a sala cheia de pessoas e dizer que não foi assim ?

– Se você tivesse lido as notas de rodapé, veria que...

Ele parou de andar e se virou para encará-la.

– Eu li as notas de rodapé. Nenhum a das suas fontes vai tão longe. Isso não passa de m era

especulação.

– *Mera* especulação? – Julia se levantou. – Encontrei várias fontes confiáveis que concordam

com grande parte do que digo. A professora Marinelli gostou do m eu artigo.

– Ela é boazinha dem ais com você.

Julia ficou boquiaberta.

61/1201

– Boazinha dem ais? Im agino então que você

ache que a professora Picton m e convidou para a conferência por *mera* caridade?

A expressão de Gabriel se abrandou.

– É claro que não. Ela tem você em alta conta.

Mas não quero que fique diante de um a plateia de professores experientes e apresente um a interpretação ingênua. Se tivesse lido m eu livro, saber-ia que...

– Eu li o seu livro, *professor Emerson*. Você só m enciona de passagem o texto que estou analisando. E aceita *ingenuamente* a interpretação con-sagrada, sem refletir se deveria confiar nela.

Gabriel estreitou os olhos.

– Eu aceito a interpretação que faz sentido. –

Seu tom de voz era glacial. – Nunca aceito nada ingenuam ente.

Julia bateu o pé, bufando de frustração.

– Você não quer que eu tenha m inhas próprias ideias? Ou acha que

devo repetir o que todos já 62/1201

disseram só porque sou um a reles aluna de doutorado?

O rosto de Gabriel ficou vermelho.

– Eu nunca disse isso. Também já fui aluno, caso não se lembre. Mas não sou mais. Você poderia se beneficiar da minha experiência.

– Ah, aí está. – Julia jogou as mãos para o alto, indignada, e saiu do escritório.

Gabriel foi atrás dela.

– Com o assim, *aí está*?

Ela não se deu o trabalho de se virar.

– Você só está irritado porque vou discordar de você em público.

– Que bobagem.

– Bobagem? – Desta vez, ela se virou. – Então por que está me dizendo para mudar meu artigo para ficar de acordo com seu livro?

Ele pôs a mão no braço dela.

63/1201

– Não quero que o artigo concorde comigo. Só estou tentando ajudá-la a não fazer papel de idiota...

– Ele se interrompeu de repente.

– Com o que é? – Julia questionou,

desvencilhando-se da mão dele.

– Nada.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

Quando tornou a abri-los, parecia mais calmo.

– Se com calma agora, pode conseguir reescrever o artigo a tempo para a conferência. Eu posso ajudá-lo.

– Não quero a sua ajuda. E não posso me ajudar

em minha tese. Eles já publicaram o resumo no site da conferência.

– Vou ligar para Katherine. – Ele lhe abriu um sorriso encorajador. – Ela vai entender.

– Você não vai ligar coisa nenhuma. Não vou me ajudar o artigo.

Gabriel apertou os lábios em uma linha fina.

– Não é hora de ser teimoso.

64/1201

– Ah, é sim. É o meu artigo!

– Julianne, preste atenção...

– Você está com medo de que eu faça papel de idiota. E que envergonhe você.

– Não falei isso.

Ela lançou-lhe um olhar que parecia me agouado, se não traído.

– Foi o que acabou de falar.

Ela entrou no quarto e tentou fechar a porta atrás de si. Ele esticou a mão, segurando a porta no lugar.

– O que está fazendo?

– Tentando sair de perto de você.

– Julianne, pare. – Ele olhou ao redor, sem saber o que fazer. – Podem os conversar sobre isso.

– Não, não podem os. – Ela pressionou um dedo no peito dele. – Não sou mais sua aluna. Tenho direito às minhas próprias ideias.

– Não foi nada disso que eu falei.

65/1201

Ela o ignorou e andou em direção ao banheiro.

– Julianne, m as que droga. Pare com isso! –

gritou ele diante da porta.

Ela deu m eia-volta.

– Não grite com igo!

Gabriel levantou as m ãos, com o se estivesse se rendendo, e inspirou fundo.

– Desculpe. Vam os nos sentar e conversar.

– Não consigo conversar com você agora, não

sem dizer algo de que vá m e arrepender depois. E

você tam bém precisa se acalm ar.

– Para onde você vai?

– Para o banheiro. Vou trancar a porta e evitar você pelo resto do dia. Se não m e deixar em paz, vou para a casa do m eu pai.

Gabriel fez um a careta. Julia não ficava na casa do pai desde antes de eles se casarem .

– E com o pretende fazer isso?

Ela revirou os olhos.

66/1201

– Não se preocupe, não vou deixar você sem carro. Cham arei um táxi.

– Não tem nenhum táxi na cidade. Você vai precisar cham ar um de Sunbury .

Julia lançou-lhe um olhar fulm inante.

– Sei disso, Gabriel. Eu m orava aqui, lem bra?

Você deve m esm o achar que eu sou um a im becil.

Ela entrou no banheiro e bateu a porta atrás de si.

Gabriel ouviu o barulho do trinco girando.

Ele esperou um momento antes de bater à porta.

– Rachel, Aaron e Richard vão chegar a qualquer momento. O que vou dizer a eles?

– Diga que eu sou um idiota. É óbvio.

– Julianne, me escute. Por favor.

♦ ♦ ♦

♦ ♦ ♦

Ele ouviu o som de água corrente vindo do lado de dentro.

67/1201

– Muito bem ! – gritou. – Me evite, então. Nossa primeira briga e você se tranca no meu dito banheiro. – Ele esalmou a mão contra a porta.

O barulho da água parou de repente.

Ela ergueu a voz para ser ouvida:

– Minha primeira palestra e você me diz que ela é uma merda. E não por ser verdade, mas porque não está de acordo com você e com meu dito livro!

Após um banho de banheira quente e demorado, Julia saiu de lá. O quarto estava vazio.

Ela se vestiu depressa e depois foi para o

corredor. Caminho de um ansinho até a escada e aguçou os ouvidos.

Convencida de que a casa estava vazia, foi até o escritório e fechou a porta com cuidado. Então 68/1201

sentou-se à mesa e, com um jazz suave com o trilha sonora, voltou a trabalhar no artigo.

– Cadê a Julia?

Rachel abraçou o irmão antes de arrastar sua pequena mala e a do irmão, Aaron, para dentro da sala de estar. Alta e esguia, usava calças cáqui e uma blusa branca com gola em V. Seus longos cabelos louros e lisos tinham um corte perfeito e estavam presos para trás pelos grandes óculos

escuros na cabeça, mostrando seu rosto bonito.

Poderia muito bem ter saído de um anúncio da Gap.

A expressão de Gabriel ficou tensa.

– Está trabalhando no artigo dela.

– Você avisou a ela que nós chegamos? – Rachel foi até o pé da escada. – Jules! Tire a bunda dessa cadeira e venha aqui!

69/1201

–

Rachel,

por

favor

–

disse

seu

pai,

repreendendo-a antes de cumprimentar Gabriel com um abraço.

Richard era uns cinco centímetros mais baixo que o filho, com cabelos claros e olhos acinzentados. Era discreto e sério, e sua inteligência e gentileza geravam respeito em todos que o

conheciam .

Com o não ouvir o irmão então algum no andar

de cima, Rachel se virou para o irmão, estreitando os olhos

acinzentados iguais aos do pai.

– Por que ela está se escondendo?

Gabriel cumprimos e Aaron com um aperto de mão.

– Ela não está se escondendo. Não deve ter ouvido você. Seus quartos estão prontos e há toalhas limpas no banheiro social. Pai, se quiser, pode ficar no seu antigo quarto.

– O de hóspedes está ótimo. – Richard pegou sua bolsa e começou a subir as escadas.

70/1201

– Você e Julia estão brigados? – perguntou

Rachel, lançando um olhar desconfiado para o irmão.

Ele apertou os lábios.

– Você pode falar com ela lá em cima – desconfiou Gabriel. – Depois nos reunimos na

varanda para beber alguma coisa. Vou fazer costeletas grelhadas para o jantar.

– Costeletas? Excelente. – Aaron deu um tap-

inha amigável nas costas de Gabriel. – Eu ia parar para comprar cerveja na cozinha, mas Rachel

quis vir direto para cá. Vou buscar algumas e já volto.

Ele pegou as chaves do carro e estava prestes a seguir em direção à porta quando a esposa o deteve, balançando a cabeça.

Gabriel percebeu a troca de olhares entre

Rachel e Aaron e decidiu que essa era a sua oportu-

tunidade de escapar.

71/1201

– Vej o vocês no quintal daqui a pouco – disse, indo para a cozinha.

Rachel balançou a cabeça para o m arido.

– Eles estão brigados. Vou falar com a Jules enquanto você fala com o Gabriel. Depois pode ir com prar cervej a.

– Por que eles teriam brigado? – Aaron correu os dedos pelo cabelo escuro e cacheado.

– Quem sabe? Talvez Julia tenha reorganizado a coleção de gravatas dele sem pedir autorização.

– Oi – disse Rachel, abrindo a porta do antigo escritório de seu pai.

Julia recebeu a m elhor am iga com um largo sorriso.

– Rach! Oi!

72/1201

As duas se abraçaram e Rachel se acom odou em um a das confortáveis poltronas próxim as à

j anela.

– Com o você está?

– Bem .

– O que aconteceu entre você e Gabriel?

– Nada.

– Você m ente m uito m al, sabia?

Julia desviou os olhos.

– O que faz você pensar que há algo de errado?

– Gabriel está lá em baixo com cara de enterro e você está aqui em cim a com a m esm a cara. A casa está carregada de tensão. Não preciso ser nenhum a m édium para perceber.

- Não quero falar sobre isso.
- Os homens são uns idiotas.
- Sou obrigada a concordar.

Julia sentou-se de frente para a melhor amiga, jogando as pernas sobre o braço da poltrona.

73/1201

– Às vezes também brigo com Aaron. Ele fica com raiva e some por um ou duas horas, mas

sem pre acabar voltando. – Rachel analisou a amiga com atenção. – Quer que eu dê um a surra no Gabriel?

– Não. Mas você tem razão. Estamos os brigados.

– O que houve?

– Cometi o erro de deixá-lo ler a palestra em que estou trabalhando. Ele me disse que está um a droga.

– Gabriel falou isso? – Rachel se empenhou em sua poltrona, erguendo a voz.

– Não com essas palavras.

– Onde já se viu? Eu teria tacado algum a coisa na cabeça dele.

Julia sorriu com amargura.

– Pensei em fazer isso, mas não queria ter que limpar o sangue depois.

Rachel riu.

– Por que ele acha que o artigo está um a droga?

74/1201

– Gabriel pensa que eu estou errada. Falou que só estava tentando ajudar.

– Parece que meu irmão está tentando controlar o artigo com o intuito de controlar todo o resto.

Achei que ele estivesse fazendo terapia para resolver isso.

Julia ficou calada por alguns instantes.

– Não quero que ele me minta para mim só para não me magoar. Se o artigo precisa de melhorias, eu tenho que saber.

– Ele deveria ser capaz de ajudá-la sem dizer que sua palestra está horrível.

Julia bufou de frustração.

– Exatamente. Primeiro ele diz que quer formar uma família comigo. Mas, no momento seguinte, começa a agir como um babaca condescendente.

Rachel levantou a mão, fazendo um gesto para que ela se calasse.

– Espere um minuto. Ele quer ter filhos?

Julia se remexeu na poltrona.

75/1201

– Sim.

– Jules, isso é demais! Fico tão feliz por você.

Quando vão começar a tentar?

– Nem tão cedo. Concordam os em esperar até eu terminar o doutorado.

– Isso é bastante tempo – comentou Rachel,
com a voz mais baixa.

– Seria muito difícil trabalhar em uma tese e cuidar de um bebê.

Rachel assentiu. Ela brincou com a bainha da sua blusa.

– Nós estamos pensando em ter um.

Julia mudou de posição para encarar ela.

– Agora?

– Talvez.

– Com o você soube que estava pronta?

Rachel sorriu.

– Eu não sei, para dizer a verdade. Sem pre quis ter filhos, e Aaron tam bém . Falam os no assunto desde o ensino m édio. Eu am o o Aaron. Ficaria 76/1201

feliz em viver com ele, só nós dois. Mas, quando vislum bro o futuro, vej o crianças. Quero que tenham os alguém para vir nos visitar no Natal. Se aprendi algo com a m orte da m inha m ãe, é que a vida é incerta. Não quero ficar esperando para com eçar um a fam ília e acabar perdendo m inha chance.

Julia sentia que estava à beira das lágrim as, m as piscou os olhos para contê-las.

– Você faz m am ografia todos os anos, não faz?

– Sim , e tam bém fiz o teste genético. Não tenho o gene do câncer de m am a, m as desconfio que m am ãe tam bém não o tinha. E, m esm o que

tivesse, ao descobrirem j á teria sido tarde dem ais para ela.

– Sinto m uito.

Rachel suspirou e olhou pela j anela.

– Não gosto de falar nisso, m as é algo que m e preocupa. E se tiverm os filhos e eu desenvolver 77/1201

um câncer? Esse assunto está sem pre ali, em algum canto da m inha m ente.

♦ ♦ ♦

Rachel se virou para a am iga.

– Ter filhos seria um m odo de fazer Gabriel perder essa atitude condescendente.

– Por quê?

– Meu irm ão não vai agir assim quando o bebê suj ar a fralda nos braços dele. Vai é gritar o seu nom e, im plorando por aj uda.

Julia riu. Mas logo voltou a ficar séria.

– Só quero que ele dê valor às minhas ideias.

Elas são tão importantes quanto as dele.

– É claro que são. Diga isso a ele.

– Vou dizer. Mas, por enquanto, não estou os
nos falando.

Rachel arrastou a mão para a frente e para trás sobre o braço da poltrona.

– Ele evoluiu muito. Só de vê-lo casado e

falando em comprar um familiar... é ex-

traordinário. Mãe me contou que, quando eles 78/1201

trouxeram Gabriel para casa, ele costumava

esconder comida no quarto. Não importava o que eles dissessem ou fizessem, ele sempre escondia alguma coisa no bolso depois de cada refeição.

– Por fome?

– Por medo de *passar* fome. Não confiava que mãe e papai
fossem continuar lhe dando de

comer. Então fazia um estoque para quando eles parassem. Ele também não desfez as malas. Só depois da adoção oficial. Achou até o último momento que meus pais fossem mandá-lo em bora.

– Eu não sabia disso. – Julia sentiu um aperto no peito.

Rachel lançou-lhe um olhar solidário.

– Gabriel é meu irmão e eu amo-o. Mas ele fala sem pensar. Provavelmente o problema dele com o artigo é que você não o escreveu com o que ele teria feito.

– Não vou escrever as coisas do jeito dele.

Tenho minhas próprias ideias.

– Meu conselho é que você converse com ele. É

claro que não seria má ideia fazê-lo suar um pouco antes. Coloque-o para dormir no sofá.

– Infelizmente, eu é que devo acabar no sofá.

Julia apontou para o sofá encostado na parede oposta.

Dizer que aquele jantar foi desagradável seria um eufemismo.

Julia e Gabriel se sentaram lado a lado.

Chegaram até a dar as mãos durante a prece. Mas tudo não passou de uma cortesia forçada – não houve nenhum olhar carinhoso, nenhuma palavra de afeto sussurrada, nenhum toque furtivo debaixo da mesa.

As costas de Gabriel estavam eretas e ele se comportava com frieza. Julia estava calada e distraída.

Richard, Aaron e Rachel mantiveram a con-

versa fluindo, ao passo que o casal mal falava. Depois do jantar, Julia recusou a sobremesa e pediu

licença para trabalhar em sua palestra.

Os olhos de Gabriel a seguiram enquanto ela

deixava a mesa, um músculo saltando em sua mandíbula. Mas não a deteve. Apenas a observou ir em bora.

Quando Rachel foi à cozinha para fazer café,

Aaron decidiu que já estava farto daquilo. Ele se debruçou na mesa e disse:

– Engula esse orgulho besta e peça desculpas a ela, cara.

Gabriel ergueu as sobrancelhas.

– Por que você supõe que a culpa seja minha?

– Porque é você que tem um pa... – O olhar de Aaron cruzou com o do

sogra e ele com eçou a tossir. – Hum , de acordo com as estatísticas, oit-enta por cento das brigas são culpa do hom em .

Apenas peça desculpas e acabe logo com isso.

81/1201

Não quero ter que aturar outra refeição com o es-ta. O clim a aqui dentro está tão frio que vou lá para fora m e esquentar.

– Acho que vou ter que concordar com Aaron.

Não que você tenha pedido m inha opinião –

disse Richard, rindo.

Gabriel olhou para os dois com algo m uito

parecido com aversão.

– Eu tentei conversar com ela. Foi assim que a briga com eçou. Ela se trancou no banheiro e m e m andou sum ir.

Richard

e

Aaron

trocaram

olhares

de

cum plicidade.

– Você está encrencado – disse Aaron, assobi-

ando. – É m elhor ter um a conversa com ela antes de ir para a cam a, ou vai acabar no sofá.

Ele balançou a cabeça antes de ir se j untar à esposa na cozinha.

Richard tam borilava na haste da sua taça de

vinho, pensativo.

– *Et tu, Brute?* – perguntou Gabriel, fechando a cara.

– Não falei nada. – Richard olhou para o filho com carinho. – Estou tentando ficar fora disso.

– Obrigado.

– Mas não é à toa que casais mais velhos aconselham os mais jovens a não irem dormir

zangados um com o outro. Lidar com os problemas quando eles estão no comando vai facilitar a vida de vocês.

– Não posso ter uma conversa através de uma porta trancada.

– É claro que pode. Você a conquistou uma vez, por que não a conquista de novo?

Gabriel fitou Richard com uma expressão

incrédula.

– Está dizendo que devo conquistar minha própria esposa?

– Estou dizendo que deixe seu ego de lado, peça



desculpas e então ouça o que ela tem a dizer.

Nem sem pre eu fui com o seu agora, Gabriel.

Você pode aprender com meus erros.

– Você e meu amor não tinham o casamento perfeito.

Richard soltou uma gargalhada.

– Nosso casamento estava longe de ser perfeito.

Mas logo no início fizeram os dois um pacto de que

iriam os m anter as im perfeições dele longe dos olhos e ouvidos dos nossos filhos. As crianças sofr-em quando os pais brigam . E, pela m inha experiência, casais brigam por dinheiro, sexo e falta de respeito e atenção.

Gabriel com eçou a protestar, m as Richard ergueu a m ão.

– Não estou perguntando o m otivo da briga de vocês. Isso é entre você e sua esposa. Mas é óbvio que Julia ficou m agoada.

Ela passou o j antar inteiro retraída, do j eito que costum ava ser antes de se envolver com você.

84/1201

– Não fui eu quem acabou com qualquer pos-

sibilidade de conversa racional. – Gabriel soou arrogante.

– Ouça o que está dizendo. – Desta vez, Richard falou em tom de bronca. – Julia não está sendo ir-racional. Ela está m agoada. Quando alguém m agoa você, retrair-se é um a reação m uito racional.

Ainda m ais se levaram os em conta a história de vida dela.

Gabriel fez um a careta.

– Não tinha a intenção de m agoá-la.

– Tenho certeza que não. Mas tam bém sei que você não j oga lim po. Aprender a discutir com quem você am a é um a arte, não um a ciência. Eu e sua m ãe dem oramos m uito tem po para descobrir isso. Mas, depois que descobrim os, nossas discussões foram se tornando cada vez m ais raras. E, se por acaso brigávamos, não deixávamos a coisa ficar feia ou agressiva. Se, m esm o discutindo com Julia, conseguir convencê-la de que a am a e de 85/1201

que ela é im portante para você, seus conflitos ser-

ão m ais fáceis de adm inistrar.

Richard term inou o vinho e pousou a taça sobre a m esa.

– Ouça um hom em que foi casado por bastante tem po e criou um a filha. Quando um a m ulher se retrai e fica fria, é porque está se protegendo.

Meu conselho é que você sej a gentil com a sua esposa. Conquiste-a outra vez e convença-a a sair daquele quarto. Ou pode ir se preparando para passar várias noites solitárias no sofá.

Já passava da m eia-noite quando Julia fechou o laptop. Ela sabia que todos j á tinham ido para a cam a. Ouvira os passos deles no corredor.

Foi de fininho até a porta do escritório e a abriu. A luz escapava por debaixo da porta do

86/1201

quarto principal. Sem dúvida Gabriel estava acordado, lendo.

Ela cogitou ir ao seu encontro. Mas a distância que

a

separava

de

sua

cam a

parecia

intransponível.

Pegou o frasco de espum a de banho que

roubara da suíte deles depois do j antar. Tom aria outro banho quente no banheiro social para

tentar esquecer os problem as. Meia hora depois voltou ao escritório, fechando a porta em seguida.

Sentia-se revigorada, m as não m uito m ais relaxada do que antes. Com o Gabriel estava decidido a m anter distância dela, Julia dorm iria no sofá.

Deitada debaixo da velha m anta de lã que eles haviam dividido pela prim eira vez tanto anos antes no pom ar, Julia pensou na casa deles em Cam bridge. Lem brou os prim eiros m eses de

casam ento e com o tinham sido felizes.

Ela queria se tornar especialista em Dante. Esse era um longo caminho que exigiria sacrifícios, 87/1201

dedicação e humildade. Não queria ser o tipo de pessoa que se considerava acima de qualquer crítica. Sabia que o artigo ainda precisava ser

melhorado.

Mas, quando Gabriel lhe disse que ela faria papel de idiota, a dor foi excruciante. Ela precisava do seu incentivo, do seu encorajamento, e não

que ele a menosprezasse. Sua autoestima já era frágil o suficiente.

Por que ele não vê que preciso do seu apoio?

Sentindo a tristeza aumentar, Julia se perguntou por que ele não a procurara.

Sem dúvida passara a noite com a família, fumando um charuto na varanda e conversando

sobre os velhos tempos. Julia se perguntou que tipo de explicação teria dado a Rachel sobre a briga deles. Perguntou-se por que estava sozinha no escuro, à beira das lágrimas, e por que ele não parecia se incomodar com isso.

88/1201

Foi então que ouviu um a porta se abrir no

corredor. Em seguida, escutou os passos rápidos e determinados de Gabriel. Eles pararam em frente à porta do escritório.

Ela se sentou no sofá, prendendo a respiração.

Uma luz fraca veio do corredor, entrando no escritório através da fresta sob a porta.

Ó deuses dos recém-casados brigados, por favor, façam com que ele bata à minha porta.

Ela ouviu algo que lhe pareceu um suspiro angustiado e o som do que poderia ter sido a mão dele pousando na porta. Então viu uma sombra

bra atravessar a luz enquanto os passos seguiam o caminho de volta.

Julia se enroscou em posição fetal, mas não chorou.

CAPÍTULO QUATRO

Bem cedo na manhã seguinte, o celular de Julia tocou.

Ela acordou sobressaltada, com o som de “Message in a Bottle”, do The Police, reverberando pelo escritório. Ficou olhando o telefone vibrar sobre a mesa. Mas não atendeu.

Alguns minutos depois, ouviu outro toque, indicando que ela havia recebido uma mensagem.

Curiosa, foi até a mesa e pegou o celular. Por incrível que pareça, o torpedão era de Dante

Alighieri.

Sinto muito.

Enquanto pensava no que responder, outra mensagem chegou.

Me perdoe.

90/1201

Ela tinha começado a pensar numa resposta quando ouviu passos no corredor. Alguém bateu à porta.

Por favor, me deixe entrar.

Julia leu a nova mensagem antes de ir até a porta. Ela abriu pouco mais do que uma fresta.

– Oi – disse Gabriel, brindando-a com um sorriso hesitante.

Ela o encarou, notando que seu cabelo estava

molhado do banho, mas que ele não havia feito a barba. Um aroma atraente misturado com o de pelos negros lhe cobria o rosto e ele vestia uma blusa branca e uma calça jeans velha. Estava descalço. Talvez aquela

fosse a coisa m ais bonita que ela j á tinha visto.

– Posso saber por que está batendo à m inha

porta às seis da m anã? – Seu tom foi m ais frio do que ela pretendia.

– Desculpe, Julianne – falou ele, a expressão ad-equadam ente arrependida.

91/1201

(Sem dúvida aj udava o fato de que seus olhos estivessem inj etados e suas roupas am arrotadas, com o se ele as tivesse retirado de um saco separado para doação.)

– Você m e m agoou – sussurrou ela.

– Eu sei. Me desculpe. – Ele deu um passo à frente. – Reli seu artigo.

Ela pôs a m ão na cintura.

– Você bateu à m inha porta para dizer isso?

– Eu liguei antes, m as você não atendeu – disse ele com um sorriso. – Isso m e fez lem brar de Toronto, quando tive que entrar pela sua j anela.

O rosto de Julia corou diante da recordação de Gabriel de pé no quintal, para lhe entregar o j antar, enquanto ela o recebia de toalha, após ter acabado de sair do banho.

– Você se esqueceu de algo m uito im portante.

Em sua m ão, ele trazia a ilustração da *Disputa por Guido da Montefeltro*.

92/1201

– Eu a encontrei no chão do quarto ontem à

noite. Não sei quem de nós estava com ela, m as alguém a deixou cair.

Julia ignorou a ilustração que ele havia deixado em seu escaninho ainda em Toronto e analisou a expressão no rosto de Gabriel. Ele parecia agitado, os olhos visivelm ente aflitos. Correu os dedos pelos cabelos m olhados.

– Sei que você precisava ficar um pouco longe de mim, mas acho que já passam os tempos demais separados. Posso entrar?

Julia recuou um passo.

Ele entrou e ela fechou a porta.

Julia andou até o sofá e se enroscou nele,

elogando a velha montanha em volta dos ombros.

Gabriel observou os movimentos dela, notando com o seu corpo se curvava em uma atitude defensiva. Deixou a ilustração em cima do laptop e enfiou as mãos nos bolsos.

93/1201

– Reli seu artigo. E também dei outra olhada no texto do *Inferno* de Dante. – Ele a fitou nos olhos.

– Ontem falei algumas coisas que não devia.

– Obrigada. – A postura de Julia relaxou um pouco.

– Tenho algumas sugestões que talvez possam

melhorar o seu trabalho. – Ele se recostou na mesa, apoiando os quadris na beirada. – Sei

quanto é importante que você ande com as pró-

prias pernas. Mas terei prazer em ajudar, se precisar de mim.

– Eu receberia de bom grado seus conselhos, desde que você não me diga o que pensar.

– Eu já me lembro de diria o que pensar. Com o poder de fazer isso? – A expressão no rosto dele se abrandou. – Suas ideias são uma das várias coisas que amo em você.

Gabriel baixou os olhos para a ilustração.

– Eu exagerei. E peço desculpas por isso. Mas o tema do seu artigo é um tanto pessoal, Julianne.

A história de Francisco se arriscando no Inferno para salvar a alma de Guido representa o que eu estava tentando fazer ao assumir a culpa diante do Comitê Disciplinar em Toronto.

Julia sentiu um nó na garganta. Ela não gostava de pensar no que acontecera no ano anterior. O

Comitê Disciplinar e a subsequente separação dos dois eram um assunto doloroso demais.

– Admito que não estava reagindo apenas à sua tese, mas também ao que interpretei como um repúdio a essa história. À nossa história.

– Minha intenção nunca foi repudiar algo tão

importante. Sei que você arriscou tudo para me ajudar. Sei que passou pelo Inferno. – O rosto de Julia assumiu uma expressão determinada. – Se tivesse sido o contrário, eu teria descido ao Inferno para resgatá-lo.

Gabriel abriu um sorriso.

– Beatriz sabia que não poderia acompanhar

Dante pelo Inferno, então enviou Virgílio em seu lugar.

– O único Virgílio que conheço é Paul Virgil

Norris. Duvido que você fosse aceitar a ajuda dele.

Gabriel resmungou.

– Paul não é exatamente Virgílio.

– Ele foi para mim.

Gabriel fechou a cara, pois a ideia de Paul consolando Julia em sua ausência ainda o irritava.

– Eu fui um idiota. Tanto naquela época quanto agora.

Ele se afastou de mim e parou na frente de

Julia, tirando as mãos dos bolsos.

Olhou para o espaço ao lado dela.

– Posso?

Ela assentiu.

Gabriel sentou-se ao lado dela e estendeu-lhe a mão. Ela a aceitou.

96/1201

– Não quis mais agó-la.

– Eu sei. Tam bém sinto muito.

Ele a puxou para o seu colo e enterrou o rosto em seus cabelos.

– Não quero que você precise se trancar no

banheiro para fugir de mim .

Ele aninhou o rosto de Julia nas mãos e colocou os lábios aos dela. Depois de alguns instantes, Julia retribuiu o gesto.

Gabriel a beijou com cautela, os lábios quentes e convidativos. De um lado para o outro, ele provocava e mordiscava sua boca. Por fim , ela passou a mão em volta do pescoço dele, puxando-o mais para perto.

Ele traçou-lhe os contornos da boca com a língua. Quando Julia abriu, Gabriel fez suas línguas se tocarem .

Ele nunca fora capaz de competir com seus beijos, que com unicavam tudo o que sentia. Julia

97/1201

percebeu seu arrependimento e sua tristeza, mas também notou uma intensa chama de desejo.

As mãos dele deslizaram do rosto dela para os quadris, erguendo-a até Julia estar montada nele.

A parte de cima de seus corpos se colocou enquanto eles continuavam a se beijar, as bocas ávidas e curiosas.

– Venha para a cama. – A voz de Gabriel era

um apelo rouco. Ele espalmou a mão sobre as nádegas

◆◆◆

dela,

puxando-a

para

sentir

sua

excitação.

– Sim .

– Que bom . – Ele colocou os lábios à orelha dela.

– Ainda tem os tempos para fazer as pazes direito antes de nossos hóspedes se levantarem para tomarem o café.

Julia se afastou.

– Não podem os fazer as pazes direito com visitas em casa.

98/1201

– Ah, podem os, sim . – Os olhos azuis de Gabriel brilharam perigosamente. – Vou lhe mostrar.

– A noite de ontem foi horrível.

Gabriel estava deitado de costas, com um dos braços atrás da cabeça. Ele não se deu o trabalho de se cobrir. O quarto estava quente e a amada

esposa estava deitada de bruços ao seu lado, também

nua. Em momentos com o esse, ele gostaria que os dois pudessem passar os dias na cama, nus.

– Foi mesmo . – Julia se apoiou nos cotovelos para fitá-lo nos olhos. – Por que não veio falar comigo?

– Queria reler seu artigo. E achei que você precisava de espaço.

– Não gosto de brigar com você. – Julia baixou a cabeça, as m echas dos cabelos roçando o alto de seus seios. – Odeio.

– Tam bém não gosto, o que é surpreendente, na verdade. Eu costumava adorar brigas. – Ele fez um biquinho. – Você está m e transformando

num pacifista.

– Tenho m inhas dúvidas de que algum dia você sej a pacifista, Gabriel. – A voz de Julia ficou em -bargada. – Fazer doutorado

j á é difícil o sufi-

ciente. Preciso do seu apoio.

– E pode contar com ele – sussurrou ele com intensidade.

– Não planeje discordar de você em m eu artigo. Sim plesm ente... aconteceu.

– Venha cá.

Julia se estendeu sobre ele, que a envolveu com os braços.

– Precisam os encontrar um j eito de discordar sem repetirm os o que aconteceu ontem – disse Gabriel. – É dem ais para o m eu coração.

– Para o m eu tam bém – sussurrou ela.

– Prom eto não ser um babaca egoísta, se você prom eter não se trancar no banheiro. – Ele a fitou nos olhos.

– Prom eto não m e trancar no banheiro, se você m e der espaço. Eu tentei m e afastar ao ver que a situação estava esquentando. Mas você não

deixou.

– Tem razão. Podem os dar um tem po durante um a discussão, m as

precisam os j urar que voltarem os a ela m ais tarde. E não na m anã seguinte.

Não vou aceitar que você durm a no sofá outra vez. Nem eu.

– Com binado. O sofá é m uito desconfortável. E solitário.

– Não m e expressei m uito bem quando conversam os sobre o artigo. Me desculpe por isso. Não 101/1201

estava preocupado por você discordar de m im .

Na verdade, talvez sej a m elhor que discorde dos m eus pontos de vista em público, pois isso

m ostrará a todos que você tem ideias próprias.

– Não discordo de você só para ser do contra. –

Um a ruga surgiu entre as sobrancelhas ligeira-m ente franzidas de Julia.

Gabriel tentou fazê-la desaparecer com um

beij o, m as não teve sucesso.

– É claro que não. Por m ais que isso possa surpreendê-la, eu posso m e enganar às vezes.

– O m eu professor? Se enganar? Inconcebível. –

Ela riu.

– Pois é, realm ente surpreendente, não é? – Ele balançou a cabeça de um j eito irônico. – Mas, quando term inei de ler o artigo pela segunda vez, j á estava convencido de que a interpretação con-sagrada estava errada.

– O quê? – Julia não conseguia acreditar no que ouvia.

102/1201

– Você ouviu. Seu artigo m e fez m udar de ideia.

Mas tenho algum as sugestões que podem m el-

horar a última parte. Não fiquei totalmente convencido com a conclusão.

– Algumas dicas seriam bem-vindas. Vou lhe dar o crédito nas notas de rodapé.

Gabriel acariciou as costas dela.

– Ficaria honrado em ser mencionado em uma nota de rodapé sua.

Ela hesitou por alguns instantes.

– Você não acha o artigo uma droga? Ou que eu vá fazer papel de idiota?

– Não. Assim que superei minha reação precipitada e analisei melhor sua argumentação, percebi que a professora Marinelli tinha razão. Seu artigo é bom.

– Obrigada. – Julia encostou o rosto no peito dele. – É difícil para mim estudar a mesma coisa em que você é especialista. Tenho a sensação de estar sempre correndo atrás do atraso.

103/1201

Gabriel entrelaçou os dedos nos cabelos dela.

– Vou me esforçar para lhe dar mais apoio daqui para a frente. Não estamos os dois lutando. Na verdade, gostaria de escrever um artigo com você algum dia.

Julia levantou a cabeça.

– Sério?

– Acho que seria bom para nós se criássemos algo juntos, a partir do nosso amor e com um pouco de Dante. E meu orgulho de você por ter coragem

de defender suas convicções. Quando der sua palestra em Oxford, estarei na primeira fila pensando: *Essa é a minha garota.*

– Ouvir você dizer isso é a realização de um sonho.

– Então não vou mais parar de dizer.

CAPÍTULO CINCO

Os parentes do casal tiveram o bom senso de não com entarem com o eles pareciam relaxados e felizes quando enfim saíram do quarto, pouco antes do alm oço.

Mais tarde, Scott, irm ão de Gabriel, chegou

com a esposa Tam m y e o filho, Quinn. Todos, incluindo o pai de Julia, Tom , e sua nam orada, Diane, se reuniram para j antar cedo.

Diane Stewart era um a negra atraente, de pele im pecável, olhos escuros e cabelos encaracolados na altura dos om bros. Aos 40, ela era quase dez anos m ais nova que o nam orado. Conhecia-o

havia um bom tem po, pois passara a vida inteira em Selinsgrove.

Na hora de servir a sobrem esa, Diane flagrou Gabriel e Julia dançando na cozinha. Gabriel

105/1201

tinha instalado um sistem a de som central na casa e os acordes de um j azz latino suave enchiam o ar.

Eles estavam abraçadinhos, gingando devagar

ao som da m úsica. Gabriel sussurrou algo no ouvido de Julia. Ela pareceu ficar constrangida e virou a cabeça para outro lado, m as ele deu um a risadinha e a puxou m ais para perto, beij ando-a.

Diane recuou, com a intenção de voltar à sala de estar, m as o piso de m adeira antigo rangeu sob seus pés. Os dois pararam de repente e se viraram para ela.

– Tem algum a coisa esquentando aqui. E não é a torta de m açã. – Diane sorriu.

Gabriel riu, um som alto e alegre, enquanto Julia sorria e apoiava a testa nele.

Diane m eneceu a cabeça, aprovando a cena.

– Vocês estavam dem orando tanto para preparar o café que achei que tivessem esquecido com o se faz.

106/1201

Gabriel correu os dedos pelos cabelos, que estavam despenteados graças às explorações que a esposa fizera pouco antes.

– Am or? – Ele baixou os olhos para Julia.

– O café está pronto e as tortas estão esfriando.

Só m ais um m inuto.

Relutante, Julia se afastou do m arido, que lhe deu um tapinha discreto na bunda.

Neste exato m om ento, Rachel e Tam m y se j untaram a eles. Tam m y era a m ais nova integrante da fam ília, tendo se casado com Scott, o irm ão m ais novo de Gabriel, no m ês anterior. Com 1,80

m etro, ela era alta e curvilínea, com longos cabelos louros arruivados e olhos azul-claros.

– Por que a dem ora? – perguntou Rachel,

lançando um olhar desconfiado para o irm ão, com o se ele fosse o único culpado pelo atraso.

– Estávam os fazendo café – disse Julia, escondendo o constrangim ento ao servir a bebida em um a série de xícaras.

107/1201

– Aposto que sim – falou Tam m y com um a piscadela m aliciosa.

– Hum m ... Acho que não era café que eles es-

tavam fazendo, não. – Diane agitou um dedo

para eles.

– Está bem . Vou deixar as m eninas cuidarem

disso sozinhas. – Gabriel deu um beij o casto em Julia antes de escapular para a sala de estar.

Rachel exam inou as tortas de m açã no balcão central da cozinha, testando a tem peratura com o dedo.

– Pegue um a faca, Jules. Vam os experim entar essas tortas.

– É assim que se fala. – Diane recusou o café oferecido por Julia e sentou-se em um dos

bancos.

– Então, o que estava rolando aqui? E, por favor, não me diga que vocês usaram os balcões. –

Rachel olhou para os novos balcões de granito que Gabriel insistira em comprar.

108/1201

– Não, são gelados demais.

Julia levou a mão à boca, mas era tarde.

As

mulheres

caíram

na

gargalhada

e

com elas a provocá-la sem piedade.

– Está ficando quente aqui ou é muita pressão

minha? – Diane se abanou com um guardanapo de papel. – Vou começar a chamar este lugar de *a casa do amor*.

– Meus pais eram assim – falou Rachel, cor-

rendo os olhos pela cozinha. – Não nos balcões, até onde sei. Mas eram muito apaixonados. Esta cozinha deve ter algo de especial.

Julia teve que concordar. Havia algo terno e reconfortante naquele espaço e na casa em si. Ela e Gabriel não conseguiam se desgrudar, exceto

quando ela estava trabalhando no artigo.

– Então, meu irmão mais velho se redimiu de ontem? – perguntou

Rachel, encarando Julia, que se ruborizou um pouco.

– Sim .

109/1201

– Que bom . Mesm o assim , preciso ter um a conversa com ele. Gabriel deveria lhe com prar flores depois de um a briga. Ou diam antes.

Julia olhou seu anel de noivado, que trazia um a grande pedra central cercada de diam antes

m enores.

– Ele j á m e deu o suficiente.

– Que anel m ais lindo, m eu anj o. – Diane se virou para Tam m y , focando o olhar na m ão esquerda dela. – E o seu tam bém é. Com o vai a vida de casada?

Tam m y observou as luzes halogênicas incidirem sobre as facetas da pedra em seu próprio anel.

– Nunca im aginei que isso fosse acontecer com igo.

– Por que não? – perguntou Rachel, com a boca cheia.

Tam m y lançou um olhar para a porta da cozinha.

– Não é m elhor servirm os a sobrem esa?

110/1201

Rachel engoliu a torta.

– Eles têm pernas. Se quiserem torta, que ven-ham buscar.

Tam m y riu e pegou sua xícara de café, aninhando-a entre as m ãos.

– Antes de com eçar a sair com Scott, m orei com outra pessoa. Ele foi m eu nam orado na faculdade de direito. Nós falávam os em nos casar,

com prar um a casa, enfim , o pacote com pleto. Aí eu engravidei.

Julia se rem exeu no banco, desconfortável, os olhos fixos no chão.

Tam m y olhou para as am igas com um a ex-
pressão triste.

– Scott disse que ele tam bém foi um a surpresa, m as que seus pais ficaram felizes. Queria ter tido a oportunidade de conhecer Grace. Ela parece ter

sido um a m ulher m aravilhosa.

– E era – concordou Rachel. – Gabriel tam bém não estava nos planos. Meus pais o acolheram

111/1201

depois que a m ãe dele m orreu, e o adotaram em seguida. Não é o planej am ento que im porta, m as sim o que acontece depois.

Tam m y assentiu.

– Já tinham os falado sobre ter filhos. Era algo que nós dois queríamos. Então, de repente, Eric decidiu que não estava preparado. Achou que eu tinha engravidado para prendê-lo.

– Com o se você tivesse ficado grávida sozinha –

falou Diane, brandindo seu garfo no ar.

Julia ficou calada, envergonhada por se identificar com a sensação de despreparo de Eric, por m ais que condenasse a atitude dele.

– Eric m e deu um ultim ato: ou ele, ou o bebê.

Quando hesitei, ele foi em bora.

– Babaca – m urm urou Rachel.

– Fiquei arrasada. Sabia que não era a única responsável pela gravidez, m as sentia que devia ter tom ado m ais cuidado. Cheguei a cogitar fazer um 112/1201

aborto, m as Eric j á havia m e abandonado. No fundo, eu estava feliz em ser m ãe.

Julia tornou a se remexer, com ovidade pela sinceridade na voz de Tammy.

– Eu não tinha com o pagar o aluguel sozinha, então voltei para a casa dos meus pais. Me sentia um fracasso total: grávida, solteira e me orando com os pais. Chorava todas as noites antes de dormir, achando que nenhum homem jamais fosse me querer.

– Sinto muito – falou Julia, os olhos se en-
chendo de lágrimas.

Tammy estendeu os braços e a abraçou.

– Depois as coisas melhoraram. Mas nunca vou perdoar Eric por ter abdicado de seus direitos de pai. Agora, Quinn nunca vai conhecer seu pai

biológico.

– Doadores de espermatozoides não são pais – atalhou Rachel. – Richard não contribuiu com material genético para gerar Gabriel, mas é o pai dele.

113/1201

– Não sei quem foi que contribuiu, mas deve ter sido muito bonito, porque aquele homem ali é um *gato* – falou Diane, gesticulando em direção à sala de estar. – Não tão gato quanto o meu, mas

ninguém é.

Julia deu uma risadinha nervosa, assimilando a ideia de que alguém achava seu pai um “gato”.

Tammy prosseguiu:

– Por sorte eu tinha um em prego. Trabalhava no escritório do promotor público com Scott.

Nós saímos juntos algumas vezes durante a gravidez. Eram os apenas amigos, mas ele era um doce comigo. Achei que, assim que tivesse o bebê, ele fosse sumir. Mas Scott foi me ver poucas vezes -

mas depois de Quinn nascer. Quando ele me

chamou para sair, eu fui na hora.

– Ele tam bém ficou gam ado em você, se bem m e lem bro – disse Rachel com um sorriso. –

Gam adíssim o.

Tam m y tocou seu anel, girando-o no dedo.

114/1201

– Eu estava am am entando, então tive que tirar leite antes de ele ir m e buscar. Meus pais ficaram cuidando do bebê. Mas Scott nunca fez com que

eu m e sentisse desconfortável ou constrangida.

Ele m e via com o um a pessoa, com o um a m ulher, e não apenas com o m ãe. Acho que ele j á gostava um pouco de m im enquanto eu ainda estava com Eric.

Ela olhou para as am igas e sorriu.

– Eu estava m uito nervosa antes de conhecer

vocês. Tinha m edo do que poderiam pensar de m im . Mas vocês foram tão acolhedores. – Ela olhou para Julia. – Só conheci Gabriel m ais tarde, m as ele tam bém foi m uito sim pático. Mesm o quando Quinn estragou o terno dele.

– Você deveria ter visto Gabriel antes de ele conhecer Julia. – Rachel fez um a careta. – Ele ter-ia m andado a conta da lavanderia para Quinn.

Julia estava prestes a defender o m arido, m as Tam m y voltou a falar:

115/1201

– Não consigo im aginar Gabriel fazendo isso.

Ele é m aravilhoso com o Quinn. E o Scott? Bem , a paternidade m uda um hom em . Quero dizer, um bom hom em – esclareceu. – Scott senta no chão com Quinn e se atraca com ele. É brincalhão e carinhoso. É um lado totalm ente diferente dele.

Julia refletiu sobre as observações de Tam m y , perguntando-se que tipo de pai Gabriel seria.

– Mal posso esperar para ter um a m enina. –

Tam m y sorriu para si m esm a. – Scott vai tratá-la com o um a princesa.

– Você quer ter m ais filhos? – perguntou

Rachel, arqueando as sobrancelhas, espantada.

– Quero. Acho que dois está de bom tam anho

para nós, m as, se tiver outro m enino, gostaria de tentar um a m enina.

Foi então que Scott entrou na cozinha, car-

regando um sonolento rapazinho de 1 ano e 9

m eses. Ele acenou a cabeça para as outras m ulheres antes de se aproxim ar de Tam m y .

116/1201

– Acho que está na hora de dorm ir.

Julia sorriu ao notar o contraste entre Scott, que tinha 1,92 m etro e era forte, e o pequenino anj o

de cabelos louros que ele aninhava de form a pro-tetora j unto ao peito.

– Eu aj udo.

Tam m y se levantou, beij ou o m arido e os dois subiram j untos.

Rachel olhou para a pilha de pratos de

sobrem esa e depois para as tortas.

– Acho m elhor eu levar a sobrem esa para eles. –

Cortou duas fatias de torta e pôs nos pratos, levando-as em seguida para a sala de estar.

Diane olhou para Julia e brincou com sua

xícara.

– Posso falar com você um minutinho, meu

anjo?

– Claro.

Julia se virou para dar toda a atenção a Diane.

117/1201

– Não sei com o quê, então vou ser direta.

Tenho passado muito tempo com seu pai.

Julia sorriu com ternura para Diane.

– Eu acho isso ótimo.

– Ele conheceu minha mãe e o restante da

minha família. Tem até ido à igreja aos domingos, para me ouvir cantar no coro.

Julia disfarçou a surpresa ao pensar no pai dentro de uma igreja.

– Quando ele me perguntou se poderia levar você ao meu casamento, entendi que era sério.

– Eu amo o seu pai.

Julia arregalou os olhos.

– Uau. E ele sabe disso?

– Claro que sabe. Ele ama a mãe. – Diane abriu um sorriso hesitante. – Tem conversado sobre o futuro, feito alguns planos...

– Isso é maravilhoso.

– Você acha? – Os olhos negros de Diane per-

scrutaram os de Julia.

118/1201

– Fico feliz que ele esteja com alguém que ama. Por mais que não queira falar de Deb, estou certa de que você sabe que eles ficaram juntos um bom tempo. A relação não parecia ter futuro. E

eu não gostava dos dois com o casal.

Diane ficou calada, com o se estivesse rem oendo algum a coisa.

– Seu pai e eu estam os falando de oficializar nossa relação. Quero que saiba que, quando fizer-m os isso, não vou tentar tom ar o lugar da sua m ãe.

Julia ficou rígida.

– Sharon não era m inha m ãe.

Diane pousou a m ão no braço de Julia,
consolando-a.

– Sinto m uito.

– Não sei quanto m eu pai lhe contou a respeito dela, m as im agino que não tenha sido m uito.

– Tenho evitado tocar no assunto. Na hora que um hom em está pronto para falar, ele fala.

119/1201

Julia bebericou o café em silêncio. Não gostava de falar ou pensar na m ãe, que m orrera quando Julia estava no últim o ano do ensino m édio.

Sharon era alcoólatra e negligenciara a filha durante quase toda a vida. Quando não era negli-

gente, era abusiva.

– Grace foi com o um a m ãe para m im . Eu era m ais próxim a dela do que de Sharon.

◆◆◆

– Grace era um a boa m ulher.

Julia exam inou a expressão de Diane e viu esperança em seus olhos, m isturada com um pouco de ansiedade.

– Não vej o nenhum problem a em você se torn-ar m inha m adrasta. Se você e m eu pai se casarem , eu estarei lá.

– Você fará muito mais do que isso, meu anjo.

Vai ser um das minhas adrinhas. – Diane deu um abraço apertado em Julia.

Alguns instantes depois, se afastou, secando os olhos com os dedos.

120/1201

– Sem pre quis ter uma filha. Um marido e uma casa só minha. Tenho 40 anos e finalmente meus sonhos estão se tornando realidade. Estava preocupada com a sua reação. Quero que saiba que amo o seu pai e que não estou com ele pelo dinheiro.

Julia encarou com um olhar intrigado e então as duas começaram a rir.

– Agora sei que você está só brincando. Papai não tem nenhum dinheiro.

– Ele é um bom homem, tem um emprego e me faz feliz. Quando uma mulher encontra alguém assim, e que ainda por cima é um gato, não o deixa fugir por nada neste mundo e não se preocupa com dinheiro.

Antes que Julia pudesse responder, Tom se juntou às duas. Ao ver os olhos marejados de Diane, foi para junto dela.

– O que está havendo? – Ele levou a mão ao rosto da namorada, limpando suas lágrimas.

121/1201

– Diane estava me dizendo quanto amo a você. –

Julia lançou um olhar de aprovação para ele.

– Ah, é? – disse Tom, um tanto ríspido.

– Não que tenham me pedido, mas as vocês têm a minha bênção.

Ele baixou o olhar, seus olhos escuros fitando os

♦ ♦ ♦

da filha.

– Ah, é? – repetiu, abrandando o tom de voz.

Tom passou um braço em volta de cada um a

das m ulheres, deu um beijo na cabeça de um a e depois na da outra.

– Minhas garotas – sussurrou.

Pouco depois, Julia se despediu dos dois. Achava que eles talvez já estivessem m orando juntos, ou pelos m enos passando algum as noites por sem -

ana, por isso ficou surpresa quando Diane lhe 122/1201

explicou que não fazia isso por respeito à mãe dela, com quem m orava.

Foi então que Julia conseguiu entender por que Diane tinha tanta pressa de se casar e ter sua própria

própria casa.

Depois que a sobremesa foi servida, Richard

Clark sentou-se na varanda dos fundos, bebendo uísque e fumando um charuto. O ar estava fresco, mas não havia vento. Se fechasse os olhos podia quase imaginar a esposa, Grace, saindo pela porta e se acomodando na espreguiçadeira ao seu lado.

Seu coração ficou pesado. Ela nunca mais se

sentaria ao lado dele.

– Tudo bem ?

Richard abriu os olhos e viu a nora Julia sentada na espreguiçadeira mais próxima. Ela enfiou suas pernas esguias debaixo do próprio corpo,

123/1201

em brulhada em um dos velhos cardigãs de caxemira de Gabriel.

Richard passou o charuto para a mão esquerda e trocou o cinzeiro de posição para não

incomodá-la.

– Tudo, e você?

– Tam bém .

– O jantar foi ótimo – com entou ele. – Realmente excepcional.

– Tentei reproduzir alguns dos pratos que

comemos na Itália. Que bom que você gostou. –

Ela inclinou a cabeça para trás, recostando-a no espaldar e olhando para o céu escuro.

Ele tornou a bebericar o uísque, sentindo que algo a incomodava. Mas, com o não queria forçar uma confissão, ficou calado.

– Richard?

Ele riu.

– Achei que tinham concordado que você me chamaria de pai.

124/1201

– Claro, pai. Desculpe. – Ela correu uma unha pelo braço da espreguiçadeira, riscando a

madeira.

– Não precisa se desculpar. Somos uma família, Julia. E, sem precisar de alguma coisa, estarei aqui.

– Obrigada. – Julia correu o dedo de volta pelo risco que havia deixado na madeira. – Você se incomoda que tenham mudado as coisas? Dentro da casa, quero dizer.

Richard hesitou antes de responder.

– O banheiro precisava ser reformado e foi uma boa ideia fazer outro no primeiro piso e um terceiro no quarto principal. Grace teria gostado do que vocês fizeram na cozinha. Ela passou anos implorando para eu instalar balcões de granito.

Julia sentiu um aperto no peito.

– Deixamos muita coisa com o estuário.

– Por favor, não se preocupe. Grace teria tido o mesmo prazer em ajudá-la a redecorar a casa, se estivesse aqui.

– Você está confortável no quarto de hóspedes?

Fiquei imaginando se não teria me dado de ideia quanto a ficar nele.

– É bondade sua perguntar, mas nada disso me incomoda. O que me perturba é o fato de Grace ter partido para sempre. Tem o que esse sentimento nunca me abandone.

Richard fixou o olhar em sua aliança, um

simples anel de ouro.

– Às vezes, quando estou aqui nesta casa, juro que consigo ouvir a voz dela ou sentir seu perfume. Não sinto a presença de Grace na Fil-

adélfia. Meu apartamento não guarda nenhum a lembrança dela. – Ele sorriu para si mesmo. –

Não me sinto tão separado dela aqui.

– É doloroso?

– Sim.

Julia ficou calada por alguns instantes, imaginando como se sentiria se perdesse Gabriel. Ficaria arrasada.

A duração da vida é incerta. Você pode ter câncer ou morrer num acidente de carro e, num piscar de olhos, sua família é destruída.

Foi então que Julia ouviu uma voz sussurrar, vinda não sabia de onde:

Se você tivesse um filho com Gabriel, sempre teria uma parte dele.

A voz, mais do que a ideia por trás dela, lhe causou um arrepio.

Notando sua reação, Richard se levantou e en-

volveu os ombros dela com uma manita.

– Obrigada – m urm urou Julia. – Você gosta de m orar na Filadélfia?

– Meu cargo de pesquisador não era bem o que eu esperava. Tenho pensado em m e aposentar. –

Ele bateu as cinzas do charuto no cinzeiro. –

Mudei para lá para estar m ais perto de Rachel e 127/1201

Scott, m as quase nunca os vej o. Estão m uito ocupados com as próprias vidas. Todos os m eus am igos, incluindo seu pai, estão aqui.

– Então volte.

– Com o é? – Ele se virou na espreguiçadeira para encará-la.

– Volte para Selinsgrove. Venha m orar aqui.

– Esta casa agora é sua e do m eu filho.

– Só ficam os aqui durante as férias. Podem os trocar de quartos agora m esm o e você pode trazer suas coisas de volta.

Ele levou o charuto aos lábios.

– É m uita gentileza sua fazer essa oferta, m as j á tom ei m inha decisão. Vendi a casa para Gabriel há m ais de um ano.

– Ele ficaria m ais feliz se soubesse que você está no seu lugar.

Richard balançou a cabeça.

– Eu j am ais voltaria atrás na m inha palavra.

128/1201

Julia se esforçou para descobrir um a estratégia convincente.

– Seria um *mitzvah* para nós. E precisam os de um a bênção.

Richard riu.

– Esse é o tipo de coisa que eu costum ava dizer para Gabriel quando ele era teim oso. De que tipo de bênção vocês precisam ?

A expressão de Julia se modificou.

– Tenho uma prece não atendida.

Ela não se explicou melhor, então Richard

apenas deu uma tragada no charuto e soprou a fumaça.

– Na minha opinião, todas as preces são atendidas a seu tempo. Às vezes, a resposta é *não*. Mas com certeza vou orar para que você receba uma

resposta. Não posso fingir que a ideia de voltar para cá não é tentadora. Mas vocês se empenharam tanto em tornar esta casa o lar de vocês.

129/1201

Mobiliaram o andar de baixo, pintaram as paredes...

– Você hipotecou a casa para pagar as dívidas de Gabriel por causa das drogas.

Richard olhou para ela, surpreso.

– Ele lhe contou isso?

– Sim.

– Foi há muito tempo. Gabriel já nos devolveu o dinheiro.

– Mais um motivo para ele abrir as portas da casa para você agora.

– Um pai faria qualquer coisa pelo filho. –

Richard assumiu uma expressão grave. – O dinheiro não era importante. Eu estava tentando salvar a vida dele.

– E salvou. Você e Grace. – Julia correu os olhos

♦ ♦ ♦

pelo quintal. – Desde que a casa continue na

família e possam os nos reunir aqui para o Dia de Ação de Graças e o Natal, não importa de quem ela seja. Ou quem more aqui.

Ela apertou a maneta em volta do corpo quando um a
brisa
suave
soprou
pela
varanda,
acariciando-lhe o rosto.

– A única coisa de que Gabriel não abria mão é do pomar. Ele contratou um homem para revitalizá-lo. Plantaram árvores novas.

– Aquelas madeiras não dão uma boa colheita há anos. Tem o que ele esteja sendo otimista.

Julia olhou para o bosque, na direção do pomar.

– O otimismo o faz bem a ele.

Ela se virou para Richard.

– Se me morasse aqui, poderia tomar conta do pomar. Gabriel ficaria aliviado por saber que ele está em boas mãos. Você estaria nos ajudando.

Richard ficou calado pelo que pareceu uma eternidade. Quando falou, sua voz estava rouca:

– Obrigado.

Ela apertou sua mão antes de deixá-lo sozinho com seu charuto e seus pensamentos. Quando

Richard fechou os olhos, foi invadido por uma onda de esperança.

Depois que os convidados se recolheram, Julia sentou-se na beirada da sua banheira de hidromassagem, testando a temperatura da água.

Estava

ansiosa

por

alguns

minutos

de

relaxam então.

Sabia que deveria estar trabalhando em sua

palestra, mas naquele dia tudo acabou a deixara exausta. Estava em dúvida se deveria ou não telefonar para sua analista em Boston. A Dra. Waters certamente teria algumas sugestões para ajudá-la a lidar com a ansiedade, os conflitos matrimoniais e o súbito interesse de Gabriel em constituir uma família.

Não havia mais algum em querer um bebê. Julia com parou o entusiasmo cheio de ternura de

132/1201

Gabriel com a indiferença fria de Eric que

Tammy descrevera. Sabia qual dos dois ela

preferia. Só precisava se lembrar firme e não permitir que a paixão de Gabriel a sufocasse ou a im-

pedisse de realizar seus sonhos.

No mínimo, sua briga com Gabriel no dia anterior mostrara quanto eles ainda tinham que aprender com o casal. Antes de trazerem uma criança para o mundo, precisavam aprender essas lições.

Enquanto esperava a banheira encher, ela sentiu os cabelos da nuca se eriçarem. Virou-se e deparou com Gabriel parado diante da pia. Ele

havia aberto os três primeiros botões da camisa social; alguns fios de cabelo do seu peito despontavam do colarinho da camisa branca que usava por baixo.

– Nunca me canso de olhar para você – disse

ele, beijando o pescoço dela antes de retirar a toalha de *plush* com que Julia se enrolara. – Eu 133/1201

deveria pintá-la. – Ele correu os dedos por sua coluna, subindo e descendo.

– Você me pintou há algum as noites, Caravaggio. Nós sujamos o chão inteiro de tinta.

– Ah, sim. Fiquei triste por ter que limpar-lo.

Tinha esperanças de que pudessem os acrescentar algum as pinceladas.

– Isso vai ter que ficar para um a noite em que

não tivermos convidados. – Julia lançou um olhar escaldante para ele. – Quer se juntar a mim ?

– Prefiro assistir.

– Então vou garantir que seja um belo

espetáculo.

Ela levantou os cabelos, afastando-os do

pescoço com as duas mãos, arqueando as costas e fazendo uma pose de *pin up*.

Ele gemeu e deu um passo à frente.

– Deixei minha espuma de banho no banheiro

social ontem à noite. Poderia pegá-la para mim ?

134/1201

– É para já. *Deusa*. – Ele provou seus lábios antes de sair.

Gabriel dormiu alguns minutos para encontrar

a espuma de banho, pois alguém a derrubara e ela havia rolado para trás do cesto de lixo.

Quando se agachou para pegá-la, notou algo

preso entre o cesto e a parede.

Era um a pequena caixa retangular.

Ele leu o rótulo. *Teste de gravidez.*

Mas a caixa estava vazia.

Depois de se recuperar da surpresa e conferir outra vez o rótulo para ver se tinha lido direito, ele deixou a caixa no m esm o lugar de antes e

voltou para o quarto.

Sem dizer nada, entregou a espum a de banho a Julia, que espalhou pela água sua essência perfum ada de sândalo e Satsum a antes de entrar na banheira.

Ela se aj eitou no que esperava ser um a posição provocante.

135/1201

Perdido em pensam entos, Gabriel ficou im óvel.

– O que houve? – Ela se inclinou na banheira para enxergá-lo m elhor.

Ele passou a m ão pela boca e pelo queixo.

– Rachel está grávida?

– Não que eu saiba. Mas ela m e disse que eles estão tentando. Por quê?

– Encontrei a caixa vazia de um teste de gravidez no banheiro social. Parecia que alguém tentou escondê-la.

– Deve ser dela.

– Gostaria que fosse seu. – Gabriel a encarou com um olhar tão intenso que ela sentiu seu calor na pele.

– Mesm o depois do que aconteceu ontem ?

– Claro. Casais brigam . Maridos são uns im becis. Só nos resta fazer sexo de reconciliação quente e selvagem e seguir em frente.

Ela baixou os olhos para a água.

136/1201

– Prefiro fazer sexo de reconciliação quente e selvagem sem precisar brigar antes.

Gabriel baixou a voz e falou num sussurro

rouco:

– Assim não seria reconciliação, seria?

Ela respirou fundo e ergueu seus olhos escuros para encontrar os dele.

– Não estou pronta para ter um a fam ília.

– Nossa hora vai chegar. – Ele pegou a m ão dela e beij ou seus dedos ensaboados. – E, acredite, não quero com eçar outra discussão e deixá-la ainda

m ais estressada.

Julia abriu um sorriso fraco.

– O teste tam bém pode ser de Tam m y .

– Ela j á tem um bebê.

– Quinn fará 2 anos em setem bro. E sei que ela quer ter filhos com Scott.

Gabriel aj ustou as luzes, dim inuindo-as, antes de desaparecer no quarto. Voltou alguns

137/1201

instantes depois e Julia ouviu a voz de Astrud Gil-berto vindo da caixa de som instalada no teto.

Julia lançou ao m arido um olhar de apreciação.

– Quem quer que tenha feito o teste talvez

tenha descoberto que não estava grávida. Mas, caso contrário, você

será tio. *Tio Gabriel.*

Sem esboçar reação, Gabriel desabotoou a cam -

isa. Ele a tirou, assim com o a cam iseta, expondo a tatuagem e a penugem de pelos negros em seu

peito m usculoso.

Julia o observou pendurar a cam isa em um gancho antes de suas m ãos descerem até o cinto. Ele sorriu com m alícia enquanto se m ovia m ais devagar, provocando-a.

Ela revirou os olhos.

– A água vai estar fria quando você term inar.

– Duvido. Certam ente não vou term inar em pé aqui fora.

– Por que não?

– Porque pretendo term inar dentro de você.

138/1201

Com um sorriso, ele pendurou as calças antes de tirar a cueca boxer.

Julia conhecia m uito bem o corpo do m arido, m as, ainda assim , vê-lo sem pre a deixava sem fôlego. Ele tinha om bros largos que se afunilavam em direção à cintura e aos quadris finos, que em olduravam coxas m usculosas. Seus braços, assim com o o abdom e, eram bem definidos, assim com o o “V” dos m úsculos oblíquos que descia até seu sexo m ais do que proem inente.

– Você m e m ata ao olhar para m im desse j eito.

– Gabriel fixou seus olhos fam intos nos dela.

– Por quê? – Ela o olhava sem nenhum pudor, abrindo espaço para ele na banheira.

– Porque parece que quer m e lam ber. Todinho.

– E quero.

Num piscar de olhos, ele estava atrás de Julia, entrelaçando suas pernas longas às dela.

– Conheço esse perfume e.

139/1201

– Com prei a espuma de banho porque ela me

fez lembrar do óleo de massagem que você usou em Florença. Você massageou as minhas costas, lembra?

– Se bem que lembro, massageei-me aí do que as costas. – Gabriel roçou o nariz em sua orelha. –

Você não faz ideia do que esse perfume provoca em mim.

– Ah, faço, sim. – Ela se recostou no peito de Gabriel, sentindo a rigidez dele na parte de baixo das suas costas.

– Antes de passarmos para... *ah...* outras atividades, quero que você converse comigo.

– Sobre o quê? – Julia ficou tensa.

Ele pôs as mãos nas laterais do pescoço dela e comecou a massagê-la.

– *Relaxe*. Não sou o inimigo. Só estou tentando convencê-la a se abrir um pouco comigo. Você

costuma tomar banhos de espuma quando está estressada. E tem feito isso diariamente.

140/1201

– Estou com muita coisa na cabeça.

– Me conte.

Ela deslizou a mão esquerda pela superfície da água, arrastando a espuma para a frente e para trás.

– Estou preocupada com o doutorado e com

medo de ser reprovada. Também estou preocupada com a palestra.

Gabriel apertou os ombros dela.

– Já conversamos sobre a sua palestra e lhe dei minha opinião

sincera. Ela é boa. E você não vai ser reprovada. Só tem que levar um sem estre de cada vez. Não precisa fazer sala para os nossos parentes esta sem ana. Am anã avisarem os a eles que você vai passar o dia trabalhando na palestra.

Eles vão se m anter ocupados durante o dia e à noite farei churrasco para o j antar. Tenho certeza de que Rachel e Tam m y vão entender.

Os m úsculos de Julia com eçaram a relaxar sob os dedos dele.

141/1201

– Isso j á seria um a aj uda. Obrigada.

– Por você eu faço tudo – sussurrou ele, pressionando os lábios no pescoço dela. – Você sabe disso, não sabe?

– Sei, sim . – Ela se virou e o beij ou com paixão.

Ao se separarem , ela sorriu.

– Seu aniversário vai ser quando estiverm os na Itália. Com o vai querer com em orar?

– Com você. Na cam a. Por uns dois dias.

Ele passou os braços ao redor da cintura dela,

acariciando a pele em volta do seu um bigo.

– Não quer cham ar nossos am igos para se j un-tarem a nós na Úm bria? Eles poderiam nos

acom panhar à exposição em Florença – sugeriu Julia.

– Não. Quero você só para m im . Podem os

convidá-los

para

o

seu

aniversário

em

Cam bridge.

Julia pousou as mãos sobre as de Gabriel, interrompendo os movimentos dele.

142/1201

– Não gosto de grandes comemorações no meu aniversário.

Ele se inclinou para trás.

– Achei que já tinham superado isso.

– Setem bro vai ser um mês cheio.

– O aniversário de 25 anos é uma data

marcante.

– O de 35 também .

– Datas como essas só são importantes para

quem luta por sua causa. Sem você, não passariam de dias vazios.

Julia enterrou o rosto no peito dele.

– Você precisa ser tão doce?

– Com o tempo passei a vida quase toda provando do

amargo, sim .

Com sua boca, ele explorou a curva do pescoço dela e a pele ensaboada dos seus ombros.

– Então parece que vamos os dar uma festa em

setem bro. Deviam os comemorar o feriado do Dia do Trabalho. – Ela beijou o peitoral dele antes de 143/1201

se virar de volta para a frente. – O que Richard falou quando vocês conversaram ?

– Ele gostaria de voltar a trabalhar aqui, mas não quer comemorar a casa. Acho que está contando

com o dinheiro para a aposentadoria.

– Ele pode m orar aqui sem com prá-la. Você não se im porta, não é?

– Nem um pouco. Na verdade, preferiria que

ele m orasse aqui. Mas ele não se sente à vontade desfrutando das reform as que fizeram os.

– Nada o im pede de desfrutá-las agora. A única questão é o que fazer com os m óveis. Não tem os espaço para eles em Cam bridge.

– Poderiam os doá-los para Tom . Os m óveis

dele j á viram dias m elhores – falou Gabriel com afetação.

– Você faria isso?

– Não vou m entir, Julianne. Não m orro de

am ores pelo seu pai. Mas, com o m orro de am ores por você... – Ele a beij ou. – Richard tem algum as 144/1201

coisas que com prou com Grace das quais não vai querer abrir m ão e guardam os num depósito

parte da m obília que ele deixou aqui. Vam os ter que tirar os m óveis novos para abrir espaço.

Poderiam os oferecê-los para Rachel, se você preferir.

– Acho que seria bom oferecê-los ao m eu pai.

Ele e Diane estão pensando em se casar.

Gabriel apertou seu abraço.

– O que você acha disso?

– Ela é boa para o m eu pai e para m im tam bém .

Gostaria que ele tivesse alguém com quem

envelhecer.

– Detesto ser eu a lhe dizer isso, m eu am or, m as seu pai j á está envelhecendo. Todos nós estam os.

– Você m e entendeu.

Gabriel a girou para colocá-la de frente para si, passando as pernas dela em volta da sua cintura.

– Para sua sorte, não estou velho dem ais para m anter você acordada a noite toda. Se não m e 145/1201

engano, existe um quarto que não batizam os...

ainda.

CAPÍTULO SEIS

Pouco depois da m eia-noite, Richard sentiu o

colchão afundar quando alguém se enfiou debaixo das cobertas. Ele se virou para o lado e ab-raçou a esposa. Suas form as eram tão fam iliares e m acias que ele suspirou alto ao se apertar contra ela.

Ela tam bém suspirou de contentam ento, com o sem pre

fazia

em

m om entos

assim ,

aconchegando-se j unto dele.

– Senti saudades.

Ele acariciou seus cabelos, beij ando-os. Não lhe pareceu estranho que eles estivessem longos e lisos, com o eram antes da quim ioterapia.

– Tam bém senti saudades, querido. – Grace

buscou a m ão de Richard e entrelaçou seus dedos nos dele.

147/1201

Richard sentiu os anéis de casam ento e noivado dela baterem em sua aliança. Ficou feliz por não tê-la tirado.

– Eu sonho com você.

Ela beijou o ponto em que suas alianças se

tocavam .

– Eu sei.

– Você era tão jovem . Tínhams a vida inteira pela frente, havia tantas coisas que queríam os fazer.

A voz dele falhou na última palavra.

– Sim .

– Sinto falta disso – sussurrou Richard. – De abraçar você no escuro. De ouvir sua voz. Não consigo acreditar que a perdi.

Grace soltou a mão esquerda dele e a puxou em direção ao peito.

Richard se preparou para sentir as cavidades

que havia no lugar dos seios. Em bora as cicatrizes lhe causassem tristeza,

♦ ♦ ♦

nunca

se

sentira

148/1201

incomodado em olhar para elas ou tocá-la ali, mas Grace não permitia.

Ela pretendia fazer uma cirurgia de recon-

strução, mas o câncer voltou, impossibilitando a operação. Aos olhos de Richard, Grace sempre foi linda, encantadora, mesmo no fim .

Quando ela puxou sua mão para cima, no ent-

anto, a palma dele encontrou carne arredondada e cheia. Richard hesitou, mas apenas por alguns instantes. Ela pousou a mão sobre a dele e

apertou.

– Fiquei curada – sussurrou ela. – Foi mais

maravilhoso do que você poderia imaginar. E não doeu nem um pouco.

Os olhos de Richard arderam .

– Curada?

– Sem dor. Sem lágrimas. E é muito, muito lindo.

– Me perdoe por não ter percebido que você estava doente. – A voz dele tornou a falhar. – Eu 149/1201

deveria ter prestado mais atenção. Deveria ter notado.

– Era a minha hora. – Ela baixou a cabeça e beijou as costas da mão dele. – Tem tanta coisa que quero lhe mostrar. Mas ainda não.

– Descanse, meu amor.

Na manhã seguinte, Richard acordou em uma

cama vazia, e consciente de que tinha recebido um presente muito precioso. Havia tempo que não se sentia tão leve, tão em paz. Tomou o café da manhã com a família e cometeu a providenciar a demissão do seu cargo de pesquisador na Filadélfia.

Na semana seguinte, colocou o apartamento à venda e contratou uma transportadora para levar

suas coisas de volta para a casa que havia com -

partido com a esposa tantos anos antes. Gabriel 150/1201

insistiu que os móveis que haviam guardado no depósito fossem trazidos de volta.

Quando os caminhões de mudança chegaram ,

ele conduziu os carregadores até o quarto

principal, pedindo-lhes que retirassem os móveis que estavam ali antes de trazerem os de Richard.

– Não. – Richard pousou a mão no ombro do

filho. – A partir de agora, o quarto de hóspedes é meu.

Gabriel fez sinal para que os carregadores esperassem. Então voltou-se para o pai, com as sobrancelhas franzidas.

– Por que não quer ficar no seu antigo quarto?

– O quarto principal é meu e de Julia. Ela o pintou e o transformou no meu espaço. Não vou desfazer isso.

Gabriel protestou, mas Richard ergueu a mão para detê-lo.

– Grace estará comigo onde quer que eu durma.

Ela vai me encontrar no quarto de hóspedes.

151/1201

Ele tornou a espalmar a mão no ombro de Gabriel antes de chamá-los carregadores e conduzi-los para o andar de baixo.

Gabriel não iria discutir com o pai, ainda mais quando ele parecia satisfeito com a decisão. E, mesmo que tenha achado as observações dele estranhas, guardou para si a opinião.

(Mas, no fundo, não as achou nem um pouco estranhas.)

Naquela noite, quando a casa ficou vazia e silenciosa, Richard quase pôde imaginar Grace

deitando-se na cama com ele. Ele rolou para o lado e adormeceu em paz, antes de encontrá-la em seus sonhos.

CAPÍTULO SETE

Julho de 2011

Oxford, Inglaterra

O professor Gabriel O. Emerson correu os ol-

hos com repulsa pelo modesto quarto de hóspedes no quinto andar do mosteiro do Magdalen College. Seus olhos azuis pousaram sobre duas

cam as de solteiro encostadas na parede.

– Que droga é essa?

Julia olhou para onde ele apontava.

– Acho que são cam as.

– Isso eu estou vendo. Vam os em bora.

Ele pegou suas m alas e foi em direção à porta, m as ela o deteve.

– Já é tarde, Gabriel. Estou cansada.

– Exatam ente. Onde vam os dorm ir?

153/1201

– Onde os alunos do Magdalen College costum -

am dorm ir? No chão?

Ele lançou-lhe um olhar contundente.

– Nunca m ais vou dorm ir em um a ridícula e abom inável cam a de solteiro. Vam os nos hosped-

ar no Randolph.

Ela esfregou os olhos com as duas m ãos.

– Nossa reserva é para daqui a dois dias. E, além do m ais, você prom eteu.

– Nigel m e prom eteu um dos quartos de pro-

fessor vagos, com cam a de casal e suíte. – Ele olhou em torno. – Onde está a cam a de casal? Onde está a suíte? Vam os ter que dividir o banheiro com Deus sabe quem !

– Não m e im porto em dividir o banheiro com os outros hóspedes por duas noites. Passarem os a m aior parte do tem po na conferência m esm o.

Ignorando as queixas furiosas do m arido, Julia foi até a j anela, com vista para o belo pátio abaixo. Olhou com nostalgia para as estranhas

154/1201

esculturas de pedra instaladas em cima dos portais à direita.

– Você me disse que C. S. Lewis se inspirou

naquelas estátuas quando escreveu *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

– É o que dizem – respondeu Gabriel, lacônico.

Ela descansou a testa contra o vidro chumbado.

– Você acha que o fantasma dele ainda vaga por aqui?

– Duvido que ele assombraria um quarto com o este. – Gabriel torceu o nariz. – Ele deve estar no pub.

Julia fechou os olhos. Havia sido um longo dia.

Já tinham viajado desde o hotel em Londres até a estação de trem, depois de lá para Oxford e, por fim, até ali. Ela estava muito, muito cansada.

Do outro lado do quarto, Gabriel olhou para a esposa exausta.

– Fantasmas não existem, Julianne. Você sabe disso – falou em tom gentil.

155/1201

– E o que me diz de quando você viu Grace e

Maia?

– Aquilo foi diferente.

Ela lançou-me um olhar nostálgico para as estátuas antes de se juntar a ele diante da porta,

com uma expressão derrotada no rosto.

– Você não prefere ficar num hotel? – Gabriel perscrutou os olhos dela. – Teriam os meus

privacidade.

– Sim, teriam os. – Ela desviou o olhar.

Ele fitou as camisas de solteiro.

– É quase impossível fazer sexo nisso aí. Não há espaço suficiente.

Ela sorriu com malícia.

– Não é bem assim que me lembro.

Um sorriso provocador se abriu lentamente no rosto de Gabriel, que se aproximou dela pouco

centímetros dela.

– Isso é um desafio, Sra. Emerson?

156/1201

Julia o encarou por alguns instantes. Então

pareceu se livrar do cansaço enquanto enrolava a gravata de seda de Gabriel nas mãos, puxando seus lábios para junto dos dela.

Gabriel largou a bagagem e a beijou com

paixão, esquecendo-se da sua irritação. Então jogou a perna para trás e fechou a porta com um coice.

CAPÍTULO OITO

Algum tempo depois, Gabriel estava enroscado com a esposa em uma das camas estreitas. Ela sussurrou o nome dele contra seu peito.

– Você não perdeu o jeito. Achei sua mais recente inovação extremamente... satisfatória.

– Obrigado. – O peito dele inflou. – Está tarde.

Hora de dormir.

– Não consigo.

Gabriel ergueu o queixo dela.

– Está preocupada com a palestra?

– Quero deixar você orgulhoso.

– Sem preestarei orgulhoso de você. *Estou* orgulhoso de você. – Os olhos azuis de Gabriel penetraram os dela com os raios laser.

– E quanto à professora Picton?

158/1201

– Ela não convidaria você se não achasse que

♦ ♦ ♦

está pronta.

– Mas e se alguém me fizer uma pergunta e eu não souber responder?

– Responda da melhor forma que puder. Se a

pessoa insistir, você sempre pode dizer que é uma ótima pergunta e que irá pensar melhor sobre o assunto.

Julia descansou a cabeça no peito dele, cor-

rendo os dedos pelos músculos de sua barriga.

– Você acha que, se eu pedisse a C. S. Lewis

para interceder em meu favor, ele oraria por mim ?

Gabriel bufou.

– Lewis era um protestante da Irlanda do Norte.

Não acreditava em santos. Mesmo o que pudesse ouvi-la, ele a ignoraria. Por uma questão de princípios. Peça a Tolkien. Ele era católico.

– Posso pedir a Dante.

159/1201

– Dante já está orando por você – disse ele, com a boca encostada nos cabelos dela.

Julia fechou os olhos, ouvindo as batidas do

coração de Gabriel. Sempre achava o ritmo

reconfortante.

– E se alguém perguntar por que você deixou a Universidade de

Toronto?

– Nós diremos o mesmo de sempre: eu quis ir para Boston porque você iria para Harvard e nós pretendíamos nos casar.

– Christa Peterson tem contado outra história.

O professor estreitou os olhos.

– Esqueça Christa. Não precisamos nos preocupar com ela nesta conferência.

– Prometa que não vai perder a cabeça se ouvir algo... desagradável.

– Me dê um pouco de crédito. – Ele souso aborrecido. – Já tivemos os que lidam com fofocas na Universidade de Boston e em Harvard, e não perdi a cabeça.

160/1201

– Tem razão. – Ela lhe deu um beijo no peito. –

Mas acadêmicos costumam ficar entediados e gostam de fofocar. Nada mais excitante do que um escândalo sexual.

– Permita-me discordar, Sra. Emerson. – Os olhos de Gabriel faiscaram.

– Por quê?

– Sexo com você é muito mais excitante do que qualquer escândalo.

Ele virou de costas e cometeu a beijar seu pescoço.

Antes de o sol despontar no horizonte, Julia

voltou ao quarto na ponta dos pés. Um alanesa de luz vinda da janela iluminava em parte o homem em sua cama. Ele estava deitado de bruços, seus cabelos negros embaraçados. O lençol estava perigosamente puxado para baixo, expondo a

161/1201

base das suas costas, as covinhas que havia ali e o início da sua bunda.

Julia o admirou, seus olhos se detendo um pouco mais do que o

necessário sobre suas costas m usculosas e suas nádegas. Ele era lindo, sensual e todo seu.

Tirou a calça de ioga e a blusa, deixando suas roupas e peças íntim as em um a cadeira. Desde que haviam se casado, quase sem pre dorm ia nua.

Preferia sentir a pele do am ado contra a sua.

Gabriel se m exeu quando sentiu o colchão afundar. Recebeu-a im ediatam ente em seus braços, m as ainda levou algum tem po para acordar.

– Aonde você foi? – perguntou ele, correndo os dedos pelo braço de Julia.

– Fui ver as esculturas de pedra no pátio.

Gabriel abriu os olhos.

– Por quê?

162/1201

– Eu li os livros da série *As crônicas de Nárnia*.

Esses livros são... especiais para m im .

Ele aninhou o rosto dela nas m ãos.

– Foi por causa de Lewis que você quis ficar aqui?

– E por sua causa. Sei que Paulina m orava aqui na m esm a época que você, então eu... – Ela se interrom peu, lam entando ter m encionado o nom e de um a pessoa que am bos estavam tentando esquecer.

– Isso foi antes de nos envolverm os. Passei

m uito pouco tem po com ela aqui. – Gabriel passou os braços em volta de Julia. – Se eu soubesse disso, não teria tentado levar você

para o Randolph ontem à noite. Por que não me disse?

– Achei que você fosse achar infantil da minha parte.

– Nada que seja importante para você pode ser infantil.

163/1201

Ele parou para pensar um pouco no que ela

dissera.

– Também li esses livros. No apartamento da minha mãe em Nova York havia um armário que eu tinha certeza de que se abriria para o mundo de Nárnia se eu fosse um bom menino. É claro que não fui.

Gabriel esperava que ela risse, mas as Julia não riu.

– Sei o que é estar disposto a fazer tudo para tornar uma história realidade – sussurrou ela.

Ele a abraçou mais forte.

– Se quiser visitar The Kilns, a casa onde Lewis morou, posso levar você lá. Depois podem os ir ao pub The Bird and Baby, onde os integrantes do seu grupo literário, Os Inklings, se reuniam.

– Eu adoraria.

Ele beijou o cabelo dela.

– Eu lhe disse certa vez que você não era igual a mim, mas ao melhor. Parece que você não acreditou.

164/1201

– Às vezes é difícil acreditar que você pense assim.

Ele se encolheu.

– Então preciso me esforçar mais para demonstrar – sussurrou ele. – Mas não sei bem como.

CAPÍTULO NOVE

Depois do café da manhã no refeitório do Magdalen, Gabriel insistiu em que eles pegassem um táxi até o St. Anne's College, onde seria a

confer-

ência. Estava preocupado que Julia (e seus saltos altos) não fosse aguentar a caminhada, mas sob hipótese alguma iria lhe pedir que trocasse de sapatos.

– Isso é um sonho realizado – balbuciou Julia enquanto eles atravessavam Oxford de carro. –

Nunca imaginei que teria a chance de visitar este lugar, quanto mais de apresentar minha pesquisa aqui. Mal posso acreditar.

– Você trabalhou muito duro. – Gabriel levou a mão dela aos lábios.
– Esta é a sua recompensa.

Julia ficou calada, sentindo o peso da expectativa sobre os ombros.

166/1201

Ao passarem pelo Ashmolean Museum, os olhos

de Gabriel se iluminaram de repente.

– Fico imaginando em que tipo de encrenca

poderiam os encontrar ali dentro. – Ele apontou para o museu. – Se bem me lembro, há espaço de sobra para um ou outro encontro amoroso.

Julia corou e ele a puxou para junto de si, rindo.

Ainda tinha a capacidade de fazê-la corar, uma façanha que o enchia de considerável orgulho. E

tinha feito bem mais do que isso poucos dias antes, quando dançaram tango contra uma

parede no British Museum.

(Os armários de Elgin ainda não tinham se recuperado do choque.)

Os Emersons chegaram ao St. Anne's College

bem a tempo do início da primeira rodada de palestras. Lá dentro, um grupo de cinquenta

acadêmicos zanzava diante da mesa do bufê,

bebendo chá e saboreando biscoitos enquanto

167/1201

conversavam sobre o extraordinário mundo dos estudos sobre Dante.

(De fato, esse mundo era muito mais interess-

ante do que poderia parecer para quem estava de fora.)

Gabriel serviu uma xícara de chá para Julia

antes de se servir de um café. Ele a apresentou a dois renomados professores de Oxford, que bebericavam seus drinques. Na hora de seguir para o auditório, Gabriel pousou a mão na base das costas de Julia, incentivando-a a ir em frente. Ela deu dois passos e então parou.

Um sorriso familiar e desinibida encheu seus ouvidos; a poucos metros de distância era possível ver de onde ela vinha. No centro de um

grupo de rapazes e homens mais velhos vestindo basicamente tweed, uma beleza de cabelos

negros era bajulada por seus admiradores. Ela era alta e graciosa, suas formas atraentes acentuadas por um conjunto justinho de blazer e saia pretos.

168/1201

Saltos altos de 10 centímetros faziam suas pernas longas parecerem ainda maiores.

(Pela primeira vez na vida, o professor olhou para um par de elegantes sapatos de grife com algo diferente de admiração.)

A mulher parou de rir quando um homem de

cabelos negros e pele morena sussurrou algo no ouvido dela, seu olhar voltado para os Emersons.

– Merda – praguejou Gabriel baixinho.

Ele lançou a Christa Peterson e ao professor Giuseppe Pacciani um olhar amigável, enquanto Julia observava as reações dos homens ao redor.

Ao correr os olhos de um para outro, foi invadida por uma sensação

terrível e angustiante.

Mais de um deles se virava para olhar para ela, detendo-se por um instante para admirar o que o apropriado em seus seios e quadris. Ela soltou um suspiro e tirou o blazer de Gabriel e abotoou o blazer para cobrir um pouco o busto.

169/1201

Um olhar visível expressão de desapontamento passou pelos olhos de vários dos homens. Estava

claro que Julia frustrara suas expectativas de que ela fosse um jovem e desejável doutoranda; um

mulher que tinha ido para a cama com o professor e se envolvido num escândalo.

– Vou resolver isso de uma vez por todas.

Gabriel se lançou para a frente, mas Julia apertou os dedos no braço dele, fincando-os tanto na lã do paletó quanto em sua carne.

– Posso falar com você um instante? – sussurrou ela.

– Mais tarde.

– Você não pode fazer isso – sibilou Julia. –

Não aqui.

– Problemas no Paraíso? – provocou Christa, a voz presunçosa reverberando no recinto. – Parece que a lua de metal não durou muito.

Ela fixou os olhos felinos em Julia, a boca atraente se curvando em um esgar de desdém.

170/1201

– Não que eu esteja surpresa.

Julia tentou puxar Gabriel para longe, mas ele se manteve firme, o corpo tremendo de raiva.

– Gostaria de dar uma palavra com você, Srta.

Peterson.

Christa se aproximou do professor Pacciani. Ela fingiu, de forma bem teatral, estar intimidada por Gabriel.

– Não depois do que aconteceu em Toronto. Se tiver algo a dizer, terá que falar diante de

testemunhas. – Segura ao lado de Pacciani, ela se inclinou para a frente, baixando a voz: – Não é do seu interesse fazer uma cena, Gabriel. Descobri

algumas coisas a seu respeito depois que você foi embora, com o sua inclinação sadomasoquista.

Não sabia que a professora Ann Singer era sua dominadora.

Um silêncio caiu sobre as pessoas mais próximas -

mas dos dois, os olhos deles saltando de Christa para Gabriel.

171/1201

Julia pegou a mão dele e a puxou.

– Vá embora. *Por favor.*

Apesar da fúria que sentia, ele estava consciente, muito consciente, dos olhares atentos dos colegas. Precisou de cada gota de autocontrole

para não saltar e agarrar Christa pelo pescoço.

Reprimindo um xingamento, ele se virou brusco e deu um passo para longe de sua ex-aluna.

– Estou ansiosa pela sua palestra, Julianne -

disse Christa, erguendo a voz para que mais pessoas pudessem ouvi-la. – É bastante incomum que uma aluna do primeiro ano do doutorado participe de uma conferência tão importante. Com o quê que você conseguiu?

Julia parou de andar e olhou para Christa por sobre o ombro.

– A professora Picton me convidou.

– Sério? – Christa pareceu intrigada. – Não teria sido melhor convidar Gabriel? Afinal, você só 172/1201

deve m esm o repetir o que aprendeu com ele. Ou quem sabe ele escreveu a palestra para você?

– Eu faço m inha própria pesquisa. – Julia falou baixo, porém com firm eza.

– Tenho certeza disso. – Christa fez questão de olhar para as costas de Gabriel. – Mas a sua

“pesquisa” não pode aj udá-la a escrever um a palestra. A não ser que pretenda nos contar sobre todos os professores com quem foi para a cam a para conseguir entrar em Harvard.

Gabriel praguej ou e largou a m ão de Julia.

Virou-se para trás, lançando a Christa um olhar furioso.

– Já chega. Não dirij a a palavra à m inha esposa.

Fui claro?

– Calm inha, Gabriel, calm inha. – Os olhos

negros de Christa brilhavam com um a satisfação perversa.

– É *professor* Em erson para você – disparou ele.

173/1201

Julia bloqueou seu cam inho com o próprio

corpo.

– Vam os em bora. – Ela pousou a m ão de leve no peito dele, bem debaixo da gravata-borboleta.

– Saia da m inha frente. – Ele parecia um dragão se preparando para cuspir fogo.

– *Por mim* – im plorou ela, com um a expressão desolada.

Antes que Gabriel pudesse abrir a boca, um a

voz im ponente soou ao seu lado:

– O que está acontecendo aqui?

Katherine Picton estava parada à sua direita, os cabelos brancos curtos

e arrum ados de form a im -

pecável, os olhos azul-acinzentados faiscando at-rás dos óculos. Ela encarou o professor Pacciani com repulsa antes de voltar sua atenção para Christa.

– Quem é você?

Christa saiu da defensiva e assumiu uma postura bajuladora. Ela estendeu a mão.

174/1201

– Sou Christa Peterson, de Colúmbia. Nós nos conhecemos na Universidade de Toronto.

Katherine ignorou a mão que lhe era oferecida.

– Conheço bem o quadro docente de Colúmbia.

Você não faz parte dele.

Christa corou, recolhendo a mão.

– Sou aluna de mestrado.

– Então não se apresente com o se fosse outra coisa – repreendeu Katherine, ríspida. – Você não é *de* Colúmbia. Você *estuda* em Colúmbia. O

que está fazendo aqui?

Com o Christa não respondeu, a professora Picton se aproximou dela, erguendo a voz:

– Você é surda? Eu lhe fiz uma pergunta. O que está fazendo na minha conferência insultando meus convidados?

Christa quase vacilou, sentindo a energia do

ambiente mudar por causa da antipatia da professora Picton por ela. Até o professor Pacciani recuou um passo.

175/1201

– Estou aqui para assistir à palestra da senhora, com todos os outros.

Katherine se em pertigou em seu 1,52 m etro de altura e ergueu os olhos para a estudante m uito m ais alta e m eio século m ais j ovem .

– Seu nom e não está na lista de convidados. Eu com certeza não a convidei.

– Professora Picton, m e desculpe. A j ovem é m inha am iga – intercedeu o professor Pacciani, em tom polido.

Ele se inclinou e fez m enção de beij ar a m ão da professora Picton, m as ela o dispensou com um gesto.

– Já que ela está com você, Giuseppe, sua

presença é perdoável. Mas por pouco. – Ela o fulm inou com o olhar. – Trate de lhe ensinar boas m aneiras.

Katherine virou e se dirigiu a Christa:

– Eu sei da confusão que você causou em

Toronto. Suas m entiras quase destruíram m eu 176/1201

departam ento. Mantenha o decoro aqui ou cuidarei

pessoalm ente

para

que

sej a

expulsa.

Entendido?

Sem esperar resposta, Katherine com eçou a ralar com Pacciani em um italiano fluente, deixando claro que, se a am iga tornasse a visita de seus convidados desagradável de qualquer form a, ela o

consideraria responsável.

Acrescentou ainda que tinha um a m em ória

perfeita e im placável.

(O que era verdade.)

– *Capisce?* – Ela o fuzilou com o olhar por trás dos óculos.

– *Certo*, professora. – Ele fez um a m esura, seu rosto tenso e irritado.

– Eu sou a vítima a – protestou Christa. –

Quando estava em Toronto, Gabriel...

– Conversa fiada – disparou Katherine. – Posso ser velha, m as não estou senil. Reconheço um a

177/1201

m ulher rej eitada ao ver um a. Todos aqui deveriam reconhecer tam bém .

Com essas palavras, voltou sua expressão

m ordaz para os hom ens que cercavam Christa, loucos para darem ouvidos às suas fofocas.

– E tem m ais: dar um j eito de se infiltrar num evento só para convidados é extrem am ente anti-profissional. Isto não é um a festa de fraternidade.

A professora Picton tornou a correr os olhos

pelo recinto, interrom pendo-se com o se desafi-asse alguém a contradizê-la. Sob seu olhar desm oralizador, os lascivos espectadores com eçaram a se afastar, arrastando os pés.

Parecendo satisfeita, ela voltou sua atenção para a Srta. Peterson e ergueu o queixo.

– Creio que j á term inam os por aqui.

Com isso, deu as costas para Christa. Os dem ais presentes ficaram parados ali, um pouco atordoa-dos por terem presenciado o equivalente

acadêm ico de um a luta na lam a, vencida

178/1201

facilm ente por um a pequena (porém invocada) septuagenária.

– Meus caros am igos, que prazer revê-los.

Com o foi o voo de vocês? – Katherine passou um braço ao redor dos ombros tensos de Julia,

dando-lhe um abraço maternal, antes de apertar a mão de Gabriel.

– O voo foi tranquilo. Passam os alguns dias em Londres antes de virmos para cá de trem. – Gabriel beijou o rosto da professora Picton. Tentou forçar um sorriso, mas não conseguiu.

– Não me admira que eles tenham permitido a entrada de pessoas desqualificadas – falou Katherine, torcendo o nariz. – Preciso falar com os organizadores. Já é péssimo o que vocês tenham que

se sujeitar a uma pessoa dessas, mas as aturá-la em público... aí já é demais. Que garota ridícula.

Os olhos experientes da professora Picton notaram a expressão atormentada de Julia e seu tom

abrandou:

179/1201

– Deixe-me convidá-la para um drinque hoje e à noite, Julianne. Acho que está na hora de termos uma conversa.

As palavras da professora arrancaram Julia de seu devaneio. Um a expressão mal disfarçada de horror atravessou seu rosto.

Gabriel a agarrou pela cintura.

– É muito generoso da sua parte, Katherine,

mas por que não se junta a nós para o jantar?

– Obrigada, será um prazer. Mas preciso con-

versar com Julianne primeiro. – Ela se voltou para a ex-aluna com um ar de ternura. – Venha falar comigo depois da última palestra e nós iremos até o The Bird and Baby.

A professora Picton se afastou e logo foi cercada por vários admiradores acadêmicos.

Julia precisou de alguns instantes para recuperar a compostura, mas, quando conseguiu,

apoiou-se em Gabriel.

– Estou tão constrangida.

180/1201

– É um a pena que Katherine tenha m e inter-

rom pido naquela hora. Gostaria de dizer algum as verdades para Christa.

Julia com eçou a retorcer as m ãos.

– Eu nunca deveria ter respondido a ela.

Devíam os ter continuado andando.

A expressão de Gabriel ficou tensa. Ele olhou ao redor, então colocou a boca à orelha de Julia.

– Você se defendeu. Fez a coisa certa. E eu não iria ficar de braços cruzados e permitir que ela chamasse você de vadia.

– Se tivessem ido em bora, ela não teria
chegado tão longe.

– Até parece. Ela já estava nos difamando. Você mesmo disse.

O rosto de Julia foi tomado pela decepção.

– Eu lhe pedi que parasse.

– E eu expliquei que não iria deixar que ela

falasse com você daquela forma. – Ele contraiu a mandíbula e a relaxou em seguida. – Não vamos os 181/1201

discutir por causa daquela piranha. É exatamente isso que ela quer.

– Christa estava louca por uma briga. E foi isso que você deu a ela. – Julia correu os olhos pelo salão, que se esvaziava depressa. – Amanhã terei que me apresentar na frente de todas essas pessoas sabendo que elas testem unham aquela cena constrangedora.

– Se eu tivesse ficado calado, se não tivesse feito nada, teria dado a impressão de que concordo

com ela. – A voz de Gabriel soou grave, gutural.

– A questão é que pedi que você parasse e você me ignorou. – Ela o encarou com um olhar meigo. – Sou sua esposa. Não um casinho qualquer.

Ela pegou sua velha bolsa de carteiro Fendi e seguiu os convidados até o auditório.

CAPÍTULO DEZ

O professor Emerson fervia de raiva enquanto observava a esposa se afastar. Sua vontade era arrastar Christa Peterson para fora dali pelos cabelos e lhe dar uma lição. Infelizmente, levando em conta suas táticas de sedução quando era sua aluna, era provável que ela fosse gostar disso.

(Talvez até tirasse fotos para seu álbum de recordações.)

E não era do feitio de Gabriel bater em mulheres.

Ou era? Talvez fosse exatamente do seu feitio querer bater em uma mulher. Raiva e violência estavam gravadas em seu íntimo, codificadas em seu DNA. Talvez Gabriel fosse igual ao pai.

Ele fechou os olhos. Assim que o pensamento veio à tona, apressou-se em reprimi-lo. Aquele 183/1201

não era o momento de pensar em seus pais biológicos.

Gabriel sabia que tinha um gênio difícil.

Tentava controlá-lo, porém muitas vezes falhava.

Em uma dessas ocasiões, para sua vergonha, havia batido em uma mulher.

Na época, ainda dava aulas em Toronto. Havia muitas mulheres bonitas e sensuais; a cidade era repleta de distrações musicais e

artísticas. Mesmo assim, ele estava deprimido. Paulina fora visitá-lo e eles haviam retomado seu relacionamento sexual... mais uma vez. Depois de cada encontro, ele jurava que aquele seria o último. Mas, sem perceber que ela o tocava, ele cedia.

Gabriel sabia que aquilo era errado. Continuar envolvido com ela era prejudicial para os dois.

Mas, seu espírito, em bora resoluto, estava ligado a uma carne muito, muito fraca.

Assim que ela voltou para Boston, Gabriel se ergulhou de cabeça na bebida. Tornou-se cliente 184/1201

VIP do Lobby e passou a transar com uma mulher diferente a cada noite. Às vezes mais de uma na mesma noite regada a uísque. Às vezes, mais de uma ao mesmo tempo.

Nada conseguia ajudá-lo. Assombrado pelo

passado, ainda mais depois dos poucos dias que passara com Paulina, tinha a sensação de estar a um passo inconsequente de retomar seu vício em cocaína.

Então ele conheceu Ann. Eles compartilhavam

a paixão pela esgrima e tinham lutado algum as vezes no clube do qual eram sócios. Na última ocasião, haviam terminado em um quarto escuro para uma breve, porém explosiva, experiência sexual.

Ann Singer trazia a promessa de uma nova e

tentadora distração. Falava de um prazer

selvagem e intenso com o qual já havia

experimentado.

185/1201

Ele ficou intrigado. Ann tinha o poder de ar-

rastrar a mente de Gabriel para dentro de seu corpo e mantê-la ali, incapaz de pensar ou de se preocupar. E foi assim que ele se viu no porão da

casa dela em Toronto, nu, amarrado e de olhos.

Ela confundia seus sentidos, dando-lhe prazer ao mesmo tempo que o punia. A cada golpe ele sentia sua dor emocional se esvaír. Seu único pensamento fugidino era por que havia esperado tanto tempo para aliviar o sofrimento da alma com dor física. Porém mesmo esse pensamento era logo esquecido.

Então veio a humilhação. A dominação de Ann não era apenas sobre o corpo, mas também sobre a mente. Ao ferir sua carne, a intenção dela era quebrar seu espírito.

Gabriel percebeu o que ela estava fazendo e sua psique se enfureceu. Ele desejava a dor física e a aceitava, mas não a manipulação psicológica.

186/1201

Graças ao seu passado, sua mente já era prejudicada o bastante.

Ele conseguiu resistir.

Ann o acusou de tentar inverter os papéis de

dominação e redobrou seus esforços. Recontou a história da vida de Gabriel, narrando um mito especulativo baseado apenas em sua análise or-

dinária dos fatos. Algumas partes chegaram perigosamente perto da verdade. Mas o resto...

Sem aviso, algo dentro dele se rompeu.

Parado ali no St. Anne's College, Gabriel não conseguia lembrar as palavras exatas da professora Singer que o haviam tirado do sério. Também -

pouco recordava quanto tempo o encontro havia durado. Lembrou-se apenas da fúria que o

cegara.

Com um único movimento rápido, ele ar-

rebentou a amarra que prendia seu punho direito (uma feitura considerável) e deu um tapa na 187/1201

cara de Ann com as costas da mão. O corpo

m iúdo dela se encolheu no chão de ladrilhos.

Ele se levantou cam baleante e parou sobre ela, com a respiração ofegante. Ann não se m exia.

Um a porta se escancarou e Gabriel se viu lut-

◆◆◆

ando com um a m ão só contra o guarda-costas dela, que correra em sua defesa. Machucado e sangrando, Gabriel foi atirado na neve, as roupas espalhadas atrás dele.

Esse foi seu últim o encontro sexual com Ann e sua últim a experiência sadom asoquista. Gabriel ficou furioso por ter perdido o controle e batido nela e estava determ inado a nunca m ais agredir um a

m ulher.

Mesm o

agora,

sentia-se

envergonhado.

Ele fechou os olhos e tentou se recom por.

Nunca explicara com pletam ente para Julianne o que havia acontecido com a professora Singer.

Nem pretendia fazer isso. Era m elhor que algum as coisas nunca fossem reveladas.

188/1201

Lem brou todos os em inentes especialistas em Dante que tinham ouvido as observações de

Christa sobre seu passado. Era constrangedor, sem dúvida. Mas ele era um professor titular e catedrático. Eles que fossem para o inferno.

(E estudassem o *Inferno* de Dante in loco.) Mas era preciso neutralizar Christa antes que

ela prej udicasse ainda mais a reputação de Julianne. Ela praticamente chamava Julia de prostituta ao sugerir que seu sucesso acadêmico tinha sido conquistado de jeitos.

Com esse pensamento se revirando em sua

cabeça, ele endireitou a gravata-borboleta, alisou o paletó e entrou no auditório.

Julia observou o marido se aproximar com uma expressão carrancuda e os olhos agitados.

189/1201

Olhou com raiva para Christa, sentada ao lado do professor Pacciani. Em seguida Gabriel se acomodou entre Julia e a professora Picton. Ainda

calado, pegou sua caneta-tinteiro Meisterstück 149 e um bloco de notas de dentro da pasta de couro. Sua linguagem corporal deixava claro que estava muito irritado.

Julia tentou se concentrar na palestra, sobre o uso do número três na *Divina Comédia* de Dante.

O tema e a apresentação em si só poderiam ser descritos com o contrário às disposições da Convenção de Genebra sobre punições cruéis e in-

comuns. Pior ainda era estar sentada ao lado de Gabriel e sentir a raiva que irradiava de seu belo terno de três peças.

Pelo canto do olho, Julia viu que ele tomava uma série de anotações, sua caligrafia elegante atipicamente forçada e inclinada. A boca dele estava tensionada e havia um vinco familiar entre suas sobrancelhas negras, atrás dos óculos.

190/1201

Embora desapontada, Julia não estava com

raiva. Sabia que o papel de anjo vingador com -

vinha com o caráter do marido. Em algumas ocasiões, ela havia considerado esse aspecto da sua personalidade bem-vindo, com o quando

Gabriel dera um a surra em Sim on depois de ele atacá-la.

Ela não gostava de brigar com ele, ainda m ais em público. E claro que não gostou de vê-lo perder a cabeça e fazer um a cena diante de tantas pessoas im portantes, m esm o que Katherine o tenha defendido.

Julia suspirou baixinho. O am or que Gabriel

sentia por ela e o desej o de que ela fosse bem -sucedida deviam ter alim entado sua fúria.

Lembre-se de que você é o primeiro relaciona-mento sério dele; seu primeiro compromisso. Devia dar um desconto para o cara.

Julia queria tocá-lo, m as tinha m edo da reação dele. Não queria interrom pê-lo. Im aginou-o

191/1201

olhando por cim a da arm ação dos óculos com

um a expressão de censura. Um a reação desse tipo a m agoaria profundam ente.

Fazia m uito tem po que ela não o via tão irado.

Julia se lem brou da interação explosiva entre os dois durante o curso que ele dera sobre Dante, quando ela o questionou a respeito de Paulina.

Ele ficara furioso até sua raiva se transform ar em paixão.

Julia descruzou e cruzou as pernas. Aquela não era hora de pensar em paixão. Não o tocaria até que estivessem de volta ao quarto no Magdalen.

Caso contrário, Gabriel talvez decidisse fazer as pazes com ela e arrastá-la até um canto para um a *conferência sexual*.

(Conferências sexuais eram m otivo de especial arrependim ento para certos acadêm icos. Deveriam ser evitadas a todo custo.)

A palestra seguinte foi tão insuportável quanto a prim eira. Julia fingiu interesse, enquanto seus 192/1201

pensam entos se concentravam em um único

ponto. Se Gabriel tivesse lhe dado ouvidos,

Christa teria sido obrigada a desfiar sua teia de calúnias sem um a grande e atenta plateia. Agora, Julia teria que socializar com os demais participantes do congresso sabendo que eles haviam testem unhado aquele espetáculo constrangedor.

Ela já era tímida e Christa ainda era consideravelmente seu desconforto.

Apesar da briga, Julia teria preferido passar o dia ao lado de Gabriel, sobretudo durante o almoço e os frequentes *coffee breaks*. Mas eles combinaram na noite anterior que se separariam para

circular, assim Julia teria a oportunidade de fazer contatos.

Ela se esforçou para conversar sobre o ambiente

deles, deixando as professoras Marinelli e Picton apresentá-la a velhos amigos, enquanto Gabriel socializava do outro lado do salão. Ele estava claramente colocando todo seu charme em ação –

193/1201

tentando conversar com o máximo de pessoas possível. Pelos olhares que Julia recebia, era óbvio que estava falando dela.

As mulheres o cercavam. Onde quer que Gabriel estivesse, sempre havia uma ou duas ao seu

◆ ◆ ◆

lado. Mas, verdade seja dita: ele tolerava o assédio delas com paciência, sem encorajá-las.

Julia se concentrou em suas próprias interações, mas sempre atenta a onde ele estava e com quem.

Também não perdia Christa de vista, porém ela nunca se afastava do professor Pacciani.

Julia achou isso curioso.

Os olhos de Pacciani pareciam seguir Julia e houve um momento em que ela teve certeza de que ele lhe deu uma piscadela. Mas o professor não tentou se aproximar ou falar com ela. Parecia contente em permanecer ao lado de Christa,

apesar de sua acompanhante vez por outra flertar com outros homens.

194/1201

Julia bebericou seu chá enquanto ouvia um professor atrás do outro falar sobre seu mais recente projeto de pesquisa, ansiando pelo fim daquele

dia.

Durante a última palestra, Gabriel notou que Julia se remexia na cadeira. Havia um momento que estava fazendo isso, como se precisasse desesperadamente ir ao banheiro.

Ele vinha remoendo sua irritação com Christa durante horas, abanando as brasas com uma série de justificativas para suas palavras e atitudes.

Estava no meio da elaboração de um sermão

oralista que pretendia dar a Julia assim que eles voltassem ao Magdalen quando ela o surpreendeu ao lhe entregar um bilhete.

Não quero brigar.

195/1201

Me desculpe.

Obrigada por me defender. Lamento que ela

tenha mencionado a professora Agonia.

Gabriel releu o bilhete duas vezes.

Ver o arrependimento de Julia ali, preto no

branco, fez seu coração se apertar. Ela pedira desculpas, em bora não tivesse feito quase nada de

errado.

Gabriel gostaria que ela o tivesse apoiado.

◆◆◆

Queria que Julia tivesse com paixão por um tormento causado por seu intenso desejo de

protegê-la. Mas não esperava um pedido de desculpas.

Seus olhos se encontraram e Julia lhe deu um sorriso hesitante. O sorriso, mais até do que o bilhete, o desarmou por completo.

Sua irritação arrefeceu sob as águas frias do remorso.

196/1201

Sem demora, ele virou o bilhete e escreveu no outro lado do papel:

Emerson foi um babaca. Mas espera que você o perdoe.

Julia precisou de apenas um instante para ler a mensagem. Ao terminar, teve de conter uma risada, o que resultou em um guincho abafado.

O som ecoou pelo salão e o palestrante ergueu os olhos de suas anotações, perguntando-se com o um porco selvagem tinha conseguido entrar no St. Anne's College para assistir à sua palestra.

Vermelha com o um tom amarelo, Julia fingiu uma crise de tosse e Gabriel deu tapinhas nas suas costas. Quando a palestra enfim prosseguiu, ele

acrescentou as seguintes palavras ao bilhete: Sinto muito por ter constrangido você.

Prometo que vou mais me esforçar mais.

197/1201

Você não é um casinho qualquer. É minha

Beatriz.

Os traços delicados de Julia se iluminaram e ele notou seus ombros relaxarem.

Hesitante, ela estendeu o dedo mínimo e o

entrelaçou com o dele. Essa era a sua maneira de segurar a mão de Gabriel sem que os outros

vissem .

Ele curvou o minhinho ao redor do dela,

fitando-a pelo canto do olho.

Sim , às vezes o professor Emerson podia ser um babaca. Mas pelo menos ele estava arrependido.

Depois que as palestras do dia terminaram , Katherine arrastou Julia até o The Eagle and Child para um drinque. O pub era conhecido na região com o The Bird and Baby , ou The Fowl and

198/1201

Foetus. Devia ser o pub mais famoso de Oxford.

Julia estava louca para vê-lo, pois tinha sido um dos pontos de encontro dos Inklings, o grupo

literário cujos membros incluíam C. S. Lewis, J.

R. R. Tolkien e Charles Williams.

Assim que entraram , Katherine pediu dois *pints* de Caledonian Ale e conduziu a ex-aluna para

um canto nos fundos do bar. Assim que se acomodaram , ela bateu seu copo no de Julia para um brinde e tomou um generoso gole de cerveja.

– É muito bom revê-la, Julianne. Você está

ótima. – Katherine avaliou a aparência da ex-aluna num único olhar.

– Seu casamento foi incrível. Havia anos não me divertia tanto.

– Fiquei muito feliz por a senhora ter con-

seguido ir.

Julia pegou seu copo, exagerando um pouco na força, e os nós dos dedos brancos delataram seu nervosismo.

– Está ansiosa por causa da palestra?

– Um pouco. – Julia bebericou a cerveja,

perguntando-se por que Katherine insistira em falar com ela a sós.

– É normal ficar apreensiva, mas você vai tirar de letra. Sem dúvida ainda está um pouco abalada depois de encontrar aquela mulher terrível.

Julia assentiu, sentindo o estômago revirar.

Katherine se certificou de que as outras pessoas no pub estavam entretidas em suas próprias conversas antes de prosseguir:

– Gabriel já lhe explicou com o que fiquei em dívida com ele?

– Ele mencionou algo sobre ter feito um favor para a senhora, mas não entrou em detalhes.

Katherine tamboeilou com as unhas sem es-

maginar no copo de cerveja.

– Achei que talvez ele fosse lhe contar. Mas, pensando bem, é a cara dele guardar os segredos de outra pessoa.

Ela tirou os óculos, pousando-os sobre a mesa.

– Há seis anos, eu estava sem emprego em

Toronto. Jeremy e Martin contratou Gabriel para me substituir, mas eu ainda estava orientando alguns alunos e dando um curso. No começo do primeiro semestre, recebi um e-mail de um velho amigo aqui de Oxford. Ele me disse que nosso ex-professor John Hutton estava internado, mor-

rendo de câncer.

– Conheço o trabalho do professor Hutton –

disse Julia. – Ele foi uma das fontes que usei para escrever o artigo.

– O Velho Hutton provavelmente se esqueceu de

m ais inform ações sobre Dante do que eu j am ais saberei. – Katherine assum iu um a expressão

quase m elancólica. – Quando recebi a notícia de que ele estava m orrendo, m eu curso j á havia com eçado. E eu tinha concordado em dar um a série de palestras sobre Dante e os sete pecados capitais para o canal de televisão CBC. Fui falar 201/1201

com Jerem y e perguntei se seria possível tirar um a sem ana de folga e vir para cá.

O olhar incisivo de Katherine não deixava passar quase nada e ela sem dúvida notou o espanto de Julia diante da m enção ao nom e do professor Martin.

– Jerem y foi um aliado de vocês no ano passado. Ele se esforçou ao m áxim o para aj udar Gabriel, m as, no fim das contas, havia um lim ite para o que podia fazer.

Julia se rem exeu na cadeira.

– Sem pre m e perguntei por que o professor

Martin aj udou Christa a conseguir um a transfer-

ência para a universidade onde ele próprio

estudou. Correram boatos de que os dois estariam envolvidos.

– Boatos prej udicam as pessoas. E, às vezes, a pessoa prej udicada é inocente. Muito m e adm ira que você, Sra. Em erson, tenha dado ouvidos a fofocas sobre o professor Martin.

202/1201

Julia ficou desconcertada.

– Me desculpe. A senhora tem toda a razão.

– Conheço Jerem y e a esposa há anos. Acredite, Christa Peterson não cham aria a atenção dele nem que estivesse nua, segurando o m anuscrito original do *Decameron* e um a caixa de cervej a.

Julia reprim iu um a risada diante da descrição criativa da professora Picton.

– Dois dias depois de eu ter explicado m inha situação, Jerem y entrou

em contato com Gabriel.

Na mesma hora ele se ofereceu para assumir meu curso e todas as minhas responsabilidades enquanto eu estivesse afastada.

– Não sabia disso.

Katherine inclinou a cabeça de lado.

– Mas não deveria ficar surpresa. Parece que

Gabriel gosta de manter suas boas ações em segredo, mas o fato de ele fazer coisas assim não é nada espantoso. Quando se ofereceu para mim e

ajudar, ele estava no seu primeiro ano com o 203/1201

professor-assistente; tinha acabado de concluir o doutorado. Foi muita gentileza dele, especialmente em se tratando de alguém que eu mal conhecia. No fim das contas, fiquei afastada até depois do Natal, deixando tudo nas costas dele por quatro longos meses. Depois, quando voltei para casa, ele se mostrou um grande amigo. Então, como pode ver, tenho uma dívida com Gabriel.

– Estou certa de que ele ficou feliz em ajudá-la, professora. Depois de tudo o que a senhora fez por nós, essa dívida está mais do que perdoada.

Katherine fez uma pausa, olhando em volta, pensativa.

– Gabriel me disse que você é uma admiradora dos Inklings.

– Sou, sim. A senhora os conheceu?

– Encontrei Tolkien uma vez, quando criança.

Meu pai era especialista no poema épico

“Beowulf” na Universidade de Leeds, e ele e

204/1201

Tolkien costumavam se corresponder. Fiz uma viagem de trem com meu pai para visitá-lo.

– Com o ele era?

Katherine se recostou na cadeira e olhou para o teto.

– Gostei dele. Na época, sim, pensei que o achei velho, com o meu pai. Mas me lembrei de que ele me convenceu a lhe contar uma história que eu tinha inventado sobre uma família de texugos que vivia atrás da nossa casa. Ele pareceu ficar encantado. – Katherine gesticulou para o canto em

que elas estavam sentadas. – Era bem aqui que os Inklings se reuniam
.

Julia demorou-se examinando o espaço ao

redor. Quando criança, escondida em seu quarto com uma pilha de livros da série de Nárnia, ela já jamais teria imaginado que um dia estaria no mesmo lugar em que Lewis se sentara. Era um verdadeiro milagre.

205/1201

– Obrigada por me trazer aqui. – Sua voz quase ficou presa na garganta.

– O prazer é meu.

A expressão de Katherine mudou.

– Demorei quase um semestre inteiro para conseguir ver o Velho Hut. Quando cheguei a Ox-

ford, a esposa dele proibiu minha entrada no hospital. Passei semanas indo até lá todos os dias, na esperança de convencê-la a me ouvir de ideia, torcendo para ele não morrer antes que eu pudesse vê-lo.

– Com o alguém pode ser tão cruel?

– Você ainda pergunta isso depois do Holo-

causto? Depois de incontáveis casos de genocí-

dio? Os seres humanos podem ser incrivelmente cruéis. No caso do Velho Hut, a crueldade foi toda minha e paguei por isso. Mas, naquele

semestre, a Sra. Hutton teve a chance de cobrar sua vingança, com

juros.

– Sinto muito.

206/1201

A professora Picton a descartou com um gesto da mão.

– Gabriel me deu a chance de reaver a minha paz. Nunca conseguirei lhe retribuir, o que significa que me sinto especialmente responsável por vocês.

– A senhora conseguiu ver seu amigo?

– A tia da Sra. Hutton ficou doente. Enquanto ela a visitava, consegui ver o professor. A essa altura, ele já estava à beira da morte, mas as conseguimos conversar. – Katherine fez um a pausa. –

Voltei para Toronto e superei minha depressão.

Mas nunca contei a Gabriel a história toda, nem por que era tão importante para mim ver John antes que ele morresse.

Ela franziu os lábios, parecendo em dúvida se deveria prosseguir ou não. Então deu de ombros.

– Todos os envolvidos estão mortos, exceto eu.

Não faz mais sentido antes segredo. – Ela olhou para Julia por sobre seu copo. – Não espero que 207/1201

you esconda coisas do seu marido, mas as peço que seja discreta.

– Naturalmente, professora.

Katherine passou os dedos envelhecidos ao

redor do copo de cerveja.

– O Velho Hut e eu nos envolvemos quando eu

era aluna dele e depois disso, durante o tempo em que eu dava aulas em Cambridge. Ele era casado.

Para minha sorte, ninguém descobriu nada enquanto eu morava aqui em Oxford. Mas, com o passar do tempo, surgiram boatos, e eles me perseguiram por dez anos.

Julia ficou boquiaberta.

Katherine a encarou, seus olhos azuis brilhando com o que poderia ser divertim ento.

– Vej o que está surpresa. Mas nem sem pre fui tão velha. Na m inha época, era até considerada

atraente. E será que isso é m esm o tão espantoso?

Duas pessoas trabalham j untas em algo por que são apaixonadas e essa paixão tem que ir para 208/1201

algum lugar. Dante fala disso ao descrever Paolo e Francesca.

Katherine voltou a pôr os óculos no rosto.

– Quando estava tentando assum ir um cargo

acadêm ico, as fofocas ficaram ainda m ais m aldo-sas. Entre m inhas colegas, havia quem sentisse ciúm es da atenção que o Velho Hut m e dedicava e do fato de eu ser claram ente sua preferida.

Mesm o sem provas do nosso *amour*, essas pessoas com eçaram a espalhar boatos de que ele era o

verdadeiro autor da m inha pesquisa. Na verdade, alguém chegou a escrever para a Universidade de Cam bridge depois de eu ter m e candidatado a um em prego lá afirm ando que o Velho Hut só havia escrito um a carta de recom endação para m im porque estavam os dorm indo j untos.

Julia riu.

Então tapou a boca com a m ão.

– Sinto m uito. Isso não é nada engraçado. Os olhos de Katherine brilharam .

209/1201

– Claro que é. Você deveria ter visto a carta de recom endação dele. Ele escreveu: *A Srta. Picton é uma competente pesquisadora na área de estudos sobre Dante*. Pelo am or de Deus, eu era am ante dele! Não acha que o Velho Hut poderia ter se dado o trabalho de escrever m ais de um a frase?

Julia a encarou horrorizada, e a professora Picton deu um a risadinha.

– Hoje e em dia consigo achar graça, mas me senti infeliz por vários anos. Eu era apaixonada por um homem casado e lá estava não tendo só para mim. Não pude me casar nem ter filhos.

Assim que comeci a apresentar minha pesquisa, os boatos perderam força. Quando as pessoas

ouviram minhas palestras e viram que eu discorria do Velho Hut em alguns pontos, perceberam

que eu sabia do que estava falando. Trabalhava

bastante duro para fazer meu nome e sair da sombra dele. É por isso que, no momento em que ele estava me orrendo, a única pessoa que sabia o 210/1201

que havia acontecido entre nós dois era a sua esposa.

Katherine fitou Julia com um olhar firme.

– Fiz o melhor que pude para desacreditar a

Srta. Peterson esta manhã e continuarei a fazê-lo.

Mas, mesmo que eu fracasse, com o tempo todos voltarão suas atenções para o mais recente escândalo. Quando tiver seu cargo na universidade, os boatos já terão sido esquecidos.

– Ainda faltam seis anos para isso, professora.

A professora Picton sorriu.

– Levando em conta o que compartilhei com

você esta noite, acho que deveria me chamar de Katherine.

– Obrigada, Katherine. – Julia retribuiu o sorriso tímido.

– Você pode ajudar as pessoas a esquecerem as fofocas sendo excepcional no que faz. Se provar o seu valor, nenhuma fofoca no mundo poderá

diminuí-lo. Talvez precise se esforçar mais do 211/1201

que as outras pessoas, mas me parece que você tem medo de

trabalhar duro. Ou estou enganada?

– Não, não tenho medo.

– Ótimo. – Katherine se recostou na cadeira. –

Meu próximo conselho será um pouco mais difícil de ouvir.

Julia se preparou para o impacto das palavras seguintes.

– Você precisa ser mais assertiva, acadêmica enquanto falando. Compreendo que seja a primeira e seja a sua natureza evitar confrontos. Mas, no meio acadêmico, não pode agir assim. Quando apresentar um artigo e for contestada por alguém, precisa contestar de volta. Não pode aceitar calada as críticas equivocadas ou maliciosas, sobretudo em público. Entende isso?



– Não acho que eu tenha problemas em defender meus pontos de vista nas apresentações. A professora Marinelli tem ficado satisfeita.

212/1201

– Que bom. Meu conselho para amanhã é: seja você mesma. Seja brilhante. Seja excepcional. E

não se permita ser devorada por lobos.

Julia arregalou os olhos diante daquelas palavras, mas ficou calada.

– Também não deve deixar que seu marido a

defenda. Isso faz você parecer fraca. Precisa defender a si mesma e as suas ideias se quiser ter sucesso. Gabriel não vai gostar disso, mas você precisa mostrar que, quando ele vem em seu auxílio, faz você parecer desamparada. O cavalheirismo está morto na academia.

Julia assentiu, um pouco insegura.

Katherine terminou a cerveja.

– Agora, vamos ver se Gabriel conseguiu encantar aquela velharada da Sociedade Dante Alighieri de Oxford a ponto de eles se esquecerem

do que ouviram esta m anã. – Ela deu um a piscadela. –

Se bem que, para alguns deles, o que ouviram só serviria para torná-lo ainda m ais atraente. Tem o 213/1201

que seu m arido sej a m uito m ais interessante do que eles possam im aginar.

Gabriel utilizou o tem po longe de Julianne com sabedoria. Foi com velhos am igos e recém -conhecidos ao pub The King's Arm e pôs toda a sua lábia em ação. Ao fim de um a hora, tinha conseguido dar a m eia dúzia de especialistas em Dante m otivos para acreditarem que Christa

Peterson não passava de um a ex-aluna ciumenta e que ele e Julia eram vítimas de difamação.

Assim , seu humor estava bem melhor quando se juntou à professora Picton e a Julia para jantar.

Conforme o vinho fluía, Katherine falava com desenvoltura, enquanto Gabriel se empenhava

em manter o ritmo da conversa.

Julia estava calada, mais até do que o normal, e seus grandes olhos pareciam cansados. Ela mal 214/1201

tocou na com ida nem se sentiu tentada a pedir sobre ela. Estava claro que os acontecimentos do dia tiveram um custo alto.

Quando ela pediu licença para ir ao banheiro, Katherine lançou um olhar preocupado para

Gabriel.

– Ela precisa descansar. A pobrezinha está

exausta.

– É verdade. – Gabriel tinha uma expressão

pensativa,

mas

não

teceu

m ais

nenhum

com entário.

Katherine m eneu a cabeça para a taça de vinho vazia dele.

– Você parou de beber.

– Sim , parei. – Ele abriu um sorriso paciente.

– Não é m á ideia. Eu tam bém tenho m eus per-

íodos de abstinência. – Ela lim pou a boca com o guardanapo. – Você
aceitaria um conselho m aternal de alguém que não é sua m ãe?

Gabriel se voltou para ela bruscam ente.

215/1201

– Sobre o quê?

– Às vezes fico preocupada com sua capacidade de lidar com seus
detratores. Ainda m ais agora que está casado.

Ele com eçou a discordar, m as Katherine o

interrom peu:

– Estou velha, posso m e com portar com o bem entender. Mas você
não pode ser o defensor de Julianne no m eio acadêm ico. Quando sai
em defesa dela, faz com que ela pareça fraca.

Gabriel dobrou seu guardanapo e o pousou na

m esa.

◆◆◆

– O incidente desta m anã com Christa

Peterson não serve de parâm etro. Ela tentou

destruir nossas carreiras.

– Exatamente. Mas, mesmo nesse caso, acredito que você tenha causado mais mal do que bem.

Gabriel franziu a testa e Katherine decidiu

imprimir de tática:

216/1201

– Nós somos os bons amigos, eu e você. Gosto de pensar que, se tivesse um filho, ele teria sua inteligência e seu talento.

A expressão dele se suavizou.

– Obrigado, Katherine. Sua amizade é muito

importante para mim.

– Eu dei alguns conselhos a Julianne. Tenho

certeza de que ela irá lhe contar tudo sobre a nossa conversa. Mas, antes que ela volte, quero que pense sobre o que eu acabei de dizer. Ela é uma jovem boa e muito inteligente. Deixe-a brilhar.

– É tudo o que quero – respondeu ele, fitando as próprias mãos.

Seus olhos foram atraídos pela luz refletida em sua aliança e ele a observou por alguns instantes.

– Ótimo. – Katherine bateu com o dedo na

mesa, com o se quisesse encerrar o assunto. – Espero ser convidada para jantar na casa de vocês quando for dar minhas palestras em Harvard, em 217/1201

janeiro. Greg Matthews sempre me leva a um daqueles pavorosos restaurantes de gastronomia molecular onde servem entradas preparadas em nitrogênio líquido. Nunca sei se estou jantando ou fazendo um a prova de química inorgânica.

Depois do jantar, Gabriel insistiu que eles acom-

panhassem Katherine até o All Souls College, onde ela estava hospedada. Ao chegar lá,

despediram-se e combinaram se encontrar para tomar café.

– Às oito e m eia em ponto – falou Katherine,

dando tapinhas no relógio de pulso. – Não se atrasem .

– Nem sonhando. – Gabriel fez um a m esura.

– Até parece.

Com um aceno, ela desapareceu atrás da grande porta de m adeira, que se fechou atrás dela.

218/1201

Os dois ficaram sozinhos ali e Gabriel pegou a m ão de Julia, notando que seus dedos tinham ficado gelados. Ao tentar aquecê-los, tocou sua aliança e seu anel de noivado.

– Sei que está cansada – disse ele. – Mas gostaria de lhe m ostrar um a coisa. Não vai dem orar nada.

Ele a conduziu ao redor da Radcliffe Cam era, a grandiosa construção circular que se tornara um ícone da universidade. O céu estava escuro, sem luar, m as algum as luzes ilum inavam a im pres-sionante estrutura.

Ao se aproxim arem dela, ele apertou a m ão de Julia.

– Eu costum ava passar m uito tem po andando

em volta deste prédio. Sem pre tive grande adm ir-ação por ele.

– É fantástico.

Julia exam inou com entusiasmo a arquitetura, a interação entre pedra, cúpula e pilares. O céu 219/1201

estava negro com o nanquim e o dom o quase

parecia brilhar contra esse pano de fundo.

Gabriel levou as m ãos às faces de Julia, aninhando o rosto dela.

– Quero conversar sobre o que aconteceu hoje e de m anã.

Ele sentiu a tensão dela sob seu toque. Seus olhos buscaram os dela e ele roçou os polegares com carinho pelas suas m açãs do rosto.

– Me perdoe por ter constrangido você – disse ele.

– Sei que a princípio não foi fácil para você dar as costas e se afastar de Christa. Mas, no fim das contas, conseguiu. E eu lhe

agradeço por isso. –

Os olhos negros dela cintilaram . – Você ainda gosta de brigar.

Gabriel tomou as mãos dela nas suas e as trouxe para junto do peito.

220/1201

– Gosto de brigar com os outros, não com você.

Christa é perigosa. A única maneira de lidar com pessoas com o ela é confrontando-as.

Julia ergueu o queixo.

– Às vezes é preciso deixar quem é ruim se

queimar sozinho. Ou pelo menos dar a chance a quem está sendo atacado de decidir por conta própria o que deve ser feito.

– Eu posso fazer isso. Ou posso pelo menos

tentar.

– É tudo que lhe peço. – Julia roçou os lábios nos dele. – Lamento que ela tenha falado da professora Agonia. Não fazia ideia de que elas se conheciam .

Gabriel fechou os olhos. Ao abri-los, estavam angustiados.

– Eu assumo o meu passado. Mas o deixei para

trás. Será que preciso ser lembrado dele para sempre?

– Sinto muito.

221/1201

Julia passou os braços pelas costas dele, colando seu peito no de Gabriel.

Eles ficaram calados por alguns instantes, então Gabriel enterrou o rosto no pescoço dela,

abraçando-a com força.

– Caravaggio – disse Julia.

– Com o é?

– Estava me lembrando do que você disse sobre o quadro dele que retrata São Tomé e Jesus, com as nossas feridas podem sarar, mas as cicatrizes ficam para sempre. Você não pode apagar o passado, só não precisa ser controlado por ele.

– Eu sei disso. Mas ninguém gostaria que suas experiências sexuais fossem alardeadas para seus



colegas de trabalho.

– Bem, qualquer pessoa que o julgou com base em velhos boatos não é sua amiga. – Ela recuou para olhar nos olhos de Gabriel. – Nós, que conhecemos você, vamos ignorar esse tipo de fofoca.

222/1201

– Obrigado. – Ele beijou a testa de Julia antes de fitá-la nos olhos. – As pessoas e as circunstâncias vão conspirar para nos afastar um do outro, Julianne.

Não podem os permitir isso.

– E não vamos os permitir.

– Não tive intenção de ignorá-la. Você é a coisa mais importante da minha vida – sussurrou ele.

– E você a da minha.

Ela uniu sua boca à dele, sentindo o movimento de seus lábios molhados.

Longe dali, o professor Giuseppe Pacciani gemeu de prazer e se deixou cair sobre o corpo dela

antes. O sexo com ela era sempre magnífico e dessa vez não foi diferente.

Ele balbuciou algumas palavras em italiano, com o sotaque de costume. Mas,

em vez de recebê-las de 223/1201

bom grado, ela o em purrou de cim a de si e rolou para o lado.
Infelizm ente, isso não era incom um .

– *Cara?*

Christa Peterson cobriu seu corpo nu com o
lençol.

– Vou precisar do quarto am anã à noite. Você vai ter que arranjar
outro lugar para dorm ir.

Com um xingam ento, Giuseppe pousou os pés
descalços no chão e foi ao banheiro j ogar a cam -
isinha fora.

– Este quarto é m eu.

– Não – rebateu ela. – É m eu. Você sem pre

paga a m inha hospedagem . E eu vou receber convidados am anã à
noite.

Giuseppe voltou para a cam a e logo ela estava debaixo dele de novo,
seus braços apoiados ao lado dos om bros de Christa.

– Já vai levar alguém para a cam a? Os lençóis
ainda vão estar quentes.

Os olhos negros dela faiscaram .

224/1201

– Não venha m e j ulgar. Você é casado. Não é da sua conta com quem
eu trepo.

Ele se inclinou para beij á-la, seus lábios insistindo até ela abrir a
boca.

– Que boca suj a, Cristina.

– Você adora quando falo suj eira.

Ele suspirou e um sorriso m alicioso se abriu em seu rosto.

– Si.

Ele se virou de costas, arrastando-a j unto.

– Quero m e levantar. – Christa tentou se des-vencilhar dele.

– Não.

Ela se debateu, m as Giuseppe não estava dis-

posto a soltá-la. Por fim , ela cedeu, descansando a cabeça no peito dele.

Giuseppe brincou com seus cabelos. Isso fazia parte do acordo entre eles. Depois do sexo,

Christa precisava deixar que ele a abraçasse.

225/1201

Talvez ele fizesse isso só para se convencer de que havia algo de afetuoso na relação. Ou talvez para não se sentir um adúltero totalm ente in-escrupuloso. Qualquer que fosse o m otivo, ela sem pre resistia por alguns instantes, em bora no fundo gostasse de ser abraçada.

– Foi um a surpresa ter notícias suas, Cristina.

Devíam os ter nos encontrado um ano atrás. Você nunca retornou m eu contato.

– Estava ocupada.

Ele levou as pontas dos cabelos negros dela ao nariz, inalando seu perfum e.

– Eu bem que estava m e perguntando por que

you insistiu que eu a trouxesse com igo. Você queria vingança.

– Estam os os dois conseguindo o que

querem os.

Ele parou de m exer os dedos.

– Cuidado, Cristina. Você não vai querer ter a

professora Picton com o inimiga.

226/1201

– Não estou preocupada com isso.

Pacciani praguejou.

– Você não entende como o funcionam as in-

dicações no meio acadêmico? A professora Picton tem admiradores espalhados por departa-

mentos no mundo todo. A diretora do seu de-

partamento em Colúmbia foi aluna dela.

– Não sabia disso – respondeu Christa, encol-

hendo os ombros. – Tarde demais. Ela já está puta com isso.

Pacciani segurou o queixo de Christa de um

jeito rude, forçando-a a encará-lo.

– Sou responsável por você agora. Então você

vai parar com isso. Estou tentando conseguir uma vaga nos Estados Unidos e não quero que a professora Picton me atrapalhe.

Christa ficou calada por alguns instantes, examinando

a expressão ameaçadora do professor.

– Está bem – disse ela, com um biquinho. – Mas preciso do quarto amanhã à noite.

227/1201

– *Va bene.*

Ele soltou o queixo dela e voltou a alisar seus longos cabelos negros.

– Qual é o nome dele?

– De quem?

– Do homem que fez você ficar assim.

Os m úsculos de Christa se retesaram sob os dedos dele.

– Não sei do que você está falando.

– Sabe, sim , *tesoro*. Foi seu papai? Ele por acaso...

– Não. – Ela o fitou com um olhar furioso. –

Meu pai é um bom hom em .

– *Certo, cara. Certo.* Durante todo esse tem po que nos conhecem os, você sem pre teve am antes,

m as nenhum pretendente. Deveria estar casada, com filhos. Mas, em vez disso, vai para a cam a com hom ens m ais velhos em troca de presentes caros.

228/1201

– Não vou para a cam a com você por causa dos seus presentes. Vou para a cam a com você

porque gosto de sexo.

Ele riu.

– *Grazie.* Mas, ainda assim , você sem pre precisa ganhar presentes. –

Giuseppe colou os lábios à

testa dela. – Por quê?

– Gosto de coisas bonitas. Isso não é crim e. E eu valho a pena.

– Sabe o que eu acho, *tesoro*?

– Pare de m e cham ar assim . – Ela tentou se afastar.

Giuseppe passou a m ão pela nuca de Christa,

segurando-a no lugar.

– Você não acha que valha a pena e é por isso que exige presentes. Triste, não?

– Não quero sua piedade.

– Mas a tem assim m esm o.

– Então você é um idiota.

Ele a segurou com mais força.

229/1201

– Você transa com padres e homens mais velhos e casados porque tem medo do que pode

acontecer se for para a cama com alguém que não seja com prometido.

Ela se debateu nos braços dele.

– Desde quando você é psicanalista? Não pro-

jeite suas neuroses em mim. Pelo menos não estou traindo minha esposa.

– *Attenzione, Cristina.* – Seu tom era de alerta.

– Quem é o homem com quem vai trepar amanhã à noite? Um padre? Um professor?

Ela o encarou por alguns instantes, depois correu um dedo pelo seu lábio inferior.

– Quem disse que é um homem?

Giuseppe a fitou com um olhar voraz.

– Então espero que a dívida comigo.

CAPÍTULO ONZE

– Acorde, querida. – Gabriel correu o polegar pelas sobrancelhas de Julia. – Você precisa se

♦ ♦ ♦

arrumar.

Ela enterrou o rosto no travesseiro e balbuciou algo ininteligível.

Ele riu, pensando em como ela ficava linda

daquele jeito.

– Vam os, você precisa tomar banho antes que um dos nossos vizinhos ocupe o banheiro.

– Vá você primeiro.

– Já tomei banho, fiz a barba e me vesti,
querida.

Ele deslizou as costas da mão pela espinha nua de Julia, e sentiu um grande prazer ao vê-la estremecer.

231/1201

– Você me me antevia acordada até muito tarde –
resmungou Julia.

– Se não se apressar, Katherine vai ficar
zangada conosco.

– Não vou tomar banho. Posso dormir mais um pouco.

Gabriel a virou de barriga para cima e esfregou o nariz em sua clavícula, inalando seu aroma.

– Você está cheirando a sexo – sussurrou ele, sua língua despontando da boca para provar a
pele dela. – E a mim.

– É por isso que não vou tomar banho. Nosso
sexo de reconciliação foi incrível e quero me lembrar
dele.

Gabriel precisou de todo o seu autocontrole

para não puxar os lençóis de cima de Julia e fazer sexo selvagem e
passional (e que deixa cheiro)

com ela. Mas se apressou em conter seus
impulsos.

232/1201

– Você não pode dar um a palestra em Oxford

cheirando a sexo.

– Isso é um desafio?

Gabriel tirou o relógio de pulso. Então olhou para a esposa.

Em seguida, despiu todas as suas roupas e

começou a fazer sexo pré-conferência – selvagem, passional e que
deixa cheiro (apesar de rápido).

Os Em ersons saíram atrasados para o All Souls College. Enquanto cam-
inhavam até lá a passos rápidos, Julia contou a Gabriel a história entre
Katherine e o Velho Hut.

Ele ficou surpreso. Já tinha ouvido falar do professor Hutton, mas
nunca o conhecera. Pelo jeito, ele era um cafajeste.

233/1201

(Imagino quanto cafajeste Hutton foi, levando em conta o passado do
professor que fazia tal

julgamento.)

Gabriel estava grato pelo apoio da professora Picton e lhe disse isso
durante o café da manhã no All Souls, expressando sua esperança de
que Christa abrisse espaço da oportunidade de causar problemas para
Julia durante a palestra.

– Bobagem – falou Katherine. – Julianne tem a situação sob controle e
o melhor que podem os fazer é deixá-la cuidar das coisas.

Julia sorriu com bravura, brincando com o

cordão de prata que Gabriel lhe dera em

Selinsgrove.

Quando entraram no St. Anne's College depois do café, Gabriel
enlaçou Julia pela cintura,

abraçando-a.

– Você está linda. E vai arrasar.

Ela baixou os olhos para seu terninho azul-m arinho e os sapatos de salto alto básicos, da m esm a 234/1201

cor. Gabriel queria que ela usasse Prada ou

Chanel, m as Julia não se sentia à vontade ostent-ando o dinheiro dele. Preferia que as pessoas se concentrassem em sua pesquisa, e não em suas roupas. Então com prou um conj unto sim ples de blazer e saia na Ann Tay lor e um m odesto par de sapatos na Nine West. Mesm o assim , levando em conta o m odo com o alguns dos presentes se vestiam (com exceção de Christa Peterson), ela ainda sentia que havia exagerado um pouco na

produção.

Debaixo das roupas, sabia que usava o perfum e de Gabriel e o corpete que ele com prara para ela, o que reforçava consideravelm ente sua confiança.

– Vou buscar um café. O que você quer? – perguntou ele com um sorriso, soltando-a.

– Um a garrafa d’água, por favor. Vou m e sent-ar, se você não se im porta.

– De m odo algum . Encontro você lá dentro.

235/1201

Julia retribuiu o sorriso e entrou no auditório sozinha.

Gabriel trocou am enidades com alguns colegas antes de ir em direção à m esa de bebidas. Quando term inou de servir seu café e pegou a garrafa d’água, todos j á haviam saído.

Ou pelo m enos foi o que ele pensou.

– Olá, professor.

A voz provocante atrás dele cham ou sua atenção. Ao se virar, Gabriel deparou com Christa pairando ao seu redor com o um a assom bração.

– O que você quer? – perguntou ele, ríspido,
com uma expressão homicida no rosto.
– Você queria falar comigo ontem . Então...
fale.

Gabriel correu os olhos pelo espaço vazio,
perguntando-se se era possível ouvi-los do
auditório.

236/1201

Christa se aproximou dele mais do que o apropriado e fechou os
olhos, inspirando fundo.

Quando tornou a abri-los, estavam vorazes.

- Você cheira a sexo.
- Não faça seus joguinhos comigo. Quero que pare de nos difamar.
- Isso não vai acontecer.
- Então irei processá-la.

Algo passou rapidamente pelo rosto de Christa, mas ela logo mudou
de expressão, abrindo um sorriso.

- Por quê? Por falar a verdade?
- Não há verdade nenhuma nas suas calúnias.

Você não foi assediada em Toronto. E Julia faz a própria pesquisa, o
que é óbvio para qualquer pessoa que tenha metade de um cérebro.

O som de uma risada ecoou pelo recinto, vindo do auditório. Gabriel
se virou naquela direção.

Christa ergueu a voz para recuperar sua
atenção:

237/1201

– Você está se esquecendo da parte em que trepou com um a das alunas e foi obrigado a tirar um a licença. É um a história interessante. Isso sem considerar que a professora Singer tinha m uita coisa a dizer a seu respeito. Pena que ela não tirou fotos. Eu bem que gostaria de ter um a.

Ela ergueu a m ão para lim par um a suj eira im aginária da lapela do terno azul-m arinho de

Gabriel.

Ele agarrou sua m ão e a apertou. Com força.

– Você está brincando com fogo.

Christa se aproxim ou ainda m ais, levando a

boca a poucos centím etros da dele.

– Ah, espero que sim , professor.

Gabriel a soltou com repulsa, recuando e

lim pando as m ãos com o se tivessem sido contam inadas. Lançando outro olhar na direção do auditório, decidiu dar um fim àquele confronto.

– Mantenha a boca fechada. Ou vou tornar sua

vida um inferno.

238/1201

– Não há por que ser hostil. O poder de acabar com isso está em suas m ãos. – Christa gesticulou para a virilha dele, e seus lábios se voltaram para cim a em um sorriso apreciativo. – Na verdade,

está um pouco m ais abaixo.

Ele m urm urou um xingam ento e com eçou a se afastar, m as ela o seguiu.

– Venha ao m eu hotel e am anhã não precisará m ais se preocupar com m inha boca talentosa. –

Ela pousou a m ão em seu braço, baixando a voz

até um sussurro sedutor: – *Eu conheço você*. Sei do que gosta e o que quer.

Vam os trepar a noite

inteira e depois cada um seguirá o seu cam inho.

Ele afastou sua mão com um gesto brusco.

– Não.

– Então a culpa do que acontecer depois será

toda sua.

Gabriel deu um passo na direção dela.

– Fique longe da minha esposa, está me

ouvindo?

239/1201

– Estou no Malm aison. Ele já foi um a prisão, o que deve soar tentador para você. – Christa ficou na ponta dos pés para levar os lábios à orelha dele. – Eu trouxe algem as.

Gabriel estava ocupado demais em purrando-a

para longe para perceber que ela havia posto algo no bolso do seu paletó.

Com um sorriso afetado, acenou para ele.

– Esta noite é sua única chance. Venha antes da meia-noite.

Ela se virou em seus saltos altíssimos e se afastou, rebolando de forma sedutora. Então, como se tivesse acabado de se lembrar de algo, parou e olhou para ele por sobre o ombro.

– Ah, minha deusa branca minha à sua esposa.

CAPÍTULO DOZE

Alguns minutos depois, Gabriel corria os olhos pela plateia do auditório, procurando Julia. Seus olhos se arregalaram ao ver a cena que se desenrolava bem em frente ao palco. Julia estava sendo

abraçada. Por alguém grande. Por um hom em .

Um hom em ... bonito.

Gabriel correu para chegar à frente do salão.

Observou Julia se afastar do hom em , o rosto feliz, seu lábios desejáveis curvados num sorriso.

O hom em tirou os braços da cintura dela com relutância, antes de dizer algo que a fez rir.

Gabriel estava pronto para estrangular aquele suj eito e depois desafiá-lo para um duelo.

Enquanto ele se aproximava, os olhos de Julia

encontraram os seus. O hom em se voltou na direção do olhar dela.

241/1201

Gabriel parou de andar.

– *Papa-anjo*.

– O quê?

Paul Norris estreitou os olhos para seu antigo orientador, sem saber ao certo se tinha ouvido o que achava que tinha ouvido. Ele sem dúvida

tinha alguns apelidos preferidos para o professor e quase nenhum era elogioso.

Papa-alunas, pensou Paul.

– Esta conferência está ficando cada vez melhor

– resmungou Gabriel antes de se esticar, revelando sua imponente altura de quase 1,90 m de altura.

– Professor Emerson. – Inconscientemente,

Paul flexionou os bíceps e estufou o peito.

– Paul. – Gabriel foi para o lado de Julia,

possessivo, entregando-lhe a garrafa d'água.

– Cum prim entem -se com um aperto de m ãos, cavalheiros. – Ela franziu o cenho, alternando olhares entre o am igo e o m arido.

Os dois aceitaram a sugestão sem entusiasmo.

242/1201

– Não sabia que você vinha. – Gabriel encarou Paul com um olhar incisivo.

– Eu não vinha. Mas um dos palestrantes não

pôde com parecer, então fui convidado pela professora Picton. Vou apresentar minha palestra logo antes de Julia.

Julia sorriu.

– Que ótimo. Parabéns.

Paul ficou radiante.

– Posso convidá-la para almoçar? – perguntou ele, concentrando-se exclusivamente nela.

– É uma pena, mas ela já tem outros planos.

Julia lançou para o marido algo que só poderia ser chamado de *olhar*, antes de assentir para Paul.

– Adoraria almoçar com você. Obrigada.

Gabriel segurou o cotovelo da esposa.

– Não creio que isso seja apropriado –

marmurou.

– *Querido* – sussurrou ela, em tom de alerta.

243/1201

– Olá, Sr. Norris – interrompeu Katherine. Ela apertou a mão de Paul com firmeza antes de se voltar para Gabriel. – O Sr. Norris e eu vamos jantar juntos hoje à noite. Gostaria que você e Julianne se juntassem a nós.

– Seria um prazer – falou Gabriel, com a voz tensa. – Já que vamos

antar j untos esta noite, Sr.

Norris, reservo-me o direito de almoçar com a minha esposa. – Ele sorriu, revelando todos os seus dentes brancos com a porcelana.

– Amor, posso dar um a palavrinha com você? –

pediu Julia. Então voltou-se para Katherine e Paul. – Voltam os num instante.

Julia pegou a mão de Gabriel e o conduziu até um canto reservado do salão.

– Quero almoçar com ele.

– Só por cima do meu cadáver. – Gabriel

cruzou os braços na frente do peito.

– Ele é um velho amigo.

– Um velho amigo que já beijou você.

244/1201

– Isso foi quando você me abandonou. E, com o devido tempo, eu o rejeitei. – Ela também cruzou os braços, imitando a postura dele.

Gabriel fechou a cara.

– Ele quer você.

– Paul nunca daria em cima de uma mulher

casada. É só um almoço. Então eu lhe peço, por favor: não transforme isso em um problema.

– Mas é um problema.

– Não o vejo há um ano. Quero conversar com ele, saber como está. Talvez tenha voltado com a Allison.

– Ele ainda é apaixonado por você.

– Não é, não.

Gabriel a pressionou, baixando a voz:

– Você se esquece de que m ulheres bonitas, inteligentes e boas são fáceis de encontrar. Um

hom em faria qualquer coisa para ter um a m ulher com o você. Inclusive roubá-la do m arido.

Julia em pertigou-se.

245/1201

– Você se esquece de que, quando um a m ulher encontra um bom hom em , que a am a e a faz feliz, ela não sai traindo-o por aí.

Gabriel se encolheu.

Antes que pudesse evitar, seu olhar cruzou com o de Christa, que o provocava, alternando olhares entre ele e Julia com um a expressão convencida.

Gabriel voltou a olhar para a esposa e

descruzou os braços.

– Está bem , m as não gosto disso.

Julia se pôs na ponta dos pés e deu um beij o no rosto dele.

– Posso conviver com isso. Obrigada.

Poucos m inutos depois, Gabriel se viu na

desconfortável posição de ter que ver sua esposa se sentar ao lado do Papa-anj o, enquanto ele se acom odava do outro lado dela. Julia e o am igo trocaram algum as palavras bem -hum oradas antes de as palestras com eçarem , e Gabriel se ressentiu de cada um a delas.

246/1201

Esta conferência é como uma jornada pelos vári-os níveis do Inferno, pensou.

A única coisa que falta é um Virgílio respeitável e hordas de pessoas aos gritos.

Um a coisa era suportar os ataques e as investidas da Srta. Peterson. Outra bem diferente era ver a esposa nos braços de outro hom em . E do Papa-anj o, ainda por cim a.

Num a tentativa de se acalmar, Gabriel com eçou a recitar a oração de São Francisco em italiano.

Ele sabia que deveria contar a Julia sobre seu confronto com Christa. Mas também sabia que isso iria aborrecê-la e talvez arruinar sua chance de se apresentar de forma serena e autoconfiante

diante do público. Portanto, guardou os detalhes desagradáveis para si.

Além disso, ele tinha que se preocupar com o Sr. Norris.

Paul tinha sido um bom e fiel amigo de Julia,

sobretudo quando ela mais precisara. Mas 247/1201

também havia tentado conquistá-la, algo que Gabriel entendia, mas nunca conseguiria perdoar.

Queria mais antes Julia o mais longe possível dele.

Mas a expressão no rosto dela ao vê-lo eliminava essa possibilidade. No dia anterior, ela tivera pouquíssimos motivos para sorrir. Gabriel não queria apagar aquele sorriso agora.

Ele com eçou a bater discretamente o pé no chão quando o primeiro palestrante com eçou a falar.

Nem se deu conta do barulho incômodo produzido por seus sapatos italianos até Julia pousar a mão de leve em seu olho.

Ele sacou sua Meisterstück 149 e ficou brincando

com ela, tentando em vão passá-la por sobre os dedos da mão com um só movimento.

Em um esforço para se distrair de uma palestra que jurava já ter ouvido antes, lembrou-se de sua briga bastante pública com Julia, quando ela ainda era sua aluna. Ela o provocara diante de Paul, Christa e do restante da turma. Gabriel 248/1201

ficara constrangido e furioso. Em sua ira, tinha até destruído uma cadeira muito boa da Ikea.

Ele aprendera muito com Julia nesse meio-

tempo, e uma das principais lições tinha sido a importância de

perdoar o próximo e a si mesmo.

Mas as tendências pacifistas de Julia eram exageradas demais. Sem ele, ou alguém com ele, ela seria maltratada e maltratada.

Gabriel a observou, pensativo. Talvez ela tivesse se tornado um pacifista justamente *porque* fora maltratada. Talvez o fato de carregar cicatrizes

lhe trouxesse uma consciência mais aguda do dano que palavras e atitudes cruéis poderiam

causar. Ele refletiu sobre essa conclusão por alguns instantes, fitando-a até ela se remexer, desconfortável, em sua cadeira.

Julianne era linda, com a pele muito branca e os olhos grandes, mas não sabia disso. Não via o que

os outros viam e, em breve, talvez progredido muito desde o início do relacionamento deles, 249/1201

Gabriel sabia que sua autoimagem sem ele seria inferior ao que deveria ser. E era porque tinha consciência disso que tomava o cuidado de

protegê-la, inclusive de si mesmo. Não estava nem um pouco disposto a deixar que o Papa-anjo se aproveitasse da fraqueza dela.

CAPÍTULO TREZE

Janeiro de 2011

Arredores de Essex Junction, Vermont

Paul Norris pisou em um monte de bosta de vaca.

– Merda – exclamou ele, levantando a bota.

Bessie, uma das estimadas vacas Holstein do seu pai, lançou-lhe um olhar contrariado.

– Desculpe, Bessie.

Ele afagou o pescoço da vaca e cometeu a

lim par a bota com um a pá.

De m anã bem cedo, enquanto rem ovía esterco do celeiro, ele refletia sobre o funcionam ento do universo, sobre as leis do carm a e sobre o que sua vida tinha se tornado. Então pensou *nela*.

251/1201

Julia iria se casar com o canalha. Àquela hora do dia seguinte, o casam ento j á teria acontecido.

Era inacreditável.

Depois de tudo por que Em erson a fizera pas-

sar... depois de ter sido tratada de form a tão paternalista, estúpida e controladora. Ela o perdoou.

Pior: não só o perdoou; iria *se casar* com ele.

Em erson, o babaca.

Por quê?

Por que os caras legais sem pre se dão m al?

Por que os Em ersons do m undo sem pre ficam

com a garota?

Não existe justiça no mundo. Ele fica com a garota, enquanto eu fico aqui limpando esterco.

Julia disse que Gabriel tinha m udado, m as, sin-ceram ente, quanto um hom em pode m udar em seis m eses?

Ele estava feliz por não ter aceitado o convite para o casam ento. Ficar lá parado, vendo os dois se olharem nos olhos e fazerem seus votos,

252/1201

sabendo que Em erson iria levá-la para um hotel e...

Paul rosnou com o um hom em apaixonado que

perdera a am ada.

(Pelo m enos ele tinha esterco de sobra com que se ocupar.)

Fora trabalhar na fazenda da família em Vermont porque o pai estava se recuperando de um ataque cardíaco. Apesar da boa recuperação, os médicos o instruíram a evitar qualquer trabalho que envolvesse esforço físico.

Quando saiu do celeiro e voltou para casa, às oito horas, Paul estava ansioso para tomar seu café da manhã. Estava frio e o vento soprava pelas árvores que algum ancestral dos Norrises havia

plantado para proteger do vento a grande casa de fazenda. Até Max, o border collie da família, sentia frio. Ele corria em círculos, latindo para a neve que caía e implorando que o deixassem entrar na

casa.

253/1201

Um carro subiu o longo caminho de entrada,

que vinha diretamente da estrada principal, e parou a poucos centímetros de Paul. Ele logo reconheceu o veículo – um Fusca verde-limão.

Tamara também reconheceu a motorista assim que ela abriu a porta, pousando suas botas de pele de carneiro no solo recém-arrado.

Allison tinha cabelos negros e cacheados, sardas e olhos azuis cheios de energia. Era engraçada, inteligente e dava aulas num jardim de infância em

Burlington. Tamara também era a ex-namorada de Paul.

– Oi – disse ela com um aceno. – Trouxe café.

Paul notou que ela carregava uma bandeja com quatro cafés grandes do Dunkin' Donuts e uma sacola de guloseimas. Ele imaginava que, entre elas, houvesse rosquinha frita coberta de açúcar.

– Entre. Está um gelo aqui fora. – Paul gesticulou em direção à casa com a mão enluvada e seguiu Allison e Max pela neve.

254/1201

Paul deixou as botas e as roupas de frio no hall de entrada e pendurou as luvas em um cabideiro para secarem. Então foi lavar as mãos,

esfregando-as com força debaixo da água quente.

Conseguia ouvir a mãe, Louise, conversando

com Allison em voz baixa na cozinha. Ela não parecia surpresa com a visita de Ali. Paul

começou a se perguntar se a visita era mesmo tão inesperada assim .

Quando chegou à cozinha, a mãe desapareceu

com dois copos de café.

– Com o está o seu pai? – perguntou Allison,

entregando-lhe o copo dele.

Ele tomou um gole, com a intenção de adiar a resposta. O café estava perfeito: preto com dois cubos de açúcar. Ali sabia com o ele gostava.

– Melhor. – A voz de Paul soou tensa. Ele

sentou-se de frente para ela à mesa. – Está sem pre tentando trabalhar e mãe fica dizendo que

255/1201

não. Pelo menos ele não conseguiu sair de casa esta manhã. Ela o impediu a tempo.

– Nós vamos os flores para o hospital.

– Eu vi. Obrigado.

Eles ficaram sentados em silêncio, con-

strangidos, até Allison estender a mão por sobre a mesa para pegar a de Paul.

– Fiquei sabendo do casamento.

Paul ergueu os olhos para ela, surpreso.

– Sua mãe contou para a minha. Elas se encontraram por acaso no supermercado. – Allison revirou os olhos.

Ele balançou a cabeça, mas ficou calado.

– Se lhe servir de consolo, sinto muito. É claro que ela é uma idiota.

– Não é, não. Mas obrigado.

Paul apertou a mão dela. Quis recolher a sua, mas era gostoso segurar a mão de Ali. Era um a

sensação familiar, reconfortante, e só Deus sabia 256/1201

quanto ele precisava ser confortado, então deixou a mão onde estava.

Ali sorriu e tomou um gole de café.

– Sei que não é um bom momento, mas quero que saiba que estou aqui.

Ele se remexeu na cadeira, concentrando-se no café.

– Quer ir ao cinema? – perguntou ela depressa.

– Quero dizer, algum dia. Não agora. Está muito cedo para ir ao cinema. – Allison observou o rosto de Paul e corou.

– Não sei. – Ele soltou a mão dela e se recostou na cadeira.

– Não quero que as coisas fiquem estranhas

entre nós. Somente os amigos há muito tempo e prometemos que continuaríamos sendo. – Ela contornou a borda do seu copo com a unha.

– Só que as coisas estão... complicadas para

minha vida.

Allison arranhou a superfície do copo.

257/1201

– Não quero que você se sinta preso a nada.

Minha intenção é apenas que sejam os amigos. Sei que você está ocupado... e tudo mais.

Ela começou a arrancar pedacinhos do copo de café e a depositá-los ordenadamente sobre a mesa da cozinha.

– Ei. – Paul pegou a mão dela no momento em que Allison rasgava mais um pedaço. – Relaxe.

Ela fitou os olhos dele e o que viu foi aceitação e gentileza. Deu um suspiro aliviado.

Paul tornou a recolher a mão, envolvendo o copo com ela.

– Nós tem os um a história. Um a boa história.

Mas não quero voltar a ter um relacionam ento com você. Seria fácil dem ais.

– Eu nunca fui fácil, Paul. – Allison soou ofendida.

Ele pigarreou e a encarou.

– Eu nunca disse isso. O que quero dizer é que seria tentador voltar ao que nós tínham os antes, 258/1201

seria confortável. Você m erece estar com alguém que se entregue por inteiro, não pela m etade.

Paul se distraiu durante os instantes de silêncio que se seguiram , até perceber que Allison estava esperando por algo.

Ele pestanej ou.

– O que foi?

– Nada. – Ela se em pertigou na cadeira. –

Então, vam os m arcar um cinem a qualquer dia desses ou não? Talvez eu até leve você para j antar no Leunig's, agora que estou ganhando um a nota

preta com o professora.

Paul se pegou sorrindo; e o sorriso era sincero.

– Só se você m e deixar levar você para tom ar café da m anhã no Mirabelle's.

– Com binado. Quando?

– Pegue seu casaco.

Paul a seguiu até a porta dos fundos e ajudou-a a vestir o casaco. Quando Allison quase caiu tentando calçar as botas, ele se ajoelhou no chão 259/1201

coberto de areia e sal por causa da neve e as colocou nos seus pés.

– Metade de você é melhor do que qualquer

outra pessoa por inteiro – sussurrou ela, ainda que apenas para si mesma.

CAPÍTULO CATORZE

Julho de 2011

Oxford

Assim que o intervalo para o almoço comêçou, Julia se retirou para ir ao banheiro e pediu a Paul que a esperasse. Quando subia de volta as escadas

que levavam ao auditório, viu um par de sapatos Christian Louboutin.

O olhar de Julia subiu pelas pernas cobertas por meias de seda, passou por uma saia lápis preta e por um blazer justo, até chegar ao rosto de Christa Peterson.

Sua expressão era hostil, porém claramente

tensa, e ela apertava o corrimão com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Passou o peso do corpo de um pé para o outro, como se 261/1201

não soubesse se deveria seguir em frente ou

recuar.

– Mal posso esperar pela sua palestra. Sem

dúvida terei algumas perguntas a fazer.

Julia a ignorou e tentou seguir em frente, mas Christa bloqueou sua passagem .

Im paciente, Julia bufou.

– O que você quer?

– Você se acha muito esperta – disse Christa.

– Não tem os meios nada para conversar.

– Ah, tem os, sim .

Julia fechou os olhos com força antes de abri-los de novo, incrédulos.

– Sério? Você quer mesmo com o com o fazer um a dis-

cussão aqui, num congresso acadêmico? Não vê que suas atitudes estão prejudicando sua carreira?

Gabriel mesmo disse que a Colúmbia a obrigou a se matricular no mestrado, em vez de aceitá-la no doutorado. Você se queimou em Toronto e agora 262/1201

está se queimando aqui. Não acha que está mesmo do que na hora de virar a página?

– Não desisto tão facilmente.

– Essa sua busca por vingança é ridícula. Nunca fiz nada contra você.

Christa riu com amargura.

– Meu problema não é com você. Não perderia mesmo eu tempo com você.

– Então por que está fazendo isso?

Julia jogou o cabelo para o lado.

– Você tem algo que eu quero. E eu sem pre
consigo o que quero. Sem pre.

– Me deixe em paz. – Julia ergueu o queixo,
desafiadora.

Os olhos amendoados de Christa estudaram

Julia dos pés à cabeça.

– Não entendo o que ele vê em você. Você nem

é tão bonita. – Ela indicou com um gesto desdenhoso o terninho mesmo

odesto e os sapatos sem grife de Julia. – Gabriel é lindo. Ele é um a lenda. Todas 263/1201

as m ulheres do Lobby o conheciam e queriam ir para a cam a com ele. – Ela olhou para Julia com desprezo. – E então, sabe-se lá por quê, ele fica com você. Mas não vai conseguir segurá-lo para sem pre. Gabriel precisa estar com um a m ulher que tenha um apetite tão voraz quanto o dele.

– E está.

Christa soltou um a gargalhada ríspida.

– Até parece. Tenho certeza de que, no com eço, ele gostou da conquista. Mas, agora que j á conseguiu, vai com eçar a olhar para outras m ulheres e você vai perdê-lo. – Os olhos dela brilharam de astúcia. – Já deve ter até traído você. Ou está planej ando fazer isso.

– Se não m e deixar ir, eu vou gritar. Você quer m esm o passar vergonha na frente de todo

m undo? Outra vez?

Christa hesitou e Julia aproveitou a oportunidade para passar por ela. Estava a dois degraus do topo da escada quando parou e se virou.

264/1201

– Am or – falou baixinho.

– O quê?

– Você estava se perguntando o que o Gabriel

vê em m im . A resposta é am or. Eu sei sobre as outras m ulheres. Ele não escondeu nada de m im .

Mas elas não são um a am eaça.

Christa levou as m ãos aos quadris.

– Você está louca. Então você o am a. E daí?

Será que não se enxerga? Por que ele iria querer um a ratinha sem sal com o você quando pode ter

um a tigresa na cam a?

– Melhor um a ratinha com am or para dar do

que um a tigresa indiferente. – Julia em pertigou os om bros. – Aquelas m ulheres não viam quem ele era de verdade. Não se im portavam com seu sofrim ento. Queriam apenas usá-lo até que não sobrasse m ais nada e depois o j ogariam fora. Eu o

♦ ♦ ♦

am ava desde os 17 anos. E o am o por inteiro; a luz e a escuridão, o lado bom e o lado ruim . É por isso que ele está com igo.

Deixou as outras para

265/1201

trás e nunca m ais voltará para elas. Mostre seu pi-or lado, Christa. Mas se pretende seduzir m eu

m arido... *não... vai... conseguir.*

Julia se virou para ir em bora, m as parou de novo, encarando Christa pela últim a vez.

– Mas você está certa sobre um a coisa.

– E o que é? – perguntou Christa com

arrogância.

Julia sorriu.

– Meu m arido é um am ante incrível. Ele é

carinhoso, criativo, enlouquecedor. Hoj e à noite, e em todas as outras que virão, a m ulher que vai aproveitar o espírito aventureiro dele será eu.

Ela encarou Christa por um bom tem po.

– Nada m au para um a ratinha – concluiu.

– Lam ento que você tenha tido outro confronto com Christa. – Paul falava em tom solidário 266/1201

enquanto levava Julia do St. Anne's College até um pequeno restaurante libanês, que ficava a um a breve cam inhada dali. – Im

agino que ela só esteja aqui para perturbar você.

Julia brincou com a aliança, movendo-a de um lado para outro com o polegar.

– Ela disse que iria fazer perguntas depois da minha palestra. Vai tentar fazer com que eu pareça um idiota.

Paul passou um braço em volta dos seus ombros.

– Ela não pode fazer isso, porque você não é idiota. Mantenha-se firme. Vai dar tudo certo.

Ele lhe deu um aperto antes de recolher o braço.

– Você está ótimo. Bem melhor do que na última vez em que nos vimos.

Ela estremeceu, lembrou-se de quando se despedira de Paul em frente ao seu apartamento em Cambridge, no verão anterior. Na época,

267/1201

estava mais alegre e triste, porém otimista em relação à vida em Harvard.

– O casamento me faz bem.

Paul fez uma careta. Não queria pensar no que a vida de casada dela envolvia, pois não conseguia suportar a ideia de Julia dormindo com o professor Emerson. Rezava para que ele tivesse abandonado suas tendências sadomasoquistas e tratasse Julia com carinho.

Uma imagem de Emerson arrastando Julia pela mão em sua mente. Seu estômago se embrulhou.

– Você está bem? – perguntou Julia, erguendo os olhos para ele. –

Parece m eio enj oado.

– Estou ótim o. – Ele forçou um sorriso. – Só acabei de m e dar conta de que a Coelhinha não existe m ais.

– Já estava m ais do que na hora, não acha?

– Vou sentir falta dela.

268/1201

Julia concentrou sua atenção na calçada diante deles.

– Ela volta em m om entos de tensão. Minhas

pernas estão bam bas só de pensar em ficar de pé diante daquele m onte de gente.

Por instinto, Paul fez m enção de pegar a m ão dela, m as se deteve a tem po.

Lim itou-se a fazer um gesto atrapalhado, tentando disfarçar.

– Hum , você cortou o cabelo.

Ela puxou um dos cachos negros que pendiam

logo acim a dos om bros.

– Achei que m e daria um a aparência m ais

profissional. Gabriel não gostou.

– Aposto que não.

(Paul não disse que concordava com o profess-or nesse ponto.)

Ele tornou a gesticular com a m ão esquerda.

– Bela pedra a do seu anel.

– Obrigada. Foi Gabriel que escolheu.

269/1201

É claro que ele iria comprar um anel enorme, pensou Paul. Estou surpreso que não tenha tatu-ado seu nome na testa dela.

– Eu teria me casado com ele com um a aliança de brinquedo. – Julia olhou para a própria mão, pensativa. – Teria me casado com ele com um a fita de amarrar saco de lixo. Não ligo para esse tipo de coisa.

Exatamente. Eu nunca poderia lhe dar uma aliança dessas. Mas Julia é o tipo de garota que precisa de pouco para ser feliz, só precisa amar de verdade a outra pessoa.

– Ele pagou o que eu devia de crédito estudantil

– disse ela baixinho.

– O quê? Tudo?

Ela assentiu.

– Eu pretendia consolidar as dívidas e com ele a pagar parcelado, mas ele insistiu em quitar tudo.

Paul assobiou.

270/1201

– Deve ter custado um a grana.

– Custou me esmolar. Ainda estou me acos-

tumando... digo, com essa coisa de dividirmos tudo, até um a conta bancária. Eu tinha um a conta bem modesta quando nos casamos. Gabriel tinha... muito mais.

– Você gosta de me orar em Cambridge?

Paul mudou de assunto, pois não estava nem

um pouco interessado em saber quanto *mais* o professor tinha.

– Adoro. Moramos tão perto de Harvard que

posso ir andando para a universidade. O que é ótimo, já que eu não dirijo. – Julia sorriu

encabulada.

– Você não dirige? Por quê?

– Eu vivia me perdendo e indo parar em bairros estranhos. Um a

noite liguei para Gabriel de

Dorchester e ele teve um ataque. E isso porque eu estava usando o GPS.

– Com o você foi parar em Dorchester?

271/1201

– O GPS deu algum problema. Não reconhecia

as ruas de minha única. Chegou a me fazer um retorno ilegal enquanto estava passando por um dos meus orgulhões. Acabei me afastando cada vez mais de casa. Depois disso, desisti.

– Mas você nunca dirige?

– Não na região metropolitana. O Range Rover de Gabriel é difícil de estacionar e eu sempre ficava com medo de atropelar alguém. Os motoristas em Boston são loucos. Isso para não falar dos pedestres.

Paul resistiu ao impulso de citar as inúmeras falhas de Gabriel, decidindo se ater a apenas uma delas.

– Por que ele não lhe dá um carro novo? Sem

dúvida dinheiro não é problema.

– Eu queria algo pequeno, com o meu Smart, ou um daqueles novos Fiats. Mas Gabriel diz que é como dirigir uma lata de sardinha. – Ela bufou. –

272/1201

Ele quer que eu tenha algo melhor, com o meu

Hummer.

Ele bateu no ombro dela, de brincadeira.

– Vocês pretende invadir Bagdá? Ou só Charleston mesmo?

ston mesmo?

– Muito engraçado. Se não consigo estacionar o Range Rover, como ele espera que eu vá conseguir estacionar o Hummer?

Paul riu, abrindo a porta do restaurante.

Antes que ele pudesse pedir um a m esa para

duas pessoas, houve um a com oção em um a m esa próximo. Um a garotinha de 3 ou 4 anos apertava repetidamente um botão em seu livro musical, gerando os mesmos acordes de um a canção sem parar.

Enquanto a garotinha fazia isso, Paul e Julia correram os olhos pelo restaurante. Os outros clientes não pareciam estar gostando nada daquilo.

Um a mulher vestida com roupas simples e

usando um véu muito antigo tentou convencer a 273/1201

menina a trocar o livro musical por um livro com um . Mas ela protestou aos berros.

Foi nesse momento que um homem mais velho, sentado perto delas, exigiu em voz alta que o garçom fizesse a garota ficar quieta. Ainda reclamou que ela estava arruinando o almoço e que crianças *que não sabem se comportar* não deveriam ser autorizadas a frequentar restaurantes.

A mulher ficou muito vermelha e tentou novamente convencer a filha a trocar de livro. Mas a menina tornou a se recusar, chutando com força a perna da mesa.

Nesse instante, o recepcionista se aproximou de Paul e Julia.

– Um a mesa para dois – disse Paul, alegre.

– Perto da janela?

O recepcionista apontou uma mesa no canto

oposto, ao lado da janela.

– Está ótimo.

Paul seguiu o homem, que pegou dois menus.

274/1201

Enquanto atravessavam o salão, Julia notou que o homem mais velho continuava a resmungar por causa da garotinha, que ainda

tocava a música alta e fora de ritmo. Por um instante Julia se perguntou se a menina seria autista. Estava chocada

com o comportamento do homem.

Ela se dirigiu ao recepcionista:

– Será que não podem os trocar de mesa com

aquela menina e sua filha? Se elas não quiserem trocar, tudo bem. Mas talvez a menina vá gostar de olhar pela janela e poderá brincar com seu livro em paz.

O recepcionista olhou na direção em que Julia apontava, notando o desconforto crescente dos demais clientes.

– Com licença – disse ele, antes de se aproximar da mãe da menina.

A mãe e o recepcionista trocaram algumas palavras em árabe. Em seguida, a mulher se dirigiu à filha em inglês:

275/1201

– Maia, nós podemos nos sentar perto da

janela. Não é legal? Podem os ver os carros passando na rua.

A garotinha seguiu com o olhar a mãe da mãe, que indicava a mesa de canto. Pestanejou atrás de seus óculos de lentes grossas e assentiu.

– Maia, por que não agradece ao menino?

O nome da menina ecoou pelo restaurante. Ao ouvi-lo, Julia levou um susto. Ela se viu encarando a criança, petrificada.

Maia ergueu os olhos para o recepcionista e balbuciou um agradecimento, enquanto a mãe sorria para Julia e Paul.

Alguns minutos depois, mãe e filha estavam

acomodadas na mesa de canto, felizes. A garotinha tinha o rosto colado à janela, olhando carros e pedestres do lado de fora, o livro musical

esquecido.

Julia e Paul estavam sentados à outra mesa, ao lado do agora

triunfante hom em m ais velho. Eles 276/1201

pediram alguns pratos para dividir e tom aram suas bebidas em silêncio.

– Você não m e perguntou antes. – A voz de

Paul interrom peu os pensam entos de Julia.

– Sabia que não iria se im portar de sentar aqui.

– Tem razão. Na verdade, foi bom você ter lidado com a situação, pois eu estava prestes a ir até aquele cara e dizer um as verdades para ele. Que

idiota!

Julia olhou para o hom em que tinha sido tão intolerante e balançou a cabeça.

– Não sei por que ainda m e surpreendo com a insensibilidade das pessoas, m as não consigo evitar.

– Fico feliz que não consiga. Já conheço pessoas cínicas de sobra.

– Eu tam bém .

Paul lançou um olhar para a m ãe e a filha.

– Está planej ando ter sua própria Maia num futuro próxim o?

277/1201

Julia se encolheu, ainda abalada por causa do nom e da m enina.

– Não. Quero dizer, pelo m enos não por ora.

Paul a fitou por alguns instantes, os olhos grandes e negros irradiando preocupação.

– Você m e pareceu apavorada. Ter filhos é algo que a preocupa?

Ela baixou os olhos.

– Não, eu quero ter filhos. Só que m ais tarde. –

Ela tomou um gole da água. – Com o está o seu pai?

Paul cogitou ir mais a fundo na ansiedade dela, mas pensou melhor e desistiu.

– Bem. Ainda estou ajudando na fazenda, então tive que abrir mão do meu apartamento em

Toronto.

– E a sua tese, com o vai?

Ele riu com sarcasmo.

– De mal a pior. Não tenho muito tempo para escrever e a professora Picton está furiosa

278/1201

comigo. Eu deveria ter lhe entregado um capítulo há duas semanas, mas ele ainda não está pronto.

– Posso ajudar de alguma forma?

– Só se quiser escrever a droga do capítulo para mim. Queria procurar um trabalho no outono, mas Picton só vai deixar depois que eu avançar um pouco mais na tese. – Ele bufou alto. – Devo ter que passar pelo menos mais um ano na

fazenda. Quanto mais tempo fico lá, mais difícil se torna escrever.

– Lá mesmo ouvir isso.

Julia largou o copo e esfregou os olhos.

– Está cansada? – Paul tornou a soar

preocupado.

– Um pouco. Meus olhos me incomodam de

vez em quando. Deve ser estresse. – Ela pousou as mãos no colo. – Desculpe. Não quero que a conversa seja só sobre mim. Prefiro que me conte o

que anda fazendo.

– Tem os tem po para isso. Quando com eçou a sentir esse incôm odo nos olhos?

– Depois que m e m udei para Boston.

– Muitos pesquisadores acabam desenvolvendo vista

cansada.

Você

deveria

ir

a

um

oftalm ologista.

– Não tinha pensado nisso. Você usa óculos?

– Não, bebi m uito leite na infância. Aj udou m inha visão.

Julia pareceu confusa.

– Achei que as cenouras é que fizessem isso.

– Leite é bom para tudo.

Ela riu.

Paul não pôde deixar de apreciar a beleza de

Julia, ainda m ais adorável quando ria.

Ele estava prestes a dizer algo, m as foi interrom pido pelo garçom , que serviu a com ida.

Quando ele se afastou, foi Julia quem voltou a falar:

– Está saindo com alguém ?

Paul se esforçou para não fechar a cara.

– Ali e eu saíam às vezes. Mas não é nada sério.

– Ela é uma boa pessoa. E gosta de você.

– Eu sei. – A expressão dele ficou carregada.

– Quero que seja feliz...

Ele mudou de assunto:

– Com o vai o doutorado?

Julia mexeu nos talheres de prata antes de

responder:

– Os professores são exigentes e eu não tenho um segundo de folga, mas estou adorando.

– E os outros alunos?

Julia fez uma careta.

– Eles são muito com petitivos. Considero uns dois meus amigos, mas isso não quer dizer que confie neles. Fui à biblioteca uma vez e descobri que alguém tinha escondido um monte de fontes sobre Boccaccio para que o restante de nós não pudesse usá-las para o nosso seminário.

– Então imagino que não esteja ficando até

tarde na biblioteca, dividindo uma sala.

– De jeito nenhum. – Ela beliscou sua coxa.

– Tem saído à noite?

– Raramente. É estranho, porque meus colegas levam acompanhantes e Gabriel não quer ir

comigo.

– Por que não?

– Ele não acha boa ideia socializar com os alunos.

Paul m ordeu a língua. Com força.

– Ele quer ter um bebê – disparou Julia.

Ela se encolheu, arrependendo-se na m esm a hora da sua indiscrição.

– Talvez sej a m eio difícil para ele, por m otivos biológicos – provocou Paul. Ao ver o olhar de Julia, ele ficou sério. – E você não quer?

– Não agora. – Ela torceu o guardanapo em seu colo. – Quero terminar o doutorado. Tenho

282/1201

m edo de, se engravidar, não conseguir m e form ar nunca.

Ela baixou a cabeça, rem oendo-se de culpa por ter abordado um a questão tão pessoal com Paul.

Gabriel ficaria possesso se soubesse que ela com -

partilhara esse tipo de intim idade com outras pessoas. Mas ela precisava conversar com alguém .

E Rachel, por m ais com preensiva que fosse, não entendia o m undo acadêm ico.

– Lam ento, Julia. Você falou isso para ele?

– Falei. Ele disse que entendia. Mas agora j á foi dito, sabe? Depois que se expressa esse tipo de desej o, é im possível voltar atrás.

Paul com eçou a bater o pé no chão. Aquela conversa tom ara um rum o inesperado e ele realm ente não sabia o que dizer. Depressa pensou em algo:

– Havia algum as m ães no program a de doutorado em Toronto, m as não m uitas.

– Elas term inaram o curso?

283/1201

– Sinceram ente? A m aioria não. Muitos dos ho-m ens têm filhos. Só que quase todos têm esposas que são donas de casa ou trabalham m eio expedi-ente. Ei. – Ele esperou Julia levantar o rosto. –

Isso não serve de parâm etro. Eu não estava atento a quem estava engravidando ou não. Deve haver um grupo em Harvard que possa lhe dar algum a orientação sobre com o conciliar a fam ília com o doutorado.

– Não quero ter esse tipo de conversa agora.

– Entendo.

Paul balançou a cabeça.

– Jules, sei que não é da m inha conta, m as não se sinta obrigada a viver a vida de outra pessoa. Se não está pronta para ter um a fam ília, deve deixar

isso bem claro. E se m anter firm e em sua decisão, ou vai acabar infeliz.

– Não acho que ter um filho com m eu m arido m e tornaria infeliz. – O tom dela era defensivo.

284/1201

– Mas abandonar Harvard, sim . Conheço você,

Julia. E sei o que considera im portante. Você vem se esforçando m uito para conseguir o que quer.

Não j ogue tudo isso fora.

– Não quero j ogar, m as m e sinto culpada.

Paul praguej ou baixinho.

– Achei que você tivesse dito que ele apoiava sua decisão.

– E apoia.

– Então por que se sente culpada?

– Porque estou sendo egoísta. Colocando meus estudos em primeiro lugar, acima da felicidade dele.

Paul a encarou.

– Se ele ama a você, não ficará feliz à custa da sua infelicidade.

Julia ajoelhou os talheres à sua frente, até que ficassem perfeitamente alinhados.

– Por mais que eu deteste dizer isto, acho que você deveria conversar com ele de novo. Diga-lhe 285/1201

o que quer e peça para ele esperar. – Paul sorriu.

– Se ele se recusar, jogue-o para escanteio.

Julia olhou para ele, surpresa.

– Paul, não acho que...

Ele a interrompeu:

– Estou falando sério, Julia. Se seu marido ama a, ele precisa tirar da cabeça essa ideia ridícula de que a mulher deve engravidar e ficar em casa

cuidando dos filhos.

Ela franziu as sobrancelhas.

– Gabriel não pensa assim .

– Então você não tem por que se sentir culpada.

Você é jovem . Tem a vida inteira pela frente. Não precisa escolher entre o doutorado e a família.

Pode ter os dois.

– Não são apenas os meus sonhos que contam .

– Talvez não. – Paul baixou a voz, fitando os olhos dela: – Não sou imparcial quando se trata de você.

286/1201

– Eu sei – disse Julia com brandura. – Você tem sido um bom amigo.

Obrigada.

– Não precisa agradecer. – A voz dele saiu rabugenta.

– Am igos são raros de encontrar. Ontem ,

Christa contou a praticam ente todo m undo o que aconteceu em Toronto. Eu m e senti hum ilhada.

– Queria que alguém a fizesse calar a boca. De um a vez por todas.

– Gabriel tentou. Eles fizeram um a cena. Então a professora Picton apareceu e am eaçou expulsar Christa do congresso.

Paul assobiou.

– Que pena eu não ter visto isso. Picton e

Christa se engalfinhando? Poderíam os ter ven-dido pipoca.

Ele notou que Julia parecia aflita.

– Desculpe, não quis parecer idiota.

Julia arregalou os olhos.

– Você não é idiota.

287/1201

Ele continuou a bater com o pé debaixo da

m esa, um a expressão desconfortável em seu rosto.

– Falei um m onte de besteiras no e-m ail que enviei antes de você se casar. Eu m e recusei a ir ao casam ento. Isso é se com portar com o um

autêntico idiota.

– Você m e disse que não podia ir porque seu pai estava doente.

Os pés de Paul com eçaram a bater m ais rápido.

– É verdade; m eu pai estava doente. Mas não foi por isso que não fui ao casam ento. – Paul a encarou. – Não conseguiria ver você se casando com ele.

Paul viu o rosto dela assum ir um a expressão constrangida e puxou a cadeira para m ais perto da m esa.

– Sei que você está casada e j am ais faria nada para atrapalhar isso. Mas, Deus m e perdoe, não conseguiria vê-la se casar com ele. Sinto m uito.

288/1201

– Paul, eu...

Ele ergueu a m ão para silenciá-la.

– Não estou esperando chance nenhum a. Mas é

difícil para m im ver você com ele. E ouvir os boatos que ainda estão rolando... boatos que são

culpa dele, não sua, e saber que ele a está pressionando para ter um bebê logo depois de entrar para o doutorado... *Porra!* – Ele balançou a cabeça. – Quando ele vai acordar e se dar conta de que se casou com um a m ulher incrível e precisa cuidar bem dela?

– Ele cuida bem de m im . Gabriel não é quem você pensa.

Paul fixou seus olhos negros nos dela.

– Pelo seu bem , espero que não.

– Ele é voluntário em um orfanato, o Abrigo Italiano para Crianças. Já fez trabalho filantrópico j unto aos pobres. Está m udado.

289/1201

– Ele não é um grande filantropo se não con-

segue ver que a esposa precisa de tem po antes de se tornar m ãe.

– Gabriel vê isso. Sou eu quem está em conflito.

É difícil privar quem você am a de um a coisa que o faria feliz. E eu

tam bém estou feliz – sussurrou ela. – Você m esm o disse.

Sei que ele tem defeitos, m as eu tam bém tenho. Ele m e daria o m undo se pudesse carregá-lo no bolso. E nunca, j am ais, m e deixa desam parada.

Paul desviou o olhar, o j oelho saltando debaixo da m esa.

CAPÍTULO QUINZE

A palestra de Paul foi bem recebida, porém um pouco curta, na avaliação de Gabriel. Ele notou com um a satisfação cruel que tanto Paul quanto Julia pareciam aborrecidos depois do alm oço, com o se as coisas não tivessem saído com o eles esperavam .

Se Gabriel queria perguntar a Julia os detalhes do encontro, conseguiu disfarçar bem . Ele a recebeu com ternura quando ela chegou e os dois

sentaram -se j untos durante a apresentação de Paul.

Logo chegou a vez de Julia. O professor Patel, um dos organizadores da conferência, a apresentou, dizendo que era um talento em as-

censão de Harvard. O sorriso de Gabriel se

alargou ao ver Christa ferver de raiva.

291/1201

A plateia era com posta por cinquenta acadêm icos, em vários estágios de suas carreiras. As professoras Picton e Marinelli sentaram -se na

prim eira fila, perto de Gabriel. Os três sorriram para Julia, encoraj ando-a.

Com dedos trêm ulos, ela pousou as páginas do

artigo sobre o púlpito. Ali, seu corpo pequeno parecia ainda m enor. O professor Patel aj ustou o m icrofone para baixo para que captasse a voz dela.

Ela parecia j ovem , pálida e nervosa. Gabriel notou que Julia m ordia a parte de dentro da boca e pediu m entalm ente que ela parasse. Ficou grato ao ver sua prece ser atendida.

Com os olhos fixos nos dele, Julia respirou

fundo e com eçou:

– O título da minha apresentação é “O silêncio de São Francisco: testem umho de um a fraude”.

No canto XXVII do *Inferno* de Dante, Guido da 292/1201

Montefeltro conta a história do que aconteceu após sua morte.

Então Julia recitou:

“Quando eu morri, Francisco veio

em meu auxílio, mas um querubim negro

me disse: ‘Não o leve consigo; não me faça essa desfeita.

Ele deve descer às profundezas junto com meus condenados,

pois deu falsos conselhos

e desde então tenho andando em seu encalço;

pois aquele que não se arrepende não merece o perdão,

tam pouco é possível arrepender-se e pecar ao mesmo tempo

uma vez que isso seria uma contradição.’

293/1201

Ai de mim ! Com o estremo eci

quando ele agarrou-me e disse: ‘Talvez

o surpreenda que a lógica seja a meu favor!’”

Em seguida, ela retomou seu discurso:

– Guido viveu na Itália entre aproximadamente os anos de 1220 e 1298. Ele era um proeminente gibelino e estrategista militar, até abandonar suas funções para se tornar franciscano, por volta de

1296. Depois disso, o papa Bonifácio VIII o convenceu a dar falsos conselhos à família Colonna, com a qual o mesmo pontífice vinha tendo prob-

lemas. Bonifácio disse a Guido que promettesse anistia à família se

ela deixasse a segurança de sua fortaleza. Guido fez isso, mas só depois de

garantir sua absolvição. Graças a seus conselhos, a família Colonna deixou a fortaleza e foi punida por Bonifácio. Mais tarde, Guido morreu no mosteiro franciscano de Assis. O relato de Guido do que aconteceu depois de sua morte é

294/1201

dramático. Nele, podem os ver São Francisco enfrentando com coragem um demônio para resgatar a alma de seu colega franciscano.

Ela relanceou Gabriel, cujos olhos exibiam um azul vívido e expressivo. Houve um momento com -

pressão entre eles e, por um instante, ela soube que ambos estavam pensando em como o tinham resgatado um ao outro.

– Mas, com o que é praxe nos escritos de Dante, as aparências podem enganar. Em vida, Guido era persuasivo, mas também bem traçoeiro. Na morte, ele habita o círculo dos fraudulentos no Inferno.

Portanto, suas palavras devem ser tomadas com ceticismo. Sem dúvida devem os questionar a afirmação de Guido de que Francisco foi resgatar sua alma. Se esse fosse o propósito de Francisco, ele fracassou. Em nenhum outro trecho da *Divina Comédia* vemos alguém vencer o bem. A *Comédia* é assim chamada porque a narrativa parte do caos no Inferno em direção à 295/1201

ordem no Paraíso. Se uma só alma fosse injustamente punida, isso poria em xeque toda a narrativa. Portanto, há muito em jogo nesta passagem. Nossa interpretação dela é importante para a compreensão de toda a *Comédia*.

Julia fez uma pausa e tomou um gole d'água, suas mãos tremendo um pouco.

– Segundo Dante – ela retomou –, foi por ser justo que Deus criou o Inferno. Virgílio faz menção a isso ao explicar que a justiça motiva as

dos

mortos

a

atravessarem

o

rio

Aqueronte. Dante parece acreditar que aqueles que são condenados ao Inferno o são porque

m erecem esse destino. As alm as não são con-denadas por acidente ou por algum capricho

divino. Se fosse esse o caso, com o deveriam os in-terpretar as declarações de Guido?

Katherine assentiu, seus olhos brilhando de orgulho. O m ovim ento cham ou a atenção de Julia e as duas cruzaram olhares por um breve instante.

296/1201

– Com o entendim ento de que Dante acredita

que as alm as que habitam o Inferno m erecem estar ali, voltem os a analisar a história de Guido. O

dem ônio vê Francisco e discute com ele, dizendo que a alm a de Guido pertence ao Inferno e que, se Francisco a levasse, isso seria um roubo. Se isso é verdade, por que Francisco teria aparecido?

Julia fez um a pausa, na esperança de que a

plateia refletisse com ela sobre a questão.

– Um a revisão da literatura com estudos sobre Dante dos últim os cinquenta anos revela pelo m enos duas interpretações para essa passagem . A prim eira é a de que Guido diz a verdade e Francisco foi m esm o reivindicar sua alm a. A segunda defende que Guido está m entindo e Francisco

nunca apareceu para ele. Acho que as duas linhas são extrem istas. Para que a prim eira interpretação estej a correta, precisariam os acusar Francisco de ignorância ou inj ustiça, e nenhum a das duas opções é razoável.

Julia fez um a pausa.

– A segunda interpretação afirm a que Francisco não apareceu de fato, m as então o discurso do de-m ônio não faz sentido, um a vez que Guido não pode roubar a própria alm a. Dessa form a, o que

tem os é um relato intrigante da aparição de Francisco, acom panhado por um a explicação que desafia nossa credulidade. Essa explicação nos é dada por Guido e por um dem ônio, nenhum dos dois dignos de confiança. Acredito que possam os solucionar o im passe da aparição de Francisco re-j eitando a explicação de Guido e a substituindo por outra m ais condizente com a vida e o caráter de Francisco. Do m eu ponto de vista, Francisco apareceu, sim , e foi visto pelo dem ônio. Mas este se enganou quanto ao m otivo da vinda do santo.

Julia agarrou o púlpito com m ais força quando um burburinho com eçou a se espalhar pela

plateia. Sua boca estava seca com o um deserto, m as ela prosseguiu, os olhos fixos nos de Gabriel: 298/1201

– Por m ais que possa ser... reconfortante

pensar em Francisco descendo do Paraíso com o um arcanj o para lutar pela alm a de Guido, isso não pode ter acontecido.

Ela trocou um olhar com o m arido antes de

prosseguir:

– Guido tira vantagem do com prom isso de

Francisco para com seus irm ãos, sem dúvida pensando que qualquer pessoa sensata acreditará que ele intercedeu por um dos colegas de sua ordem após sua m orte. Além disso, Guido quer que Dante espalhe sua história, para que outros

acreditem que ele era im portante o suficiente para atrair a atenção do santo, ou que sua condenação ao Inferno tinha sido um erro. O de-

m ônio, buscando persuadir Francisco a não

roubar sua alm a, explica por que Guido m erece estar no Inferno. Guido solicitou absolvição pelo pecado de prestar falsos conselhos *antes* de com etê-lo. Ele acreditava que a absolvição iria

libertá-lo das consequências do pecado, portanto enganou a família Colonna de bom grado e sem arrependimento. O demônio argumenta que a

absolvição só funciona se o ser humano se arrepender. Não se pode pecar intencionalmente e ao

mesmo tempo se arrepender desse pecado. – Julia abriu um sorriso titubeante para a plateia. – A absolvição não é com o um seguro anti-incêndio.

(Ao ouvirem isso, alguns membros da plateia, entre eles Paul, riram.)

– Guido se esconde atrás de um hábito franciscano e de uma absolvição prévia, mas ele é uma fraude. Francisco teria reconhecido isso. O máximo que Guido conseguiu com esse com porta-

mento foi envergonhar os franciscanos. Em bora Francisco pudesse ter condenado o pecado de

Guido, ele se mantém calado. Francisco não pode salvar Guido. Ele é obrigado a assistir ao demônio agarrá-lo pelos cabelos e arrastá-lo para as profundezas. A feiura dos gritos do demônio e do 300/1201

falso franciscanismo de Guido parece ainda pior

quando contrastada com a presença calada e virtuosa de Francisco. Seu silêncio e sua passividade refutam a explicação do demônio de que Francisco teria ido até lá para roubar-lhe uma alma. E

esse silêncio nos obriga a reexaminar o relato de Guido. Francisco seria mesmo tão passivo em sua tentativa de resgatar uma alma injustamente condenada? É claro que não. Com o Guido não havia se arrependido de seu pecado, tudo o que Francisco pode lhe oferecer é sua compaixão silenciosa e, talvez, suas preces.

Julia fez uma pausa e deliberadamente olhou na direção de Christa.

– Francisco poderia ter discutido com o de-

monio. Poderia tê-lo chamado de mentiroso por apresentar uma justificativa falsa para sua aparição. Poderia ter protestado, alegando que o demônio estava apenas espalhando boatos a seu respeito. Mas,

em vez de lutar para manter sua 301/1201

reputação, Francisco fica calado, para que o mal possa ser ouvido exatamente com o ele é.

Julia correu o olhar pelos demais espectadores da palestra, notando vários assentimentos de concordância e o sorriso largo e expressivo de Paul.

– Guido quer que acreditem os que São Fran-

cisco era ingênuo o suficiente para crer que o lugar dele era no Paraíso ou arrogante a ponto de achar que poderia ir contra uma decisão de Deus.

Guido quer que acreditem os que Francisco confrontou um demônio, mas perdeu, porque não era inteligente o bastante para superá-lo em um debate lógico. A vida de Francisco e suas atitudes desmentem essas possibilidades. A meu ver, ele

surge ao pé da cova de Guido da Montefeltro

para lamentar sua vida fraudulenta, não para salvá-lo. Ao fazer isso, Francisco demonstra com -

paixão e misericórdia, mesmo o que severa. – Neste ponto o olhar de Julia encontrou o do mal arido. –

302/1201

Ele não é um ladrão. Não era traiçoeiro e fraudu-

lento e em momento algum tentou se valer de palavras vãs para defender sua causa. Guido, no fim das contas, apenas capturou a essência da

natureza de Francisco ao descrevê-lo com o

presente, porém silencioso.

Ela fez mais uma pausa.

– Talvez seja espantoso que alguém que domina de tal forma a arte da fraude seja capaz de retratar com tamanha maestria uma imagem da virtude.

Mas, se pensarmos nas histórias que os seguidores de Francisco

contaram sobre sua vida e obra, verem os que é exatam ente isso que Guido faz, em bora tente m ascará-lo com um habilidoso uso da retórica. Para concluir, acredito que as duas interpretações históricas dessa passagem estão equivocadas. Francisco surgiu para Guido após sua m orte, m as não para resgatar sua alm a. A aparição de Francisco serve para evidenciar a diferença entre o verdadeiro franciscanism o e o 303/1201

falso franciscanism o de Guido da Montefeltro.

Dante, no fim das contas, usa Guido com o um veículo para louvar a piedade de São Francisco, m ostrando quanto os dois hom ens são diferentes.

Obrigada.

Julia m eneou a cabeça para a plateia ao receber um a quantidade respeitável de aplausos. Notou que alguns acadêm icos sussurravam entre si, até seus olhos encontrarem os rostos das professoras Picton e Marinelli e do professor Em erson.

Gabriel lhe deu um a piscadela, e o rosto de Julia se abriu num sorriso de alívio.

– Algum a pergunta? – disse Julia, voltando-se para a plateia.

Durante alguns instantes, que para ela pare-

ceram um a eternidade, ninguém se pronunciou.

Quando encontrou o rosto de Christa e viu sua expressão confusa, chegou a acreditar que tinha escapado ilesa.

304/1201

Então, com o se em câm era lenta, a expressão de

Christa se m odificou, tornando-se m ais dura. Ela se pôs de pé.

Pelo canto do olho, Julia viu o professor Pacciani segurar o cotovelo de Christa de form a um tanto rude, tentando puxá-la de volta para a cadeira. Mas ela soltou seu braço.

– Eu tenho um a pergunta.

Julia m ordeu o lábio inconscientem ente, com o coração na boca.

Todos os presentes se viraram para Christa,

com o se tivessem sido coreografados. Muitos cochicharam com a pessoa ao lado, os olhos

cheios de expectativa. O problema de Christa com os Em ersons era conhecido por quase todos.

De fato, houve um zumbido nervoso na sala, enquanto as pessoas esperavam pelo que ela iria dizer.

305/1201

– São tantos os furos no seu artigo que nem sei por onde começar. Mas vamos falar primeiro da sua *pesquisa*, se é que podem chamá-la assim .

O tom de Christa era de desdém .

– A maioria dos artigos sobre o trecho em

questão aceita o fato de que Francisco foi em socorro de Guido. Alguns negam sua aparição. Mas ninguém ... – Ela fez uma pausa para enfatizar seu argumento. – *Ninguém* sugere que Francisco apareceu, mas não para resgatar a alma de Guido.

Ou Guido está morto, ou não está. Não pode ser uma coisa e a outra, com o mesmo assunto, mas é uma calabresa.

Ela abriu um sorriso afetado e alguns dos presentes riram .

Julia engoliu em seco, os olhos morrendo-se

rapidamente pela sala observando a reação de cada um dos presentes antes de retornarem para Christa.

306/1201

– Além disso, você nem sequer menciona o início do canto XXVII, quando Guido explica a Dante que ele está contando a verdade por achar

que o poeta passará o resto da eternidade no Inferno e, portanto, não poderá repetir sua história para ninguém . Essa passagem demonstra

Guido está falando a verdade sobre a aparição de Francisco. Por fim , se você tivesse se dado o trabalho de ler o trabalho sem inal do professor Hutton sobre a estruturação do *Inferno*, saberia que ele considera o discurso do dem ônio confiável,

pois as palavras dele são historicam ente precisas.

Então, Hutton tam bém acreditava que Francisco foi resgatar a alm a de Guido.

Com um sorriso orgulhoso, Christa tornou a

sentar-se, esperando pela resposta de Julia.

Ela estava orgulhosa de si m esm a, tão satisfeita que não notou o olhar que a professora Picton lançou para o professor Pacciani. O olhar deixava bem claro que Katherine o responsabilizava pelo
307/1201

com portam ento exibicionista de sua convidada e com o ela não estava nada contente com isso. A reação do professor Pacciani foi sussurrar no ouvido de Christa, gesticulando bruscam ente.

Julia sim plesm ente ficou ali, piscando depressa, enquanto todos na sala esperavam sua resposta.

Gabriel se inclinou para a frente na cadeira, com o se fosse se levantar. Mas pensou m elhor e desistiu qunado a professora Picton estreitou os olhos para ele. A expressão no rosto dele estava furiosa ao olhar na direção de Christa.

Paul balbuciou um xingam ento e cruzou os

braços na frente do peito.

A professora Picton apenas m eneceu a cabeça

para Julia, seu rosto o retrato da confiança.

Julia ergueu a m ão trêm ula para prender o cabelo atrás da orelha, os diam antes em seu anel de noivado refletindo a luz.

– Hum , vam os com eçar com sua colocação de que

alguns

pesquisadores

acreditam

que

308/1201

Francisco veio salvar a alma de Guido e que isso pode ser demonstrado nas primeiras palavras que ele dirige a Dante.

Julia leu os versos em italiano, sua pronúncia segura e melodiosa:

*“S’I credesse che mia risposta fosse
a persona che mai tornasse al mondo,
questa fiamma stia stanza più scosse;
ma però che già mai di questo fondo
non torno vivo alcun, s’l’odo il vero,
sanza tema d’infamia ti rispondo.”*

Em seguida traduziu:

“Se acreditasse ser destinada à minha resposta
A alguém que ao mundo já não retornaria,

Esta chama, sem mais crepitar, inerte quedar-se-ia;

309/1201

Contudo,

visto

que

destas

profundezas

ninguém

Já não retornou, se o que escuto é verdade,

Sem temer a infâmia a ti respondo...”

Julia em pertigou-se um pouco mais.

– Nessa passagem Guido diz que está disposto a contar a verdade, pois acredita que Dante é um dos condenados e por isso não seria capaz de repetir sua história. Mas a história de Guido serve a ele próprio. Ele culpa a todos por seu destino: o

papa, o demônio e, por consequência, São Francisco. Em sua descrição, não há nada do que ele deveria se envergonhar. Na verdade, ele gostaria que sua história fosse repetida. Ele não quer revelar sua estratégia dizendo isso às claras e é por isso que faz o discurso que acabei de citar. Você

tam bém se esqueceu de outro trecho.

Julia voltou a recitar:

310/1201

*“Ora chi se’, ti priego che ne conte; non esser duro più ch’altri sia stato,
se ‘l nome tuo nel mondo tegna fronte.”*

E novam ente traduziu:

“Peço-te agora que m e contes quem és;

Não sej as m ais irredutível do que os outros antes de ti,

Para que teu nom e no m undo faça boa figura.”

Sentindo sua confiança aum entar, Julia resistiu ao im pulso de sorrir, preferindo fitar os olhos de Christa com um a expressão séria.

– Dante fala para Guido que pretende repetir

seu relato para o m undo. Só depois ele conta a história de sua vida. Além disso, sabem os que Dante não se parece fisicam ente com as outras som bras. Portanto, é bem provável que Guido tivesse percebido que o poeta não estava m orto.

311/1201

Christa ia com eçar a falar, m as Julia ergueu a m ão com paciência, indicando que não havia

term inado.

– Há evidências no próprio texto que sustentam m inha interpretação. Podem os encontrar um

trecho sem elhante no canto V do *Paraíso*, em que o filho de Guido fala sobre com o um anj o veio

buscar sua alm a no m om ento de sua m orte.

Talvez sej a da responsabilidade dos anj os, e não dos santos, conduzir as alm as ao Paraíso. Dessa form a, Francisco pode ter surgido para Guido após a sua m orte por um m otivo bem diferente.

Quanto à sua última colocação, sobre o trabalho do professor Hutton, se estiver se referindo ao livro *Fogo e gelo: desejo e pecado no Inferno de Dante*, então sua interpretação do posicionamento dele está incorreta. Em bora não tenha um exemplo do livro aqui comigo, há uma nota de rodapé no capítulo 10 em que ele afirma acreditar que Francisco apareceu para Guido, pois a seu 312/1201

ver o demônio se dirige a outra pessoa que não o próprio Guido. Mas o professor Hutton afirma ter dúvidas quanto a se o santo foi para salvar sua alma ou por algum outro

motivo. Isso é tudo o

que ele diz sobre o assunto.

Christa se levantou, com o se quisesse rebater os argumentos de Julia, mas, antes que pudesse dizer uma palavra sequer, um professor mais velho, trajando tweed da cabeça aos pés, se virou para encará-la. Ele a fitou com desdém por trás de seus óculos de armação de tartaruga.

– Podem os seguir em frente? A senhorita já fez a sua pergunta e a palestrante já a respondeu. De forma muito adequada, se me permite observar.

Christa ficou perplexa, mas logo se recom pôs, protestando que deveria ter a chance de fazer uma pergunta com prazer.

Mais uma vez a plateia reagiu com sussurros, mas Julia percebeu que a expressão em seus

313/1201

rostos havia mudado. Agora olhavam para Julia com um tipo de admiração silenciosa.

– Podem os continuar? Gostaria de fazer uma

pergunta. – O professor desviou os olhos de

Christa e se voltou para o moderador, que, pigarreando, intercedeu:

– Bem, se sobrar tempo voltarem os à senhorita.

Mas, a meu ver, no momento o professor Wodehouse tem a palavra.

O homem mais velho de tweed balbuciou um

agradecim ento e se levantou. Retirou os óculos e os brandiu na direção de Julia.

– Donald Wodehouse, do Magdalen College –
apresentou-se.

Julia ficou pálida, pois o professor Wodehouse era um especialista em Dante cujo o posicionamento rivalizava com o de Katherine Picton.

– Sei a que nota de rodapé a senhora se refere no livro do Velho Hut. O resumo que fez dela está correto. Emerson, no entanto, interpreta a 314/1201

questão de outra forma. – Ao dizer isso, Wodehouse gesticulou na direção de Gabriel. – Mas veja o que não se deixou influenciar por ele, em -

bora seja com casados.

Risadas se espalharam pela plateia, e Gabriel piscou para Julia, orgulhoso.

– Com o a senhora sugeriu, causa espanto que

Francisco pudesse surgir no momento da morte de um falso franciscano, mas devem os pressupor que ele o tenha feito para que o discurso do demônio faça sentido. Então o que nos resta é o mesmo a mesmo que a senhorita atrás de mim mencionou. Meias verdades e mentiras parecem permeiar todo o discurso de Guido. A am -

biguidade e a astúcia retórica já são de esperar de uma pessoa culpada de conselhos fraudulentos.

Dessa forma, tendo a concordar com boa parte do que a senhora disse. E, em bora não possa falar por ele, imagino que o Velho Hut também concordaria, se estivesse entre nós.

315/1201

Julia suspirou devagar, aliviada, largando o púlpito que segurava com toda a força. Sua mente ansiava pelas próximas palavras dele, mas ela se sentia endossada pelas observações do professor.

Wodehouse olhou para suas anotações antes de
continuar:

– A senhora ofereceu um a interpretação que

sem dúvida é um a teoria tão boa quanto qualquer outra, e superior às análises que atribuem ignorância ou inj ustiça a Francisco. Mas, sej am os claros: é um a especulação.

– Sim , é. – A voz de Julia saiu baixa, m as firm e.

– Estou aberta a sugestões de interpretações alternativas.

O professor Wodehouse deu de om bros.

– Quem pode saber por que Francisco fez sej a lá o que for? Talvez ele tenha ido ao encontro de outra alm a de Assis e apenas haj a sido intercept-ado por um farsante oportunista.

A sugestão arrancou risadas da plateia.

316/1201

– No entanto, tenho um a pergunta. – Ele re-

colocou os óculos no rosto e baixou os olhos para

suas anotações. – Gostaria que falasse m ais sobre o acordo entre Bonifácio e Guido. A senhora passou m uito por alto por essa parte em seu artigo e creio que o assunto m ereça m ais atenção.

Com essas palavras, ele sentou-se.

Julia assentiu, tentando organizar depressa suas ideias.

– Minha tese foi sobre a interpretação da apar-ição de Francisco, não sobre o pecado de Guido.

Mesm o assim , será um prazer falar um pouco m ais sobre essa parte.

Julia deu início a um breve, porém desenvolto, resum o do encontro de Guido com o Papa Bonifácio VIII e suas consequências, o que pareceu satisfazer o professor. No entanto, registrou para si m esm a que ele havia considerado seu artigo de-ficiente nesse aspecto. Iria se lem brar disso ao revisar o texto para um a possível publicação.

317/1201

Mais algum as perguntas foram feitas e respondidas, e então o moderador agradeceu a Julia.

Um a salva de palm as que beirava o entusiasmo encheu a sala e Julia percebeu que vários professores experientes assentiam para ela.

Quando o moderador convidou todos os

presentes a fazerem uma pausa para um chá ou um café, ela observou, com surpresa, o professor Pacciani tomar Christa pela mão e conduzi-la para fora do auditório.

Julia foi para junto de Gabriel, perscrutando seu rosto, ansiosa.

Ele sorriu e entrelaçou seu dedo mindinho ao dela discretamente.

– *Essa é a minha garota brilhante* – sussurrou.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Julia circulou durante o *coffee break*, conversando com o professor Wodehouse e vários outros

sobre a palestra. Era quase unanimidade que sua pesquisa era muito boa e que ela havia lidado com as perguntas de modo admirável. Na verdade, mais de um participante da conferência havia comentado que estava surpreso por ela ser

apenas aluna do doutorado e não professora assistente.

Enquanto a esposa aproveitava seu triunfo

acadêmico, Gabriel passeava do lado de fora, tomando o café sob o sol de Oxford.

Sentia-se grato pelo bom tempo, sem chuva.

Também sentia-se grato pelo fato de Julia ter se saído tão bem em sua apresentação. Sim, trans-parecera nervosismo e ainda tinha muito o que 319/1201

melhorar. Mas, levando-se em conta que acabara de entrar para o doutorado, muitos dos presentes tinham ficado devidamente impressionados. Ele ofereceu uma prece silenciosa de agradecimento.

No meio dessa prece, Paul Norris se aproximou dele, com as mãos nos bolsos.

A princípio, eles conversaram de forma tolerante e educada. Então Gabriel percebeu que Paul o encarava com algo que lhe parecia inquietação.

– Algum problema? – A voz de Gabriel era enganosa e suave. Com o uísque.

– Não, nada. – Paul tirou as mãos dos bolsos.

Ele estava prestes a entrar de novo no prédio quando se deteve. – Que se dane – balbuciou.

Ele retesou os ombros e encarou seu antigo orientador.

– A professora Picton quer que você seja o leitor externo da minha tese.

Gabriel fitou Paul com um olhar frio.

– Ela comentei isso comigo.

320/1201

Paul esperou que o professor dissesse mais alguma coisa, mas ele ficou calado.

– Hum, você vai pensar no assunto?

Gabriel jogou o peso do corpo para trás, apoiando-se nos calcanhares.

– Sim, vou pensar no assunto. O tema da sua tese é bom e fiquei satisfeito com o trabalho que fez para mim. Eu o transferei para Katherine por motivos pessoais. Não fosse por isso, ainda estaria orientando você.

Paul

afastou

o

olhar,

sentindo-se

desconfortável.

– Julia se saiu bem – disse ele, mudando de assunto.

– É verdade.

– Soube lidar até com Christa.

O rosto de Gabriel assumiu uma expressão

orgulhosa.

– Julianne é uma mulher extraordinária. Ela é muito mais forte do que parece.

321/1201

– Eu sei. – Os olhos de Paul tornaram-se duros, fitando o professor com algo que poderia ser raiva.

– Você parece ter muito a dizer sobre e para a minha esposa. – O tom de Gabriel ficava cada vez mais frio.

– O que você está fazendo para acabar com os boatos? Eu estive na UCLA em um arco e todos estavam falando sobre com o Julia foi para a cama com você para se formar e entrar em Harvard.

Um músculo saltou na mandíbula de Gabriel.

– Esses boatos são fruto do veneno da Srta.

Peterson. Cuidarei dela, posso garantir.

– Bem, é melhor se apressar.

Gabriel estreitou os olhos.

– Com o quê?

Paul trocou o peso do corpo de um pé para o

outro, mas não se deixou intimidar.

– Ontem, quando cheguei, ouvi dois senhores

conversando sobre Julia. Falavam com o se ela 322/1201

fosse burra e só estivesse no doutorado pelo

rostinho bonito.

– Acho que já podem os dizer, sem medo de errar, que ela provou o contrário. O artigo de Julianne foi bem apresentado e bem recebido. Isso

sem contar o pequeno detalhe de que, em vez de apenas *ir para a cama* – ao dizer isso, Gabriel abanou a mão com repulsa –, eu me casei com

ela.

– Julia pode ser sua esposa, mas você não a merece.

Gabriel deu um passo à frente, amedrontado.

– O que você disse?

Paul se empenhou, revelando toda a sua altura, pelo menos uns 3 centímetros acima do seu ex-professor.

– Eu disse que você não a merece.

– E você acha que eu não sei disso?

Furioso, Gabriel atirou sua xícara de porcelana no chão. Ela se espatifou com o impacto.

323/1201

– Todas as noites, antes de dormir com ela nos meus braços, agradeço a Deus por ela ser minha.

Todas as manhãs, ao acordar, a primeira coisa em que penso é com o que sinto grato por ela ter se casado comigo. Jamais serei digno dela. Mas passo todos os meus dias fazendo o melhor que posso por ela. Você foi um amigo para Julianne quando ela precisou. Mas preste atenção no que lhe digo, Paul: não queira me provocar.

Um longo silêncio se estabeleceu entre os dois.

Com um esforço hercúleo, Gabriel controlou sua raiva.

Paul foi o prim eiro a desviar os olhos.

– Quando a conheci, ela se assustava com m uita facilidade. Eu tinha a sensação de que precisava sussurrar para não m atá-la de susto.

– Ela não é m ais assim .

– Não, não é m esm o. – Os om bros de Paul

pareceram despencar. – Durante o alm oço, Julia 324/1201

m e falou sobre o doutorado em Harvard. Ela está adorando.

– Eu sei disso. – A expressão de Gabriel ficou ainda m ais carregada. – E sei que você a quer.

Estou lhe dizendo: desista.

Paul o encarou.

– Você está enganado.

– Ah, estou? – O professor o desafiou, dando

m ais um passo à frente. Agora estavam a poucos centím etros de distância e a postura de Gabriel era furiosa e am eaçadora.

– Não quero Julia. Eu a am o. Ela é a m ulher da m inha vida.

Gabriel o fitou, incrédulo.

– Julianne não pode ser a m ulher da sua vida.

Ela é m inha esposa!

– Eu sei disso.

Paul olhou por cim a do om bro do professor,
em direção à Woodstock Road, balançando a
cabeça.

325/1201

– Conheci um a garota linda, doce e católica. O

tipo de m ulher que poderia apresentar aos m eus pais. O tipo de m

ulher que passei a vida inteira procurando. Eu a tratei bem , nós ficamos amigos e, quando um babaca apareceu e partiu o seu coração, eu estava lá. Ela chorou na droga do meu ombro. Dormi na droga do meu sofá.

Gabriel retesou o meu axilar, furioso.

– No fim do semestre, ela foi atrás de seus sonhos e entrou para Harvard. Eu a ajudei com a minha dança. Arranjei um trabalho de meio expediente e um apartamento para ela. Mas, quando enfim lhe disse o que sentia e pedi que ela me escolhesse, ela não fez isso. Não porque não gostasse

de mim ou não sentisse nada. Mas porque estava apaixonada pelo babaca que partiu seu coração.

Paul deu um sorriso falso.

– E esse cara cheira a encrenca. Ele é promíscuo. Costumava tratá-la com o lixo. Bebe demais.

Até onde sei, ele a seduziu só por diversão. Já se 326/1201

envolveu com o meu professor que dá em cima dos alunos e é sadomasoquista. Então quem sabe o que ele faz com a minha garota entre quatro paredes? Quando ele a abandona, fico feliz de vida, achando que agora ela vai ter a chance de

estar com alguém que será bom para ela. Alguém que irá tratá-la com carinho e nunca a fará chorar. Só que, para meu espanto, o babaca volta.

Porra, ele volta. E faz o quê? Ele a pede em

casamento. E ela aceita!

Ele chutou o chão, frustrado.

– Esse é o resumo da história da minha droga de vida. Encontrei a garota perfeita, a perdi para um babaca que partiu o coração dela e provavelmente vai continuar fazendo isso. E depois recebi a merda do convite para o grande casamento

deles na Itália.

Gabriel trincou os dentes.

– Em prim eiro lugar, ela não é a sua garota nem nunca foi. Não preciso m e j ustificar para você ou 327/1201

para quem quer que sej a. Mas, por respeito à m inha esposa, que parece se im portar com você, vou adm itir que fui um babaca. Não sou m ais aquele hom em . Nunca traí Julianne, nem um a vez sequer, e tenho certeza de que não partirei seu coração de novo.

– Muito bem . – Paul arrastou os pés no chão. –

Então perm ita que ela term ine o doutorado.

– Perm ita? – Gabriel baixou a voz até um quase sussurro: – *Permita?*

– Ela pode querer desistir, dar um tem po, ou coisa parecida. É seu dever incentivá-la a

continuar.

Os olhos de Gabriel faiscaram .

– Se tiver algum a inform ação que queira com -

partilhar, Sr. Norris, sugiro que fale de um a vez.

– Julia se sente culpada por priorizar seus

estudos.

Gabriel fechou a cara ao entender o que Paul

queria dizer com aquelas palavras.

328/1201

– Ela lhe disse isso?

– Disse tam bém que não tem m uitos am igos.

– Que conveniente para você. Está interessado em continuar sendo am igo dela?

Paul fez um a careta.

– Não há nada de conveniente nisso. Será que você não entende? Eu am o Julia e, por am á-la, tenho que ouvi-la falar quanto se preocupa em fazer você feliz. Você, o babaca que a abandonou.

– Tam bém não fico exatam ente feliz por ela ter escolhido fazer essas confidências a você.

– Se ela tivesse am igos em Cam bridge, não precisaria se abrir com igo. E, de todo m odo, m inha am izade com ela precisa acabar.

Gabriel tornou a se apoiar nos calcanhares, perplexo por um m om ento.

– Você m esm o tom ou essa decisão?

– Sim .

– Já disse isso a ela?

329/1201

– Não faria isso antes da palestra. Seria cruel da m inha parte.

– Quando pretende contar?

Paul deu um suspiro profundo.

– Esse é o problem a. Não posso fazer isso pessoalm ente. Assim que voltar a Verm ont, escreverei para ela. – Ele fitou Gabriel, seus olhos cheios de rancor. – Estou certo de que você ficará m uito

feliz.

– Ver Julianne sofrendo não m e causa nenhum

prazer, por m ais que você pense o contrário. –

Gabriel baixou os olhos para a aliança de platina em sua m ão esquerda. – Eu a am o.

Paul lançou seus olhos negros para a aliança.

– Sua am izade é im portante para ela – disse o professor. – Julianne ficará m agoada.

– Está na hora de virar a página.

– Você vai dizer isso a ela?

– Não vou m entir. Contar a verdade vai m e

m atar, m as é o que farei.

– Isso é muito nobre da sua parte. – Um traço de admiração despontou na voz de Gabriel. –

Talvez eu devesse convencê-lo a me ajudar de ideia.

– Não vai conseguir.

Paul e seu ex-professor fitaram-se por um bom tempo.

– Fui injusto com você, Paul. E, por isso, peço desculpas.

– Não estou fazendo isso por você. E certa-

mente não estou fazendo isso para que leia minha tese e me escreva uma carta de recomendação.

Direi a Katherine que nós conversamos e que você preferiu não fazer a leitura.

Paul meneou a cabeça para Gabriel e começou a seguir em direção ao prédio.

– Sr. Norris – chamou-o Gabriel.

Paul parou e se virou lentamente para o

professor.

– Sem preterir intenção de ser seu leitor externo, me esmogo que continuasse sendo amigo de Julianne.

Sua pesquisa se sustenta por seus próprios méritos. – Ele estendeu a mão.

Paul hesitou por alguns instantes, mas então voltou. Os dois trocaram um aperto de mãos.

– Obrigado.

– De nada.

Os dois se entreolharam, a expressão em seus olhos semelhante à de dois guerreiros após uma batalha em que ambos os lados sofreram

baixas graves.

Paul foi o prim eiro a falar:

– Não vou interferir em seu casam ento. Mas, se descobrir que você voltou a m agoá-la, terem os um problem a.

– Se eu m agoar Julianne, terei feito por m erecer.

– Ótim o. – Paul sorriu. – Podem os parar de nos tocar agora?

Gabriel largou a m ão de Paul com o se ela estivesse em cham as.

332/1201

– Sem dúvida.

CAPÍTULO DEZESSETE

Mais tarde, Julia e Gabriel fizeram *check in* no Randolph Hotel. Deveriam encontrar Katherine e

Paul para j antar, m as Paul dissera que precisava

conversar com a professora Picton a sós e, em tom de desculpas, perguntara se Julia e Gabriel se im portariam de cancelar seus planos. Assim , os

Em ersons acabaram j antando sozinhos.

Após um a refeição tranquila no elegante res-

taurante do Randolph, os dois subiram para a suíte que haviam reservado.

– Está feliz que a conferência tenha acabado? –

Gabriel segurou a porta aberta para a esposa.

– Muito.

Na m esm a hora, Julia tirou o blazer e o j ogou sobre um a cadeira. Sentou-se na beirada da cam a e chutou os sapatos de salto alto para longe.

334/1201

Pegou um quadradinho de chocolate de cima de um dos travesseiros e o desembrulhou, enfiando-o na boca em seguida.

– Eles não nos davam chocolates no Magdalen College.

Julia olhou com carinho para o banheiro.

– Acho que estou apaixonada por esse porta-toalhas aquecido. Precisamos de um desses em Cambridge.

Gabriel riu.

– Vou ver o que posso fazer.

– Mas não trocarias nossas noites no Magdalen

College por nada neste mundo. Se voltarmos para a Oxford, espero que possam os ficar lá de novo.

– Claro. – Gabriel deu um beijo no topo da

cabeça dela. – O Magdalen é um lugar especial, mas as acomodações eram espartanas demais para o meu gosto. Acho que o melhor seria voltarmos a dividir nosso tempo entre lá e aqui.

335/1201

– Tinha esperanças de ver um fantasma de Nárnia durante nossa estadia.

– Só no Magdalen teria chances de encontrar

um. Em breve tenha ficado sabendo que o ator que interpretou o inspetor Morse assombrava o bar

deste hotel. Podem os descer para dar uma olhada.

– Acho que já estou farta de gente por aqui.

Preciso de um banho e uma toalha quente e ir para a cama cedo.

- Sente-se diferente agora? – Ele aninhou seu rosto na palma da mão.
- Sobre o quê?
- O doutorado. – Ele deu de ombros. – Sobre tudo.
- Trabalhei duro no artigo, mas também tive sorte. A plateia não foi nada hostil hoje.
- Também não era uma plateia tão fácil. Conheço aquelas pessoas. Elas não toleram idiotices.

336/1201

- Percebi isso pela maneira com o qual se voltaram contra Christa durante as perguntas. Nunca tinha visto nada parecido.

Julia estremeceu.

- Eu já. E coisas piores.
- Para onde será que ela foi?

Gabriel bufou.

- Ao que parece, Pacciani a levou embora. Imagino que Katherine tenha mesmo o botado em cima dele. Ele estava furioso.

Julia ergueu os olhos para o marido, curiosa.

- Não acha estranho que Paul não tenha querido jantar conosco? Ele parecia tão em polgono mesmo assim cedo.

Gabriel correu o nariz dela com o dedo, de

modo suave.

- Talvez Katherine não esteja satisfeita com a tese dele e Paul queira acertar algumas coisas com ela sem uma plateia.
- Pode ser.

337/1201

- Você ainda não respondeu à minha pergunta.

Está se sentindo diferente em relação ao doutorado? Ou continua entusiasmada?

Ela pousou a mão sobre a dele, pressionando a palma de Gabriel contra seu rosto.

– Foi uma experiência intimidadora. Mas fico feliz por ter passado por ela. Gostaria de fazer isso de novo.

– Que bom, porque acho você talentosa, Julianne, e quero fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-la a alcançar o sucesso.

Ela fechou bem os olhos.

– Obrigada, Gabriel. Isso significa muito para mim.

– Você sempre pode conversar comigo. Se algum dia a coisa estiver incomodando, eu irei ouvir.

Prometo. – Ele deslizou a mão até a sua nuca.

– Quero que sejam os felizes – disse Julia.

– Eu também. Então, se em algum momento estiver infeliz, me diga.

338/1201

Julia deu um beijo no pulso dele.

– Eu me pergunto o que o marido de Beatriz pensava do assédio de Dante. Você precisa ad-

mitir que essa parte da história é triste. Beatriz é casada, mas tem esse poeta que a segue por toda

parte e lhe dedica sonetos.

Gabriel a apertou com mais força.

– Eu me casei com você. Amo você. Tem algo que Dante e Beatriz nunca tiveram. – Ele tornou

a beijá-la. – Preciso dar uma saída.

– Vai demorar muito?

– Não sei. Mas, enquanto isso, tenho um presente para você.

Ele tirou um a caixa do bolso e a pôs na mão dela.

Julia leu a inscrição: *Cartier*.

Ergueu a cabeça para ele, os olhos arregalados.

Gabriel abriu a caixa, revelando um belo relógio de ouro branco que reluzia em meio a camadas de seda creme.

339/1201

– É o reconhecimento de um bom trabalho.

Você terá muitas oportunidades de apresentar sua pesquisa, portanto precisa de um relógio confiável.

Ele o retirou da caixa e o virou ao contrário, mostrando-lhe a inscrição na parte de trás:

Para minha amada,

♦♦♦

com admiração e orgulho.

Gabriel.

– Um Timex é um relógio confiável. Isto aqui é completamente diferente – disse Julia, mal contendo uma risada.

Ela tocou a inscrição, admirada.

– Com o quê?

– Com o quê? – Ele pôs o relógio no pulso dela. Era do tamanho perfeito.

– Que eu faria um bom trabalho.

340/1201

– Porque acredito em você.

Ele a beijou com paixão. Então, com determinação no olhar, saiu da suíte.

Christa Peterson estava sentada na espaçosa cama do seu quarto de hotel, esperando. Conseguira encontrar um espartilho preto sensual de amarrar nas costas, que usava com uma meia-calça presa por uma cinta-liga e saltos muito altos.

Uma garrafa de champagne gelava num balde de prata em um dos cantos do quarto e uma

música sensual flutuava no ar. Uma série de acessórios eróticos (algem as inclusive) estava disposta sobre uma mesinha de cabeceira.

Ela conferiu seu relógio muito caro, que usava desde o dia em que perdera a virgindade, resistindo ao impulso de pensar nas palavras que 341/1201

Giuseppe lhe dissera na noite anterior. Sua avaliação chegara muito perto da verdade.

Em vez disso, concentrou-se no que estava

prestes a acontecer. Ela enfim teria o que seu coração desejava: o professor Gabriel O. Emerson

em seus braços, em sua cama, em seu corpo.

Finalmente.

Os homens nunca diziam não para ela. E,

apesar do apego de Gabriel por sua esposa sem sal, que muitos pensavam que ele era homossexual.

Eles transariam algumas vezes e então cada um seguiria seu caminho. Ela teria a satisfação de

saber que seu grau de sucesso na arte da sedução era de cem por cento.

O som de alguém batendo à porta ecoou pelo quarto.

Tentando disfarçar seu entusiasmo, Christa endireitou as costuras de suas m eias e cam inhou em direção à porta.

CAPÍTULO DEZOITO

– Você foi m aravilhosa – sussurrou Gabriel,

correndo os dedos sem pressa pela espinha dela, para cim a e para baixo.

Ela abraçou o travesseiro, escondendo o rosto.

Estava deitada de bruços, as costas gloriosam ente expostas.

Ele observou sua tim idez com preocupação,
antes de se inclinar para beij ar o om bro dela.

– Querida?

– Obrigada. – Julia se aj eitou um pouco e olhou para ele.

– O que achou daquela posição? – Gabriel es-

palm ou a m ão na base das costas dela, pousando-a sobre as duas covinhas que havia ali.

– Gostei.

– Mas?

343/1201

– Não tenho ressalvas.

– Então por que está sem graça?

Ela deu de om bros.

Gabriel a virou de lado.

– Você está segura. Prom eto que está segura

nos m eus braços e na m inha cam a. Sem pre. – Ele levou um dedo ao seu queixo, erguendo-o. – Fale com igo.

Julia evitou os olhos dele.

– Não quero ficar trazendo velhas questões à tona, mas às vezes fico preocupada.

– Com o quê?

– Tenho medo de não ser ousada o bastante para você.

Gabriel teria rido se ela não parecesse tão preocupada. Ele se forçou a manter a seriedade.

– Depois das últimas horas, acho impossível que isso a perturbe.

344/1201

A palma da mão dele estava pousada na curva das costas dela, mas ele resistiu à tentação de apertar sua bunda.

Ela soprou para tirar um fio de cabelo de dentro da boca.

– Não tive oportunidade de lhe contar, mas

Christa me abordou logo antes do almoço.

Os olhos de Gabriel faiscaram.

– Não quero ouvir esse nome quando estivermos na cama.

Julia acariciou os pelos finos do peito de

Gabriel.

– Desculpe.

– O que ela disse?

– Que você me erecia um amor mulhermeus ousada na cama.

– Não dê ouvidos às idiotices me aliciosas dela.

– Eu disse a ela que o que você me erecia era

amor e que eu lhe dava isso.

– A m ais absoluta verdade. – A m ão dele

deslizou pela espinha de Julia até o pescoço, onde com eçou a m assageá-la gentilm ente. – Por que

está preocupada?

– Porque não quero perder você.

Dessa vez, Gabriel não pôde deixar de rir.

– Então acho que isso sej a um a com petição, m eu am or, porque pretendo fazer o possível e o im possível para não perdê-la.

– Ótim o. – Ela se enroscou um pouco m ais em seus braços.

– Não tenho a m enor intenção de repetir algu-m as aventuras que tive no passado.

Julia pensou na professora Agonia e se

encolheu.

Com o indicador, Gabriel contornou a curva do pescoço dela, subindo e descendo, e sussurrou baixinho:



– Já outras aventuras estou disposto a explorar, se você estiver de acordo. Nossa cam a é feita para 346/1201

o prazer. Minha m aior preocupação é satisfazê-la e ter prazer com você, não às suas custas. Não precisa ter m edo de que eu vá abandoná-la se m e disser não. Você sem pre pode m e dizer não.

Entendeu?

– Entendi. – Ela suspirou com força.

– Então, se eu sugerir algo... novo e você decidir que não quer experim entar, tudo bem .

– Sério? – Os olhos arregalados de Julia scrutaram os dele.

Os cantos da boca de Gabriel se curvaram .

– Posso tentar seduzi-la e fazê-la m udar de

ideia. Mas não consigo im aginar nada m ais desagradável do que fazer sexo com um a m ulher contra a vontade dela.

Gabriel acariciou o rosto dela com o polegar.

– E, no seu caso, não consigo pensar em nada m ais doloroso do que olhar nos seus olhos e ver desconforto ou arrependim ento.

347/1201

Ele colocou sua boca à dela e os dois se perderam por alguns instantes na doçura de sua união.

– Continua tím ida? – Ele a afastou para estudar a expressão em seu rosto.

– Não. – Ela j untou as pernas. – Mas m e pergunto que tipo de aventuras sexuais você tem em m ente.

– Acredite, Julianne, eu vou lhe m ostrar.

Ele a virou de costas e segurou os braços de

Julia acim a da cabeça dela, roçando os lábios em seu pescoço.

Na m anã seguinte, os Em ersons dorm iram até m ais tarde, apesar dos planos de acordarem cedo para visitar o Ashm olean Museum . Gabriel foi o prim eiro a sair da cam a, beij ando Julia antes de ir ao banheiro.

348/1201

Depois de tom ar um a ducha e fazer a barba, ele voltou ao quarto, usando apenas os óculos e um a

toalha enrolada na cintura. Julia ainda estava dorm indo.

Ele a observou com considerável satisfação. Ela ficara exausta na noite anterior, graças a um a excepcional série de orgasm os. O peito dele se encheu de orgulho.

Gabriel passara a noite anterior iniciando-a em atividades que ela nunca havia experim entado.

Não conseguia conter a possessividade primitiva que sentia por ser ele a ensiná-la e a com partilhar de seu prazer. Essa possessividade, no entanto,

era atenuada pela ternura que o invadia ao perceber quanto Julia confiava nele.

O sexo entre os dois era sempre repleto de

paixão, sempre carinhoso. Gabriel a observava com toda a atenção, para que pudesse agir imediatamente a qualquer sinal de hesitação. E, por 349/1201

saber-se em segurança, ela se entregava por

completo.

O sexo pode devorar uma pessoa. Gabriel sabia disso, pois já havia sido devorado, com o um animal preso em uma armadilha. Sabia que até mesmo com a esposa havia vezes em que sentia a tentação de largar tudo para poder estar dentro dela. Julia podia ser voraz e passional. A confiança de estar segura lhe dava coragem e sua

paixão a tornava uma amante ardorosa. Sua experiência se limitava ao que Gabriel havia lhe ensinado, um fato do qual ele muito se orgulhava.

Era com o seu uma novidade os aguardasse a cada vez que se amavam.

Ele não sabia com o que transmitir o que sentia em relação a tudo isso sem trazer à tona o fantasma de suas antigas amantes. Porém sentia na própria carne as diferenças entre a esposa e as outras mulheres e tentava assegurá-la de quanto 350/1201

ela o satisfazia não só com palavras, mas também com atos.

Dentro ou fora do quarto, eles seguiam a

sabedoria de Santo Agostinho: *Ama e faz tudo o que quiseres.*

(E eles amaram e fizeram tudo o que quiseram várias vezes na noite anterior.)

Ele olhou para os restos da surpresa que pre-

parara: os orngos e trufas para os dois, cham -

panhe para Julia e água com gás para ele. O recepcionista tinha sido muito prestativo quando, por impulso, Gabriel lhe pediu tudo aquilo na noite anterior.

Gabriel começou a catar as roupas do chão.

Pendurou as coisas de Julia primeiro, sorrindo para o corpete e a calcinha minúscula que ela usava debaixo do terninho bem-comportado. Ela sabia exatamente com o seduzi-lo, sem se afastar do recato que lhe era natural.

351/1201

Em seguida, pendurou o próprio terno, esvaziando os bolsos. Uma coisa branca caiu no chão.

Ele se agachou para pegá-la de volta. Era um cartão de visita.

Christa Peterson

Estudante de Mestrado

Departamento de Italiano

Universidade Columbia

E-mail: cp24@columbia.edu

Tel. (212) 4582124

Gabriel olhou com repulsa para o cartão e virou-o. No verso, encontrou algo escrito em letra cursiva feminina.

Malmison Hotel, Quarto 209. Hoje à noite.

Com um xingamento, Gabriel amassou o cartão e o jogou na lata de lixo.

352/1201

Christa devia tê-lo enfiado em seu bolso no dia anterior. Sem dúvida escrevera o cartão antes de encontrá-lo, já tendo planejado seduzi-lo. Talvez tivesse até viajado a Oxford só para isso.

Diante dessa explicação, grande parte do seu

com portam ento fazia sentido. O alvo era Gabriel, não Julia. As atitudes ultraj antes de Christa tinham sido friam ente calculadas para apanhá-lo

♦ ♦ ♦

num a arm adilha, usando seu desej o de proteger a esposa. É claro que isso não a im pedira de provocar Julia e sugerir que ela não seria capaz de segurar o m arido, com o se Christa estivesse certa de que conseguiria seduzi-lo.

O estôm ago de Gabriel se revirou.

Ele andou até a cam a e observou o perfil de

Julia enquanto ela dorm ia. Os dois haviam tido um a noite de im enso prazer, e Christa queria roubar isso deles. Sua luxúria se transform ara em invej a e perfídia e ela conspirava para roubá-lo de sua esposa.

353/1201

Que bom que Julia não encontrou aquele cartão.

Ele esperava que, se isso tivesse acontecido, ela o confrontasse em vez de sair correndo e abrir seu coração para Paul.

Um arrepio percorreu a espinha de Gabriel. A carreira de Julia, que m al estava com eçando, era preciosa. O casam ento deles era precioso. E ele não perm itiria que nada ou ninguém am eçasse qualquer um a dessas duas coisas.

Pegou o celular e voltou ao banheiro. Enquanto andava, discou o número de John Green, seu

advogado.

No Malm aison Hotel, no Oxford Castle, Christa estava parada diante do espelho do banheiro. Levou a m ão trêm ula ao lábio, pairando os dedos sobre a pele cortada. Encolheu-se, inspecionando lentam ente o hem atom a que surgia em sua face e 354/1201

as m arcas que os dedos dele haviam deixado ao se enterrarem em sua carne.

Seu estado era lastimável.

Na noite anterior, ela abrira a porta do quarto esperando ver o professor Emerson. Mas era Giuseppe quem estava ali, bêbado e furioso.

Ele passou por ela com um empurrão e trancou a porta, vociferando sobre como a Christa iria lhe custar o cargo que pleiteava nos Estados Unidos.

Gritava em italiano, com a voz engrolada.

Quando Christa questionou o que ele estava fazendo ali, Giuseppe ficou ainda mais agressivo, exigindo saber quem ela pretendia seduzir no quarto pelo qual ele havia pagado.

Assim que ouviu o nome de Gabriel, ele lhe deu um tapa com as costas da mão.

Ela nunca havia apanhado antes. Entre a noite anterior e essa manhã, passou por muitas coisas pelas quais nunca tinha passado. Baixou os olhos para o meio das pernas, onde sua carne estava 355/1201

esfolada e sensível. Christa não havia consentido.

Não concordara com nada daquilo.

A ternura que Giuseppe demonstrara antes de-

saparecera por completo. Ele se entregou à fúria, rasgando as roupas dela e forçando-a a se deitar na cama. Ele a insultou, xingando-a e a Gabriel.

Christa resistiu e tornou a apanhar.

Ela se debruçou sobre a privada ao se lembrar da agressão, botando para fora tudo o que havia em seu estômago. Assim que terminou, recostou-se na pia e bebeu um copo d'água.

Achava que estava no controle. Era ela quem

decidia com quem ir para a cama e o que seus parceiros deveriam lhe dar em troca. Era ela quem rejeitava os amantes. Mas, na noite passada, o controle lhe fora tomado.

E ele lhe tomara bem mais do que isso. Ao lembrar -

brar, ela precisou conter lágrimas de raiva e frustração.

356/1201

Christa voltou ao quarto na ponta dos pés para se certificar de que ele ainda dormia. Ao ouvir o som grave dos seus roncos, soube que estava na hora.

Vestiu algumas roupas às pressas, sem se im-

portar se com binavim ou não. Jogou seus pertences dentro da mala, deixando os farrapos da lingerie da noite anterior espalhados pelo chão.

Ouvindo uma inspiração forte e alta vir da cama e se virou na direção dela, aterrorizada.

Giuseppe

balbuciou

algo

e

os

roncos

recomeram.

Christa pegou a bolsa, o passaporte e o casaco.

A poucos passos da porta, percebeu que seu reló-

gio Baum e & Mercier estava sobre a mesinha de cabeceira, a poucos centímetros da cabeça dele.

Ela queria pegá-lo de volta. O relógio tinha

grande valor sentimental.

Quando Christa se aproximou da cama, a res-

piração de Pacciani ficou mais irregular. Um 357/1201

grunhido lhe escapou da boca e ele rolou na

direção dela.

Sem olhar para trás, Christa fugiu para a porta, abrindo-a e fechando-a sem fazer barulho.

Deixou o relógio para trás.

Enquanto entrava no táxi que a levaria até a estação de trem, com
eçou a elaborar sua vingança.

Qualquer pensam ento sobre o professor Gabriel O. Em erson e sua j
ovem esposa, Julianne, havia desaparecido de sua cabeça.

CAPÍTULO DEZENOVE

– Sinto m uito por não ter ido à sua form atura em Toronto.

Gabriel segurava a m ão de Julia enquanto eles exploravam o Ashm
olean Museum, que ficava

em frente ao Randolph Hotel.

– Eu procurei por você. Tinha certeza de que
estaria lá.

– Não conseguiria estar no m esm o am biente

que você sem poder m e aproximar. E fazer isso na frente de Jerem y
e do pró-reitor Aras... –

Gabriel balançou a cabeça. – Irei à sua próxim a form atura.

– Prom ete?

– É claro.

Ela se colocou na ponta dos pés e colocou os lá-
bios aos dele.

359/1201

– Obrigada.

Eles continuaram a passear pelo m useu,
parando para adm irar algum as peças expostas.

Quando se detiveram em frente a um painel que mostrava uma pintura medieval de Santa Luzia, Julia se lembrou de Rachel.

– Sua irmã me mandou um e-mail. Perguntou como tinha sido a palestra.

– Ela está grávida?

– Ela não disse. Mas, se não estiver, não é por falta de tentativa.

Gabriel franziu o nariz.

– Não preciso dessa imagem na minha cabeça.

– Tenho certeza de que Rachel também não

precisa ter esse tipo de imagem sua na cabeça dela. Mas ficou quase tão feliz quando eu quando consumamos o nosso relacionamento.

– Isso é bem difícil de acreditar – sussurrou ele, puxando-a para um canto escuro.

360/1201

– Ela disse que está ansiosa por nos visitar em Cambridge no feriado do Dia do Trabalho.

– Agora fique quietinha. Estou tentando beijar você.

Julia riu.

– Só um minuto, ainda não terminei.

– Então seja rápida – disse ele, levando os lábios a poucos centímetros da orelha dela.

– É importante. – Ela o repreendeu com o olhar. – Rachel e Aaron gostariam que nós

acendêssemos uma vela para eles em Assis. Querem que rezemos para que eles tenham um bebê.

– Acho que as preces de Richard seriam mais eficazes do que as minhas. Em bora eu ainda esteja rezando por outra coisa.

Gabriel não pôde esconder o brilho de esper-

ança que ilum inou seus olhos, com o se a prece não atendida fosse um tesouro que ele cobiçasse

desesperadam ente.

361/1201

Julia notou a m udança, m as ficou calada. Ela acabara de celebrar sua entrada triunfal no

m undo acadêm ico. Agora, Gabriel dava a en-

tender que queria ter um filho. De algum a form a, a esperança naquele olhar tornava o desconforto dela ainda m ais doloroso.

A luz nos olhos dele se apagou.

– Por que está m e olhando assim ? – Ele a

soltou.

– Assim com o?

– Com o se estivesse m e rej eitando.

– Não estou rej eitando você. – Ela forçou um sorriso.

– A ideia de ter um filho com igo é tão repulsiva assim ?

As feições de Gabriel se enrij eceram .

– Claro que não. – Ela entrelaçou seus dedos

aos dele. – Só é difícil para m im pensar em filhos quando preferiria m e concentrar nas palestras e

no doutorado.

362/1201

– Não estou lhe pedindo para escolher entre

um a coisa e outra, Julianne. Jam ais obrigaria você a sacrificar seus sonhos por m im . Acredito j á ter

dado provas suficientes disso. – A voz dele soou fria.

– Com o deve se lem brar, seu sacrifício nos causou m uita dor.

– Quanto a isso, você tem razão. – Ele soltou a mão dela e gesticulou para o corredor. – Vam os?

– Gabriel. – Ela pousou a mão de leve em seu braço. – Eu lhe disse antes de nos casarmos que a ideia de ter criancinhas de olhos azuis com você me fazia feliz. Isso não mudou.

– Então por que não podem os falar sobre isso?

Por Deus, Julianne. Se estivessem indo para a África, falaria com o respeito. Se fossem construir uma casa, falaria com o respeito. Por que não podem os falar sobre um filho?

– Porque não consigo lhe dizer não. Ainda mais quando você parece tão feliz e esperançoso. – Os 363/1201

olhos dela se encheram de lágrimas. – Não

aguento ser essa pessoa que ergue uma barreira entre você e seu sonho, com o mesmo a bruxa com um coração de pedra.

– Meu amor – balbuciou ele, puxando-a para

um abraço apertado. – Essa ideia nunca sequer passou pela minha cabeça.

A mão dele tocou o pescoço dela, abaixo dos cabelos, e a acariciou com ternura. – Este não é o melhor lugar para termos esta conversa, mais perto

que não penso em você dessa forma. Já disse que vou esperar. Entendo que queira terminar o

doutorado. Nunca senti tanto orgulho de você

quanto ontem, assistindo à sua palestra. Você foi fantástica. – Ele deu um beijo logo abaixo da orelha de Julia. – Quando falo sobre termos uma família, juro que minha intenção não é pressioná-

la. Estou apenas trazendo à tona um assunto que me faz feliz, na esperança de que faça você feliz também. Podem os falar sobre o futuro e fazer 364/1201

planos sem me impedir nosso cronograma. Com uma família é uma decisão muito importante, especialmente com o nosso histórico familiar. Sei que você já pensou muito nisso. Só estou pedindo que conversemos um pouco sobre o assunto. Mas não precisam os fazer

isso agora. Me desculpe por ter falado sobre isso antes da palestra. Só me e prometa que vamos os conversar algum dia, me e o que

seja apenas em linhas gerais.

– Claro, Gabriel. É só que esse assunto me e deixa ansiosa.

– Então preciso me e empenhar em abordá-lo de um jeito melhor, em vez de jogá-lo no seu colo quando você me espera. Mas nunca mais

quero ouvi-la chamar a si mesma de bruxa com coração de pedra.

Ele se afastou para fixar os olhos da esposa.

– Essa é uma descrição que não se aplica a você, e eu já mais deixaria que alguém se referisse à minha esposa dessa forma.

365/1201

Ela assentiu.

– Ótimo. – Ele pegou a mão dela e voltou a andar. – Agora, se bem me lembro, você estava me contando sobre o e-mail de Rachel.

– As palavras exatas dela foram : “Estou

apostando todas as minhas fichas. Pedi que

cristãos,

me últimos anos,

judeus

e

até

uma

zoroastrista rezassem por nós.”

Gabriel pareceu intrigado.

– Rachel conhece uma zoroastrista? Com o isso é possível? Existem muitos de duzentos deles no mundo.

– Ela trabalha com um a m ulher que segue essa religião. Com o você sabe quantos deles existem no m undo?

– Eu pesquisei na Wikipedia.

Gabriel a encarou com um olhar solene, antes de lhe dar um a piscadela bem -hum orada.

– Não acredite em tudo o que lê na Wikipedia, professor.

366/1201

– Eu não teria dado conselho m elhor, Sra.

Em erson. Alguém redigiu um artigo a m eu respeito naquele m aldito site e o conteúdo era pavoroso. *Wikimbecis*.

Gabriel lhe deu um beij o carinhoso, porém

firm e, até eles ouvirem alguém pigarrear ali bem perto.

Havia um segurança a m eio m etro deles.

– Vam os andando – disse ele, fulm inando-os com o olhar.

– Desculpe – falou Gabriel, em um tom que era o oposto de um pedido de desculpas.

Em seguida, passou o braço em volta da cintura de Julia e entrou na sala ao lado.

– Precisam os ser m ais discretos. – Ela sentiu que corava enquanto eles continuavam seu passeio pelo m useu.

– Precisam os é encontrar um canto escuro. –

Gabriel lançou um olhar provocativo para ela, que corou ainda m ais.
– Já pedi a John Green que 367/1201

envie a Christa um a notificação extraj udicial. –

Gabriel a levou para o corredor.

– Você acha que é um a boa ideia?

– John achou que sim . É apenas um alerta. Um sim ples lem brete de que não irem os tolerar calúnias. Aquela m ulher é um a am eaça.

Julia inspirou fundo e prendeu a respiração, ex-pirando devagar em seguida.

– A conferência foi m elhor do que eu esperava.

Gabriel levou a m ão dela aos lábios.

– Você foi excepcional.

– Então talvez as calúnias não sej am tão preocupantes quanto pensávam os.

– Calúnias são sem pre preocupantes. Não con-
hece aquele trecho de *Otelo*?

Então ele citou:

Aquele que rouba minha algibeira rouba-me lixo...

Mas aquele que priva-me de meu bom nome

368/1201

Subtrai de mim algo que não o enriquece

Mas torna-me paupérrimo.

– Acho que j á ouvi você dizer isso antes. Acha m esm o que pode im-
pedir Christa de espalhar fofocas a nosso respeito?

Gabriel a fitou com resignação.

– Não sei. Mas, depois da m aneira com o ela se com portou na
conferência, eu tinha que tentar.

CAPÍTULO VINTE

Julho de 2011

Minneapolis, Minnesota

A caligrafia de Paulina Gruscheva era firm e e

sofisticada com o ela própria. Escrevia com um a caneta-tinteiro

Montblanc, a tinta preta se espalhando em floreios rebuscados por sobre o caro envelope crem e.

Tivera que pesquisar o endereço dele. Por m ilagre, ele constava na lista telefônica de

Cam bridge.

Enquanto olhava as letras e os núm eros que

havia escrito, um sorriso de satisfação se abriu em seu belo rosto. Então ela lacrou o envelope e se

preparou para ir à agência dos Correios.

Ele teria um a surpresa.

CAPÍTULO VINTE E UM

Julho de 2011

Itália

Julia e Gabriel se despediram de Katherine, Paul e Oxford poucos dias depois da conferência. As últim as palavras trocadas com Paul foram especialm ente estranhas. Julia conhecia o am igo e, por isso, sabia que havia algo errado. Porém , quando o questionou a respeito, Paul se lim itou a dizer que estava ansioso por causa da tese.

Ao abraçá-lo na despedida, ele a apertou bem

forte e por m ais tem po que de costum e. Julia sugeriu que eles m antivessem contato e ele balançou a cabeça, m as não concordou. Ela o perdoou pelo com portam ento dele, convencendo-se de que

371/1201

Paul estava apenas nostálgico com relação à

am izade deles.

Gabriel distraiu Katherine para que ela não notasse a interação entre Paul e Julia, tentando lhes dar um pouco de privacidade. Mas o desconforto

de Paul, ou a m aneira com o ele tentava parecer feliz e sereno pelo bem de Julia, não lhe causava nenhum prazer.

Os Em ersons viaj aram para Rom a, com em orando o aniversário de Gabriel no dia 17 de j ulho com um tour especial pelo Museu do Vaticano.

Por m ais chocante que pareça, no entanto dessa vez não houve sexo no m useu.

(Nem m esm o Gabriel seria capaz de ceder ao seu desejo o por Julia dentro do Vaticano.)

Ele passaram alguns dias em Assis, onde rezaram e acenderam velas na cripta de São Francisco. Em bora não tivessem revelado o conteúdo das preces, am bos sabiam ter rezado um pelo 372/1201

outro, por seu casam ento e pela dádiva de um a criança no futuro.

A essas preces, Julia acrescentou seus próprios pedidos de sabedoria e força, ao passo que Gabriel pediu bondade e coragem . Am bos rezaram por Rachel e Aaron, pedindo a Deus que abençoasse suas tentativas de terem um bebê.

Foi assim que, no fim de j ulho, chegaram à casa deles nos arredores de Todi, um vilarej o da Úm -

bria. A casa ficava perto de um pom ar com

árvores frutíferas variadas e ostentava um a piscina coberta, um de seus lados cercado de alfazem as. O perfume e das flores pairava no ar e Julia pôs alguns ram os entre os lençóis da cam a.

Quando acordou no dia seguinte, não viu Gab-

riel. Com o sol alto no céu e entrando pela porta da sacada, não ficou surpresa com sua ausência, ou com a frieza dos lençóis do seu lado da cam a.

Ao agarrar seu travesseiro, que ainda preservava 373/1201

o cheiro de Aram is m isturado a alfazem a, encontrou um bilhete.

Bom dia, querida

Você estava dorm indo tão gostoso que não

tive coragem de acordá-la.

Fui a Todi com prar algum as coisas no m er-

cado. Ligue para o meu celular se precisar de alguma coisa.

Com amor,

G.

P.S.: Você é maravilhosa.

Julia sorriu. Era um bilhete simples, com o tantos outros que ele já lhe havia escrito. Mas, no canto inferior, quase como uma decisão de última

hora, Gabriel acrescentara um desenho. Era ela 374/1201

de perfil, dormindo, transposta para um pequeno esboço a lápis. Em baixo da ilustração, ele escrevera *Minha Beatriz*.

Julia não sabia que ele era tão hábil com um lápis, em bora sua destreza em outras atividades sugerisse um amálgama de talentos anuais. O

desenho era muito bem-feito. Ela teve vontade de emoldurá-lo.

Ainda sorrindo, pôs os pés descalços no

chão e foi andando até o armário. Não estava com vontade de vestir muita coisa. Então pegou uma camisa de Gabriel e a colocou, fechando apenas alguns botões antes de abrir uma das

gavetas da penteadeira em busca de meias.

Ouviu a voz de Gabriel chamando-a lá de baixo.

Animada, desceu correndo as escadas rumo à

cozinha.

– Oi. – Ele lhe deu um beijo na testa e pôs as mãos sobre o balcão. – Você está linda.

375/1201

Com as mãos livres, beijou-lhe primeiro uma bochecha e depois a outra, antes de envolvê-la em seus braços.

– Dormiu bem? – Os lábios dele roçaram seus cabelos.

– Muito bem . Som ando nossa estadia em Assis e a noite de ontem , acho que dorm i m ais do que nos últim os m eses. – Ela deu um beij o no pom o de adão dele, que se encolheu um pouco, com o se sentisse cócegas. – Obrigada pelo desenho.

– De nada.

– Não sabia que você desenhava.

– Meu bem , eu pintaria você se pudesse. *Com meus dedos.*

– Pare de m e provocar, professor. Sem pre que penso em tinta, m e lem bro do que fizem os no chão em Selinsgrove. E isso m e deixa bem agitada. – Ela fez um biquinho travesso.

376/1201

– Prom eto que vou cuidar disso m ais tarde. –

Ele a libertou dos seus braços, abrindo um sorriso m alicioso. – Gostei das suas m eias.

Ela baixou os olhos para os pés e os esticou.

– Estam pa de losangos é sexy .

– Sem dúvida. Um am igo m e disse certa vez que é a estam pa da sedução.

– Você tem am igos estranhos.

Julia balançou a cabeça, arrancou um a uva do cacho na fruteira e a com eu.

Ele

com eçou

a

arrum ar

as

com pras,

observando-a com o canto do olho.

– Você parece feliz.

Ela se sentou em cima do balcão e com o pé balançar as pernas para a frente e para trás.

– E estou. A conferência acabou e nossa viagem a Roma e Assis foi ótima. Sou apaixonada pelo meu mundo e ainda divido esta casa fantástica com ele. Sou a mulher mais sortuda do universo.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

377/1201

– Do universo? Hum . Estou certo de que os habitantes da galáxia mais próxima não vão gostar de ouvir isso.

Brincalhona, ela o cutucou com o pé calçado de meia.

– Seu nerd.

Ele se virou e agarrou o pé dela, puxando-o para cima até a perna de Julia estar na altura dos seus ombros. Julia se apoiou nos cotovelos para manter o equilíbrio.

– *Do que você acabou de me chamar?* – Ele fingiu estar irritado, mas seus olhos cor de safira brilhavam .

– Hum , de nerd.

Ele ergueu uma só sobrancelha.

– Ah, é? Um nerd faria *isto*?

Habilm ente, Gabriel usou os dedos para acariciar as curvas do peito do pé de Julia.

Quando a sensação prazerosa a fez suspirar, ele tirou suas meias e as jogou por sobre o ombro.

378/1201

– Vam os ver se conseguimos os deixar você toda agitada. Que tal? – A voz dele soou grave e fez Julia estremecer.

Ele deslizou a mão por sua perna acima, brincando com a parte de trás do seu joelho até ela gemer.

– Julianne... – rosnou ele, os olhos dançando.

– Q-quê?

– Você está sem calcinha.

Ela começou a respirar muito depressa enquanto os dedos dele se aproximavam de sua carne exposta.

– Nerds não costumam ter fama de bons antes.

Gabriel puxou sua mão de volta e pôs o indicador na boca de Julia.

Ela abriu os lábios e ele enfiou seu dedo lá dentro. Julia fechou os lábios ao redor dele,

chupando-o antes de soltá-lo.

379/1201

Gabriel piscou para ela antes de usar seu dedo agora úmido para acariciar a parte de dentro da sua coxa, perto da virilha.

– Um nerd saberia fazer isso? – Ele se inclinou e começou a soprar ao longo da linha úmida que seu dedo deixara.

Quando Julia tornou a estremecer, ele sorriu com malícia e roçou o nariz na mesma linha.

Então se levantou, beijou-a com paixão e recuou brusamente. Antes que ela pudesse protestar, Gabriel ficou de joelhos à sua frente.

– Hummm – gemeu eu, erguendo as pernas dela

para apoiá-las em seus ombros. – Este balcão parece ser da altura perfeita. Parece que você é mesmo a mulher mais sortuda do

universo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Julia acordou no meio da noite e foi ao banheiro.

Ao voltar, percebeu que Gabriel se revirava na cama e algumas palavras abafadas escapavam de seus lábios.

Isso não era nenhum a surpresa. Gabriel tinha o sono pesado, mas em algumas noites se mexia e até falava dormindo. Em geral, Julia não se incomodava. Mas, desta vez, ele começou a se debater e xingar.

Julia foi imediatamente para junto dele.

– Gabriel?

Seus movimentos espasmódicos continuaram, pontuados por instantes de torpor.

Ela acendeu a luz.

– Gabriel?

381/1201

Ele balbuciou. Então, de repente, puxou com força as cobertas, lutando contra elas e agitando-se até se libertar.

Por fim arregalou os olhos e sentou-se, ofegante.

– Você está bem? – Julia preferiu manter certa distância, falando em voz baixa.

Ele a encarou, desorientado, e levou a mão ao peito.

– É seu coração? Consegue respirar?

– Pesadelo – disse ele, a voz falhando.

– Vou buscar água para você. – Julia voltou ao banheiro e pegou um copo, enchendo-o com a

água da torneira. Ele o aceitou sem dizer nada.

Julia sentou-se na beirada da cama e aguardou, observando-o com atenção.

– Sobre o que era o pesadelo?

Ele terminou de beber a água e pôs o copo no criado-mudo.

– Me dê um minuto.

382/1201

Julia quis afastar os cabelos negros da testa dele, mas achou que Gabriel não receberia bem o

gesto.

Ele piscou os olhos azuis antes de fixá-los na parede atrás dela.

– Meus pais biológicos.

– Ai, mas eu bem. – Julia fez um enção de abraçá-lo, mas ele ficou tenso.

Ela parou por um momento, depois andou até o seu lado da cama.

Gabriel não se mexia. Nem se deu o trabalho de apagar a luz; apenas permaneceu sentado, as costas apoiadas na cabeceira.

Ela deslizou para perto dele, debaixo dos

lençóis. Queria confortá-lo. Mas o ar ao redor de Gabriel estava carregado de uma energia estranha. Ele não queria ser tocado.

Julia fechou os olhos e estava quase dormindo quando ouviu a voz dele:

383/1201

– Eu estava com minha mãe no nosso antigo

apartamento no Brooklyn. Ela discutia com meu pai.

Julia abriu os olhos.

– Ouvi um barulho. Ouvi minha mãe chorando.

Entrei correndo na cozinha.

– Ela estava bem ?

– Estava aj oelhada no chão. Ele estava parado na frente dela, gritando. Bati nele com os punhos cerrados. Gritei tam bém . Ele m e em purrou e foi em direção à porta. Minha m ãe rastej ou atrás dele, im plorando-lhe que não fosse em bora.

Os olhos de Gabriel assum iram um brilho frio, a raiva distorcendo seus belos traços.

– Filho da puta – praguej ou.

– Meu am or... – balbuciou Julia.

Ela arrastou a m ão pelo lençol, tocando-lhe o quadril.

384/1201

– Eu o odeio. Ele está m orto há anos, m as,

ainda assim , se eu soubesse onde está enterrado, iria m ij ar na sua sepultura.

Julia espalm ou a m ão sobre o quadril dele.

– Sinto m uito.

Com o Gabriel continuasse calado, ela acariciou sua pele devagar, buscando acalm á-lo.

– Ele batia nela. Com o se não bastasse tê-la se-duzido e depois nos abandonado, o cretino batia nela.

– Gabriel – sussurrou ela –, foi apenas um sonho.

Ele balançou a cabeça, ainda com o olhar perdido.

– Acho que não.

Julia se deteve.

– Você acha que foi real?

Gabriel cobriu os olhos, apertando as órbitas com os dedos.

- Não acho que aquela tenha sido a primeira vez que eles brigaram . Ou que eu intervim .
- Quantos anos você tinha?
- Eu era novo. Cinco ou seis. Não sei bem .
- Você era um rapazinho corajoso, defendendo sua mãe desse jeito.

Gabriel largou as mãos sobre o próprio colo.

- Não adiantou nada. Ele arrasou com ela. Consegue imaginar isso? Rastejar atrás do homem que bateu em você? Na frente do seu filho.
- Ela devia amá-lo.
- Não arranje desculpas – falou ele, ríspido.
- Gabriel, olhe para mim . – O tom de voz dela era gentil.

Ele se virou na direção dela, os olhos faiscando.

- Eu fiquei com o Simon. – Ela lembrou baixinho.

Gabriel pestanejou e, pouco a pouco, o fogo em seus olhos começou a abrandar.

- Não conheci sua mãe. Mas sei com o que minha cabeça estava confusa quando eu namorava o Simon.
- É diferente. Você era jovem .
- Imagino que sua mãe não fosse muito velha quando você nasceu. Quantos anos ela tinha?
- Não sei – respondeu ele.
- Ela achava que o amava. Teve um filho com ele.

– Ele era casado.

Julia rem exeu no lençol que a cobria.

– Não podem os m udar nosso passado, só o futuro.

– Desculpe por ter acordado você. – Gabriel deu um beij o nos cabelos dela.

– Você não m e acordou.

Ele se afastou para poder ver o rosto dela.

– Ah, não?

– Tive um problem inha fem inino.

387/1201

Após alguns instantes, a com preensão se estam - pou no rosto dele.

– Ah. Está se sentindo bem ?

– Já estive m elhor, m as vai passar.

– Achei m esm o que estava um pouco sensível m ais cedo. – Ele passou a m ão de leve sobre seus seios.

Julia a segurou, detendo-a.

– Sinto m uito pelo pesadelo.

Ele se afastou, apagando a luz. Então enfiou-se debaixo do lençol, ao lado dela.

Julia o ouviu trincar os dentes, retesando o queixo.

– Acha m esm o que é um a lem branca, e não só um pesadelo?

– Às vezes não sei diferenciar – adm itiu ele.

– Já aconteceu antes?

– Um a vez ou outra. Mas já fazia algum tempo.

– Você nunca me disse nada.

388/1201

– Não é algo de que eu goste de falar, Julianne.

Minhas lembranças da infância são, na melhor das hipóteses, vagas. E, o que lembro, tento esquecer.

– Já falou com o Dr. Townsend a respeito delas?

– Por alto. – Ele tocou Julia, distraído, roçando a ponta dos dedos pelas suas costas. – Sei muito

♦ ♦ ♦

pouco sobre os meus pais.

– Entendo a raiva que sente dos seus pais. Mas não é saudável se agarrar a ela.

– Sei que não. – Ele parou de tocá-la e virou de lado, de frente para ela. – Talvez haja alguns esqueletos terríveis no armário da minha família.

Você me amaria apesar disso?

– Nunca amaria você apesar de nada, Gabriel.

Sim, mesmo sem me amar você.

Ele prendeu a boca de Julia num beijo, mas apenas por um breve instante. Eles relaxaram na cama, abraçados debaixo das cobertas.

389/1201

Quando ela estava prestes a cair no sono, a voz de Gabriel soou em seus ouvidos:

– Obrigado.

Na manhã seguinte, Julia estava tomando sol à beira da piscina antes que ficasse quente demais.

Usava um chapéu grande e um biquíni azul

muito pequeno. Gabriel a convenceria a comprar o biquíni durante a viagem a Belize, antes de eles se casarem . Ela não tivera muitas chances de usá-

lo.

Lem brou-se da noite anterior e do pesadelo de Gabriel. Os dois tinham ficado perturbados com aquilo. Julia não conseguia deixar de visualizar a cena que ele descrevera: a mãe no chão, rasgando atrás do homem em que lhe fizera um filho e a abandonara. Talvez essa imagem , real ou não, fosse em parte responsável pela intensa revolta de

Gabriel diante da visão de Julia ajoelhada. Mesmo agora, meses depois do casamento, essa era uma posição que ele não suportava.

Talvez seja por causa de Paulina.

Julia se encolheu. Não gostava de pensar nessa mulher, antigo caso de Gabriel e mãe da criança que eles perderam . Mas, a não ser que Gabriel estivesse escondendo algo, havia meses de um ano que não tinham notícias dela.

Ela não tinha o menor interesse em revirar esse passado.

Um abraço caiu sobre as pernas de Julia, que olhou pelos óculos escuros e deu de cara com o marido parado sobre ela. Ele usava apenas um sunga preta e trazia uma toalha.

O peito e os braços musculosos dele ondulavam conforme ele se movia, beijando-a antes de pousar a toalha em uma cadeira e mergulhar na piscina. A temperatura da água estava agradável e era um alívio bem-vindo do sol forte da manhã.

391/1201

Gabriel nadou algumas voltas, perdendo-se no quase silêncio da água, indo várias vezes de uma ponta a outra da piscina. Durante o exercício, assim como durante o sexo, ele conseguia afastar sua mente de todas as preocupações e do estresse, concentrando-se apenas em seus movimentos.

Suprimiu

conscientem ente

qualquer

pensam ento ou reflexão sobre o pesadelo. Sua in-tuição assum ira o controle, dizendo-lhe que o sonho era um a lem branca. Por m ais que tentasse racionalizar, não conseguia se convencer do contrário. Então apenas desviou sua atenção para outras coisas – a sensação do sol e da água em sua pele, o som da água espirrando, o cheiro de cloro, a gloriosa queim ação em seus m úsculos à m edida que ele se forçava a nadar m ais rápido.

Ele estava contando as voltas, virada após

virada, quando sua paz foi quebrada por um grito repentino.

392/1201

Gabriel parou na m esm a hora e olhou para

Julia. Ela continuava sentada, m as havia j ogado as pernas por sobre a lateral da espreguiçadeira,

pousando os pés no chão, e segurava seu iPhone contra a orelha.

– Ela o *quê*? – A voz de Julia soava estridente, o que era raro.

Gabriel secou os olhos para enxergá-la m elhor.

– Mentira! – Ela fez um a pausa, boquiaberta. –

Para quando?

Ele nadou até a escada e saiu da piscina. Pegou

a toalha e com eçou a se secar, sem desgrudar os olhos dela.

– Não, estou feliz. Por vocês dois. Só não consigo acreditar. – O tom dela era sincero, se não perplexo, m as sua linguagem corporal m ostrava que estava tensa.

Gabriel abanou a m ão diante do rosto dela.

– Quem é? – sussurrou, apontando para o

telefone.

– *Meu pai* – sussurrou ela.

Foi a vez de Gabriel ficar boquiaberto. Se as palavras dela significavam o que ele achava que significavam , então...

– Quando vai ser o casamento? – Julia olhou

para Gabriel, erguendo as sobrancelhas. – Não sei. Vou ver com ele e falo para você depois.

Nossa, pai. Que surpresa.

Ela riu.

– Sim , para você também . É claro.

Gabriel estendeu a mão e a pousou sobre o ombro

dela. Julia a cobriu com a sua.

– Sim , claro. Passe para ela. – Julia fez uma pausa. – Oi, Diane. Meus parabéns.

Gabriel secou o rosto com a toalha uma se-

gunda vez e foi se sentar na espreguiçadeira ao lado da esposa.

– É óbvio que nós iremos. Só precisam saber a data. Isso mesmo. Claro. Meus parabéns meus

amigos. Tchau. Oi, pai. Estou muito feliz por vocês dois. Sim , é claro. Tchau.

Julia encerrou a chamada e se deixou cair para trás, recostando-se na espreguiçadeira.

– Puta merda!

– O que foi?

– Meu pai vai se casar.

Os lábios de Gabriel tremavam .

– Isso eu entendi. Eles falaram que estavam

pensando nisso em Selinsgrove.

– Eu sei, mas eles querem se casar logo porque

Diane está grávida.

Gabriel conteve um sorriso.

– Hum m . – Ele acariciou a barba por fazer em seu queixo, fingindo estar imerso em pensamentos. – Tom , forçado a se casar sob a mira de uma espingarda, sendo que ele deve ser a única pessoa que conheço que *tem* uma espingarda. Isso é o que eu chamaria de *ironia*, se não soubesse que é 395/1201

melhor ficar calado. – Gabriel lhe deu uma

piscadela.

Julia ajustou os óculos escuros.

– Pois é, professores de literatura têm esse hábito irritante de sempre usarem a palavra certa, seja qual for a ocasião.

Tira toda a graça de um

bom neologismo.

Gabriel riu.

– É exatamente por causa desse tipo de observação – ele se interrompeu para lhe dar um beijo na boca – que eu amo você, Sra. Emerson.

– Pensei que me amasse por causa dos meus

seios.

– Gosto de todos os seus atributos na medida. – Ele deslizou a mão até a parte de baixo do seu biquíni, dando um puxãozinho nela.

– Você é charm osíssimo para o seu próprio bem , professor.

– É o que dizem . Para quando é o bebê?

– Final de dezembro.

396/1201

– Você está chateada? – Ele tirou o chapéu e os óculos escuros dela para poder ver seus olhos.

– Não, estou chocada. Meu pai vai ter um bebê.

Nem acendem os um a vela para ele em Assis.

– Talvez tenha sido melhor assim, ou então

Deus poderia ter lhe enviado alguém.

– Deus me livre!

– Deve ter sido um choque para o seu pai.

Com o ele está reagindo?

– Ele me pareceu em polgardo. Fiquei com a impressão de que os dois estavam bastante surpresos, mas não quis fazer muitas perguntas.

– O que provavelmente foi sensato da sua parte.

Pelo menos já sei o que dar para ele de Natal.

– O quê?

Lentamente, Gabriel abriu um sorriso satisfeito.

– Camisinhas.

Julia revirou os olhos.

– Quando eles vão se casar?

Ela gesticulou a mão entre eles dois.

397/1201

– Depende de nós. Eles querem a nossa presença, então vai ser assim que pudermos voltar.

Gabriel fechou a cara.

– Não vou encurtar nossas férias por causa do casamento deles.

– Calminha. Eles querem que passem os últimos dias sem ela em Selinsgrove. Pediram que suger-

issem os melhores dias para eles falarem com a família de Diane.

– Você vai ser irmã mais velha.

Uma expressão de espanto atravessou o rosto

dela.

– Vou ter um irmão – sussurrou. – Sem precisar ter um irmão ou uma irmã.

– Irmãzinha Julia. Com todos os direitos, privilégios e responsabilidades. Sem precisar detestar ser filho único. Fiquei feliz quando Scott e Rachel se tornaram meus irmãos.

Em breve Scott tenha sido

uma peste a maior parte da vida.

398/1201

– Não sei com o que isso vai acontecer.

Mas uma vez, Gabriel reprimiu um sorriso.

– Que decepção ouvi-la dizer isso, Sra. Emerson. Pelo jeito, nossas atividades noturnas não têm sido... ah... *memoráveis* o suficiente.

Julia franziu a testa.

– Você me entendeu. Meu pai já está velho.

– Ele não é tão velho assim – falou Gabriel. – E

Diane é ainda mais jovem.

– Diane tem 40. Ela mesma me disse.

– Uma cocota.

Julia o fitou pelo canto do olho.

– Sério que você falou *cocota*?

– Falei. Seu pai encontrou um a noiva j ovem e atraente e agora está prestes a ser pai. De novo.

– Meu pai vai ser pai – repetiu Julia, com um a expressão sonhadora no rosto.

– Acho que você está chocada. – Gabriel se levantou. – Talvez eu devesse lhe preparar um

drinque.

399/1201

– Rachel quer ter um bebê, papai vai ter um be-bê, enquanto isso, nós... – Ela deixou a frase no ar.

Gabriel se inclinou para ela.

– Pense o seguinte: nossos filhos vão ter um

m onte de crianças m ais velhas com quem brincar nos Natais e nas férias. *Um dia.*

– Natais e férias. Com esse m onte de crianças.

Santa Mãe.

– Exatam ente. – Gabriel sorriu. – Puta m erda!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Naquele m esm o dia, Christa Peterson chegou

ao Departam ento de Italiano da Universidade

Colúm bia alguns m inutos antes do horário de sua reunião com a professora Lucia Barini, chefe do departam ento. Christa tinha conseguido escapar do professor Pacciani e voltara a Nova York, lam -

bendo suas feridas (tanto as internas quanto as externas) e j urando vingança.

Quando pensava no que lhe acontecera no Mal-

m aison Hotel em Oxford, não usava a palavra *es-tupro*. Mas era o que de fato havia acontecido. Ele a forçara a fazer sexo e usara de violência para subj ugá-la e dom iná-la. Por vários m otivos, no

entanto, Christa escolhera pensar no ocorrido com o um a perda de controle. Ele tinha roubado o poder de suas mãos e o usara contra ela. Agora 401/1201

ela iria fazer o mesmo com ele. Só que garantiria que ele sofresse mais.

Pacciani lhe mandara um e-mail com um pedido de desculpas não muito convincente.

Christa ignorara a mensagem.

Na verdade, já estava decidida a usar toda sua considerável energia para arruiná-lo. Escrevera uma longa carta para a esposa dele (em italiano), detalhando seu caso com ele desde o início,

quando ela ainda era sua aluna em Florença.

Anexou fotografias (algumas pornográficas) e cópias de e-mails. Se isso não bastasse para dificultar a vida dele, ela ao menos ganharia tempo até poder fazer algo verdadeiramente devastador.

Foi por isso que, assim que ficou sabendo do boato de que o professor Pacciani pretendia se candidatar a uma vaga justamente no departamento dela, Christa marcou uma reunião com a professora Barini.

402/1201

Por estar tão determinada a se vingar, mais

tivera tempo ou energia para dedicar ao professor Emerson e a Julianne. Na verdade, já havia praticamente se esquecido deles.

Com o estava adiantada para sua reunião,

Christa decidiu conferir o seu escaninho no departamento. Encontrou um envelope tamanho

padrão, com o nome e o endereço de um

proeminente escritório de advocacia de Nova

York. Apressou-se em abri-lo e ler o seu

conteúdo.

– Droga – balbuciou.

O professor não estava brincando quando disse que iria fazê-la calar a boca. O que tinha nas mãos era uma notificação extrajudicial que a acusava de uma série de incidentes de difamação pública. Cada um deles era descrito com grande riqueza de detalhes e também eram listadas as implicações legais de suas declarações. A carta trazia ainda uma ameaça de que as providências 403/1201

cabíveis seriam tomadas se ela continuasse espalhando calúnias sobre Gabriel ou sua esposa, que se reservavam o direito de tomar as devidas atitudes contra os incidentes já ocorridos.

Merda, pensou.

Parte de Christa queria redigir uma resposta desaforada para o escritório de advocacia. Parte dela queria continuar sua cruzada para destruir os

Emersons, por puro ódio.

Mas, ao olhar para os demais escaninhos do departamento, percebeu que isso seria burrice. Se um dia quisesse ser admitida no doutorado e conseguir seu título, não devia fazer nada que pudesse constranger seu departamento.

(Além dos demais, tinha um peixe muito maior para fritar.)

Enfiando a carta na bolsa, ela decidiu esquecer os Emersons e concentrar suas energias em

destruir a carreira do professor Pacciani. Para isso, iria expor seu caso com ele.

404/1201

E foi exatamente isso que fez no escritório da professora Barini, assumindo o papel de aluna insegura e facilmente manipulável.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Do outro lado do oceano, Gabriel apagou a luz antes de puxar Julia para seus braços. Ele

comçou a beijar o pescoço dela com paixão.

Ela ficou tensa.

Ele parou.

– O que foi?

– Não posso, lem bra? Depois de am anã j á deve ter acabado.

– Não estou beij ando você porque quero sexo.

Julia arqueou as sobrancelhas no escuro.

– Tenho ótim a m em ória. Não esqueci que você está m enstruada. –
Ele se afastou, soando um pouco ríspido.

Julia cutucou o braço dele.

– Desculpe. Eu só não queria lhe dar falsas
esperanças.

406/1201

Ele baixou a voz até um sussurro rouco:

– A esperança *jorra* eternam ente.

– É o que dizem .

– Am anã eu lhe m ostrarei. Eternam ente.

Ela riu e se debruçou sobre o corpo dele.

– Quantas tiradas espirituosas, professor.

Parece até que estou em um daqueles film es com Cary Grant.

– Você m e deixa lisonj eado. – Gabriel beij ou as pálpebras dela. –
Está ansiosa para se tornar um a irm ã m ais velha?

– Estou. Quero que o bebê m e conheça. Quero

passar um tem po com ele ou ela. Esperei m inha vida inteira para ter
um irm ão ou um a irm ã.

– Estávam os m esm o planej ando passar parte das nossas férias em
Selinsgrove. À m edida que as fam ílias de Rachel e de Scott forem
aum entando, tam bém vam os querer passar m ais tem po com eles.
Selinsgrove é o m elhor lugar para isso.

407/1201

– Mais um motivo para ficarmos os felizes que Richard tenha decidido voltar para a casa. Assim, estaremos todos juntos.

Gabriel puxou um cacho do cabelo dela,
pensativo.

– Apreendi a gostar do seu cabelo mais curto.

Com bina com você.

– Obrigada.

– Mas também gosto dele com orgulho.

– Juro que vai crescer.

Gabriel interrompeu seus movimentos.

– Eu tenho meus irmãos.

– Ah, é? – Julia se forçou a parecer

despreocupada.

– Quando minha mãe estava chateada, ela costumava dizer que meu pai tinha nos abandonado porque amava mais sua família de verdade.

– Que coisa horrível para se dizer a uma criança

– disse Julia em tom sério.

408/1201

– É, ela era turbulenta, mas linda. Tinha os olhos e os cabelos negros.

Julia o encarou com um olhar intrigado.

– Tenho os olhos do meu pai, ao que parece.

Lembre-se que minha mãe era alta, mas imagino que tivesse apenas alguns centímetros a mais do que você.

– Qual era o nome dela?

– Suzanne. Suzanne Emerson.

– Você tem algum a foto dela?

– Sim , algum as. Tam bém tenho fotos de quando eu era bebê.

– E nunca m e m ostrou? Por quê?

– Não as escondi. Estão em um a gaveta lá em Cam bridge. Tenho até o diário dela.

Julia ficou boquiaberta

– Você tem o diário da sua m ãe?

– E o relógio de bolso do pai dela. Às vezes eu o uso.

– Já leu o diário dela?

409/1201

– Não.

– Se Sharon houvesse m e deixado um diário, eu teria lido.

Gabriel a encarou, curioso.

– Acho que não tem nada da sua m ãe, não é?

– Eles m andaram um a caixa com as coisas dela para o m eu pai depois que ela m orreu.

– E?

– E não faço ideia do que havia lá dentro. Papai a guardava no armário. Im agino que ainda estej a lá. Agora que você falou, eu deveria pedir a ele que m e deixasse vê-la.

– Irei com você.

– Obrigada. O que você sabe sobre o seu pai?

– Não m uito. Acho que m e lem bro de ter m e encontrado com ele um a vez ou outra, sem contar a cena do sonho que tive ontem à noite.

Quando ele m orreu, tive algum as conversas com o advogado dele. Sei que m eu pai m orava em

Nova York e tinha m ulher e filhos. A princípio, 410/1201

recusei a herança, m as depois m udei de ideia e eles tentaram invalidar o testam ento.

– Ele o deserdou?

– Não. Um ano antes de m orrer, ele m e acrescentou com o beneficiário na m esm a proporção dos outros filhos. A m ulher dele tam bém recebeu um a bela herança.

– Então você nunca os conheceu?

Gabriel riu com am argura.

– Você acha que m eus m eios-irm ãos tinham algum a vontade de conhecer o bastardo que estava roubando a herança deles?

– Desculpe – sussurrou ela.

– Eu não m e im porto. Eles não são a m inha fam ília.

– Qual era o nom e do seu pai?

– Owen Davies.

Gabriel ergueu o queixo dela com o dedo.

– Eu lhe contei essas coisas e lhe m ostrarei as fotos quando chegarm os em casa. Mas quero que 411/1201

você m e prom eta que não vai investigar m inha fam ília.

A expressão dele era intensa, se não severa. Mas havia algo em seus olhos que ela não conseguia decifrar por com pleto.

– Eu prom eto.

Com isso, Gabriel tornou a pousar a cabeça dela em seu om bro.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Agosto de 2011

Arredores de Essex Junction, Vermont

Na noite seguinte, Paul estava sentado à mesa da cozinha na casa de fazenda dos pais, olhando para o laptop. Eram quase sete da noite.

Fazia duas semanas que voltara da Inglaterra.

Todos os dias ele se sentava para escrever um e-mail para Julia e todos os dias era incapaz de fazer isso.

As mensagens dela eram sempre alegres e a

mensagem recente não era exceção. Ela havia escrito da Itália, insistindo que ele visitasse o Museu do

Vaticano da próxima vez que estivesse em Roma.

Como se ele precisasse ser convencido disso.

Como se precisasse ser lembrado de que ela tinha 41/42 anos

estava casada e viajando pela Europa com seu sofisticado marido mais velho, que provavelmente tentava novas maneiras de persuadi-la a ter um filho com ele.

Desgraçado.

Paul era jogador de rugby. Ele era forte. Mas, de alguma forma, aquela frágil garota de Selinsgrove, Pensilvânia, tinha virado sua vida de cabeça para

baixo. Agora ele estava com medo de fazer algo que decidira havia muito tempo.

– Isto é ridículo – murmurou.

Ele começou a digitar, as palavras enfim fluindo com naturalidade. Então ouviu alguém bater à porta dos fundos.

Curioso, foi abrir.

– Oi. – Allison entrou, parada do

lado de fora com dois cafés grandes do Dunkin’

Donuts. – Achei que estivesse precisando de um desses.

Ele ficou calado e ela abriu um sorriso inseguro.

414/1201

– Está trabalhando na tese? Não quero atrapalhar.

Allison lhe entregou um café e disse:

– É melhor eu ir em bora.

– Espere. Entre. – Ele segurou a porta de tela aberta.

Ela agradeceu e entrou na cozinha, puxando um a cadeira e se acomodando de frente para onde ele estivera sentado, as costas do laptop viradas para ela.

– Não tive notícias suas desde que voltou da Inglaterra.

– Tenho andado ocupado. – A voz dele soava um pouco irritada. – Minha orientadora está arrancando em meu couro e tenho muita coisa para colocar em dia até setembro.

– Com o que foi a viagem ?

Paul bebeu o café e soltou um gemido de aprovação.

415/1201

– Foi boa. Minha palestra foi bem recebida e pude conversar com minha orientadora.

Allison meneou a cabeça, apertando o copo um pouco mais do que o normal.

– Ela estava lá?

– O nome dela é Julia – disse Paul, ríspido.

– Eu sei – disse ela, em tom gentil. – Eu a conheci nesta cozinha, lembra?

– Sim , ela estava lá. – Ele tomou mais um gole do café.

– E com o ela está?

– Bem . O marido dela também foi.

Allison perscrutou o rosto excepcionalmente ranzinza de Paul.

– Você não parece feliz.

Ele ficou calado.

– Sinto muito – falou ela.

Paul deu um meio sorriso.

– Por quê?

– Porque não gosto de ver você sofrendo.

416/1201

Paul deu de ombros, mas não negou.

– Estava tentando escrever um e-mail para ela quando você chegou.

Allison segurou seu copo com as duas mãos.

– Não a entendo. Mas acho estranho que ela

mantenha contato, considerando a história entre vocês dois. É com o se ela quisesse lhe dar falsas esperanças.

– Tem razão, você não a entende – falou Paul, fuzilando-a com o olhar.

– Duvido que o marido dela fosse gostar de saber que ela lhe manda e-mails.

Paul resmungou algo desagradável sobre o professor.

Allison ficou sentada ali por mais alguns instantes, com o se esperasse alguma coisa. Por fim se levantou.

– Vou em bora. Não se preocupe, eu conheço o
cam inho.

417/1201

Mesm o assim , o ex-nam orado a acom panhou
até a porta dos fundos.

– Obrigado pelo café.

– Não tem de quê. – Ela saiu.

– Se servir de consolo, sinto m uito.

Allison não se virou para trás, m as ficou parada, olhando para o cam
inho de entrada.

– Eu tam bém .

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Agosto de 2011

Úmbria, Itália

Sem pre que Julia se sentava diante do

com putador, sentia-se tentada a pesquisar o

nom e dos pais de Gabriel no Google. Mas ele a obrigara a fazer um a
prom essa, e ela estava decidida a não trair sua confiança, por m ais
difícil que fosse.

Certa m anhão, Julia estava checando os e-m ails quando deparou com
um a m ensagem de Paul.

Ela a abriu.

Assim que term inou de lê-la, recostou-se na cadeira, pasm a.

419/1201

– Quer ovos para o café da m anhão? Ou frutas e queij o? – perguntou
Gabriel da cozinha, que

ficava ao lado da sala de estar.

Julia não respondeu, então Gabriel foi até ela.

– Prefere que eu faça ovos para o café, ou só frutas e queijo? Também tem os alguns folhados da padaria.

Julia ergueu os olhos para ele, claramente transtornada.

– O que houve?

– Acabei de receber um e-mail do Paul.

Gabriel resistiu ao impulso de fazer com entá-los sobre o *Papa-anjo* e seu com portam ento.

– O que ele diz?

Sem palavras, ela apontou para a tela do computador.

Gabriel pegou seus óculos no bolso e os colocou.

Querida Julia,

420/1201

Obrigado pelo e-mail. Você fez um ótimo trabalho com sua palestra e achei que lidou muito bem com as perguntas, especialmente

a

de

Christa.

Fiquei

impressionado.

A professora Picton a elogiou muito. Ela não costuma fazer isso, portanto você deveria estar orgulhosa.

Mande meus parabéns para o seu pai e também orada dele. Ele é um bom homem e fico feliz pelos dois.

Estou de volta a Vermont. A saúde do meu pai continua melhorando. Obrigado por perguntar. Vou dizer a ele e à mãe que você me andou lembrar.

Estou decidido a cumprir os prazos que a professora Picton me deu, então meus pais contrataram-me.

gente para ajudar na fazenda. Espero entrar no mercado de trabalho ainda este outono e tentar conseguir algumas entrevistas durante a convenção da Modern

Language Association. Se não arranjar emprego, terei que voltar à fazenda por um ano.

421/1201

Fico feliz por termos tido a chance de almoçar juntos.

Foi bom ver você. Eu deveria ter dito algumas coisas, mas não disse. Acho que devo dizê-las agora.

Acho que cada um de nós deve seguir o seu caminho -

seu. Você está casada e eu preciso tocar a minha vida.

Talvez isso se torne mais fácil para mim no futuro. Mas, por ora, devemos parar de trocar e-mails.

Não tenho a intenção de agobiá-la, então, por favor, não me leve a mal.

Gosto muito de você, mas venho

pensando nisso há algum tempo e acredito que seja o melhor para nós dois.

Seja feliz, Coelhinha.

Paul.

Gabriel encarou. Julia parecia chocada.

– Eu me andei alguns e-mails para ele. Paul demorou dias para responder. E veja o que me

escreveu.

Gabriel se agachou, pousando a mão no joelho dela.

422/1201

– Ele é apaixonado por você, Julia. Você sabe disso.

– Sei que ele me amou no passado.

Gabriel a encarou, sério.

– Você parou de me amar quando fui em bora

de Toronto?

Ela me ordeu a ponta de uma das unhas.

– Claro que não.

– Se ele ama de verdade, ainda vai amá-la por muito tempo. Talvez para sempre.

– Então por que não iria querer ser meu amigo?

– Julia voltou seus olhos confusos na direção dele.

– Porque é doloroso demais. – Gabriel aninhou as faces dela nas mãos. – Se eu perdesse você para ele, não poderia ser seu amigo. Teria que amá-la

de longe.

– Nunca tive a intenção de magoá-lo – sussurrou ela.

– Estou certo de que ele sabe disso.

423/1201

– Por que ele não tentou falar comigo sobre isso em Oxford?

– Paul não queria deixar você chateada antes da sua palestra.

Julia olhou desconfiada para o meu amigo.

– Você sabia disso?

Gabriel hesitou, mas apenas por um breve instante.

– Sabia.

– Por que não me contou?

– Pelo mesmo motivo que ele não tocou no assunto. Queria que estivesse o mais serena possível durante a conferência.

Ela empurrou a cadeira para trás, afastando-a de mim.

– Então você e Paul conversaram sobre isso?

Sobre mim ?

– Apenas por alto, mas sim .

– Você devia ter me contado.

424/1201

– Estou contando agora. Sinceramente, Julianne, esperava que ele fosse me dar de ideia.

Porém , mais uma vez, Paul me surpreendeu.

– Você distribuiu as informações a conta-gotas, como se fossem , sei lá, vitiminas.

Gabriel ergueu a cabeça, um sorriso brincando em seus lábios.

– Vitiminas?

– Você me entendeu. Você e seus segredos. –

Ela se levantou, mas Gabriel a segurou pelo braço.

– Não guardo segredos de você. Concordamos

em não revelar tudo sobre nosso passado para podermos seguir em frente. Porém , se quiser que eu fale tudo, então é o que farei. – Ele ergueu o queixo, desafiador. – Mas depois vou pedir que faça o mesmo. Por exemplo, você por acaso falou para Paul alguma coisa sobre abandonar

Harvard?

– O quê?

425/1201

– Ele me deu um sermão, falando que eu deveria garantir que você não desistisse dos seus

sonhos.

Julia arregalou os olhos.

– Quando ele disse isso?

– Em Oxford, logo depois de almoçar com você.

Então não venha me falar sobre segredos, Julianne. Não fico almoçando com antigas paixões para conversar com elas sobre nossos problemas conjuntos.

– Eu não fiz nada disso.

– Bem, então foi o quê?

Ela ergueu as mãos, mas logo as deixou cair ao lado do corpo.

– Eu só... falei sem pensar. Estava angustiada e precisava conversar com alguém.

– Não lhe passou pela cabeça que você já tem alguém com quem conversar? – Gabriel me olhou

indicador, apontando ora para ela, ora para ele próprio. – Alguém infinitamente mais próximo?

426/1201

– Eu precisava de tempo para pensar.

– Isso eu entendo. Até apoio. Mas ter um tempo para pensar é diferente de sair por aí falando com outras pessoas sobre nossos problemas. Não era a

coisa certa a fazer, Julianne, e você sabe disso. – O

tom dele era de censura.

Julia se limitou a encará-lo, esperando que ele explodisse em um

ataque de fúria. Para sua surpresa, isso não aconteceu.

(O que demonstrava claramente que o Apocalipse estava próximo o.)

Gabriel prosseguiu:

– Eu não falo dos nossos problemas com nin-

guém. E, sim, às vezes distribuo informação a conta-gotas, com o que você disse com tanto charme, para protegê-la. Mas é sem pre, *sempre*, por amor.

Seus dedos deslizaram do pulso dela para a

mão.

427/1201

– Tentei convencer Paul a não cortar relações com você. Não porque eu quisesse isso, mas

porque não queria vê-la sofrer.

Julia piscou, para afastar as lágrimas que tinham surgido de repente.

– O que me faz sofrer é o fato de você não confiar em mim.

– Eu confio em você.

– Não a ponto de me contar a história da sua família.

Ele trincou os dentes.

– Você sabe tudo o que eu sei: a família da

minha mãe a deserdou e, depois que ela morreu, me entregou para adoção. Meu pai nos abandonou. Você quer que eu vá atrás desse tipo de gente?

Só para descobrir mais detalhes sórdidos?

– Eles fizeram você, Gabriel. Tem que haver alguma coisa na história da sua família que valha a pena saber. É claro que não quero vê-lo triste.

Mas sua família é parte de você. Se tivermos os 428/1201

filhos, um dia eles vão nos perguntar sobre os avós.

Gabriel largou a mão dela, seu rosto um amáscara de pedra.

– Se eu pudesse expurgá-los da minha

memória, eu o faria. Não quero nossos filhos metidos nessa sujeira.

Ela ergueu o queixo.

– Um homem tão bom e inteligente quanto você nasceu dessa sujeira. E é dela que nossos filhos também virão.

A expressão de Gabriel se abrandou. Ele levou a mão de Julia aos lábios e a beijou.

– Obrigado – sussurrou ele.

– Você tem razão, eu não devia ter falado com Paul sobre minhas preocupações. Mas ele era

meu amigo. – Julia continuava lutando contra as lágrimas.

Gabriel puxou o rosto dela para junto de seu peito.

CAPÍTULO VINTE E SETE

À noite, Gabriel entrou na suíte principal.

Estava descalço, usando apenas calças e uma camiseta branca. Quando viu Julianne, arregalou as mangas.

– Seu ciclo já terminou?

Julia estava parada diante da pia, pois tinha acabado de escovar os dentes e lavar o rosto.

– Ontem.

– Ótimo. Tire a roupa e vá para a cama.

– Agora.

Os olhos dele pareciam queimá-la, com o duas labaredas. Sem discutir, ela se despiu às pressas, largando as roupas no chão antes de ir para a

cama.

– Deite de bruços e feche os olhos.

430/1201

Julia não pôde deixar de estremecer ao som da voz dele, mas fez o que ele lhe pedia. Com os olhos fechados, seus outros sentidos se aguçaram .

Ela sentia a brisa que entrava pela janela aberta.

Ouvia os passos firmes de Gabriel no piso.

Logo em seguida, ele pôs uma música: “The

Look of Love”, na interpretação de Diana Krall.

Julia abriu os olhos e viu que ele tinha apagado as luzes e acendido velas ao lado da cama. Com o

um a nuvem , o brilho suave tomou conta do seu olhar.

– *Feche os olhos* – ordenou ele.

Ela obedeceu e sentiu o colchão afundar. As

mãos dele tocaram sua cintura, erguendo-a para deslizar um travesseiro para debaixo dos seus quadris. Aparentemente satisfeito com a posição dela, seus lábios deixaram uma trilha flamejante ante de covinha a covinha, antes de pousarem sobre a base da sua espinha.

431/1201

Em seguida, ele deslizou um único dedo até a nuca de Julia e depois pelos ombros. Colocou outro travesseiro debaixo de seus seios nus,

erguendo os braços dela acima da cabeça.

– Um a obra de arte – sussurrou ele antes de

beijá-la atrás da orelha, chupando de leve sua pele.

A palma de sua mão percorreu duas vezes toda a extensão das costas de Julia, antes de explorar sua bunda e suas pernas.

O colchão tornou a afundar e a música mudou para “I Burn for You”, de Sting. Julia sentiu mais do que uma faísca de desejo.

Podia sentir a presença de Gabriel ao seu lado, mas não ouviu nada até ele colocar um par de objetos na mesa de cabeceira. Ela virou a cabeça na direção do som, mas Gabriel tapou seus olhos com a mão.

– Você confia em mim ?

– Confio.

432/1201

– Ótimo. – Ele passou a mão sobre a nuca de Julia, jogando seu cabelo para um lado.

Julia o ouviu se empertigar e, alguns minutos

depois, o farfalhar de roupas e o barulho de um cinto caindo no chão. Em seguida, escutou o sussurro das cuecas de Gabriel deslizando pela pele dele.

Abriu o olho esquerdo, deliciando-se com a

visão de seu marido nu, observando-o virar de costas para arrumar os objetos sobre o criado-mudo. Suspirou de admiração diante do corpo dele e tornou a fechar os olhos.

Ouviu algo líquido e o som de mãos se es-

fregando, antes de o colchão afundar novamente.

Então ele começou a massagear suas costas.

Ela gemeu.

– Você gosta disso, não gosta?

Julia murmurou. O perfume de Sândalo e de Sândalo invadiu suas narinas: a fragrância da

primeira noite que passaram juntos.

433/1201

– Obrigada.

– Estou só comendo.

Ele continuou, sem a menor pressa, venerando seu corpo com as mãos

ãos. De vez em quando, a nudez dele roçava na dela. Julia se mexia para prolongar o contato, mas ele soltava um arisadinha e recuava.

Depois do que pareceram horas, ela estava quase inconsciente, completamente relaxada.

Todo e qualquer pensamento não relacionado a Gabriel desapareceu de sua cabeça.

Ele levou a boca ao pescoço dela, colando os lá-

bios à sua pele e sugando-a de leve. Suas mãos grandes deslizaram pelos braços de Julia até ele agarrar suas mãos, estendendo-as para os lados.

Então o corpo nu de Gabriel estava sobre o dela, o peito dele contra as suas costas.

O contato a fez gemer.

– Se for demais, me diga.

434/1201

Foi uma sensação intensa. Ela preferia o contato frontal, mas havia algo de especialmente íntimo e erótico naquela posição, com Gabriel estendido

sobre ela com uma segunda pele.

Quando ouviu a respiração de Julia acelerar, ele sustentou o próprio peso com os joelhos, separando as pernas dela. Julia respirou fundo e Gabriel colocou uma das mãos sob seu seio

direito.

Julia soltou um gemido de aprovação.

Gabriel moveu sua mão esquerda por baixo dela até a junção de suas coxas, os dedos deslizando pela pele dela.

Com o dedo a acariciá-la, as duas mãos trabalh-

hando em sintonia, extraindo prazer de ambas as partes do corpo dela. Então, bem devagar, ele a penetrou.

Gabriel se deteve. A sensação de estar dentro dela naquela posição era quase intensa demais.

435/1201

Eles sem pre se encaixavam bem, mas, desta vez, a união desafiava seu autocontrole.

Julia se ergueu, colando o corpo ao dele.

– Por favor – disse.

– Não se mexa – falou Gabriel com voz ríspida.

Ela parou e Gabriel sentiu que ela inspirava, trêmula, suas costas se movendo junto ao peito dele.

– Você é uma deusa. Mas... não... se mexa.

Julia sorriu contra os lençóis, então, bem devagar, levantou os quadris e fez força para trás.

Com um gemido e um xingamento, ele se

moviu dentro dela, rápida e vigorosamente. Em poucos minutos, assumiram um ritmo frenético, o ar repleto de sons de prazer.

Julia ergueu os quadris uma última vez e Gabriel a sentiu latejar à sua volta.

Então não pôde mais se conter e gozou logo em seguida.

436/1201

Quando recuperou o fôlego, estendeu-se sobre

ela com o umbigo a bandeira, os lábios colados ao ombro

de Julia, que se abriu em um sorriso.

– Isso é transcendência – sussurrou ele. –

Nunca foi tão bom para mim.

O coração de Julia parou de bater por um instante.

– Nunca?

– Nunca.

Gabriel pousou a mão sobre as nádegas dela e sentiu o corpo de Julia se afundar na cama, enquanto um largo sorriso de felicidade se abria no rosto dela.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Na manhã seguinte, Julia acordou ao som dos roncos de Gabriel. Ele quase nunca roncava, mas, quando o fazia, era uma força da natureza.

(Até especialistas em Dante roncam às vezes.) Ela dormira com o mesmo anjo a noite toda. Ele lhe dera um presente: a certeza de que ela era o ápice de sua vida sexual, da mesma forma que Gabriel

era, gloriosamente, o dela. Julia foi dormindo por uma deliciosa sensação de anseio e incerteza, diante da perspectiva de repetir o que tinham feito na noite anterior.

Gabriel também dava a confiança necessária para deixar que ele assumisse o controle.

Mas, com o C. S. Lewis escrevera a respeito de Aslan, Gabriel não era mesmo esticado. Sem pre

438/1201

haveria um quê de perigo e imprevisibilidade nele.

Por cautela, decidiu não acordá-lo para dizer que ele estava roncando. Em vez disso, resolveu ser ousada e entrar nua no ofurô.

O ofurô ficava na varanda do quarto deles.

Com o vizinho mais próximo estava a vários quilômetros de distância, Julia não teve vergonha de tirar o roupão. Entrou na água quente e deixou o sol e a brisa suave acariciarem seu rosto, enquanto a água aliviava suas partes íntimas e seus

músculos doloridos.

Estava quase dormindo quando ouviu o som da voz de Gabriel. Abriu os olhos e deparou com a visão dele apenas de cueca sem canção, falando ao iPhone.

Ficou alguns minutos admirando a beleza rústica do seu professor não domo esticado.

Percorreu com os olhos as curvas dos seus músculos, as linhas e os tendões que lhe cobriam os 439/1201

braços. Observou os pelos em seu peito e a trilha que descia do umbigo até o elástico da cueca.

Julia então olhou ao redor – para as colinas e vales que cercavam a propriedade deles. Ninguém podia vê-los.

De repente, Gabriel encerrou a ligação e largou o telefone em uma mesa próxima.

– Posso me juntar a você? Ou só está in-

teressada em um espetáculo? – Ele flexionou os bíceps teatralmente.

Julia engoliu em seco.

– Hum, o que está incluído no preço do ingresso?

Ele sorriu devagar.

– Tudo o que você quiser. Estou aqui para satisfazê-la, Sra. Emerson. – Ele baixou a voz: –

Então me diga o que lhe dá prazer.

Quando Julia indicou que ele deveria se aproximar, Gabriel se livrou depressa da cueca e se 440/1201

juntou a ela no sofá. Ela sentou-se no seu colo, passando os braços em volta dele.

– Tudo o que quero é o prazer da sua companhia.

Gabriel a abraçou e ela apoiou o queixo no ombro dele.

– Obrigada por ontem à noite.

– Eu é que deveria agradecer, Sra. Em erson.

– Sou um pouco estúpida às vezes. Acaba de m e ocorrer que você teve tanto trabalho ontem à noite porque estava tentando m e alegrar. – Ela brincou com os pelos do peito dele.

– Isso não é exatam ente verdade. Não fazíam os am or havia alguns dias, porque você estava no período m enstrual. Isso m e deu tem po para

pensar com o eu queria m e reconectar a você.

Ele levantou o cabelo dela e correu os dedos por sua nuca.

– Queria que você soubesse que valorizo isso.

Gosto do cuidado que você tem ao planej ar nosso 441/1201

tem po j untos. Gostei de você ter percebido que eu estava m al ontem . – Ela pôs a m ão na

tatuagem sobre o coração dele. – E de você ter m e dito que foi o m elhor da sua vida.

– É verdade. O sexo é diferente com você. Sentim os atração um pelo outro. É claro, tem os quím -

ica. Mas tam bém tem os am or e carinho. Quando todas essas coisas se com binam ... – Ele deixou a frase pelo m eio.

– Obrigada. – Ela tocou os lábios dele com os seus.

– Com quem estava falando ao telefone? – perguntou ela.

– Scott.

– O que ele queria?

– Ele e Tam m y gostariam de levar Quinn para passar um fim de sem ana em Boston no outono.

Querem ficar na nossa casa.

– A ideia m e parece m uito divertida.

442/1201

– Eu disse que iria falar com você antes, mas que adorariam os recebê-los.

– Fico feliz que você e seu irmão estejam se acertando.

Julia beijou o queixo dele.

– Às vezes queria que tivessem os mesmos anos. Poderiam os ter ido juntos ao baile de

formatura.

Gabriel a acariciou com o nariz.

– Teria sido uma honra levá-la ao baile de

formatura, mas foi bom eu não ter conhecido você quando era adolescente.

– Por quê?

– Porque não a teria tratado da maneira que

merece.

Ela se virou para fitá-lo nos olhos.

– Duvido. Você me tratou bem na noite em que nos conhecemos, lá no pomar. Teria se com-

portado da mesma forma quando eu era mais jovem.

443/1201

– Talvez. Existe algo de especial em você que...

– Ele sorriu. – Poderiam os providenciar um baile aqui, só para nós dois.

Julia riu.

– Vou ter que comprar um vestido curto de-

mais e meu pai vai enfartar.

– Não me lembro de ter convidado seu pai –

resmungou Gabriel, beijando-a. – Quanto é curto demais?

– Para mim, logo acima do joelho. Sou tímida.

Ele mordiscou seu lábio inferior.

– Não foi nada tímida ontem à noite.

Ela acariciou a barba por fazer no queixo dele.

– Seu amor me dá coragem.

– Que bom, porque vou continuar andando vo-

cê. Para sempre. – Gabriel deslizou as mãos até a cintura dela e a puxou para junto de seu peito. –

Sinto muito pelo que aconteceu com Paul.

444/1201

– Eu também. – O rosto dela assumiu uma expressão melancólica. – A partir de agora, se tivermos problemas, vou antecipar-

los entre nós.

– Prometo fazer o possível. – Ele pigarreou. –

Tem o que, quando duas pessoas se casam, as

responsabilidades delas mudam.

Ela estreitou os ombros.

– Acho que sim.

– Eu negligenciei nossa vida social. Prometo que vou me esforçar mais. Podem os convidar amigos para jantar e irei com você ao Grendel's Den tomar uma cerveja com seus colegas.

Julia arregalou os olhos.

– Achei que não gostasse de socializar com

alunos. Você nunca foi comigo antes.

Gabriel roçou o polegar no queixo dela.

– Sou capaz de quase tudo para fazer você feliz.

Não quero que se arrependa de nenhum instante



em que estej am os j untos.

Os olhos dele ficaram perigosos.

445/1201

– Então venha cá.

Algum as horas depois, Gabriel ouviu o telefone de casa tocar. Decidiu ignorá-lo.

Por fim , foi vencido pela curiosidade e espichou a cabeça para fora da porta aberta do escritório.

Pôde ouvir ao longe a voz de Julia falando em italiano. Perguntando-se com quem ela estaria conversando, saiu do escritório e desceu até a cozinha.

– *No, Fra Silvestro. Non è necessario.*

Julia notou que Gabriel a observava e ergueu

um dedo, pedindo que ele esperasse.

– *Allora dovremmo organizzare una festa per i bambini. Non per me.*

Gabriel ergueu as sobrancelhas e se aproxim ou dela, recostando-se no balcão.

446/1201

– *Sì, per i bambini. Possiamo festeggiare i loro compleanni.* – Ela fez um a pausa e Gabriel pôde ouvir o irm ão franciscano tagarelando do outro lado da linha.

– *Ci dovranno essere regali, palloncini e una torta. E del gelato.* – Julia riu. – *Certo. E’ proprio quello che vorrei. Ci vediamo, allora. Arrivederci.*

Julia desligou o telefone.

– Minha nossa.

– Posso saber o que foi isso?

– Era o Irmão Silvestro, do orfanato de

Florença.

– Por que ele ligou para você?

– Na verdade, era com você que ele queria falar, mas me pareceu muito contente ao saber que você não podia atender.

Os cantos da boca de Gabriel se curvaram para cima.

– Parece que queria nos convencer de alguma coisa e achou que você seria um alvo mais fácil.

447/1201

– Pode ser. Ele queria organizar uma festa para nós quando formos visitar o orfanato na semana que vem.

Gabriel pareceu surpreso.

– E você disse que não?

– Pedi que ele fizesse uma festa para as crianças.

Não precisam os de uma festa.

Julia voltou sua atenção para o lanche leve que estava preparando antes de receber o telefonema.

Gabriel a abraçou por trás.

– Você está muito assertiva.

– É pelas crianças.

– Essa é uma característica sua que sempre me intrigou, Julianne. Você desiste do que quer com muita facilidade. Mas se me antém firme e não abre concessões quando se trata de outras

pessoas.

– Não acho que desisto do que quero tão fácil assim. Não desisti de você, desisti? E você foi 448/1201

terrível no comêço. – Julia o fitou pelo canto do olho.

Ele arrastou os pés no chão.

– Estava pensando no quanto você queria ficar no Magdalen College e em com o se m ostrou disposta a ir em bora depois que eu insisti.

Ela voltou ao que estava fazendo.

– Às vezes não tenho energia para brigar com
você. Você estava incom odado com o quarto.

Não gosto de vê-lo assim .

Gabriel beij ou o pescoço dela.

– Acho que você precisa de um a festa.

– Preciso m esm o. – Julia ergueu as m ãos e

em aranhou os dedos nos cabelos dele. – Preciso de um a festa
particular que envolva arrancar do corpo do m eu belo m arido sua
calça j eans favor-ita. – Ela colou a boca em seu ouvido. – Mas os
óculos ficam .

Ele riu e colou a parte de baixo dos seus corpos um a à outra.

449/1201

– Não sabia que tinha um a queda por hom ens
de óculos.

– Ah, tenho. Sabe o que você sente em relação aos m eus saltos altos?
É assim que m e sinto em relação aos seus óculos. Mas antes tenho que
telefonar para a assistente do Irm ão Silvestro para ver se ela consegue
alugar um pônei.

Gabriel se em pertigou.

– Um pônei?

– Você acha m á ideia?

– É possível alugar pôneis? Em Florença?

– Sei lá. Mas tenho certeza de que nenhum a

daquelas crianças j am ais teve a chance de ver um pônei, quanto m

ais de m ontar um . Achei que poderia ser divertido.

Gabriel observou, contente, a em polgação da esposa.

– Se você cuidar dos presentes, eu arranjaréi um pônei.

450/1201

– Obrigada. – Ela deu um a piscadela atrevida. –

Ah, e j á que vai fazer isso, vej a se consegue providenciar tam bém um a fazendinha, para as crianças poderem interagir com os anim ais.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Julia não respondeu ao e-m ail de Paul. Ele pedira que ela não voltasse a entrar em contato, e ela estava determ inada a respeitar sua vontade. Sabia

que em algum m om ento seus cam inhos se cruz-ariam em um a conferência. Mas achava que, assim que Paul se acostum asse com a ideia de que ela estava casada com Gabriel, conseguiria voltar a ser seu am igo.

Ou pelo m enos era o que esperava.

Mesm o assim seu pedido – e a m aneira com o ele o havia feito, por e-m ail – a m agoara. Portanto, evitou acessar seu e-m ail por alguns dias.

Quando enfim foi checar as m ensagens, encontrou um a do pai.

Jules,

452/1201

Ligue para o m eu celular assim que receber esta m ensagem ,

Seu pai.

Os e-m ails e recados de Tom em geral eram

lacônicos. Ele não era um hom em de m uitas palavras. Mas o tom daquela m ensagem parecia tão grave que Julia nem se deu o trabalho de alertar Gabriel sobre o ocorrido. Sim plesm ente pegou o telefone

da cozinha e ligou para o celular do pai.

Ele atendeu ao primeiro toque.

– Jules.

– Oi, pai. O que houve?

Tom fez uma pausa, como se não conseguisse encontrar as palavras.

– Estam os no hospital.

– No hospital? Por quê? Qual o problema?

Nesse exato momento, Gabriel entrou na cozinha. Julia apontou para o telefone e fez as palavras “meu pai” com a boca.

453/1201

– Ontem vieram os fazer uma ultrassonografia.

Íam descobrir o sexo do bebê. Mas eles encontraram algo de errado.

– O quê?

– O coração dele.

– Dele?

– Do meu filho. – A voz de Tom falhou na última palavra.

– *Pai.* – Julia fungou e seus olhos se encheram de lágrimas.

Gabriel parou bem perto da esposa, para ouvir os dois lados da conversa.

– Onde você está agora? – perguntou ela.

– No Hospital Pediátrico da Filadélfia. Eles aceitaram nos atender imediatamente.

Julia ouviu um barulho abafado ao fundo, então escutou o pai sussurrar:

– Vai dar tudo certo, querida. Vai dar tudo

certo. Não chore.

– É a Diane?

454/1201

– Sim – disse Tom , com a voz tensa.

– Sinto muito, pai. O que o médico falou?

– Acabamos de sair da consulta com o cardiologista. Ele disse que o bebê tem algo chamado síndrome da hipoplasia do miocárdio esquerdo.

– Nunca ouvi falar disso. O que significa?

– Significa que ele só tem meio coração. – Ele inspirou devagar. – É fatal, Jules.

– Ah, meu Deus. – Uma lágrima escorreu pelo rosto dela.

– O bebê não vai sobreviver sem cirurgia. Terá que ser operado logo depois do parto. Isto é, se Diane conseguir chegar ao fim da gravidez. Às vezes... – A voz de Tom sumiu aos poucos.

– Mas tem tratamento?

– A cirurgia pode fazer o coração dele funcionar, mas nunca será um coração normal. Segundo

eles, serão necessárias três cirurgias diferentes e medicamentos por toda a vida. Ninguém sabe

455/1201

com o que ele vai responder ao tratamento ou se ele vai... – Tom começou a tossir.

– O que eu posso fazer?

– Ninguém pode fazer nada. Não se rezar.

Julia começou a chorar e Gabriel retirou com cuidado o telefone da mão dela.

– Tom ? Aqui é Gabriel. Sinto muito pelo bebê.

Deixe-me e reservar um quarto para vocês em um hotel perto do hospital.

– Não precisam os... – Tom se interrompeu

bruscamente, e Gabriel pôde ouvir Diane falando ao fundo. Tom suspirou. – Isso seria ótimo.

– Vou providenciar e mandando as informações

por e-mail para você. Querem ir a Nova York para terem uma segunda opinião? Posso comprar as passagens. Também podem conseguir uma transferência para outro hospital.

– Os médicos daqui parecem saber o que estão fazendo. Tem uma reunião com a equipe de cardiologia pediátrica amanhã.

456/1201

Gabriel olhou firme nos olhos da esposa.

– Você está precisando de Julianne?

– Não há muito que ela possa fazer agora.

– Mesmo assim. Ela é sua filha e o bebê é irmão dela. É só dizer que ela vai na mesma hora.

– Obrigado – falou Tom com uma voz rouca. –

As coisas estão meio caóticas neste momento.

Julia secou as lágrimas e gesticulou para o telefone.

– Ela quer falar com você. Fique firme, Tom.

Gabriel entregou o telefone a ela.

– Pai. Mantenha contato e não deixe de me dar notícias.

– Pode deixar.

– Detesto tocar nesse assunto agora, mas e o casamento?

– Não sabem os, Jules.

– Estam os planej ando passar o feriado do Dia do Trabalho em Selinsgrove. Posso ir antes, se você e Diane precisarem de mim .

457/1201

– Ótimo.

– Quer que eu conte para Richard?

Tom hesitou.

– Seria bom . Com quanto menos pessoas eu

tiver que ter esta conversa, m elhor. Diane falou ao telefone m ais cedo com a m ãe e a irm ã, Melissa.

Um a lágrim a escorreu pelo nariz de Julia.

– Am o você, papai. Mande um beij o para

Diane.

– Está bem . Tchau, Jules.

Julia largou o telefone em silêncio. Logo em seguida, estava nos braços de Gabriel.

– Eles estavam tão felizes com o bebê.

Gabriel lhe deu um abraço apertado, enquanto ela agarrava sua camisa.

– Eles estão em um bom hospital.

– Os dois estão arrasados. Parece que, m esm o que o problem a possa ser corrigido, o bebê terá problem as de saúde pelo resto da vida.

458/1201

– Médicos fazem previsões, m as elas são baseadas em probabilidades. Cada paciente é um caso.

Ele se em pertigou de repente, com o se tivesse acabado de pensar em algo.

– Seu pai tem algum problem a de saúde?

– Não que eu saiba. Mas os pais dele eram cardíacos.

Julia ergueu os olhos para ele.

– Você acha que é genético?

– Não sei. – Ele a abraçou com m ais força. – Há dias em que ser doutor em m edicina é infinitam ente m elhor do que ser doutor em literatura.

Hoj e seria um deles.

Mais lágrim as escorreram pelo rosto de Julia.

Nunca tinha lhe passado pela cabeça que pudesse haver algo de errado com o bebê. Ela estava tão

feliz por ganhar um irmão que qualquer risco era inimaginável.

Enquanto chorava nos braços de Gabriel, ela

percebeu que, por maior que fosse o seu

459/1201

sofrimento, Tom e Diane deviam estar sofrendo dez vezes mais.

– Com o poderiam se preparar para algo assim ?

– murmurou ela. – Devem estar arrasados.

Julianne se apoiou em Gabriel, sem notar a expressão em seu rosto ou o horror que de repente cruzou seus olhos.

CAPÍTULO TRINTA

Agosto de 2003

Cambridge, Massachusetts

– Gabriel? Querido, está na hora de levantar.

A maior de alguém, suave e feminina, acariciou sua barba por fazer e, por um instante, ele relaxou. Não sabia direito onde estava ou quem estava deitada nua ao seu lado, mas a voz era sexy e o toque, suave. Com cautela, abriu os olhos.

– Oi, querido. – Os grandes olhos azuis dela o fitavam com devoção.

– Paulina – rosnou Gabriel, fechando os olhos.

A cabeça latejava e tudo o que ele queria era dormir. Mas o professor Pearson não aceitava desculpas de seus assistentes de pesquisa, o que
461/1201

significava que ele tinha que se arrastar até o campus.

(Era possível que o professor aceitasse um acordo com o justificativa para falta, mas nem isso era garantido.)

– São oito da manhã. Você tem tempo para um banho e um café. E talvez um pouco de...

A mão de Paulina deslizou do peito de Gabriel para o seu abdômen. Então os dedos dela se

fecharam em volta dele e...

E sua ereção instantaneamente se enfiou na mão dela

com o um a flor murcha.

Ele a afastou.

– Agora não.

– Você sem pre diz isso. É porque estou ficando gorda? – Ela se sentou ao lado dele, a barriga ligeiramente arredondada, os seios inchados.

Ele não respondeu, o que já era uma espécie de resposta.

462/1201

– Posso lhe dar prazer. Você sabe que eu posso.

– Ela passou os braços em volta dos ombros dele, beijando-lhe o pescoço. – Eu amo você.

– Eu falei *agora não*. Que merda. Você é surda?

Gabriel se desvencilhou dos braços dela antes de tirar as pernas de cima da cama. O chão de madeira estava frio sob seus pés, mas ele mal sentiu.

Toda a sua atenção estava focada em uma única coisa: o resto de pó branco sobre a mesinha de cabeceira. Ele ficou de cócoras, preparou o espelho, a gilete e enrolou uma nota de 5 dólares.

O mundo se dissolveu ao seu redor e ele sentiu a mente e o corpo voltarem à vida, seus movimentos seguros e ágeis.

A droga lhe entrara pelas narinas em um piscar de olhos e tudo estava claro de novo. Estava

hiperalerta. Conseguia pensar. Tinha voltado a funcionar.

463/1201

Ele acendeu o cigarro, esquecendo-se de que

sua... sej a lá o que ela fosse agora... estava na cam a, observando-o.
Ela se enrolou em um

roupão e fugiu para a cozinha, sem querer expor o bebê em sua
barriga à fum aça.

Gabriel term inou o cigarro e tom ou um banho, parando para tom ar
a xícara de café que ela havia deixado na pia do banheiro. Escovou os
dentes e fez a barba, sua m ente enum erando todo o trabalho que
tinha para fazer em sua tese, assim com o a interm inável lista de
tarefas que o professor Pearson lhe atribuíra.

Não tinha tem po para exam inar sua vida ou

suas atitudes. Se fizesse isso, perceberia que era um escravo,
acorrentado à

cocaína, à nicotina, à

caféina e ao álcool.

Tam bém era escravo de suas paixões, quando

seu pênis funcionava. Em bora m orasse com

Paulina e ela estivesse grávida, ainda fazia sexo com outras m ulheres.
Nunca se dera o trabalho 464/1201

de refletir se deveria parar com isso. Na verdade, nem pensava a
respeito.

Apenas agia.

– Você é lindo.

Paulina o observava da porta do banheiro, sua m ão aninhando a
própria barriga protuberante por sobre o roupão de seda preta.

Gabriel a ignorou, com o j á estava habituado a fazer. Tam bém
ignorou os círculos negros debaixo dos próprios olhos inj etados e o
fato de que estava uns 5 ou 7 quilos abaixo do seu peso norm al,
saúdável.

– Preparei seu café da m anhã. Ovos m exidos e torradas – disse ela,
com a voz esperançosa.

– Não estou com fome.

– Você tem um longo dia pela frente e Pearson vai enchê-lo de trabalho.

– Não me encha o saco! – Ele explodiu. – Eu

falei que não estou com fome.

465/1201

– Desculpe – Paulina baixou os olhos para sua barriga, contrita. – Está tudo na minha mesa com fruta e café fresco. Você só precisa comer.

Ele fixou seus olhos cor de safira nos dela,

observando-a pelo espelho.

– Está bem – falou, ríspido.

Ela sorriu para si mesma e desapareceu dentro da cozinha minúscula.

Logo ele estava vestindo o respeitável uniforme de um aluno de Harvard, com direito a paletó de veludo cotelê e calça Levi's. Sentando à minha mesa, forçou-se a engolir o café da manhã. Terminou a terceira xícara de café e estava prestes a acender outro cigarro quando notou que Paulina o encarava. Vorazmente.

– O que foi?

Ela sentou-se no meu colo, passando os braços

em volta do pescoço dele.

466/1201

Gabriel soltou um gemido involuntário ao sentir o peso dela, sem notar que ela se encolheu ao vê-lo fazer isso.

Ela falou em seu ouvido:

– Sei que está com pressa. Mas me dê só um

beijo antes de sair.

– Paulina, eu...

Ela o interrompeu com os lábios, sua língua ávida buscando a de Gabriel, girando dentro de sua boca.

Ele pôs as mãos na cintura de Paulina enquanto retribuía o beijo, sentindo o corpo comê-la a reagir.

– Vamos, querido. – Ela levou a mão ao botão do jeans dele. – Só um minutinho.

– Estou atrasado. – Ele apertou o pé, resmungando um pouco com o esforço. – À noite, talvez.

Ela franziu o rosto.

– À noite você tem que escrever.

– Posso arrumar um tempinho.

467/1201

– Mas nunca arrume. – Ela pegou a mão dele. –

Gabriel, eu amo você. Já faz muito tempo. Por favor.

Os olhos grandes e azuis dela se encheram de lágrimas e seu lábio inferior tremeu.

Ele virou os olhos para o teto.

– Está bem. Mas tem que ser rápido.

Gabriel

em puxou

a

cadeira

para

trás,

afastando-a da mesa, e gesticulou para a própria virilha.

– Pode com eçar.

Com um a expressão ávida no rosto, Paulina se ajoelhou entre as pernas dele e abriu seu zíper.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Agosto de 2011

Úmbria, Itália

Gabriel não conseguia dormir, atormentado

pelas lembranças nebulosas do passado. Sua

mente se debatia em várias direções, puxando-o de um lado para outro. Por fim, cansado de rolar na cama, desceu para tomar uma bebida.

Quando chegou à cozinha, praguejou. Havia se livrado de todo o álcool, com exceção de duas garrafas de vinho branco reservadas para Julianne. Mas vinho não satisfaria seu desejo. Não esta noite.

Não, esta noite queria um uísque. A sensação aveludada na língua, a rápida queimadura na boca 469/1201

e na garganta, o calor latente que se espalharia pelas suas entranhas.

Só uma dose. É tudo de que preciso.

Gabriel pensou em Julianne, deitada em sua

cama no andar de cima. Ela dormia tranquila, sem saber dos detalhes que o ator-

mentavam. As mãos dele tremiam de desejo.

Ele se apressou em repassar na mente os doze passos dos Narcóticos Anônimos, concentrando-se no passo número dois.

Vamos acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

Ajude-me, Deus.

Por favor.

Gabriel fechou os olhos e fez o sinal da cruz, a alma desesperada e conflituosa.

Ele sabia que a chave do Mercedes estava a poucos passos de distância. Sabia que poderia ir de carro ao bar mais próximo. Julia dormia um sono profundo.

Poderia voltar à cama mais tarde e ela já sabia.

Ele abriu os olhos.

Pegou as chaves.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

– Gabriel? – A voz de Julia flutuou até onde

ele estava sentado, na varanda.

Ele estava em um canto escuro, taciturno. Pôde ouvir os pés dela cruzarem o chão de cerâmica e atravessarem a porta aberta, vindo em sua

direção.

– O que está fazendo?

Ela notou o cigarro em uma das mãos e a bebida na outra.

– Nada.

Ele levou o cigarro aos lábios e tragou devagar, antes de apontar o rosto para o céu e soprar a fumaça.

– Você não fuma.

– É claro que fumo. Geralmente escolho

charutos.

472/1201

Com ar preocupado, Julia olhou do copo para o rosto dele.

Ele ergueu o copo num brinde debochado.

– Não se preocupe, é Coca-Cola. – Ele deu um

sorriso torto. – Preferia que fosse um a dose de Laphroaig.

– Não tem os uísque.

– Eu sei disso – resm ungou ele. – A casa não tem álcool nenhum , com exceção de vinho.

– E só branco. Você prefere tinto. – As so-brancelhas dela se juntaram . – Você procurou?

– E se tiver procurado? – retrucou Gabriel, ríspido.

Julia m ordeu seu lábio inferior.

Gabriel pousou o cigarro no cinzeiro e estendeu a m ão, pressionando o polegar na boca de Julia.

– Não faça isso. – Ele soltou seu lábio e tornou a pegar o cigarro, desviando o olhar do dela.

O silêncio se estendeu entre eles, abrindo um a distância im ensurável, até que ela enfim falou: 473/1201

– Boa noite, Gabriel.

– Espere. – Ele pôs a m ão em seu quadril, fazendo pressão contra a seda branca de sua cam -isola. – Preciso lhe fazer um a pergunta. Você é saudável?

– Já passa da m eia-noite e você quer fazer perguntas sobre a m inha saúde?

– Apenas responda. – Seu tom de voz era severo. – Por favor.

Ela afastou o cabelo do rosto.

– Sim , sou saudável. Tenho pressão baixa e um a tendência a baixos níveis de ferro, então tom o suplem entos.

– Eu não sabia disso.

– Minha pressão baixa provavelmente é genética.

Minha mãe tinha.

– Genética... – balbuciou Gabriel, dando mais

um a tragada no cigarro. Ele expeliu a fumaça pelas narinas, com o um dragão.

474/1201

– Não acha um pouco estranho me perguntar

sobre a minha saúde quando você está aqui fora fumando?

– É melhor do que cocaína, Julianne – retrucou ele, frio. – Com o a sua mãe morreu?

– Por que está me perguntando isso? – Julia se desvencilhou dele.

– Você me disse que sua mãe morreu na época em que você morava com seu pai. Não sei se foi um problema de saúde ou um acidente. – O rosto de Gabriel tinha uma expressão intrigada, mas seus olhos estavam na defensiva.

– Ela estava bêbada e rolou as escadas do pré-

diário. Quebrou o pescoço. – Julia o encarou com um olhar fulminante.

– Feliz agora?

Ela se virou para voltar ao quarto, mas ele a segurou pelo braço.

– *Julianne.*

– Não toque em mim! – Ela se libertou com um gesto brusco e tornou a se virar para ele. – Eu 475/1201

am o você, mas às vezes você é um cretino

insensível.

Gabriel se levantou no mesmo instante, a bebida e o cigarro largados sobre a mesa.

– Não nego.

– Você está perturbado com alguma coisa, mas, em vez de conversar sobre isso com sua esposa, prefere falar com a bebida, o cigarro e com a paisagem da Úm bria. Direito seu. Fique aí sentado

sozinho a noite inteira, se quiser. Mas não tente ferrar com a minha cabeça.

Ela seguiu em direção à porta do quarto.

– Não estou tentando ferrar com a sua cabeça.

– Então me avise antes de começar a escarafunchar minhas lembranças mais tristes.

Gabriel tentou conter uma risada, mas não conseguiu.

Ela o fuzilou com os olhos.

– Não tem graça nenhum a!

476/1201

– Escarafunchar, Julianne? Sério? – O rosto dele relaxou em um sorriso brincalhão, enquanto ela continuava de cara amarrada.

Ele venceu o espaço entre os dois.

– Não fique brava comigo por ter rido. Você tem um vocabulário invejável.

Ela se debateu em seus braços e então os lábios de Gabriel se colaram aos dela. O gosto amargo de fumo e tabaco invadiu a boca de Julia. O

beijo dele foi carinhoso, porém insistente.

Após alguns instantes, ela relaxou.

– Me desculpe – sussurrou ele. – Estou de

péssimo humor. Não deveria ter descontado em você.

– Tem razão. Não deveria me esmolar. Quando es-

tou angustiada, eu conversei com você. *Converse comigo.*

Ele se afastou, passando as mãos pelos cabelos, deixando suas mechas negras ainda mais revoltas.

Julia o puxou pelo cotovelo.

477/1201

– Todo mundo tem crises de mau humor às

vezes. Mas você não pode abordar certos assuntos com tanta indelicadeza.

– Me desculpe.

– Está desculpado. – Ela estremeceu. – Mas vo-

cê está me assustando. Procurou uísque e estava falando sobre cocaína. Depois perguntou com o que tinha me ocorrido. O que está havendo?

– Hoje não, Julianne. – Ele esfregou o rosto com as mãos. – Já não tivemos os aborrecimentos demais para um só dia? Vá para a cama. Não sou um bom amigo hoje.

Ele voltou a sentar, os ombros encurvados.

Julia hesitou, os olhos oscilando entre a porta da varanda e o rosto dele. Parte dela queria deixá-

lo sozinho. Outra parte acreditava que Gabriel estava atordoado e que, se ela não tentasse intervir, ele poderia se afundar em uma depressão.

Ou em coisa pior.

478/1201

Aproximou-se do marido, estendendo hesitante o dedo mindinho e entrelaçando-o ao dele.

– Você está angustiado.

– Sim, estou – disse ele, a voz inexpressiva.

– Antes de mim, o que fazia quando ficava de mau humor?

– Bebia e cheirava cocaína. E... – Ele começou a bater o pé descalço

no chão da varanda.

– E?

Os olhos azuis dele se cravaram nos dela.

– E trepava.

– Isso resolvia?

Ele bufou.

– Por um tem po. Meus problem as sem pre

voltavam na m anã seguinte.

Ela olhou para dentro do quarto, em direção à grande cam a de casal com dossel. Ergueu o

queixo.

– Vam os.

– Para onde?

479/1201

– Para a cam a. – Ela puxou o dedo m indinho

dele. – Vam os nos livrar desse m au hum or.

Os olhos de Gabriel faiscaram , encarando-a.

Então pareceu se retrair.

– Não é um a boa ideia. Já falei que não sou eu

♦ ♦ ♦

m esm o hoj e à noite.

– Você m e am a?

Ele franziu o cenho.

– Claro.

– Seria capaz de m e m achucar?

– De j eito nenhum . Quem você pensa que eu

sou?

– Meu m arido, que precisa trepar para aliviar todo esse m au hum or.
Então vam os.

Ele ficou boquiaberto.

Depois que se recom pôs, um a expressão hostil tom ou seu rosto.

– Eu não trepo com você, Julianne.

– Não, preferiria que eu fosse outra pessoa para poder fazer isso.

480/1201

Os olhos dele se incendiaram .

– Isso não é verdade. Você não sabe o que está falando.

– Ah, sei m uito bem . Você nem tocou em m im quando fom os para a
cam a. Precisei de você, m as você disse *não*. – Ela abriu os braços. –
Será que não entende? Você desej a, eu preciso. Me aj ude a

esquecer que estou prester a perder o único

irm ão que j á tive. Por favor.

Ele estava dividido. Isso estava claro na m aneira com o fitava os
olhos dela e no anseio que irradiava da sua pele.

Sem pensar, Julia passou um braço em volta das costas dele e agarrou-
lhe os cabelos com a outra m ão. Puxou a boca de Gabriel para j unto
da sua e o beij ou intensam ente.

Ele reagiu depressa, passando as pernas dela em volta de seus quadris.
Em pouco tem po j á era Gabriel quem controlava o beij o, com a
língua insistente e voraz.

481/1201

– Me leve para a cam a – im plorou ela quando ele enfim parou para
recuperar o fôlego.

– Nós não vam os usar a cam a.

Com um a expressão perigosa no olhar, Gabriel a carregou para dentro do quarto.

Gabriel não se im portou com ilum inação ou

m úsica antes de encostá-la na parede m ais próx-im a. Um a luz distante vinda da porta aberta do banheiro dava um tom cinzento à escuridão do quarto.

Julia apertou as pernas em volta dos quadris dele enquanto Gabriel tirava sua cam isola. A seda caiu no chão.

Ele pôs dois dedos na boca, para um edecê-los, antes de baixar a m ão para acariciá-la entre as pernas. Ela gem eu e se apertou contra a m ão dele.

O toque de Gabriel se tornou m ais desesperado.

482/1201

– Está com m edo? – perguntou ele, seus lábios colados à orelha dela.

– Não. – Ela entrelaçou os dedos nos cabelos de Gabriel, colando seus lábios aos dele.

Ele a explorou com a língua, lam bendo os lá-

bios de Julia e penetrando-lhe a boca. As m ãos dele deslizaram para trás até agarrarem sua bunda, puxando-a para j unto de si.

– Olhe – falou ele, ofegante, deslizando a boca pelo pescoço de Julia.

– O quê?

– Nós dois. No espelho.

Julia abriu os olhos e viu o espelho m ontado na parede oposta. Sua posição era perfeita para refletir as costas m agníficas e nuas de seu m arido e a

m ulher de cabelos escuros escondida por trás do corpo dele.

– Quero que vej a o que eu vej o quando você

goza.

483/1201

Gabriel beijou o pescoço dela antes de roçar a barba por fazer em seu peito. Ele aninhou seus seios nas mãos, venerando cada um deles com a boca. Lambendo, mordiscando, sugando.

Baixou a mão até o meio das pernas de Julia de novo,

tocando-a

com

gestos

calculados,

acariciando-a enquanto sua boca se fechava sobre um pequeno pico rosado.

Julia se esforçou ao máximo para manter os olhos abertos, mas era difícil. A língua de Gabriel provocava sua carne, seus lábios a sugavam.

Ela nunca tinha visto com o eles eram juntos. O

corpo dele longo e esguio, o dela menor e mais suave. A pele dos dois tinha tons diferentes: ele era mais moreno; ela, mais branca.

Gabriel lhe dedicava toda a sua atenção. Com o se estivesse à beira da morte e aquela fosse sua última chance de fazer amor.

A pele de Julia derre-

tia sob o calor do toque dele.

484/1201

Seu foco nela fazia o mundo se desintegrar à sua volta, com o sem pre acontecia em momentos com o esse. Os dedos curiosos e a ereção impaciente dele roçando entre as suas pernas.

– Preciso de você – murmurou Julia, afastando-se para vê-lo. Ela agarrava seus ombros, quase com o se quisesse escalá-lo.

– Quero que goze antes. Olhe para o espelho.

Ele continuou a acariciá-la, resistindo ao impulso

de acelerar, apesar dos movimentos desesperados de Julia.

De repente, os lábios rosados dela se abriram e ela engasgou, seus olhos fixos no reflexo dos dois.

Então, com um único movimento forte e profundo, Gabriel a penetrou.

Julia viu os próprios olhos se arregalarem, seus dedos agarrando com mais força os ombros dele.

Viu os quadris fortes e o traseiro bonito e bem definido de Gabriel se moverem rapidamente enquanto ele estava dentro dela.

485/1201

Ela gemeu, fechando os olhos.

– Mandei você olhar – rosnou ele, mordiscando

◆◆◆

sua orelha.

Quando tornou a abrir os olhos, viu que ele a fitava com um olhar feroz.

Ela voltou a olhar para o espelho. Ele lhe anteve o ritmo de seus movimentos.

Suspiros e gemidos escapavam dos lábios de

Julia conforme ele aumentava a velocidade.

Mesmo assim, ela não desviou o olhar.

– Isto não é trepar – sussurrou ele. – Olhe para mim.

Ela afastou os olhos do espelho e o encarou.

Mal se via o azul-safira ao redor das pupilas negras muito dilatadas.

– Isto não é trepar. É muito mais – insistiu ele.

A respiração de Gabriel ficou entrecortada, o ritmo de seus movimentos tornando-se irregular de repente.

486/1201

– Sem pre. – Julia começou a ofegar, exalando de acordo com o ritmo

o dele.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas, neste exato momento, ela chegou ao orgasmo. As palavras de Gabriel foram afogadas em um mar de sensações. Os olhos dela se fecharam, sentindo a satisfação inundar seu corpo.

Gabriel a penetrou fundo mais uma vez e gozou, mordendo sua clavícula.

Ela tentou recuperar o fôlego, descansando o rosto no pescoço dele.

– Incrível – rosnou ele, assim que parou de ofegar.

Ele ergueu a cabeça.

– Você está bem ?

Ela fechou os olhos, recostando a cabeça na parede.

– Sim, mas devo estar com as pernas bambas.

Espere um minuto antes de me largar.

487/1201

– O que a faz pensar que eu já terminei com você?

Ele empurrou os cabelos de Julia para trás dos ombros, colando a boca à sua orelha.

– *Foi só a primeira* – sussurrou Gabriel.

Julia acordou na manhã seguinte e encontrou a cama vazia. O que, por si só, não era nenhuma surpresa. Mas, ao descobrir que o banheiro e a varanda também estavam desertos, vestiu o robe e foi procurar o marido.

Não havia sinal dele.

As chaves do Mercedes estavam sobre o balcão da cozinha, onde ele as

havia largado na noite anterior, ao lado de um a garrafa vazia de CocaCola. Ele não deixara um bilhete.

Julia ficou m agoada. A noite anterior fora intensa, talvez m ais do que qualquer outra que os 488/1201

dois houvessem tido. Eles fizeram am or encostados na parede, sobre a bancada do banheiro, no chão e, por fim , na cam a. O sol estava quase despontando no horizonte quando finalm ente

cederam ao cansaço e se perm itiram dorm ir.

Julia queria acordar ao lado dele e, talvez, explorar seu corpo sem pressa antes de fazerem am or com languidez. Mas não teve essa sorte. A ausência de Gabriel e de um bilhete fizeram com que sentisse um a pontada de ansiedade. Ele não havia deixado nem m esm o um copo d'água ou de suco para ela sobre a m esa de cabeceira, com o costum ava fazer.

Será que era assim que as outras mulheres se sentiam depois de passarem a noite com ele? Se é que ele lhes permitia passar a noite...

A ansiedade de Julia se transform ou em tristeza, e ela subiu relutante as escadas de volta ao quarto.

Vestiu o biquíni, pegou os óculos de sol e o

489/1201

chapéu e foi para a piscina. Nadar um pouco iria m antê-la ocupada.

Ela nadou algum as voltas até quase se esquecer da conversa que tivera com o pai no dia anterior e da óbvia angústia de Gabriel na noite passada.

Então ficou de pé na parte rasa, olhando ao redor até avistar um par de tênis de corrida parados à beira da piscina.

– Já não falei que não quero que você nade

sozinha?

Gabriel estava ali, estendendo um a toalha para ela. Ele usava roupas de corrida e estava m uito suado.

– Bom dia para você tam bém . – Julia nadou até a beira da piscina e puxou a toalha das m ãos dele.

– Bom dia.

– Eu não estaria nadando sozinha se você não

tivesse me abandonado – resmungou ela, saindo da água.

– Você sabe que gosto de correr de manhã.

490/1201

– Já é quase meio-dia. – Ela se enrolou na

toalha e o encarou, com as mãos na cintura.

Gabriel parecia agitado. Ele retribuiu o olhar, mas não conseguia encará-la e, a julgar pela sua postura, estava decididamente desconfortável.

Julia se perguntou com o que uma fantástica noite de sexo poderia tê-la deixado relaxada e leve com o que uma pluma, enquanto ele continuava tenso com o que uma corda de piano.

– Você poderia ter deixado um bilhete.

– É, poderia – falou ele, devagar. – Não pensei nisso.

– Se quiser correr, não tem problema. Só me avise quando vai voltar.

Gabriel abriu a boca para protestar, mas na última hora decidiu que não valia a pena.

– Vou tomar um banho. Reservei um quarto de hotel para o seu pai ontem e pedi à recepção que levasse uma cesta de frutas para ele. Vou passar o 491/1201

dia quase todo no escritório, trabalhando. Mas levarei você para jantar em Todi hoje à noite.

– Não.

Ele pestanejou.

– Não?

– Não, Gabriel. Você não pode fugir para o es-



critório depois de me tratar com tanta frieza.

Não.

A expressão dele mudou.

– Não tive a intenção de ser frio, Julianne. – Sua voz soou grave.

Ela se limitou a encará-lo.

Ele esfregou a barba por fazer em seu queixo.

– Estou com muitas coisas na cabeça.

– Foi o que você disse na noite passada.

Esperava que o que fizem os fosse ajudar.

Um abraço atravessou o rosto de Gabriel.

Ele parou diante dela, estendendo a mão para o colar que ela usava. Correu os dedos sobre o pingente de coração.

492/1201

– Você é sem precedentes. Eu poderia passar o dia inteiro abraçando e fazendo amor com você, mas isso não resolveria os meus problemas.

Julia pousou a mão sobre a dele.

– Então diga que me ama.

Ele a fitou nos olhos.

– Eu amo você.

Ela deu um suspiro profundo.

– Vá resolver os seus problemas. Mas não se esqueça de que não é a única pessoa nesta casa. Não quero viver com um fantasma.

Um abraço tomou conta dos olhos de Gabriel. Ele deu um beijo casto nela e se afastou da piscina coberta.

Como dissera, Gabriel passou a tarde no es-

critório, com a porta fechada.

Julia não sabia o que ele estava fazendo, em bora esperasse que estivesse resolvendo qualquer que fosse o problema a que tanto o angustiava.

Várias hipóteses lhe passaram pela cabeça.

Talvez Paulina tivesse voltado a entrar em

contato, fazendo-o pirar. Talvez a revelação da doença do irmão dela o tivesse levado a repensar seu desejo de ter um filho. Talvez estivesse percebendo que a vida de casado não era o que ele esperava – que a ideia de estar preso a uma única



mulher, a ela, era sufocante.

Julia foi ficando cada vez mais ansiosa. Era capaz de lidar com qualquer coisa, pensou,

menos com a frieza de Gabriel. Já vira desprezo nos olhos dele antes. Já havia sido repudiada.

Sobrevivera uma vez, mas a simples ideia de voltar a ser abandonada por ele era devastadora.

Esforçando-se para se concentrar em outros assuntos, ela se sentou diante do computador,

pesquisando sobre o Hospital Pediátrico da

Filadélfia e a síndrome da hipoplasia do miocárdio esquerdo.

O site do hospital lhe deu alguma esperança.

Apresentava a história de vários pacientes que passaram pela cirurgia que seu irmão teria que fazer. Mas todos os testes unidos incluíam uma advertência de que ninguém, nem mesmo os especialistas, poderia prever quão saudáveis os pacientes seriam quando crianças, adolescentes ou adultos.

Ela fez uma prece silenciosa por seu pai e Diane e, por último, por seu irmão. Pediu a Deus que o ajudasse e que lhe desse saúde.

Então voltou os pensamentos para o marido.

Rezou por ele. Rezou pelo seu casamento. Ela achava que o sexo na noite anterior fosse

aproximá-los mais e deixá-lo à vontade para conversar com ela.

Agora preocupava-se que o efeito tivesse sido o inverso. Se Gabriel pudesse se comunicar com ela 495/1201

através do corpo, talvez não visse necessidade de se comunicar com palavras.

Com esses pensamentos, voltou a pesquisar

sobre cardiologia pediátrica, lendo vários artigos, até as palavras se embaralharem diante dos seus

olhos e ela dormir com a cabeça no braço da poltrona.

Julia acordou com a sensação de estar sendo

observada.

Estava deitada na cama. Ao seu lado, sentado com os braços em volta das pernas dobradas, estava Gabriel. Ele olhou para ela por trás dos óculos.

– Está tarde – sussurrou ele. – Volte a dormir.

Ela estreitou os olhos para o relógio sobre a mesa de cabeceira. Já passava da meia-noite.

– Perdi a hora do jantar.

496/1201

– Você estava exausta. Não deixei você dormir ontem à noite.

Ela bocejou.

– Venha cá.

Ele evitou sua mão estendida.

– Ei – sussurrou ela. – Não me ereço um beijo?

Ele roçou os lábios nos dela de uma maneira que só poderia ser

descrita com o m ecânica.

– Isso não é bem um beij o – reclam ou ela. –

Você está em poleirado na beirada da cam a com o um a gárgula, olhando em burrado para m im . Qu-al o problem a?

– Não estou em burrado.

Ela se sentou na cam a e passou os braços em

volta dos om bros dele.

– Então m e beij e com vontade, m eu m arido não em burrado que nem um a gárgula.

Ele arqueou as sobrancelhas escuras.

– Um a gárgula? Você sabe com o destruir o ego de um hom em , Sra. Em erson.

497/1201

– Você é m uito m ais bonito do que eu, professor. Mas posso viver com isso.

– Não diga blasfêm ias. – A expressão dele ficou carregada.

Ela se afundou de volta no colchão, resm un-

gando de frustração.

– Eu am o você, Gabriel. Isso significa que sou capaz de aturar m uita coisa. Mas não vou deixar que m e exclua dessa form a. Ou fala com igo, ou vou para casa.

Julia sentiu o olhar dele antes de encará-lo: duas safiras incandescentes e furiosas em m eio à

escuridão.

– O quê? – rosnou ele.

– Se eu for para a casa do m eu pai, ele vai conversar com igo. Posso cuidar dele e de Diane

quando voltarem do hospital. Você está agindo com o se não

suportasse olhar para a minha cara.

– Ela se virou de costas, erguendo os olhos para o dossel.

498/1201

– *Beatriz*. – A voz dele soou angustiada. – Se precisar ver o seu pai, nós iremos juntos. Jamais

deixaria você fazer essa viagem sozinha. Nem que o inferno congele você vai para casa sem mim.

Ela arriscou um pequeno sorriso.

– Agora sim, este é o Gabriel com quem me casei. Achei que tinha perdido você.

Julia retirou os óculos dele e os colocou sobre a mesa de cabeceira. Então o puxou para debaixo das cobertas com ela.

Gabriel virou de lado, ficando de frente para ela, e buscou seus lábios na penumbra.

– Até que enfim. – Ela descansou a cabeça no peito dele. – Me diga por que está tão taciturno.

– Não acho que você vá querer ouvir isto agora.

– Quero, sim.

– Está bem. Você achou que eu queria que você fosse outra pessoa com quem eu pudesse trepar –

falou ele com rispidez. – Nunca mais diga uma coisa dessas.

499/1201

– Desculpe – sussurrou Julia.

– Isso não é verdade. Juro por Deus que não é verdade. Eu deixei aquela vida para trás e, com a ajuda de Deus, não pretendo voltar a ela.

– Não estava pedindo que você voltasse a ela.

Apenas quis que você se livrasse do seu mau humor comigo, em vez de ficar sentado do lado de fora se remoendo.

– Não estava pensando em trepar com outras

m ulheres, posso garantir. – Ele soava irritado. – E

o que tem os é im portante dem ais para que o vul-garizem os dessa form a.

Ela se sentou no m esm o instante.

– Não fizeram os nada de vulgar ontem à noite.

Nós nos am am os. Nós dois recebem os notícias perturbadoras. Precisávam os de consolo.

– Eu fui egoísta.

– Foi m útuo. Não lem bra? Eu quis você. Precisava de você. Se você foi egoísta, então eu tam bém fui. Mas não vej o dessa form a. Sim , foi m ais 500/1201

agressivo e intenso do que de costum e. Mas você m e prom eteu que eu estava segura com você. E

eu m e senti segura. Você m e prom eteu que

poderiam os ser m ais aventureiros. A noite de ontem foi um a aventura. E é dando que se recebe.

Ela tentou ficar séria. Mas não conseguiu.

Abriu um largo sorriso, tentando conter um a gargalhada abafada.

Num piscar de olhos, Julia estava deitada de costas, com Gabriel em cim a dela, seus narizes a poucos centím etros de distância.

– Duvido que São Francisco fosse aprovar que

você pegasse um trecho de sua oração e aplicasse à nossa vida sexual – rosnou ele.

– Francisco acreditava no am or e no casam ento.

Ele entenderia. Na pior das hipóteses, se não aprovasse, guardaria silêncio.

Gabriel fechou os olhos e balançou a cabeça.

Mas um sorriso brincava nos cantos de sua boca.

501/1201

Quando abriu os olhos, eles estavam cheios de ternura.

– Eu poderia viver com você para sem pre, e

ainda assim você me surpreenderia.

– Fico feliz por ouvir isso, Gabriel, porque você está me arrastando para mim.
. Mesmo quando está de mim ao redor. Não tenho vergonha das coisas
que fazem os com nossos corpos, porque elas também envolvem
nossas almas. Também não quero que você tenha vergonha.

♦ ♦ ♦

Ele assentiu e a beijou com reverência.

– Você me diz que estou segura na sua cama.

Mas quero que saiba que você é livre na minha.

Toda sua bagagem, tudo o que fez no passado, nada disso importa
aqui.

Gabriel acariciou o queixo dela com o polegar.

– Está bem.

– Agora vai me contar por que estava tão angustiada na noite passada?

502/1201

– Ainda não. – Um abraço caiu sobre o seu
rosto. – Só preciso de um pouco de tempo.

Ele brincou com os cabelos antes nas orelhas de Julia.

– Você tem meu coração. Nunca duvide disso.

Julia relaxou nos braços dele, mas dormiu um bom tempo para
pegar no sono.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Julia não era psicóloga. Fizera análise por algum tempo e conhecia o programa de reabilitação

com o dos doze passos. No entanto, esforçava-se ao máximo para não diagnosticar outras pessoas.

No caso do marido, contudo, não conseguia

evitar. Algo o transtornava. Algo perturbador o suficiente a ponto de fazê-lo voltar a suas velhas estratégias para lidar com os problemas.

Ela suspeitava que, fosse qual fosse o motivo de sua angústia, estava relacionado à notícia que receberam de Tom e Diane; mas não podia ter certeza. Correlações não são o mesmo que causalidade, portanto era possível que fosse apenas uma coincidência.

Sem saber o que havia de errado, Julia não sabia como ajudar Gabriel. Ou consolá-lo. Tinha a 504/1201

sensação de que uma nuvem negra pairava sobre eles, apesar das tentativas calculadas de Gabriel de se comportar como se não houvesse problema algum.

Mas ela sabia que havia. E a teimosia dele em

não compartilhar seu fardo a magoava.

Com a tempestade na Úmbría chegando ao fim

e a preparação para a viagem a Florença, ela decidiu que faria tudo ao seu alcance para apoiá-lo e ser amadora. Mas também estava determinada a

tomar as rédeas da situação caso Gabriel não abrisse o jogo com ela antes de voltarem a

Cambridge.

Durante o verão anterior, Gabriel trabalhara

como voluntário no orfanato franciscano de

Florença, no período em que esteve separado de Julia. Mas, com o tempo ficou claro para os

505/1201

funcionários, ele não era o voluntário ideal. Não aceitava ordens; ele as dava. Não hesitou em instaurar mudanças no funcionamento do orfanato ou fazer exigências quanto às instalações e à com -

ida servida. E, ao ouvir o protesto dos funcionários alegando que não tinham dinheiro para im -

plantar essas mudanças, ele simplesmente as bancou do próprio bolso.

O diretor, Fra Silvestro, aceitou de bom grado seus donativos, mas ficou aliviado quando os franciscanos da Basílica de Santa Cruz persuadiram Gabriel de que seus talentos seriam mais bem empregados na condução de tours e em palestras sobre a vida de Dante.

Portanto, foi com alegria que Fra Silvestro recebeu Julia no orfanato em agosto, com a esperança de que ela pudesse refrear a caridade mais agressiva do marido.

Ao chegarem, os Emmons foram recebidos

pelo diretor, sua assistente, Elena, e por um 506/1201

grupo de crianças entre 4 e 8 anos. Elas

chamavam Julia de *Zia Julia* e lhe deram um buquê de flores, assim com o vários desenhos que

tinham feito. Eram ilustrações em cores vivas de crianças sorridentes e uma mulher de longos cabelos pretos parada no meio delas.

Por alguns instantes, Gabriel foi dominado pela

emoção. Nos olhos daqueles órfãos, em especial dos mais velhos, ele teve um vislumbre de si mesmo quando criança. Lembrou-se de estar na sala de espera do hospital em Sunbury depois da morte da mãe, tentando conseguir algo para

comer da máquina automática. Ele não tinha um tostão, por isso se deitou no chão para procurar moedas perdidas debaixo da máquina.

Gabriel suprimiu essa memória. Se Grace não tivesse surgido diante dele naquele dia, sua vida teria tomado um rumo muito diferente.

Julia

cumprimen-
to

todas

as

crianças,

agachando-se para ficar da altura delas. Parecia 507/1201

totalmente à vontade, rindo e conversando com os órfãos em italiano.

Depois das apresentações, os Em ersons foram

conduzidos até um pátio lateral, onde o restante das crianças do orfanato, que tinham de 1 a 12

anos, havia sido reunido. A equipe de funcionários trouxe os bebês para que eles também

pudessem participar da festa.

Gabriel não conseguira alugar uma fazendinha para crianças, mas havia garantido quatro pôneis com tratadores. Os animais estavam presos do outro lado do pátio, cercados por um imenso grupo de meninos e meninas.

Havia balões de gás, jogos e um grande pula-pula inflável em forma de castelo, além de mesas com comida e doces e uma grande pirâmide de presentes em brulhados.

– Com o eles vão saber qual presente é para

quem? – perguntou-se Gabriel em voz alta.

Julia lançou um olhar para a pirâmide.

508/1201

– Tenho certeza de que estão todos com nome.

– E se eles não gostarem do presente que

receberem?

– Elena perguntou às crianças o que elas queriam e nós comprimos os.

– Julia apertou a mão dele.

– Pare de criar caso. As crianças vão ver sua cara feia e ficar

assustadas.

Gabriel torceu o nariz diante daquela bronca, mas logo mudou de expressão.

Ele ficou observando enquanto Julia brincava

com as crianças, soprando bolhas de sabão e

jogando balões de gás de um lado para outro. Um bebê de olhos e cabelos escuros ficou encantado com ela, e logo Julia o carregava no colo. E

tentava libertar o cabelo de suas mãos rechonchudas, ao mesmo tempo que evitava alguns pingos de baba.

Gabriel foi dominado por uma certeza tão

grande que chegava a ser dolorosa.

509/1201

Julianne nasceu para ser mãe. Ela é carinhosa, generosa e paciente. Tem tudo o que faltava à

minha mãe biológica e que Grace possuía de sobra.

Talvez até tenha o suficiente para compensar minhas próprias deficiências.

Para manter a mania de controlado, Gabriel foi ajudado com os pôneis, colocando e tirando as crianças das selas. Julia acertara na meta: os pôneis foram a maior atração da festa. As crianças faziam fila para acariciá-los e lhes dar de comer entre os passeios.

Quando chegou a hora de entregar os presentes, Gabriel ficou atrás da pirâmide de embrulhos com Julia.

O irmão Silvestro fez um pronunciamento para as crianças, agradecendo ao Zio e à Zia Emerson por sua generosidade.

Gabriel e Julia encostaram a

cabeça ao som de uma discreta salva de palmas.

510/1201

Então Julia começou a entregar os presentes, ainda segurando o bebê

no colo.

Gabriel pretendia ajudá-la, mas um rapazinho puxou suas calças para chamar sua atenção.

– Oi – falou Gabriel. – Quem é você?

– Você é ele? – perguntou o menino.

– Ele quem ?

– O Super-Homem .

Gabriel abriu um sorriso intrigado.

– Por que você acha que eu sou o Super-

Homem ?

– Você parece com ele. Posso olhar debaixo da sua camiseta?

– Não estou com meu uniform e hoje – disse Gabriel, com um sorriso torto.

– Você está usando os óculos do Clark Kent.

Gabriel tirou os óculos e olhou para eles com as sobrancelhas franzidas. Achava que sua armadura Prada era muito mais elegante do que o horrível par de óculos que Clark Kent usava.

511/1201

(Talvez estivesse enganado.)

Mas não teve tempo de se sentir ofendido.

Assim que tirou os óculos, o menino ficou sem ar, de espanto. Uma pequena multidão de crianças logo se juntou à sua volta.

– É o Super-Homem – sussurrou o primeiro garoto, triunfante.

Gabriel pôs os óculos de volta, então estendeu a mão e bagunçou o cabelo do menino.

– Infelizmente não sou o Super-Homem . Sou o Zio Gabriel, dos Estados Unidos. Zia Julia é minha esposa.

As crianças olharam para Julia, que continuava distribuindo presentes

coloridos. Quando notou que estava sendo observada, olhou as crianças e abriu um lindo sorriso.

– Aquela é a Lois Lane – falou um a vizinha aguda.

– Ih! – falou a primeira criança. – É ela mesma.

É a Lois Lane.

512/1201

Gabriel examinou Julia com novos olhos.

– Achei que Lois Lane fosse mesmo alta – refletiu ele, mesmo para si mesmo.

– Eu tenho uma foto. Está vendo? – Um menino

ergueu um gibi e apontou para o desenho de

Lois Lane na capa. – É ela.

– Ela cortou o cabelo – falou outro garotinho, olhando para Julia com uma expressão decepcionada. – Eu preferia mesmo com prido.

– Nem me fale – balbuciou Gabriel.

– Você pode fazer alguns truques? – perguntou um a menina, animada.

– Que tipo de truques? – O professor se esforçou para esconder quanto estava achando aquilo engraçado.

– Levantar alguma coisa pesada, ver através das paredes, voar.

– Isso aí, voe!

As crianças começaram a pular.

513/1201

O professor olhou para a multidão cada vez

m aior de m eninos e m eninas correndo em volta dele e bufou.
Estendeu as m ãos para que eles se calassem .

Ele se inclinou para a frente e falou em voz baixa:

– Ninguém sabe que Clark Kent é o Super-

Hom em .

– Eu sei – disse um dos rapazinhos, levantando a m ão bem alto.

Gabriel sorriu.

– É, você sabe. Mas os adultos, não. Lois e eu viem os para a festa.
Então preciso que vocês nos aj udem a m anter esse segredo.
Entenderam ?

Algun as das crianças olharam para ele com

ceticism o, m as m uitas assentiram .

– Agora Lois tem um presente para cada um

de vocês. Por que não vão até lá falar com ela e buscá-los?

514/1201

Nem todas as crianças ficaram convencidas,

m as logo com eçaram a se dispersar, distraindo-se com outras atividades.

Julia, que ouvira parte da conversa, olhou para ele e lhe deu um a piscadela.

– *Super-Homem?* – fez com a boca, sem em itir som .

Ele assentiu. Já havia sido cham ado de várias coisas em seus 35 anos,
m as nunca fora acusado de ser o Super-Hom em . Em bora devesse
adm itir que Julia daria um a bela Lois Lane.

Gabriel se perguntou se não haveria algum a loj a de fantasias em Florença.

Enquanto pensava nisso (e em outras coisas

bem im próprias), sentiu que alguém o encarava.

Baixou os olhos e viu um a garotinha loura. Ela estava com os dedos na boca e o olhava

fixam ente.

Gabriel sorriu.

– *Ciao, tesoro.*

515/1201

Ela tirou os dedos da boca e estendeu os braços.

A princípio, Gabriel não entendeu o que ela

queria. A m enininha esticou ainda m ais os braços e os agitou de leve.

– Ela está pedindo para você pegá-la no colo, Hom em de Aço.

Gabriel pegou a garotinha nos braços e ela sorriu por alguns instantes, antes de voltar a pôr os dedos na boca.

Foi então que os olhos de Julia encontraram os dele e os dois trocaram um olhar dem orado. Ela cum prim entou a criança e afagou suas costas.

Depois voltou à pilha de presentes.

– Maria não fala.

Gabriel se virou na direção de Elena, a funcionária m ais com petente de Fra Silvestro.

Ele estendeu a m ão para colocar um cacho

louro atrás da orelha da m enina.

– Estou surpresa que ela tenha vindo até você.

Geralm ente evita estranhos.

516/1201

– Quantos anos ela tem ?

– Três. Mas não falou um a palavra desde que

chegou aqui, há quase um ano.

– Por que não?

– Está muito traumatizada.

Gabriel olhou para o rosto angelical da criança e abafou um a série de xingamentos.

♦ ♦ ♦

– Ela falará um dia?

– Esperam os que sim. Sem dúvida precisa de um afamília.

Inconscientemente, Gabriel segurou a criança em seus braços perto de seu corpo.

– É difícil encontrar famílias interessadas?

– Às vezes. – Elena sorriu para Maria e falou em italiano, perguntando se ela estava gostando da festa.

Maria fez que sim com a cabeça e apontou na direção dos pôneis.

517/1201

– Ah, você quer dar um passeio de pônei.

Posso? – Elena fez um enfiado de pegar a menina, mas Gabriel balançou a cabeça.

– Deixe que eu a leve.

Ele foi até os pôneis e perguntou à menina qual era o seu favorito. Maria apontou para o menor, um pônei preto com manchas brancas. Seu rabo era trançado, com um laço vermelho na ponta.

Chamava-se *Ciocolato*.

Com cuidado, Gabriel colocou Maria na sela e pousou a menina em suas costas, enquanto o tratador do pônei comecava a conduzi-los em círculo.

Maria sorriu e agarrou a crina do animal entre seus dedinhos.

Dando voltas com a criança e o pônei, Gabriel pensava em como o sua

vida poderia ter sido diferente. Ele não era um órfão, mas um homem com uma família. E isso porque Grace e Richard tinham aberto seu lar e seus corações para ele.

518/1201

Em bora a escuridão que o devorava por dentro não tivesse diminuído, Gabriel se sentiu grato pelo raio de esperança que havia incidido sobre a sua vida. E jurou que iria compartilhar com outras pessoas. Só não sabia com o.

Ver seu mundo no meio das crianças e depois com a garotinha deixara Julia atônita. Algo na imagem daquele homem alto e bonito explicando

♦ ♦ ♦

por que ele não era o Super-Homem com o vera.

Ela não tivera muitas oportunidades de ver

Gabriel interagir com crianças. Não o acompanhara durante o trabalho voluntário dele no

orfanato. Já o vira interagir com Quinn, claro, mas poucas vezes.

Ver o jeito protetor e carinhoso de Gabriel com Maria tocou seu coração.

519/1201

O professor era um homem intimidador. Às

vezes podia ser frio e afetado. Sem dúvida havia momentos em que Julia se preocupava com ele, com o quando o encontrou fumando na varanda, na última. Mas a surpreendente ternura com

que tratou aquelas crianças fez com que ela se perguntasse com o Gabriel seria com o pai. Era provável que bagunçasse o cabelo do filho, com quem também falaria sobre o Super-Homem. E

carregaria a filha nos braços e a trataria como uma princesa.

Ao ver Gabriel sorrir e falar com a menininha muda, Julia percebeu que o que Tammy lhe dissera era verdade: crianças trazem à tona um lado especial de um bom homem.

E Julia queria desesperadamente dar a Gabriel a chance de explorar esse lado.

Algum dia.

520/1201

No fim daquele dia gratificante, porém longo, Julia se sentou com Gabriel no terraço de seu quarto favorito no Gallery Hotel Art. Aquele lugar guardava muitas memórias dos dois. Foi onde Julia lhe entregara sua virgindade e onde Gabriel se refugiara quando se viu sob o risco de sucumbir aos seus vícios enquanto esteve separado dela.

Ele estava deitado no banco da varanda, com as mãos atrás da cabeça, observando o céu estrelado.

Ela estava ao seu lado, bebericando um copo de San Pellegrino.

– Você pode tomar vinho – disse ele, apontando para o copo.

– Água está ótimo, Super-Homem.

A boca de Gabriel se contraiu.

– Aquela foi uma conversa interessante. Já fui chamado de muitas coisas na vida, mas nunca de Super-Homem.

Julia correu os dedos pelo braço dele.

521/1201

– Só porque nunca tiveram coragem. Eu até

gostaria da ideia de você ser o professor bonitão, um pouco nerd durante o dia e o sexy Homem de

Aço à noite.

– O que eu lhe disse sobre me chamar de nerd?

– Gabriel pegou o pulso dela e a puxou para

baixo, deitando metade do seu corpo sobre o

dele.

A água quase transbordou do copo de Julia, então ele o tirou das suas mãos, largando-o de lado.

Gabriel colou seu nariz ao dela.

– Vou lhe mostrar o que é de aço hoje e à noite.

– Estou contando com isso – sussurrou ela.

– Eu nunca tinha pensado em você com o Lois

Lane. Mas a semelhança é extraordinária.

Julia revirou os olhos.

– Durante todo esse tempo achei que você estivesse apaixonado pela Beatriz, quando na verdade era pela Lois Lane. Vou precisar trocar de gênero literário.

522/1201

– Não necessariamente. Mas uma fantasia seria interessante, Srta. Lane.

– Vamos ter que organizar uma festa de Halloween para usarmos as fantasias.

Gabriel percorreu os contornos do queixo dela com o dedo.

– Não precisam esperar até o Halloween.

O tom de voz dele provocou um arrepio na espinha de Julia.

– Agora estou ansiosa. Você se divertiu na festa?

– Claro. – Ele a soltou, seu olhar retornando às estrelas.

Ela suspirou, voltando a pegar o copo. Bebeu

um gole d'água, pensando em qual seria a melhor maneira de abordar a questão.

– Algo aconteceu hoje, não foi?

– Foi.

Julia esperou que ele falasse mais, porém Gabriel ficou calado.

523/1201

Ela pousou o copo de volta sobre a mesa e se virou para ele, descansando o braço na barriga.

– Quer conversar sobre isso?

Ele balançou a cabeça.

Julia sentiu um aperto no coração.

– A lista de coisas que você não quer compartilhar comigo não para de crescer.

– Minha intenção não é me agobiá-la com meu

silêncio.

– Mas me agoa. – Ela bufou de frustração. –

Com o posso ser sua parceira se você não con-

versa comigo?

– Julianne, nós vamos conversar. Prometo que não vou fazer nada sem discutir antes com você.

Só preciso... resolver algumas das coisas primeiro.

– Não pode resolvê-las comigo? Sou uma boa

ouvinte. Posso ajudá-lo.

– Você é uma boa ouvinte. A melhor de todas.

Mas às vezes um homem precisa fazer as coisas sozinho.

524/1201

– Isso é me achonês para “não esquite sua

cabecinha, amor”?

– *Machonês*? – Gabriel deu uma risadinha, beijando a palma da mão dela. –

Você é adorável.

Ela se afastou, cruzando os braços.

– Esta não é a melhor hora para ser condescendente, Gabriel.

Ele virou para o lado e beijou o vinco entre as sobrancelhas de Julia.

– Não estou sendo condescendente. Você é

mesmo adorável. – Ele se deteve, seu olhar concentrado e intenso. – Você precisa ser mesmo mãe. Eu a vi com as crianças, vi com o pai é carinhosa e quanto se sente à vontade. É um talento inato.

– Hoje foi um dia especial. Os seus filhos foram um sucesso.

– Você tinha razão, com o tempo.

– Então por que está tão triste?

525/1201

– Não suporto a ideia de deixá-los lá. – Os olhos e o tom de voz de Gabriel eram prova da sua angústia.

Julia o observou, notando que até aquele mesmo o-

mentado ele mesmo antevera muito bem escondido todo e qualquer sofrimento causado pela visita ao

orfanato.

– As crianças são bem tratadas. Os funcionários as adoram. Elas estão em segurança.

– Não deixa de ser um orfanato.

– É verdade.

Julia afastou um pouco a cabeça da testa dele e correu os dedos por seus cabelos, numa tentativa de acalmá-lo.

– Eu sei com o que é isso – Gabriel falou baixinho. –

Quando ela tinha mesmo morrido, houve muitos meses em que eu não sabia onde iria parar. Poderia ser um orfanato, ou um reformatório.

Poderia ser despachado de volta para Nova York para viver com a família dela. Eu estava no limbo, sem pre 526/1201

na dúvida se alguém iria aparecer para mim e levar em bora ou se Grace e Richard iriam se cansar de mim e fazer minhas coisas.

– Eles nunca fariam isso.

– Eu não tinha com o saber. Eles eram estranhos para mim. Além disso, eu não era muito “adotável”. Meu pai tinha me deserdado e a família da minha mãe não me queria. Eles preferiram me deixar em um orfanato; logo eles, sangue do meu sangue. Agora você entende por que não quero

ter nada a ver com essas pessoas?

Julia pousou a mão no rosto dele.

– Sim. Mas você era muito “adotável”. Grace e Richard se apegaram a você desde o início.

– Se eles não tivessem me adotado, o que teria sido de mim?

– Ficar pensando nisso não vai levá-lo a lugar nenhum. Você tem uma família que o ama e tem a mim.

– Você é tudo, Julianne.

527/1201

A beleza das palavras de Gabriel partiu o coração dela. Julia se inclinou para a frente para beijá-lo, tentando deixar claro quanto considerava aquelas palavras importantes.

Quando ela recuou, Gabriel segurou-a pelo pulso.

– Podem os adotar.

– Achei que queria tentar um filho biológico antes.

Ele desviou o olhar.

– Você mudou de ideia? – insistiu ela, notando a mudança na linguagem corporal de Gabriel.

– Crianças com o Maria m erecem um lar. Ela nem fala! – Ele estava visivelm ente agitado.

– Talvez devêssem os tentar aj udar Elena a encontrar um a fam ília para ela. Você conhece m uita gente.

– E quanto a nós?

– Nós?

– Por que não a adotam os?

528/1201

Julia perscrutou os olhos dele, surpreendendo-se ao ver que Gabriel estava falando sério.

– Am or, ainda não tem os condições de levar

um a criança de colo para casa.

– Nós nos am am os e daríam os am or a ela. Te-m os um a casa com quintal. E falam os italiano.

– Maria é um a criança com necessidades especiais e nós som os pais de prim eira viagem . Já tenho m edo suficiente de com eter erros.

Gabriel se sentou.

– Com o poderia com eter erros? Você é tudo de bom e carinhoso que um a m ãe pode ser. As crianças adoram você.

– Não estou pronta.

– E se tivesse aj uda? Tenho direito a um ano sabático. Foi parte de m eu acordo com a Universidade de Boston quando saí de Toronto.

Julia o encarou, incrédula.

– Você usaria seu ano sabático para ficar em

casa com igo e um a criança?

529/1201

– Por que não? Crianças não ficam acordadas o tem po todo. Poderíam os nos revezar. Você precisa adm itir que um par de m ãos a m ais

facilitaria muito as coisas.

– Nenhum de nós dois faz a menor ideia de com o cuidar de um bebê.

– Tem os Rebecca.

Julia ri.

– Rebecca é maravilhosa, mas ela é nossa

em pégrada, não um a babá. Os filhos dela já são crescidos. Duvido que ela vá querer nos ajudar com uma criança.

– Acho que você se surpreenderia se pergun-

tasse a ela. Rebecca já se ofereceu para ajudar mais quando tivermos um filho.

Julia se afastou dele.

– Você falou com ela sobre isso?

Ele ergueu as mãos.

– Não. Mas, antes de nos casarmos, ela mencionou que esperava trabalhar para nós por

530/1201

tempo suficiente para nos ver comendo uma família. – Ele franziu o cenho. – Não sou seu inimigo, Julianne. Não fico o tempo todo procurando maneiras de sabotar os seus estudos. Ou a sua vida.

Ela baixou a cabeça.

– Desculpe. Tenho a sensação de que qualquer turbulência me fará perder o foco e fracassar.

– Acho que essa é a coisa mais honesta que você já falou sobre o seu doutorado.

Ela ergueu o rosto e estreitou os olhos.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer, m eu am or, que você está com

m edo de falhar. Mesm o com tantas pessoas dispostas a apoiá-la e ajudá-la. Incluindo eu e Rebecca.

Ela com eçou a protestar, m as ele a interrompeu:

– Sentir-se ansiosa diante da ideia de com eçar um a família é compreensível. Mas acho que você estaria ansiosa em relação ao doutorado de

531/1201

qualquer maneira. Isso tem mais a ver com o medo com o seu enxerga do que com o medo

com o vê o doutorado.

Julia arregalou os olhos.

– Eu... Isso não é verdade.

– É, sim . Sei que é, pois me sentia da mesma forma quando estava em Harvard. Acho que

qualquer um que tenha um pingão de autocrítica tem essa mesma preocupação. – Gabriel passou a mão por trás da nuca da esposa, puxando-a para a frente. – Você vai conseguir, Julianne. Eu

acredito em você.

Os olhos dela se encheram de lágrimas e, de repente, ela se viu nos braços de Gabriel,

agarrando-o com força.

Ele colocou os lábios à sua orelha.

– Gostaria de levar Maria para casa conosco.

Gostaria de levar todas aquelas crianças conosco.

Mas você terá que resolver essa sua questão com Harvard sozinha.

532/1201

– É por isso que não quer dizer o que o está

perturbando?

– Não. Ainda estou trabalhando algum as coisas na minha cabeça.

– Sem mim .

– Vou com partilhá-las com você em breve.

Com o disse na Úm bria, não farei nada sem falar com você antes. Só preciso de um tempo.

Ela balançou a cabeça, mas decidiu não discutir

com Gabriel.

– Você vai continuar com o voluntário no

Abrigo Italiano para Crianças?

– Claro. Eles precisam de mim e prometi aos alunos que, se eles se formarem no ensino médio com uma boa média, eu os mandaria para a Itália.

– Você já está mudando a vida dessas crianças.

Deveria sentir-se orgulhoso.

Ele lhe deu um meio sorriso.

– Tem certeza de que não está pronta para adotar? Nós também aríamos os muitos.

533/1201

Os olhos dele estavam carregados de emoção.

Julia voltou a pensar no que tinha visto mais cedo: a maneira com a qual Gabriel se comportava com Maria e as outras crianças. Naquele momento, quis, do fundo do coração, dar a Gabriel o que ele queria. Mas sabia que seria um erro.

– Sim , nós também aríamos os. Mas adotá-la de verdade significa fazer o que é melhor para ela. E

provavelmente o melhor para ela é encontrarmos uma família da região disposta a adotá-la. Não dois americanos recém-casados que não sabem o que estão fazendo. E você teria que parar de

fum ar.

– Isso não é problem a. – Ele a fitou com atenção. – Está preocupada com as drogas, não está?

Quando Julia se contorceu em seus braços,

Gabriel franziu as sobrancelhas para ela.

– Você não parece confiar muito em mim .

534/1201

– Tenho total confiança em você. Mas não se esqueça de que vi minha mãe ter muitas recaídas.

Ele soltou Julia.

– Bem , eu não terei recaídas.

– Ótimo.

– Talvez devêssemos falar sobre as suas recaí-

das, isso sim . Há um mês, quando se sentiu angustiada, você recorreu a Paul.

Os olhos castanhos de Julia se incendiaram .

– Você não tem o direito de jogar isso na minha cara. Por acaso não lembra que eu já pedi

desculpas?

– Tem razão. Sinto muito – falou ele, tenso.

– Estam os tendo uma conversa franca e aberta?

Ou você está tentando me manipular?

Gabriel a fuzilou com o olhar.

– É claro que estam os tendo uma conversa

franca e aberta. Desculpe por ter tocado no nome de Paul.

Ela suspirou.

535/1201

– Entendo que sej a difícil trabalhar com as crianças do orfanato e deixá-las lá. Tam bém sinto a m esm a coisa. Mas ir conosco não seria o m elhor para Maria.

– O orfanato é bom , m as não é a m esm a coisa que ter um a fam ília.

– Exatam ente por isso não devem os adotá-la.

Gabriel ficou de pé.

– Esta não é a Julianne que eu conheço.

– Ah, é, sim . – Julia se levantou e ficou de frente para ele.

– A Julianne que eu conheço daria as roupas do próprio corpo para um desabrigado.

Ela se aproxim ou um passo, o rosto verm elho de raiva.

– Eu daria as roupas do m eu corpo para Maria.

Mas quero que ela fique com um a fam ília estável e que tenha experiência com crianças. Ela tem traum as. Levá-la para um lugar que fala um a língua que ela não conhece, longe da sua cidade e 536/1201

dos seus am igos, só iria transtorná-la. Estaríam os fazendo m al a ela, não bem .

Não vou perm itir

que você faça isso. E pouco m e im porta se acha que eu sou um a vaca sem coração, ou sej a lá que droga estej a passando pela sua cabeça.

Ela o fitou com um olhar de reprovação antes de se retirar para o quarto.

– Merda! – gritou Gabriel, pegando o copo e atirando-o longe.

O copo se espatifou contra a porta do terraço.

Gabriel ouviu o som distante da porta do banheiro batendo.

Ele pousou as mãos sobre o parapeito do terraço, apoiando-se na beirada, e baixou a cabeça.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Agosto de 2011

Washington, D.C.

Sim on, o filho do senador Talbot, se levantou e vestiu às pressas sua calça jeans.

– Onde está minha cama?

Ele procurou em vão a cama polo azul-clara, da cor exata de seus olhos.

– Está na cadeira – disse Natalie, sua namorada, sentando-se na cama, sem se incomodar em puxar o lençol para se cobrir.

Com o sempre, Sim on olhou para os seios dela, que tinham sido cirurgicamente aumentados no ano anterior. Ele pousou um olho na cama.

– Meu Deus, como estou feliz por ter com isso.

538/1201

Ele baixou a cabeça e colocou um dos dedos na boca, chupando-o com força antes de mordê-lo.

lo.

– Venha aqui.

Ela estendeu a mão para apalpá-lo por cima da calça, mas Sim on recuou.

– Tenho que ir. Eu ligo para você.

Sim on encontrou a cama e a vestiu, pegando em seguida os sapatos e as meias.

– Quando nos verem os de novo? – Natalie se

aj oelhou atrás dele e beijou seu pescoço.

Com um só dedo, traçou os contornos do

queixo dele, percorrendo as cicatrizes deixadas por seu único e violento em bate com Gabriel Em erson.

Ele a afastou com um movimento brusco.

– Pare com isso.

– Desculpe. – Ela se sentou sobre os calcan-

hares, arrependida. – São quase imperceptíveis.

Acho que elas lhe dão um ar rústico.

539/1201

Sim, ele se virou para ela, seus olhos dois lagos glaciais.

Ela inclinou a cabeça de lado.

– Quando nos verem os de novo?

– Nem tão cedo.

– Por quê?

– Precisam os dar um tempo.

– Mas as coisas estão indo tão bem. Ora, eu estou até trabalhando para o seu pai!

– E eu disse a ele que não tinham nada sério.

Foi a condição que ele impôs para contratar você.

Não posso mais ser visto entrando e saindo do seu apartamento. As pessoas observam.

– Podem os encontrar em um motel.

Ela estendeu a mão para pegá-lo, mas não o alcançou.

Sim on foi em direção à porta do quarto.

– Ele quer que eu leve a filha do senador Hudson para jantar.

– O quê? – Ela pulou da cama.

540/1201

Natalie parou diante dele, nua, seus olhos

verdes faiscando de raiva e os cabelos longos e ruivos desgarrados.

Sim on segurou sua nuca com uma das mãos.

– Não fique histérica.

Natalie estremeceu diante da frieza na voz dele.

– Não vou ficar. Me desculpe.

Ele correu o polegar pela curva do seu pescoço.

– Ótimo. Porque não gosto quando você fica

assim.

Sim on desceu a mão até a bunda de Natalie.

– É só jantar. Ela terminou o terceiro ano na Universidade Duke e veio passar o verão em casa. Vou levá-la para sair e convencê-la a falar bem do meu pai para o dela. É o que espero. O

apoio dele seria muito útil.

– Você vai trepar com ela?

Sim on deu uma risada debochada.

– Você está brincando? Ela é virgem. Já me ferrei o suficiente por causa disso com Julia.

541/1201

Natalie franziu o nariz ao ouvir o nome e de sua antiga colega de quarto.

– O que faz você pensar que a filha do senador Hudson é virgem?

- A fam ília dela é religiosa. São do Sul. É um palpite.
 - A religião não im pediu que Julia chupasse vo-cê. – Natalie cruzou os braços.
 - Não fale da Julia. Não preciso do nam orado babaca dela estragando m eus planos.
 - Ele é o m arido babaca dela agora.
 - Não m e im porta o que ele é ou deixa de ser.
- Você conhece m uito bem a situação. – Sim on a puxou para perto. – Não volte a tocar no nom e deles.
- Com o acha que eu m e sinto? O pai do m eu
- nam orado está arranjan do um a santinha para ele porque acha que eu sou um a vadia.

542/1201

- Nós finalm ente estam os conseguindo o que
- querem os. Só tem os que esperar até depois da eleição.
- Ah, eu posso esperar. – Natalie se aj oelhou diante dele, libertando-o com dedos ágeis da prisão do seu j eans. – Mas acho que você precisa ser lem brado do que está dispensando.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Florença, Itália

Gabriel fum ava um cigarro sozinho no terraço, fitando os cacos do copo quebrado. Ele havia

aborrecido Julianne.

Não era a prim eira vez que Julia o via atirar coisas longe. Ele tinha destruído seu velho telefone celular quando aquele filho da puta do Si-m on ligara para ela.

Gabriel inspirou fundo, puxando o ar com força para os pulm ões antes de soltá-lo pelas narinas.

Não considerava o relacionam ento deles con-turbado. Por outro lado,

vinham tendo mais conflitos nos últimos tempos. Havia brigado em Selinsgrove sobre o artigo dela. Outra vez na Úm -

bria, quando ele lhe perguntara sobre sua mãe e 544/1201

ela lhe dissera que Gabriel estava tentando ferrar com a sua cabeça.

Esta noite, tinham descido mais um nível: Julia o acusou de pensar que ela era uma vaca. Nada poderia estar mais longe da verdade. Ele já mais conseguiria sequer colocar essa palavra e o nome dela na mesma frase.

Mas Gabriel perdeu a cabeça antes de conseguir lhe dizer isso.

Seus segredos estavam mais agitando Julia. Ele

sabia disso. Mas não poderia tirar esse peso dos ombros antes de encontrar uma solução. Não

queria parecer fraco, indeciso ou, o que seria ainda pior, ver a paixão dela se transformar em pena. Preferia afastá-la por um tempo a perder o seu respeito.

E ele não havia descoberto o que fazer. Ainda.

Estava oscilando entre dois extremos, e ambos eram inaceitáveis. No momento, faltava-lhe 545/1201

coragem ou sabedoria para buscar o caminho do meio.

Ele terminou o cigarro e acendeu outro. Talvez lhe faltasse tanto coragem *quanto* sabedoria.

Julianne estava certa. Se adotassem uma criança, ele teria que parar de fumar. Já havia parado antes, depois da temporada na clínica de reabilitação. Poderia parar de novo.

Gabriel pensou em Tom e Diane. Eles haviam

passado da euforia de descobrir que teriam um bebê à desolação da notícia de que a criança tinha um defeito congênito que poderia ser fatal. Não

conseguia sequer imaginar quão importantes se sentiam. Tivera um vislumbre desse tipo de importância

potência quando Paulina...

Gabriel se concentrou no cigarro entre seus de-

dos. Não poderia permitir que seus pensamentos tomassem esse rumo. Não esta noite.

546/1201

Ele olhou o horizonte de Florença, observando a torre do Palazzo Vecchio, e esperou até ter certeza de que Julia estava dormindo.

Foi ao banheiro, escovou os dentes e tirou as roupas, largando-as no chão. Tomou uma ducha rápida, sabendo que ela sentiria o cheiro de cigarro em sua pele.

Nu e com os cabelos úmidos, enfiou-se debaixo das cobertas. Não a tocou. Um breve olhar para a cama sob a luz do abajur revelou que Julia usava uma camisa íntima e estava enroscada de lado, de costas para ele.

Mensagem recebida, amor.

Ao se deitar na cama, pensou ter ouvido um gemido de irritação vindo da direção dela.

– Sinto muito – sussurrou ele.

Com o Julia não respondeu, Gabriel apagou a luz e virou-se de costas para ela.

Num instante Julia havia trocado de posição, abraçando-o por trás.

547/1201

– Eu também.

– Nós prometemos o que não iríamos mais dormir com raiva um do outro.

– Não estou com raiva, Gabriel. Estou magoada.

Ele jogou a manta para trás para pegar o pulso dela e puxou seu braço para cima da própria cintura.

– Você estava certa quanto a Maria. Eu só quer-ia fazer algum a coisa. Não acho que você sej a um a vaca. Nunca pensei em você desse j eito.

Você é m inha am ada.

– Então precisa ser gentil com igo. Não vou

m entir, Gabriel, esses últim os dias têm sido m uito difíceis. Não quero que nosso casam ento sej a desse j eito.

O corpo dele se retesou.

– Vou encontrar um j eito de com pensá-la por isso. Eu j uro.

♦ ♦ ♦

– Não quero que você m e com pense. Só que m e conte o que há de errado.

548/1201

– Eu vou contar. Prom eto.

– Conte-m e agora – falou Julia, ríspida.

– Por favor, Julianne – sussurrou ele. – Estou lhe pedindo, por favor, m e dê um pouco m ais de tem po.

– Para que você possa tom ar algum a decisão

im portante sem m im ?

– Não faria nada sem antes falar com você. Mas nunca se sentiu preocupada com algo e precisou decidir sozinha com o lidar com a questão? Você não pode tom ar essa decisão por m im . – Ele balançou a cabeça. – Estou lhe pedindo, Julianne, para ter um pouco de com paixão.

Julia perscrutou os olhos dele, m as não encontrou nenhum traço de falsidade.

– Posso lhe dar m ais um tem po. Mas quero que ligue para o Dr. Townsend.

Gabriel abriu a boca para protestar, m as foi interrom pido:

549/1201

– Não vou aceitar não com o resposta. Ou você conta para mim o que o está perturbando, ou conta para ele. Mas, pelo bem de nós dois, Gabriel, converse com alguém .

Ele deu um suspiro fundo e assentiu.

Gabriel se levantou antes de o sol nascer e saiu da suíte sem acordar Julianne.

Em bora muito lhe

doesse abandonar o calor do seu abraço, ele tinha um problema. Quanto mais cedo recolhesse as informações de que precisava, mais perto estaria de uma solução.

(Ou pelo menos era o que esperava.)

Naquela tarde, tinha um importante reunião marcada com seu velho amigo *dottore* Vitali, o diretor da Galleria degli Uffizi. Agora, Gabriel estava determinado do que nunca a mostrar à esposa quanto a ela era. E publicamente.

550/1201

◆◆◆

Ao sair do hotel, ele concluiu que gostava mais de Florença pela manhã – as ruas silenciosas antes de a cidade despertar.

Parou no café do Gucci Museo, na Piazza della Signoria e comprou um *espresso* e um croissant.

Tomou o café da manhã do lado de fora, lendo um exemplar do jornal *La Nazione* e fazendo hora até poder ir ao orfanato falar com Elena.

Às dez, tocou a campainha. Elena ficou sur-

presa ao vê-lo, ainda mais quando ele lhe contou o motivo da visita.

Ela lhe agradeceu por sua preocupação com

Maria e sugeriu que, se Gabriel queria mesmo ajudar, arcasse com os custos do terapeuta com o qual a menina se consultava para tentar recuperar a fala.

Assim que Gabriel tocou no assunto da adoção, Elena logo explicou

que adotar um a criança na Itália era difícil. Apenas casais oficialmente casados tinham permissão para isso, e ainda assim

551/1201

precisavam ter no mínimo três anos juntos.

Mesmo que ele e Julianne tivessem decidido adotar Maria, o governo italiano não consentiria.

Gabriel saiu do orfanato devidamente dis-

suadido, mas não sem antes fazer uma doação para cobrir as despesas de Maria. Fez questão de deixar claro que Elena deveria entrar em contato com ele se houvesse qualquer necessidade.

Perdido em pensamentos, foi até um café na Santa Croce. Em vez de ficar observando as belas mulheres passarem, deu alguns telefonemas, tentando convencer algumas das mais ricas famílias de Florença a apoiar o orfanato por meio de acolhimento ou adoção.

As reações foram variadas. Todos se mostraram dispostos a doar dinheiro para a caridade, mas não houve um só casal que concordasse em acolher algum dos órfãos. Adotar, então, estava fora de cogitação.

552/1201

Gabriel foi mais uma vez defrontado com a

enormidade da graça que havia recebido. Com o podia ver, Richard e Grace tinham todos os

motivos para se recusarem a adotá-lo, mas fizeram exatamente o contrário.

Julianne acordou e se viu na cama vazia, num quarto de hotel silencioso. Mas Gabriel deixara um copo d'água sobre a mesa de cabeceira, junto com um bilhete:

Querida,

Fui resolver algumas coisas na rua.

Voltarei a tempo de me arrumar para a in-

auguração da exposição hoje e à noite.

Am o você,

E gosto do m eu corpo quando ele está com

o seu.

553/1201

G.

No verso do bilhete, Gabriel havia copiado um poem a de e.e. cum m
ings: “gosto do m eu corpo quando ele está com o seu.”

Julia leu e releu o poem a, perguntando-se o que Gabriel teria ido
resolver.

Na verdade, sentia-se culpada. Gabriel tinha

razão: Maria precisava de um a fam ília que a am asse e cuidasse dela.
Conseguia entender por que ele sentia tanta em patia por aquela
garotinha.

Mesm o com toda a ansiedade que sentia em re-lação ao doutorado e à
sua carreira, ela não conseguia afastar a suspeita de que estava sendo
egoísta ao dar prioridade aos seus estudos em detrim ento do bem -
estar de um a criança.

Ainda assim , não lhe parecia correto tirar Maria do único país que ela
conhecia e colocá-la na casa de dois estranhos.

Sobretudo quando Julia nem

sabia o m otivo da angústia de Gabriel.

554/1201

*Talvez ele queira filhos imediatamente e esteja se preparando para me
dizer isso.*

Julia refletiu sobre essa possibilidade, m as logo

a descartou. Gabriel reconhecera a ansiedade dela em relação ao
doutorado. Não iria fazer nada que pudesse piorá-la.

Ela havia se esforçado m uito para chegar até ali.

Os com entários de Gabriel na noite anterior

sobre “a Julianne que eu conheço” a haviam m agoado m uito. Durante toda a sua vida, ela tentara ser com passiva. Mas quem disse que para ser um a boa pessoa é preciso abrir m ão dos próprios sonhos?

Por m ais que quisesse aj udar Maria, sim ples-m ente não poderia concordar em adotá-la. Não agora. Talvez em uns dois anos, quando j á estivessem m ais habituados a ela e Julia estivesse no quarto ano do doutorado. O

quarto ano era dedicado

à

preparação

do

proj eto

e

ao

555/1201

desenvolvim ento da tese. Julia poderia ser m ãe enquanto trabalhava na pesquisa.

(Ou era o que pensava.)

No entanto, continuava preocupada com o

m arido – com os dem ônios secretos que o atorm entavam ; com sua determ inação em guardar segredos.

Ela pegou seu iPhone na m esinha de cabeceira e enviou um a breve m ensagem para ele.

G,

Senti falta de acordar ao seu lado esta m anhã.

Obrigada pelo bilhete e pelo poem a.

Estou ansiosa pela inauguração de hoj e à noite.

Tam bém am o você.

Bj s

J.

556/1201

Então, em penhada em exercer sua com paixão, ela se vestiu e dedicou o dia à sua m issão particular: encontrar o m orador de

◆◆◆

rua a quem dera din-

heiro durante sua prim eira visita a Florença com Gabriel.

Julia vasculhou o centro da cidade, m as nin-

guém parecia conhecer o hom em a que ela se referia nem ter visto alguém que correspondesse à sua descrição.

Enquanto Julianne afogava as m ágoas em um

gelatto de lim ão no Bar Perseo, Gabriel concluía sua reunião com o *dottore* Massim o Vitali na Uffizi. Quando voltou ao hotel, encontrou a suíte vazia, m as o cheiro de flor de laranj eira enchia o ar, resquícios do perfum e dela.

Ele tinha boas lem branças da prim eira visita a Florença com Julia. Inclusive gostaria de transform ar um a das paredes do quarto em santuário.

Gabriel pensou no com eço do relacionam ento

deles e em com o ele havia se esforçado para 557/1201

conquistar a confiança de Julianne. Sua m ente foi invadida por um vislum bre repentino de com o seria a vida sem ela – vazia, fria, sem sentido.

Gabriel precisava deixar de rodeios e enfrentar seus problem as, ou o abism o entre eles aum entaria cada vez m ais – e ele acabaria por perdê-la.

Tirou o telefone do gancho e discou o núm ero do consultório do analista. Deixou um a longa m ensagem na secretária eletrônica.

Após desligar o telefone, abriu seu laptop e

acessou o Google. Digitou na barra de pesquisa: Owen Davies.

Algum as horas depois, Julia estava em pé no banheiro, se m aquiando. Gabriel estava diante da pia, ao lado dela, fazendo a barba. Ao correr os dedos

por um certo ponto do pescoço, Julia se encolheu instintivam ente. Já não conseguia ver a m arca 558/1201

onde Sim on a m ordera, m as, sem pre que tocava o local, sentia os dentes dele.

A m ão gentil de Gabriel acariciou a nuca de

Julia.

– Ele nunca m ais vai m achucá-la.

– Com o pode ter tanta certeza?

Por um instante, algo atravessou os traços de Gabriel, m as logo foi eclipsado por seu sorriso.

– Confie em m im .

– Tive notícias do m eu pai hoj e.

Ela correu um dedo pelo tam po de m árm ore da pia.

– O que ele disse?

– Eles querem se casar no feriado do Dia do

Trabalho. Vai ser um a cerim ônia *íntima*. Papai se sente m ais confortável com Diane em sua casa e

ela não quer se m udar para lá antes de se casar.

– E o bebê?

– Tudo na m esm a. Diane parece estar bem , e o bebê, tão saudável quanto possível. Os dois estão 559/1201

sendo bem acom panhados. – Ela balançou a

cabeça. – Papai está se sentindo im potente.

– Aposto que sim . Ele quer protegê-los e não pode fazer nada.

Ela assentiu, baixando os olhos para a bancada de mármore com fascínio, com o se ela tivesse aparecido ali de repente.

– Sinto muito sobre Maria.

– Eu também . – Ele se recostou na pia, contem -

plando seus pés descalços. – Pelo menos tentei ajudá-la.

– Talvez uma das famílias com as quais você falou quando de ideia. Se ao menos fossem

conhecê-la,

tenho

certeza

de

que

se

apaixonariam .

Ele assentiu, remexendo os dedos dos pés.

– Não vou dizer que entendo com o é, Gabriel, porque não seria verdade. Não fui adotada, portanto não tenho a mesma afinidade especial que

você tem com as crianças do orfanato. Mas se 560/1201

você puder ao menos esperar até o meu quarto ano de doutorado...

– Terem os muito tempo para falar sobre isso.

Não há pressa. – Ele lhe deu um sorriso gentil.

Julia foi tomada por uma mistura de alívio e apreensão.

Gabriel voltou a fazer a barba enquanto ela o observava com grande fascínio.

– Isso me faz lembrar da nossa primeira viagem a Florença. Quando

estávamos os nos arrumando

juntos para irmos à Uffizi. – O tom de Julia era de nostalgia. – Eu era apenas sua namorada na

época.

Gabriel se deteve.

– Você nunca foi apenas minha namorada, Julianne. Você era o meu amor. E continuamos

sendo um o amor do outro.

– Com o eu poderia me esquecer disso? – Ela fez um gesto em direção ao quarto, parando por um momento para se lembrar da primeira vez deles 561/1201

juntos. – Fui tão feliz aqui. Mas, hoje e à noite, irei com você à Uffizi com a sua esposa. Vamos inaugurar juntos a exposição das suas ilustrações.

– Das *nossas* ilustrações. E meu amor por você é ainda maior do que naquela época. Nunca imaginei que isso fosse possível.

– Meu amor por você também é maior. – Ela baixou os olhos para os dedos dos pés, admirando o modo com o seu esmalte vermelho brilhava à luz do banheiro. – Acho que seu amor me curou, em vários sentidos.

Gabriel pousou o barbeador no balcão.

– Não sei por que insiste em ser tão doce

quando estou fazendo a barba. – Ele tentou não sujar o roupão de seda de Julia de creme e de barbear, mas fracassou. – Agora vamos ter que fazer amor.

Ela riu.

562/1201

– Não podemos. Precisamos estar na Uffizi às

♦♦♦

sete. Os convidados de honra não podem se

atrasar.

– Não seria nada bom que um dos convidados

de honra ficasse de m au hum or a noite inteira por estar excitado e carente. Tivem os um a briga.

Fizem os as pazes. Você m e deve sexo de reconciliação.

Julia estendeu a m ão para conferir a excitação dele.

– Não quero que fique incom odado, professor, m as preciso m esm o m e arrum ar. Olhe só o m eu cabelo.

Ele recuou para olhar as m echas escuras, que agora estavam suj as de crem e de barbear de um lado.

– Está bem – bufou ele. – Mas não fique sur-

presa se eu arrastá-la para um corredor vazio para fazer o que bem entender com você.

563/1201

– Estou contando com isso, Super-Hom em . –

Julia m ordiscou a orelha dele antes de se desven-cilhar dos seus braços. – E, só para deixar claro, tam bém gosto do m eu corpo quando ele está

j unto do seu.

Pouco depois, Julia saiu do banheiro, andando até onde Gabriel estava sentado na área de estar da suíte.

– O que acha?

Ele se levantou e tirou os óculos, deixando de lado o livro que estava lendo.

Pegou a m ão dela e a fez girar. O vestido

Valentino era m uito fem inino, com decote canoa, m anga j aponesa, cintura fina e saia rodada, feito de um vistoso tafetá verm elho.

Ela puxou para baixo a barra da saia, que ficava logo acima dos joelhos.

564/1201

– Acho que deveria ter com prado preto em vez de vermelho.

– Não. – Os olhos dele desceram de sua

◆◆◆

clavícula exposta, passando pelos seios, até se deterem nas pernas longas e bem torneadas. –

Vermelho está perfeito.

Ele baixou um pouco mais o olhar até os sapatos *peep-toe* Prada pretos de salto agulha.

– Você anda escondendo seus sapatos de mim, Sra. Emerson. Não me lembre de já ter visto esses.

Julia arqueou uma sobrancelha para ele.

– Você não é único que tem segredos, professor.

O sorriso de Gabriel desapareceu.

Ela olhou para os próprios sapatos.

– Mas posso providenciar uma exibição particular.

– Em um canto escuro da Uffizi?

565/1201

Eles se encararam e ela assentiu. Gabriel deu um beijo no rosto dela.

– Você está linda. Os convidados não vão conseguir nem admitir as ilustrações de Botticelli.

Estarão todos olhando para você.

– Ah, não diga isso, Gabriel. Já estou nervosa o suficiente. – Ela limpou um a suj eirinha im aginária dos om bros dele e então aj eitou sua gravata-borboleta. – Você está lindo. Não é

sem pre que tenho o prazer de vê-lo de sm oking.

– Posso providenciar um a exibição particular.

Ele beij ou a parte de dentro do pulso dela,

fechando os olhos e inalando seu perfum e.

– Rosas. – Gabriel abriu os olhos. – Você

m udou de perfum e.

– Este se cham a The Noble Rose of Afgh-

anistan. É um a delícia, não é? É com ércio j usto e incentiva o desenvolvim ento daquele país.

– Só você escolheria um perfum e porque a

em presa é com prom etida com o com ércio j usto.

566/1201

O que fiz para m erecer você? – sussurrou Gabriel, seu olhar intenso e perscrutador.

– Você m erece ser feliz. Por que não se perm ite acreditar nisso?

Ele a fitou detidam ente, então pegou a m ão dela e a conduziu até a porta.

O coração de Julia estava quase aos pedaços,

sob o peso da com preensão de que seu am or não o havia curado.

– *Professore. Signora* – disse Lorenzo, o assistente do *dottore* Vitali, ao recebê-los na entrada da Galleria degli Uffizi. – Prim eiro, vam os nos reunir com a im prensa e vocês serão convidados a in-augurar a exposição. Em seguida, verem os a

coleção. Mais tarde terem os um a recepção e, por fim , um j antar.

567/1201

Gabriel concordou em italiano, apertando a

mão de Julia.

Lorenzo os conduziu por um corredor onde um

grupo de cerca de cem pessoas estava reunido.

Julia reconheceu muitos rostos da palestra de Gabriel, um ano e meio antes. Todos os homens estavam de smoking, com exceção dos homens em brios da imprensa, ao passo que as mulheres usavam vestidos longos, muitos dos quais chegavam a arrastar no chão.

Julia olhou para suas pernas nuas, constrangida.

Logo eles estavam cercados de pessoas. Gabriel trocou apertos de mãos e amigalhes, apresentando Julia com a sua bela esposa. Ela o observava com primor ao convidar os convidados em italiano, francês e alemão, fluente e confortável. Mas em momento algum Gabriel permitiu que ela se afastasse dele, mantendo sem pre o braço em volta de sua cintura.

568/1201

Eles estavam prestes a seguir o *dottore* Vitali até a entrada da exposição quando Julia parou de

repente.

Olhando para ela, a menos de 15 metros, estava o professor Pacciani, acompanhado de uma mulher alta e de cabelos pretos. Os olhos de Julia se arregalaram.

Por um instante, ela achou que a mulher fosse

Christa Peterson. Mas após um exame mais detalhado percebeu que, em bora houvesse alguma

semelhança, a acompanhante de Pacciani era

cerca de dez anos mais velha do que Christa.

Gabriel notou que Julia havia parado, mas estava conversando com Vitali, recebendo as últimas instruções sobre a inauguração. Quando seu olhar seguiu o dela, algo parecido com um rugido escapou de seu peito.

– Ah, im agino que j á conheça o professor Pacciani – falou Vitali ao pé do ouvido de Gabriel. –

569/1201

Nós convidam os os professores titulares das universidades, conform e m e pediu.

– Entendo – falou Gabriel, lam entando não ter especificado quem não deveria ser convidado.

– Vam os? – O *dottore* Vitali gesticulou e os Em ersons atravessaram a porta de entrada.

Pararam lado a lado diante do aglom erado de pessoas, pestanej ando em m eio às câm eras e à co-m oção, enquanto Vitali fazia as devidas ap-

resentações. Julia tentou não ficar nervosa, m as sentia-se m uito exposta.

O diretor da galeria deu um a longa explicação sobre a história das ilustrações, que datavam do século XVI. Contou que eram cópias das im agens originais de Botticelli para a *Divina Comédia* de Dante e que, em bora oito dos originais tivessem

se perdido, os Em ersons possuíam o conj unto com pleto de cem ilustrações.

Quando Julia varreu a m ultidão, um rosto se distinguiu. Um hom em de aparência j ovem , de 570/1201

cabelos claros, com estranhos olhos cinza olhava na direção dela sem piscar, com um a expressão de intensa curiosidade. Sua reação era tão diferente da dos outros convidados que Julia não pôde fazer nada além de retribuir o olhar, até Gabriel cutucá-la, fazendo com que ela voltasse a prestar atenção no anfitrião.

O *dottore* Vitali traçou detalhadam ente a traj etória das im agens desde o

século XIX, período

em que pareciam ter surgido do nada, até os Em ersons.

A Galleria degli Uffizi tinha o orgulho de apresentar im agens que não eram vistas em público talvez desde a época de sua criação.

Um burburinho de apreciação se espalhou pela plateia, que deu um a entusiasmo salva de palm as quando Vitali agradeceu aos Emersons por sua generosidade.

Gabriel m oveu o braço para pegar a m ão de

Julia e a apertou.

571/1201

Eles m enearam a cabeça e sorriram , gratos.

Então foram ao pódio e disseram algum as palavras de agradecim ento em italiano a Vitali e à Uffizi.

Ele se virou de lado, fixando os olhos nos de Julia.

– Seria inj usto da m inha parte não m encionar m inha esposa, Julianne. Esta linda m ulher diante vocês foi quem tornou esta noite possível. Sem ela, eu teria guardado as ilustrações só para m im .

Por m eio de suas palavras e atitudes, ela m e m ostrou o que significa ser caridoso e fazer o bem .

Julia ruborizou, m as não conseguiu desviar os olhos de Gabriel. O olhar m agnético de seu m arido estava focado nela e em m ais ninguém .

– Esta noite é apenas um pequeno exem plo do seu trabalho filantrópico. Ontem passam os o dia inteiro com as crianças de um orfanato franciscano. Hoj e cedo m inha esposa estava em um a
572/1201

m issão beneficente j unto aos pobres e desabrigados no centro da cidade. O que lhes peço esta noite é que apreciem a beleza das ilustrações da *Divina Comédia* de Dante e busquem celebrar em seus corações a beleza, a caridade e a com paixão

na cidade que Dante tanto am ava, Florença.

Obrigado.

A m ultidão aplaudiu, com um a única exceção.

Ninguém pareceu notar a reação cínica do

hom em louro ao cham ado de Gabriel a um a vida virtuosa nem o

desprezo que ele demonstrava quando Dante era citado.

Gabriel voltou para junto de Julia e beijou o rosto dela de forma casta, antes de se virar para a plateia. Eles posaram para fotos antes de cortar a fita que estava presa diante das portas que conduziam à galeria. A exposição estava inaugurada, ao som de um ambiente salvador

palmas.

573/1201

– Por favor. – Vitali gesticulou para o salão, indicando que os Emersons deveriam ser os

primeiros a verem a coleção.

Gabriel

e

Julianne

entraram

e

ficaram

boquiabertos. O espaço tinha sido renovado: suas paredes, antes brancas, estavam pintadas de um azul forte para dar maior visibilidade às ilustrações a bico de pena, poucas das quais eram em cores.

As imagens estavam dispostas em ordem, a

começar pelo famoso *Mapa do Inferno*, de Botticelli. Ao acompanhar a coleção, era possível

testemunhar a jornada da alma de um homem desde o pecado até a redenção. E, é claro, a inevitável reunião de Dante com sua amada Beatriz.

– O que você acha?

Gabriel segurou a mão de Julia ao parar em

frente a um a de suas im agens preferidas: Dante e Beatriz na esfera de Mercúrio. Beatriz vestia um a 574/1201

túnica ondulante e apontava para cim a, enquanto Dante seguia seu gesto com o olhar.

– É lindo. – Ela enganchou seu dedo m indinho no dele. – Você se lem bra da prim eira vez que m e

m ostrou esta ilustração? Quando fui j antar no seu apartam ento?

Gabriel levou a m ão dela aos lábios e beij ou sua palm a.

– Com o poderia esquecer? Eu as m ostrei a você por im pulso, sabia? Não tinha falado sobre elas nem com Rachel. De algum a form a, sabia que podia confiar em você.

– *E pode* confiar em m im . – Os olhos escuros dela assum iram um ar grave.

– Eu sei.

Gabriel pareceu indeciso e, por um instante, Julia achou que fosse lhe confessar seus segredos, m as eles foram interrom pidos.

575/1201

Um hom em alto e atraente de cabelos claros se aproxim ou, virando de lado para enxergar m elhor a ilustração.

Com o num sonho, Julia viu o estranho se

m over. Seu corpo parecia quase flutuar, os passos leves e fluidos. Em bora desse a im pressão de ser alto, era uns 5 centím etros m ais baixo que Gabriel. Julia notou que, apesar de o hom em estar bem -vestido, seu terno preto elegante escondia m úsculos que se destacavam sob o tecido fino.

Os Em ersons recuaram educadam ente, m as não antes de Gabriel fitar o convidado nos olhos. Sem dizer nada, ele se pôs entre o estranho e Julianne, bloqueando a visão dele.

– Boa noite. – O estranho se dirigiu a eles com um sotaque britânico, cheio de form alidade.

Para o ouvido treinado de Gabriel, o sotaque

era de Oxford.

576/1201

– Boa noite – disse Gabriel, objetivo, deslizando a mão pelo pulso de Julia para entrelaçar seus dedos aos dela.

Os olhos do homem seguiram a mão de Gabriel, e ele sorriu para si mesmo.

– Uma noite mesmo orável – comentou, gesticulando para a sala.

– Muito – falou Gabriel, apertando a mão de

Julia um pouco de mais.

Ela apertou de volta, para indicar que ele podia afrouxar um pouco.

– É generoso da sua parte com partilhar suas

ilustrações. – O tom de voz do homem era

irônico. – Que sorte a sua tê-las adquirido em segredo, e não no mercado aberto.

Os olhos dele se desviaram dos de Gabriel para os de Julia, parando por um instante. Suas narinas se alargaram e então seu olhar pareceu ficar mais suave antes de ele se virar para a ilustração ali perto.

577/1201

– Sim, eu mesmo considero um cara de sorte. Apro-veite a noite. – Com um movimento rígido da cabeça, Gabriel se afastou, ainda segurando a mão de Julia com força.

Ela ficou confusa com o comportamento do

homem, mas decidiu não questioná-lo até que chegassem ao extremo oposto da galeria.

– Quem era aquele?

– Não faço ideia, mas fique longe dele. – Gabriel estava visivelmente agitado, e passou a mão pela boca.

– Por quê? O que está havendo? – Julia parou, encarando-o.

– Não sei. – Os olhos de Gabriel não pareciam sinceros. – Mas há algum a coisa com ele. Prom eta que vai ficar longe.

Julia riu, o som ecoando pela galeria.

– Ele é um pouco esquisito, mas pareceu gentil.

– Pit bulls são gentis até que você ponha a mão no canil deles. Se ele vier na sua direção, vire-se e 578/1201

se afaste. Prom eta. – Gabriel baixara a voz para um sussurro.

– Claro. Mas qual é o problema? Você o conhece?

– Acho que não, mas não tenho certeza. Não

gostei do modo com o qual ele olhou para você. Os olhos dele poderiam ter aberto buracos no seu

vestido.

– Ainda bem que tenho o Super-Homem para

me proteger. – Julia beijou o meu ombro. – Prom eta

que vou evitar tanto ele quanto todos os outros homens bonitos daqui.

– Você acha bonito? – Gabriel a encarou.

– Do jeito que uma obra de arte é bonita, não tanto quanto você. E, se você me beijar agora, vou me esquecer completamente dele.

Gabriel se inclinou para a frente e acariciou o rosto dela com as costas dos dedos antes de colar seus lábios.

579/1201

– Obrigada. – Ela me ordeu a bochecha. – Você

me deixou um pouco encabulada durante a apresentação. Não gosto de ser o centro das atenções.

– Mas você é a verdadeira doadora. Sou um

meio apanhado.

Julia ri de novo, mas dessa vez o som meio ecoou. A sala estava cheia de outros convidados, que aguardavam a uma distância respeitosa deles.

– Você é um meio apanhado meio muito charmoso, professor.

– Obrigado. – Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido: – Desculpe-se a constrangimento com

minha apresentação. Esperava meio ouvir alguns dos nossos convidados a fazer doações para o

orfanato.

– Então pode meio e constranger à vontade. Se ao menos uma pessoa decidir apoiar o orfanato, toda esta exposição terá sido um sucesso. Mesmo o que odeiem as ilustrações.

580/1201

– Com o alguém poderia odiar algo tão belo? –

Gabriel gesticulou à sua volta.

Julia não tinha com o discutir. Vários artistas haviam ilustrado a obra de Dante ao longo dos séculos, mas as Botticelli sem preceder o seu

preferido.

Eles continuaram a andar pela galeria, parando diante de cada uma das imagens. Satisfeito, Gabriel notou que o estranho havia sumido. Quando chegaram à centésima e última ilustração, Julia se virou para o meio arido.

– Que exposição incrível. Eles fizeram um trabalho fantástico.

– Ainda não acabou. – Gabriel tentou conter

um sorriso, os olhos cor de safira faiscando de diversão.

– Ah, não? – Ela olhou ao redor, confusa.

Gabriel pegou a mão dela e a conduziu ao se-

gundo piso, até a sala dedicada a Botticelli.

581/1201

Ela se deteve assim que atravessou as portas, com o sem pre fazia. Ver o *Nascimento de Vênus* e a *Primavera* no m esm o recinto sem pre a deixava sem fôlego.

Aquele tinha sido o local da palestra de Gabriel durante a prim eira visita dos dois a Florença. Na ocasião, ele havia falado sobre casam ento e

fam ília, coisas que, na época, pareciam tão distantes quanto um sonho.

Ao parar diante da *Primavera*, ela se sentiu feliz. Algo naquele quadro lhe trazia conforto. E ver um a *cópia* nunca seria tão m agnífico quanto estar diante do original.

Se fechasse os olhos, ela poderia sentir o silêncio do m useu, ouvir os ecos de um corredor

distante. Concentrando-se, conseguiria evocar a voz de Gabriel, discursando sobre os quatro

am ores: *eros*, *phileo*, *storge* e *agape*.

De repente ela abriu os olhos e sua atenção foi atraída para a im agem de Mercúrio na extrem a 582/1201

esquerda. Ela tinha visto a pintura m il vezes. Mas, nesse m om ento, sua im agem a inquietou. Havia

algo em sua aparência, algo em seu rosto que lhe parecia estranham ente fam iliar...

– Eles adicionaram m ais um a obra a esta sala, desde a sua últim a visita.

A voz de Gabriel interrom peu seus devaneios:

– Onde?

Ele a pegou pelo cotovelo e a virou para a

direita, para que ela pudesse ver um a grande fotografia em preto e branco em oldurada, pen-

durada na parede oposta à do *Nascimento de Vênus*.

Ela tapou a boca com a m ão.

– O que isto está fazendo aqui?

Gabriel a puxou até que ela estivesse diante de um a foto de si m esm a de perfil, os olhos fechados e os cabelos longos nas m ãos de um hom em . Ela sorria.

583/1201

A fotografia era a que Gabriel havia tirado

ainda em Toronto, na prim eira vez que ela aceitara posar para ele. Julia olhou para a plaqueta que havia debaixo da fotografia e leu o seguinte:

“Deh, bella donna, che a’ raggi d’amore

ti scaldi, s’i’ vo’ credere a’ sembianti

che soglion esser testimon del core,

vegnati in voglia di trarreti avanti”, diss’ io a lei, “verso questa rivera, tanto ch’io possa intender che tu canti.

Tu mi fai rimembrar dove e qual era

Proserpina nel tempo che perdette

la madre lei, ed ella primavera.”

– Dante, *Purgatório*, Canto 28

“Ah, bela donzela, que em raios de am or

te aqueces, se nas aparências, que dos corações 584/1201

soem prestar testem unho, posso m e fiar,

que sej a teu desej o te aproxim ares

da m argem deste rio”, disse-lhe,

“para que eu possa ouvir do seu canto as

palavras.

Tu fazes-me lembrar onde estava e o que era Proserpina no instante em que a perdeu

sua mãe e ela, e ela a Primavera.”

– Essas são as palavras que Dante fala ao ver Beatriz pela primeira vez no Purgatório. – Gabriel tocou o rosto dela, e seus olhos se encontraram com uma intensidade abrasadora. – Eu me senti da mesma forma. Quando vi você em Cambridge depois da nossa separação, também me lembrei dessas palavras. O simples fato de vê-la parada na rua trouxe de volta à minha mente tudo o que eu

585/1201

havia perdido. Eu estava torcendo para que você me visse e viesse a mim.

Gabriel a puxou para junto do peito ao notar que os olhos de Julia se enchiam de lágrimas.

– Não chore, meu amor. Você é minha Beatriz, minha folhinha querida e minha linda esposa.

Me desculpe por ter sido tão cretino. Eu queria lhe mostrar quanto você é importante para mim.

Você é minha mais preciosa obra-prima.

Julia ergueu os olhos para ele.

Gabriel passou os polegares sob os olhos dela, antes de beijar sua testa.

– Você é minha Perséfone, a donzela que conquistou o coração do monstro.

– Chega de falar de monstros.

Ela alisou o ombro dele, com medo de ter sujado o tecido com lágrimas e um aquilão.

Então cometeu a beijá-lo até perder o fôlego, os braços dele

apertados ao redor das costas dela.

Quando ele a soltou, ela riu.

586/1201

– Suponho que tenha ficado im pressionada

com a exposição, não, Sra. Em erson?

– Sim . – Seu rosto ficou sério. – Mas gostaria que tirasse a foto dali. É um gesto m agnífico, m as não quero ficar exposta.

– Você não está.

Julia olhou de Gabriel para a fotografia e depois de volta para ele.

– Estou pendurada ali para todos verem .

– Vitali quis nos dar um presente de agradeci-m ento, m as eu recusei. Quando perguntei se poderia fazer algo especial por você, ele concordou.

– Gabriel fez um gesto indicando a Sala. – Vitali é um rom ântico à m oda antiga e ficou feliz em

poder fazer isso por nós. Concordou em exibir a fotografia e nos oferecer um a hora sozinhos neste andar.

Julia arregalou os olhos.

– Tem os a Sala Botticelli só para nós?

– E não só isso.

587/1201

Os olhos azuis dele brilhavam de entusiasmo enquanto ele levava os lábios à orelha dela.

– Tem os tam bém o corredor.

– Sério?

– Sério. Este andar está interdito até... – Ele olhou para o seu Rolex. – Daqui a 45 m inutos, quando precisarem os descer para a recepção e o j antar.

Com um rápido movimento, ela agarrou as

lapelas do smoking de Gabriel com as duas mãos e o puxou para si, colando os lábios aos dele em um beijo intenso.

– Isso quer dizer que você gostou? – perguntou ele quando Julia enfim o soltou.

– Venha. – Ela agarrou sua mão e com ele a puxá-lo em direção à porta.

– Para onde?

– Sexo de reconciliação, sexo de museu, sexo de corredor, quem quiser, mas esta é a nossa chance.

588/1201

Gabriel se viu dando risadinhas e trotando atrás de uma Julianne que se movia com muita rapidez e determinação, equilibrando-se nos saltos altos.

– Você me surpreende, Sra. Emerson.

– Por quê? – perguntou ela, erguendo um pouco

a voz para poder ser ouvida acima do barulho de seus saltos no chão.

– Você deveria ser tímida. Eu é quem deveria seduzi-la, não o contrário.

Ela se virou, os olhos brilhando.

– Eu quero um orgasmo contra uma parede

florentina, um de fazer meu coração parar e minha mente explodir, professor. Você acabou de me dizer que tem o que nunca imaginei possível: privacidade em um espaço público. Que se dane a timidez.

Então Gabriel gargalhou, jogando a cabeça para trás.

Ele a conduziu a passos rápidos ao longo de um corredor e para além de uma curva, onde a

589/1201

em purrou para um canto escuro entre duas es-

tátuas de mármore altas sobre seus respectivos pedestais.

– Desta vez, não vou parar – sussurrou ele, sua mão puxando o vestido dela para cima, na altura da coxa.

– Ótimo.

– Não tem ar condicionado aqui, então as

coisas podem ficar um pouco... quentes.

Ele acariciou a pele da coxa dela com as costas da mão.

– Eu não esperaria nada menos que isso,

professor.

Julia passou os braços em volta do pescoço dele e o puxou para perto.

Ele a levantou e ela enlaçou sua cintura com as pernas, pressionando a parte de baixo de seus corpos um a contra a outra. As costas dela entraram em contato com o vidro das janelas do 590/1201

em useu, e ela estremeceu com uma pequena

sensação de frio.

– Agora me diga quem é bonito – disse ele, com a boca grudada na dela.

– Você.

Julia capturou a boca de Gabriel no momento em que um gemido escapou dos lábios dele.

Ela o beijou com determinação, sua língua

traçando os contornos dos lábios dele. Quando Gabriel abriu a boca, a língua de Julia a invadiu com sofreguidão.

Eles se beijaram com o se tivessem passado anos separados, seus lábios ávidos e ansiosos.

Gabriel deslizou a mão pela lateral do corpo dela, para cima e para baixo, levantando mais seu vestido. O tafetá farfalhou em aprovação.

Ao pressionar o corpo ao dela com mais força, os dedos de Gabriel se moveram para a curva de seu quadril, que ele acariciou para cima e para 591/1201

baixo. Quando enfim parou a mão no osso da bacia, ele recuou.

– Onde está sua calcinha?

– Eu gosto do meu corpo quando ele está com o seu, está bem brado? Calcinhas só servem para atrapalhar.

Gabriel gemeu, o som ecoando pelo corredor

vazio.

– Você andou por aí assim a noite toda?

Ela piscou para ele, provocante.

– Não é de espantar que aquele homem estivesse com os olhos cravados em você.

– Pare de falar dos outros homens. – Ela gemeu em sua gravata-borboleta.

Ele inclinou-se para a frente para provar seus lábios outra vez, acariciando a língua de Julia com a sua.

Ela se remexia em seus braços, os saltos dos sapatos presos ao paletó do smoking. Puxou a gravata dele, jogando-a no chão e apressou-se a 592/1201

desabotoar sua camisa. Começou a beijar o

pescoço e o peito dele, os lábios roçando a superfície da pele, antes de deslizar uma das mãos para baixo, até a cintura de Gabriel.

Mas ele não tinha pressa. Levou a mão dela de volta ao seu ombro, então estendeu a sua até entre as pernas dela, tocando-a com carinho. Mal pôde conter a alegria que sentiu diante da reação de Julia ao seu toque.

Ela se contorcia, gemendo em seu ouvido.

– Não me faça esperar – gemeu, tentando em vão puxá-lo para mais perto.

Gabriel rem exeu em seu bolso.

– Que bom que eu trouxe isto. – Com um a expressão triunfante, ele pegou um a em balagem de alum ínio quadrada.

Julia abriu os olhos, encarando aquele obj eto.

– De onde saiu isso?

Gabriel deu um a risadinha.

593/1201

– Achei que, se não tivesse trazido, você iria se sentir desconfortável a noite inteira.

Ela piscou.

– Você planej ou tudo isto?

– Mas é claro. – Ele apertou a bunda de Julia com a m ão esquerda, com o se quisesse enfatizar suas palavras.

Ela tentou tirar a pequena em balagem da m ão dele, m as Gabriel balançou a cabeça.

– Perm ita-m e, Sra. Em erson.

Ele prendeu o quadrado de alum ínio com os

dentes para abrir o zíper da calça. Então rasgou a em balagem e pôs o preservativo depressa.

Gabriel a provocou, deslizando o pênis para a frente e para trás antes de penetrá-la. Ela suspirou de prazer, apertando-se ao redor dele.

Não disseram nada. Estavam além das palavras.

Gabriel conhecia o corpo da esposa com o ela

conhecia o dele, e os dois se m oviam e reagiam 594/1201

um ao outro em um ritm o cada vez m ais

acelerado.

Gem idos abafados de satisfação ecoavam pelo corredor, fazendo algum as estátuas taparem os ouvidos. As costas de Julia batiam

contra a j anela enquanto eles se m oviam em harm onia.

Julia deu um suspiro ofegante, dom inada por seu orgasm o.

Gabriel acelerou seus m ovim entos, penetrando fundo nela até não conseguir m ais se conter. Julia se agarrou ao corpo dele com o se estivesse à beira da m orte, seus braços em volta dos om bros dele, o rosto enterrado em seu pescoço.

Eles ficaram im óveis por um tem po. Gabriel soltou o ar que restava em seu corpo em um suspiro longo e relaxado.

– Foi bom ? – perguntou ele, beij ando-lhe o

rosto.

– Fantástico.

595/1201

Eles continuaram abraçados, agarrando-se um

ao outro com força enquanto o coração e a respiração desaceleravam .
Gentilm ente, ele a pôs de pé e baixou o vestido dela, cobrindo-a.
Levou as

m ãos à cintura dela e apertou.

– Consegue andar?

Ele olhou para ela e para seus sapatos de grife com ar preocupado.

– Acho que sim . Mas posso estar um pouco

vacilante.

– Então perm ita-m e. – Ele a pegou no colo e a levou até o banheiro
m ais próxim o.

– É m uito diferente quando você usa cam -

isinha? – Julia m eneceu a cabeça para o preservativo que Gabriel
acabara de j ogar em um a lata de lixo.

– Perco um pouco a sensibilidade, o que é frus-trante. – Gabriel foi
lavar as m ãos. – Durante a m aior parte da m inha vida, foi tudo o
que senti.

Mas saber com o é estar dentro de você sem cam -

isinha faz com que usá-las sej a um a tortura.

– Desculpe.

Ele secou as mãos e se inclinou para beijá-la no alto da cabeça.

– Não precisa se desculpar. Não sou egoísta a ponto de querer que se sinta desconfortável ou suj a só para que eu possa aproveitar melhor o sexo.

Gabriel uniu sua testa à dela.

– O sexo com você é sem precedentes maravilhoso,

porque não é apenas sexo. Agora acho que tem os que ajustam o seu cabelo e retocar sua maquiagem .

Ou todos vão saber que acabamos de fazer sexo de merce.

Ele parecia mais que orgulhoso de si mesmo.

Ela arqueou a sobrancelha.

– E você está pronto para voltar para a

recepção?

– Claro.

Gabriel abotoou o paletó do smoking.

– Não precisa ajustar nada?

– Não. – Ele inclinou a cabeça de lado. – É claro que não mereço e importa que as pessoas percebam

que acabei de fazer sexo de merce com minha esposa.

– Ah, elas irão perceber.

– Com o?

– Porque está se esquecendo de algo, professor.

– Do quê?

– Sua gravata.

Gabriel levou a mão ao pescoço, com a expressão

de surpresa atravessando-lhe o rosto por um instante. Então com o rosto abotoado a camisa.

– Onde está?

– No chão, onde a deixei.

– Safadinha – balbuciou ele, balançando a cabeça.

Ela se inclinou sobre a pia, ajustando o cabelo e a roupa aquiagem. Então perguntou a ele:

598/1201

– E aí? Com o avaliaria o sexo que acabam os de fazer? Num a escala de um a transcendental?

– De trem e a terra e esquecer a gravata.

Orgulhosa, ela reaplicou o batom.

– Nunca se esqueça disso.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

– Adoro inaugurações de exposições – disse

Julia baixinho quando eles se reuniram aos demais convidados. – Não tem nada melhor.

– Você nunca para de me e me pressionar. – A

mão de Gabriel estava pousada na base das costas dela.

– Eu poderia dizer o mesmo. Acho que dá para ver a minha arca do meu corpo na janela lá de cima.

Ele deu um risadinha, deslizando sua mão para baixo para lhe dar

um tapinha na bunda.

Alguém pigarreou atrás deles.

Ao se virarem , Julia e Gabriel viram o *dottore* Vitali parado a poucos metros de distância.

– Desculpem -m e pela interrupção, mas eu estaria disposto a conversar com um doador em

600/1201

potencial? – Ele fitou o professor com esperança no olhar.

Gabriel se voltou para Julia.

– Vitali me perguntou mais cedo se eu não poderia tentar convencer um a pessoa a doar alguns quadros. Mas, se você quiser, isso pode esperar.

– Não, vá em frente.

– Tem certeza?

– Convinça essa pessoa a doá-los. Enquanto

isso, vou dar um a volta.

Gabriel lhe deu um beijo no rosto e foi com seu velho amigo se juntar a um grupo de homens e mulheres bem -vestidos parados perto da entrada da exposição.

Julia refez seus passos pela galeria, agora indo a coleção sem pressa. Estava diante de uma das mais coloridas ilustrações de Dante e Virgílio no Inferno quando uma voz pastosa se dirigiu a ela em inglês:

– Boa noite.

601/1201

Ao se virar, deparou com o professor Pacciani.

Correu os olhos pelo recinto, aliviada por ver que eles não estavam sozinhos. Havia vários casais ao seu redor, também agora indo as ilustrações.

Ele levantou as mãos.

– Não pretendo perturbá-la. Tudo o que peço são alguns instantes da sua atenção.

Os olhos de Julia voltaram para ele.

– Em questão de instantes, meu eu mais arido irá voltar.

– Em questão de instantes, minha esposa também -

também. Terei que ser breve. – Ele sorriu. – Lá em Oxford. Com o devido tempo, não fui eu que me e portei mais al.

Ele deu um passo à frente.

Julia recuou um passo.

– Eu lembro. Mas tenho que ir.

Ela tentou passar por ele, mas as Pacciani bloqueou seu caminho.

602/1201

– Só mais um momento, por favor. A professora Picton não gostou do comportamento da

minha amiga. E eu também pouco.

Julia o observou, desconfiada.

– Eu falei a Christa para manter distância de você. Mas, como já sabe, ela não me deu ouvidos.

– Obrigada, professor. Agora, se me dá licença...

Ele tornou a parar na frente dela, perto de mais.

Julia não teve escolha senão recuar um passo.

– Talvez você pudesse mencionar nossa con-

versa para a professora Picton. Estou me candidatando a uma vaga na Universidade Colúmbia, em Nova York. Uma ex-aluna de Katherine é

chefe de departamento lá. Preferiria não ter nenhum ... ressentimento interferindo nisso.

– Duvido que Katherine fosse interferir no processo de seleção de outro departamento.

– Eu consideraria isso um favor. Uma re-

tribuição, na verdade, do favor que eu lhe fiz.

603/1201

Julia o encarou.

– E posso saber que favor foi esse?

– Im pedi que minha amiga fosse para a cama com o seu marido.

Julia sentiu o marido parar de girar.

– O quê? – A pergunta saiu alta demais e os outros convidados se viraram na direção deles.

As faces de Julia se incendiaram.

– Estou certo de que você vai querer demonstrar

sua gratidão – falou ele, inclinando-se para perto.

– Você só pode estar brincando.

– Seu marido ia se encontrar com Christa no hotel em que ela estava hospedada. Eu a convenci a tirar isso da cabeça. Portanto, você me deve um favor.

– Com o quê? – sibilou Julia. Em seguida

dobrou o corpo para a frente, fazendo Pacciani recuar um passo, surpreso. – Com o quê vir a 604/1201

este lugar cheio de beleza e falar essas coisas horríveis para mim?

A confusão dominou o rosto de Pacciani, com o que ele estivesse

testem unhando a im possível transform ação de um a gatinha assustada em um a leoa. Ele ergueu as m ãos, rendendo-se.

– Não quero lhe fazer m al.

– Quer, sim . – A voz dela ficou m ais alta. –

Fazer m al é tudo o que você e sua am iga, ou sej a ela o que for, querem . Não m e im porta o que ela tenha lhe dito ou quais eram os planos dela. Você

não im pediu m eu m arido de nada. Está m e ouvindo?

Pacciani franziu o cenho ao perceber que todos os olhares estavam voltados para eles. As exclam ações de Julia podiam ser ouvidas com toda a clareza pelos dem ais convidados.

A expressão em seu rosto se transform ou,

dando lugar a um sorriso condescendente.

605/1201

– Todo hom em precisa de um pouco de...

com o direi? Recreação. É esperar dem ais que só um a m ulher sej a suficiente. – Ele deu de om bros, com o se estivesse falando a coisa m ais natural do m undo.

– Mulheres não são pratos em um bufê. E m eu m arido não com partilha de sua m isoginia. – Ela ergueu o queixo, desafiadora. – Não vou dizer nada à professora Picton, exceto que você tentou m e intimidar com suas m entiras. Agora saia daqui e m e deixe em paz.

Quando ficou claro que ele não tinha intenção de obedecê-la, Julia apontou para a porta,

irritada.

– Saia daqui. – O tom duro da voz dela encheu a galeria.

(O que talvez não tenha sido a form a m ais elegante de expulsar um convidado de um evento de gala.)

606/1201

Julia ignorou as expressões de incredulidade e censura dos dem ais

presentes, lançando um olhar fulm inante para Pacciani, cuj o rosto era um a m áscara de fúria.

Ele partiu para cim a de Julia com o se

pretendesse atacá-la, m as foi detido no últim o instante por um a m ulher, que agarrou seu braço com um punho de ferro.

– Estava procurando você. – A Sra. Pacciani

repreendeu o m arido, m as não sem antes fitar Julianne com um a expressão hostil.

Pacciani xingou em italiano, tentando se des-

vencilhar da esposa.

– Vam os – falou a Sra. Pacciani, puxando o

m arido. – Tem os pessoas *importantes* com quem conversar.

Com um olhar am eaçador, Pacciani se virou e acom panhou a esposa em direção ao corredor.

Julia os observou se afastarem com grande alí-

vio. E m uita raiva.

607/1201

(O que acabou de vez com os resquícios de

prazer que ainda sentia.)

– Querida? – Gabriel sorriu ao entrar na sala, andando a passos firm es em seu sm oking.

Com o sem pre, todos os olhos o acom panharam enquanto ele e suas form as atraentes atravessavam o recinto com leveza.

Alguns dos outros casais trocaram cochichos, observando Gabriel voltar para j unto da esposa.

O sorriso dele desapareceu.

– O que houve?

Julia apertou os lábios, tentando conter a raiva.

– O professor Pacciani m e abordou.

– Aquele cretino. Você está bem ?

Gabriel pousou a m ão de leve no om bro dela.

– Ele veio m e pedir desculpas pelo com porta-m ento de Christa em Oxford. Eu perdi a cabeça e fiz um a cena.

– Sério? – Gabriel apertou seu om bro, lutando contra um sorriso. – Quero que m e conte tudo.

608/1201

Julia com eçou a trem er, um efeito colateral do fluxo repentino de adrenalina que havia sentido.

– Eu o cham ei de m isógino e o enxotei daqui. E

pus o dedo na cara dele. – Ela ergueu o indicador, olhando para ele incrédula e balançando a cabeça.

– Excelente. – Gabriel levou o indicador dela aos lábios, beij ando-o.

– Excelente, não. Constrangedor. Todo m undo

ouviu o que eu disse.

– Duvido m uito que alguém tenha achado que a culpa foi sua. Todas as convidadas devem achá-lo um tarado, enquanto os hom ens devem odiá-lo

por ele ter dorm ido com suas esposas.

– Pacciani queria que eu contasse a Katherine que ele j á deu um j eito em Christa. Está interessado em um a vaga na Colúm bia e Katherine é am iga da chefe de departam ento.

– Ele nunca vai conseguir – zom bou Gabriel. –

Katherine foi orientadora de Lucia Barini, que tam bém é m inha am iga. Ela vai sacar qual é a 609/1201

dele. Talvez Pacciani quisesse ir para a Colúm bia para estar perto de Christa.

Julia pareceu enoj ada.

– Eu m e pergunto o que a esposa dele acha

disso. Ele tam bém m e disse que evitou que você fosse para a cam a com ela.

– Com quem ? – O tom de Gabriel soou ríspido.

– Christa. Falou que você iria encontrá-la no hotel dela, m as que ele a fez m udar de ideia. Foi por isso que fiquei tão irritada. Infelizm ente, acho que outros convidados ouviram tudo. – Ela correu

os

olhos

pelo

recinto,

sentindo-se

desconfortável.

Gabriel xingou, lançando os olhos para a porta.

Não havia nem sinal de Pacciani e sua esposa.

– Preciso lhe contar um a coisa. – Gabriel entrelaçou os dedos aos dela e a conduziu até um

canto. Olhou por sobre o ombro para se certificar de que ninguém estava ouvindo. Aproximou o

rosto do dela, baixando a voz: – Christa me fez 610/1201

uma proposta antes da sua palestra. Eu deveria ter lhe contado na ocasião, mas não quis transtornar você.

Julia o encarou com uma expressão de censura.

– Por que não me contou depois?

– Não queria aborrecê-la.

– O mesmo motivo para não ter me contado

sobre sua conversa com Paul.

Um beijo se retesou no ombro de Gabriel e ele assentiu. Julia soltou o ar dele.

– Você deveria ter me contado.

– Me perdoe.

– Não sou de porcelana. Posso ouvir notícias

ruins.

– Antes não precisasse.

Julia revirou os olhos e por um momento ficou observando o teto da galeria.

– Gabriel, enquanto vivermos, coisas ruins irão acontecer. Faz parte da condição humana.

Quando você esconde algo de mim, abre um a

611/1201

brecha entre nós dois. – Ela o fitou com um olhar expressivo.

Com o ele ficou calado, Julia gesticulou para a sala de exposição.

– Outras pessoas podem se aproveitar disso.

Ele assentiu, seu rosto tenso.

– Acho que mereço saber quem faz um a pro-

posta ao meu lado. E quando. – Ela arqueou a sobrancelha, na expectativa.

– Concordo.

Julia o observou por um momento, assimilando a expressão em seus olhos e as mãos apertadas nos quadris. Ele parecia muito infeliz, mas também bem protetor, e isso não era algo que ela queria que ele deixasse de ser.

– Você vai me contar as coisas, não vai? – A voz dela ficara mais suave.

– Vou.

612/1201

Ele estava sendo sincero, mas ambas sabiam

que Gabriel guardava muitos segredos. Pelo

menos por enquanto.

– Então tudo bem – disse ela, recuperando o

ânimo. – Está perdoado. Só que, com o meu bom humor graças à primeira experiência sexual que tive em um museu foi arruinado,

você vai ter que consertar isso.

Ele fez um a m esura, sem desgrudar os olhos dos
dela.

– Estou às ordens.

– Ótimo. – Ela se inclinou para a frente, agarrando sua gravata-borboleta. – Ordeno que me dê prazer. Agora.

Gabriel afastou os cabelos dela para trás dos ombros e colocou os lábios à sua orelha.

– Então venha aqui.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Agosto de 2011

Cambridge, Massachusetts

Quando Julia e Gabriel voltaram para casa na semana seguinte, encontraram um monte de correspondências esperando para serem abertas.

Gabriel olhou para os envelopes que Rebecca

havia empilhado com esmero na mesa dele e decidiu que, antes de abri-los, iria desfazer as malas.

Enquanto ele estava no quarto, Julia ficou no escritório. Olhou para a porta aberta com

apreensão antes de fechá-la sem fazer barulho.

Sabia que o que estava prestes a fazer seria uma traição da confiança de Gabriel. Por outro lado, ponderou, sua atitude era justificada pelo silêncio dele e por sua contínua resistência a dividir com

614/1201

ela o motivo da sua angústia. Julia havia esperado que ele conversasse com ela em Florença. Mas ele

não fez isso. Em suma, ela estava com medo e com dificuldade para lidar com isso.

Havia um a gaveta na m esa de Gabriel que ele nunca abria. Julia sabia da existência dela, em -

bora nunca houvesse tido coragem de vasculhar seu conteúdo.

Certa vez, quando ela estava à procura de papel para a im pressora, Gabriel a vira abri-la e a fechara na m esm a hora, dizendo que havia

m em órias ali que ele não desej ava revisitar. Em seguida, com eçou a distraí-la, puxou-a para o seu colo na poltrona de veludo verm elha e fez am or com ela.

Desde então, Julia não voltara a tocar na gaveta.

Hoj e, no entanto, frustrada e preocupada, sentou-se à m esa, exam inando seu conteúdo. Se Gabriel não queria lhe dar respostas, talvez ela as conseguisse revirando suas m em órias.

615/1201

As ilustrações de Botticelli, que ele havia m antido guardadas à chave em um a caixa de m adeira na m esm a gaveta, j á não estavam ali, expostas agora na Galleria degli Uffizi. Rápida e silenciosam ente, Julia pegou o prim eiro obj eto.

Era o relógio de bolso do avô dele. Gabriel o usava às vezes, quando ainda estavam em

Toronto, m as, desde que haviam se m udado para Cam bridge, ele nunca tinha saído dali. O relógio era de ouro e ficava preso a um a longa corrente com um berloque em form a de peixe. Julia abriu sua tam pa com cuidado e leu a inscrição:

Para William ,

Meu am ado m arido.

Com am or, Jean

Ela fechou a tam pa do relógio, pousando-o na m esa.

616/1201

O segundo obj eto que retirou da gaveta foi um a velha locom otiva de ferro fundido que claram ente j á vira dias m elhores. Im aginou-o com o um garotinho, agarrado à sua pequena locom otiva, talvez im plorando que o deixassem levá-la quando ele e a m ãe partiram de

Nova York. Ela sentiu um em brulho no estômago.

Julia colocou a locomotiva sobre a mesa e

voltou sua atenção à gaveta.

Havia uma caixa de madeira, que ela abriu.

Dentro dela, encontrou um colar de grandes

pérolas dos mares do Sul e um anel cravejado de diamantes. Julia pegou o anel e procurou uma inscrição, mas não encontrou. Viu também dois braceletes de prata e um colar, ambos da Tiffany.

As jóias só podiam ser da mãe dele. Ela se perguntou de onde teriam vindo. Gabriel lhe contara várias vezes sobre a pobreza em que viviam.

Com o alguém tão pobre poderia ter jóias tão bonitas?

E por que a mãe dele não as vendera

quando ficou sem dinheiro?

Julia balançou a cabeça. A infância de Gabriel tinha sido trágica, sem dúvida, mas a vida de sua mãe também.

Ela fechou a caixa e se concentrou nas fotografias, que tinham sido separadas em envelopes.

Passou-as rapidamente, encontrando fotos de

Gabriel com a mãe, assim com alguns retratos dela sozinha e outros de um homem que devia ser o pai dele. Para sua surpresa, no entanto, não havia fotos dos pais juntos.

Com o Gabriel, a mãe dele tinha cabelos

escuros, mas os olhos dela eram pretos,

destacando-se contra a pele clara, pálida. Ela era muito bonita, com traços finos.

O pai de Gabriel, por sua vez, tinha cabelos

grisalhos e penetrantes olhos cor de safira. Era atraente para um homem mais velho, mas havia

um a certa rigidez em sua expressão com a qual 618/1201

Julia antipatizou. Quase nunca aparecia sorrindo nas fotos.

No fundo da gaveta, debaixo de um ursinho de pelúcia surrado, havia um diário. Julia o abriu e olhou para a folha de guarda.

Este diário

Pertence a

Suzanne Elizabeth Em erson

Por im pulso, ela o abriu em um a página

aleatória e leu as prim eiras linhas.

Estou grávida.

Owen quer eu faça um aborto.

Ele m e deu o dinheiro e disse

que vai m arcar um a consulta.

Falou que,

619/1201

se eu fizer isso por ele, encon-

trará um a m aneira de ficarm os

j untos.

Mas não acho que eu sej a capaz.

Julia fechou o diário com força e o enfiou depressa no fundo da gaveta.

Gabriel poderia vir procurá-la a qualquer m o-m ento. Ficaria furioso com o que ela fizera.

Ela j á estava arrependida. As palavras de Suzanne Em erson não lhe saíam da cabeça. Se Gabriel as lesse, passaria a odiar ainda m ais o pai.

Julia devolveu o ursinho de pelúcia ao m esm o lugar de antes, j unto

com as fotos e a caixa de jóias. Estava prestes a colocar a locomotiva de volta na gaveta quando percebeu algo ao lado dela, no topo da pilha de correspondências não abertas.

Era uma carta.

620/1201

Ela não havia reconhecido a caligrafia, mas não importava. O nome e o endereço de Paulina estavam escritos com capricho no canto superior esquerdo do envelope. De alguma forma, ela

descobriu o endereço de Gabriel e enviara uma carta para a casa dele. A casa deles. A casa que Gabriel dividia com a esposa. Julia teve vontade de atirá-la na lareira.

Mas já havia traído sua confiança ao ler o diário de sua mãe às escondidas. Não poderia, além

disso, jogar a carta de Paulina fora.

Segurando o envelope longe do corpo, ela foi ao quarto e o entregou ao marido.

– Obrigado, mas vou abrir as correspondências mais tarde. – Ele fez um enção de jogar o envelope em cima da cama, mas ela o deteve:

– Veja o remetente.

Gabriel relanceou para a carta e praguejou.

– Por que ela está me escrevendo? Nem Carson, meu advogado, tem mais notícias dela.

621/1201

Julia continuou imóvel, olhando para ele.

Gabriel rasgou o envelope, esperando encontrar uma longa carta escrita à mão. Para sua surpresa, viu uma folha de papel-cartão.

Ele correu os olhos pelas palavras impressas.

– É um convite de casamento.

Ele virou o papel, deparando com a letra cursiva de Paulina no verso.

Gabriel,

Eu nunca cometeria a indecência de convidá-lo para o meu casamento.

Queria apenas que soubesse que vou me casar.

Depois de todos esses anos, finalmente serei esposa e mãe de duas garotinhas maravilhosas.

622/1201

Agora que estão os dois felizes, as coisas estão como devem ser.

Beijos,

P.

Ele entregou o convite a Julia, que correu os olhos por ele.

– Ela vai se casar.

– Pois é.

– Com o está se sentindo? – perguntou Julia, perscrutando seu rosto.

Ele tornou a pôr o convite no envelope e cometeu a batê-lo na palma da mão esquerda.

– Ela se expressou corretamente: estão os dois felizes. Ela encontrou a família que queria.

Ele fixou os olhos azuis nos de Julia.

– É a você quem ela deveria agradecer.

– Eu?

623/1201

– Foi você que me convenceu a deixá-la partir.

Paulina já jamais encontraria sua própria felicidade enquanto fosse dependente de mim. Você tinha razão.

Julia se remexeu diante do elogio, descon-

fortável. Não conseguia ignorar o fato de que, poucos minutos antes, estava me exendo em seus artigos pessoais.

– Você também tinha razão quanto a Maria.

Agora, os olhos dele estavam tristes.

Julia se aproximou, passando os braços em volta da cintura de Gabriel.

– Eu queria não estar certa sobre Maria. Mas às vezes amar um a pessoa significa ter que abrir mão dela.

– Nunca vou abrir mão de você. Eu enfrentaria qualquer um que quisesse roubá-la de mim –

retrucou ele, enraivecido.

Julia pressionou as pontas dos dedos nos lábios dele.

624/1201

– Lembrasse disto quando estiver resolvendo as coisas na sua cabeça: seja quais forem os seus problemas, eu estou aqui. E não vou a lugar

algum.

Ela tornou a beijá-lo, desaparecendo em

seguida no corredor.

Gabriel olhou para o convite, sua mente vag-

ando em direção ao passado.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Janeiro de 2010

Toronto, Ontário

Paulina Gruscheva chegou ao saguão do Man-

ulife Building, as botas de salto alto fazendo barulho no piso de mármore, o telefone celular colado à orelha. Em bora já vivesse em Toronto havia algum tempo, Gabriel se recusava a vê-la, falar com ela ou manter qualquer tipo de contato.

Ela estava cansada de esperar.

Quando a ligação caiu na caixa postal dele, ela encerrou a chamada e ligou para o telefone fixo.

Rezou em silêncio para Julianne não atender. Já era ruim o suficiente que Gabriel estivesse dormindo com ela. Paulina não precisava que o caso deles fosse esfregado na sua cara.

626/1201

Outra vez.

Sem se deixar abater pelo fato de ele não estar atendendo aos telefonemas, ela foi até Mark, o porteiro do prédio, exigindo que ele interfonasse para o apartamento do professor Emerson imedi-

atamente. Com o porteiro se recusou, ela deu um piscadela e tentou seduzi-lo. Mark, no entanto, se mostrou imune ao charme da loura alta de olhos azuis.

Ela levantou a voz, fazendo um barulho.

Em questão de minutos, Mark interfonou para o professor e pediu-lhe que fizesse o favor de falar com uma visitante no saguão.

Paulina sorriu, triunfante.

Mas seu sorriso desapareceu assim que viu a expressão furiosa de Gabriel, que vinha na direção dela com os olhos faiscantes. Gabriel agarrou-a de forma brusca pelo cotovelo e praticamente a arrastou pelo saguão, em direção à entrada de veículos sem circular na frente do prédio.

– O que pensa que está fazendo? – explodiu ele, soltando-a.

Paulina recuou um passo, surpresa com a fúria de Gabriel.

– Vam os, diga! Estou esperando!

– Queria falar com você. Há sem anas que estou m orando aqui. Você se recusa a m e ver!

– Não vam os ter esta conversa outra vez. Eu j á lhe disse tudo o que tinha para dizer em

Selinsgrove. Você sabe que está acabado.

Ele se virou para voltar ao prédio, m as ela o segurou pelo braço.

– Por que está fazendo isso com igo? – A voz de Paulina falhou e ela pestanej ou para conter as lágrim as.

A expressão de Gabriel se suavizou um pouco.

– Paulina, acabou. Já acabou há um tem po. Não estou tentando fazer nada com você além de

convencê-la a tocar sua vida. E deixar que eu faça o m esm o.

Ela ergueu os olhos para Gabriel, as lágrim as com eçando a cair.

– Mas eu am o você. Nós tem os um a história

j untos!

Gabriel fechou os olhos por alguns instantes e

um a expressão sofrida se estam pou em seu rosto.

Ele abriu os olhos.

– Estou apaixonado por outra pessoa. Estou

dorm indo exclusivam ente com ela.

– Sim , eu sei. E ela é sua aluna.

– Tom e cuidado – rosnou Gabriel.

Ela jogou os cabelos para trás.

– É incrível a quantidade de informações que você consegue reunir num a cidade deste

tam anho. Antonio, do Harbour Sixty, foi muito prestativo nesse sentido.

Ele se aproximou.

– Você não fez isso.

629/1201

– Ah, fiz. Interessante você tê-la levado ao
mesmo restaurante a que sempre levava
quando eu estava na cidade.

– Há muito tempo não levo você ao Harbour

Sixty, Paulina. Desde que paramos... – Ele se deteve, com esforço.

– Desde que paramos... de trepar, Gabriel? Por que não consegue falar? Nós *trepamos* durante anos.

– Fale mais baixo.

– Não sou seu segredinho sujo. Nós éramos os

amigos. Tínhamos um relacionamento. Não pode simplesmente me ignorar e me tratar com o lixo.

– Sinto muito pela maneira com o a tratei. Mas ouça o que está dizendo. Não acha que merece ser o centro do universo de outra pessoa? Em vez de continuar atrás de alguém que quer outra

mulher?

Ela desviou os olhos dos dele.

630/1201

– Você sempre quis outras mulheres. Mesmo o

quando eu estava grávida. Por que seria diferente agora?

Ele se encolheu.

– Porque você me parece estar com um homem

que ama e tanto quanto você o ama. Está na hora de virar a página e ser feliz.

– Você me faz feliz – sussurrou ela. – Você é

tudo o que eu quero.

– Estou apaixonado por Julianne e vou me casar com ela. – Ele soou determinado.

– Não acredito nisso. Você vai voltar. Sem pre acabar voltando para mim. – Ela secou algumas lágrimas.

grimadas com as costas da mão.

– Não desta vez. No passado eu era fraco e você usava minha culpa contra mim. Mas agora chega.

Não podem os meus pais nos ver ou nos falar. Já fui muito paciente com você e tentei ajudá-la, mas cheguei ao meu limite. A partir de hoje, seu fundo fiduciário está congelado.

631/1201

– Você não seria capaz!

– Ah, eu serei. Se voltar a Boston e procurar um psicólogo, irei garantir que continue recebendo ajuda financeira. Mas, se tentar entrar em contato comigo outra vez ou se fizer qualquer coisa para

prejudicar Julianne, a ajuda será cortada. Permanente. – Ele se inclinou para a frente com um ar ameaçador. – E isso inclui qualquer atitude que possa atrapalhar a vida acadêmica dela.

– Você faria isso? Simplesmente me jogaria fora? Eu sacrifiquei minha vida por você. Abri mão da minha carreira acadêmica.

Gabriel contraiu o maxilar.

– Nunca lhe pedi isso. Fiz de tudo para ajudá-la a continuar em Harvard. Você largou o curso.

– Por causa do que aconteceu com igo.

Conosco!

Ele cerrou os punhos ao lado do corpo.

632/1201

– Não nego que m eu com portam ento tenha

sido horrível e que você tenha toda a razão de estar com raiva. Mas adm itir isso não m uda o fato de que esta história precisa acabar. Hoje.

Gabriel olhou para ela e, por alguns instantes, a expressão dele foi de com paixão.

– Adeus, Paulina. Fique bem .

Ele seguiu em direção às portas de correr.

– Você não pode fazer isso! Não vou deixar!

O rosto dele assum iu um ar de determ inação inabalável.

– Já fiz.

Gabriel entrou no Manulife Building sem olhar para trás, deixando Paulina do lado de fora, chorando em m eio à neve.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Maio de 2010

Cemitério St. James the Apostle

West Roxbury, Massachusetts

Gabriel parou diante dos dois anj os de pedra idênticos posicionados com o sentinelas em cada um dos lados do m ausoléu. Eram feitos de m ár-m ore, brancos e perfeitos. Eles o encaravam com as asas abertas. Havia um nom e gravado na

lápide entre os dois.

O m onum ento o fazia lem brar-se dos m em oriais na Basílica de Santa Cruz, em Florença. A sem elhança era intencional, um a vez que

ele próprio se encarregara do projeto.

Enquanto observava os anjos, Gabriel se lembrou

do tempo que havia passado na Itália,

634/1201

trabalhando com o voluntário junto aos franciscanos. De sua experiência junto à cripta de São Francisco. De sua separação de Julianne.

Se ao menos pudesse esperar até o dia 1o de julho, haveria uma chance de que eles voltassem a ficar juntos. Mas Gabriel não tinha certeza se ela o havia perdoado. Não tinha certeza de que conseguiria o perdão de alguém, mas precisava tentar.

Enfiou a mão no bolso e pegou o celular, ligando para um número da lista de contatos.

– Gabriel?

Ele respirou fundo.

– Paulina. Precisamos nos encontrar.

– O que houve?

Ele voltou as costas para o momento, pois seria incapaz de falar de frente para o nome gravado na pedra.

♦ ♦ ♦

– Só preciso vê-la por uma hora, para con-

versar. Podem os nos encontrar amanhã?

635/1201

– Estou em Minnesota. O que você quer

comigo?

– Vou pegar um voo para Minneapolis hoje e à

noite. Podem os nos ver? – insistiu ele, com a voz tensa e frágil.

Ela bufou.

– Tudo bem . Podem os m arcar no Caribou Cof-

fee am anã de m anã. Vou m andar o endereço por e-m ail.

Ela fez um a pausa e Gabriel pôde ouvir que ela se m ovim entava.

– Você nunca atravessou o país para falar

com igo.

Ele trincou os dentes.

– Não, nunca.

– Nossa últim a conversa não foi nada

agradável. Você m e largou chorando do lado de fora do seu prédio.

– Paulina... – A voz dele tinha um ligeiro tom de súplica.

636/1201

– E depois cortou todo o contato entre nós.

Gabriel com eçou a andar de um lado para

outro, apertando o telefone com força contra a orelha.

– Sim , cortei. E qual foi o resultado?

Ela ficou calada por alguns instantes.

– Eu fui para casa.

Ele parou de andar.

– Você deveria ter ido para casa há anos, e eu deveria tê-la incentivado a fazer isso.

Os dois ficaram em silêncio.

– Paulina?

– Isso vai doer, não vai?

– Não sei – confessou ele. – Am anã

conversam os.

Gabriel encerrou o telefonema e baixou a

cabeça, voltando em seguida ao túmulo de sua filha.

637/1201

Paulina estava nervosa. Ela havia sido humilhada durante seu confronto com Gabriel no saguão do Manulife Building. Ciente de que dependia do

dinheiro do fundo fiduciário e assumindo seu problema com álcool e tranquilizantes, ela fez o que tinha julgado que jamais faria: voltou para casa.

Arranjou um prego. Mudou-se para um

apartamento simples, porém agradável. E, por incrível que pareça, conheceu outra pessoa. Um

homem gentil e amável, que não queria mais ninguém além dela. Alguém que jamais olharia para outra mulher enquanto o relacionamento deles durasse e, possivelmente, nem depois disso.

Agora Gabriel queria conversar. Pessoalmente.

Paulina avisou Gabriel. Mas também tinha

medo dele. Mesmo quando ela estava grávida e os dois moravam juntos, ele sempre se mostrara arredio e inalcançável. Havia uma parte dele que Gabriel jamais deixaria tocar. Paulina sabia

638/1201

disso. Aceitava. Mas nunca havia gostado dessa ideia, e sempre sentia o distanciamento dele pairar a todo momento sobre a sua cabeça, com o mesmo ar carregado que poderia causar um

tempestade a qualquer instante.

Depois da última briga, ela percebeu que Gabriel jamais a amaria. Achava que ele fosse incapaz de amar. Mas, ao ouvi-lo falar de Julianne, ficou claro que ele era, sim, capaz de ser fiel e amar outra pessoa. Era apenas trágico que essa mulher não fosse ela.

Assim que aceitou isso, junto com a dor e a saudade inevitáveis, sentiu também certa liberdade. Paulina já não era uma escrava tentando conquistar o afeto de seu mestre. Já não era alguém com aspirações limitadas, que colocava seu futuro em um passo de espera

para se m anter

disponível para ele.

Ao entrar no Caribou Coffee, sentiu-se forte

pela primeira vez em anos. Seria difícil vê-lo, mas 639/1201

tinha feito muitos avanços em outras áreas da sua vida e sem dúvida
também poderia fazê-los em seu relacionamento com ele.

Encontrou-o sentado a uma mesa para dois nos fundos da cafeteria,
seus dedos longos em volta de uma caneca de café. Ele usava paletó e
camisa de botão, mas estava sem gravata. As calças estavam limpas
e engomadas, o cabelo, bem penteado. Usava também óculos, o que
a surpreendeu,

pois costumava colocá-los apenas para ler.

Quando a viu, ele se levantou.

– Posso lhe pagar um café? – ofereceu, com um sorriso contido.

– Sim, obrigada.

Ela retribuiu o sorriso, mas ficou um pouco sem jeito. Antes, ele
costumava cumprimentá-la com um beijo, mas agora preferia manter
uma distância respeitosa e apropriada.

– Com leite desnatado e adoçante?

640/1201

– Exatamente.

Gabriel foi ao balcão e Paulina sentou na ca-

deira em frente a dele.

Enquanto esperava o pedido de Paulina, Gabriel coçou o queixo. Ela
estava diferente. Ainda se movia com o ritmo de uma bailarina, a coluna reta
e os movimentos calculados. Mas sua aparência havia mudado.

Seus cabelos longos e louros estavam presos em um rabo de cavalo,
seus belos traços livres de compromissos éticos. Ela parecia revigorada, jovem.
Grande

parte da dureza evidente em sua expressão da última vez que a vira tinha desaparecido.

Suas roupas também estavam diferentes. Ela sempre se vestira bem, dando preferência a saias e sapatos de salto alto de grife. Neste dia, no entanto, usava uma blusa azul de manga comprida,

simples e casual, com calça jeans escura e sandálias. Havia anos que Gabriel não a via com roupas

641/1201

tão descontraídas. Perguntou-se o que isso

significava.

Pousou a bebida na frente dela e se sentou, tornando a pegar sua caneca de café. Concentrou-se no líquido preto, tentando encontrar as palavras certas.

– Você parece cansado. – Os olhos azuis de

Paulina fitaram os dele com preocupação.

Gabriel evitou o olhar dela, virando a cabeça para a janela. Não estava particularmente interessado na paisagem de Minneapolis. Apenas não sabia por onde começar.

– Nós já fomos amigos. – Ela bebericou seu café e seguiu o olhar dele, observando os carros passarem. – Parece que você está precisando de um.

Ele virou a cabeça de volta, seus olhos de um azul penetrante por trás dos óculos de armação preta.

– Eu vim até aqui para lhe pedir perdão.

642/1201

Ela arregalou os olhos e apressou-se em pousar a caneca na mesa, para não derramar o café.

– O quê?

Ele engoliu em seco.

– Nunca a tratei com o mesmo carinho ou com pan-

heiro deveria. Fui duro e egoísta. – Ele se recostou na cadeira e tornou a olhar pela janela. –

Não espero que me perdoe. Mas queria olhar nos seus olhos e lhe dizer que sinto muito.

Paulina tentou desviar sua atenção do rosto e do meu axilar contraído de Gabriel, mas não conseguiu. Quase tremia de espanto.

Ele ficou observando os carros e esperou que

Paulina dissesse alguma coisa. Mas ela ficou calada. Por fim, Gabriel a encarou.

Ela estava boquiaberta, os olhos esbugalhados.

Então fechou a boca.

– Passam os anos juntos, Gabriel, e você nunca

me pediu desculpas, nenhuma vez. Por que agora?

643/1201

Ele não respondeu, apenas fitou os olhos dela.

– É por causa dela, não é?

Gabriel ficou calado. Estar diante de Paulina já era difícil o bastante. Não poderia falar sobre o que Julianne significava para ele; quanto ela o havia mudado; quanto temia a possibilidade de que ela não o perdoasse quando voltasse para

junto dela.

Ele aceitou a censura de Paulina sem se defender. Em seu atual estado, desejava punições e reprimendas, pois estava mais do que ciente dos seus pecados.

Ela observou sua reação, as emoções que se espalhavam pelo seu rosto. Gabriel estava claramente transtornado, algo que ela não via fazer muito tempo.

– Eu voltei para casa – disse ela baixinho. – Entrei em um programa de reabilitação e tenho ido às reuniões. Estou até me consultando com um terapeuta. – Ela o observou com atenção. – Mas 644/1201

você já sabe disso tudo, não sabe? Tenho

mandado relatórios para a secretária de Carson.

– Sei, sim .

– Ela mandou você.

– Com o?

– Ela mandou você. Conseguiu... dom está-lo.

– A questão aqui não é ela.

– Ah, é, sim . Há quanto tempo nos con-

hecem os? Por quanto tempo dormimos juntos?

Você nunca me pediu perdão por nada. Nem

me esmou quando...

Ele se apressou em interrompê-la:

– Mas deveria. Tentei com pensar você por tudo o que a fiz passar com dinheiro. Tomando conta de você.

Gabriel se encolheu logo que pronunciou as palavras. Ele conhecia bem até demais o tipo de

homem capaz de agir dessa forma para se redimir de suas aventuras sexuais.

Paulina pegou de novo a caneca de café.

645/1201

– Sim , deveria. Mas fui tola de me contentar com o que tinham os. Não conseguia me libertar daquilo. Mas agora consegui. E juro por Deus, Gabriel, que não vou voltar atrás.

Ela apertou os lábios, com o se estivesse tentando não dizer mais nada. Então, de repente, voltou a falar:

– Durante todos esses anos, tive medo de que meus pais batessem a porta na minha cara. Fiz questão de que o táxi me esperasse em frente à casa deles enquanto eu tocava a campainha. No fim das

contas, nem precisei tocar. Estava tentando atravessar a neve com meus sapatos de salto alto quando a porta da frente foi escancarada e minha mãe saiu. Ela ainda estava de pantufas. – A voz de Paulina falhou e seus olhos se encheram de lágrimas. – Minha mãe veio correndo na

minha direção, Gabriel, e me abraçou. Antes mesmo de entrar em casa, percebi que poderia ter

voltado anos antes e ela teria me recebido da mesma forma.

– A filha pródiga – balbuciou Gabriel.

– Isso.

– Então você entende meu desejo de pedir

perdão.

Ela observou seus olhos, a expressão em seu

rosto. Não havia nada nele que lhe parecesse

falso.

– Sim, entendo – falou ela devagar. – Só me pergunto por que está fazendo isso agora.

Ele tornou a se recostar na cadeira, pegando

outra vez a caneca.

– Você é minha amiga – sussurrou ele. – E veja só com o que tratei.

Paulina secou os olhos.

Gabriel se inclinou para a frente.

– E também tem Maia.

Uma exclamação involuntária escapou dos lá-

bios de Paulina.

647/1201

Nesse sentido, ela era com o Gabriel: a simulação do nome e da filha deles lhe causava uma angústia imediata. Quando seu nome e

era dito sem nenhum aviso, a dor era ainda mais aguda.

– Não consigo falar sobre ela. – Paulina fechou os olhos.

– Ela está feliz agora.

– Você sabe que eu não acredito nisso. Quando se está morto, está morto. É com o morto ir para nunca mais acordar.

– Eu sei que isso não é verdade.

Paulina arregalou os olhos diante do tom de voz de Gabriel. Havia algo em seu olhar. Algo que ele tentava esconder, mas ao qual se agarrava com uma convicção mais forte do que qualquer outra que ela o viria demonstrar antes.

– Sei que não tenho o direito de lhe pedir perdão. E sei que estou perturbando você com

minha presença. – Ele pigarreou. – Mas precisava lhe dizer essas coisas pessoalmente. Eu agi errado 648/1201

com você. Fui um monstro. Sinto muito. Por favor, me perdoe.

Ela estava chorando, as lágrimas escorrendo

pelo seu rosto perfeito.

– Pare – falou.

– Paulina, se nós fizemos algo de bonito juntos, foi ela. Seria um desrespeito à sua memória vivermos as vidas vazias e sem sentido.

– Com o quê?! Com o quê vir até aqui para tirar um peso da sua consciência e dizer essas coisas para mim?!

Gabriel trincou os dentes.

– Não vim aqui tirar um peso da minha consciência. Vim para consertar as coisas.

– Minha bebê está morta e eu não posso ter outro. Conserte isso!

Ele ficou tenso.

– Não posso.

649/1201

– Você nunca me amou. Eu desperdicei minha vida com um homem que apenas me tolerava. E

só porque eu era boa de cama.

Um músculo saltou no meu axilar de Gabriel.

– Paulina, você tem muitas qualidades admiráveis-

veis, com a sua inteligência, sua generosidade e seu senso de humor. Não se deprecie tanto.

Ela riu sem alegria.

– No fim das contas, não faz diferença. Não importa

quanto eu seja inteligente, fui burra o suficiente para tentar mudar-lo. E

fracassei.

– Sinto muito.

– Quando enfim consigo tocar minha vida, você resolve aparecer para desencavar tudo.

– Não era essa a minha intenção.

– Mesmo assim, foi o que fez. – Ela secou os olhos com as mãos, recostando-se para afastar seu corpo do dele. – Vá para casa e volte para sua namorada jovem e bonita que pode lhe dar um filho, se é isso que você quer. Vasectomias são 650/1201

simples de reverter, mas o que aconteceu comigo é irreversível.

Gabriel baixou a cabeça.

– Me desculpe. Por tudo.

Ele se levantou, relutante. Já estava passando por ela quando Paulina segurou sua mão.

– Espere.

Gabriel baixou os olhos para ela com um a expressão desconfiada.

– Conheci outra pessoa. Ele é professor. Me

ajudou a conseguir um emprego dando aulas de literatura inglesa enquanto termino o doutorado.

– Fico feliz.

– Não preciso do seu dinheiro. Não voltarei a fazer saques do fundo fiduciário. Keith é viúvo e tem duas filhas pequenas, de 5 e 7 anos. Pode imaginar? Elas me chamam de *tia Paulina*. Tenho a chance de vesti-las, pentear seus cabelos e brincar de chá de bonecas com elas. Conheci uma pessoa que me ama como eu sou. E as filhas dele

651/1201

precisam de mim. Então, em bora não possa ter um bebê, ainda serei mãe. Ou, no mínimo, tia. Eu perdoo você, Gabriel. Mas não terei esta conversa de novo. Já fiz as pazes com o passado, da melhor forma que pude.

– Com carinho.

Ela lhe deu um sorriso sincero e ele beijou o topo da cabeça dela.

– Adeus, Paulina. Seja feliz.

Ele soltou sua mão e foi embora.

CAPÍTULO QUARENTA

Agosto de 2011

Cambridge, Massachusetts

– Vai correr?

Julia ergueu os olhos da mesa do café da manhã e viu Gabriel vestido com seus tênis e roupas de corrida. Ele usava uma camiseta esportiva vermelha de Harvard e um short preto folgado nos quadris.

– Vou, sim.

Ele atravessou a cozinha para lhe dar um beijo.

– E então... vamos conversar?

Gabriel virou para o outro lado e com eçou a desenrolar os fones de ouvido do seu iPhone.

– Sobre o quê?

– Sobre o que está incomodando você.

– Agora não.

653/1201

Ele tirou os óculos de sol do estojo e limpou-os rapidamente com a camiseta.

Juliana ordeu a língua, sua paciência quase esgotada.

– Marcou uma consulta com seu médico?

– Vai com ele – murmurou ele, espalmando as mãos na ilha da cozinha e apoiando-se nelas, a cabeça baixa e os olhos fechados.

– O que quer dizer com isso? – Ela cruzou os braços diante do peito.

Gabriel não se mexeu.

– Não, não liguei para o meu médico.

– Por quê?

◆◆◆

– Porque não preciso me consultar com ele.

Ela descruzou os braços.

– Mas e a reversão da vasectomia? Vai ter que falar com ele sobre isso.

– Não, não vou.

Ele se empenhou, pegando os óculos de volta e colocando-os no rosto.

654/1201

– Por que não?

– Não vou reverter minha vasectomia. Prefiro adotar. Sei que não podem os trazer Maria, mas gostaria que tentassem os adotar outra criança depois que você se formar.

– Você já decidiu – sussurrou ela.

Um músculo saltou no maxilar dele.

– Estou protegendo você.

– Mas e todas as nossas conversas? E o que

falam os dois no momento?

– Eu estava enganado.

– Você estava *enganado*? – Ela se levantou. –

Gabriel, que droga é essa?

– Precisam os dois mesmo falar disso agora?

Ele começou a andar em direção à porta.

– Gabriel, eu...

–

Assim

que

eu

voltar

–

disse

ele,

interrompendo-a. – Me dê apenas uma hora.

Ela conteve uma resposta irritada.

– Só m e diga um a coisa.

655/1201

Ele se deteve, olhando para ela através dos óculos de sol.

– O quê?

– Você ainda m e am a?

Um a expressão de angústia tom ou conta do seu rosto.

– Nunca a am ei tanto.

Com essas palavras, ele abriu a porta e saiu para o ar quente da manhã.

– Com o foi a corrida? – perguntou Julia, assim que Gabriel entrou suado na cozinha.

– Foi ótim a. Só vou tom ar um a ducha.

– Quer com panhia?

Ele lhe deu um m eio sorriso.

– Prim eiro as dam as.

Julia subiu as escadas na frente dele e os dois entraram juntos no quarto.

656/1201

Ele sentou-se em um a cadeira, tirando os tênis, as m eias e a camiseta.

– A corrida desanuviou sua cabeça? – perguntou ela, analisando-o com atenção.

O suor brilhava na pele bronzeada de Gabriel, seus músculos ondulando a cada movimento.

– Um pouco.

– Então m e diga o que está incomodando você.

Ele bufou, fechando os olhos com força. Então assentiu e sentou-se à

beira da cama. Apoiou os cotovelos nos joelhos, inclinando-se para a frente.

– Durante toda a minha vida fui uma pessoa

autocentrada. Não sei como alguém pode aguentar conviver comigo.

– Gabriel – disse ela, em tom de repreensão. –

Você é muito atraente. É por isso que as mulheres caem aos seus pés.

– Não me importo com isso. É só aparência.

Elas nunca ligaram que eu fosse egoísta desde que pudesse lhes garantir uma boa trepada.

657/1201

Julia fez uma careta.

– Eu conheço você. Conheço você por inteiro e não acho que seja egoísta.

– Fui terrível com você quando era minha

aluna. Fui terrível com minha família e com Paulina – contrapôs ele.

Julia fitou os olhos carregados e torturados do marido.

– Isso é coisa do passado. Não precisam os meus pais tocar nesses assuntos.

– É claro que precisam os pais. – Ele apoiou a cabeça nas mãos, agarrando os cabelos. – Será que não entende? Estou sendo egoísta. Poderia fazer mal a você.

– Com o quê?

– E se Paulina tiver abortado por minha culpa?

O estômago de Julia se revirou.

– Gabriel, nós já falamos sobre isso. Não foi culpa de ninguém.

658/1201

– Foi minha culpa ter passado o fim de semana inteiro enchendo a cara. Se tivesse ficado em casa para tomar conta dela, poderia tê-la levado para

um hospital.

– Por favor, não vam os voltar a isso. Já sabem os aonde vai dar.

Ele m anteve os olhos fixos no chão.

– Exatam ente. Na conversa que tivemos os no

pom ar.

– No pom ar?

– Tenho falado com você sobre ter um bebê.

Mas nunca pensei no assunto considerando o que aconteceu com Paulina.

– Gabriel, por favor, eu...

Ele a interrompeu:

– E se o aborto dela tiver sido resultado de algum a anom alia genética? Algo com que eu tenha contribuído?

Julia caiu em um profundo silêncio.

659/1201

– Eu lhe disse que queria um filho. Mas nunca refleti sobre os riscos.

– Abortos são com uns, Gabriel. É trágico, m as é verdade. Não sej a tão duro consigo m esm o. Você teve aquele sonho com Maia por um m otivo.

Aceite a paz que ela lhe ofereceu e vire essa página.

– E se acontecer a m esm a coisa conosco? – A voz dele falhou. – Olhe o que seu pai e Diane es-tão passando.

– Ficariam os arrasados. Mas assim é o m undo em que vivem os. A doença e a m orte existem .

Não podem os fingir que som os im unes.

– Podem os evitar riscos inaceitáveis.

Os olhos de Julia ficaram tristes.

– Então você não quer ter um bebê comigo?

Gabriel levantou a cabeça e viu os olhos dela se encherem de lágrimas.

– Toda essa conversa sobre Paulina... – Julia

engoliu em seco – ... Sei que não devo sentir

660/1201

ciúme es, mas não consigo deixar de invejá-la.

Você dividiu uma experiência transformadora com ela que talvez nunca possam os ter juntos.

– Achei que você fosse ficar aliviada.

– Nada do que você disse poderia me trazer alívio.

– Julia perscrutou os olhos dele. – E você também não me parece feliz.

– Porque não posso ter o que quero. Não posso passar mais uma vez pelo que passei com Paulina.

Não posso e não vou. Não deixarei aquilo acontecer com você.

– Não terem os filhos – sussurrou ela.

– Vam os adotar.

– Então está decidido.

Ele assentiu.

Julia fechou os olhos, deixando-se invadir pelo significado das palavras de Gabriel. Pensou no futuro deles, nas imagens com as quais sonhara acordada. Imaginou-se contando a Gabriel que estava grávida, carregando o filho dele em seu 661/1201

ventre, segurando a mão dele enquanto dava à luz...

Todas essas imagens desapareceram no ar com uma nuvem de fumaça. A sensação de perda foi imediata. Até aquele momento, não tinha percebido quanto queria ter essas experiências e

com partilhá-las com ele. Agora que Gabriel estava lhe dizendo que ela não poderia tê-las, só lhe restava a dor.

– Não.

– Não? – Ele ergueu as sobrancelhas.

– Você quer me proteger, o que é admirável.

Mas, vamos ser sinceros, não é só isso.

– Não quero vê-la sofrer.

– Porém o motivo é muito mais profundo do que esse, não é? Tem a ver com o que aconteceu entre seu pai e sua mãe.

Gabriel se levantou, deixando o short cair no chão. Ele se virou, parando nu na frente dela.

Julia pigarreou.

662/1201

– Meu amor, eu sei que você tem feridas abertas. Não consegue nem olhar para os objetos guardados na gaveta da sua mesa.

– A questão não é essa, mas escolher quais

riscos estou disposto a correr. Seu pai poderia perder Diane e o bebê. Não estou preparado para esse tipo de coisa.

– Viver é correr riscos. Eu posso ter um câncer.

Ou ser atropelada. Mesmo o que você me embrulhasse em plástico bolha e não me deixasse sair de casa, eu ainda poderia ficar doente. Sei que posso vir a perdê-lo também. E, por mais que não

queira nem falar nisso, um dia você vai morrer. –

A voz dela falhou ao pronunciar a última palavra.

– Mas escolho amá-lo agora e construir uma vida ao seu lado, mesmo sabendo que posso perdê-lo.

Estou lhe pedindo para fazer a mesma escolha.

Estou lhe pedindo para correr o risco. Comigo.

Ela se aproximou de Gabriel e pegou a mão

dele.

663/1201

Ele

baixou

os

olhos

para

seus

dedos

entrelaçados.

– Não sabem os quais podem ser os riscos. Não faço ideia do que pode existir em meu histórico médico.

– Podem os fazer testes.

Ele apertou a mão de Julia e depois a soltou.

– Isso não basta.

– Alguns dos seus parentes ainda estão vivos.

Você pode tentar falar com eles, descobrir sobre o histórico médico de seus pais e avós.

Ele fechou a cara.

– Você acha que eu lhes daria a satisfação de rastejar até eles, implorando por informações?

Preferiria arder no inferno.

– Ouça o que está dizendo. Você voltou à estaca zero... achando que não é bom o suficiente para ter filhos. E se recusa a descobrir se há algum problema de verdade em sua árvore genealógica.

E quanto ao seu sonho com Maia? E quanto a

Assis? E quanto a mim, Gabriel? Nós rezamos por uma criança. Tem os pedido a Deus que nos dê um filho só nosso. Está voltando atrás nessa prece?

Ele cerrou os punhos dos lados do corpo, mas não respondeu.

– Tudo porque acha que não é bom o suficiente

– sussurrou ela. – Meu lindo anjo caído.

Julia passou os braços em volta do pescoço dele.

Gabriel soltou um gemido de angústia ao re-

tribuir o abraço.

– Estou sujando você – sussurrou ele, o peito suado contra a blusa dela.

– Você nunca esteve tão limpo.

Ela beijou com carinho seu queixo retraído.

Eles continuaram abraçados até que Julia o conduziu ao banheiro. Sem palavras, abriu o chuveiro e livrou-se rapidamente das próprias

roupas.

A água estava quente e parecia chuva, espirrando em seus corpos e dançando sobre eles ao escorrer até o chão. Julia despejou um pouco de sabonete líquido na mão e começou a lavar o peito de Gabriel, as mãos deslizando com

ternura por sobre os músculos do tórax dele.

Ele passou o braço em volta da cintura dela.

– O que está fazendo? – perguntou.

– Estou tentando mostrar quanto amo você. –

Ela deu um beijo na tatuagem dele e continuou a esfregá-lo, ensaboando seu abdome e com as mãos.

– Lem bro-m e de quando um hom em m uito

bonito fez isso com igo. Foi com o um batism o.

Eles ficaram calados enquanto ela explorava os m úsculos rígidos e fortes dos braços e das pernas de Gabriel, a firm eza de suas nádegas e as protuberâncias de sua coluna. Ela não teve pressa, tocando-o com carinho até toda a espum a ter sido enxaguada.

Gabriel a fitou com um olhar penetrante.

666/1201

– Eu a m agoei tantas vezes. E ainda assim você é tão generosa com igo. Por quê?

– Porque eu am o você. Porque tenho com -
paixão. Porque o perdoo.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça.

Julia com eçou a lavar os cabelos dele, fazendo-o se inclinar para a frente a fim de alcançar cada m echa escura.

– Deus ainda não m e puniu – m urm urou ele.

– Do que você está falando?

– Vivo esperando que Ele tire você de m im .

Ela lim pou o xam pu dos olhos de Gabriel para que ele pudesse abri-los.

– Não é assim que Deus age.

– Eu vivi um a vida arrogante e egoísta. Por que Ele não m e puniria?

– Deus não fica pairando sobre as nossas
cabeças, esperando para nos punir.

– Não? – Os olhos dele estavam atorm entados.

667/1201

– Não. Você se sentiu assim ao m enos um a vez em Assis? Quando estavam os sentados lado a

lado na cripta de São Francisco?

Ele negou com a cabeça.

– Deus quer nos resgatar, não nos destruir. Não precisa ter medo de ser feliz, achando que Ele quer roubar essa felicidade de você. Deus não é assim .

– Com o pode ter tanta certeza?

– Porque, uma vez que você prova da bondade, ela o ajuda a reconhecer a diferença entre o bem e o mal. Acredito que gente como Grace, São Francisco e diversas pessoas igualmente boas e amorosas nos mostram com o Deus é. Ele não está esperando para punir você e não lhe concede

uma bênção só para torná-la de volta.

As mãos dela subiram pelo peito de Gabriel até pousar uma em cada lado de seu rosto.

– Não vou deixar você postergar a reversão da sua vasectomia. Independentemente do que

668/1201

descobrir ou do que acontecer, você é meu marido. Quero ter uma família com você e não me importa o que diz o seu DNA.

Gabriel fechou os dedos em volta dos braços dela.

– Achei que não estivesse pronta para ter um bebê.

– Não estou. Mas concordo com o que você

falou no momento. Se quiserem os ter filhos, precisam os comear a discutir o assunto com os

medicos.

– E quanto à adoção?

– Podem os fazer as duas coisas. Mas, por favor, Gabriel, você precisa

reverter o procedimento, nem que seja apenas para mostrar que acredita que será um bom pai. E que não é um prisioneiro da sua própria história. Eu acredito em você, meu amor. O que mais desejo é que você acredite em si mesmo.

669/1201

Gabriel ficou parado sob a ducha, de olhos

fechados, deixando a água escorrer pela sua cabeça. Ele a soltou, passando os olhos pelos cabelos antes de se afastar para o lado.

Julia tomou os olhos dele nas suas.

– Essas mãos são suas. Você pode usá-las para o bem ou para o mal. E nada na sua natureza, na sua biologia ou no seu DNA determina suas

escolhas.

– Eu sou alcoólatra porque minha mãe era alcoólatra. Isso não foi uma escolha.

– Você escolheu entrar para a reabilitação.

Todos os dias, escolha não beber nem usar drogas. Não é sua mãe ou o AA quem faz essas escolhas; é você.

– Mas o que irei passar para os nossos filhos? –

A voz dele soava desesperada. – Não faço ideia do que existe no meu histórico familiar.

– Minha mãe era alcoólatra. Se estiver mesmo preocupado com nossos históricos familiares, 670/1201

deveria se perguntar o que eu vou passar para os nossos filhos.

– As únicas coisas que você poderia passar são beleza, bondade e amor.

Ela sorriu com tristeza.

– Era isso que eu ia lhe dizer. Vi com o as crianças do orfanato reagiram à sua presença. Vi com o você riu e brincou com elas. E com o levou Maria para andar no pônei. Você dará aos nossos filhos amor, proteção e carinho. Dará um lar e uma família a eles. E não irá rejeitar

etá-los se com eterem erros, nem parar de am á-los quando pecarem . Irá am á-los tão loucam ente que será capaz de m orrer por eles. É isso que um pai faz. E

é isso que você vai fazer.

Os olhos de Gabriel penetraram os dela com o dois feixes de laser.

– Você é inabalável.

– Só quando estou protegendo as pessoas que

am o. Ou se estou lutando contra um a inj ustiça. E, 671/1201

se você sucum bir a essas velhas m entiras, é isso que estará com etendo. Você fez tanto por m im , Gabriel. Agora é m inha vez. Se quiser esquecer sua fam ília, eu vou apoiá-lo. Se quiser vasculhar cada galho da sua árvore genealógica, tam bém pode contar com a m inha aj uda. Mas não deixe a culpa e o m edo privarem você das suas escolhas.

Você tom ou a decisão de reverter a vasectom ia.

Acho que deve m antê-la. Mesm o que no futuro optem os pela adoção.

– Seria m ais fácil para m im esquecer m inha fam ília. Mas não posso tentar ter um filho sem saber m ais sobre eles, ou pelo m enos descobrir se existe algum problem a de saúde m ais sério que eu possa ter herdado.

– Não vai ser fácil. Mas você terá alguém do seu lado para apoiá-lo. Neste m om ento, está sendo controlado pelo passado por não saber o que existe nele. Assim que souber, não terá m ais com 672/1201

que se preocupar. Assum a esse risco com igo, Gabriel.

Ele enterrou o rosto no pescoço dela.

Dos presentes que Deus me deu, pensou ele, você é o maior de todos.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Em bora a angústia de Gabriel não tivesse sido totalm ente aplacada pelas palavras de Julianne, ele se sentia aliviado. Sua crença nele e seu am or por ele reduziam a insegurança que sentia. Sem

dúvida, ele era abençoado por ter encontrado

um a com panheira e esposa tão maravilhosa.

Quando ela olhou nos seus olhos e lhe disse que queria que ele revertisse a vasectomia quer eles planejassem ter um bebê ou não... Gabriel se lembria desse momento pelo resto da vida.

Um provérbio hebraico do Antigo Testamento

lhe veio à mente: *Aquele que encontra uma esposa encontra um bem da maior grandeza.*

À noite, porém, torturado pelo passado e tem-

eroso pelo futuro, sua esperança foi abalada. Mas, em vez de sair do lado de Julia e procurar álcool

674/1201

pela casa, decidiu abraçá-la e aguentar firme. Seu anjo de olhos castanhos não havia acabado com

suas preocupações. Mas lhe dera a força de que precisava para lutar.

No dia seguinte, ela o encontrou em seu es-

critório no segundo andar, debruçado sobre uma pilha de livros, o laptop aberto em cima da mesa.

– Olá. – Ela entrou no escritório com uma garrafa de Coca-Cola. – Trouxe uma bebida para

você.

Gabriel olhou para ela, admirando-a.

– Obrigado, querida.

Ele deu um tapinha no próprio colo e Julia pousou a bebida sobre a mesa antes de se juntar a ele.

– Foi você quem colocou isto aqui? – Ele gesticulou para a locomotiva de brinquedo, que agora estava sobre uma pilha de pastas de arquivo.

– Foi. – Ela se remexeu em seu colo, imaginando com o que iria se explicar.

– Tinha m e esquecido dela. Mas dá um bom peso de papel.

– Eu deveria ter falado com você antes de m ex-er nas suas coisas.

Ele deu de om bros.

– Estava na hora. Esta locom otiva era um dos m eu brinquedos favoritos quando criança.

– Parece um a antiguidade. Quem lhe deu?

Gabriel coçou o queixo.

– Tenho a im pressão de que foi m eu pai. Acho que m e lem bro de ganhá-la de presente dele.

Mas, pensando m elhor, isso não faz m uito sentido.

Julia o fitou com um olhar com passivo.

– No que está trabalhando?

– No m eu livro. Estou escrevendo um a parte

sobre o Inferno. Acho que vou incluir algum as observações sobre a história de Guido. Citarei seu artigo com o fonte, é claro.

– Ele a beij ou.

– Isso vai ser m ais fácil agora, j á que m eu artigo vai ser publicado.

– Sério?

– Recebi um e-m ail dos organizadores da conferência m e dizendo que um a editora europeia concordou em publicar alguns dos artigos apresentados no congresso. Querem que eu envie o m eu.

– Sua prim eira publicação. Parabéns! – Gabriel deu um abraço apertado nela, tom ado por um a sensação de orgulho.

– Vai ser um ótimo o acréscimo ao meu currículo.

– Ela brincou com os óculos dele. – Mas vou precisar de um favor seu.

– Qualquer coisa.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Qualquer coisa?

– Por você, meu amor, eu arrancaria as estrelas do céu só para colocá-las aos seus pés.

Julia levou a mão ao peito.

677/1201

– Com o você faz isso?

– O quê?

– Dizer coisas com o essa. É lindo.

Ele deu um meio sorriso.

– Passei anos estudando poesia, Sra. Emerson.

Está no meu DNA.

– Sem dúvida está. – Ela passou os braços em volta do pescoço dele e o beijou com

determinação.

O abraço se tornou mais quente. Gabriel estava prestes a derrubar os livros da mesa e deitar Julianne em cima dela quando ela lembrou que queria lhe pedir um favor.

– Hum ... amor?

– Sim ? – rosnou ele enquanto suas mãos

subiam e desciam pelos lados do corpo de Julia.

– Preciso lhe pedir uma coisa.

– Diga.

– Vou precisar revisar meu artigo antes de enviá-lo. Eles querem receber o arquivo na 678/1201

◆◆◆

◆◆◆

primavera sem ananás de dezembrão. Você poderia lê-lo e fazer algumas sugestões?

A expressão de Julia me ostrava sua apreensão.

Eles haviam brigado por causa daquele artigo havia poucos meses. Não queria que isso se repetisse.

– Claro. Será um prazer. Vou tentar não ser um cretino quando fizer meus comentários.

Ela deu um sorrisinho irônico.

– Ficarei agradecida.

– Agora podem os fazer sexo em cima da mesa, ou você quer conversar a tarde inteira?

– Sexo em cima da mesa, por favor.

– Seu desejo é uma ordem.

Gabriel tirou os óculos, jogando-os de lado.

Fechou o laptop e o colocou em cima de uma prateleira próxima, antes de tirar a locomotiva dali com cuidado. Girando o braço, atirou todos os livros e papéis no chão de uma só vez, para pousar Julia sobre a mesa.

679/1201

Eles dedicaram a hora seguinte a uma nova

forma de prazer conjugal: sexo sobre a mesa.

(Sexo sobre a mesa pode ser muito, muito bom, mas é importante tirar todos os grampeadores de perto antes.)

Mais tarde, Julia começou a fazer as malas para eles irem ao casamento de Tom e Diane, enquanto Gabriel continuava no escritório, tentando escrever. Ele estava tendo dificuldade em se concentrar em Guido da Montefeltro no local de seu mais recente (e muito intenso) encontro amoroso com Julianne.

Talvez nunca mais consiga trabalhar nesta mesa.

Frustrado, fechou o documento em que estava trabalhando e abriu seu e-mail. Digitou uma breve mensagem para Carson Brown, seu

680/1201

advogado, pedindo-lhe que encontrasse um

pesquisa sobre seus pais biológicos e suas respectivas famílias.

Então pegou o celular e deu um telefonema.

Julia entrou no quarto depois de passar a noite revisando o artigo que apresentara na conferência. Seus olhos doíam. Já havia se convencido de que Paul tinha razão: ela devia estar sofrendo de vista cansada e precisava ir a um oftalmologista.

Decidiu marcar uma consulta assim que ela e Gabriel voltassem de Selinsgrove.

– Qual o problema? – perguntou Gabriel da

camara.

Julia tirou as máscaras do rosto. Ele estava de óculos, lendo recostado na cabeceira.

Ela o fitou com uma expressão acanhada.

681/1201

– Fiquei muito tempo na frente do computador e agora meus olhos estão doendo. Vou marcar uma consulta com um oftalmologista assim que voltarmos.

– Faz bem. Seus olhos são lindos, seria um

pecado estragá-los. – Ele enfiou um dedo no livro que estava lendo e estendeu a outra mão para afagar o espaço ao seu lado. – Venha aqui.

Julia se juntou a ele na cama, notando que Gabriel estava lendo o diário da mãe.

– O que fez você decidir ler isso?

– Já que vou começar a investigar minha

família, achei melhor não adiar mais.

– Está deixando você triste?

Ele largou o diário e coçou os olhos por trás dos óculos.

– É, acima de tudo, trágico. Ela se formou no ensino médio e foi para a cidade grande, onde passou a dividir um apartamento com uma

amiga. Seu primeiro emprego foi na empresa do 682/1201

meu pai. Uma das secretárias dele tirou licença-maternidade e ela assumiu a vaga com o tempo -

porária. Foi assim que eles se conheceram .

– Ela era jovem . – Julia pegou a mão dele.

Ele baixou os olhos para suas mãos unidas.

– Quase tão jovem quanto você quando a conheci.

Engraçado como a história se repete.

– Não diga isso – falou Julia com a voz grave. –

Você poderia ter escolhido esse caminho. Mas não escolheu. Nossa história é diferente.

– Eu escolhi esse caminho com outra pessoa.

Julia sentiu a raiva se acender dentro dela.

– Você não abandonou Paulina. Cuidou dela

por anos e anos. Também é o tipo de homem que abandonaria o próprio filho.

– Repita isso. – A voz de Gabriel era um a m istura de gem ido e súplica.

Julia ergueu as m ãos para tirar-lhe os óculos, inclinando-se sobre o corpo dele para pousá-los 683/1201

na m esa de cabeceira. Então levantou o rosto, ainda encostada nele.

– Gabriel Em erson, você não é o tipo de

hom em que abandonaria seu filho. E, por m ais que goste de pensar em si m esm o com o sedutor, nós dois sabem os que seduzim os um ao outro.

Ele alisou seus cabelos com carinho, erguendo-lhe em seguida o queixo e colando os lábios aos dela.

– Seduzim os um ao outro. Você foi a única

m ulher que m e convenceu a entregar o m eu coração. E ainda m e seduz, Sra. Em erson. Todos os dias.

Gabriel tornou a acariciar os cabelos dela.

– Parece que o caso dos m eus pais com eçou

quando eles estavam fazendo hora extra na

em presa. Certa noite, ele a beij ou. As coisas evoluíram ...

– Ele a am ava?

684/1201

– Dizia que sim . Com prava-lhe presentes extra-vagantes. Não perm itia que fossem vistos j untos em público, m as se encontravam em hotéis.

Inconscientem ente, Julia levou a m ão ao seu colar.

– Vi algum as das j oias dela na sua gaveta. Artigos da Tiffany e algo parecido com um a aliança.

Gabriel fechou a cara.

– Ele deu aquele anel para ela quando eu nasci.

Ela costumava usá-lo e fingir que estava casada.

Que farsa ridícula.

– Talvez ele tenha feito isso para protegê-la.

– Julianne, meu pai não fez nada para protegê-

la. – A voz dele soou fria. – Ela era jovem e tinha sido protegida pela família a vida toda. Esperava

que meu pai fosse largar a esposa e os filhos por ela. É claro que não foi o que aconteceu.

Julia o abraçou com força.

– O que você fez para descobrir mais sobre a sua família?

685/1201

– Enviei um e-mail para Carson, pedindo que ele fizesse uma pesquisa sobre os Emmons e sobre meu pai. – Gabriel pigarreou. – Dei alguns telefonemas hoje e consegui marcar uma consulta com o Dr. Townsend. E com um

urologista.

– Estou orgulhosa de você. Sei que está ansioso.

Mas enfrentaremos juntos o que descobrir, independentemente do que seja.

Ele suspirou e pousou a mão em volta da nuca de Julia.

– Se tiver falado sério quando disse que gostaria de descobrir mais sobre a sua mãe, conte com a minha ajuda.

Ela se virou para deitar de costas, erguendo os olhos para o teto.

– As coisas dela estão com meu pai. Não acho que seja uma boa hora para perguntar sobre isso.

Ela já está com muitos problemas na cabeça.

– Tem razão. Teve notícias dele?

686/1201

– Diane me enviou um e-mail sobre me

vestido de dama de honra. Devo buscá-lo assim que chegarmos.

Julia

ficou

calada

por

alguns

instantes,

pensativa.

– Você acha que Deus o perdoou? – indagou

por fim .

Ele franziu as sobrancelhas.

– Por que está me perguntando isso?

– Por causa da nossa conversa no chuveiro.

Você dá a impressão de achar que seu passado não foi verdadeiramente perdoado.

Gabriel se remexeu ao lado dela.

– Quando eu estava em Assis, depois da nossa separação, tive a sensação de que Deus havia me perdoado, sim .

– Mas ainda olha para si mesmo e não gosta do que vê? – O tom dela era gentil.

– Por que deveria? Tenho tantos defeitos.

687/1201

– Assim como todos os seres humanos, me

amoro.

– Talvez eu seja mais consciente dos meus

pecados.

– Talvez não tenha aceitado a graça e o perdão que lhe foram oferecidos.

Ele a fitou com um olhar severo.

Julia se aconchegou contra seu corpo.

– Não me leve a mal. Já vi quanto você evoluiu, e é um verdadeiro milagre. Mas parte desse milagre é reconhecer a magnitude da graça que

recebeu.

– Eu fiz tantas coisas terríveis – sussurrou ele.

– E o perdão de Deus é tão pequeno. – Julia olhou de esguelha para ele.

– Não é isso que eu penso.

– Mas age com o se pensasse, com o se ainda estivesse no inferno. Com o se Deus não pudesse

perdoá-lo.

– Quero me elhorar.

688/1201

– Então seja me elhor. Aceite que Deus não o fez chegar tão longe apenas para abandoná-lo. Ele não é esse tipo de pai. E você também não será.

Gabriel refletiu sobre as palavras dela por um momento.

– Se o que você diz é verdade, então não tem

motivo para ter medo de ser mãe. Independentemente do que tenha acontecido com Sharon ou no seu passado, a graça está ao seu alcance.

– Acho que nós dois precisamos superar os nossos medos.

Ele acariciou seu rosto antes de rolar para cima dela.

– Você será uma mãe maravilhosa – sussurrou, colando os lábios aos

de Julia.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Feriado do Dia do Trabalho, 2011

The Hamptons, Nova York

– Que foda! – exclamou Sim on, caindo em cima dela.

– Põe foda nisso. – Ela deu um a risadinha, passando os braços em volta dele. – Foi incrível.

Sim on não podia discordar. Mal conseguia sentir o próprio corpo, de tão forte que havia sido o orgasmo.

É claro que o fato de ele e April Hudson terem bebido mais coisas do que deveriam talvez tivesse algo a ver com isso.

Sim on tinha a vaga sensação de ter se esquecido de alguma coisa importante. Alguma coisa relacionada a April.

690/1201

Ela montou sobre ele.

– Vamos de novo – falou, com a voz arrastada, inclinando-se sobre o corpo de Sim on. – Quase não doeu. Não sei por que esperei tanto...

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Feriado do Dia do Trabalho, 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

– Seu pai tem usado este cômodo com o quarto de hóspedes, mas estavam os pensando em

transformá-lo em um quarto de bebê. – Diane ab-

riu a porta para o pequeno aposento contíguo ao quarto principal.

Julia entrou logo atrás dela, carregando uma sacola de presente azul e branca.

Faltavam poucos dias para o casamento e ela estava ajudando Diane a

arrum ar a casa.

– Eu queria pintar as paredes e preparar o quarto antes de o neném nascer. Mas agora... –

Diane esfregava a mão na barriga.

692/1201

– Não vej o motivo para não deixar o quarto do bebê pronto.

Julia correu os olhos pelo cômodo, detendo-se em três caixas de aparência familiar no chão do closet.

– Talvez ele não venha para casa – sussurrou

Diane, à beira das lágrimas.

Julia passou um braço em volta dos ombros

dela.

– O hospital e os médicos estão habituados a casos como este. E muitas crianças já passaram pelas cirurgias que o pequeno Minduim vai precisar fazer.

– Minduim ?

– Já que ele ainda não tem nome, eu o chamo de Minduim .

Diane apertou com mais força a própria

barriga.

– Gostei. Minduim .

693/1201

– Estam os todos torcendo e rezando por ele.

Decorar o quarto do bebê pode ser um modo de expressar essa esperança, a sua crença de que ele virá para casa. – Julia brincou com a sacola que carregava. – Com preparei um presente para você e o neném .

– Obrigada. É o primeiro presente que ganham os.

– Já que ele é meu irmãozinho, quis ser a
primavera. Abra.

Diane afastou com cuidado o papel de seda,
revelando um objeto retangular em brulhado.

Largou a sacola no chão e desembrulhou o
presente. Encontrou a imagem de um querubim tocando um violão,
numa moldura dourada.

Ela o ergueu para admirá-lo melhor.

– Sei que você tem hesitado em se preparar para a chegada do bebê –
falou Julia, com voz suave. –

Mas achei que o anjo poderia ser um símbolo de esperança. O quadro
se chama *Angelo musicante*, 694/1201

e está exposto na Galleria degli Uffizi, em

Florença.

– Obrigada, querida. – Diane lhe deu um abraço. – É muito gentil da sua parte.

Ela foi até a janela e pôs a moldura sobre o peitoril largo,
recostando-a no vidro. Era como se tivesse sido feita para aquele lugar.

– Seu pai estava pensando em transformar o seu quarto num quarto
de hóspedes depois que o bebê nascer.

– Não é exatamente o meu quarto. Eu cresci na antiga casa do meu
pai.

– Você é minha filha, sem precisar ter um quarto na minha casa –
disse com a voz áspera atrás delas.

Ao se virarem, Diane e Julia depararam com

Tom parado diante da porta.

– É muito gentil da sua parte, papai, mas não precisa reservar um
quarto para mim.

– É o seu quarto. – O tom de voz e a expressão dele deixavam claro que não haveria discussão.

695/1201

Julia se limitou a suspirar e concordar com a cabeça.

Ela gesticulou para as paredes, que eram brancas.

– Já escolheram as cores?

Diane sorriu.

– Azul-claro e vermelho. Estava pensando em um tema marítimo. Talvez pintar um mural com um veleiro na parede. Acho que poderia trazer uma sensação de paz para o bebê.

– Acho lindo. Vou procurar algumas roupas decorações e artigos com temas de veleiros.

– Obrigada.

– Vou me certificar de que meu irmãozinho tenha tudo de que precisar. Estou louca para mimá-lo.

Os olhos de Tom ficaram marejados. Mas ele já admitiria isso.

– Então você decidiu decorar o quarto? – perguntou ele à noiva.

696/1201

– Acho que deveriamos ajustar algumas coisas.

Talvez não tudo. Depois da lua de mel, poder-

iam os pintar as paredes. – Diane ergueu os olhos para o rosto dele, sua expressão cautelosa e esperançosa.

– Com o preferir. – Tom se inclinou para beijá-

la, pressionando de leve a palm a da m ão sobre o ventre onde o filho deles crescia.

Julia cam inhou até a porta, querendo dar a eles um pouco de privacidade.

– Vou dar um pulinho lá em baixo e ver o que Gabriel e tio Jack estão fazendo.

– Desculpe, querida.

Diane se afastou do noivo, m as não antes de

levar suavem ente sua m ão até onde a dele

repousava.

– Vai querer levar isso? Acho que eram da sua m ãe. – Diane apontou para as caixas no chão do closet.

697/1201

O clim a no quarto m udou rapidam ente quando Tom e Julia olharam na direção em que Diane apontava.

– O quê? – disse Tom , ríspido.

– Essas coisas só estão ocupando espaço aqui.

Talvez Julia queira levá-las para a casa dela em Massachusetts. Mas, se não quiser, ou não quiser levá-las agora, tudo bem . Eu as abri só para ver o que era e depois tornei a fechá-las. Topei com

elas quando estava esvaziando este quarto.

– Eu gostaria de dar um a olhada nas coisas da

m am ãe.

Julia notou que o pai abria e cerrava os punhos ao seu lado.

– Este não é o tipo de conversa que eu gostaria de ter três dias antes do m eu casam ento – resm ungou Tom .

– Meu am or... – falou Diane em tom de

censura.

– Está certo. Por que não pede para Gabriel vir aqui em cima e me ajudar a carregá-las até o carro de vocês?

Julia assentiu e saiu do quarto, mas não antes de ver seu pai puxar Diane para um abraço.

Enquanto descia as escadas até o hall de entrada, ouviu vozes vindo da sala de estar.

– Já contou a ela?

Julia reconheceu a voz do seu tio Jack, irmão de Tom .

– Ainda não. – Gabriel parecia tenso.

– Vai contar? – A voz rouca de Jack ficou mais alta.

– Com o que as coisas têm estado tranquilas, não vejo a necessidade. Ela já teve aborrecimentos de mais nos últimos tempos. Não vou lhe dar mais um .

– Acho melhor que ela não esteja vivendo com medo.

– Ela não está – disse Gabriel, já perdendo a paciência.

– Se eu descobrir o contrário, eu e você teremos um problema.

Quando os passos de Julia ecoaram ao longo do chão de madeira, as vozes pararam .

Ela entrou na sala de estar e viu Jack parado diante da parede oposta, com um ar hostil.

Gabriel estava em pé a poucos metros dele, com uma postura semelhante.

– O que está havendo? – perguntou ela.

Gabriel ergueu o braço e ela se aproximou,



aconchegando-se ao seu lado.

– Nada. Conseguiu aj udar Diane?

– Um pouco. Mas preciso da sua aj uda agora.

Tenho que carregar um as caixas até o carro.

– Claro. – Gabriel lançou um olhar significativo para Jack enquanto seguia Julia em direção ao hall.

700/1201

No dia anterior ao casam ento, Julia concordou em aj udar a irm ã de Diane, um a das m adrinhas, a resolver algum as coisas na rua. Passou na florista para conferir se estava tudo certo com a encom enda, foi à igrej a para dar um a olhada na decoração e deu um pulo no restaurante Kinfolks.

Não teria escolhido o Kinfolks com o local para o j antar de ensaio, m as, com o era um lugar que tinha valor sentim ental para os noivos, Julia guardou sua opinião para si.

Tinha acabado de sair da reunião com o dono e o gerente para se certificar de que tudo estaria pronto para a noite quando topou com Deb

Lundy , a ex-nam orada de seu pai, e com Natalie, filha dela.

Julia tentou abrir um sorriso artificial quando Deb se aproxim ou.

– Oi, Jules. Quanto tem po.

701/1201

– Oi, Deb. Com o vai?

– Tudo bem . Natalie veio passar o feriado em casa e estam os fazendo um as com prinhas. – Deb ergueu as várias sacolas que carregava.

Julia alternava olhares nervosos entre a loura alta e sua filha, que estava parada a poucos m etros de distância com um a expressão azeda. As duas vestiam roupas caras e sandálias de grife e carregavam bolsas Louis Vuitton grandes.

Natalie era um a j ovem atraente, com cabelos ruivos e olhos verdes. Ela e Julia tinham sido colegas de quarto na Universidade de Saint

Joseph. Tinham sido até am igas. Mas isso foi antes de Natalie dorm ir

com o namorado de

Julia, Simon, e convidá-la a se juntar a eles em um *ménage à trois*.

– Natalie deveria estar nos Hamptons este fim de semana com o namorado. Você se lembra

dele, não? Simon Talbot, o filho do senador?

– Lembra.

702/1201

Julia resistiu à tentação de tecer mais

comentários. De qualquer modo sabia exatamente quem Simon tinha sido na vida de Julia e que ele tinha sido preso havia dois anos por tê-la agredido. Infelizmente, o episódio resultara apenas em um acordo judicial e em uma pena de serviços comunitários para o réu.

Ignorando o óbvio desconforto de Julia, Deb

continuou tagarelando:

– A Sra. Talbot ficou doente, então a viagem

para os Hamptons foi cancelada. Mas fiquei feliz por Natalie ter podido vir para casa. Nos vemos tão pouco agora que ela está trabalhando na campanha

presidencial do senador. Ela tem um cargo muito importante.

– Meus parabéns – disse Julia, tentando evitar que o desprezo transparecesse em seu tom de voz.

Natalie ignorou Julia e se dirigiu à mãe:

– Tem os filhos indo e vindo.

703/1201

Julia analisou a ex-colega com curiosidade. A última vez que tinham se visto fora naquele mesmo restaurante. Natalie a havia abordado e lhe mostrara o trecho de um vídeo que Simon gravara. Nele, Julia aparecia em uma situação comprometida. Natalie também havia divulgado o vídeo na internet se ela não retirasse sua queixa de agressão contra Simon.

Em um a surpreendente reviravolta, Julia se

m anteve firm e. Am eaçou, inclusive, contatar o j ornal *The Washington Post* e revelar a eles que Sim on tinha m andado sua nova nam orada

chantageá-la. O senador não gostaria nada disso.

Na época, Natalie duvidara que Julia fosse levar

♦ ♦ ♦

adiante sua am eaça. Mas provavelm ente tinha m udado de ideia. Não havia indícios de que o vídeo tivesse sido com partilhado ou postado

onde quer que fosse. Pelo j eito, eles tinham desistido.

704/1201

Às vezes Julia se perguntava por que nunca

m ais tinha ouvido falar deles. Mas, no fim das contas, se contentara em esquecer o assunto e aceitar sua boa sorte.

Ao topar com Natalie agora, Julia esperava que ela fosse ser grosseira ou agressiva; que recorresse a am eaças veladas ou indiretas. Mas ela apenas

lhe pareceu agitada, trocando o peso do corpo de um pé para o outro e olhando o tem po todo para a saída. Era com o se estivesse com m edo de algum a coisa.

Julia não viu ninguém am eaçador no restaur-

ante ou na calçada do lado de fora. Perguntou-se o que tanto incom odava Natalie. E por que sua presunção e arrogância tinham desaparecido

com o num passe de m ágica.

Deb gesticulou para a filha, m andando-a

esperar.

– Foi um prazer revê-la, Jules. Fiquei sabendo que seu pai vai ser casar de novo.

705/1201

– Sim , am anã.

– Nunca achei que ele fosse do tipo que se casa.

Im agino que a idade faça isso com as pessoas.

Julia ergueu um a sobrancelha. Deb era tão velha quanto o pai, isso se não tivesse um ou dois anos a m ais. De todo m odo, ela não tinha nenhum interesse em criar polêm ica.

– Vam os. – Natalie puxou o braço da m ãe e as duas seguiram em direção à porta.

Julia observou-as se afastarem com a nítida sensação de que havia algo que ela não sabia.

Algo im portante.

Dois dias depois, Rachel estava debruçada sobre a

ilha da cozinha, descansando a cabeça sobre o braço esticado.

706/1201

– Não está exausta? – perguntou ela. – Ficam os na rua até tarde na noite do j antar, e ontem tam -

bém , no casam ento. Preciso dorm ir m ais.

Julia riu enquanto debulhava m ilho para o

j antar.

– Acho que foi bom eu ter tirado um cochilo hoj e à tarde.

Rachel revirou os olhos.

– Ah, é, tirou, sim . Gabriel disse que tam bém cochilou esta tarde, m as m eu irm ão nunca cochilou um dia sequer na vida e duvido m uito que consiga fazer isso com você na m esm a cam a que ele.

As faces de Julia ficaram rosadas, então ela fo-cou toda a sua atenção no m ilho e m udou de

assunto:

– O casam ento foi lindo. Nem acredito que

pude dançar com papai no casam ento dele.

– Acho que não vou ter energia para com em or-ar seu aniversário hoje à noite, Jules. Desculpe, 707/1201

sou um a péssim a am iga. – A voz de Rachel foi abafada por um bocej o.

– Por que não vai tirar um a soneca?

– Eu tentei. Com o no seu caso, m eu m arido foi atrás de m im . Ou sej a, não dorm i nada, m as trabalham os duro na tentativa de fazer um filho.

Julia deu um a risadinha.

– E com o vai isso?

Rachel desm oronou para a frente, de um j eito dram ático.

– Preciso de férias.

– De tentar fazer um filho?

Rachel resm ungou com os olhos fechados.

– Sim , pelo am or de Deus. Estam os transando o tem po todo e nada de eu engravidar. É deprim ente. – Ela abriu os olhos e descansou a

cabeça sobre a m ão virada para cim a. – Preciso de

um descanso. Deixe-m e passar uns dias na sua casa. Prom eto que não vou atrapalhar.

– Achei que você quisesse um bebê.

708/1201

– E quero, m as a que custo? Nunca achei que

fosse dizer isto, m as estam os fazendo sexo de-m ais. Estou com eçando a m e sentir um a

m áquina.

– Opa, onde é que eu vim m e m eter? – Os olhos de Gabriel se

estreitaram quando ele entrou na cozinha, vindo da varanda dos fundos.

– Não é nada. Sua irmã só está exausta. Rachel, esqueça o jantar e vá deitar no nosso quarto.

Você pode descer na hora da sobremesa.

– Sério?

Julia brandiu um a espiga de milho na direção das escadas.

– Vá.

Com o um raio, Rachel saiu do banquinho e atravessou a porta correndo.

Gabriel a observou ir em bora, balançando a cabeça.

– Diga-me e que não vamos os ficar assim .

709/1201

– Não vamos os ficar assim . – Ela deu um beijo na têmpora dele.

– Promete?

– Prometo.

– Você me convenceu a fazer a reversão, aconteceu o que aconteceu. E quase me convenceu também -

bém de que me eu histórico familiar não importa.

– E não importa me esmoro, querido. Acredite em mim .

Ele tirou a espiga de milho de Julia e a pôs de lado, pegando a mão dela.

– Não podem os criar muitas esperanças. Já faz quase dez anos que fiz a vasectomia.

– Ficaria feliz em adotar. Mas, pelo nosso bem , quero que tentem os ter um filho biológico. Um dia. E com meus dramas do que estão os vendo com Rachel e Aaron.

Ele riu e a puxou para os seus braços.

Julia se aconchegou a ele, sua boca se abrindo num bocej o demorado.

710/1201

Gabriel a fitou com preocupação.

– Por que não sobe para tirar um cochilo?

– Ainda tenho m uita coisa para fazer.

– Bobagem . Richard está lendo na varanda dos fundos e Aaron está roncando em frente à TV.

Acho que vam os acabar j antando tarde m esm o.

– Deixei Rachel dorm ir no nosso quarto.

– Então use o sofá do escritório. – Ele beij ou a testa dela. – Você trabalhou duro tanto no j antar quanto no casam ento. Um a soneca lhe faria bem .

– Gabriel lhe deu um a piscadela. – Já que não conseguiu dorm ir de tarde.

Julia o beij ou e saiu da cozinha.

Ao se ver sozinho, Gabriel retirou um pequeno livro de couro da sua pasta e foi se j untar ao pai na varanda.

– Está um dia lindo – com entou Richard,

fechando seu rom ance policial.

711/1201

– É verdade. – Gabriel se sentou na es-

preguiçadeira ao lado da que seu pai adotivo

ocupava.

– O que está lendo?

Gabriel lhe m ostrou o livro, que tinha a palavra *Diário* estam pada na capa em letras douradas.

– É o diário da minha mãe.

Os dois trocaram olhares.

– Encontrei nele algo que pertencia a Grace. –

Gabriel abriu duas folhas que tinham sido dobradas e enfiadas dentro do diário.

Richard olhou para os papéis com interesse.

– O que tem nelas?

– Nom es, endereços e números de telefone.

Uma tem os dados do meu pai. A outra, os de Jean Emerson, de Staten Island. Era a minha avó.

– É a primeira vez que você vê essas folhas? –

Richard encarou o filho.

712/1201

– É. Grace me deu as coisas da minha mãe quando eu era adolescente. Mas eu nunca tinha mexido nelas.

Richard assentiu, com uma expressão reflexiva no rosto.

Gabriel olhou para a caligrafia de Grace.

– Fico me perguntando por que ela fez isso.

– Tenho certeza de que conversam os dois com você sobre isso na época. Não lembra?

Por um momento, a atenção de Gabriel se

voltou para o bosque atrás da casa.

– Só de algumas poucas partes.

– Quando sua mãe morreu, os assistentes sociais localizaram sua avó e pediram que ela o acolhesse. Ela se recusou. Grace telefonou para ela, tentando descobrir qual era o problema. Depois de falar com sua avó, guardou seu nome e com -

pleto e endereço junto com as coisas da sua mãe, pensando que

talvez um dia você fosse querer procurá-la.

713/1201

– Não me lembre de Grace dizendo que falou

com a minha avó, só que os assistentes sociais localizaram meus parentes e que eles não quiseram nem saber de mim.

Richard franziu o cenho.

– Você era só um menino. Não fazia sentido

sobrecarregá-lo com todos os detalhes do que aconteceu. Achei que tivessem os contado depois que você cresceu.

Gabriel balançou a cabeça.

Richard franziu os lábios.

– Me desculpe. Deveria ter contado.

– Não tem por que se desculpar. Você e Grace me acolheram quando aqueles que eram sangue do meu sangue me rejeitaram.

– Você é nosso filho. – A voz de Richard ficou rouca. – Sem pre foi nosso filho.

As mãos de Gabriel apertaram o diário com

meus dedos.

714/1201

– Você vai ficar... ofendido se eu tentar descobrir meus pais

biológicos?

– É claro que não. São suas origens e você tem todo o direito de conhecê-las.

– Você é meu pai – disse Gabriel baixinho.

– E sem pre serei – falou Richard. – Aconteça o que acontecer.

– Coloquei você e Grace em perigo. Vocês hi-

potecaram a casa em que viviam para m e salvar.

– O amor de um pai é incondicional. Independentemente do que fez ou deixou de fazer, você nunca deixou de ser nosso filho. Eu apenas rezei para que um dia você voltasse para nós. E foi o que fez.

Gabriel começou a balançar os olhos, agitado.

Os olhos acinzentados de Richard ficaram

muito intensos, observando-o.

– Não trouxe os você ao mundo, mas você é

nosso filho. Seu lugar era conosco.

715/1201

– O que Grace falou para a minha avó?

Richard se recostou na espreguiçadeira.

– Acho que ela explicou quem era e o que tinha acontecido com a sua mãe. Sei que falou sobre você. Tinha esperanças de conseguir fazer sua família mudar de ideia.

– Mas não conseguiu, certo?

– Não. – A expressão de Richard ficou car-

regada. – Sua avó estava cega por sua própria m oralidade e com raiva da filha. Ela deserdou sua mãe quando ela ficou grávida e duvidou que as duas tenham voltado a se falar depois disso.

– E quanto ao meu pai? Grace entrou em con-

tato com ele também ?

Richard se remexeu na espreguiçadeira.

– Sei que falam os sobre isso com você por causa da sua certidão de nascimento. Seu pai convenceu sua mãe a não incluí-lo nela, e é por isso que a certidão só tem o nome e meu eterno.

716/1201

– Mas então com o Grace conseguiu encontrá-

lo?

– Através da sua avó. Ela não estava muito interessada em ajudar o neto, mas se mostrou disposta a revelar o nome e do seu pai. Tinha o endereço e o número de telefone dele, que devem ser os que você tem aí. – Richard indicou o diário com um gesto. – Grace sabia que seria melhor

não telefonar para a casa dele. Em vez disso, ligou para o escritório. Ele se recusou a falar com ela.

– Lembrou-me de Grace dizendo que meu pai

sabia onde eu estava, mas que não viria me buscar.

– Ela esperava que seus parentes fossem acolhê-

lo, por isso entrou em contato com eles.

– Grace sempre esperava o melhor das pessoas.

– É verdade. Mas não era nenhum bobão. De-

pois de falar com sua avó e tentar em vão fazer contato com seu pai, desistiu. Você tem sido nosso filho desde então. – Ele olhou para Gabriel 717/1201

com tristeza. – Grace esperava poder estar aqui quando você encontrasse essas folhas. Sei que ela iria querer conversar com você sobre isso.

– Eu deveria ter procurado por elas mais cedo.

Ele pensou por alguns instantes sobre a visão que tivera de Grace e sobre como ela o havia perdoado. Ainda sofria pela morte dela.

– Julianne tem muito carinho por você. – Gabriel mudou de assunto, mas esmoreceu o que fosse apenas para se livrar de seus devaneios dolorosos.

– E eu por ela. Devo agradecer tanto a ela

quanto a você por terem-me permitido voltar para casa.

– Esta sempre será a sua casa. – Gabriel se reclinou na cadeira. – Ela acha que, se Deus é com o meu pai, deve ser com o você.

Richard riu.

– É um grande elogio, mas está longe de ser verdade. Sou tão im-
perfeito quanto qualquer outra pessoa.

718/1201

– Quem me dera ter um quarto da sua im perfeição – murmurou
Gabriel, baixando a cabeça.

– Grace e eu sem pre pensamos em você com o um a dádiva. Mas,
desde que ela morreu, percebi algo ainda mais profundo.

Gabriel ergueu a cabeça, virando-a na direção do pai.

– Sei que sente algum tipo de gratidão por nós termos decidido adotá-
lo, com o se tivessemos lhe feito um favor. Mas está vendo as coisas
de uma perspectiva errada.

Richard olhou dentro dos olhos de Gabriel.

– Deus o deu para nós porque sabia que pre-
cisávamos de você.

Os dois trocaram um olhar desolado antes de voltarem sua atenção
para o pombal e se perderem no silêncio. E, se alguém com entasse
que os olhos de Gabriel estavam marejados, ele diria que era alergia.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

9 de setembro de 2011

Durham, Carolina do Norte

April Hudson saiu do prédio em que morava

com a intenção de pegar seu carro e ir para o campus da
universidade, mas foi detida bruscamente por um homem com um
buquê de rosas.

– Olá – disse ele com um sorriso.

– Sim, sim! – Ela correu em sua direção, jogando os braços em volta do
pescoço dele e gritando: –

O que está fazendo aqui?

– Vim ver você. E lhe trazer estas flores. – Ele ergueu a dúzia de rosas vermelhas de hastes longas que segurava na mão esquerda.

– São lindas. Obrigada. – Ela saltitou e tornou a abraçá-lo.

720/1201

Ele riu da sua exuberância e retribuiu o abraço, enterrando o nariz em seus longos cabelos louros.

– Estava preocupada que nunca mais fosse vê-

lo. Quer entrar? – murmurou ela com o rosto

apertado em seu pescoço.

Ele assentiu e ela o conduziu até o elevador.

– São mais muito bonitas. – Ela aproximou o buquê do rosto, inalando o perfume. – E você escolheu rosas vermelhas desta vez. Da primeira vez que saímos você me deu rosas brancas.

– Branco simboliza pureza, virgindade. – Ele esticou a mão para acariciar seus cabelos. – Não é mais o caso.

Ela se retraiu, com o se tivesse levado um tapa, e se apressou em estender as flores de volta para ele.

Simon estava prestes a lhe perguntar qual era o problema quando a porta do elevador se abriu.

April passou por ele e foi andando a passos

721/1201

rápidos pelo corredor, com o barulho das

sandálias ecoando.

– April? Espere. – Ele correu atrás dela, ainda segurando o buquê.

Ela sacou as chaves da mochila e abriu a porta do apartamento, escondendo-se atrás dela com o se pretendesse batê-la na cara de Simon.

– Espere um instante. – Ele espalmou a mão contra a porta, mantendo-a aberta.

– Olhe, você não precisava ter pegado um avião até aqui só para me dar flores e tripudiar sobre mim. Sei que não sou mais virgem.

– Do que você está falando? Não estou aqui para tripudiar.

– Você contou para todos os seus amigos?

Aposto que eles me orreram de rir. Leve a boa garota cristã para sair duas vezes e ela vai dar para você com o se fosse a noite do baile de formatura.

– Não foi nada disso – disse Simon, encarando-a.

722/1201

– Depois que passam os dois meses juntos você não entrou em contato comigo. Não ligou, não me mandou mensagem. Agora chega o fim de dois meses de novo e você aparece na minha porta.

Você se despendeu até aqui por uma trepada?

– Claro que não. Se você me deixar explicar, eu...

– Não sou uma trepada, Simon. Tome suas rosas vermelhas e volte para Washington. Não posso me pedir que fique se gabando do que houve entre nós, mas seria decente da sua parte se me

deixasse contar para os meus pais primário. Não quero que papai leia no jornal sobre como fiquei bêbada e fui para a cama com você no nosso segundo encontro.

Ela começou a fechar a porta, mas ele forçou o braço, me pedindo-a.

– Espere um pouco. Posso entrar?

– Não.

723/1201

Simon se inclinou mais para perto, baixando a voz:

– Vim aqui porque queria ver você. E escolhi rosas vermelhas porque achei que você fosse gostar.

April agarrou a beirada da porta com força, mas não respondeu.

– Deixe-me e levar você para jantar e então conversamos. Se não gostar do que tenho a dizer, pego o próximo voo de volta e você nunca mais vai me ver.

Ela estreitou os olhos verdes, desconfiada.

– Aonde você quer chegar?

– Eu gosto de você.

– Isso é tudo?

– Sim, é tudo. Não é o bastante?

– E quanto ao seu pai e a campanha

presidencial?

Sim, arregalou os olhos. Precisou de alguns instantes para se recompor.

724/1201

– Ele me pediu que a convidasse para sair. Eu convidei. Mas a política terminou *aí*.

– Não acredito. – A voz dela soou frágil, e ela parecia à beira das lágrimas.

– Tenha um pouco mais de confiança em si mesma, April. Você é linda e meiga. Não a teria convidado para os Hamptons e levado você para tomar medicações só por política.

A

expressão

dela

deixava

claro

sua

desconfiança.

– Estou falando sério. Agora ponha estas flores na água e deixe-m e levar você para j antar. – Ele estendeu as flores para ela e abriu um sorriso.

April hesitou, olhando para o buquê.

– Está bem . – Ela abriu m ais a porta para Sim on poder entrar. – Mas nada de m oj itos.

– Palavra de escoteiro – disse ele, levando a m ão à têm pora antes de fechar a porta atrás de si.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Após o feriado do Dia do Trabalho, Julia e Gabriel voltaram a Cambridge para o início do per-

íodo letivo. Ele iria dar um curso para a

graduação e outro para a pós na Universidade de Boston, enquanto ela voltaria ao seu doutorado em Harvard.

Na segunda sem ana de setem bro, Gabriel se

consultou com um renom ado urologista. Não

quis que Julia o acom panhasse, pois o horário co-incidia com o de uma de suas aulas.

Quando voltou para casa na hora do j antar, ela se j untou a ele, ansiosa.

– E então?

– Boa noite para você tam bém . – Ele roçou os lábios nos dela e recuou, observando-a.

– Estou com eçando a m e acostum ar com eles.

726/1201

Gabriel tocou a arm ação de casco de tartaruga dos óculos dela.

Ela os aj eitou, constrangida, antes de tirá-los.

– Só preciso deles para ler. Pelo m enos foi o que

o oftalmologista disse.

– Você parece um a bibliotecária sexy . Na verdade, acho que deveriam os levá-los para o escritório e apresentá-los às maravilhas do sexo em cima da mesa.

Julia riu.

– Você não vai me distrair com essa história de sexo em cima da mesa, professor Emerson.

Quero saber como foi a consulta.

O sorriso de Gabriel desapareceu.

– E se eu lhe prometer orgasmos consecutivos?

– sussurrou ele, agarrando sua mão e levando-a à boca. Ele a beijou ali, mordiscando a pele.

Ela engoliu em seco.

– Isso me parece... excelente. Mas ainda quero saber o que o médico disse.

727/1201

Ele se aproximou um passo, fazendo-a andar em direção à mesa da cozinha.

– E se eu lhe prometer sexo na mesa da cozinha, do tipo que você nunca experimentou antes?

Gabriel a sentou sobre a beirada da mesa, abrindo as pernas para que ele se encaixasse entre elas.

Julia levou a mão ao rosto dele.

– Eu diria que você está me deixando preocupada, pois está tentando me distrair com sexo.

Por favor, me conte o que aconteceu.

Gabriel se afastou e sentou-se pesadamente na cadeira mais próxima.

– Você cozinhou ou Rebecca deixou algum a

coisa pronta?

– Rebecca fez lasanha. – Julia saltou de cima da mesa para buscar um a Coca-Cola na geladeira.

Serviu o refrigerante em um copo com gelo e o entregou a ele. –
Espero que esteja com fome.

728/1201

– O médico disse que não sabe se a reversão é possível. – Gabriel
pousou o copo sobre a mesa, rápido.

– Ah, meu amor. – Ela se sentou em uma cadeira

ao seu lado e pousou a mão no braço dele.

– Ele está bem confiante de que poderiam os

fazer uma inseminação artificial se a reversão não for bem-sucedida,
mas preciso fazer um teste

para ver se estou produzindo espermatozoides saudáveis. Quando
tiver os resultados, ele irá determinar se devemos ou não marcar a
cirurgia de reversão. Meu teste está marcado para amanhã que vem

.

– E?

– Mesmo que ele faça a reversão, a probabilidade de sucesso é baixa.

– Gabriel pigarreou. –

Uma vez que o procedimento foi realizado há quase dez anos, as
chances de gravidez são de cerca de 30 por cento. Há a possibilidade
de meu 729/1201

organismo gerar anticorpos, de cicatrização e de um novo bloqueio
dos canais de espermatozoides.

– Não sabia que era tão complicado.

Ele esfregou os olhos.

– É bem mais complicado do que eu imaginava.

Mas devo tirar o chapéu para o médico por ter me dado uma explicação tão detalhada. Ele também -

bem me proibiu de fumar.

– Bem, isso é uma boa coisa. Quando irem os saber se o procedimento foi bem-sucedido?

– Segundo ele, posso voltar a ser fértil dentro de alguns meses, ou pode demorar um ano. – Ele

hesitou. – Ou nunca acontecer.

Julia se sentou no seu colo, passando os braços em volta dos ombros dele.

– Sinto muito, Gabriel. Queria ter ido com você. Poderia apoiá-lo.

– Você estava lá em pensamento. – Ele deu um meio sorriso. – Se não houver nada de errado com a produção de espermatozoides, podem os partir para 730/1201

a inseminação artificial. Se quiserem os, podem os colher o espermatozoides no momento da reversão e

congelá-lo para o futuro. – Ele brincou com seus cabelos. – O médico sugeriu que você se consultasse

com um ginecologista, caso haja algum problema de fertilidade do seu lado.

Julia fez uma careta.

Gabriel observou a expressão dela com atenção.

– Isso é um problema?

– Não. É só que detesto fazer esse tipo de

checkup, mas entendo que seja necessário. Já tenho uma consulta marcada.

– Infelizmente, o médico também disse que precisaremos os de três semanas de abstinência depois da cirurgia. Segundo ele, não posso ter nenhum ejaculação nesse período.

Julia arregalou os olhos.

– Três sem anas? *Scheisse*.

– Exatam ente. Tem certeza de que ainda quer fazer isso?

731/1201

– Não m e agrada nem um pouco ter que

aguentar três sem anas de celibato. – Ela es-

trem eceu. – Mas fui celibatária por m uito m ais tem po do que isso antes.

– É verdade. – Um sorriso brincou nos cantos da boca de Gabriel. – Isso vai ser novidade para nós dois; celibato conj ugal. Quem im aginaria que algo tão terrível fosse possível?

– Eu sem dúvida não im aginei. Exceto, com o você bem sabe, durante um a sem ana por m ês.

– Bem lem brado. Vam os ter que garantir que um a das três sem anas coincida com seu ciclo m enstrual. Ou então nosso celibato pode durar quatro sem anas.

– Você pensa em tudo, professor.

Os olhos de Gabriel ficaram carregados.

– Tenho m inhas necessidades.

Ela colocou seu peito ao dele, levando sua boca a poucos centím etros da do m arido.

732/1201

– Eu tam bém , professor. Estou certa de que

posso cuidar de algum as dessas necessidades sem envolver suas partes convalescentes.

– Partes convalescentes?

◆◆◆

– Vou cuidar m uito bem de você e de todas as partes do seu corpo. Você vai precisar de um a enferm eira.

Gabriel deslizou suas mãos para baixo,

espalmando-as sobre as nádegas dela.

– Estou gostando de ouvir isso. Enfermeira,

bibliotecária, aluna, professora, não há limites para os seus talentos, Sra. Emerson?

– Não. Na verdade, tenho outra identidade secreta.

– Ah, é?

Ela aproximou os lábios da orelha dele.

– Também sou a Lois Lane.

– Parece que vou ter que pegar meu uniforme de Super-Homem na lavanderia.

– Pelo jeito, vou ter um Natal feliz.

733/1201

– Ah, vai. – Ele lhe lançou um olhar caloroso, cheio de promessas. – Então vamos os dois marcar alguns dias para as consultas. Estão os dois mesmo decididos a perseguir esse caminho, certo?

– Certo.

– E também concordam os dois com a ideia

de fazer o doutorado antes de você terminar o doutorado.

Isso é apenas um a... preparação.

Ela sorriu e o beijou, então eles resolveram atrasar o jantar para fazerem sexo com ela no quarto na cozinha, durante o qual Gabriel fingiu ser o Super-Homem, que havia voltado para casa depois de um longo dia de trabalho no crime.

(Diga-se de passagem que sexo na cozinha quando se é um super-herói é uma experiência sexual melhor do que sexo na cozinha com um .)

Algum as horas depois, Julia e Gabriel estavam sentados no chão do quarto, vasculhando as

caixas de Sharon. Encontraram álbuns de fotografia repletos de fotos de bebê, além de brinquedos e o bracelete que Julia usara na maternidade.

Julia ficou surpresa ao ver que a mãe guardava lem-branças de quando ela era bebê. E ainda mais surpresa ao encontrar uma cópia da foto de

casamento de seus pais e várias outras de quando ainda eram namorados. Havia até algumas fotos de família anteriores ao divórcio.

Uma caixa continha jóias, lenços e fotos de Sharon com outros homens. Gabriel observou

Julia descartar estas últimas logo que as viu.

Levando em conta o que ele sabia sobre o casamento -

portanto de Sharon com seus namorados,

compreendia que Julia quisesse destruir todo e qualquer registro deles.

Ele deslizou o dedo pelas costas da mãe dela, acariciando os nós de seus dedos.

– Você tem um lar e uma família agora.

– Eu sei – retrucou ela, abrindo um sorrisinho que não chegou a seus olhos.

Ela procurou em vão pelo anel de noivado e

pela aliança de casamento de sua mãe. Mas eles provavelmente haviam sido penhorados e postos atrás. Nem conseguia se lembrar de quando os viu pela última vez.

Se Julia tivesse esperanças de encontrar respostas entre as coisas da mãe, teria ficado muito desapontada. Os objetos que achou ali não explicavam por que, aos olhos de Sharon, Julia havia deixado de ser a

bebezinha que ela amava mais do que tudo para se tornar um a presença irritante dentro de casa. Não explicavam com o álcool e o sexo tinham se tornado mais importantes do que a família.

– Querida? – A voz do marido a trouxe de volta de seus pensamentos.

736/1201

–

Um a

vida

inteira.

Três

caixas.

Que

desperdício.

Gabriel acariciou as costas dela com carinho.

– Por que ela não me amava? – murmurou

Julia.

Gabriel sentiu seu coração se despedaçar.

Sentou-se atrás dela, puxando-a para junto do peito.

– Quem me dera ter essa resposta. Tudo o que posso dizer é que entendo. Acredite, Julianne, eu entendo.

– É difícil para mim acreditar que ela me amou um dia.

– Ela guardou as fotografias. É óbvio que a

amou quando você nasceu. Dá para ver no rosto dela. E a amou depois disso também, enquanto era pequena.

– Mas amava mais o álcool.

– O álcool é um vício.

– Não quero parecer intolerante, Gabriel, mas não consigo entender com o alguém pode escolher álcool e homens em vez da própria filha.

O abraço dele ficou mais apertado.

– Não é o certo. Mas você nunca precisou lutar contra um vício, Julianne. Isso é algo que conheço bem até demais. Tenho certeza de que

houve momentos em que sua mãe quis parar.

– Ela buscou tratamento algumas vezes, sim.

– Todos estamos destinados à graça de Deus –

sussurrou ele.

Com o que ela não respondeu, ele continuou:

– A culpa é toda minha. Fui eu que insisti que revirássemos o passado de nossos pais, e aí está o resultado.

– Não foi você que me magoou. Que tolice

pensar que eu encontraria uma explicação em alguma dessas caixas. Se meu pai nunca a encontrou, com o que ela poderia estar em um monte de lixo?



– Suas coisas de quando era bebê não são lixo.

Vamos emoldurar as fotos e guardar as outras coisas em uma gaveta. Um dia, se tivermos uma garotinha, você poderá mostrar a ela quanto a mãe era bonita quando era bebê.

Julia apertou o rosto na curva do pescoço dele.

– Obrigada.

Ele a abraçou com força, segurando-a assim até que ela estivesse pronta para guardar tudo de volta nas caixas.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

– Desculpe, mas pode repetir? – disse Julia, com os olhos arregalados para a ginecologista.

Era a terceira semana de setembro e Julia

acabara de fazer seu checkup anual. Deveria ser um exame de rotina, com a intenção de descobrir se havia algum problema de fertilidade. No entanto, as observações da médica indicavam que os resultados podiam ser tudo, menos rotineiros.

– Quero que você faça um ultrassonografia.

Minha secretária irá contatar a radiologia do Hospital Mount Auburn e marcar o exame.

Quero que seja atendida imediatamente e estou acrescentando essa observação no meu encaminhamento – falou a Dra. Rubio, fazendo anotações rápidas na ficha da paciente.

O estômago de Julia se revirou.

740/1201

– Então é grave?

– Talvez. – A médica fez uma pausa, seus olhos escuros fitando os de Julia. – É bom que tenha vindo a esta altura. Encontrei algo em um de seus ovários. Precisamos saber o que é. Você vai fazer a ultrassonografia, o radiologista vai preparar um laudo e enviá-lo para mim.

A partir daí, verem os

o que fazer.

– Câncer? – Julia mal conseguiu pronunciar a palavra.

– É uma possibilidade. Pode ser um tumor benigno ou um cisto. Saberemos melhor em breve.

– A Dra. Rubio voltou a escrever. – Mas não deixe de fazer a ultrassonografia. É fundamental que você seja examinada com urgência.

Julia ficou sentada ali, imóvel.

Só conseguia pensar em Grace.

741/1201

– Meu bem , estou no meio da minha aula. Posso ligar de volta depois? – perguntou Gabriel em voz baixa ao telefone.

– Desculpe. Esqueci com quem fletam ente. Nos

vem os em casa.

Julia estava transtornada, lutando para não

chorar. Ouviu passos do outro lado da linha e o barulho de uma porta se fechando.

– Agora já estou no corredor. O que houve?

– Estou indo para casa. Espero você lá. Peça

desculpas aos seus alunos por mim .

Julia desligou antes de começar a soluçar. Algo no tom de voz dele, na sua paciência e doçura, piorou ainda mais a situação.

Assim que afundou o rosto nas mãos, ouviu o celular tocar. Não precisou conferir a tela para saber quem era.

– Alô?

– O que houve?

– Conto no jantar – disse ela entre soluços.

742/1201

– Não, conte agora, ou dispense meus alunos e vou encontrar você. Estou ficando preocupado.

– A médica encontrou algo no meu exame.

Houve silêncio do outro lado da linha.

Ela pôde ouvir Gabriel inspirar fundo.

– O quê?

– Ainda não sabem os. Devo fazer um a ul-

trassonografia no Hospital Mount Auburn o m ais rápido possível.

– Você está bem ?

– Estou. – Julia se esforçou ao m áxim o para soar convincente.

– Onde está agora?

– Estou voltando do consultório para casa.

◆◆◆

– Fique onde está. Vou buscar você.

– Você vai ter que cancelar a aula.

– Não posso dar aula sabendo que você está

sozinha e chorando. Não saia daí. Ligo de volta em um m inuto.

– Eu estou bem . Só um pouco chocada.

743/1201

– Você não está bem . Espere só um m inuto.

– Já estou quase em casa. Nos falamos daqui a pouco.

Ela desligou o celular.

Gabriel praguejou, então abriu a porta da sala de aula para dispensar os alunos.

Nos dias entre a consulta de Julia com a ginecologista e a ultrassonografia, Gabriel recebeu um telefonema do urologista, no qual foi informado de que sua produção de espermatozoides estava normal.

O professor Emerson era gloriosamente fértil.

(Diga-se de passagem que ele nunca chegou a

duvidar de fato de sua fertilidade.)

O alívio e a alegria foram ofuscados pela preocupação com Julia. Por não querer transtorná-

la, ele se fez de valente, mas no seu íntimo estava com medo.

Ela era jovem . Era saudável. É claro que, antes do diagnóstico, Grace também acreditava ser jovem e saudável. Quando foi descoberto, seu câncer de mama já estava em estágio avançado.

A virilidade e a força de Gabriel eram tão

grandes que ele quase nunca se sentia desam -

parado, se é que já havia se sentido assim . Mas ver sua amada esposa se virar de um lado para outro na cama noite após noite, sem conseguir dormir, lhe dava uma sensação de impotência.

Ela era um sol de luz, vida, amor e bondade.

E era possível que estivesse muito, muito doente.

Gabriel fechou os olhos e rezou.

– Meu amor? – A voz dela soou na escuridão.

– Sim ?

– Quero que me prometa uma coisa.

Ele se virou de lado para ficar de frente para ela.

– Tudo o que quiser.

– Prometa que, se algo de ruim acontecer

comigo, você vai se cuidar.

– Não diga uma coisa dessas. – O tom dele era desnecessariamente ríspido.

– Estou falando sério, Gabriel. Não importa se minha hora vai chegar em breve ou quando eu estiver velha e de cabelos brancos. Quero que me prometa que vai continuar no casamento em que está agora. Que será um homem bom , que viverá uma vida boa e tentará encontrar a felicidade.

Gabriel teve a sensação de estar sufocando uma enxurrada de emoções que lhe subiam à garganta.

– Jam ais encontrarei a felicidade sem você.

– Você encontrou a paz sem m im – sussurrou.

– Em Assis. Pode viver sem a m inha presença.

Nós dois sabem os disso.

Ele espalm ou a m ão sobre a barriga de Julia, seus dedos acariciando a pele nua da esposa.

– Com o um hom em pode viver sem seu
coração?

Julia apertou a m ão sobre a dele.

– Richard vive.

746/1201

– Richard não passa de um a som bra do que era.

– Quero que m e prom eta. Tenho m edo de você ter m e tornado algo
tão grande que, se algo

acontecer com igo, você vá... – Ela deixou a frase pela m etade.

– Sem pre precisarei lutar contra o vício, Julianne, m as não acho que
sej a capaz de voltar à m inha vida anterior. – Ele baixou a voz: – Se
fizesse isso, aí, sim , estaria sozinho.

– Prom eto que, onde quer que eu estej a, farei tudo ao m eu alcance
para aj udá-lo. Eu j uro. – A voz dela era um sussurro desesperado.

– Se você fosse Francisco e eu, Guido da Mon-

tefeltro, você viria resgatar m inha alm a, não viria?

– Juro que sim . Mas não acho que a sua alm a estej a correndo um
perigo m ortal.

Ele ergueu a m ão para traçar as curvas das

m açãs do rosto dela com o polegar.

747/1201

– Chega de conversas m órbidas. Se essa

prom essa for lhe trazer paz de espírito, então eu prom eto. Mas nem ouse m e abandonar.

Julia assentiu, seu corpo relaxando.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

No dia da ultrassonografia da esposa, Gabriel desm arcou suas aulas para acom panhá-la.

– Sinto m uito, senhor, m as não perm itim os a entrada de acom panhantes na sala de exam e.

Gabriel se em pertigou, revelando toda a sua altura, um a carranca distorcendo os belos traços do seu rosto. Ele olhou de cim a para a técnica m uito m ais baixa.

– Com o é que é?

A técnica apontou para um quadro de avisos na parede.

– É perm itida a entrada apenas do paciente. Fa-m iliares devem esperar aqui.

♦ ♦ ♦

Gabriel levou as m ãos à cintura, irritado, seu paletó se abrindo com o um leque.

– Ela é m inha esposa. Não vou deixá-la sozinha.

749/1201

– O exam e dura apenas trinta m inutos em m é-

dia. Daqui a pouco ela estará de volta. – A técnica m eneu a cabeça para Julia. – Sra. Em erson,

queira m e acom panhar.

Gabriel puxou o braço de Julia para detê-la.

– Vam os a outro hospital.

Julia passou o peso do corpo de um pé para o outro, praticam ente

dançando no corredor.

– Eles m e fizeram beber cinco copos d'água.

Estou louca para fazer xixi. Não m e faça passar por isso de novo.

– Não vou deixá-la entrar ali sozinha. – Os olhos de Gabriel, duas labaredas azuis, fitaram os dela.

– Isto não pode esperar – disse ela, incisiva.

Ele pestanej ou algum as vezes.

– E se houver algo de errado?

A técnica pigarreou, tornando a apontar para o quadro de avisos.

750/1201

– Não tenho perm issão para discutir o que o ex-am e revelar. Só a radiologista pode redigir um laudo oficial, que será enviado diretamente para a sua m édica.

Gabriel balbuciou alguns xingam entos bem

escolhidos e lançou um olhar fulm inante para a técnica, que quase caiu dura.

– Vou ficar bem , querido. Mas, se não quiser que m inha bexiga exploda bem na sua frente, vo-cê vai ter que m e soltar. – Julia cruzou as pernas.

Gabriel a observou se afastar, sentindo-se ao m esm o tem po furioso e desam parado.

Dois dias depois, Julia foi cham ada ao con-

sultório da Dra. Rubio para conversar sobre o laudo da radiologista. Gabriel a acom panhou.

751/1201

– Miom as – anunciou a m édica, triunfante. – Li

o laudo e vi a ultrassonografia. Concordo com a interpretação da radiologista.

– O que é um m iom a? – perguntou Julia, segurando a m ão de Gabriel.

– É um tum or benigno que pode surgir na superfície do útero ou dentro dele. São m uito

com uns. Segundo o laudo, você tem dois.

– Dois? – Julia soou apavorada. – Mas achei que você tivesse encontrado só um .

– Encontrei o m aior durante o exam e ginecoló-

gico. Com o ele está preso à parede externa do seu útero, achei que fosse parte do ovário. Tam bém há outro m enor m ais em baixo, na frente do

útero. – A Dra. Rubio fez um rápido esboço das entranhas de Julia, enquanto Gabriel tentava

bravam ente não desm aiar.

(Não podem os esquecer que seu vasto conheci-

mento sobre questões uterinas era essencialm ente tátil, e não visual.)

752/1201

– O m aior tem cerca de 5 centím etros. O m enor tem cerca de 3. – Ela apontou para o desenho com a caneta.

Julia sentiu um em brulho no estôm ago e afastou o olhar.

– Ela vai precisar de cirurgia? – Gabriel ignorou o desenho e fez contato visual com a m édica.

– Não necessariam ente. – A Dra. Rubio se voltou para a paciente. – Se não estão lhe

causando incôm odo, nossa tendência é não m ex-er neles. Vou prescrever um anticoncepcional para você. Os horm ônios na pílula vão retardar o crescim ento do m iom a.

– E quanto à fertilidade?

A Dra. Rubio conferiu o prontuário de Julia.

– Ah, sim . Vocês querem ter filhos daqui a alguns anos. Nós vamos monitorar seus miomas, mas, como estão localizados na área externa do útero, não creio que a fertilidade vá ser um problema. Porém, quando for engravidar, teremos que ficar de olho neles. Miomas tendem a crescer durante a gravidez por conta do aumento dos níveis

de hormônios. Eles podem ocupar espaço dentro do útero e causar partos prematuros. Mas tudo isso será monitorado no momento certo.

Por enquanto, considero que tivemos os nossos uma boa notícia. Vou pedir outra ultrassonografia para daqui a uns seis meses, apenas para verificar a evolução.

Julia e Gabriel trocaram olhares, então agradeceram à médica e saíram do consultório.

Mais tarde naquele noite, Gabriel estava

acordado na cama, olhando para o teto, e uma inexplicável sensação de pavor passava em sua

mente.

Tomando cuidado para não acordar Julia, saiu da cama e desceu o corredor até o escritório.

Acendeu a luz, fechou a porta e foi até sua mesa.

Em questão de minutos, o laptop estava ligado e ele pesquisava “miomias” no Google. Clicou em 754/1201

uma página que parecia promissora e começou a visualizar algumas fotografias dos tumores sendo removidos cirurgicamente.

Então desmaiou.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Gabriel teve a sorte de a cirurgia para reversão da vasectomia ter sido marcada para a primeira semana de outubro. Agora, era a vez de Julia faltar às aulas para acompanhá-lo ao hospital.

Não sabia do procedimento, ela acordou ao

som de Peggy Lee cantando “Fever”. Esse não era o tipo de música que Gabriel normalmente escolheria, mas a suave promissora. Julia vestiu o roupão e foi ao banheiro.

Gabriel estava parado em frente à pia, fazendo a barba, seus cabelos negros úmidos do banho, as pontas se enroscando em cachos. Ele estava de peito nu, uma toalha azul-escura enrolada bem baixo em volta dos quadris. Julia teve vontade de percorrer o topo do V que se estendia até debaixo

da toalha.

Com o sem pre, ele usava um pincel de barbear para fazer espuma com o sabão, espalhando-a no rosto. Por trás dos óculos, seus olhos cor de safira estavam concentrados enquanto ele erguia o

aparelho de barbear e com ele a raspar.

– À espreita pelas portas da casa, Sra. Emerson?

– falou, sem virar a cabeça.

– Vim ver o que estava deixando você febril, com o diapasal da música.

Gabriel se deteve e lançou um olhar tórrido

para ela.

– Você conhece muito bem a resposta.

– Eu sei o que aumenta a minha temperatura.

Não tem nada mais sexy do que ver o homem em quem você ama se barbear.

Ele enxaguou a lâmina.

– Que bom que você pensa assim, pois é parte essencial do meu dia.

– Os olhos dele brilharam.

– A não ser que você tenha se afeiçoado à minha 757/1201

barba por fazer. Se bem me lembro, pareceu gostar bastante dela ontem à noite.

Gabriel olhou para as coxas de Julia.

Ela sentiu suas faces se incendiarem. A quem -

brança de estar deitada de costas, com a barba por fazer de Gabriel se esfregando em sua pele...

Ele balançou a mão diante do seu rosto.

– Um a uma pelos seus pensamentos.

– Desculpe, o que foi?

Ele deu um a risadinha.

– Perguntei com o está se sentindo.

– Bem . E você? Nervoso?

– Não muito. Mas estou feliz por você ir

comigo. Devo estar no hospital às dez. Isso nos dá bastante tempo para algumas atividades depois

que eu terminar de me e barbear. Você precisa me dar algo a que me agarrar pelas próximas três semanas.

Ele continuou seu ritual, me ouvindo a lâmina

com habilidade.

758/1201

– Isso eu posso fazer. – Julia se aproximou dele e deu um beijo sensual em suas costas.

– Acho melhor esperarmos eu acabar. Você está me distraindo.

– Sério?

Ela tornou a beijá-lo, dessa vez passando os braços por cima dos ombros dele, sentindo os músculos de Gabriel se retesarem sob seus dedos.

– Não consigo evitar, professor. Adoro tocar

você.

Julia traçou os contornos dos seus bíceps, descendo até seus antebraços, admirando cada músculo e tendão. Deslizou os lábios pelas costas dele até chegar às covinhas sobre a toalha.

Ele pousou a mão com força na pia.

– Não consigo me e barbear com você me

tocando.

– Então talvez eu deva barbeá-lo.

– Ah, é? – Os dois trocaram olhares ardentes.

- Você gosta de mim e alimantar. Talvez eu goste de barbear você.
- Você está muito provocadora esta manhã.
- Talvez precise de um alim branco sexy para aguentar nosso celibato conjugal.

Gabriel largou a lâmina de barbear e fez um

gesto para o espaço à sua frente, um expressão bem -humorada no rosto.

Julia se enfiou ali, virando-se de frente para ele.

Com um movimento ágil, ele a levantou para sentá-la sobre a pia.

Ele abriu os olhos dela, afastando seu roupão do caminhar. Então parou entre as pernas.

Gabriel baixou o olhar.

- Está sem calcinha esta manhã?
- Não tive tempo de colocá-la.
- Sorte a minha. – Ele sorriu, enquanto desfazia o nó em volta da cintura de Julia. – Sorte nossa seu ciclo ainda não ter começado.

Ela pousou as mãos sobre as dele, detendo-o.

- Não vai me ensinar a barbeá-lo?
- Fazer a barba não tem tanta graça assim .
- Gostaria de fazer isso por você.

Ele deu um suspiro teatral, com o se ela estivesse abusando da sua paciência. Então pegou a

lâmina.

- Deslize a lâmina na direção do fio da barba, mas não faça pressão. Ela é muito afiada.

Ele se afastou, olhando no espelho enquanto

dem onstrava sua técnica. Satisfeito com sua exibição, enxaguou a lâmina antes de colocá-la na mão dela.

Julia olhou para ele e depois para o aparelho de barbear, fitando a lâmina que brilhava sob a luz das lâmpadas halógenas.

– Está com frio na barriga, Sra. Emerson?

– Tenho medo de fazer você sangrar.

Ele a encarou.

– Então agora sabe com o meu sentimento na sua primeira vez.

761/1201

O coração de Julia acelerou diante daquela lembrança -

branca. Gabriel estivera bastante apreensivo

naquela noite, mas também fora muito gentil.

Ele beijou o punho dela, sugando de leve sua pele.

– Tenha cuidado.

Ele separou as pontas do roupão de Julia,

afastando em seguida a seda de cima dos seus ombros. Então espalmou a mão sobre seus seios, sentindo as batidas do coração dela.

Julia arqueou a sobancelha.

– Você quer que eu faça sua barba sem nuca?

– Não. – Ele moveu a boca até sua orelha e

baixou a voz até um sussurro gutural. – Quero que faça minha barba completamente nua.

Sem pressa, ele soltou o cinto do roupão, com o seu desembrulhasse um presente. Então tornou a parar entre os olhos dela.

762/1201

– Não há nada mais sexy do que ser barbeado pela mulher que você ama enquanto ela admira o corpo dela.

Julia estremeceu sentindo o ar frio tocar sua pele aquecida. Pousou a mão esquerda sobre o ombro dele para se apoiar.

Ele assentiu e ela concordou.

O aparelho de barbear deslizava de forma suave e fácil sobre a pele dele, sem nenhuma necessidade de pressão. Durante todo o tempo, dois olhos cor de safira se concentravam nela.

Ele pousou a mão na cintura de Julia e concordou ao acariciar os ossos da sua bacia com os polegares.

– Não sei se isso é uma boa ideia. – Ela enxaguou a lâmina. – Vou acabar cortando você.

– Talvez possa ser um exercício de autocontrole para nós dois.

Gabriel traçou com as pontas dos dedos o caminho -

inhalando até seus seios, circulando-os de leve.

763/1201

Quando Julia gemeu, fez suas mãos descerem de volta até a cintura dela.

– Gosto de sentir sua pele.

Julia o encarou.

– Eu também.

Ela engoliu em seco e voltou ao que estava

fazendo, tentando ignorar a sensação dos dedos dele deslizando sobre seu abdômen e entre seus seios. Gabriel concordou ao brincar com seus mamilos, que estavam extremamente sensíveis.

– Você deve confiar mais em mim – gemeu ela, tentando manter a mão firme.

Ele passou um dedo sobre os dois picos

salientes.

– Confio, Julianne. Com o nunca confiei em

ninguém .

Os olhos de Gabriel transbordavam ternura, sua intensidade azul com unicando m uito m ais do que suas palavras poderiam fazê-lo.

– Mas não consigo vê-la assim e não tocá-la.

◆ ◆ ◆

764/1201

Ele aninhou seus seios nas m ãos, tocando-os

com cuidado.

Com paciência, ela passou a lâmina por sobre as partes do seu rosto ainda não barbeadas enquanto ele a acariciava e excitava. A respiração dela com eçou a acelerar.

Gabriel baixou as m ãos até o m eio das coxas de Julia, onde sua pele continuava um pouco

sensível depois de ter sido provocada pela barba dele. Então ele subiu um pouco m ais, centímetro a centímetro, atijando-a.

Ela deslizou a lâmina m ais algum as vezes e en-tão recuou, adm irando seu trabalho.

– Acho que acabam os.

Ele a beijou de leve.

– Obrigado.

– De nada. – Julia largou o aparelho de barbear e se inclinou para trás, apoiando-se nas m ãos.

– Mas não pense que terminou.

765/1201

Os olhos dele brilharam ao pousarem sobre o ponto em que as coxas de Julia se encontravam .

Seus polegares se enroscaram em volta dos

cachos dela.

Ela lambeu seu lábio inferior.

– Então tire essa toalha, professor.

A cirurgia de Gabriel correu conforme e o esperado. Inesperada, no entanto, foi a expressão som-

bria no rosto do cirurgião quando veio ao encontro de Julia na sala de espera.

– Sra. Emerson. – Ele a cumprimentou,

sentando-se na cadeira vazia ao seu lado.

Ela fechou o laptop.

– Com o ele está?

– A cirurgia correu bem. Foi complicada, mas nada fora do comum. Também colhem os

766/1201

pouco de espermatozoides e o congelamos, conforme as instruções do seu marido.

◆◆◆

– Gabriel me disse que o senhor tem uma alta porcentagem

de

sucesso.

–

Julia

soava

esperançosa.

– Sim, tenho. Alguns pacientes conceberam

uma criança até três meses após o procedimento.

Mas cada caso é um caso. – O médico assumiu uma expressão grave.

– Durante a cirurgia, seu marido teve uma reação à anestesia.

– Uma reação? Ele está bem ? – O coração de

Julia começou a acelerar.

– Vai ficar, marido, teve vômitos. Ele está no sono e quero que passe a noite aqui. Está na sala de recuperação agora, marido logo será transferido para um

quarto. Vou pedir para alguém vir buscá-la para ficar com ele.

O cirurgião notou a expressão preocupada de

Julia.

767/1201

– Esse tipo de reação à anestesia geral não é incomum. Vamos os monitorá-lo por precaução, marido provavelmente amanhã mesmo ele estará em

condições de voltar para casa.

O médico afagou o marido de Julia e atravessou uma porta de vidro, sumindo de vista.

– Gabriel? – sussurrou Julia.

Ele estava gemendo e se debatendo um pouco

no leito hospitalar. Ela se inclinou para a frente para pegar sua mão.

– Amor? A cirurgia foi um sucesso. Você vai ficar bem .

Ele abriu os olhos de repente.

Julia afastou os cabelos da testa dele.

– Oi, meu amor – disse.

Gabriel tornou a fechar os olhos.

768/1201

– Estou me sentindo com o meu bebê. Na ver-

◆◆◆
dade, estou péssimo. Tonto.

– Está com vontade de vomitar?

Ele balançou a cabeça.

– Só cansado.

– Então durma, meu amor. Estou bem aqui.

– Minha linda – balbuciou Gabriel, antes de

pegar no sono.

Julia lhe deu um beijo na testa.

Eu amo este homem com todo o meu coração.

Daria minha vida por ele. Daria tudo por ele.

Era raro ver Gabriel naquela situação. Ele dificilmente ficava doente; quase nunca, na verdade.

Quando não estava dormindo, a força da sua

presença dominava o ambiente ao redor.

Agora, sua personalidade estava contida. Emudecida. Vulnerável.

Ela se lembrou da vez em que cuidou do pro-

fessor quando ele estava bêbado. Julia o ajudara a 769/1201

chegar ao seu apartamento e ele vomitava em cima dela.

(E do suéter de caxemira verde dele.)

Lembrou-se de arrastá-lo até o banheiro, onde o limpou. Corria os dedos pelos cabelos dele, perguntando-se como seria ter um bebê para

cuidar. Na época, esses devaneios pareciam tão distantes, inatingíveis.

Ao baixar os olhos para o rosto bonito de seu marido, ela soube que algo dentro de si estava em revolução. Algo havia mudado.

– Com o ele está? – Rebecca olhou para Julia com preocupação quando ela entrou na cozinha na

tarde seguinte.

Julia largou a bandeja sobre o balcão.

770/1201

– Dormindo. Diz que está com desconforto,

mas só tomou os analgésicos depois que eu o amenizei.

Rebecca riu.

– E com o que fez isso?

Julia pôs os pratos sujos dentro da pia.

– Eu o lembrei de que quanto mais ele dorme, mais terá de esperar para fazer sexo. Ao ouvir isso, ele arrancou o frasco de comprimidos da minha mão. Acho que não

terá os meus problemas para convencê-lo a tomar a medicação.

Rebecca balançou a cabeça, contendo um

sorriso.

– Canja de galinha com pãozinhos caseiros para o jantar. O que lhe parece? – Rebecca foi até o fogão, onde cozinhava um frango inteiro numa

panela grande em fogo brando.

– Um delícia. Obrigada.

771/1201

– Vai precisar que eu fique durante o fim de semana?

– Não. Tenho certeza de que ficaremos bem. –

Julia olhou para Rebecca com curiosidade. –

Você faria isso?

Rebecca voltou a tapar a panela.

– Claro. Posso vir aqui sem pre que vocês precisarem , exceto nos feriados. E, m esm o assim , se m e avisarem com antecedência, posso ver se consigo m e organizar. Pode parecer bobagem , m as penso em vocês com o se fossem m inha fam ília.

– Não é bobagem . Nós pensam os o m esm o. –

Julia recostou-se no balcão. – É tão m ais fácil quando você está aqui. A roupa suj a som e e

aparece roupa lim pa em seu lugar. Tem sem pre com ida na geladeira ou no freezer e a casa se m antém im pecável. Nunca seria capaz de fazer o que você faz.

– É claro que seria. Mas não conseguiria estudar ao m esm o tem po. Precitaria escolher entre um a 772/1201

coisa e outra. Seu cunhado e a fam ília dele ainda vêm visitar vocês?

Rebecca lim pou as m ãos no avental e foi até a ilha da cozinha. Um iPad estava apoiado em um suporte, com o um livro de receitas. Ela abriu o aplicativo iCalendar e com eçou a descer a tela, olhando os com prom issos dos

Em ersons.

– Não. Com a m inha ultrassonografia e a cirurgia do Gabriel, decidim os que seria m elhor esperarm os até depois do Natal. Vam os passar o Dia de Ação de Graças em Selinsgrove, de qualquer form a. – Julia se encolheu ao perceber o lapso. –

Achei

que

tivesse

com entado

com

você.

Desculpe.

Rebecca abanou a m ão no ar.

– Não se preocupe. Só preciso aj ustar m eu

calendário.

– Não esperava que Gabriel fosse ficar tão fraco depois da cirurgia. Ele está insistindo em ir 773/1201

trabalhar am anã, m as acho que não tem con-dições. Está com dor.

– Hom ens são os piores pacientes. Não tom am rem édio, não obedecem ordens e nunca adm item que estão doentes. São com o gatos.

Julia deu um a risadinha.

– Vou m e lem brar disso.

– Na verdade, talvez sej a m ais fácil dar um com prim ido para um gato do que para um

hom em . Por outro lado, um hom em não vai ar-ranhar você.

Agora Julia estava gargalhando.

– Que bom que Gabriel está lá em cim a. Ele ficaria

m uito

irritado

se

nos

ouvisse

com parando-o a um gato.

Rebecca lhe deu um a piscadela.

– Miau.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Na sem ana seguinte à cirurgia de Gabriel, ele j á havia praticam ente voltado a ser o m esm o de antes. Com exceção do m au hum or e da irritação por conta da falta de sexo.

(As m ás línguas talvez dissessem que, se ele estava m al-hum orado e irritadiço, era porque afinal tinha voltado a ser o m esm o.)

Julia aturou sua rabugice com o sem pre, com

bom hum or e paciência de Jó. É claro que o fato de seu m arido estar lhe proporcionando orgasm os com regularidade talvez tivesse algum a influência sobre seu estado de espírito.

– Recebem os um a carta de Katherine.

Gabriel gesticulou em direção à m esa da co-

zinha, onde as correspondências do dia estavam em pilhadas.

775/1201

Julia pegou o pequeno envelope branco. Com o

ele dissera, a rem etente era Katherine Picton, do All Souls College, Oxford.

– Ela continua na Inglaterra. Im aginei que j á fosse estar de volta a Toronto por agora.

Gabriel puxou um a cadeira e se pôs a conferir o restante da correspondência, torcendo para não encontrar nenhum a surpresa.

– Ela vai passar o ano com o professora visitante no All Souls. Abra e vej a o que ela diz.

Julia colocou seus óculos de leitura, abriu o envelope e com eçou a ler.

Queridos Gabriel e Julianne,

Espero que esta carta os encontre bem .

Minha estadia em Oxford tem sido excelente e estou feliz com a pesquisa que venho fazendo aqui. Sem pre lem bro com carinho da nossa conferência no verão e espero vê-los em breve.

776/1201

Já m encionei isso antes, m as Greg Matthews m e convidou para dar um a série de palestras em Harvard no fim de j aneiro. Fui inform ada de que ele tam bém convidou Jerem y Martin para apresentar um

artigo.

Espero conseguir vê-los durante a minha visita.

Também espero que consigam me salvar das terríveis predileções culinárias de Greg.

Com o amor de sempre,

Katherine.

– O que ela diz? – Gabriel olhou para a esposa por sobre a armação dos óculos.

– Que virá a Harvard em janeiro. Não ouvi nada sobre isso lá no departamento. Você ouviu?

– Não vi nenhum anúncio formal. O que mais?

Julia lhe entregou a carta.

Gabriel correu os olhos pelo texto.

Fez um careta.

– Jeremy.

– Sim.

777/1201

Ele jogou a carta de volta sobre a mesa.

– Não estou nada ansioso por esse encontro. Ele ainda está com raiva por eu ter pedido demissão.

– Você não pode tentar fazer as pazes com ele?

– Não sei. Fomos amigos durante um tempo, depois deixamos de ser. Vamos ver o que

acontece. – Ele afastou os cabelos de Julia para trás dos ombros dela.

– Não se preocupe com

isso. O importante é que poderemos ver Katherine e convidá-la para jantar aqui em casa. Ela não gosta dos restaurantes que Greg costumava

escolher.

Julia fechou seus óculos e os pousou sobre a mesa, sentando-se em seguida no colo de Gabriel.

– Não consigo imaginar Katherine tendo um caso com um professor de Oxford velho e caquético.

Gabriel deu uma risadinha.

– Nem eu. Mas o Velho Hut era considerado bonito na época. Já vi fotos antigas dele.

778/1201

– Mas o fato de os dois terem se envolvido...

Não é possível que ela não soubesse que era errado. Não só por causa da sua carreira, mas porque ele era casado.

Gabriel bateu a ponta do dedo no nariz dela.

– Imagino que ela o amasse.

– Isso não torna certo o que ela fez.

– O que nós fizemos foi errado também, com o que você deve se lembrar. – Ele baixara a voz, fitando-a dentro dos olhos com uma expressão séria.

– É verdade. – Julia passou os braços em volta do pescoço dele. – É fácil julgar os outros e nos esquecermos dos nossos próprios pecados.

– Se Katherine tiver sentido um décimo o do

amor que sinto por você, bem, posso entender por que se deixou levar. Por outro lado, agora que estou casado, me solidarizo com a Sra. Hutton. Se

alguém tentasse roubá-la de mim ... – Ele

praguej ou.

779/1201

– Meu amor por você agora é maior do que

antes de nos casarmos. – Julia tinha uma expressão contida. – O casamento é uma coisa estranha. Sinto que nossas vidas e nossos corações se uniram quase sem que eu percebesse.

Não sei exatamente com o que isso aconteceu.

– O meu irmão é um sacramento. – O tom de Gabriel era solene. – E, é claro, tem também o sexo que não estamos mais fazendo.

– As três semanas estão quase acabando.

Gabriel colocou a boca à sua orelha.

– É melhor avisar aos seus professores que irá faltar nesse dia.

A proximidade dele a fez estremecer.

– Ah, vou?

– Acha mesmo o que eu vou deixá-la sair de casa depois de ter passado três semanas sem você? –

Ele lhe tocou a orelha. – Você vai ter sorte se eu deixá-la sair da cama.

780/1201

– Estou gostando de ouvir isso. – Julia descansou a cabeça no ombro dele. – Eu sei que, enquanto estavam resolvendo nossos problemas médicos, você aproveitou para pesquisar sobre a sua família. Descobriu alguma coisa?

– Pedi a Carson para dar uma olhada para mim.

Ele iria conseguir uma cópia do relatório do legista sobre a morte da minha mãe, assim como as informações médicas sobre os pais dela e sobre meu pai e os pais dele. Mas ainda não tive

notícias.

– Ninguém vai dar esse tipo de informação para o seu advogado.

– Provavelm ente não – disse Gabriel, franzindo o cenho. – Mas sei que ele costum a contratar detetives particulares que podem ser bastante persuasivos. Eles vão descobrir o que preciso saber.

– Persuasivos?

781/1201

– Nesse caso, a inform ação provavelm ente pode ser com prada. Se não puder, existem m eios de obrigar as pessoas a falarem .

– Gabriel... – O tom de voz de Julia era de censura. – Você j á com prou inform ações dessa

m aneira?

– Já.

Sua resposta direta e im ediata a surpreendeu.

– Não senti u rem orso depois?

– Claro que não.

– Por quê?

– Porque fiz isso por você, ora.

Julia se afastou dele.

– Não estou entendendo. Que tipo de inform -

ação com prou?

Ele bufou.

– É um a longa história. É m elhor ficar

confortável.

Julia resistiu ao im pulso de trocar de lugar e ficou onde estava, sentada no colo dele.

782/1201

– Devo dizer que, em bora não pretendesse lhe contar isto, j á faz alguns m eses que ando atorm entado com a ideia de que eu deveria ter

contado.

– Me contar o quê?

– Com o garanti que Sim on e Natalie nunca

m ais voltassem a atrapalhar sua vida.



Os olhos de Julia se arregalaram quando Gabri-el com eçou a contar sua história.

CAPÍTULO CINQUENTA

Abril de 2010

Selinsgrove, Pensilvânia

O celular de Gabriel tocou. Ele estendeu a mão para pegá-lo e ver quem era. Julianne havia tele-fonado várias vezes desde que ele a deixara em Toronto. Em bora tivesse ouvido suas mensagens de voz em uma tentativa de se autoflagelar, não poderia se arriscar a respondê-las ou falar com ela.

Primeiro de julho. Se eu conseguir aguentar até lá, ela estará segura.

A mensagem na tela dizia que o número era

confidencial. Gabriel tinha um bom palpite de quem estava do outro lado da linha.

– Jack – falou com voz áspera.

784/1201

– Encontrei a garota. O namorado dela também -

bém . Precisam os dois ver.

Gabriel esfregou os olhos.

– Não pode cuidar disso sozinho? É para isso

que estou lhe pagando.

Jack xingou.

– Não confio na sua palavra. Tom me disse que você partiu o coração da minha sobrinha. Eu

deveria estar lhe dando um a coça, e não fazendo um serviço para você.

– O serviço não é para mim. É para ela – disse Gabriel, perdendo a paciência. – A garota tentou chantageá-la. O cara me ordeu sua sobrinha e

ameaçou estuprá-la. Com o, dentro disso tudo, eu sou o vilão da história?

– Melrose Diner, South Philly, amanhã às nove da manhã.

Jack desligou.

– Merda – disse Gabriel.

785/1201

Jack Mitchell era detetive particular. Pelo menos era essa ocupação que declarava ao preencher o meu posto de renda. Ex-fuzileiro naval, também

♦ ♦ ♦

trabalhava com o segurança particular, investigador e certificando-se de que seus clientes não teriam

meus

problemas

com

determinadas

pessoas.

Resumindo, ele ajudava a proteger pessoas ricas de todo e qualquer tipo de ameaças, o que incluía chantagem.

Foi a Jack que meu irmão mais velho, Tom

Mitchell, recorreu quando meu amigo Richard

Clark precisou pagar as dívidas do filho com

traficantes de drogas. Jack e alguns de seus contatos pegaram o dinheiro fornecido por Richard

(conseguido por meio da hipoteca da casa da

família em Selinsgrove) e convenceram os traficantes a esquecerem o nome de Gabriel Emerson.

786/1201

Jack podia ser muito persuasivo.

Quando Gabriel precisou de alguém para con-

vencer um certo casal a uma maior distância de Julianne, na mesma hora pensou em Jack. Contatá-lo não foi fácil, mas, após alguns telefonemas para as pessoas certas, conseguiu falar com ele.

Apesar da relutância inicial de Jack, bastou que ele visse as fotos das lesões que o filho do senador causara em Julianne para aceitar o serviço. Jack

seguiu Simon e a ruiva com quem ele estava saindo enquanto os dois davam bandeira na Filadélfia e em Washington, D.C. Em pouco tempo Jack tinha um dossiê grosso o suficiente para mostrar a Emerson. E com prometer o bastante (em sua opinião) para garantir que sua sobrinha não precisasse mais se preocupar com o filhinho de papai e a ruiva.

Jack ainda daria sugestões sobre como usar a informação da forma mais eficaz possível. E esperava conseguir alguns minutos sozinho com o

787/1201

filhinho de papai para ter uma conversinha com ele. Alguém precisava ensinar uma lição àquele filho da puta.

Jack deslizou o envelope pardo para Gabriel por sobre a mesa.

– Este é o material que os fará entregar tudo o que têm sobre Jules. Vou ter uma conversa com eles sobre o que vai acontecer se não fizerem isso.

O senador Talbot está se candidatando à Casa

Branca. Eles vão concordar. Fim de papo.

– O que tenho nas mãos?

Gabriel passou uma série de fotografias em

preto e branco, todas mostrando o filho do senador em algum tipo de atividade sexual. Em algumas estava com duas mulheres ao mesmo tempo.

Todas reviraram o estômago de Gabriel.

788/1201

– Debutantes, rabos de saia do Capitólio, uma estagiária do gabinete do senador. – Jack pôs o indicador sobre o rosto branco e coberto pelas mãos de uma jovem.

Gabriel fez uma careta.

– Universitária?

– Não. Ensino médio.

– Menor de idade?

Os dois homens se encararam.

– Dezesete.

– Porra – balbuciou Gabriel. – Esse cara é um predador. O senador está envolvido?

– Os assessores dele já sabem que o garoto é um problema. Estão de olho nele.

– Mas ainda não fizeram nada?

– Não que eu tenha descoberto. Não entendo

como podem deixar isso continuar assim. O garoto deu álcool e drogas para uma menina de 17

anos e depois dormiu com ela. Isso está ficando muito bom.

789/1201

– Filho da puta.

Gabriel devolveu as fotos ao envelope e o

deslizou de volta sobre a mesa.

– Estou devolvendo seu dinheiro.

Jack enfiou as fotos dentro da sua jaqueta de couro e então sacou um envelope de um dos

bolsos. Ele o estendeu para Gabriel.

Gabriel o descartou com um gesto.

Jack largou o envelope ao lado da caneca de café dele.

– Ela não é mais problema seu.

Gabriel cravou olhos azuis furiosos no homem sentado à sua frente.

– Ela sempre vai ser problema meu.

Jack estreitou os olhos.

– Homens com o você gastam milhões de

dólares em pó branco para enfiar pelo nariz.

Quase morrem por isso e matam os pais juntos. –

Ele balançou a cabeça. – Estou feliz para caralho que você não esteja mais com ela.

790/1201

– Então aceite meu dinheiro. – Gabriel cerrou os punhos e inspirou fundo, resistindo à tentação de agarrar a cabeça de Jack e batê-la na mesa.

– Tom é que devia ter resolvido este problema.

A meu ver, ele não cumpriu seu papel de pai.

– Não seria a primeira vez. Se você gosta tanto de Julianne, posso saber por que não a tirou da mãe? Poderia ter lhe poupado uma cicatriz atrás da cabeça.

O rosto de Jack ficou muito vermelho.

– Ela contou para você?

– Claro.

– Merda.

Gabriel o encarou com um olhar fulm inante.

– Não espero que entenda, m as, por m otivos

que não irei explicar, nós não podem os ficar j untos. Mas eu ainda atravessaria o Inferno por ela. E

nem sonhando vou deixar um filho da puta com pai senador constranger e hum ilhar Julianne.

Não quer o dinheiro de um viciado em pó que 791/1201

partiu o coração da sua sobrinha? Ótim o. Mas

faça seu trabalho e faça direito, ou encontrarei outra pessoa para fazê-lo em seu lugar. – Gabriel enfiou o envelope no bolso e com eçou a se

levantar.

Jack estendeu a m ão para detê-lo.

– Ligo para você assim que tiver term inado.

– *Ótimo*. Espero que esta conversa fique entre nós.

Jack ergueu os olhos para ele, surpreso.

– Não quer que ela saiba?

O rosto de Gabriel ficou tenso.

– O im portante é que ela estej a segura. Sem chantagens. Sem que isso volte a perturbá-la. Eles se m antêm fora da vida de Julianne para sem pre e

ela volta a dorm ir tranquila.

Os dois hom ens trocaram um olhar dem orado antes de Gabriel sair do restaurante.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Outubro de 2011

Cambridge, Massachusetts

– S cheisse – disse Julia.

– Exatam ente – falou Gabriel.

– Não acredito que você contratou m eu tio

Jack.

– Ele é bom no que faz. Já m e tirou de enrasca-das antes.

De repente, ela se deu conta de um a coisa.

– Era sobre isso que você estava falando com ele quando estavam os na casa do m eu pai?

– Ele estava irritado por eu nunca ter lhe

contado.

– Mas nunca m e falou nada.

– Seu tio é um hom em de poucas palavras.

793/1201

– Por que você não m e contou? – Ela o censur-ou com o olhar.

– O que eu fiz pode ser j ustificável, m as não significa que sej a legal. Não queria que soubesse de nada enquanto houvesse a chance de Sim on ou

Natalie decidirem envolver a polícia. Ou o FBI.

Antes de nos casarm os, eu lhe disse que cuidei do assunto e estava certo de que eles não iriam voltar a incom odá-la.

– Não achei que os tivesse am eaçado.

– Isso é m esm o tão ruim ? – sussurrou ele.

Julia o encarou e notou um a decepção m al disfarçada em seus olhos.

– Eu lhe disse que não tinha confessado tudo

sobre m eu passado, Julianne. Nós concordam os que não tinha problem a.

– Mas m eu pai estava m uito furioso com você.

Não gostaria que ele soubesse que você m e protegeu?

794/1201

– Quanto m enos pessoas soubessem , m elhor.

Duvido que ele fosse m udar de opinião.

– Então, enquanto estavam os separados, você fez tudo o que podia para que eu ficasse em segurança? – Ela pestanej ou para conter as lágrimas -

as. – Obrigada.

Ele a abraçou apertado.

– De nada. Saiba que, assim que recuperei as fotos e os vídeos, destruí tudo sem dar nem um a olhada.

Os om bros de Julia relaxaram de alívio.

– Mas tio Jack viu.

– Acho que ele fez um grande esforço para não olhar. E agora está tudo acabado.

– Sim on e Natalie devem ter cópias.

– Jack m e disse que recuperou tudo o que en-

volvia você. E ainda tem algum as outras coisas guardadas, caso precise lidar com Natalie ou Si-m on de novo no futuro.

– Com o ele conseguiu recuperar tudo?

795/1201

– Não im porta. O im portante é que você não

precisa m ais se preocupar com aqueles dois. Eles não vão voltar a im

portuná-la.

Julia o abraçou, chorando aliviada em seu
om bro.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Outubro de 2011

Durham, Carolina do Norte

– O que você está fazendo? – April entrou na
cozinha descalça, vestindo apenas a cam isa de botão do nam orado.

Ele estava diante do fogão, preparando bacon e ovos em um a *única*
frigideira.

– Café da m anã. – Sim on sorriu para ela e se inclinou para beij á-la.
– Dorm iu bem ?

– Dorm i. – Ela esticou os braços sobre a cabeça, então deu um a
risadinha. – Durm o m elhor com você do que sozinha.

– Eu tam bém – adm itiu ele, m ais para si m esm o do que para ela.

797/1201

Ela pegou um a j arra de suco de laranj a na geladeira e serviu um
copo para cada um .

– Eu durm o m elhor com você, m as m e sinto culpada.

– Culpada? – Sim on se virou com a escu-

m adeira na m ão. – Por quê?

April baixou a cabeça, concentrando-se no seu suco de laranj a.

– Porque estam os dorm indo j untos sem serm os casados.

Sim on congelou.

A castidade era tão estranha para ele quanto o Leste Europeu. Já a
encontrara antes, em Julia, m as sem pre lhe parecera algo irritante e
estúpido, que tinha vontade de destruir por m eio da se-dução ou da m
anipulação.

Com April, no entanto, ele sentia algo total-m ente diferente. Algo que talvez pudesse ser um a pontada de rem orso.

Era um a experiência nova para Sim on.

798/1201

– Sexo não tem nada de m au.

– Engraçado você dizer isso. – Ela tam borilou no copo de suco. – Você m e ensinou que sexo é m uito, m uito bom . Eu adoro e gosto m uito de estar com você.

– Então qual é o problem a?

– Fui ensinada a esperar. E não esperei.

Sim on se virou de volta para o fogão, sem saber o que dizer ou fazer. Por alguns instantes, con-

tinuou a preparar o café da m anã. Então desligou o fogo e colocou a frigideira de lado.

Lim pou as m ãos na parte de trás da cueca

sam ba-canção e andou até ela.

– Você foi ensinada a esperar porque seus pais não queriam que algum cretino abusasse de você.

– Sim on. – O tom dela era de censura. – Não xingue.

– Desculpe. Seus pais estavam tentando

protegê-la.

799/1201

– Não são só os m eus pais. Tem m inha igrej a tam bém .

– Bem , eles tam bém estavam tentando protegê-

la. E isso é bom . Mas nossa situação é diferente.

Ela ergueu a cabeça.

– É?

– É. – Ele a envolveu em seus braços.

– Diferente com o? – perguntou April, desconfiada. – Me explique.

– Não estou só me divertindo. Gosto de fazer sexo com você, mas também tenho gosto da sua com -

panhia. Quando estou ao seu lado, posso baixar a guarda. Não preciso ser o filho do senador Talbot. Posso ser eu mesmo. – Ele deu um sorriso hesitante.

– Também me sinto assim. – Ela se aconchegou no peito dele. – Mas, sem pre que você vai em -

bora, fico mesmo ali.

– Isso é porque nos imortalizam os dois juntos.

outro.

800/1201

– Queria poder ficar assim para sempre – sussurrou ela, apertando os braços em volta da cintura de Simon.

– Eu também – admitiu ele.

Ficou surpreso ao descobrir que aquelas palavras eram sinceras; que, durante o pouco tempo em que a conhecia, passara a se imortalizar muito com April. O relacionamento dos dois era fácil e gostoso, e ele não conseguia se imaginar sem ela.

– Eu amo você, Simon.

Ele sentiu o coração saltar até a garganta.

Não era idiota. Sabia o que tinha nos braços: uma jovem linda, inteligente e extraordinária. Ela não tinha a bagagem que ele carregava. Não era cínica, também pouco queria subir na vida às suas custas, como a Natalie. E não era medrosa e metida a

santa, como a Julia. Julia sempre fizera com que ele se sentisse um animal, indigno de tocá-la.

O mais provável era que April tivesse acordado naquela manhã, decidido que o amava e

sim plesm ente lhe dito isso. Sem calculism o, sem j oguinhos, sem necessidade de usar o sexo para

“se dar bem ”.

Sem que Sim on percebesse, seus lábios estavam se m ovendo.

– Eu tam bém am o você.

Ela o abraçou o m ais forte que pôde, quase

quicando sobre os calcanhares.

– Que m aravilha! – gritou. – Estou tão feliz!

– Eu tam bém . – Ele sorriu diante do entusi-

asm o j uvenil e desinibido de April e a beij ou.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Cambridge, Massachusetts

O utubro estava chegando ao fim . A data tão esperada por Gabriel estava cada vez m ais próxim a.

Ele vinha fantasiando sobre o que iria fazer com Julianne assim que seu celibato forçado term inasse, planej ando m eticulosam ente suas atividades.

Na tarde anterior ao grande dia, Julia estava na cozinha de casa quando telefonou para ele. O celular de Gabriel tocou só duas vezes antes de ser atendido.

– Oi, m inha linda.

Ela corou. Nunca deixava de lhe causar espanto com o, com duas ou três palavras, ele conseguia fazer seu coração acelerar e sua pele ficar m ais quente.

– Oi, bonitão. Onde você está?

– Estou só com prando algum as coisinhas. E

você?

– Em casa.

Gabriel fez um a pausa e Julia ouviu o som da porta de um carro batendo.

– Você chegou cedo. Achava que só fosse voltar lá pelas seis.

– A professora Marinelli teve que cancelar a

aula porque está com laringite. Acho que vou subir e tomar um banho. Talvez tire um cochilo antes de você chegar. Acordei muito cedo hoje.

O ronco do Range Rover voltando à vida ench-

eu os ouvidos de Julia.

– Faça isso. Não vou demorar. Até já.

– Te amo.

– Eu também.

Julia ouviu o som de um risadinha antes de Gabriel encerrar a ligação. Perguntou-se o que ele tinha achado tão engraçado.

804/1201

Vasculhou a cozinha por alguns minutos, not-

ando que Rebecca não tinha preparado nada para o jantar. Tornou a se perguntar por quê.

Intrigada, foi para o segundo andar. Não se deu o trabalho de pendurar as roupas, simplesmente largando-as no chão do banheiro antes de entrar no banho. Uma ducha quente seria revigorante depois de um dia tão cansativo.

Estava quase terminando quando ouviu a porta do box se abrir.

– Ora, ora. Olá.

Gabriel estava diante dela, nu e sorrindo.

Inclinou-se para a frente para beijá-la.

– Tam bém precisa tom ar banho? – perguntou

ela, tentando não devorá-lo com os olhos, m as fracassando.

– Não. Só queria estar no m esm o lugar que
você.

Ela tornou a beij á-lo.

805/1201

Com gosto, Julia deslizou a m ão pelo centro do

peito dele, descendo até o V profundo em seus quadris. Então fechou o
chuveiro e torceu os cabelos para escorrer a água dos cabelos.

Gabriel pegou um a toalha e a entregou a ela.

Foi então que Julia notou com o os olhos dele brilhavam de
antecipação, seu sorriso cada vez m ais largo.

– O que foi?

– Esqueceu que dia é hoj e? – Ele correu um
dedo pelo seu braço.

– Não. A data especial é am anã.

– Vam os com eçar m ais cedo.

– Acha isso sensato?

– Não estou nem aí. Já esperei dem ais. A toler-
ância de um hom em tem lim ites.

– Ah, é? – Ela inclinou a cabeça de lado.

– Então prepare-se para receber prazer, m inha querida.

806/1201

Ela se apressou a esfregar a toalha sobre o
corpo, secando-se, então a enrolou nos cabelos.

Gabriel pegou um frasco de vidro e a estendeu para ela.

– Pintura corporal com chocolate. – Julia leu o rótulo e ergueu os olhos para ele em seguida. –

Agora?

– Agora. – Ele agitou um pequeno pincel sob o nariz dela. – Você disse que tinha gostado da nossa experiência com pintura corporal em

Selinsgrove. Decidi que deveríamos tentar de novo.

– Mas achei que você iria querer fazer outras coisas. Há três semanas que vem fazendo de tudo comigo. Não tenho podido fazer muito por você.

– As preliminares são tanto para mim quanto para você – sussurrou ele, seu olhar ficando intenso. – E tenho planos para nós dois.

– Uau – suspirou ela.

807/1201

– Pensei em experimentar no quarto, mas vamos acabar fazendo sujeira.

Ele se agachou diante de Julia, o rosto na altura do nariz dela, e abriu o frasco. Molhou o pincel no chocolate, espalhando-o generosamente sobre as pernas delicadas, antes de lhe dar um

beijo.

– Podem os comê-lo?

Ela assentiu, os olhos semicerrados.

Lentamente, ele começou a desenhar um cor-

ação em volta do seu nariz.

A sensação do chocolate e do pincel deslizando pela sua pele quente a fez se encolher. E é claro que, em breve quase fizesse cócegas, Gabriel não tinha a menor pressa.

– Prontinho. – Ele largou o frasco e o pincel de lado e lambeu os lábios. – Agora vem a parte divertida. Está pronta?

– Sim . – A palavra saiu m ais com o um gem ido do que com o um a afirm ação.

808/1201

Ela estendeu a m ão trêm ula para agarrar um a barra de apoio quando a língua de Gabriel entrou em contato com a sua pele, deslizando pelo

chocolate e m ergulhando em seu um bigo.

Ele a segurou firm e, espalm ando um a das m ãos sobre a bunda dela.

– É m ais gostoso do que eu esperava. – Ele a m ordiscou. – Mas isso provavelm ente é porque adoro o seu sabor.

A língua dele traçou um rastro flam ej ante até o quadril de Julia, onde com eçou a beij á-la com a boca aberta.

– Acho que preciso de m ais chocolate. O que você acha?

– Sim , por favor. – Julia assentiu com vigor. –

Mais, com certeza.

Gabriel pegou o frasco e o pincel.

– Então é m elhor se segurar firm e, m eu am or, porque pretendo ser m eticuloso.

809/1201

Ela se inclinou para a frente, aninhando o queixo dele na m ão.

– Eu tam bém .

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Ao longo do m ês de novem bro, Diane e Tom re-ceberam um a sucessão de relatórios positivos sobre a saúde do bebê. A cirurgia ainda seria necessária, m as o feto estava se desenvolvendo bem e Diane tam bém estava saudável.

Julia recebeu as notícias do irmão com um amargor misturado de alívio e otimismo cauteloso.

Não havia contado à família sobre os sintomas ou sobre a reversão da vasectomia de Gabriel.

Eles não sabiam nem que Gabriel tinha feito a cirurgia original. Além disso, Julia não queria preocupar ninguém com seus problemas de

saúde, especialmente depois que a Dra. Rubio lhe garantira que os sintomas eram comuns e que, pelo menos àquela altura, não eram graves.

811/1201

Os Emmons sustentaram o fardo um do outro no que dizia respeito à saúde, dividindo apenas algumas informações com Rebecca. Julia, no entanto, parecia sustentar sozinha o fardo de sua carreira acadêmica.

(Ou pelo menos era o que achava.)

Na calada de um das noites desse mês, Gabriel acordou sobressaltado. Ficou imediatamente

alerta, os ouvidos atentos ao menor som. Escutou um amargor chorando ao longe.

Procurou Julia na escuridão, mas ela havia desaparecido.

Sem nem sequer se dar o trabalho de acender a luz ou pegar o roupão, Gabriel se levantou, nu e pelo, e saiu do quarto.

Um róstio de luz brilhava sob a porta do escritório.

Ele seguiu a passos rápidos em sua direção, o som do choro cada vez mais alto.

812/1201

Atrás da porta, encontrou Julia com a cabeça apoiada na mesa. Os ombros dela tremiam, seus óculos largados sobre o laptop aberto. Havia di-

versos livros espalhados em cima da mesa e pelo chão.

– Meu amor. – Gabriel pousou a mão sobre a

cabeça dela. – O que houve?

– Não consigo.

– Não consegue o quê? – Ele se agachou ao seu lado.

– Colocar minhas leituras em dia. Tenho textos acumulados para todas as matérias. Deveria estar trabalhando nos artigos que preciso entregar, mas venho tentando ler o que falta antes. Já devia ter começado a revisar minha palestra, mas não tive

tempo. E estou tão cansada... – A voz dela

falhou.

Gabriel olhou para ela com uma expressão

com passiva.

– Venha para cá.

813/1201

– Não posso! – gritou ela, jogando as mãos para cima. – Preciso ficar acordada a noite inteira e terminar as leituras. Amanhã, tenho que passar o dia inteiro na biblioteca trabalhando nos meus artigos. Não sei quando vou conseguir revisar minha palestra para publicação.

– Você não pode fazer mais nada hoje e à noite.

Mesmo que ficasse acordada, está cansada demais para se concentrar. Se for para cá agora, pode levantar bem cedo amanhã. Podem os conversar sobre suas leituras durante o café e veja se consigo lhe dar uma versão resumida delas.

Julia balançou a cabeça.

– Resumos não vão adiantar.

– Julianne, são duas da manhã. Venha para cá

cá. – A voz dele assumiu um tom autoritário.

– Preciso ficar acordada.

– Vá dormir agora. Vou ajudá-la. Posso ir com você à biblioteca para ajudar com a pesquisa. Isso vai lhe poupar tempo.

814/1201

– Você faria isso? – Ela assoou o nariz num lenço.

Ele franziu o cenho.

– Claro. Tenho me oferecido para ajudá-la durante todo o semestre. Você nunca deixou.

– Você está ocupado com as suas próprias coisas. E ainda teve a cirurgia. – Ela se apressou em secar os olhos.

– Você vai ficar doente se não se cuidar. Venha.

Gabriel a segurou pelo cotovelo, ajudando-a a se levantar, antes de fechar o laptop dela com força.

Ele a seguiu pelo corredor até o quarto.

– Estou exausta – disse ela, fungando e deitando a cabeça no travesseiro. Estava cansada demais até para ficar abraçadinha.

– Tudo o que precisa fazer é pedir. Por você eu faço tudo. Sabe disso.

– Eu deveria fazer isso sozinha.

815/1201

– Bobagem. – Gabriel pousou um braço na cintura dela. – O programa de doutorado é feito para ser extenuante. Todos os outros provavelmente também estão contando com alguma

ajuda.

– Você não precisou de ajuda quando fez o seu.

– Pense no que está dizendo. Eu cheirava

cocaína durante a pós-graduação. E tinha P... alguém para tomar conta de mim.

Ele suspirou, baixando a voz:

– Você cuidou de mim depois que voltei do

hospital. Deve ter sido por isso que se atrasou.

Deixe-me e ajude-a a recuperar o tempo perdido.

Mas, por enquanto, precisa é de uma boa noite de sono. Amanhã conversam os.

Julia estava cansada demais para discutir. Em questão de minutos, sua respiração ficou mais pesada e Gabriel soube que ela havia adormecido.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Naquele sábado, Julia e Gabriel planejavam passar o dia quase inteiro na biblioteca, fazendo pesquisas para os artigos que ela deveria entregar até o fim do semestre. Para demonstrar quanto

estava agradecida, Julia preparou panquecas enquanto Gabriel lia o *The Boston Globe* sentado à mesa da cozinha, com suas

calças de pijama.

Julia despejou a massa em uma frigideira

quente antes de se voltar para ele.

– Tenho pensado em uma coisa.

– Em quê?

– Você pode me dizer o que escreveu no cartão que deixou para mim no meu antigo apartamento em Toronto?

Ele baixou o jornal.

– Que cartão?

817/1201

– O que não sobreviveu ao meu ataque de raiva.

Ele fingiu vasculhar a memória.

– Ah, aquele cartão.

Ela revirou os olhos.

– Sim , aquele.

Ele dobrou o j ornal e o largou de lado.

– Quer m esm o saber?

– Claro.

– Mas você o rasgou.

Ela o encarou.

– Achei que tivesse m e perdoado.

– E perdoei – respondeu ele, arrependido. – Era apenas um bilhete em que eu pedia desculpas por ter sido um babaca.

– Que gentil – com entou ela. – O que ele dizia?

– Eu a cham ava de m inha Beatriz e falava que a havia desej ado durante toda a m inha vida, em -

bora estivesse convencido de que você não fosse m ais do que um a alucinação. Dizia tam bém que, 818/1201

agora que a havia encontrado, iria lutar para torná-la m inha.

Julia sorriu para si m esm a enquanto virava as panquecas.

– E talvez tenha acrescentado um poem a –

em endou Gabriel.

Ela tornou a olhar para ele.

– Talvez?

– O soneto 29 de Shakespeare. Conhece?

Quando desafortunado e dos olhos dos homens

◆◆◆

Afastado, pranteio sozinho meu exílio,

Perturbo os céus moucos com meus inúteis gritos E, olhando-me a mim,

amaldição meu destino,

Imaginando-me alguém de esperança mais rico

—

Homem notável, repleto de amigos —,

Quando o talento e visão alheios cobiço,

E o que mais almejo é o que menos consigo; 819/1201

Mesmo nessa hora, em que a mim quase

desprezo,

Penso em ti com alegria — meu espírito, de repente,

*Como a cotovia a erguer-se ao raiar do dia Da terra sombria, canta hinos
ante o Paraíso; Pois tal é a riqueza do teu doce amor lembrado Que, pela
fortuna de rei algum, meu estado eu*

trocaria.

Julia levou a mão ao coração.

— Que lindo, Gabriel. Obrigada.

— Ainda mais lindo é eu não precisar mais me contentar com lembranças. Agora tenho você.

Julia se apressou a desligar o fogo e afastar a frigideira do calor.

— O que está fazendo? — perguntou Gabriel,

intrigado.

Ela atirou a espátula para longe.

820/1201

— Vam os fazer sexo de “bilhete rasgado finalmente revelado”. Venho esperando por isso há séculos. — Ela pegou a mão dele, puxando-o em direção ao corredor. — Venha.

Ele fincou os pés no chão.

— Que tipo de sexo é esse?

– Você vai descobrir.

Ela o fitou com um olhar ardente e saiu correndo para as escadas, com o professor em seu encalço.

Depois de um longo dia de pesquisa, Gabriel e Julia voltaram para casa quando já havia escurecido. Julia pediu pizza enquanto Gabriel conferia as correspondências de sábado.

Topou com um envelope crem e endereçado a

ele em um a letra pontuda, que não lhe parecia 821/1201

familiar. O endereço do remetente era da cidade de Nova York.

Curioso, abriu o envelope e leu o seguinte:

Caro Gabriel (se me permitirem chamá-lo

assim),

Fui contatada há pouco por Michael Wass-

erstein, o advogado da nossa família, que me disse que você está buscando informações

sobre nosso pai, Owen Davies. Soube por

meio dele que você gostaria de saber mais

sobre a história da nossa família.

Meu nome é Kelly Davies Schultz e sou sua

meia-irmã. Também tem os outros irmãos mais novos, Audrey .

Eu sempre quis ter um irmão. Digo isso

porque me sinto mal sobre como minha mãe e meu irmão se comportaram em relação ao

testamento de papai, e gostaria que

822/1201

soubesse que, da minha parte, não concordei

em contestá-lo. Na época, quis escrever

para você para lhe dizer isso, mas assim estava dificultando as coisas e preferi não

contrariá-la. Foi uma decisão equivocada.

Desde que assim me orreio, na primavera passada, venho pensando em você e me pergunto se deveria entrar em contato. Foi providencial que tenha decidido iniciar sua busca agora.

Michael me disse que você mora em Massachusetts, que é professor e se casou há pouco tempo. Você e sua esposa estariam interessados em vir a Nova York para conhecerem tanto a mim quanto ao meu marido, Jonathan? Ficaria encantada em convidá-los para jantar. Acho que seria uma oportunidade de nos conhecermos melhor.

É muito provável que você vá ter notícias de Audrey, por motivos que preferiria explicar

823/1201

para mim.

Mas

estou

disposta

a

encontrá-lo e contar-lhe o que sei sobre a

história da nossa família.

Envio em anexo o meu cartão de visita com o

número do meu telefone de casa e o meu e-mail

pessoal no verso. Peço que não se assuste

com o fato de eu ser psiquiatra. Juro que

não atendo o meu irmão da família e, além disso, sou especializada em psiquiatria infantil.

Então, meu irmão está tão jovem, você já está velho demais para ser meu paciente...

Aguardo notícias suas e espero que pos-

samos nos encontrar. Por favor, não hesite

em me telefonar ou escrever.

Sua irmã,

Kelly.

Gabriel se deixou sentar em uma cadeira e ficou ali, olhando para as folhas.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Depois do jantar, Julia releu a carta de Kelly Davies Schultz.

– O que acha? – Ela a dobrou com cuidado antes de devolvê-la para Gabriel.

– Tenho muitas dúvidas.

– Ela me pareceu simpática. E engraçada também. Por que a desconfiança?

– Eles tentaram me enganar. Com o que vou saber que não é um golpe?

– Um golpe? Para quê? O dinheiro foi distribuído há anos.

Ele cruzou os braços diante do peito.

– Talvez queiram inform ações.

– Querido, quem tem inform ações é ela. Você queria ter a chance de descobrir mais sobre a história da sua família, especialmente no que diz respeito à saúde dos seus pais. Acabou de receber essa chance. Achei que fosse ficar feliz.

Ela se sentou à cadeira do seu lado.

– Quando podem os ir?

A expressão no rosto de Gabriel ficou tensa.

– Quanto antes eu resolver isso, melhor.

– Tem os planos de passar o Natal e o Ano-

Novo em Selinsgrove. Vou querer ir antes se Diane tiver o bebê.

Gabriel cravou seu olhar nela.

– Você está muito enrolada agora. Venho

tentando ajudá-la a recuperar o tempo perdido e prometo que continuarei fazendo isso.

Julia deu um meio sorriso.

– Tenho a sensação de que vem um “mas” por aí.

– Você ficaria chateada se eu lhe dissesse que quero fazer isso imediatamente? Talvez na segunda semana de dezembro, assim que as aulas começarem?

Posso pedir para algum aluno cuidar das provas.

Julia arranhou a mesa da cozinha com a unha.

– É nessa época que preciso enviar minha

palestra para publicação. E estarei finalizando os artigos do curso para entregá-los. Acho que seria

o pior momento para viajar.

– Estava pensando que talvez eu devesse fazer isso sozinho.

Julia exam inou as próprias unhas com o se elas fossem fascinantes.

– Você não tem ideia do que vai descobrir.

Acho que vai precisar do m eu apoio.

Gabriel sorriu.

– Sem pre vou precisar de você, Julianne. Mas acho que m eu prim eiro encontro com Kelly deve ser só entre m im e ela. Se houver algum a revelação desagradável, terei que saber lidar com isso.

827/1201

– Se você prefere assim . Não podem os visitá-la

na sem ana do Natal ou perto disso?

– Não acho que sej a um a boa ideia adiar. Pode ser que ela m ude de ideia. E, sem dúvida, quanto m ais cedo eu souber sobre m eu histórico m édico, m elhor. – Ele a fitou com um olhar significativo.

– Eu j am ais lhe pediria que fizesse algo que pudesse colocar seu doutorado em risco.

– Está bem . – Julia não pareceu m uito

entusiasmo.

– Podem os pedir para Rebecca ficar aqui en-

quanto eu estiver fora. Assim , você não ficará sozinha. Vai ser um a viagem curta. Dois ou três dias, no m áximo. Vou ver se consigo m arcar um a reunião com o advogado que cuidou da partilha dos bens do m eu pai e encontrarei Kelly . Logo em seguida, voltarei para casa.

Ele pegou a m ão de Julia, traçando a linha da vida dela com o polegar.

– Não consigo cham á-la de m inha irm ã.

828/1201

– Ainda acho que eu deveria ir com você.

– Você acabou de dizer que não tem tem po.

Precisa trabalhar. E sei que acabo distraindo você.

– Ele lhe ofereceu o que esperava ser um olhar provocante.

– Você me distrai mesmo.

– Ótimo. – Ele a ergueu nos braços e começou a andar em direção às escadas. – Prepare-se para uma bela dose de distração.

Julia pousou as mãos nos bíceps dele, fazendo-o parar.

– Me largue.

– Vou largá-la assim que chegarmos à cama.

– Preciso lhe dizer algo que você não vai gostar de ouvir.

– Então fale de uma vez – disse ele, tenso.

Ela se contorceu em seus braços e ele a largou ao pé da escada.

– Sua viagem a Nova York vai trazer à tona

muitas lembranças sobre os seus pais. É óbvio 829/1201

que vou fazer de tudo para ajudá-lo. Mas ainda não falam sobre uma coisa muito importante, que é o perdão.

– Perdoar meus pais? – explodiu ele. – Que

piada.

– O perdão é libertador. Ele serve tanto para você quanto para eles.

Gabriel se afastou dela.

– Não posso perdô-los. Eles não merecem.

– Quem merece perdão, Gabriel? Você? Eu?

– Você, com certeza.

– Além de Deus, as únicas pessoas que podem

me perdoar são as que fiz sofrer. Esse é o poder que nós temos. Podem usá-lo para o bem, para perdoar quem nos fez mal. Ou

podem os usá-lo para nos agarrarm os a velhas m ágoas e feridas, que dessa form a nunca se fecharão.

Julia tornou a agarrar a m ão dele.

– Não estou dizendo que eles m ereçam . E certam ente não estou lhe pedindo que esqueça ou

830/1201

perdoe nada do que tenha acontecido. Só quero que pense nisso.

– Já pensei até dem ais. A resposta é não.

– Com o pode pedir perdão a Paulina se não es-tá disposto a perdoar seus pais?

O ar escapou dos pulm ões de Gabriel com o se ela tivesse lhe dado um m urro no peito.

– Não diga isso – sussurrou ele.

– Apenas pense no que eu disse, m eu am or.

Pense na reconciliação com Maia e no que isso significou para você. E im agine o que significaria para o seu pai ouvir que você o perdoa.

Gabriel a levou para o andar de cim a, m as não falou m ais nada.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Enquanto Julia finalizava seus artigos e revisava sua palestra para publicação, Gabriel foi ao urologista para um a consulta de rotina no dia 5 de

dezem bro e depois pegou um voo para Nova

York.

Assim que fez o *check in* no Ritz-Carlton, percebeu que tinha com etido um erro. Deveria ter

trazido Julia. A bela cam a de casal estaria fria naquela noite. Ele detestava dorm ir sozinho. Isso sem pre o fazia lem brar da separação dos dois, algo que Gabriel abom inava.

Ele deu alguns telefonem as – para Lucia Barini na Colúm bia, para o

advogado do pai e para Julia.

Ficou desapontado quando a última ligação caiu na caixa postal.

832/1201

“Julianne, já cheguei a Nova York. Estou hospedado no Ritz-Carlton, quarto 411. Vou jantar com Kelly hoje à noite e depois voltarei para o hotel.

Conversamos mais tarde. Te amo.”

Gabriel encerrou o telefonema com um suspiro de frustração. Então preparou-se para encontrar a irmã.

Quando chegou ao Tribeca Grill, foi conduzido a uma mesa para dois, na qual uma mulher loura e mais velha estava sentada. Ao erguer os olhos para ele, Gabriel viu um par de olhos azuis iguais aos dele mesmo.

Ela tapou a boca com a mão antes de se levantar.

– Eu sou a Kelly .

– Gabriel Emerson. – Ele apertou a mão dela, meio constrangido.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Você é igualzinho a ele.

– A quem ?

833/1201

– Ao papai.

Por reflexo, Gabriel recolheu a mão de volta.

Kelly se esforçou para sorrir.

– Desculpe. Sente-se. – Ela gesticulou para a cadeira vazia à sua frente.

Ela se sentou e secou os olhos com um guardanapo.

– É que foi um choque vê-lo entrar. Você se

parece tanto com papai quando j ovem . Quantos anos tem , se não se im porta que eu pergunte?

– Trinta e cinco.

– Eu m e lem bro dos m eus 35. Não vou fazer charm e e pedir que você adivinhe a m inha idade.

Tenho 49.

Gabriel assentiu, os m úsculos do m axilar se retesando e relaxando. Tentou encontrar algo

para dizer, m as não conseguiu. Por sorte, foram interrom pidos pelo garçom . Os dois pediram bebidas e bateram papo enquanto o esperavam voltar. Então pediram seus pratos, aguardando

834/1201

quase com im paciência que o garçom se retirasse outra vez.

Kelly se inclinou para a frente em sua cadeira.

– Estou m uito feliz em conhecê-lo. Obrigada por aceitar m eu convite.

– Não por isso. – Gabriel tentou forçar um sorriso.

– Eu lhe devo um pedido de desculpas.

O sorriso dele desapareceu.

– Por quê?

– Com o falei na carta, deveria ter procurado você quando soube da sua existência. Deveria ter feito o que era certo em vez de m e preocupar em contrariar ou não a m inha m ãe.

Gabriel levou suas m ãos aos talheres.

– Já faz m uito tem po. Não precisam os falar sobre isso.

– Obrigada. Devo dizer que m am ãe sabia de vo-cê, m as nunca tocou no assunto, nem m esm o 835/1201

depois de papai m orrer. Ela nunca o perdoou por ter tido um a am ante.

O corpo de Gabriel ficou visivelm ente tenso.

– Então você não sabia que eu existia, antes da partilha?

– Não, m as conheci sua m ãe. Lam ento que ela tenha m orrido. – Kelly olhou para ele com

com paixão.

– Obrigado. – Gabriel se em pertigou na cadeira.

– Ela m orreu quando eu tinha 9 anos. Mas a

fam ília que m e adotou é m uito boa.

– Michael m encionou isso. Ele m e disse que papai se m anteve inform ado a seu respeito e sobre tudo o que você fazia por anos e anos.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

– Com o é?

– Você não sabia?

– Não. Ele foi em bora de Nova York logo de-

pois que m inha m ãe m orreu. Não tive nenhum contato com seu pai depois disso. – Gabriel

836/1201

trincou os dentes. – Nenhum telefonem a, nenhum a carta, nada.

– Sinto m uito. Achava que você e ele tivessem m antido contato, com base no que Michael disse.

– Kelly tom ou um gole do seu vinho, pensativa. –

Ele m e contou que papai sabia qual fam ília o havia adotado, e tam bém que você foi para Princeton e Harvard. Aparentem ente, eles continuaram conversando a seu respeito ao longo dos anos.

– Se ele tinha interesse em discutir m inha vida com o advogado, por

que não se interessou em dar um telefonema? Ou escrever um a carta?

Kelly baixou os olhos para a toalha da mesa.

– Talvez eu possa lançar alguma luz sobre isso.

Papai era o tipo de homem em que, depois de tomar uma decisão, nunca voltava atrás. – Ela ergueu o rosto, estudando a linguagem corporal de Gabriel com preocupação. – Mas tem o que esta conversa esteja a aborrecendo você.

837/1201

– Vim aqui em busca de respostas – disse ele, ríspido. – Já sabia que elas não seriam agradáveis.

– Sim, claro. Então você chegou a conhecer

papai?

– Eu o encontrei uma vez.

– Mas cresceu na Pensilvânia, depois que foi

em bora de Nova York?

– Tive a sorte de uma família com contatos no hospital ter concordado em me acolher depois que minha mãe morreu.

– E a família da sua mãe?

Ele fechou a cara e ficou calado.

– Não quero ser enxada. Mas isso sem preme intrigou. Encontrei sua mãe algum as vezes e ela parecia ser muito próxima dos pais. Sem preme perguntei por que você não tinha ido me orar com eles.

– Meu avô morreu antes de eu nascer. Minha

avó cortou laços com minha mãe por conta das circunstâncias em que fui concebido. Quando ela 838/1201

morreu, minha avó disse à assistência social que não poderia me acolher. Minha mãe adotiva entrou em contato com meu pai, mas ele tinha me deserdado. Eu poderia ter acabado em um

orfanato se não fosse pelos Clarks. – A expressão de Gabriel estava carregada.

– Sinto muito. – Kelly tornou a se inclinar para a frente na cadeira. – As coisas não foram nada fáceis para você, não é?

– Você conheceu minha mãe? – perguntou ele, apressando-se em mudar de assunto.

– Ela era uma das secretárias de papai. Era

jovem e bonita e, sempre que eu o visitava no trabalho, me tratava muito bem. Eu gostava da sua mãe. Na época em que você nasceu, ou talvez logo depois disso, meus pais tiveram uma série de brigas. Depois as coisas se acalmaram. Então, alguns anos mais tarde, minha mãe largou o papai e foi morar com meus avós em Long Island. Após seis meses, eles se reconciliaram e ela voltou a morar 839/1201

com ele em Manhattan. Estou apenas especu-

lando, é claro, mas suponho que a separação

tenha tido algo a ver com você. Uma das coisas que me lembro de ouvir minha mãe gritando era

“aquela criança”. É claro que eu e Audrey não fazíamos ideia do que ela estava falando. Achávamos que eles estavam brigando por causa de algum problema de nós.

Gabriel franziu os lábios.

– Quantos anos você tinha quando eles se separaram?

– Hum ... deixe-me ver. – Kelly olhou para o teto. – Uns 23, mais ou menos.

– Então eu tinha 9. Foi quando nós fomos embora para Nova York.

– Minha mãe deve ter dado um último ato a papai, então sua mãe decidiu ir embora.

– Você nunca falou com sua mãe sobre nada

disso?

Kelly arregalou os olhos de pavor.

840/1201

– De jeito nenhum. Meus pais brigavam, mas nunca nos contavam o motivo das brigas. Nunca tive coragem de perguntar à mãe sobre isso, nem depois de adulta.

– Pode me contar mais alguma coisa sobre a minha mãe?

Kelly olhou os talheres, pensativa.

– Ela era bonita e muito carinhosa. Era jovem e cheia de vida. A minha tinha um quê de alpinista social e podia ser muito difícil. Não sei se você tem noção disso, mas a diferença de idade entre os seus pais era considerável. Papai nasceu em 1936. Sua mãe devia ser uns vinte anos mais nova.

– Sim, já sabia. O que pode me dizer sobre ele?

– Eu o amava, mas ele trabalhava muito. Tenho boas lembranças de passear com ele pela cidade e de comermos panquecas juntos nas manhãs de sábado. Ele era um ótimo pai, em bora não fosse muito bom marido.

841/1201

– Mas sua mãe o amava.

– Claro. – Kelly soou ofendida. – Ele era bonito e charmoso. Tinha um senso de humor refinado e era muito bem-sucedido. Só tinha o defeito de ser mulherengo. Mas, por incrível que pareça, ele tinha adoração pela minha mãe. – Com essas palavras, os olhos de Kelly ficaram marejados.

Ela

ficou

calada

por

alguns

instantes,

esforçando-se para controlar suas emoções.

– Vej o que isto também está aborrecendo você.

Me desculpe. – O tom de Gabriel era gentil.

Kelly brandiu um lenço de papel no ar antes de secar os olhos.

– Foi um choque quando descobrimos os que ele

tinha um amor antes, e nós, um irmão. Audrey nunca superou esse trauma.

– E você?

Kelly assumiu uma expressão de bravura.

– Tento praticar o que digo aos meus pacientes e aos pais deles. Você não pode controlar todas as coisas

que acontecem na sua vida, mas pode controlar a maneira com
o qual reage a elas. Eu poderia continuar com raiva do meu pai por ele ter
traído minha mãe. E poderia ter raiva da minha mãe por ela ter
sido tão dura a ponto de me e meu irmão

afastado do meu único irmão. Ou poderia optar por perdô-los, e
perdoar a mim mesma, e tentar consertar as coisas.

Ela baixou os olhos para as mãos, pousadas no colo.

– Sem precisar ter um irmão. Só não esperava que ele fosse tão jovem.

– Se servir de consolo, sinto muito. Lamento que minha mãe e seu
pai tenham ... se envolvido.

– A expressão de Gabriel se abrandou, assumindo um ar mais passivo.

Os olhos dela encontraram os dele.

– Obrigada, Gabriel. Mas os tipos mais estranhos de ilações não
surgem das piores circunstâncias? Aqui estamos nós, depois de todos
esses anos

anos. Por conhecer bem papai, estou certa de ele deve ter cuidado da sua mãe. E de você. Ou então não teria se mamado informando a seu respeito e o incluído no testamento.

– Não tenho tanta certeza. – Gabriel empurrou seu prato para o lado.

– Não consigo imaginar-lo brigando com minha mãe por algo com que ele não se importasse. E

não era nenhum segredo que ele sempre quis ter um filho homem. Mas mamãe não queria engravidar outra vez.

Kelly baixou a cabeça para o prato. Mal tocara na comida.

– Quem me dera você tivesse tido mais tempo com ele. Mesmo que, nesse caso, Audrey e eu fôssemos ter ainda mais. – Ela abriu um sorriso triste para Gabriel. – Mas eu teria ficado feliz em dividi-lo.

– E Audrey ?

844/1201

– Audrey. – Kelly suspirou. – Audrey ficou do lado de mamãe. Ela vê você com o um

aproveitador.

– Eu não queria o dinheiro – rebateu Gabriel, levantando a voz. – Só o aceitei porque eu e

minha família adotiva estavam passando por dificuldades.

Kelly estendeu o braço por sobre a mesa,

pegando a mão dele.

– Não guardo nem um pinga de rancor. – Ela o afagou antes de recolher a mão de volta. – Papai fez uma série de escolhas que tiveram consequências para todos nós. Mas ele está morto. Nossas mães estão mortas. É hora de perdoar e seguir em frente.

Ela fez uma pausa antes de prosseguir:

– Você, Gabriel, sem dúvida não fez nada para nos prejudicar. Poderia ter entrado na justiça e pedido mais. Poderia ter aparecido durante a leitura do testamento e constrangido minha mãe.

Poderia ter convocado um a coletiva de im prensa ou falado com algum tabloide. Mas não fez nada disso. Suas atitudes dem onstram que é um

hom em de caráter, e esse foi m ais um m otivo para eu querer conhecê-lo. Acho que Deus nos

uniu.

Ela lançou um olhar cauteloso para o irm ão.

Ele pestanej ou.

– Minha esposa tam bém pensa assim . Ela vê a providência divina em tudo.

– Eu concordo com ela. – Kelly term inou seu vinho. – Posso perguntar o que o levou a escrever para Michael?

– Não acho que tenha sido a providência

divina. Mas não descarto a possibilidade. – Gabriel brincou com o copo d'água. – Tem o que o m otivo da m inha curiosidade sej a m ais prático do que qualquer outra coisa. Minha esposa e eu

tem os planos de com eçar um a fam ília no futuro.

Por isso eu gostaria de saber m ais sobre o

histórico m édico dos m eus pais.

– Isso é sim ples de resolver. Papai m orreu de ataque cardíaco. Ele era sedentário, workaholic e com ia o que bem entendia. Não sei se ele nasceu com tendência a colesterol alto, em bora sej a possível. Audrey e eu certam ente não tem os esse problem a. Quanto aos pais dele, até onde sei, m orreram j á idosos, de causas naturais. Você tem inform ações sobre eles?

– Nenhum a. Não sei nem com o se cham avam .

O rosto de Kelly assum iu um a expressão triste.

– Lam ento ouvir isso. Tem os todos m uito orgulho de nossos avós.

Vovô era professor, com o você. Dava aula de literatura romântica.

– Qual era o nome dele?

– Benjamin Spiegel.

Gabriel se enfiou na cadeira.

– Benjamin Spiegel? O professor Benjamin

Spiegel?

847/1201

– Sim. Você o conhece?

– É claro. É o principal teórico do romantismo alemão dos Estados Unidos. Lemos o trabalho dele na faculdade. – Gabriel esfregou o queixo. –

Ele era meu avô?

– Sim.

– Mas ele não era...? – A compreensão iluminou o rosto de Gabriel.

Kelly inclinou a cabeça, observando-o com atenção.

– Judeu, sim.

Gabriel parecia confuso.

– Não fazia ideia de que nosso pai fosse judeu.

Nunca me disseram nada.

– Não posso falar pela sua mãe, é claro, mas há uma longa história por trás do silêncio de papai.

Quando jovem, ele teve uma briga com o pai e mudou seu sobrenome para Davies, deixando a família e as origens para trás. Quando conheceu e se casou com minha mãe, em 1961, apresentou-se 848/1201

com o agnóstico. Portanto, o judaísmo o nunca fez parte da nossa família.

Gabriel estava imóvel na cadeira, sua mente a mil por hora.

– Benjamin Spiegel – balbuciou. – Admiro

muito os textos dele.

– Ele era um bom homem. Foi rabino, antes de abandonar a Alemanha na década de 1920. Era

um professor muito benquisto na Colúmbia. Um dos prédios da universidade ainda tem o nome dele, assim como o várias bolsas de estudo. Quando ele morreu, nossa avó, Miriam, fundou uma organização beneficente com seu nome em Nova York. Faço parte do conselho, junto com vários de nossos primos. Estou certa de que você será recebido de braços abertos, se estiver interessado.

– O que a organização faz?

– Nós promovemos a alfabetização e oficinas de leitura junto ao sistema público de ensino de Nova York e doamos os livros e materiais escolares 849/1201

para os colégios. Também patrocinamos um ciclo de palestras na Colúmbia e no antigo templo que ele frequentava. Jonathan e eu vamos os sem-pre. –

Ela sorriu. – Gostamos de dizer que fazemos os

parte da linha presbiteriana do judaísmo reformista.

Gabriel retribuiu o sorriso.

– Não sabia que tinha ascendência alemã. Ou

judia. A família da minha mãe era inglesa, se não me engano.

– Muitas pessoas ficariam surpresas com o que descobririam em suas árvores genealógicas se voltassem atrás uma ou duas gerações. É por isso que todo esse ódio entre raças e religiões é uma tolice. Somos todos uma grande família, de uma forma ou de outra.

– Concorde.

Kelly sorriu.

– Com o você é professor de literatura, acho que seria perfeito se desse as palestras na Colúmbia em algum ano.

– É muito gentil da sua parte dizer isso, mas fico inseguro. Sou especialista em Dante.

– A julgar pela biblioteca dele, você se in-

teressava por tudo. Estou certa de que havia espaço para Dante.

Gabriel limpou a boca com o guardanapo.

– Não vai ser constrangedor para a família?

Os olhos cor-de-safira de Kelly assumiram um brilho feroz por alguns instantes, com o osso de uma leoa.

– Você é da família. Se alguém ousar dizer o contrário, bem ... – A voz dela foi sumindo aos poucos, com o se ela estivesse cogitando algo especialmente cruel. – Com exceção de Audrey, acho que todos os demais vão ser civilizados.

– Nesse caso, por favor, diga ao conselho que será uma honra. – Ele fez uma pequena mesura com a cabeça.

– Excelente. Vou falar de você com nossos

primos.

Kelly afastou seu prato e fez sinal para que o garçom o recolhesse.

– Você não comeu quase nada. – Ela olhou para o prato cheio de Gabriel com certa aflição.

– Estou sem fome.

Gabriel indicou ao garçom que também poderia levar o prato dele. Então pediu um café.

– Eu transtornei você? – perguntou Kelly com voz grave.

Gabriel ficou calado por alguns instantes.

– Não. É só m uita coisa para processar. – A expressão de Gabriel mudou e seus olhos bril-

haram . – A revelação de que o professor Spiegel é m eu avô é um a surpresa m uito bem -vinda.

Kelly abriu um largo sorriso.

852/1201

– Gostaria de apresentá-lo à tia Sarah, a irm ã m ais velha de papai. Ela pode lhe contar tudo sobre o pai e a m ãe dela e seus tios. Ela é um m ulher m aravilhosa. Muito inteligente.

Kelly o fitou por um m om ento.

– Sua m ãe algum a vez lhe explicou por que decidiu cham á-lo de Gabriel?

– Não. Meu nom e do m eio é Owen por causa do nosso pai.

Os olhos azuis de Kelly faiscaram .

– O nom e de batism o dele era Othniel. Fique grato por papai ter se livrado dele antes de você nascer.

– Meu nom e significa algum a coisa para você?

– Gabriel esperou, ansioso, pela resposta.

– Infelizm ente não. Exceto que, quando Audrey era adolescente e m eus pais lhe deram um cãozinho de aniversário, ela quis cham á-lo de Gabriel.

Papai teve um ataque e a proibiu de fazer isso.

O olhar de Kelly se perdeu ao longe.

853/1201

– Não m e lem brava disso até agora. Meus pais tam bém brigaram por causa disso. – Ela tornou a encarar Gabriel. – No fim das contas, ela o cham ou de Godfrey , o que é um nom e m uito bobo para um pom

erano. Em bora cães dessa raça m e pareçam bobos por natureza. Jonathan e eu

sem pre tivemos os labradores.

Gabriel ficou calado, sem saber o que dizer.

– O nom e dele não consta na m inha certidão de nascim ento – falou após alguns instantes. – Não recebi o sobrenom e dele, é óbvio.

Kelly pareceu ficar desconfortável.

– Infelizm ente eu j á sabia disso. Quando

m am ãe e m inha irm ã decidiram contestar o testam ento, essa foi um a das evidências que citaram .

Mas papai tinha assinado um a declaração j ura-m entada antes de m orrer, afirm ando que era seu pai e que havia convencido sua m ãe a deixar o nom e dele fora da certidão de nascim ento. Não sei que tipo de prom essas papai fez para a sua 854/1201

m ãe em troca. Mas ele deve ter se sentido culpado depois.

– Hum pf – resm ungou Gabriel.

– Na verdade, acho que ele sentiu algo m ais do que culpa.

Kelly pegou sua grande bolsa e revirou seu conteúdo.

– Tom e.

Ela pousou um a fotografia antiga sobre a m esa, ao lado da xícara de café vazia de Gabriel.

Era um a foto dele com a m ãe. Gabriel parecia ter cerca de 5 anos.

– Não m e lem bro dessa foto. Onde a encontrou? – Ele analisou a im agem de perto.

– Papai guardava um a caixa com obj etos pessoais em sua cômoda. Quando m am ãe m orreu, a caixa veio parar nas m inhas m ãos. Eu estava dando um a olhada nela um a noite e notei que havia um a parte em que o tecido do forro tinha 855/1201

sido rasgado. Lá dentro, encontrei essa fotografia.

Ele devia m antê-la escondida de m am ãe.

– Não sei o que fazer com isso – disse Gabriel.

– Fique com ela, é óbvio. Ainda tenho outras coisas para lhe dar.

– Não poderia aceitá-las.

– Você lê alem ão?

– Leio.

– Ótim o. – Ela riu, o som delicado e m elodioso.

– Entendo um pouco, porque papai costum ava

falar alem ão de vez em quando, m as não consigo ler. Então não tenho serventia para os livros do m eu avô. E tam bém não uso as abotoaduras de papai. Portanto, você estará m e fazendo um favor ao tirar essas coisas das m inhas m ãos. Na verdade, considerando o tam anho do nosso aparta-m ento e a quantidade de coisas que tem os dentro dele, seria um *mitzvah*.

– Um *mitzvah* – m urm urou ele, enquanto o garçom lhes servia o café.

856/1201

– Estou sendo m uito indelicada, Gabriel,

falando o tem po todo sem nem perguntar nada sobre você e sua esposa. Espero ter a chance de conhecê-la.

– Eu gostaria que isso acontecesse. – Gabriel enfim abriu um sorriso. – O nom e dela é Julianne. Ela está fazendo doutorado em Harvard.

– Que nom e m ais bonito. Há quanto tem po es-tão casados?

– Desde j aneiro.

– Ah, recém -casados. Você tem algum a foto

dela?

Gabriel tornou a lim par as m ãos com o guardanapo antes de pegar seu iPhone. Passou as im -

agens rapidamente até chegar a uma foto recente de Julia sentada à mesa dele na casa de Cam -

bridge. Sem pensar no que fazia, traçou a curva do seu rosto com o polegar enquanto olhava a imagem.

Kelly o observava com muita atenção.

857/1201

Ele entregou o telefone para a irmã.

– Você deve amá-la muito.

– Am o, sim .

– Ela parece jovem .

Gabriel mal conseguiu conter uma carranca.

– Ela é mais nova do que eu, sim .

Kelly deu uma risadinha.

– Na minha idade, todo mundo parece jovem .

Estava prestes a devolver o telefone para ele quando se deteve. Olhou a foto mais de perto.

Então cutucou a tela para aumentá-la.

– O que é isso em cima da mesa? – Ela estendeu o telefone para Gabriel, apontando para um

pequeno objeto preto.

– É uma locomotiva. Eu a tenho desde criança.

Julia achou que daria um bom peso de papel.

Kelly tornou a olhar para a foto.

Gabriel franziu as sobrancelhas.

– O que foi?

– Ela me parece familiar.

– Fam iliar?

Kelly ergueu a cabeça para encará-lo.

– Papai tinha um a parecida, de quando era cri-ança. Ele guardava a locom otiva e dois vagões na côm oda. Então, um belo dia, a locom otiva sum iu.

Quando Audrey lhe perguntou o que tinha

acontecido, papai disse que ela havia quebrado.

Mesm o na época, acham os que era um a desculpa esfarrapada. A locom otiva era de ferro. De quem você ganhou a sua?

– Não m e lem bro. Sem pre a tive.

– Interessante – sussurrou ela.

– Por quê?

– A de papai era o brinquedo favorito dele quando criança. Acho que chegou inclusive a gravar as iniciais de seu nom e na parte de baixo.

– Ela fitou Gabriel com um olhar significativo. –

Quando chegar em casa, poderia dar um a olhada? Eu gostaria de saber.

– Isso faria algum a diferença?

– Se for a locom otiva que estou pensando, en-tão deve ter ganhado dele. Com o o brinquedo era m uito im portante para ele, creio que você fosse tão im portante quanto.

◆ ◆ ◆

Ela devolveu o telefone a ele.

– Não consigo acreditar nisso.

Ela brincou com a xícara de café, girando a colher antes de depositá-la sobre o pires.

– Mas eu o conheci, entende? Durante anos. Era um homem complicado, intransigente, mas não era cruel. Se viu preso entre sua mãe e você e minha mãe e nós duas. Não estou dizendo que tenha feito a escolha certa. Se tivesse sido mais forte e minha mãe mais complacente, poderia ter tido todos os seus filhos vivendo na mesma cidade. Tudo isso me faz lembrar um pouco da

história bíblica de Hagar e Ismael. Não posso deixar de suspeitar que minha mãe fez o papel de Sara. Em bora o nome dela fosse Nancy. Quero acreditar que ele o amava. Que se importava com 860/1201

você e que foi por isso que o abandonou de

longe e o incluiu no testamento.

– Não consigo acreditar nisso – repetiu Gabriel com frieza.

– Mas é possível, irmão. Ele não era um monstro. E “há mais coisas entre o céu e a terra, Horá-

cio, do que sonha nossa vã filosofia”.

– *Hamlet* – disse Gabriel, a contragosto.

– Gosto de pensar que nosso avô estaria orgulhoso de nós dois. Você foi para Harvard. Eu fui para a Vassar. – Ela sorriu. – A sua esposa... Julianne é religiosa?

Gabriel guardou a foto que Kelly lhe dera no bolso interno do paletó.

– Sim. Ela é católica e dá importância à sua fé.

Sem dúvida tenta viver de acordo com ela.

– E você?

– Eu me converti ao catolicismo antes de nos casarmos. Acredito, se é isso que está me

perguntando.

861/1201

– Acho que não tem nenhum católico no

conselho da nossa fundação. Você será o

primeiro. – Kelly fez sinal para o garçom trazer a conta. – Espere só até os outros saberem que

agora tem os irmãos em brocatório do judaísmo reformista.

“Foi um erro”, Gabriel bufou para o celular assim que a ligação caiu na caixa postal de Julia. “Eu não deveria ter vindo sem você. Julianne, eu preferiria que você não desligasse seu telefone. É a melhor maneira que tenho de entrar em contato.

Já passa da meia-noite e acabei de voltar para o hotel depois de jantar com Kelly. Desculpe por não ter podido ligar antes. Nossa conversa se estendeu mais do que o esperado. Ela é muito simpática.

Você tinha razão, como sempre. Engraçado como você quase sempre tem razão.” Ele suspirou 862/1201

devagar. “O retrato que Kelly pintou do nosso pai é bem diferente daquele que guardo em minha

memória. Não tive coragem de lhe contar que o homem que ela adorava batia na minha mãe.” Ele suspirou de novo. “Queria que você estivesse aqui.

No fim do jantar, eu já estava começando a duvidar das minhas lembranças. A duvidar de mim

mesmo. Preciso lhe pedir uma coisa. Pode dar uma olhada na locomotiva em cima da minha mesa

para ver se tem algo gravado na parte de baixo dela? É importante. Vou ter que prolongar minha estadia. Kelly quer me apresentar a uma tia na sexta-feira.

Isso significa que só voltarei no sábado.

Desculpe por isso, mas achei que seria melhor amarrar todas as pontas soltas antes de voltar para casa. Ligue para mim assim que receber esta mensagem, não importa que horas sejam.” Ele fez uma pausa. “ Apparuit iam beatitudo vestra . Amo você.”

863/1201

Gabriel jogou o celular em cima da cama

grande e vazia.

Ainda estava digerindo a conversa com a irmã.

Tinha ficado surpreso com grande parte do que ela lhe dissera. Ficara claro que o relacionamento dela com o pai era amigável e bom. Nesse sentido,

com o em tantos outros, era com o se ele e Kelly tivessem tido dois pais diferentes.

Algumas de suas perguntas haviam sido re-

spondidas, o que era um alívio, ainda que as respostas levassem a mais perguntas. A notícia refer-

ente ao seu avô era ótima. Um sentimento de ternura se espalhou pelo seu peito ao pensar

nisso.

Pelo menos tenho um parente de sangue de que possa me orgulhar, além da minha irmã.

Com o ele desejava poder voltar para casa, encontrar Julianne adormecida e lhe contar tudo o que havia acontecido. Com o desejo de poder se aninhar nos braços dela e apagar aquele dia da memória.

Em memória. Com certeza um erro colossal ao decidir fazer aquilo sozinho. E agora, com o tempo, via-se obrigado a lidar com as consequências.

Amaldiçoando a si mesmo, foi para o chuveiro, na esperança de que a água quente o ajudasse a esquecer. Em seguida, terminaria de ler o diário de sua mãe, para tentar descobrir a verdade sobre

o relacionamento dos seus pais.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

5 de dezembro de 2011

Washington, D.C.

Natalie Lundy olhava para a fotografia em estado de choque.

Um estranho zumbido ecoou em seus ouvidos

enquanto seu marido parava de girar brusca-

mente. Ela continuou a olhar a foto em preto e branco – para o homem e a jovem loura que se abraçavam e sorriam para a câmera; para o

grande diamante solitário que brilhava no dedo da mulher; para o anúncio da união de duas

famílias poderosas no cenário político.

O estômago de Natalie em brulhou. Ela se

debruçou sobre o cesto de lixo e botou para fora 866/1201

todo o café da manhã. Trêmula, limpou a boca e camaleou até o banheiro.

Bebeu um copo d'água e botou a mente para

funcionar. Ela havia acabado de perder tudo. Já ouvira os boatos, claro. Mas também sabia que Simon só estava com a filha do senador Hudson por motivos políticos. Ou pelo menos foi o que ele dissera da última vez em que estivera na sua

cama, no fim de agosto.

Ela havia feito tudo o que ele mandara. Tinha trabalhado para o pai dele e mantido a boca

fechada. Mandava e-mails ou telefonava para Simon de vez em quando, mas as suas respostas foram rareando até ele passar a ignorá-la por completo, em algum momento de novembro.

Ele estava fazendo Natalie de boba. Havia anos, na verdade. Sem preverendo atrás de outras

mulheres enquanto se satisfazia com o corpo dela.

867/1201

E ela fizera coisas por ele. Coisas que não queria fazer, com o diversas práticas sexuais e fingir que não se importava de ele com outras mulheres.

Ela olhou para o seu reflexo no espelho do banheiro e uma ideia terrível lhe ocorreu.

Natalie não tinha nada a perder. Sim on tinha e, por Deus, ela iria garantir que ele perdesse.

Ela largou seu copo de lado e secou a boca,
voltando rapidam ente para o quarto a passos

firm es. Agachou-se no chão e afastou para o lado um a das tábuas do assoalho debaixo da cam a.

Tirou lá de dentro um pen drive e o guardou com cuidado no bolso do blazer. Então recolocou a tábua no lugar.

Pegando o casaco e a bolsa, seguiu em direção à porta. Enquanto cham ava um táxi, não notou o carro preto estacionado do outro lado da rua.

Tam pouco percebeu quando ele entrou no
tráfego atrás do táxi dela, seguindo-o a um a distância segura.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

– Gabriel, você está recebendo m inhas

m ensagens? Esta é a terceira vez que ligo e cai na caixa postal. Deixei um a m mensagem para você ho-j e de m amanhã sobre a locom otiva. Tem duas letras gravadas na parte de baixo, “OS”. Não sei o que significam . Fazem algum sentido para você?

Com o sabia que haveria algum a coisa ali? Nunca as havia notado. Que pena que vai ter que prolongar sua estadia, m as entendo. Espero que o encontro com sua tia corra bem . Estou na biblioteca

◆◆◆

trabalhando no últim o artigo que preciso en-

tregar. Com o você sabe, não posso falar ao telefone aqui dentro. Me m ande um torpedo que ligo de volta. Am o você. E estou com saudades.

Julia gem eu ao desligar. As m mensagens de Gabriel vinham sendo cada vez m ais m elancólicas e 869/1201

tristes. De algum a form a, entre os assuntos que ele precisava resolver e o esforço dela para finalizar e subm eter sua palestra a publicação,

eles

havam se afastado. Julia estava preocupada com ele.

Pelo menos, se conseguisse terminar aquele último artigo, o semestre estaria concluído. Então ela e Gabriel poderiam começar a aproveitar o recesso de Natal.

Ela começou a digitar com determinação em seu laptop.

– O que acha de Giuseppe Pacciani, de Florença?

– perguntou Lucia Barini, chefe do departamento de italiano da Universidade Columbia, olhando para Gabriel do outro lado da mesa.

Ele bufou.

870/1201

– Nada de mais. Ele publicou algumas coisas além do seu livro, mas nada muito significativo, em minha opinião. Por quê?

– Estam procurando alguém para substituir um de nossos professores que está para se

aposentar, e ele está na nossa lista preliminar.

Gabriel ergueu as sobrancelhas.

– Ah, é?

– No entanto, uma aluna do meu estrado fez algumas alegações bem graves contra ele, que remontam à época em que ela era aluna dele em Florença. Você a conhece, Christa Peterson.

Gabriel fez uma careta.

– Sim, conheço.

– Ouvi os boatos sobre o que aconteceu em

Toronto. Também ouvir dizer que foi Christa que

os espalhou e que ela é um dos motivos pelos quais você e Julianne

não estão mais lá.

871/1201

– Julianne foi aceita em Harvard. Nós iríamos nos casar. Eu já vinha querendo sair de Toronto –

disse Gabriel em tom frio.

Lucia abriu um sorriso amigável para ele.

– É claro. Só fiquei sabendo dos problemas que Christa havia causado depois de Jerem y Martin e me convencer a aceitá-la. Caso contrário, não teria me encontrado disposta a isso. Recebem os

meus candidaturas e posso me dar ao luxo de ser exigente.

Gabriel se limitou a ficar sentado ali, imóvel com o olhar na estátua.

Lucia tirou os óculos.

– A esta altura, já percebi que Christa é uma encanecida e que tem uma tendência a criar confusão aonde quer que vá. Teve problemas com

Pacciani em Florença, teve problemas em

Toronto e, ao que parece, teve problemas com Katherine Picton em Oxford nesse verão. Katherine me telefonou para dizer que eu deveria

872/1201

com eles ensinar etiqueta para os nossos alunos, uma vez que é óbvio que eles não sabem se com-

portar em público. – Lucia falava com toda a seriedade. – Não gosto de receber esse tipo de telefonema de ninguém, muito menos dela. Este semestre os professores do departamento me informaram que ninguém quer fazer parte da banca examinadora de Christa. Estão com medo de serem acusados injustamente de assédio.

Gabriel a encarou com um olhar incisivo.

–

Eles

têm

toda

a

razão

de

estarem

preocupados.

– Foi o que pensei, tam bém . Agora estou na

posição desconfortável de ou ter que orientar Christa eu m esm a, e ofender Katherine, ou lhe dizer para procurar outro lugar.

Lucia atirou os óculos sobre a m esa à sua frente.

– Você por acaso teria algum a sugestão?

Gabriel fez um a pausa, sabendo que, naquele

instante, a carreira acadêm ica de Christa estava 873/1201

nas suas m ãos. Ele poderia explicar, com riqueza de detalhes, o que de fato acontecera em Toronto e em Oxford, e dem onstrar até onde Christa era capaz de chegar para obter um a conquista sexual.

Esse tipo de inform ação com certeza acabaria com qualquer dúvida que Lucia pudesse ter.

Ele tirou os óculos do bolso e então os guardou de volta, ciente de quais seriam as palavras que Julia (e São Francisco) sussurrariam em seu ouvido.

Expor Christa tam bém significaria expor a si m esm o e Julianne. Ela não queria alim entar boatos desse tipo. E m erecia poder estar diante de um auditório repleto de acadêm icos e ser vista por quem era, não com o parte de um escândalo.

Lucia era sua am iga, m as não íntim a. Gabriel não queria relem brar cada encontro que j á tivera com Christa Peterson e causar constrangim ento para si e para a esposa. Pelo bem dela, e pelo bem 874/1201

da sua reputação, decidiu tomar um a direção diferente.

– Deixando de lado as questões pessoais, posso lhe dizer que o trabalho que Christa me apresentou era medíocre.

– Tive a mesma impressão. Se você juntar isso ao comportamento dela... – Lucia deu de ombros.

– Ela é um risco para o departamento.

– Duvido que Pacciani também não tenha sua parcela de culpa. Eu já pude vê-lo em ação.

– Ele representa outra situação complicada. –

♦ ♦ ♦

Lucia gesticulou para uma pasta de arquivo

aberta em cima da sua mesa. – Christa está fazendo alegações sobre o comportamento dele no passado, mas há relatos de que ele costumava levar suas alunas para a cama, e é por isso que quer tanto sair de Florença. Por motivos óbvios, não quero isso no meu departamento. É uma certeza de processos judiciais.

875/1201

– Claro – falou Gabriel, batendo o pé no chão inconscientemente.

Lucia guardou seus óculos em um estojo, que enfiou na bolsa.

– Chega de falar dos meus problemas. Deixe-

me convidá-lo para almoçar. Tenho reserva no Nel Posto.

Ela se afastou da mesa.

– Tem os minutos conversas para colocar em dia. É

verdade que Julianne falou para Don Wodehouse que a pergunta que ele fez era irrelevante para a sua tese?

Gabriel soltou uma gargalhada.

– Não, não é verdade. Pelo menos não nesses

termos.

Os dois saíram da sala, Gabriel descrevendo

com orgulho a apresentação de Julianne e a

maneira com a qual ela respondeu às perguntas, inclusive a do professor Wodehouse, do Magdalen College.

876/1201

– Maldição. – Gabriel xingou seu iPhone, que

parecia ter m orrido.

Com o se tivesse o poder de ressuscitar os m ortos, ele o sacudiu, pressionando o botão liga/desliga repetidamente. Já estava quase decidido a atirá-lo no Central Park por pura frustração

quando se lembrou de que havia esquecido de

carregá-lo na noite anterior.

– Julianne vai ficar preocupada – balbuciou ele enquanto caminhava pelas ruas de Nova York até

◆◆◆

o escritório de Michael Wasserstein.

O Sr. Wasserstein estava aposentado, mas,

com o qual tinha sido o advogado de Owen Davies

desde que redigira um acordo pré-nupcial para ele em 1961, concordara em receber Gabriel em seu antigo escritório.

Gabriel conferiu seu relógio. Ainda tinha tempo suficiente para fazer uma ligação rápida para 877/1201

Julianne de um telefone público antes de sua reunião.

Encontrou um na altura do Columbus Circle,

passou seu cartão de crédito na ranhura e discou o número do celular dela. Após alguns toques, a ligação caiu na caixa postal.

– Maldição – resmungou ele outra vez.

“Julianne, pelo amor de Deus, atenda a droga do telefone. Vou ter que

comprar um pager para vo-cê.” Ele bufou alto . “Desculpe. Isso foi grosseiro.

Será que pode atender o celular? Estou ligando de um telefone público porque me esqueci de carregar o iPhone ontem à noite e fiquei sem bateria. Assim que voltar ao meu quarto, irei recarregá-lo.” Ele fez um a breve pausa. “Agora já não lembro se

trouxe o cabo. Não consigo me lembrar de mais nada. Está vendo o que acontece quando fico longe de você? Tenho sorte de ainda não ter virado um mendigo. Estou indo me encontrar com o advogado do meu pai. Pelo jeito, ele tem coisas a me

878/1201

dizer que prefere não colocar por escrito.” Houve um a pausa m ais longa.

“Queria que você estivesse aqui. Amo você. Me ligue assim que receber esta mensagem.”

Gabriel colocou o telefone no gancho e saiu andando, seus pensamentos voltados para a reunião iminente.

– Com o vão as coisas, Rachel? – perguntou Julianne à amiga do outro lado da linha de uma chamada de longa distância.

– Tudo bem .

O estado de espírito de Rachel, em geral animado,

decididamente não era o mesmo.

– Qual o problema?

Julia ouviu uma porta se abrir e ser fechada em seguida.

879/1201

– Estou entrando no quarto para Aaron não me ouvir.

– Por quê? Aconteceu alguma coisa?

– Sim . Não. Quero dizer, não sei. – Rachel parecia exasperada.

– Posso aj udar?

– Você pode m e engravidar? Se puder, coloco

você no próxim o voo para a Filadélfia. E ainda providencio que sej a canonizada por fazer um m ilagre.

– Rach. – O tom de Julia era de leve censura.

– O que há de errado com igo? – Rachel

com eçou a chorar.

Ouvir os soluços da m elhor am iga partiu o coração de Julia. As lágrimas de Rachel eram os gritos do fundo da alm a de um a m ulher que queria desesperadam ente ser m ãe.

– Rachel, querida. Sinto m uito. – Os olhos de Julia ficaram m arejados ao ouvir a am iga chorar, sem saber o que dizer.

880/1201

Quando as lágrimas de Rachel cessaram , ela

falou:

– Nós dois fom os ao m édico. O problem a não é com Aaron. O problem a sou eu. Não estou ovu-lando. Terei que com eçar a tom ar inj eções de horm ônios na esperança de que eles consigam

colocar m eus ovários para funcionar. Senão...

Rachel fungou.

– Sinto m uito. Essas inj eções de horm ônios são m uito ruins? – perguntou Julia, titubeante.

– Pode-se dizer que sim . Droga, não sei por que m eu corpo não quer colaborar! A única vez que peço que ele faça algo de im portante, ele m e deixa na m ão. Não entendo.

– O que o Aaron diz disso?

Rachel riu.

– A questão é o que ele não diz. Ele vive falando que está tudo bem , que tudo vai dar certo.

Preferiria que m e dissesse que está puto da vida e decepcionado.

◆◆◆

881/1201

– E ele está?

– Com o poderia não estar? Eu estou.

– Com certeza ele está aborrecido por você

tam bém estar.

– Isso não m e aj uda.

– Então converse com ele.

– Para quê? Para poderem os discutir o fracasso que eu sou? Não, obrigada.

– Rach, você não é um fracasso. E parece que ainda tem opções. Então não perca as esperanças.

Rachel não falou nada.

– Quer vir m e visitar? – perguntou Julia.

– Não posso. Estou m uito enrolada no trabalho agora. Mas vocês vêm passar o Natal conosco, não vêm ?

– Vam os, sim . Chegarem os na sem ana que

vem , acho. Assim que Diane entrar em trabalho de parto.

– Tem tido notícias deles?

882/1201

– Ligo para lá todo dom ingo e Diane m e

m antém atualizada por e-m ail. Até agora, tudo está correndo bem , m as eles ainda estão preocupados com os efeitos do estresse do parto sobre o bebê. Ela vai dar à luz no Hospital Pediátrico, o que significa que eles terão que ir de carro até a Filadélfia quando ela entrar em trabalho de parto.

Ou talvez até precisem se hospedar em um hotel lá por volta da data

do nascim ento.

– Para quando é o bebê?

– Vinte e três de dezem bro.

Rachel tornou a ficar calada.

Julia ouviu o som de um a porta se abrindo,

seguido da voz de Aaron.

– Jules, tenho que desligar. – A voz de Rachel estava abafada. – Mas volto a ligar outra hora, es-tá bem ?

– Claro. Am o você, Rachel. Não perca as esperanças.

883/1201

– É tudo o que m e resta. – Rachel fungou um a últim a vez antes de encerrar a ligação.

Julia devolveu o fone ao gancho e em seguida fez um a longa prece pela am iga.

– Isso é ridículo – disse Julia na noite seguinte, em purrando o celular pelo balcão da cozinha.

– O que houve? – perguntou Rebecca, chegando

da área de serviço com um a pilha de panos de prato recém -lavados.

– Gabriel. Estou recebendo as m ensagens dele, m as não conseguimos os nos falar desde que viaj ou.

Sem pre que ligo, cai na caixa postal, tanto no celular quanto no hotel.

– Ela pousou a cabeça nas m ãos. – Encontrei o cabo do celular dele lá em cim a. Ele vai ter que com prar outro. Ou m e ligar do hotel. Mas parece que está o tem po todo na rua.

884/1201

– Eles tiraram quase todos os telefones públicos das ruas de Nova York. Não vai ser fácil encontrar um .

Rebecca dobrou os panos de prato e os guardou em um a gaveta. Julia tam borilou no balcão de granito, lançando um olhar afiado para seu celular.

– Eu deveria ter ido com ele.

– Por que não foi?

– Tinha que term inar alguns artigos. Ainda

tenho m ais um para escrever, m as agora não consigo m e concentrar.

– Ela ergueu o rosto para encarar Rebecca. – Estou preocupada com ele.

– Tenho certeza de que ele está bem . Em bora não sej a do feitio dele esquecer as coisas. – Rebecca gesticulou para o cabo do celular. – Ele geralm ente é tão...m eticuloso.

– Esse é um j eito bastante educado de colocar a coisa.

885/1201

Julia olhou para as correspondências que Re-

becca havia em pilhado na ilha da cozinha e notou um envelope da com panhia aérea Jet Blue endereçado a Gabriel.

◆◆◆

Ela se levantou, as costas eretas.

– Acha que consigo um voo para Nova York

hoj e à noite? – perguntou Julia, pegando o laptop.

– Não vai ser barato, m as você pode tentar. –

Rebecca deu um sorriso gentil. – Não faz nem dois dias que ele viaj ou.

– Parece um a eternidade – balbuciou Julia.

Rebecca a olhou com ar com preensivo.

– Isso é porque vocês ainda são recém -casados.

Julia acessou o site da Jet Blue e com eçou a digitar furiosam ente.

– As passagens são um a fortuna – lam entou ela, enquanto descia a barra de rolagem por várias páginas.

– Pense nisso com o um presente de Natal

adiantado.

886/1201

– Se bem que eu nem gasto m uito dinheiro em coisas para m im – ponderou. – Gabriel é quem faz questão de pagar os olhos da cara por tudo.

– Quando a vir, ele vai ficar feliz por você ter com prado a passagem .
– Rebecca olhou de relance para as escadas. – Posso pegar a sua m ala e aj udar você a arrum á-la, se quiser. Se o voo for hoj e à noite, é m elhor andar logo. Não vai querer ficar presa no trânsito na hora do rush, a cam -

inho do aeroporto.

Julia levantou os braços e abraçou Rebecca.

– Obrigada. Ele vai ficar m uito surpreso.

– Ele provavelm ente está m ais arrasado do que você – com entou Rebecca, enquanto seguia em

direção à escada.

Julia ainda estava arrum ando a bagagem de

m ão quando Rebecca entrou correndo no quarto, dizendo-lhe que o táxi estava a cam inho. Sua pressa de chegar ao Aeroporto Logan era tanta que ela pegou rapidam ente a m aquiagem e a

887/1201

escova de dentes, deixando todos os outros artigos essenciais para trás.

Guardou o laptop e sua pesquisa na m ala (m uito m ais im portantes do que qualquer obj eto de uso pessoal, um a vez que ela precisava term in-ar seu últim o artigo), localizou a bolsa e chegou à porta da frente bem a tem po de receber o táxi que

chegava.

Em duas horas, Julia estava no Aeroporto

Logan esperando pelo último voo para o Aeroporto John F. Kennedy em Nova York. Deixou

uma mensagem para Gabriel com o recepcionista do Ritz-Carlton, dizendo-lhe que chegaria ao

hotel mais tarde naquela mesma noite. Aproveitou para pedir que a recepção providenciasse água com gás, mais orçamentos e trufas para o quarto deles.

Gabriel ficaria surpreso.

888/1201

Antes de sair do táxi, o professor pediu que o motorista o esperasse. Eles haviam parado um pouco mais à frente da casa em que Gabriel estava interessado, para não chamar atenção.

Ele voltou devagar pela rua, observando os

números das casas. Era um bairro residencial em Staten Island, salpicado de imóveis velhos e pequenos.

Então ele viu.

A casa em si não tinha nada de especial –

pequena e branca, com uma garagem separada e uma entrada para carros curta e asfaltada. Ficava em um terreno de tamanho modesto, com uma estreita faixa de grama que separava a fachada da calçada. Um Mercedes preto que parecia novo estava estacionado no acostamento.

Gabriel ficou parado ali, a duas casas de distância, observando.

Para sua surpresa, a porta da frente se abriu e um homem com cabelos grisalhos saiu. Ele se virou 889/1201

para trás, chamando uma senhora de idade. Depois que ela fechou e trancou a porta, ele pegou seu braço e ajudou-a a descer com cuidado os degraus de entrada.

Gabriel se aproximou.

A mãe não devia ouvir direito, pois o

homem falava alto, em bora não com raiva. Gabriel escutou algo sobre uma consulta médica e a festa de aniversário de um tal de Joey.

A mãe viu Gabriel e se deteve, olhando em sua direção.

Ele diminuiu o passo, finalmente parando na calçada do outro lado da rua. Seu momento havia chegado.

Aquela era sua chance de falar com ela, de exigir respostas às suas perguntas, de revelar quem era.

O homem que acompanhava olhou para Gab-

riel e então começou a puxar a mãe pelo

braço, ainda falando alto.

890/1201

A mãe desviou os olhos de Gabriel e, obediente, seguiu seu acompanhante até o Mercedes, onde ele abriu a porta e aguardou com paciência enquanto ela se acomodava.

O homem pareceu ignorar a presença de Gabriel. Fechou a porta do carro e contornou o veículo.

Em seguida, ligou o motor e partiu.

Gabriel ficou olhando o Mercedes dobrar a es-

quina e sumir de vista.

CAPÍTULO SESENTA

Já passava bastante da meia-noite quando Gabriel entrou no quarto do hotel. Ele estava exausto e de saco cheio da vida, o cabelo desgrenhado e a

gravata torta.

Sem se dar o trabalho de acender a luz, jogou o casaco sobre uma cadeira e chutou suas botas para longe.

(Diga-se de passagem que as botas poderiam

lhe dar um ar superdescolado, mas não o faziam porque ele as usava com terno.)

Assim que com o ar tirou a gravata, a luz do abajur de uma das mesas de cabeceira se acendeu.

– Mas que...

O xingamento de Gabriel foi interrompido por uma voz feminina.

– Amor?

892/1201

Os olhos dele se fixaram na imagem de Julianne, nua na cama com os cabelos despenteados, seus olhos castanhos marejados e sonolentos, seus lábios cor-de-rubi entreabertos, sua voz delicadamente rouca.

Ela parecia uma gatinha sensual.

– Hum, surpresa! – falou, acenando para ela.

Com um grito, Gabriel correu na direção dela, engatinhou sobre a cama e levou as mãos ao seu rosto para poder beijá-la. Foi um beijo longo e bem dado, suas línguas se tocando até ficarem os dois sem fôlego.

– O que você está fazendo aqui? – Ele afastou o cabelo dela do rosto, num gesto amoroso.

– Vim trazer o cabo do seu iPhone. – Ela apontou para o objeto que ele havia esquecido em casa, agora em cima da mesa de cabeceira.

Os dedos longos dele deslizaram até a nuca de Julia, massageando sua pele. Os olhos de Gabriel brilhavam.

893/1201

– Você pegou um avião para Nova York para me entregar o cabo do meu celular?

– Não só o cabo. Trouxe também o adaptador para ligá-lo à tomada. Caso você queira carregar seu celular... bem,

na tom ada.

Ele beijou o nariz dela.

– Senti muita falta desse cabo. Obrigado.

– Sentiu falta do adaptador?

– Ah, com certeza. Muita, muita falta. – Os lábios dele se curvaram em um meio sorriso.

– Estava preocupada com você. Não conseguíamos nos falar ao telefone.

A expressão de Gabriel mudou e seus olhos pareceram cansados.

– Precisamos encontrar uma forma melhor de nos comunicarmos.

– Sinais de fumaça, talvez.

– A esta altura, aceitaria até pelos correios.

Ela gesticulou para os sorvetes e chocolates em cima da mesa, parte deles já consumidos.

894/1201

– Pedi serviço de quarto. Desculpe, mas com exceção sem você. Não imaginava que fosse chegar tão tarde.

Ele trocou de posição, recostando-se na

cabeceira e puxando-a para seu colo, enrolando o lençol em volta do corpo dela para que não ficasse com frio.

– Se soubesse que estava me esperando, teria vindo horas atrás. Estava em Staten Island, e depois fui ao Brooklyn para ver o apartamento em que morávamos.

– Como foi para você?

– Tudo parecia muito maior do que eu me lembro -

brava... o bairro, o prédio... – Ele colou sua testa à dela. – Estou feliz que esteja aqui. Me arrependi de ter vindo sozinho quase no instante em que saí

de casa.

Julia respirou fundo, sentindo o cheiro dele: Aram is, café e algo que poderia ser sabonete. Mas nada de fumo aqui.

895/1201

– Você daria um a ótimos a agente secreta, Julianne. Não fazia ideia de que estava vindo.

– Deixei um a mensagem para você com o re-

cepcionista. Quando cheguei, ele pediu que um dos mensageiros me acomodasse até aqui em cima. – Ela correu os olhos ao seu redor.

– O

quarto é lindo.

Os lábios de Gabriel se contorceram.

– Eu teria reservado um a suíte se soubesse que você viria.

– Isto já está muito melhor do que eu poderia imaginar. E ainda tem um a vista extraordinária para o Central Park.

Ele apertou os braços à sua volta.

– Então, agora que está aqui, o que vou fazer com você?

– Vai me beijar. Depois, vai tirar esse terno e me mostrar quanto sentiu falta do corpo do seu

celular.

– E do adaptador – disse ele com um a piscadela.

896/1201

– E do adaptador.

– Espero que tenha dormido no avião. – Gabriel sorriu antes de colar a boca ávida à dela.

Gabriel ainda estava dentro de Julia, seus corpos
entrelaçados.

Ela

corria

os

dedos

preguiçosam ente por suas costas, para cim a e para baixo, enquanto
ele sustentava seu corpo sobre o dela.

– Você é m inha fam ília. – Ele traçou a curva do pescoço dela com o
polegar.

Julia fitou-o nos olhos.

Ele prosseguiu, sua voz um sussurro rouco:

– Toda essa busca, toda essa ansiedade, quando o que eu procurava
estava bem aqui.

– Meu am or. – Ela levou a m ão ao queixo dele.

– Desculpe por ter m e perdido dentro da m inha cabeça e isolado
você.

– Querido, você precisava descobrir m ais sobre a sua fam ília. É parte
do seu processo de cura.

898/1201

– Eu precisava de você.

Ela lhe deu um sorriso de cortar o coração,

com o se Gabriel tivesse entregado o m undo em suas m ãos.

– Tam bém preciso de você, Gabriel. Fiquei

triste enquanto você estava longe, por m ais que Rebecca tenha m e
feito com panhia. A casa parecia tão vazia. E dorm ir sozinha é um
horror.

Ele riu e o corpo dela reagiu aos seus

movimentos.

– Lembram e desta conversa da próxima vez

que decidir ir em bora para fazer algo sozinho.

◆◆◆

– *Um homem tem que fazer o que um homem*

tem que fazer. Mas ele deveria levar sua esposa junto. – Julia afastou os cabelos dele de cima da

testa.

– Nunca discordo de uma mulher nua.

Os belos traços do rosto dela ficaram

pensativos.

899/1201

Gabriel tornou a acariciar sua face, os olhos azuis aflitos.

– Deixei você triste?

– Estava só pensando em algo que Grace cos-

tumava dizer.

– O quê?

– Ela dizia que o casamento era um mistério; ao se casarem, duas pessoas se entrelaçam até se tornarem uma só. Quando estão separados, é

como se uma parte de mim estivesse faltando. –

Ela se remexeu um pouco debaixo dele. – Fico feliz que sinta o mesmo.

– Eu já sentia isso antes de nos casarmos, mas agora é diferente. A dor é mais forte.

– Durante muito tempo, não consegui entender como o casamento

poderia ser algo que estivesse acima e além do amor. Mas é isso que acontece.

Sim, talvez eu não sei explicar.

– Nem eu. Talvez esse seja o mistério.

Gabriel correu os olhos pelos seus corpos.

900/1201

– Acho melhor eu sair de cima de você.

– Gosto disso, de ficar abraçadinha depois de transar, com você ainda dentro de mim.

– Se esperarmos mais um pouco, vamos poder começar de novo.

Julia apertou os músculos em volta dele, que se contorceu em resposta.

– Se bem me lembro, professor, você precisa de muito pouco tempo para se recuperar.

– Graças a Deus – murmurou ele, começando a se mover dentro dela outra vez.

É preciso dizer que, em geral, os Embryos dormiam

melhor

juntos

do

que

jamais

conseguiriam fazê-lo separados. Aquele noite não foi exceção.

(Quando eles enfim pararam de fazer amor, é claro.)

901/1201

Ao acordar na manhã seguinte, Gabriel notou

que Julia continuava dormindo, o rosto dela colado ao seu peito.

Apreciou o perfil dela sem se mexer, resistindo ao impulso de erguer seu

queixo para beijá-la.

Em vez disso, m em orizou a pele de suas costas e de seus om bros com os dedos.

Um grande fardo havia sido tirado de cim a

dele. Gabriel não havia recebido exatam ente as respostas que buscava, m as, em vez disso, recebera algo m uito m elhor: sua irm ã e a descoberta de seu avô. O professor Spiegel era erudito e nobre, fam oso por seu brilhantism o intelectual e sua generosidade. Era um hom em que Gabriel desej ava conhecer m elhor. Um ancestral cuj o sangue ele ficaria feliz em passar para seus filhos.

Essa ideia lhe trazia conforto.

Kelly tinha plantado a sem ente da suspeita de que seu pai talvez não fosse o m onstro que ele im aginava. As m em órias e os sonhos de Gabriel 902/1201

se m isturavam de tal form a que era possível que ele tivesse confundido as duas coisas. De todo m odo, os fatos sobre os quais tinha certeza a respeito

do

pai

eram

com prom etedores

o

suficiente.

Que tipo de homem abandona a mãe do seu

filho e deserda a criança em seguida?

Ele sentiu um nó na garganta ao pensar em si m esm o.

– Você chegou a ver sua avó? – perguntou Julianne, piscando para ele, sonolenta.

– Só de longe. Ela estava saindo de casa para entrar em um carro, com alguém que provavel-m ente é m eu tio. Pelo m enos acho que era m inha avó. Ela ainda m ora na m esm a casa.

– Não falou com eles?

– Não.

Gabriel m oveu a m ão até a base das costas dela, espalm ando-a sobre as duas covinhas idênticas que havia sobre a curva das suas nádegas. Era 903/1201

um a das partes do corpo dela de que ele m ais gostava.

(Em seu íntim o, ele se im aginou fincando um a bandeira ali, em um gesto de colonialism o

corporal.)

– Por que não? – Julia ficou intrigada.

– Eles não são m inha fam ília. Parado ali, percebi que era com o um alienígena para eles. Não tem os nenhum a ligação. Nada. – Ele suspirou. –

Pelo m enos, quando encontrei m inha irm ã, reconheci os olhos dela.

Julia o encarou com curiosidade.

– Ela e eu tem os os olhos do nosso pai.

– Você não precisa falar com sua avó para saber m ais sobre o histórico m édico da sua m ãe?

– Carson conseguiu o laudo da autópsia dela.

Tam bém obteve inform ações sobre seu histórico m édico, por vias questionáveis.

– E?

904/1201

– Doenças cardíacas e pressão alta são hered-

itárias na fam ília dela, m as não há nada de m uito preocupante.

Julia relaxou perceptivelm ente sob os dedos dele.

– Isso é um a boa notícia, não é?

– Sem dúvida. – Gabriel pareceu estranham ente apático.

– E quanto ao lado do seu pai?

– Kelly me disse que também há casos de doenças cardíacas do lado deles.

– Então você não quer conhecer sua avó e o restante da sua família?

– Tenho o diário de mamãe e algumas histórias que Kelly me contou. Já está de bom tamanho.

– Kelly conheceu sua mãe?

Julia se sentou ao lado dele.

– Lembra-se de tê-la conhecido quando ela trabalhava para o nosso pai. E também se lembra dos pais dela brigando, supostamente por causa 905/1201

da minha mãe e de mim. Quero apresentar você a Kelly. Ela e o marido me convidaram para jantar amanhã à noite e, na sexta-feira, devem vir visitar nossa tia Sarah no Queens.

– Adoraria conhecer sua irmã. Mas talvez você precise me levar para comprar algo para vestir no jantar. Foi Rebecca que fez minhas malas, então tenho apenas uma bagagem de mão cheia de

lingerie e um único vestido.

Os olhos de Gabriel se incendiaram.

– Está claro que ela não conhece você muito bem.

– Por quê?

Ele se inclinou para a frente, roçando os lábios em sua orelha.

– Porque você dorme nua.

A proximidade dele excitou Julia, que começou a brincar com os pelos do peito dele.

– Terminou de ler o diário da sua mãe?

– Terminei.

906/1201

– E?

– Nada fora do esperado. Conforme o tempo

passava e ela percebia que nunca iria ter uma vida com o meu pai, foi perdendo cada vez mais o

entusiasmo, até parar de escrever de vez.

Julia pousou a mão sobre a tatuagem dele, pressionando com ternura.

– Está feliz por ter vindo a Nova York?

– Estou. Graças a Kelly, tenho boas notícias. O

professor Benjamin Spiegel, da Colúmbia, era meu avô.

– Benjamin Spiegel – mencionou ela. – Não reconheço o nome. Ele era especialista em Dante?

– Não, em romântismo. Chegamos a ler alguns textos dele durante a pós-graduação.

– Katherine Picton detesta os românticos. Uma vez ela me acusou de fazer uma leitura romântica de Dante.

Gabriel deu uma risadinha.

907/1201

– Nem todo mundo dá valor aos românticos.

Mas o professor Spiegel dava. Durante décadas, a obra dele foi a principal referência da área. A maior parte das suas publicações está em alemão, mas ele também escreveu alguns artigos em

inglês.

– E era seu avô?

– Era. – Gabriel assumiu uma expressão orgulhosa. – Kelly me disse que ele era muito benquisto na Colúmbia, e famoso por suas obras de caridade e sua liderança com unidade judaica.

Julia arqueou as sobrancelhas.

– Por que você nunca soube dele?

– Ele e meu pai tiveram um desentendimento.

Papai mudou de nome, virou as costas para o judaísmo e não falava sobre a família. Kelly sabia, é claro. Ela tem contato com nossos primos.

– Ela chegou a conhecê-lo?

– Infelizmente ele morreu antes de ela nascer.

908/1201

– Parece que agora sabem os de onde veio sua

paixão pela literatura. E seu interesse por sexo *kosher*.

♦ ♦ ♦

Ele ri.

– Meu interesse por sexo *kosher* tem outras origens, mas talvez haja alguma relação entre as

duas coisas.

O rosto dele ficou sério.

– Descobrir quem foi meu avô foi o que salvou minha vida até aqui.

O sorriso de Julia desapareceu.

– E quanto a suas irmãs?

– Audrey não quer ter contato comigo. Kelly é ótima, mas tem uma visão do meu pai bem diferente da minha. – Gabriel fechou a cara. – Não sei qual é a verdade. Se ele é o pai carinhoso de que ela se lembra ou o homem que batia na minha mãe.

– Talvez fosse as duas coisas.

– Impossível.

909/1201

– Espero que ele não tenha batido em sua mãe ou em você, mas as é possível que a relação dele com a esposa e as filhas fosse diferente.

– Isso não me traz muito consolo.

– Desculpe.

Gabriel enterrou o rosto no cabelo dela.

– Por que ele não nos quis?

O coração de Julia se apertou.

– Acho que ele queria vocês, mas também queria a outra família. O problema era esse. Queria ter tudo, mas não podia. O

fracasso do seu pai

quanto a isso é só dele, não tem nada a ver com você. – Ela beijou Gabriel com força. – Não quero contar mais sobre a sua irmã? Tanta coisa aconteceu e eu só ouvi alguns pedaços da história.

– Quero, sim, mas pode esperar? Tenho algo

kosher que gostaria de fazer antes. – Gabriel virou de costas, puxando-a para cima de si.

910/1201

Depois que o serviço de quarto foi comido, Julianne voltou para a cama, cobrindo-se com um lençol.

– Por que não ficam os dois o dia inteiro aqui, fazendo sexo?

Gabriel se sentou aos pés dela, com os olhos brilhando.

– Essa é a Julianne que conheço e amo. Mas você não tem um artigo para escrever?

– Prefiro fazer outra coisa. Com você. – Ela o chamou com um dedo.

Gabriel estava prestes a puxar o lençol de cima do corpo dela quando seu iPhone tocou.

Ele fitou o aparelho.

Então lançou os olhos para os de Julia.

– Quem é? – perguntou ela.

A expressão de Gabriel ficou azeda.

– Seu tio Jack.

911/1201

– Por que ele está ligando para você? – Ela se sentou na cama, puxando o lençol. – Será que aconteceu algo com o meu pai? Ou com o bebê?

– Espero que não.

Ele soltou o telefone do cabo e o levou à orelha.

– Alô?

– Emerson. Estou em um depósito da FedEx em Washington, D.C. – Com o meu pai, Jack foi

direto ao ponto.

– E?

– Tenho na minha um pen drive que contém vídeos e fotografias, alguns da minha sobrinha.

Não são indicados para menores de 18 anos.

Gabriel se sentou na beirada da cama.

– Você me disse que tinha confiscado tudo – mostrou ele.

– Foi o que pensei. A garota devia ter um

backup escondido em algum lugar. Tentou enviar para Andrew Sampson, um jornalista do *Washington Post*.

912/1201

– Então conserte o estrago. Isso é problema seu.

– Sei disso. Liguei apenas para discutir a

estratégia.

Os olhos de Gabriel tornaram a saltar em direção aos de Julia.

– O que está havendo? – perguntou ela.

Ele levantou um dedo, indicando que ela dever-ia esperar.

– O que sugere?

– A garota está com raiva do namorado porque ele lhe deu um pé na bunda para se casar com outra. Quer constrangê-lo, assim com o pai dele. Sugiro que a ajudem os. Vou copiar tudo o que tiver a ver com a garota e o namorado dela para um novo pen drive e enviá-lo.

– Isso não é arriscado?

– Eles vão ser comprometidos e minha sobrinha ficará fora disso.

913/1201

Gabriel olhou para Julianne, para o modo com o qual suas sobrancelhas estavam unidas, um vinco se formando entre elas.

– Sua sobrinha está aqui. Deixe-me falar com ela e já ligo de volta.

– Não tenho muito tempo.

– Não vou tomar essa decisão por ela.

Gabriel desligou, jogando o telefone em cima da cama.

Ele esfregou as mãos no rosto.

Julia se aproximou.

– O que está havendo? Por que Jack está telefonando para você?

– Ao que tudo indica, Natalie tinha um pen

drive com fotos e vídeos escondido em algum lugar. Tentou enviá-lo por FedEx para o *Washington Post*.

– O quê? – berrou Julia. – Vai parar tudo na internet! Nos jornais! Ai,

m eu Deus!

914/1201

Ela enterrou o rosto nas mãos e com eçou a se balançar para a frente e para trás.

Gabriel estendeu a mão para tocar seu ombro.

– Calma. Jack interceptou o envio. Ligou para mim e perguntar o que deve fazer com o material.

Julia baixou as mãos.

– Diga a ele para destruí-lo. Peça que ele encontre todas as cópias e as destrua também.

– Tem certeza? Ele pode apagar as fotos em que você aparece e enviar o resto. Eles terão o castigo que merecem.

Julia puxou o lençol até o queixo.

– Não quero vingança.

Os olhos de Gabriel faiscaram perigosamente.

– Posso saber por quê?

– Porque já deixei tudo isso para trás. Quase nunca penso neles e quero que continue sendo

assim. Não quero assistir à vida dos dois ser arruinada e saber que sou responsável por isso.

915/1201

– Você não seria a responsável. A responsabilidade é toda deles.

– Não é justo que ninguém seja responsabilizado pelos meus atos – disse Julianne, com voz firme. – Não entendo por que Natalie está

fazendo isso agora, depois de você e Jack terem cuidado dela.

– Sim, ela vai se casar com outra.

Julia arregalou os olhos.

– O quê?

– Suponho que Natalie esteja a esperando que a noiva o largue quando o passado dele for exposto.

Julia parecia chocada.

– Ele finalmente a largou. Imaginei que Simon fosse ficar com ela, mas talvez o pai dele tenha exigido que ele terminasse com Natalie.

– Não ficaria surpreso. A eleição é ano que vem.

– E agora vai haver um casamento. – Julia balançou a cabeça. – Nada com o meu pequeno

casamento de fachada para tornar um candidato 916/1201

meu palatável para as famílias. Só queria que Natalie me deixasse fora disso.

– Mas você está nisso. Pelo menos por en-

quanto. – Um sorriso sinistro tomou a boca de Gabriel. – Jack com certeza vai fazer outra visita a Natalie e ao apartamento dela. O

que quer que eu diga a ele sobre o pen drive?

– Peça que destrua tudo.

Gabriel bufou de frustração, correndo os dedos pelo cabelo.

– Eles não merecem sua misericórdia.

– A noiva dele merece, seja ela quem for. Vai ser humilhada.

– Se está envolvida com ele, é uma idiota.

Julia se encolheu.

– Eu já fui idiota com o ela – falou tão baixo que Gabriel teve que se esforçar para ouvir.

– Você não foi idiota; foi manipulada. Ora, não quer fazê-los sofrer?

– Não dessa forma.

917/1201

Ele se colocou de pé, levando as mãos à cintura.

– Eu quero! Pense no que ele fez com você.

Pense no que ela fez. Eles a fizeram sofrer durante anos. Quase destruíram você!

– Mas não destruíram – sussurrou ela para as costas de Gabriel, que se afastava.

Ele foi à janela e abriu as cortinas, lançando seu olhar para o Central Park.

– Eu quebrei o queixo dele, mas ainda não

fiquei satisfeito. – Gabriel examinou os galhos nus e cobertos de neve das árvores. – Minha

vontade era me atá-lo.

– Você agiu em legítima defesa. Se não tivesse vindo me socorrer... – Ela estremeceu diante da lembrança do dia em que quase fora estuprada. –

Mas o que está me pedindo para fazer não é legí-

tima defesa.

Gabriel olhou para ela por sobre o ombro.

– Não. É injusta.

918/1201

– Já conversam os sobre com o a injusta se associa à misericórdia. Já falam os sobre penitência e perdão.

– Desta vez é diferente.

– É mesmo. Porque, embora eu possa exigir

justiça, neste caso abro mão dela. Citando *Os irmãos Karamázov*, um de seus romances preferidos, a Deus devolvo respeitosamente o

bilhete.

Gabriel bufou.

– Você está citando Dostoiévski fora de con-

texto para defender suas ideias franciscanas.

Julia sorriu diante da indignação dele.

– Sei que está irritado comigo por eu não

querer puni-los. Mas, meu amor, pense na mãe dele. Ela foi boa comigo. Ficará arrasada.

– Você mesmo a encorajou a ir à imprensa – argumentou Gabriel, sem desviar os olhos das

árvores.

919/1201

– Para lhes contar a verdade, não para divulgar fotos com prometedoras. E somente se Natalie não me deixasse escolhá-las.

Gabriel cerrou o punho direito, que ele pousou na janela, resistindo ao impulso de esmagar o vidro.

Não era justo.

Não era justo que uma pessoa tão boa quanto Julianne fosse negligenciada pela mãe e pelo pai e deixada nas mãos de um namorado cruel e

manipulador.

Não era justo que a Suzanne Emerson restasse apenas as migalhas que seu amor lhe dava, enquanto ele dedicava todo seu amor à primeira filha.

Não era justo que Grace e Maia tivessem um orrido enquanto outros continuavam a viver.

Não era justo que Tom e Diane estivessem esperando um bebê com problemas no coração.

920/1201

Não, o universo não era justo. E, com o se isso não fosse lamentável o suficiente, quando a oportunidade de fazer justiça surgia, franciscanos com o Julianne davam a outra face e falavam

sobre misericórdia.

Droga.

Ele fechou os olhos.

Julia dera a outra face para ele.

Assim com o Grace.

Assim com o Maia.

Com um longo suspiro, Gabriel concentrou

seus pensamentos em Assis e no que havia

acontecido com ele ao visitar a cripta de São Francisco. Deus tinha vindo ao seu encontro ali, trazendo não justiça, mas misericórdia.

– Ligue para o seu tio.

– Gabriel, eu...

Ele abriu os olhos e descerrou o punho, mas

não se virou para ela.

921/1201

– Apenas ligue para ele. Diga-lhe o que quer

que ele faça.

Julia soltou o lençol, envolvendo-o ao redor de suas formas delicadas. Aproximou-se de Gabriel, colando seu corpo às costas dele.

– Você quer me proteger. Quer justiça. E eu amo por isso.

– Ainda gostaria de ter me atado aquele

desgraçado.

– E me atou. – Ela apoiou o rosto em sua

ombrelata.

Os músculos dele se retesaram.

– Com o assim ?

– Você m e am a, é carinhoso com igo e m e trata com respeito. Quanto m ais tem po passo ao seu lado, m ais tudo o que diz respeito a ele parece um pesadelo. Então, em vários sentidos, você o

m atou. Matou a m em ória dele. Obrigada,

Gabriel.

922/1201

Gabriel fechou os olhos, sentindo-se invadido por um a enorm e onda de am or e de m ais algum a coisa que ele não sabia definir.

Julia beij ou seu om bro e foi telefonar para o tio.

CAPÍTULO SESENTA E DOIS

Naquela noite, Julia e Gabriel j antaram no

apartam ento de Kelly em Manhattan, com o m arido dela, Jonathan, e as filhas, Andrea e Meredith.

Julia se sentiu bem -vinda na fam ília de Gabriel assim com o ele próprio. Ao fim da noite era

com o se estivessem visitando velhos am igos, em vez de estranhos.

Kelly deu a Gabriel um par de abotoaduras e um velho boné dos Brookly n Dodgers que tinham pertencido ao pai, além de alguns livros escritos pelo avô.

Gabriel confirm ou para Kelly que a locom otiva que tinha em casa era, de fato, do pai deles. Ele havia gravado as iniciais “OS” no brinquedo

quando criança, na época em que ainda se

cham ava Othniel Spiegel.

924/1201

Os Em ersons convidaram os Schultz a visitarem Cam bridge ou Selinsgrove e as duas fam ílias le-vantaram inclusive a hipótese de passarem as próxim as férias de verão j untas nos Ham ptons.

Kelly fez questão de que Gabriel prom etesse que iria participar da próxim a reunião da Fundação Rabino Benj am in Spiegel. Estava

louca para apresentar o irmão aos primos.

De volta ao Ritz, Julia conferiu os e-mails antes de dormir. Estava usando o boné dos Dodgers, que era pequeno demais para a cabeça de Gabriel.

(Fato que, para sua grande diversão, ela não pôde deixar de ressaltar.)

Julia olhou para a tela do computador por trás dos óculos de armação de casco de tartaruga.

– *Scheisse.*

– Preciso mesmo comê-la a ensiná-la a xingar em outras línguas. Ouvi dizer que existem alguns idiomas próprios bastante pitorescos em persa.

925/1201

Gabriel sorriu com malícia enquanto ia na direção dela, trajando um roupão de *plush* do hotel.

– Duvido que a língua persa consiga captar o que sinto ao olhar para isto. – Julia apontou para a tela.

Gabriel apanhou seus óculos e os colocou no rosto. Olhou para a foto em preto e branco esmaecida de um noivado, reconhecendo Simon

Talbot imediatamente.

Ele resistiu à tentação de xingar.

♦ ♦ ♦

– Quem é a mulher?

– Sabe o senador Hudson, da Carolina do Norte? É a filha dele. Ela estuda na Universidade Duke.

Gabriel e Julianne trocaram olhares.

– A família dela é ultraconservadora. Com o ela foi ficar com ele? – Gabriel parecia enojado.

– Nem imagino. Mas agora entendo por que

Natalie está tão furiosa. Sim, ela trocou por um a 926/1201

noiva no melhor estilo Jacqueline Kennedy. Olhe só para ela.

– Quem lhe mostrou essa foto?

– Rachel. Foi publicada no *Philadelphia*

Inquirer.

Julia voltou a olhar para o laptop, fitando com tristeza a fotografia do casal sorridente.

– Tenho pena dessa garota. Ela não sabe onde está se metendo.

– Talvez saiba mais não se importa.

Gabriel puxou a aba do boné de beisebol que ela usava.

– Fica bem em você. Não sabia que torcia para os Dodgers.

Ela sorriu.

– Estou abraçando suas origens do Brooklyn.

927/1201

No dia seguinte, Julianne finalizou seu artigo enquanto Gabriel ia à luta, pesquisando sobre o avô nos arquivos da Universidade Colúmbia. À tarde, juntaram-se a Kelly e Jonathan para visitarem sua tia Sarah em uma casa de repouso no Queens.

Ao cair da noite, foram às compras e depois juntaram-se no restaurante The Russian Tea Room, voltando em seguida para o hotel. O quarto estava banhado por luz de velas quando Julia montou nele. Suas mãos pousaram sobre o peito de Gabriel, acariciando-o.

Ele apertava os quadris dela, incentivando-a a acelerar o ritmo.



– Diga m eu nom e – sussurrou ele.

Julia arfou enquanto Gabriel a penetrava.

– *Gabriel.*

– Nada m e excita m ais do que sua voz sussurrando m eu nom e.

– Gabriel – repetiu ela. – Que coisa m ais linda.

928/1201

Ele a puxou para j unto de si, os lábios percorrendo seus seios.

– Você m e inspira.

– Você é m uito intenso.

– É claro que sou. Estou com m inha linda esposa, fazendo um sexo fantástico.

– Parece que som os as únicas pessoas no

m undo.

– Ótim o – m urm urou ele, observando-a en-

quanto ela subia e descia.

– Você faz com que eu m e sinta bonita.

Em resposta, ele lam beu seus seios até ela

com eçar a gem er.

– Am o você.

Os olhos de Gabriel ficaram determ inados e ele a incentivou a ir m ais rápido.

– Eu tam bém .

– Ficaria orgulhosa de ter um filho com você –

ela conseguiu dizer antes de levantar o queixo e fechar os olhos.

929/1201

Seu corpo estremeceu ao ser atravessado por

um a onda de prazer.

Ele continuou a penetrá-la, observando-a

chegar ao orgasmo. Então acelerou o ritmo,

erguendo o corpo em uma última investida antes de gozar.

– Estou muito feliz que tenha vindo me encontrar em Nova York. – Gabriel segurava a mão de Julia enquanto eles aguardavam na fila do *check in* do voo de volta para Boston. –

Pena não termos conseguido ir a nenhum espetáculo, mas pelo menos visitamos algumas atrações turísticas.

– Gabriel, você enfrentou as hordas para que eu pudesse fazer compras de Natal. Não tenho do

◆◆◆

que reclamar. – Ela deu um beijo nos lábios dele.

– Vão acabar nos cobrando excesso de bagagem .

930/1201

– Só por cima do meu cadáver. É Natal, ora essa.

Ela riu.

– É verdade. Sabe, não consigo imaginar você aturando um espetáculo da Broadway do começo ao fim .

Ele torceu o nariz.

– Preferiria Shakespeare.

– O musical?

– Muito engraadinha. Aturaria um espetáculo baseado em *Os miseráveis*. – Ele a fitou nos olhos.

– A sua interpretação desse livro mudou minha vida.

Julia olhou para os próprios pés, para as botas Manolo Blahnik de salto alto que Gabriel insistira em comprar para ela na Barney's.

– Acho que muitas coisas conspiraram para

modificar sua vida. Não posso levar crédito pelo que aconteceu com você em Assis.

931/1201

– De fato. – Gabriel ergueu a mão dela, correndo o polegar pelos nós dos dedos antes de

brincar com a aliança de casamento. – Mas não teria chegado a Assis se não fosse por você. E não teria tido a alegria de descobrir sobre meu avô se você não tivesse concordado em ter um filho comigo. Você já me deu muito.

– Segundo Tammy, a paternidade causa algo de especial em um bom homem. Gostaria de ver o que ela vai fazer com você.

Gabriel piscou duas vezes.

– Obrigado, Julianne.

Ele capturou o sorriso dela com a boca,

beijando-a até alguém pigarrear atrás deles.

Constrangidos, eles andaram para a frente na fila, com as mãos entrelaçadas.

932/1201

Os Embersons tinham acabado de passar pela se-

gurança do aeroporto quando o celular de Julia tocou.

– Jules? – A voz grossa de Tom ecoou em seu ouvido.

– Papai. Aconteceu alguma coisa?

A pausa do outro lado da linha fez Julia parar de andar. Gabriel parou ao lado dela, com uma expressão intrigada no rosto.

Tom pigarreou.

– Estou no Hospital Pediátrico, na Filadélfia.

– Ah, não. Diane e o bebê estão bem ?

– Diane acordou no meio da noite se sentindo estranha e então veio direto para cá. – Tom fez uma pausa. – Neste momento, está ligada a um monitor de batimentos, mas ela e o bebê estão bem .

Só tem o seguinte... – Ele se deteve outra vez. –

Ela entrou em trabalho de parto há poucos

minutos.

– Vai ser prematuro.

933/1201

– Exatamente. – A voz de Tom estava tensa. –

Eles só vão saber como o bebê está de verdade depois que ele nascer. Os médicos dizem que há muitas coisas que não conseguem ver em uma ultrassonografia. Talvez precisem começar a trabalhar no coração dele logo após o parto.

– Ele vai precisar ser operado?

– A cirurgia corretiva está marcada para mais ou menos três dias após o nascimento. Pelo que entendi, talvez ele precise ser operado antes disso, dependendo do que os médicos encontrarem .

Julia olhou para Gabriel.

– Estam os no JFK, em Nova York, nos pre-

parando para embarcar em um voo de volta para Boston. Quer que eu vá para aí?

– Sim , se puder. Ela provavelmente ainda estará em trabalho de parto quando você chegar, então seria bom tê-la aqui conosco. Vão ser três dias muito longos, e não sei se... – Ele começou a tossir.

934/1201

– Estou a caminho. Vou trocar de voo e sigo direto para o hospital. Ligo assim que chegar para que você me diga onde devo encontrá-lo.

– Ótimo o. – Ele parecia aliviado. – Jules?

– Sim , papai?

– Obrigado. Até j á.

– Tchau, pai. Mande um beij o para a Diane.

Julia encerrou a cham ada e olhou para o m arido. O rosto dele estava carregado.

– Acho que deveria ter falado com você antes de prom eter ir à Filadélfia. – Ela m ordeu o lábio.

– É um a em ergência. Tem os que ir.

– *Temos?* – Julia ergueu os olhos para ele, esperançosa.

– O bebê vai ser m eu cunhado. E não vou deix-ar você ir sozinha. – Ela a puxou para j unto de si, conduzindo-a pelo m ar de pessoas.

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

– Jules?

Tom balançava o om bro dela, tentando acordá-

la. Ela estava sentada em um a cadeira na sala de espera da Unidade de Partos de Risco. Gabriel estava em pé ao seu lado, segurando um copo de café ruim .

(Por sorte, ele conseguira se controlar e não fora reclam ar com a adm inistração do hospital sobre o estado lam entável de suas m áquinas de vendas.)

Julia abriu os olhos e os estreitou por causa da luz.

Seu pai se agachou na sua frente.

– O bebê nasceu.

– Ele está bem ?

936/1201

– Tiveram que fazer um parto de em ergência, m as j á está se recuperando, e Diane está com ele.

– Tom sacou o celular do bolso e o estendeu para ela. – É um rapazinho muito bonito.

Julia foi passando uma a série de fotos de Diane, com aparência cansada, porém radiante, e de um bebezinho

em ulato

com

cabelos

negros

encaracolados.

– Ele é lindo, pai. Estou muito feliz por você. –

Ela lhe devolveu o celular.

Tom olhou para a última foto por alguns instantes, o polegar acariciando a cabeça do bebê.

– Thomas Lamar Mitchell. Nascido no dia 11 de dezembro, com 3,450 quilos.

– Não sabia que vocês dariam o seu nome a ele.

– Um rapaz deve ter o nome do pai – res-

pondeu Tom. – De todo modo, Diane quer

chamá-lo de Tommy. Por enquanto.

937/1201

– Que seja Tommy, então. – Julia olhou para o marido, que fitava o copo de café com o rosto franzido.

– É melhor vocês irem para o hotel. Eu ligo se houver alguma novidade. Mas não poderão vê-lo hoje. Ele ainda está em observação e, se tudo der certo, irão operar seu coração dentro de alguns dias.

– Está bem, papai. – Julia o abraçou. –

Parabéns.

CAPÍTULO SESENTA E QUATRO

– Então, com o está o bebê? – Rachel se

debruçou sobre a mesa de jantar na antiga casa de seus pais.

Faltavam duas noites para o Natal. Julia tinha acabado de voltar para junto da família de Gabriel à mesa, depois de conversar com o pai ao telefone.

– Está bem. Parece que é normal o bebê per-

manecer internado até um mês depois da cirurgia. Ele poderá ir para casa em janeiro.

– Deve estar sendo duro para seu pai e Diane.

– Está, sim, mas eles estão acompanhando o bebê. Meu pai ia pedir uma licença não remunerada do trabalho dele na Universidade de Susquehanna, mas eles lhe deram uma licença-

939/1201

paternidade com vencimentos integrais. – Julia sorriu. – Já viram em pregador mais atencioso?

– E quanto às contas do hospital? – perguntou Rachel, baixando a voz.

– Um anjo da guarda está cuidando de tudo que o plano não cobre. – Julia lançou um breve olhar em direção ao marido, então voltou a encarar a amiga.

– Alguns anjos da guarda são uns amores.

– Sobre o que vocês duas estão cochichando aí?

– perguntou Gabriel, metendo-se na conversa.

Julia sorriu.

– Sobre o meu irmãozinho. Mal posso esperar para comprar o primeiro boné dos Red Sox dele.

Gabriel fez uma careta.

– Seu pai vai queimar a roupa. Ele torce para os

Phillies.

– Ele nunca vai queimar um presente em eu. Sou a irmã mais velha.

940/1201

– Irmãs são muito importantes – falou Rachel em tom solene. – Lembre-se disso quando estiver com o meu presente de Natal.

– Vou tentar. – Gabriel afastou a cadeira da

mesa e se levantou, erguendo seu copo d'água.

Todos pararam o que estavam fazendo, inclusive Quinn, que ficou sentadinho em sua cadeira de bebê, olhando para o tio.

– Tem os muito o que agradecer – disse ele.

O olhar de Gabriel cruzou com o de Julianne e o sustentou. Então ele fez uma longa pausa, olhando os irmãos, os cunhados e, por fim, o pai, que estava sentado à cabeceira.

– Mãe tinha o hábito de obrigar todos a

dizerem seus motivos para serem gratos durante jantares com o este. Achei que seria melhor ir direto ao ponto e anunciar que sou grato por

minha bela esposa, por meu novo emprego e por meu novo cunhado, Tommy.

941/1201

Os adultos ergueram suas taças de vinho em resposta, brindando à saúde de Tommy.

– Sei que todos ouviram o brinde que fiz à

minha neta de Rachel e Aaron. – De repente, a voz de Gabriel ficou rouca. – Mas

gostaria de repetir parte dele.

Enquanto todos na mesa expressavam sua con-

cordância, Julia notou que a mãe de Gabriel

trem ia um pouco ao lado do corpo. Ela pegou a mão dele e ficou feliz quando o sentiu apertá-la de leve.

– Esta noite não estaria com preta se não reconhecessem os a falta que nossa mãe, Grace, faz. Ela era graciosa e bela, uma esposa amorosa e mãe dedicada. Sua capacidade para a bondade e a

com paixão não conhecia limites. Ela era generosa, gentil e muito, muito clemente. Ela me recebeu em sua casa. Foi minha mãe quando me vi sozinho, me esmorei nos momentos em que fui difícil-

cil. Ela me ensinou o que significa amar alguém 942/1201

de forma abnegada e absoluta e, sem ela e papai, eu provavelmente estaria morto.

Gabriel se deteve e olhou para Richard e Julia.

– Recentemente, tive a oportunidade de

descobrir mais sobre meus pais biológicos, assim como o sobre minhas origens judaicas por parte de pai. Quando escolhi ler uma passagem do Antigo Testamento no casamento de Rachel e Aaron,

não sabia disso. Agora as Escrituras ganharam um significado ainda maior, e posso dizer, como disse antes, que elas expressam o amor de Grace pela família.

Ele soltou a mão de Julia, sacou uma folha de papel dobrada do bolso e começou a ler:

– “Uma esposa exemplar; feliz quem a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis. Seu marido tem plena confiança nela e nunca lhe falta coisa alguma. Ela só lhe faz o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida.”

943/1201

Os olhos de Gabriel buscaram os de Julia e, por

um instante, o mundo parou de girar quando ele viu a admiração e o amor que irradiavam de seu rosto.

– “Escolhe a lã e o linho e com prazer trabalha com as mães. Com os navios mercantes, ela traz de longe as suas provisões. Antes de clarear o dia ela se levanta, prepara com ida para todos os da

casa e dá tarefas às suas servas... Adm inistra bem o seu com ércio lucrativo, e a sua lâm pada fica acesa durante a noite... Acolhe os necessitados e estende as m ãos aos pobres. Não tem e por seus fam iliares quando chega a neve, pois todos eles vestem agasalhos. Faz cobertas para a sua cam a; veste-se de linho fino e de púrpura. Seu m arido é respeitado na porta da cidade, onde tom a assento entre as autoridades da sua terra... Reveste-se de força e dignidade; sorri diante do futuro. Fala com sabedoria e ensina com am or... Seus filhos se levantam e a elogiam ; seu m arido tam bém a 944/1201

elogia, dizendo: ‘Muitas m ulheres são exem -

plares, m as você a todas supera...”

Ele fez um a pausa.

– Com essas palavras, peço que todos bebam à m em ória de nossa m ãe, Grace.

Depois do brinde, não havia ninguém à m esa

que não precisasse secar os olhos.

CAPÍTULO SESENTA E CINCO

Dezembro de 2011

Arredores de Essex Junction, Vermont

Duas noites antes do Natal, Paul trabalhava no celeiro, im erso em pensam entos.

(Diga-se de passagem que tam bém estava

im erso em algo m ais. Algo *orgânico*.)

– Ei.

Sua irm ã Heather tinha entrado no celeiro

quase sem fazer barulho e agora o observava, com os braços cruzados diante do peito.

– Ei, você – disse ele sem parar de trabalhar, olhando por sobre o om bro. – O que está fazendo aqui?

– Chris teve que ir dar um a olhada em um dos cavalos dos Andersons.

Estão achando que ele

946/1201

está com cólicas. Ele vai passar a maior parte da noite fora, então pedi que me deixasse aqui.

Com o vai?

– Bem .

– Não é o que parece. – A irmã de Paul o encarou até ele retribuir o olhar.

– Só estou preocupado com as entrevistas que terei que fazer. Vou me encontrar com representantes de seis faculdades diferentes na convenção da Modern Language Association em janeiro. É

uma muita pressão.

– Sei. – Heather olhou desconfiada para o

irmão mais velho.

– Tenho uma entrevista com alguém da St.

Mike's. Se me contratarem, poderei vir ajudar papai nos fins de semana.

– Que ótima notícia. Vou dar uma palavrinha com o próprio São Miguel e pedir que ele lhe garanta o emprego.

947/1201

Heather inclinou a cabeça de lado para escutar a música que tocava ao fundo. Era uma versão de

“In the Sun”, que Paul havia colocado para repetir e ouvia sem parar.

– Se está tão empolgado com suas chances de conseguir um emprego, para que ouvir isso?

Acabei de chegar e já estou querendo cortar os pulsos.

Paul a fuzilou com o olhar e começou a andar na direção oposta.

Ela o seguiu.

– Encontrei Ali por acaso um dia desses no supermercado.

– Hum m .

– Por que não a chama para sair?

– Nós saímos por um tempo.

– Não estou falando com o amigos.

– Nós terminamos – disse ele, frisando a última palavra. – Já faz dois anos.

948/1201

– Chris quer ir fazer snowboarding em Stowe

no Ano-Novo. Ele vai alugar uma casa para não termos que ficar indo e voltando de carro. Convide Ali e venha conosco.

– Não me parece boa ideia.

Heather estendeu a mão e agarrou o braço do

irmão, interrompendo-o no meio de um

monólogo.

– É uma ótima ideia. Com o nos velhos temos.

Convide-a.

– Não podem os deixar sozinho aqui.

– Foi para isso que vocês contrataram mais

ajudantes. – Heather lhe abriu um sorriso cheio de dentes. – Você precisa relaxar um pouco, garotão. Está deixando essa história roer você por dentro. – Ela lhe abriu um sorriso travesso e tentou fazer cócegas nele. – *Roer, roer, roer.*

Paul afastou as mãos dela.

– Se eu disser que sim, você vai parar de me encher o saco?

– Com certeza.

– Ótimo. Agora sum a daqui.

– Ótimo. Vou fazer um café. E, quando você voltar para casa, quero vê-lo telefonando para ela.

Heather foi em bora do celeiro e Paul ficou parado onde estava por alguns instantes, perguntando-se o que acabara de concordar em fazer.

CAPÍTULO SESENTA E SEIS

23 de dezembro de 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

Richard, os filhos, as noras e o genro estavam reunidos à mesa de jantar, comendo a sobremesa e tomando café. Rachel estava colocando todos a par de seus tratamentos de fertilidade.

– Sim, estou tomando hormônios. Mas me sinto melhor do que quando estava tomando a pílula. Ficava muito emotiva.

Aaron arqueou as sobrancelhas pelas costas de Rachel e todos riram da sua expressão incrédula.

Todos, menos Rachel e Julianne.

Gabriel lançou um olhar para a esposa, notando que os olhos dela estavam apertados. Ela

começou a fixar a mesa com tanta intensidade 951/1201

que Gabriel não ficaria surpreso se a mãe dele queimasse sob o seu olhar.

De repente, ela se levantou e saiu correndo, em -

purrrando a cadeira para trás e derrubando-a.

Gabriel endireitou a cadeira e pediu licença, subindo as escadas dois degraus de cada vez para tentar alcançá-la.

Quando chegou ao quarto, Julia estava revir-

ando a gaveta de sua mesa de cabeceira. Puxou-a para fora e despejou tudo o que havia dentro dela em cima da cama, espalhando os objetos sobre a colcha.

– Droga! – praguejou.

– O que foi?

Ele estendeu a mão, mas Julia passou raspando por ele.

Gabriel a seguiu até o banheiro, observando-a esvaziar seu estojo de maquiagem sobre o balcão.

Jogava os objetos de lado freneticamente, uma expressão aflita surgindo em seus lábios.

952/1201

– Julianne, qual o problema?

– Não consigo encontrar.

– O quê?

Com o ela não respondeu, Gabriel segurou seu braço.

– Julianne, *o que não consegue encontrar?*

– Minhas pílulas anticoncepcionais.

Por um instante, ele foi tomado pelo pânico de Julia, mas logo afastou o sentimento.

– Elas só podem estar aqui em algum lugar.

Quando foi a última vez que as viu?

Ela piscou, desviando os olhos.

– Em Cam bridge – sussurrou.



Então foi a vez de Gabriel arregalar os olhos.

– Não em Nova York? Nem aqui?

– Eu estava m enstruada logo antes de você
viaj ar para Nova York, lem bra? Devia ter
com eçado a tom ar um a nova cartela naquela
quarta-feira.

– E não com eçou?

953/1201

Ela balançou a cabeça.

– Fui encontrar você. Na correria para chegar ao aeroporto, eu as
esqueci em casa. E enquanto estávam os em Nova York...

– Meu bem ... – Ele estendeu a m ão para tocá-

la, m as Julia se virou na direção oposta, cobrindo o rosto com as m
ãos.

– Não acredito que passei quase um m ês inteiro sem tom ar a pílula e
só percebi agora. Sou um a idiota.

– Você não é idiota. – Ele a puxou pelo pulso, girando-a de m odo a
envolvê-la em seus braços. –

Estava com pressa de m e encontrar em Nova

York. Depois, recebem os o telefonem a do seu pai no aeroporto. Você
só estava com m uita coisa na cabeça.

– Que bom que sua cirurgia ainda não deu
resultado.

954/1201

Um a som bra atravessou o rosto de Gabriel, m as logo desapareceu,

com o um a nuvem passageira em um dia de verão.

– Só preciso de um a caixa de anticoncepcionais para substituir a minha até eu voltar para Boston.

– Julia explicou a situação ao farm acêutico na manhã seguinte.

O farm acêutico sorriu.

– Isso é simples. Vou telefonar para a sua

farmácia de lá. Deve levar apenas alguns minutos.

Sente-se, por favor.

– Obrigada.

Julia voltou para junto de Gabriel na área de espera da pequena farmácia de Selinsgrove.

– Tudo bem ? – perguntou ele, encarando-a com preocupação.

955/1201

– Sim . – Ela suspirou de alívio. – Não deve demorar muito.

Gabriel pegou o iPhone e começou a mexer

nele.

– O que está fazendo? – Julia olhou na direção dele, curiosa.

– Enquanto você falava com o farm acêutico, eu estava verificando nossas mensagens. Havia uma ligação do consultório do meu urologista.

– Não deveria ligar de volta?

– Se você não se importa.

– Não me importo. – Julia franziu as sobrancelhas. – Por que eles estão ligando para você na véspera de Natal?

– Sei lá. Estava aguardando um telefonema

deles algum tempo atrás, com o resultado dos meus últimos exames. Ainda não deve ter havido nenhum problema. – Ele parecia desanimado.

- O m édico disse que poderia dem orar até um ano. Não se preocupe.
- Julia pegou a m ão dele.

956/1201

Gabriel beijou as costas da m ão dela antes de se levantar e sair da farm ácia para telefonar.

Quando ele voltou, Julia já havia recebido a pílula, pagado e tomado a primeira drácea.

Gabriel tinha os pés plantados no chão, olhando para a sacola de remédios na m ão dela.

Julia fitou seus olhos arregalados e confusos.

– O que houve?

– Vam os para casa. – Gabriel pousou a m ão sobre a base das costas dela, conduzindo-a em direção à porta.

– Está tudo bem ?

– Conversam os no carro.

Obediente, Julia o acompanhou até o Jeep, que estava estacionado em frente à farm ácia. Era o carro que Gabriel mantinha em Selinsgrove apenas por uma questão de conveniência.

– Você está me assustando – sussurrou ela.

957/1201

– Não há motivo para pânico. – Ele abriu a porta do carona para Julia, esperando que ela se acomodasse antes de fechá-la.

Quando se sentou no banco do motorista, nem se deu o trabalho de enfiar a chave na ignição.

Apenas pousou o iPhone sobre o painel e se virou para ela.

Pela expressão em seu rosto, Julia notou que ele estava relutando em lhe contar o que havia

acontecido.

– É um a notícia ruim ?

– Não m e parece.

– Então o que foi?

Gabriel tomou a mão dela na sua, traçando as colinas e os vales dos nós de seus dedos com o polegar. Deteve-se sobre a aliança de Julia.

– Olhe para mim .

Ela fitou Gabriel nos olhos, o coração

com o coração a bater forte dentro do peito.

– Não quero que entre em pânico, está bem ?

958/1201

– Gabriel, eu *estou* em pânico. Desembuche de uma vez.

Ele franziu os lábios.

– Eles ligaram para mim e dar os últimos resultados dos meus testes. Deveriam ter ligado duas semanas atrás, mas houve um a... anomalia.

– Um a anomalia?

– Os resultados foram positivos. – Ele estava falando devagar, muito devagar, seus olhos perscrutando os dela.

Então esperou que Julia assimilassem por completo -

pleto o significado daquela revelação.

Ela pestanejou. Várias vezes.

– Então você é...?

– Sim .

– Mas é impossível. Ainda não se passaram nem três meses.

– Eu sei. Eles repetiram o teste e tiveram os mesmos resultados. O médico gostaria de usar a

m inha história com o testem unho.

959/1201

O sorriso orgulhoso de Gabriel desapareceu ao ver o rosto de Julia.

– Mesm o que eu sej a fértil, não faz diferença.

Você vem tom ando a pílula desde setem bro. Seu organism o dem oraria m ais de um m ês para voltar ao norm al, não é?

– Não sei. A recom endação é que você use

outro m étodo contraceptivo caso deixe de tom ar a pílula por alguns dias. Eu deixei de tom ar um a cartela inteira. – Trêm ula, Julia levou a m ão à boca.

Gabriel passou o braço pelo om bro dela,

puxando-a para si.

– Vou voltar à farm ácia e com prar um teste de gravidez. Assim terem os certeza.

Julia arqueou as sobrancelhas.

– Agora?

– E por acaso você prefere esperar?

– Isso não pode estar acontecendo! – Ela enterrou o rosto nas m ãos.

960/1201

Gabriel se encolheu.

– Seria m esm o tão terrível assim ? – balbuciou ele, esfregando o queixo.

Julia não respondeu, então ele tocou seu om bro.

– Volto j á.

Julia deixou a cabeça cair no apoio do banco e fechou os olhos, im plorando pela aj uda de todas as divindades com ou sem nom e.

CAPÍTULO SESENTA E SETE

28 de dezembro de 2011

Washington, D.C.

Natalie Lundy olhou para o celular e xingou.

Havia sem anas que vinha ligando sem parar para aquele núm ero, deixando um a m ensagem atrás da outra na caixa postal, m as agora ele estava desativado. Sim on trocara o núm ero do celular. Os

e-m ails tam pouco tinham sido respondidos.

Ela olhou para a caixa de papelão que estava no

chão, seu conteúdo zom bando silenciosam ente da sua cara. Natalie estava desem pregada.

Um dia antes do anúncio do noivado de Sim on, ela fora cham ada ao escritório do diretor da cam -

panha do senador Talbot. Pelo m enos Robert

962/1201

havia tido a decência de sentir vergonha do que estava prestes a fazer.

– Vam os ter que dispensar você – falou ele,

evitando encará-la.

– Por quê?

– Estam os com excesso de pessoal. O senador quer que façam os alguns cortes nas despesas e nossos colaboradores vão ser os prim eiros a serem afetados. Sinto m uito.

Natalie ergueu um a sobrancelha para ele.

– Isso não tem nada a ver com m eu relaciona-m ento com Sim on, tem ?

– Claro que não – m entiu Robert com desen-

voltura. – São apenas negócios, não tem nada de pessoal.

– Não m e venha com essa conversa à la *O poderoso chefão*. Eu vi o film e.

Robert apontou o olhar para o espaço atrás dela e fez um sinal com a cabeça.

963/1201

– Alex irá acompanhá-la até a saída. Se quiser, posso dar uma ligada para Harrisburg e ver se consigo uma vaga para você com um dos deputados estaduais.

– Vá à merda. – Ela se levantou. – E pode dizer o mesmo para o senador e para o filho dele. Se querem se livrar de mim, ótimo. Mas isso não vai acabar aqui. Estou certa de que Andrew

Samson, do *Post*, ficará interessado em ouvir o que tenho a dizer sobre a maneira com a qual funciona

Talbot conduz seus negócios.

Robert levantou a mão.

– Não seja impulsiva. Como disse, posso arranjar um emprego para você em Harrisburg.

– Porra, e eu lá quero ir para *Harrisburg*, Robert? Quero é saber por que estou

sendo

sacaneada desse jeito. Eu fiz meu trabalho, e muito bem, por sinal. Você sabe disso.

Robert olhou para Alex.

– Me dê um minuto.

964/1201

Alex saiu da sala, fechando a porta atrás de si.

– Preste atenção, Natalie. Não queira fazer coisas que não pode cumprir.

– Mas eu posso.

– Isso não seria nada sensato.

– Que se dane a sensatez.

Robert se remexeu na cadeira.

– Naturalmente, estão os dispostos a lhe oferecer um apartamento generoso. Os detalhes serão enviados para o seu apartamento.

– Suborno para mim e meu antecelador?

– Indenização por ter sido demitida devido à reestruturação de orçamento.

– Sei. – Ela pegou a bolsa e se dirigiu para a porta. – Diga a Simon que ele tem 24 horas para mim e telefonar. Se eu não tiver notícias dele nesse meio-tempo, ele vai se arrepender.

Com essas palavras, ela abriu a porta e saiu em direção ao corredor a passos firmes.

965/1201

Mais de duas semanas depois, Simon ainda não tinha ligado. As evidências com promotoras que ela enviara para o *Washington Post* tinham chegado ao seu destino. A FedEx confirmara a

entrega. Mas Natalie não tivera notícias de

Andrew Sampson, ou de quem quer que fosse.

Talvez ele houvesse preferido não dar a notícia.

Talvez fosse picante demais.

Um dia depois de ela ter enviado a encomenda, seu apartamento fora arrombado. Não era preciso ser nenhum gênio para deduzir que o invasor tinha sido alguém da campanha do senador.

Haviam levado o laptop, a câmera digital, os arquivos e pen drives. Natalie já não tinha nada que pudesse usar para chantagear Simon ou qualquer

outra pessoa.

Ela havia recebido a “indenização”: 25 milhões

dólares. Era o suficiente para começar uma nova vida na Califórnia. Não seria mais se afastar dali e recomençar, usando o dinheiro do

senador Talbot.

966/1201

Poderia tram ar sua vingança contra a fam ília dele de Sacram ento.

Não tinha nenhum a evidência para sustentar

suas alegações, portanto nenhum j ornalista que se desse ao respeito iria levá-la a sério. Mas ela podia aguardar a hora certa, vender sua história

para algum tabloide e pegá-los de surpresa em outubro. Isso j á seria suficiente.

Sorriu para si m esm a enquanto com eçava a

fazer as m alas.

CAPÍTULO SESENTA E OITO

28 de dezembro de 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

Um a hora depois, Julia e Gabriel estavam no banheiro da suíte deles na casa de Richard, olhando para dois testes de gravidez diferentes dispostos sobre a penteadeira. Am bos revelavam o m esm o resultado.

– Julianne? – A voz de Gabriel era um sussurro de cortar o coração.

Julia não estava olhando para ele, m as para os testes. Totalm ente im óvel, com o um anim al acuado.

– A culpa é toda m inha. – Ele ergueu a m ão

para tocá-la, m as pensou m elhor e desistiu.

968/1201

Ela virou a cabeça, com o se de repente tivesse se dado conta da presença dele.

– Com o assim ?

Gabriel fez um a pausa, tentando encontrar as palavras certas:

– Eu não a protegi. Sabia quanto estava preocupada em não

engravidar agora. Devia ter usado cam isinha. Devia ter perguntado se estava to-m ando a pílula. – Ele baixou a voz: – Decepçionei

você.

Julia fechou os olhos e respirou profundam ente.

– Gabriel, você não m e decepcionou. Eu é que fui um a idiota por esquecer de tom ar a pílula. –

Um a lágrim a surgiu no canto do olho dela e
escorreu pela face.

Ele a interceptou com os dedos.

– Pare com isso. Você não é idiota. Estava com pressa porque queria m e encontrar. Com o

sem pre, estava m ais preocupada com outra pessoa do que consigo m
esm a.

969/1201

Mais lágrim as escorreram por seu lindo rosto; seus om bros com
eçaram a trem er.

– Agora é tarde.

Ele a abraçou e os dedos de Julia se fecharam em volta da sua cam isa,
agarrando-a com o se ela estivesse se afogando.

CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

Naquela noite, os Em ersons tiveram dificuldade para dorm ir. Julia
estava atorm entada pelo m edo e pela culpa – m edo do que poderia
acontecer com suas aspirações acadêm icas; culpa por dar tanta
prioridade a elas. Gabriel estava em conflito. Por um lado, o fato de
eles estarem esperando um bebê o deixava em êxtase. Mas as
preocupações e a evidente angústia de Julianne o im -

pediam de dem onstrar o que realm ente sentia.

Além disso, tam bém sentia-se consum ido pela culpa por não tê-la
protegido.

É claro que nenhum dos dois sabia que a rever-são da vasectom ia de

fato daria resultado, quanto mais que este fosse tão rápido.

Enquanto todos os outros mais em braços da família Clark aproveitavam o dia juntos, Julia ficou na 971/1201

com ela. Estava exausta. Não tinha a mais enor condição de encarar Rachel e Aaron, ainda que ela e Gabriel tivessem concordado em esperar até o terceiro mais para anunciar a gravidez.

Gabriel passou o dia tentando fingir que na

noite anterior não havia recebido o que era provavelmente a melhor notícia da sua vida.

Estava decidido a dar o tempo e o espaço de que Julianne parecia precisar para aceitar o que, para ela, era uma grande decepção.

Mais tarde naquela noite, ela estava deitada em posição fetal do seu lado da cama de casal. Todos na casa dormiam. Todos, menos ela.

Gabriel estava colado a ela, o braço relaxado sobre sua cintura. Julia dormia o dia inteiro, então não estava com sono.

Embora ele estivesse à

beira da exaustão, sua preocupação com a esposa não o deixava descansar.

972/1201

O maior medo dela havia se concretizado. Ela estava grávida e apenas na metade do segundo ano de um doutorado de sete anos.

Julia fungou ao se lembrar disso.

Por instinto, Gabriel a puxou para mais perto de si, a mão dele se espalhando sobre o ventre dela.

Durante alguns instantes, ele se permitiu imaginar com o que teria sido a sua vida se Maia tivesse nascido. Naquela época, talvez ela tivesse tido tempo para Paulina quando ela estava grávida. Duvidava que sua atitude fosse mudar depois que ela tivesse o bebê.

O estômago dele se revirou. Conseguia ver a si mesmo gritando para ela calar a boca da criança que chorava, atrapalhando-o enquanto escrevia.

Paulina teria que suportar sozinha o peso de ser mãe. Ele não se daria o trabalho de alimentar Maia, colocá-la para dormir, ou, Deus o livrasse, trocar uma fralda. Na época, não passava de um 973/1201

viciado egoísta. Paulina estaria sendo negligente se deixasse a filha sob seus cuidados.

Ele teria que se meter, deixando Paulina cuidar de Maia sozinha. Bem, Gabriel provavelmente lhe daria dinheiro. Mas o vício acabaria por esgotar todas as suas reservas até meter o fim. Então

Paulina e Maia ficariam sozinhas.

Mesmo que comecasse um tratamento e, por algum milagre, superasse a dependência, não conseguia se imaginar sendo um pai participativo e dedicado naquela época. O velho professor estaria muito ocupado escrevendo livros e tentando alcançar mais sucesso na carreira. Enviaria

cartões de aniversário e dinheiro, ou, o que era mais provável, mandaria a secretária ou talvez algum das muitas mulheres de sua vida fazer isso em seu lugar.

Em suma, ele teria sido igualzinho ao pai, brigando ao telefone com Paulina, que o criticaria por não dar atenção à filha, até ele enfim se cansar

974/1201

dos conflitos e cortar laços definitivamente. A visão de Gabriel de como teria sido sua vida era muito clara.

Ele se forçou a retornar ao presente, abraçando Julianne mais forte. Já não era o velho professor, era um novo homem.

Estava decidido a empregar

todas as suas energias para ser o melhor e o pai mais exemplar, presente e atencioso possível.

A primeira coisa que precisava fazer era consolá-la a esposa. Para isso teria que tomar as atitudes necessárias para garantir que ela não perdesse

tudo pelo qual havia trabalhado tão duro desde o ensino médio.

Ele abriu a boca para começar a sussurrar em seu ouvido, mas Julia

se desvencilhou dos seus braços, jogando as cobertas para o lado e indo em direção ao closet. Ele a ouviu acender a luz e comê-la nas suas roupas.

975/1201

Gabriel foi atrás dela. Quando a alcançou, Julia já tinha vestido uma calça jeans, um dos velhos suéteres de caxemira dele e procurava meias.

– O que está fazendo?

– Não consigo dormir.

Julia não olhou para ele enquanto se inclinava para calçar um par de meias com estampa de

losangos de Gabriel.

– Para onde vai a esta hora?

– Pensei em pegar o carro e dar uma volta.

Clarear as ideias.

– Então vou com você. – Ele estendeu a mão para uma cama num cabide.

Ela fechou os olhos.

– Gabriel, preciso de tempo para pensar.

Ele pegou uma calça jeans e um suéter de uma das gavetas.

– Já esqueceu o que eu falei em Nova York?

– Você falou um monte de coisas em Nova York.

976/1201

– Uma delas foi que ficarmos longe um do outro não era uma boa ideia. Você concordou com isso. Sem os com panheiros, lembra?

Com as m eias j á calçadas, ela bateu o pé no piso de m adeira.

– Lem bro.

– Não m e afaste de você. – O tom dele era quase de súplica.

– Não sei o que lhe dizer. É com o se o m eu pior pesadelo tivesse se tornado realidade!

Gabriel cam baleou para trás, quase com o se

tivesse levado um m urro.

– Pesadelo? – sussurrou ele. – *Pesadelo?*

Julia não conseguia encará-lo.

– É por isso que preciso de tem po para pensar.

Não consigo expressar o que sinto sem m agoar você. Vou perder tudo o que m e esforcei tanto para conseguir por causa disso. Você nem im agina quanto isso dói.

Um m úsculo saltou no m axilar de Gabriel.

977/1201

– Era eu que estava hesitante quanto a term os filhos. – A voz dele era baixa. – Isso tam bém trouxe à tona todos os m eus velhos m edos.

Ela ergueu a cabeça, seus olhos faiscando.

– Você m e conhece, Gabriel. Sabe que eu nunca faria nada para tirar isso de você.

Eles se encararam até ela baixar os olhos para o chão.

– Deixe-m e ir com você. Não precisam os conversar. Só quero estar ao seu lado. – A voz dele ficara m ais gentil.

Julia notou que ele estava se esforçando ao

m áxim o para ser com preensivo, em bora seu instinto fosse assum ir o controle e resolver a situação.

– Está bem – concordou ela, relutante.

Eles desceram as escadas e se agasalharam .

Puseram cachecóis e Gabriel pegou sua boina no armário do hall de entrada, enquanto Julia pegava um velho gorro de lã de Rachel.

978/1201

– O que acha de darmos um a caminhada? – Ele brincou com as chaves que havia deixado sobre a mesinha do hall.

– Um a caminhada? Está um gelo lá fora.

– Não precisam os dois andar muito. O ar fresco vai ajudá-la a dormir.

– Está bem. – Julia atravessou a sala de estar atrás dele até a cozinha, onde Gabriel pegou uma lanterna.

Em seguida, acompanhou-o até a porta dos fundos, saindo em direção ao quintal coberto de neve.

Gabriel não ofereceu a mão a ela, mas se

aproximou, com o intuito de que ela pudesse cair.

Caminharam em silêncio rumo ao bosque, o ar se condensando numa névoa fantasmagórica

conforme eles expiravam. Quando chegaram ao pomar, Julia se recostou na velha pedra,

979/1201

apertando os braços com força em volta do próprio corpo.

– Sem pressa, vamos voltar a este lugar.

Gabriel parou diante dela, apontando o fecho da lanterna para o lado.

– É verdade. Este lugar me faz lembrar do que realmente importa. Me faz lembrar de você.

Julia desviou os olhos da aflição que detectou no rosto dele.

– Este lugar me traz lembranças muito felizes. –

A nostalgia tomou ou conta da voz de Gabriel. –

Nossa primeira noite juntos, a noite em que fizemos os planos de consumo para nosso amor, nosso

noivado... – Ele sorriu. – Aquela noite no verão passado, em que fizemos o amor bem ali.

Ela seguiu seu dedo em direção ao local em que seus corpos haviam se entrelaçado. Foi invadida por uma onda de imagens e emoções. Quase conseguia sentir os braços dele ao seu redor, pele contra pele.

980/1201

– Alguns meses atrás, eu estava com medo de ter filhos. Você me convenceu a ter esperança, a olhar para o futuro, não para o passado. A primeira coisa que me veio à cabeça foi a descoberta de que nem todos os galhos da minha árvore

genealógica estão apodrecidos.

– Deus está me punindo – disse ela.

Ele franziu a testa.

– Do que está falando?

– Deus está me punindo. Eu queria me formar em Harvard e me tornar uma professora.

Agora...

– Não é assim que Deus age – falou Gabriel,

interrompendo-a.

– Com o que sabe?

Ele tirou uma de suas luvas de couro e pôs a mão sobre o lado do pescoço de Julia, bem em

baixo da sua orelha.

– Porque certa vez uma jovem muito madura para sua idade me disse isso.

981/1201

– E você acreditou nela? – Julia ergueu os olhos marejados para ele.

– Ela nunca me entendeu para mim antes – sussurrou ele. – E, quando um anjo de olhos castanhos fala com você, o melhor a fazer é escutar.

Julia riu sem alegria.

– Acho que o seu anjo de olhos castanhos fez uma grande besteira.

O rosto de Gabriel ficou angustiado antes de ele conseguir se controlar. Mas ela viu sua expressão.

– Desculpe. Não quis me agobiá-lo.

Ela estendeu os braços para ele, que se aproximou, erguendo a outra mão para também pousá-

la em seu pescoço.

– Não sei o que dizer sem parecer um cretino paternalista e insensível.

– É mesmo, professor?

Ele franziu os lábios, seus olhos na defensiva.

– É.

– Por que não tenta?

982/1201

Os polegares dele acariciaram seu queixo em sincronia.

– Sei que não era isso que você queria. Sei que o momento é o pior possível. Mas não consigo

evitar. – Os polegares dele pararam de se mover.

– Estou feliz.

– Eu estou apavorada. Vou ser mãe 24 horas

por dia, sete dias por semana. Não conseguirei estudar para as minhas provas ou fazer pesquisa para a minha tese. Não se tiver que cuidar de um bebê. O que está acontecendo é exatamente tudo o que eu temia.

Ela fechou os olhos com força e duas lágrimas escaparam deles, escorrendo por suas faces.

Gabriel as secou com as mãos.

– Você está falando com o se fosse mãe solteira, Julianne. Mas não é. Farei de tudo para que não precise se responsabilizar sozinha pelo bebê. Vou conversar com Rebecca e propor que ela venha 983/1201

m orar conosco. Talvez possa tirar um a licença-paternidade, ou usar m eu ano sabático. Vou...

– Licença-paternidade? Está falando sério? – Os olhos dela se arregalaram .

– Mais sério, im possível. – Ele arrastou suas

botas na neve. – Vai ser um pesadelo para o bebê ser deixado com igo, tenho certeza. Mas farei o possível e o im possível para garantir que você conclua o doutorado. Se isso significar pedir licença-paternidade ou usar m eu ano sabático, é o que farei.

– Você nunca cuidou de um bebê na vida.

Gabriel a encarou com um olhar que só poderia ser descrito com o esnobe.

– Estive em Princeton, Oxford e Harvard. Certam ente posso aprender a cuidar de um bebê.

– Cuidar de um bebê e se destacar em algum as das m elhores universidades do m undo são duas coisas bem diferentes.

984/1201

– Farei pesquisa. Com prarei todos os livros de referência sobre recém-nascidos e vou estudá-los antes de o bebê nascer.

– Você vai ser ridicularizado pelos colegas.

– Azar o deles. – Os olhos azuis de Gabriel

ficaram ferozes.

Os cantos da boca de Julia se curvaram .

– Vai ficar atolado até o pescoço em fraldas su- j as e paninhos de

boca, sobrevivendo à base de poucas horas de sono, enquanto tenta acalmar um ditadorzinho birrento e cheio de cólicas

lendo as mesmas histórias de ninar quinhentas vezes seguidas.

– Com o seu costume de dizer: *Vem pro papai*.

Ela apertou o pulso dele.

– Você vai ser marginalizado pelo departa-

mento. Vão dizer que não leva sua pesquisa a sério. As opiniões dessas pessoas podem diminuir suas chances de ganhar bolsas ou anos sabáticos no futuro.

985/1201

– Sou professor titular contratado. Eles que se fodam .

Julia sentiu o impulso momentâneo de soltar uma gargalhada. Mas conseguiu se conter.

– Estou falando sério, Julianne. Que se fodam .

O que podem fazer contra mim ? Salvo algum acontecimento apocalíptico, eles vão ter que me suportar. Com o esforço de organizar minha vida familiar não é da conta deles nem de ninguém .

– Por que está tão decidido a fazer isso? – perguntou ela, perscrutando os olhos dele.

– Porque amo você. Porque já amo o nosso bebê, mesmo o que ele ou ela provavelmente ainda seja menor do que uma uva. – Ele acariciou o rosto dela com os polegares. – Você não está sozinha.

Tem um marido que a adora e está feliz por estar com eles esperando um filho nosso. Não vai passar por isso sozinha. – Ele baixou a voz até um sussurro: – *Estou bem aqui. Não me afaste.*

986/1201

Ela fechou os olhos e apertou os antebraços

dele.

– Estou com medo.

– Eu tam bém . Mas j uro por Deus, Julianne, que vai dar tudo certo. Eu garanto.

– E se algo der errado?

Ele colou a testa à dela.

– Espero que nada de m al aconteça. Mas não

devem os com eçar esta j ornada pensando em todos os desdobramentos terríveis. Foi você quem m e ensinou a ter esperança. Não se desespere.

– Com o isso pôde acontecer?

Gabriel pegou um lenço no bolso do seu casaco e secou com carinho o rosto dela.

– Se não sabe com o isso foi acontecer, querida, então estou fazendo algum a coisa de errado.

Ele tentou conter um sorriso m aldoso, m as

fracassou.

Julia abriu os olhos para fitar os dele, ligeiram ente carregados de orgulho m asculino.

987/1201

– Meu Super-Hom em – balbuciou ela. – Eu de-

via ter desconfiado de que havia algo poderoso nos seus genes.

– Ora essa, Sra. Em erson, é claro que há algo poderoso nos m eus j eans. Terei grande prazer em

dem onstrar para você a qualquer hora. É só pedir.

Julia revirou os olhos.

– Muito engraçadinho, Super-Hom em .

Foi então que ele a beij ou, com ternura. Foi o beij o de um hom em que havia acabado de receber o que m ais queria de sua am ada. Um presente m uito desej ado e im previsto.

– Eu... eu rezei por isso – disse ele, hesitante.

– Eu tam bém . Mais de um a vez. Já devia saber que São Francisco não sossegaria até convencer Deus a nos dar um bebê.

– Quanto a isso, j á não tenho tanta certeza. –

Gabriel cutucou o nariz dela com o dedo. – Um a certa especialista em Dante m e convenceu de que 988/1201

São Francisco tem o hábito de transm itir suas m ensagens através do silêncio. Talvez ele não tenha dito nada. Talvez tenha apenas ficado parado ali, observando.

– Ah, disse, sim – argum entou Julia. – Esta é a m aneira que ele encontrou de m ostrar que eu estava errada em m inha palestra e que ele real-m ente lutou com o dem ônio pela alm a de Guido.

– Duvido. E o professor Wodehouse tam bém .

Na verdade, acho que São Francisco deve estar se gabando de você em m eio ao círculo dos

abençoados.

– Não lhe dei m uito m otivo para se gabar nos últim os dias. Tenho m e com portado com o um a criança m im ada e egoísta.

– Você não é nada disso. – A voz de Gabriel assum iu um tom severo.
– Foi pega de surpresa, assim com o eu, e tem m uito m ais a perder. Com o falei antes, prom eto assum ir um a parte m aior das responsabilidades para equilibrar as coisas.

989/1201

Ele a abraçou com força.

– Não esperava que m inhas preces fossem atendidas. Ainda não consegui m e habituar à ideia de que Deus m e dá ouvidos, quanto m ais de que Ele

decide conceder m eus pedidos.

– Talvez a abundância da graça de Deus sej a
m esm o assim , inesperada.

– *Fun dayn moyl in gots oyern.*

Julia arqueou as sobrancelhas.

– Iídiche?

– Exatam ente. Significa: “Da tua boca para os ouvidos de Deus.”

Um a sensação de ternura se espalhou pelo peito de Julia.

– Vam os poder ensinar iídiche ao nosso bebê. E

italiano. E falar com ele sobre seu fam oso bisavô, o professor Spiegel.

– E sua fam osa m am ãe, a professora Julianne Em erson. Você vai term inar seu doutorado, Julianne, e se tornará professora. Eu prom eto.

990/1201

Ela enterrou o rosto na lã do casaco de frio de Gabriel.

CAPÍTULO SETENTA

1o de janeiro de 2012

Stowe, Vermont

Paul se viu sentado diante da lareira em um

chalé nas prim eiras horas da m adrugada. Heather e Chris j á haviam se retirado para o quarto, depois de darem as boas-vindas ao Ano-Novo, deixando Paul e Allison tom ando suas cervej as num silêncio am igável.

Estavam os dois sentados no chão. Allison olhava para Paul com um a expressão indecifrável em seu belo rosto.

– Você se lem bra da nossa prim eira vez?

Ele se em pertigou de repente, quase derram an-do a bebida.

Tossiu.

992/1201

– Com o é? Por que está m e perguntando isso?

Ela afastou o olhar, visivelmente constrangida.

– Estava só me perguntando se você algum a vez pensa nisso. Desculpe. Não deveria ter tocado no assunto.

Ele começou a tirar o rótulo da sua garrafa de

Samuel Adams enquanto esperava o coração voltar a bater.

– É algo em que você pensa com frequência? A nossa primeira vez? – Paul se lembrou com Ali; não queria que ela se sentisse mal. Também queria que sentisse vergonha do passado deles.

De forma alguma.

– Uhum, você não?

– Foi você que terminou com isso, lembra? – Ele pegou a garrafa de cerveja de volta. – Aonde quer chegar com essa conversa?

– Só estava curiosa para saber se você ainda

pensa em mim dessa forma.

993/1201

– É claro que penso. Mas o que está tentando

fazer...? Me torturar? Tive que parar de pensar em você assim, ou então... – Foi a vez dele de ficar constrangido.

– Desculpe. – Allison abraçou as próprias pernas, descansando o rosto sobre os joelhos.

Quando Paul fitou os olhos dela sob a luz do

fogo, eles pareceram perdidos. Muito tristes.

Paul se virou para as chamas.

– No que está pensando? – perguntou, enfim.

– No seu cheiro. No som da sua voz sussur-

rando ao pé do meu ouvido. No jeito que você olhava para mim quando nós... – Ela deu um meio sorriso. – Você já não me olha assim. Entendo por quê. Foi culpa minha e preciso aprender a viver

com isso.

– Talvez tudo aconteça por um motivo. – Paul fez questão de me antes seu olhar fixo na lareira.

– Talvez. Quem me dera poder voltar atrás. Não ter sido tão burra.

994/1201

– O relacionamento a distância foi difícil para mim, também. Nós estávamos brigando demais.

– Eram brigas bobas.

– Sim, eram.

– Desculpe.

Ele se virou para ela.

– Pare de dizer isso, está bem? Você fez o que achava que devia fazer. Eu superei. Fim da

história.

– Mas é isso que eu me sinto – sussurrou ela.

– O quê?

– O fato de você ter superado.

Seus olhares se cruzaram e Paul poderia jurar ter visto lágrimas nos olhos dela.

Ela se apressou em secá-las.

– Não me entenda mal. Tenho boas lembranças,

felizes. Mas, depois que nós terminamos e com isso eu saí com outra pessoa, não pude deixar de voltar a pensar em nós dois.

995/1201

– Você namorou um tal de Dave, não foi?

– Foi. Nós trabalhávamos juntos, mas agora não mais. Ele se mudou para Montpelier.

– Vocês não ficaram muito tempo juntos.

Ela tornou a pousar o rosto sobre os olhos.

– Ele era legal, mas não tanto quanto você.

– Ele a amou? – O tom de Paul era

desconfiado.

– Não. Mas, quando transavam, ele nunca olhava para mim. Ficava o tempo todo com os olhos fechados. Parecia que nunca estava ali de verdade, entende? Era como se eu pudesse ser

qualquer um. Uma garota que ele arrastou para casa, em vez de amada dele.

– Ali, eu...

Ela o interrompeu:

– Não conseguia deixar de comê-lo a você.

Foi por isso que trouxe à tona o assunto da nossa primeira vez. Com o você insistiu que deveríamos nos conhecer muito bem antes de fazerem o sexo.

996/1201

Com o reservou um quarto de hotel perto de casa para a nossa primeira vez. – Seu rosto se encheu de nostalgia. – Você sempre fez com que eu me sentisse especial, antes mesmo de dizer que me amava.

◆◆◆

– Você é especial.

Ela o encarou.

– Acha que podemos começar de onde paramos?

– Não.

Ela se encolheu.

Paul tomou a mão dela na sua.

– Ainda tenho sentimentos por você. Mas não

estou pronto para entrar em um relacionamento agora. Mesmo que estivesse, não poderíamos

simplesmente recomendar de onde paramos.

Somos pessoas diferentes agora.

– Você não me parece tão diferente.

– Mas eu estou. Acredite.

Allison apertou a mão dele.

997/1201

– Nunca acreditei tanto em ninguém. Tive

ciúmes daquela Julia. Da maneira com a qual você falava o nome dela. Porque era assim que cos-

tumava falar o meu. Mas terminei com você, e você se apaixonou por outra mulher. Teria ficado quieta se as coisas tivessem dado certo entre vocês. Mas não deram.

Paul tomou um longo gole de cerveja e balançou a cabeça.

No dia 2 de janeiro, Paul teve que partir para a convenção anual da Modern Language Association, que aconteceria em Seattle. Todas as entrevistas de emprego que havia marcado seriam durante a convenção.

Allison o levou de carro até o aeroporto de Burlington. Antes de ele sair do veículo, ela lhe deu uma pequena sacola de presente.

998/1201

– São só uns biscoitos com gotas de chocolate que fiz. Talvez haja um livro aí dentro também.

Paul lhe agradeceu com um sorriso.

– Que livro?

– *Razão e sensibilidade*.

Ele a encarou com um a expressão intrigada.

- Por que está me dando isto?
- Acho que talvez possa lhe dizer algo.
- Obrigado – falou ele. – Eu acho.
- De nada. Vou sentir sua falta.
- E eu a sua. Venha cá.

Ele a puxou para um abraço caloroso.

Allison retribuiu, recuando um pouco para dar um beijo suave, porém demorado, nos lábios dele. Ficou surpresa, mas também exultante, quando, em vez de se retrair, ele retribuiu o beijo.

– Logo, logo estarei de volta – disse ele depois que os dois enfim se separaram.

999/1201

Ela respondeu com um sorriso esperançoso, acenando até ele desaparecer no interior do terminal.

CAPÍTULO SETENTA E UM

10 de janeiro de 2012

Nova York, Nova York

Christa Peterson adentrou, lípida e faceira, o Departamento de Italiano da Universidade

Colúmbia. Tivera um recesso de fim de ano

muito agradável na casa dos pais em Toronto e até conhecera um homem com quem tivera um breve caso. Agora estava ansiosa para retomar seus estudos e continuar sua trajetória para se tornar especialista em Dante.

Curiosa, pegou todas as correspondências em seu escaninho, sentando-se em uma poltrona

próxim a dali para dar um a olhada nelas. Boa parte era lixo, com exceção de um sim ples com unicado im presso. Christa correu os olhos por ele.

1001/1201

O com unicado listava os nom es de três espe-

cialistas em Dante que visitariam o departam ento ao longo das próxim as duas sem anas, com o candidatos à recém -aberta vaga de professor

catedrático. Christa leu os nom es duas vezes antes de relaxar na poltrona.

Ela sorriu. Mas não por causa dos nom es que

viu ali.

Não, ela sorriu por conta de um nom e que não constava da lista. Ao que tudo indicava, o plano de se vingar do professor Giuseppe Pacciani tinha dado resultados.

Com esse delicioso pensam ento em m ente,

guardou o com unicado no bolso, jogou todo o lixo postal fora e estava se preparando para ir em bora quando a professora Barini a deteve:

– Srta. Peterson, precisam os conversar.

– Claro. – Obediente, Christa seguiu a professora até seu gabinete.

1002/1201

A professora Barini deixou a porta entreaberta antes de se sentar à sua m esa.

– Gostaria de lhe agradecer por ter aceitado

m eu conselho em relação ao professor Pacciani.

Notei que ele não foi incluído na lista de candidatos. – Christa nem tentou esconder seu

entusiasmo.

Lucia ignorou o com entário e pegou um a pasta de arquivo, folheando rapidam ente o conteúdo.

Então olhou para Christa por sobre a arm ação dos óculos.

– Você está com um problem a.

– Que problem a?

– Deve escolher três professores para com por-em a sua banca exam inadora, m as fui notificada pelos m em bros do departam ento de que ninguém está disposto a fazer parte dela.

– O quê? – Os olhos negros de Christa se

arregalaram .

1003/1201

– Isso nunca aconteceu antes. Com o chefe do

departam ento, não posso obrigar um m em bro do corpo docente a participar das bancas. E, m esm o que pudesse, não faria isso. A recusa deles em avaliá-la indica que não acreditam que você apresentará

um

trabalho

à

altura

de

suas

expectativas.

Christa não conseguia acreditar no que ouvia.

Era im pensável que todos os professores do departam ento se recusassem a trabalhar com ela.

Ninguém havia lhe dado o m enor sinal de

tam anha antipatia.

(Pelo momento não na sua frente.)

– O que isso significa?

Lucia suspirou.

– Significa que, infelizmente, em maio você receberá seu diploma de mestrado, mas sem a possibilidade de extensão para o doutorado. Portanto, terá que se candidatar a uma vaga em outro lugar para dar continuidade aos seus estudos.

1004/1201

– Você não pode fazer isso.

Lucia fechou o arquivo de Christa com um movimento brusco.

– O mestrado em filosofia possui critérios de desempenho que devem ser respeitados. De

acordo com os membros do departamento, seu desempenho não é satisfatório.

– Mas... mas isso é um absurdo! – exclamou

Christa. – Eu fiz todos os meus trabalhos. Tenho recebido boas notas. Ninguém apontou nenhum

problema na minha pesquisa. Você não pode me expulsar do programa por puro capricho!

– Não agimos por capricho na Colúmbia, Srta.

Peterson. O que tem os seus critérios. Por mais que tenha sido aprovada em suas disciplinas, ainda precisa qualificar sua dissertação. Com o falei, ninguém está disposto a participar da sua banca examinadora. Isso significa que não poderá concluir o programa.

1005/1201

Christa olhou em volta, desamparada, tentando encontrar uma maneira de reverter aquela

situação.

– Deixe-me conversar com eles. Irei falar com os professores para me defender.

Lucia balançou a cabeça.

– Não posso deixá-la fazer isso. A esta altura, eles já acrescentaram um a carta ao seu histórico.

Se for procurá-los depois disso, irão se considerar assediados por você.

Christa fez um a careta diante dessa ideia.

– Isso é ridículo. Não vou assediá-los.

Lucia a encarou.

– Mesm o assim , não posso deixá-la falar com eles.

Christa sentiu o controle que achava ter recuperado lhe escapar novam ente pelos dedos.

(Não lhe ocorreu que deveria ter sido assim que o professor Em erson e Julianne se sentiram ao 1006/1201

serem colocados diante de um Com itê Disciplinar em Toronto.)

– É tarde dem ais para eu m e candidatar a outros program as. Isso vai ser o m eu fim . – O queixo dela com eçou a trem er.

– Não necessariam ente. Muitos program as

aceitam candidaturas até m arço. Minha assistente pode lhe dizer quais. Talvez devesse considerar a ideia de voltar para o Canadá.

– Mas quero ficar aqui. O professor Martin

disse...

– O professor Martin não é o chefe do departa-m ento aqui; eu sou. – Lucia m eneou a cabeça em direção à porta. – Entendo que sej a decepçion-ante, m as talvez em outra universidade você tenha m ais sucesso.

– Deve haver algo que eu possa fazer. Por favor.

– Christa deslizou para a frente em sua cadeira, suplicante.

1007/1201

– Pode recorrer à reitora, se desej ar, m as os regulam entos da

universidade a im pedem de exigir que m em bros do departam ento participem de bancas exam inadoras específicas. Tem o que ela não possa fazer nada por você. – Lucia tornou a

indicar a porta com a cabeça. – Minha assistente irá aj udá-la a pesquisar outros program as. Boa sorte.

Christa olhou para a m ulher na outra ponta da m esa, com pletam ente chocada. Porém , enquanto saía da sala, lem brou-se de algo; algo que Pacciani lhe dissera ainda em Oxford.

“Cuidado, Cristina. Você não quer ter a professora Picton como inimiga... A professora Picton

tem admiradores espalhados por departamentos em todo o mundo. A chefe do seu departamento na Colúmbia foi aluna dela.”

O fato de que no fim das contas Pacciani tinha razão a enchia de raiva. Contudo, ao m esm o

tem po que se deu conta disso, um a possível

1008/1201

solução lhe veio à m ente. Tudo o que precisava fazer era dar continuidade aos seus estudos fora do círculo de influência da professora Picton. O

que significava que precisaria investigar cada professor em cada departam ento que oferecesse um

program a de doutorado em estudos sobre Dante.

Tinha dias de trabalho pela frente, apenas para encontrar a possibilidade de se m atricular em um program a de doutorado.

(Diga-se de passagem , no entanto, que as leis do carm a tinham sido devidam ente aplicadas.)

CAPÍTULO SETENTA E DOIS

Medo e ansiedade não são fáceis de controlar, ainda m ais quando você passou anos da sua vida lutando contra esses sentim entos. Quando os

Em ersons voltaram a Cam bridge, am bos m ar-caram

im ediatam ente

consultas

com

seus

analistas.

A Dra. Walters sugeriu várias estratégias diferentes que poderiam ajudar Julia a lidar com sua ansiedade no que dizia respeito à gravidez, e ela também salientou o fato de que ela precisava

saber pedir ajuda, e também aceitá-la, em vez de tentar fazer tudo sozinha.

O Dr. Townsend analisou minuciosamente as

preocupações de Gabriel quanto à saúde e ao

bem-estar da esposa e do filho ainda por nascer.

1010/1201

Mas se mostrou satisfeito com o progresso que ele havia apresentado desde o verão.

Os Embryos também se consultaram com a

Dra. Rubio, que confirmou a gravidez, estimando que a criança nasceria por volta do dia 6 de

setembro. Uma série de consultas foi marcada, incluindo ultrassonografias para monitorar a evolução do feto e qualquer problema relacionado aos mionúcleos uterinos. A doutora recomendou que Julia modificasse sua dieta e tomasse suplementos vitamínicos, para garantir tanto a sua saúde quanto a do bebê.

Ela também foi instruída a evitar sexo oral com seu marido.

– Com o quê? – A voz do professor reverberou no pequeno consultório.

– O homem não deve praticar sexo oral na mulher durante a gravidez
– repetiu a Dra. Rubio com firmeza.

– Isso é ridículo.

1011/1201

A Dra. Rubio lançou um olhar frio para ele.

– Onde m esm o o senhor se form ou em obstet-ricia, Sr. Em erson?

– É professor Em erson e m e form ei em Har-

vard. E a senhora, onde cursou a faculdade contra sexo oral?

– Querido... – Julia pousou a m ão em seu braço para tranquilizá-lo. – A Dra. Rubio está tentando nos aj udar. Nós querem os que o bebê fique

saudável.

– Sexo oral é saudável – bufou ele. – Posso provar.

A Dra. Rubio xingou discretam ente em espanhol.

♦ ♦ ♦

– Se entrar ar na vagina, isso pode causar em -

bolia gasosa e pode prej udicar o bebê. Aconselho todas as m inhas pacientes a evitarem sexo oral.

Não estou im plicando com o senhor em especial, professor Em erson. Então, até nossa próxim a consulta. Não se esqueçam : nada de cafeína,

1012/1201

laticínios crus, queij o Brie ou Cam em bert, álcool, m ariscos, sushi, pasta de am endoim e, definitivam ente, nada de sexo oral. – Ela fuzilou Gabriel com o olhar.

– Por que não diz logo “nada de prazer”? O que diabos resta depois disso? – resm ungou ele, m al-hum orado.

Julia deu um a risada nervosa.

– Estou certa de que encontrarem os algo. Obrigada, Dra. Rubio.

Gabriel então levou Julia à Barnes and Noble

mais próximo, onde comprou três livros sobre gravidez. Todos afirmavam que a mulher poderia receber sexo oral durante a gestação sem problemas, desde que não entrasse ar na vagina.

Em seguida, os Emmons foram para casa, onde o professor fez questão de colocar seu argumento em prática.

1013/1201

– Talvez seja melhor você não ir comigo na minha próxima consulta – ponderou Julia certa manhã, enquanto se vestia.

Era o dia 21 de janeiro, a data do primeiro aniversário de casamento deles. Rebecca – que estava maravilhada com a perspectiva de acrescentar a função de babá às suas demais

obrigações domésticas – havia colocado sua casa em Norwood para alugar e se mudara para um

dos quartos de hóspedes. Sua presença era tranquilizadora para Julia, ainda mais porque nem ela nem Gabriel tinham mãe para lhes dar conselhos durante a gravidez.

– Eu vou a todas as suas consultas. A Dra. Rubio não me assusta. – Gabriel abotoava a camisa e

soou im paciente. – E ela também não sabe de tudo.

Julia não se deu o trabalho de discutir.

Estava no segundo mês de gravidez e já

começava a sentir os efeitos. Seus seios haviam 1014/1201

aumentado e estavam muito sensíveis. Ela passava a maior parte do tempo exausta, e começara a se incomodar com diversos cheiros. Tivera que pedir a Gabriel que ele parasse de usar Aramis, pois não conseguia mais suportar a fragrância.

Livrou-se de todos os seus produtos com aroma de baunilha, substituindo-os por outros com

aroma de toranja, um dos únicos cheiros que ainda era capaz de

tolerar.

Para alegria de Gabriel, no entanto, os

hormônios de Julia estavam tão em polvorosa que ela queria fazer sexo várias vezes ao dia.

Exigência que ele cumpra com todo o prazer.

(Pois, nesse sentido, com o em tantos outros, Gabriel era um cavalheiro.)

– Você está bem ? – Gabriel observou o rosto

dela, que tinha um tom esverdeado.

Ela continuou a abotoar a calça jeans.

– Olhe, Gabriel, elas ainda me servem .

Ele se aproximou para lhe dar um beijo na testa.

1015/1201

– Isso é ótimo, querida. Mas talvez esteja na hora de comermos a com as roupas de

gestante.

– Não quero passar meu aniversário de

casamento fazendo compras.

– Não é preciso. Mas achei que poderiam os dar um a volta no Copley Place antes de fazerem os *check in* no Plaza para o fim de semana.

– Está bem – disse ela baixinho. – Parece ótimo.

Quando Julia chegou à cozinha, seu estômago

já estava em brulhado. Ela olhou para o prato de ovos mexidos sobre a mesa enquanto Gabriel se servia de algumas fatias de bacon.

Teve uma sensação estranha no fundo da

◆◆◆

garganta.

– Por que não com eça com um a torrada pura?

Era o que eu costumava fazer todas as manhãs. –

Rebecca pegou o pão e gesticulou para a torradeira.

1016/1201

– Não estou me sentindo bem – anunciou Julia, fechando os olhos.

– Com meus alicerces. Sente-se que eu

pego um a para você. – Rebecca largou o pão e foi em direção à geladeira.

Antes que Julia pudesse responder, sentiu um

espasmo no estômago. Cobriu a boca e correu para o banheiro mais próximo.

Gabriel foi atrás de Julia, os sons dela fazendo força para voltar ecoando pelo corredor.

– Querida... – Ele se agachou ao seu lado, es-

tendendo a mão para afastar os cabelos dela da frente.

Julia estava de joelhos, a cabeça acima do vaso sanitário.

Voltou várias vezes, esvaziando o estômago.

Gabriel acariciava suas costas com a mão livre.

Buscou um a toalha para limpar a boca de Julia e um copo d'água.

1017/1201

– Isso deve ser amor – murmurou ela enquanto bebericava.

– O que quer dizer? – Ele se sentou atrás dela, aninhando-a em seus braços.

– Você segurou meu cabelo, professor. Deve me amar mesmo.

Ele estendeu a mão, titubeante, para tocar seu ventre.

– Lem bro-m e da vez em que você cuidou de

m im quando eu estava passando m al. E isso foi antes de você m e am ar.

– Eu sem pre am ei você, Gabriel.

– Obrigado. – Ele beijou sua testa. – Nós fizemos essa criaturinha juntos. Não vão ser seus flu-

idos corporais que vão me afugentar.

– Vou me lembrar disso quando meinha bolsa

estourar.

1018/1201

Os Emersons passaram algumas horas passeando pelo centro comercial Copley Place antes de irem jantar em um restaurante italiano na zona norte da cidade.

Mais tarde, na suíte que haviam reservado no Hotel Copley Plaza, Julia se despiu, largando suas roupas de qualquer jeito no chão. Gabriel examinou o corpo dela, fixando os olhos nos seios, que estavam intumescidos e fartos.

– A sua beleza sempre me deixa perplexo.

Julia sentiu sua pele se aquecer sob o olhar dele.

– Seus elogios sempre me surpreendem.

– Mas não deveriam. Talvez não os faça tanto quanto deveria. – Ele se interrompeu, ainda olhando para ela. – Já não somos os recém-casados.

– Não, não somos.

– Feliz aniversário, Sra. Emerson.

– Feliz aniversário, Sr. Emerson.

1019/1201

Ele enfiou a mão no bolso, de onde tirou uma caixa azul amarrada com um laço branco de

cetim .

Julia gaguej ou.

– Desculpe. Tenho um cartão para você, m as

esqueci o seu presente lá em casa. – Ela esfregou a testa. – Espero não estar ficando com cabeça de

grávida.

– Cabeça de grávida?

– A Dra. Rubio diz que é com um m ulheres

grávidas terem problem as de m em ória de curto prazo.

Provavelm ente

é

por

conta

dos

horm ônios.

– Não preciso de presente nenhum , m as fico

♦ ♦ ♦

grato por ter pensado em m im .

– É um a estrela de Davi num a corrente de

prata. Sei que você não usa j oias. – Ela apontou para a aliança dele. – Só essa. Mas pensei que talvez...

1020/1201

– É claro que vou usar. Obrigado, Julianne, foi m uito atencioso.

– Desculpe ter esquecido. E obrigada pelo presente.

Ela lançou-lhe um olhar caloroso ao vê-lo estender a caixa.

Ao abri-la, encontrou um pingente de diam ante solitário, preso a um a longa corrente de platina.

Ergueu os olhos para Gabriel, intrigada.

– Com bina com os brincos de Grace. – Ele foi para trás dela, gesticulando para o colar.

– É lindo. – Julia tocou a pedra enquanto ele prendia a corrente em volta do pescoço dela. –

Obrigada.

– Obrigado por me aturar – sussurrou ele, beijando o local em que o pescoço dela se unia aos seus ombros.

– Não é nenhum sacrifício. Tem os nossos altos e baixos, com o qualquer casal.

Ele se endireitou, tomando a mão dela na sua.

1021/1201

– Vam os tentar garantir que os altos sejam mais frequentes do que os baixos.

Depois de terem passado algum tempo se amando, Gabriel e Julia estavam enroscados na cama.

Julia correu os dedos pelo colar que descansava logo acima dos seus seios inchados.

– Está com medo? – sussurrou ela.

Os cantos da boca de Gabriel se curvaram.

– Apavorado.

– Então por que está sorrindo?

– Porque parte de mim está crescendo dentro de você. Tenho a chance de ver minha linda esposa carregar meu filho na barriga.

– Em alguns meses, terem os uma família.

– Já som os um a fam ília. – Ele acariciou seus cabelos. – Com o está se sentindo?

1022/1201

– Cansada. Quase peguei no sono durante um a

das m inhas aulas esta sem ana. Estou tendo dificuldade em m e m anter acordada à tarde sem cafeína.

O rosto de Gabriel ficou preocupado.

– Precisa descansar m ais. Talvez devesse dar um pulo em casa para tirar um cochilo antes das aulas.

Julia bocejou.

– Eu adoraria, m as não dá tem po. Só preciso com eçar a ir para a cam a m ais cedo. O que significa que terem os que fazer sexo logo depois do j antar.

– É para j á... – m urm urou ele.

– Não m e provoque. – Ela o em purrou de brincadeira e ele agarrou seu pulso, puxando-a para um beij o cheio de ternura.

– Espero que sej a um a m enina.

Julia ficou surpresa.

– Por quê?

1023/1201

– Para que eu possa m im á-la com o m im o você.

Um anj inho de olhos castanhos.

– Isso m e faz lem brar... Até descobrirm os o

sexo do bebê, vam os ter que inventar um a

m aneira m ais prática de nos referirm os a ele ou ela. Detesto não saber com o m e referir ao nosso bebê porque não tem os um pronom e pessoal

neutro.

– Adoro quando você fala de gramática. É tão sexy. – Ele a beijou. – Podem os usar simplesmente o bebê.

Julia baixou sua mão até o ventre.

– Por que tem tanta certeza de que será um menino? Acho que vamos ter um garotinho.

– Ele é ela. E vamos ter que pensar em um nome apropriado.

♦ ♦ ♦

– Com o quê? Beatriz?

– Não – falou ele baixinho. – Só existe um a Beatriz. Poderíamos chamá-la de Grace.

Julia ficou pensativa por alguns instantes.

1024/1201

– Ainda não estou pronta para decidir isso, em -

bora Grace seja uma possibilidade. Mas ainda acho que vai ser um menino. Então, por enquanto, vamos simplesmente chamá-lo de Ralph.

– Ralph? Por que Ralph?

– É um ótimo apelido para quebrar o galho.

Preferiria chamá-lo de Minduim, mas era assim que chamavam os Tommy antes de ele nascer.

Gabriel deu uma risadinha.

– A sua mãe é fascinante. Agora vá dormir, mãezinha. Nossas mães têm comido cedo nos últimos dias.

Ele lhe deu um beijo na testa antes de apagar a luz. Então aninhou a esposa nos braços.

Algumas horas depois, ele acordou com a mão de alguém acariciando seu peito nu.

1025/1201

– Meu bem ? – A voz dele estava pastosa de sono.

– Desculpe por ter acordado você. – Ela se aproximou, enfiando sua coxa entre as dele.

Gabriel sentiu beijar os suaves ao longo do seu peito e pelo seu pescoço acima.

– Não consegue dormir?

– Não, não consigo.

Julia roçou sua mão pelos músculos abdominais dele, antes de descer mais um pouco.

Ela o beijou, e ele reagiu calorosamente. A sonolência e o cansaço de Gabriel pareceram se dissipar enquanto ela deslizava a mão para cima e para baixo.

– Você tem algo de que eu preciso.

– Tem certeza? – Ele agarrou o pulso de Julia, interrompendo seus movimentos.

Ela hesitou.

– Julianne?

1026/1201

– Desculpe se o acordei, mas preciso mesmo fazer amor com você. Agora.

– Agora?

– Sim. Por favor.

Ele recolheu sua mão de volta e afastou as cobertas.

– Faça de mim o que quiser.

Julia m ontou sobre ele im ediatam ente. Ele ergueu as m ãos para segurar seus seios pesados enquanto ela se inclinava para beij á-lo.

– *Me convide a entrar em você* – sussurrou ele, enquanto vergava seu corpo para cim a contra o

dela.

– Você precisa de convite?

Gabriel fitou-a nos olhos, arregalados de tesão.

– Eu seria capaz de passar o resto da m inha vida dentro de você e m orrer feliz. Você é m eu lar.

Julia titubeou diante da repentina vulnerabilidade que lam pej ou pelo rosto do m arido. Ergueu 1027/1201

as m ãos para cobrir as dele, pressionando-as contra os seios.

– Você vai m e fazer chorar. Já ando em otiva dem ais.

– Nada de lágrim as, por favor. – Ele a abraçou m ais forte.

– Então venha – sussurrou ela, alinhando seus quadris aos dele.

Ele a penetrou devagar.

– *Estou em casa* – sussurrou Gabriel.

Julia não tentou conter as lágrim as.

– Am o tanto você.

Ele respondeu lam bendo e sugando seus seios, provocando-a e atiçando-a. Em questão de

m inutos, estavam indo e vindo um contra o

outro, suas peles quentes e vivas de prazer.

– Está gostoso? – rosnou Gabriel, descendo as m ãos até os quadris dela.

1028/1201

Os olhos de Julia estavam fechados, seus lábios rosados entreabertos. Ela não respondeu, então Gabriel pousou a m ão com ternura em seu

rosto.

– Julia.

Ela pestanej ou, abrindo os olhos.

– Está gostoso – falou, ofegante. – Muito

gostoso.

As mãos grandes dele agarraram sua cintura, instigando-a a continuar.

– Mais rápido – murmurou Gabriel.

Em resposta, Julia cometeu a se erguer e descer de volta depressa, sem parar, até os dois se deixarem cair sobre a cama, quase exauridos.

CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

31 de janeiro de 2012

Cambridge, Massachusetts

A professora Katherine Picton estava parada no auditório em Harvard, examinando os participantes do congresso. Havia apresentado sua

palestra naquela hora depois da do professor Jerem y Martin. Em seguida, respondera às perguntas da plateia e recebera um peso de papel muito elegante de presente do professor Greg Matthews, em nome do Departamento de Estudos Romanos.

Ainda não tivera a oportunidade de ir falar com os Emersons. Estava ansiosa por isso. Eles a haviam convidado para jantar em sua casa para que ela pudesse escapar das preferências culinárias mais excêntricas de Greg.

1030/1201

– Ah, aí estão vocês! – O forte sotaque britânico da professora Picton cortou o burburinho de uma dezena de conversas.

Ela atravessou a passos largos uma das fileiras de assentos, indo direto para onde Julia continuava sentada, com Gabriel de pé ao seu lado, conversando amigavelmente com a orientadora de Julia, a professora Marinelli.

– Katherine – disse Gabriel com carinho,

dando-lhe um beijo no rosto.

– Gabriel e Julianne. Que bom revê-los.

Ela se voltou para a professora Marinelli.

– Cecilia, é um prazer revê-la também, com o sempre.

– Digo o mesmo. – As duas se abraçaram.

– Agora me diga, já falou com Jeremy? – perguntou Katherine, voltando seus olhos azul-acinzentados para Gabriel.

– Não – respondeu ele, lacônico.

1031/1201

– Acho que já está mais do que na hora de vocês fazerem as pazes. Concorda?

Cecilia olhou de um especialista em Dante para o outro e pediu licença educadamente, preferindo fugir para outra parte do auditório onde uma discussão não estivesse prestes a estourar.

– Não tenho nenhum problema com Jeremy –

Gabriel parecia ofendido. – Ele é que tem um problema comigo.

Os olhos de Katherine faiscaram.

– Então não vai se importar se eu o trouxer

aqui.

A figura diminuta da professora se pôs a

marchar em direção a Jeremy e Martin e começou a falar com ele.

Julia estava aflita, perguntando-se o que poderia acontecer.

Era óbvio que o professor Martin não tinha interesse em falar com Gabriel. Julia ficou

1032/1201

observando-o olhar na direção deles, então olhou de volta para

Katherine, balançando a cabeça.

Katherine pareceu lhe dar um a bronca, mas não por muito tempo, até que os dois vieram andando em direção aos Emersons.

– Lá vão os nós – sussurrou Julia, pegando a mão de Gabriel.

– Emerson – disse Jeremy com a voz tensa, ao se aproximar.

– Jeremy.

Katherine olhou de um homem para outro e franziu a testa.



– Ora, andem logo com isso. Cumprimos - se, cavalheiros.

Gabriel soltou a mão de Julia para poder apertar a do homem que tinha sido seu amigo.

– Se lhe servir de alguma coisa, Jeremy, sinto muito.

Julia ergueu os olhos para o marido, surpresa.

1033/1201

O professor Martin também pareceu espantado.

Ele passou o peso do corpo de um pé para o

outro, olhando de Gabriel para Julia e então de volta para Gabriel.

– Vej o que devo lhes dar os parabéns. Vocês estão casados há cerca de um ano, não é isso?

– Exatamente – atalhou Julia. – Obrigada, professor Martin.

– Por favor, me chame de Jeremy.

– Eu lhe devo uma. Não vou esquecer – falou

Gabriel, baixando a voz.

Jerem y recuou um passo.

– Este não é o lugar nem o momento para isso.

– Então por que não conversam os no corredor?

Ora, Jerem y , som os amigos há anos. Estou tentando lhe pedir desculpas.

Jerem y fez um a careta.

– Está bem . Se as damas me dão licença. – Ele meneou a cabeça para Katherine e Julia antes de seguir seu antigo amigo em direção ao corredor.

1034/1201

– Até que não foi tão mau – disse Julia,

voltando-se para Katherine.

– Veremos. Se eles voltarem sem que haja

derramamento de sangue, aí concordarei com você. – Os olhos de Katherine assumiram um brilho travesso. – Vão os espiar por trás da porta?

Durante o jantar na casa deles naquela noite, Gabriel e Julia estavam determinados a não

anunciar a gravidez para Katherine. Já haviam combinado não contar a ninguém antes do segundo trimestre.

(Contudo, não fizeram nada para esconder o intrigante utilitário Volvo que Gabriel comprara recentemente e estava estacionado na entrada de veículos.)

Enquanto Gabriel estava na cozinha pre-

parando o café, Katherine voltou seus olhos

1035/1201

atentos para Julia e cutucou a toalha de mesa de linho com um dedo.

– Você está grávida.

– O quê? – Julia vacilou, largando seu copo

d'água para não derram á-lo.

– Está na cara. Você não está bebendo. Recusou café. Seu m arido, que norm alm ente j á é m uito atencioso, está pairando ao seu redor com o se vo-cê fosse de porcelana, ao m esm o tem po que tenta esconder o enorm e orgulho encharcado de

testosterona. Você não m e engana.

– Professora Picton, eu...

– Achei que tivéssem os concordado que você

m e cham aria de Katherine.

– Katherine, ainda estou no início da gravidez.

Não vam os contar a ninguém , nem à nossa

fam ília, até eu com pletar três m eses.

– É um a decisão sensata. Talvez sej a bom

m esm o você só contar ao departam ento o m ais 1036/1201

tarde possível. – Katherine tom ou um gole do vinho, pensativa.

– Estou com m edo de contar a eles.

Katherine pousou a taça.

– Posso saber por quê?

Julia levou as m ãos ao ventre.

– Por vários m otivos. Fico achando que eles vão pensar que eu não sou séria o suficiente e que Cecilia pode desistir de m e orientar.

– Que bobagem . Cecilia tem três filhos, dois deles nasceram enquanto ela ainda fazia pós-graduação em Pisa. Próxim o problem a.

Julia se deteve, boquiaberta.

– Hum , eu não sabia disso.

– Eu a conheço há anos. Ela trabalha fora e m esm o assim se em

penha em dedicar tempo à sua família. É por isso que eles passam os verões na Itália, para as crianças poderem estar com os avós. Próximo o problema.

1037/1201

– Hum, tenho medo de que cortem minha

ajuda financeira e eu perca a bolsa.

– As universidades hoje em dia são bem diferentes de quando eu estudava. Existem dispositivos legais que impedem seu departamento de fazer uma coisa dessas. Você tem direito a uma licença-maternidade, com o qual quer outra pessoa. Na verdade, se não me engano, Harvard possui uma comissão dos direitos da mulher cujo objetivo é garantir que você seja tratada com igualdade. Mesmo que seu departamento fosse chefiado por um idiota, o que não é o caso, ele teria que se guiar por essas diretrizes. Próximo o problema.

– Não vou pedir licença-maternidade. Mas

minha médica disse que preciso tirar pelo menos seis semanas depois que o bebê nascer. Estou preocupada que meu chefe de departamento me

obrigue a trancar o semestre.

Katherine fechou a cara.

1038/1201

– Com o assim, não vai pedir licença-maternidade? Está louca?

Julia começou a protestar, mas Katherine ergueu a mão.

– Posso ser apenas uma velha gaga, mas, sei que não vai conseguir dar conta do doutorado ou do recém-nascido se não tirar uma licença-maternidade. É um direito seu. Você deve tirá-la.

– O departamento não vai ver isso com meus olhos?

– Alguns dos filósofos clássicos talvez, mas, se você tiver o apoio da sua orientadora, que diferença faz? Meu conselho é que converse com Cecília e ouça o que ela tem a dizer. Ela saberá



orientá-la melhor. Não deixe os missionários colocarem você em uma situação insustentável.

Katherine bateu no próprio queixo com o dedo, pensativa.

– Estou sem pre disposição a lutar contra in-

justiças. Eles que tentem fazer algo. Na 1039/1201

verdade, estou quase me convencendo a aceitar o convite que Greg Matthews me fez para o seu departamento só para garantir que isso não

aconteça.

Julia ficou boquiaberta.

– Você faria isso?

– Decidi vender minha casa e ir em bora de

Toronto. O All Souls está disposto a me aceitar em Oxford de forma mais permanente, mas a verdade é que não existem muitos membros

daquela faculdade que eu consiga tolerar. Isso está tornando minhas refeições por lá muito

desagradáveis.

– Seria maravilhoso tê-la aqui em Harvard.

– Estou começando a achar o mesmo. – Os olhos de Katherine brilharam. – É aqui que tudo acontece. Greg prometeu se encarregar pessoalmente do transporte da minha biblioteca. Minha vontade é aceitar a oferta só para vê-lo encaixotando meus livros com as próprias mãos.

1040/1201

Julia riu ao pensar no professor Matthews, um homem muito distinto, cuidando sozinho do

transporte da extensa biblioteca particular da professora Picton.

– Estou feliz porque você e Gabriel terão um

bebê. Quer eu peça transferência para Harvard, quer não, espero que m e deixem ser a m adrinha velha e excêntrica que com pra presentes ridículos e dá à criança todo tipo de porcarias para com er.

– Nada m e deixaria m ais feliz. – Julia apertou a m ão de Katherine no instante em que Gabriel voltou com o café.

Ele olhou de um a para outra.

– O que está havendo?

Katherine ergueu sua taça de vinho em um
brinde a ele.

– Estava acabando de dizer a Julianne que
aceito a honra de ser m adrinha do bebê de vocês.

1041/1201

Pouco antes de dorm ir, Julia perguntou a Gabriel com o tinha sido sua conversa com o professor Martin.

Gabriel fitou o teto.

– Melhor do que eu esperava, m as duvido que
ele vá m e perdoar algum dia.

Julia descansou a cabeça no peito do m arido.

– Que pena, m eu am or.

– Ele acha que eu o apunhalei pelas costas, assim com o a todo o
departam ento. Em bora o fato de eu ter m e casado com você pareça
ter

abrandado o m au j uízo que ele faz de m im .

Talvez a raiva dele dim inua ainda m ais quando souber que você está
grávida.

– E com o você se sente quanto a isso?

Gabriel deu de om bros.

– Ele era um am igo. Lam ento que tenham os

nos desentendido, mas as não lam ento o que fiz.

Faria tudo de novo.

Julia suspirou.

1042/1201

– Bem , o dia não foi de todo perdido. Gostei de ver a reação das minhas colegas de turma à sua chegada.

Os lábios de Gabriel se contorceram .

– Ah, é? E com o elas reagiram ?

Julia se virou de braços.

– Com o se nunca tivessem visto um professor tão gostoso na vida. Você fez muito sucesso com sua gola rulê.

– Ah, sim , a gola rulê. Ela tem esse efeito nas pessoas.

– Era o homem que elas estavam admirando. E

fiquei orgulhosa de estar ao seu lado. – Ela enrolou a ponta do lençol entre os

dedos. – Mas ainda

existem boatos.

– Ah, é? – Gabriel ergueu o queixo para fazer contato visual com ela.

– Zsuzsana me contou que alguns de nossos colegas andam dizendo que foi você quem me colocou no programa.

1043/1201

– Idiotas – praguejei ou Gabriel. – Christa é a culpada por isso.

– A culpa não é só dela. Nós fizemos a nossa escolha e agora precisam viver com ela.

– A realidade dos fatos e o que eles estão dizendo são duas coisas totalmente diferentes.

– Isso é verdade. Mas você vai gostar de saber que agora Christa também é muito de fofocas.

Gabriel a encarou com um interesse cauteloso.

– Christa? Por quê?

– Sean, um dos doutorandos do meu departamento,

então, tem um amigo na Colúmbia. Ele disse que Christa foi expulsa. Nenhum dos professores

concordou em orientá-la.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

– Sério? Quando estive em Nova York, Lucia

comentou que Katherine estava aborrecida com a maneira com a qual Christa havia se comportado em

Oxford. Mas duvido que a expulsão dela tenha a 1044/1201

ver conosco. Lucia também disse que o trabalho dela estava deixando a desejar.

– É possível que ela não tenha se dado bem com os especialistas em Dante do departamento. Eles podem ser muito volúveis. – Julia deu um piscadela travessa para o marido.

– Não faço a menor ideia do que você está

falando – disse Gabriel, torcendo o nariz.

– Sean disse também que Christa está indo fazer doutorado em Genebra.

– Genebra não tem um programa de doutorado em italiano. Eles fazem parte de um consórcio.

– É para lá que ela vai, se os boatos forem verdade.

Gabriel balançou a cabeça.

– Se ela tivesse simplesmente se concentrado em seu trabalho em

Toronto, e não ficado ob-cecada por m im , era provável que ainda estivesse por lá. Sua proposta de dissertação era m uito boa.

As intrigas que criou foram sua ruína. E, para 1045/1201

com pletar, ela com eteu o erro colossal de bater de frente com

Katherine.

Isso

deixou

Lucia

apreensiva.

– Por quê?

– Katherine é um a das m elhores pesquisadoras da área. Se alguém pretende publicar algo relacionado a Dante, fazer um pedido de bolsa ou tentar conseguir um a vaga, é a ela que as pessoas pedem opinião. Se Katherine aprovar você, ela dirá isso. Se não aprovar, dirá tam bém . Ninguém quer excluí-la do processo, pois sabem que podem precisar do apoio dela no futuro. Isso inclui Lucia e seu departam ento.

Julia frisou os lábios.

– Não queria que a vida de Christa fosse arruinada. Apenas que ela nos deixasse em paz.

– Ela é a única culpada por tudo o que lhe

aconteceu. Teve várias oportunidades de repensar sobre suas escolhas, m as não quis fazer isso. Ninguém a obrigou a ir a Oxford para tentar sabotar 1046/1201

você, ou a apresentar um trabalho m edíocre na Colúm bia.

– Você deve ter razão. – Julia pousou a cabeça no travesseiro. – O m undo acadêm ico é um lugar estranho.

– Um pouco com o Marte, na verdade. Só que

com m ais sexo.

Julia riu.

– Fico feliz que Katherine goste de mim. Trem o só de pensar no que aconteceria se fosse o

contrário.

– Eu também. Mas, de todo modo, vou con-

versar com Greg Matthews e garantir que esses boatos a nosso respeito terminem de uma vez por todas.

– Não lhe peça favores por causa disso. Talvez precise da ajuda dele em relação a outra coisa.

– A quê?

1047/1201

– Katherine acha que devo tirar licença-maternidade. Ela quer que eu converse com Cecília sobre isso.

Gabriel contornou o arco das sobrancelhas dela com os dedos.

– E o que você quer fazer?

– Vou conversar com Cecília. Mas pretendia esperar até o segundo trimestre de gravidez. A maioria dos abortos... – ela cruzou olhares com Gabriel e evitou a palavra – ...problemas ocorrem durante o primeiro trimestre.

– Se quiser tirar licença-maternidade, é o que deve fazer. Mas, se não quiser, não é obrigada. Eu vou tirar a minha de qualquer forma. Depois

dela, eles também devem um ano sabático. Poderei

passar quase dois anos em casa com o bebê.

– Não existe nenhum regulamento que o proíba de tirar uma licença e um ano sabático

consecutivos?

1048/1201

– Provavelmente. – Gabriel começou a acariciar a base das costas dela. – Mas está no meu contrato que eles devem também conceder um ano

sabático sem ser o ano que vem , no outro. Isso foi parte da oferta de em prego.

– Não gostaria de ver você desperdiçando seu ano sabático – disse ela baixinho.

Gabriel pousou a mão na base das costas dela.

– Com o passar tem po com o bebê seria um desperdício?

– Você não vai poder terminar o livro.

– Estou certo de que terei tempo para escrever.

E, mesmo que não tenha, valerá a pena. Converse com Cecília e veja o que ela tem a dizer. Mas, seja qual for sua decisão, não se preocupe. Fiz um a

promessa a você e pretendo cumpri-la.

Julia sorriu.

– É só por isso que não estou ficando louca.

Ele a fitou com um olhar intenso.

– Ótimo.

CAPÍTULO SETENTA E QUATRO

Abril de 2012

– Então, Julianne, em que posso ajudá-la? –

disse Cecilia Marinelli para sua orientanda,

recebendo-a em sua sala e gesticulando para uma cadeira confortável em frente a uma mesa grande.

Cecilia tinha cerca de 1,50 metro de altura, cabelos negros curtos e olhos azuis. Era natural de Pisa e falava inglês com sotaque.

– Vim lhe pedir um conselho, na verdade –

disse Julia, começando a retorcer as mãos.

– Então peça. – Cecília encarou Julia com um a expressão encorajadora.

– Hum ... eu vou ter um bebê.

1050/1201

– Meus parabéns! Que boa notícia, não? – disse

Cecília, passando a falar em italiano com um sorriso rasgado no rosto.

Julia respondeu tam bém em italiano.

– Sim . Muito boa. Mas ele deve nascer em

setem bro, bem no com eço do sem estre.

Cecília deu de om bros.

– Qual o problem a? Você pede licença-m ater-

nidade e volta no ano que vem .

– Não quero atrasar m eu doutorado, então não vou pedir licença-m aternidade.

A professora Marinelli balançou a cabeça.

– Isso não é um a boa ideia. Norm alm ente, no terceiro ano, você deveria dar aulas no outono e fazer a disciplina de linguística, m ais outra m atéria. Depois, precisaria se preparar para suas provas no inverno. Com o o bebê vai nascer em setem bro, im agino que só vá poder dar as aulas e cursar as disciplinas em j aneiro. O que significa que teria que estudar para as provas ao m esm o 1051/1201

tem po. É m uita coisa. – falou Cecília com

firm eza, m as tam bém com carinho.

– Não tinha pensado nisso – A voz de Julia

soou trêm ula e frágil.

– Faça o que achar m elhor, m as eu pediria a licença-m aternidade.

– Sério?

Cecilia se recostou em sua cadeira por alguns instantes.

– Vai ser bem mais para você colocar tudo isso em um só semestre. Isso dará uma vantagem para os seus colegas nas provas. E você não pode ser dar ao luxo de não passar. Assim, poderá dar as aulas e cursar as disciplinas em sete meses e fazer suas provas no inverno.

A professora Marinelli fez uma breve pausa.

– Sim, você se atrasará um ano. Mas é uma boa aluna. Acredito que conseguirá recuperar esse tempo quando estiver escrevendo a tese.
Antes de 1052/1201

atrasar um ano do que perceber no meio do

semestre que não vai dar conta de tudo.

O coração de Julia se apertou ao ver seus planos caírem por terra.
Começou a procurar freneticamente outra solução.

– Algumas das disciplinas não são oferecidas durante o verão?

Notando a reação da aluna, Cecilia voltou a

falar em inglês:

– Não, sinto muito.

Julia tornou a retorcer os ombros sobre o colo.

– É que Gabriel vai pedir uma licença na

Universidade de Boston para que eu não precise pedir a minha.

– Gabriel? Com um bebê? – Cecilia riu, falando consigo mesma em italiano.

(Aparentemente, achava a ideia do professor

cuidando de um bebê muito engraçada. E não era a única.)

1053/1201

– Por essa eu não esperava. Mas isso demonstra que ele será um bom pai, não? Se está tão disposto a ajudar. Mas o fato de Gabriel pedir

licença não resolve o problema do calendário

acadêmico. Não é realista pensar que você vá conseguir ter um bebê e voltar à sala de aula no dia seguinte. Deus me livre, mas se você tiver complicações e precisar de um período de resguardo depois do parto?

Julia se encolheu.

– Também não tinha pensado nisso.

Cecilia abriu um sorriso paciente.

– É para isso que tem os conselheiros, para

oferecer orientações e talvez sugerir um pouco de cautela. Aconselho você a pedir a licença-maternidade. Não vai perder sua vaga no doutorado

nem a bolsa. Se quiser, posso lhe dar uma lista de leituras para o seu projeto de tese e você pode trabalhar nisso enquanto estiver afastada. Também 1054/1201

pode estudar suas outras línguas. Mas não vá ao pôr do sol na frente dos bois.

Cecilia então voltou a falar em italiano, com o se

♦ ♦ ♦

essa língua lhes desse mais privacidade:

– E tem mais uma coisa, mas precisa me prometer que não contará a ninguém. O professor Matthews está esperando para fazer um anúncio formal.

– Claro – respondeu Julia também em italiano, olhando para sua orientadora com curiosidade.

– A professora Picton decidiu vir para Harvard.

– É mesmo? Isso é maravilhoso! – O coração de Julia saltou de alegria.

– É, sim. Ainda precisa continuar em Oxford por mais um ano, então chegará em setembro do ano que vem, quando você estiver voltando da licença. Não posso falar por ela, mas acredito que Picton vá querer

ser um a das avaliadoras da sua tese. Isso é um excelente notícia para o seu projeto.

1055/1201

Julia sorriu, as engrenagens com eçando a girar em sua mente.

– Então – prosseguiu Cecilia, tornando a falar em inglês – não vou lhe dizer que será fácil ser mãe e estudante. Mas você vai conseguir. Diga a Gabriel que eu lhe dou meus parabéns. Estou

muito feliz por vocês dois.

Julia agradeceu à professora e saiu da sala.

Quando Julia chegou em casa para o jantar, Gabriel estava sentado em um banco à ilha da cozinha, lendo o jornal.

Assim que a viu, ele o largou.

– Ora, ora. Olá, minha linda. Como foi seu dia?

– Mais ou menos. – Julia largou sua bolsa

carteiro no chão e sentou-se ao lado dele.

1056/1201

– Qual o problema? – Ele pousou a mão na sua nuca e a puxou para si com carinho para poder beijá-la. – Está se sentindo mal?

– Tenho uma notícia boa e outra ruim.

Os cantos da boca de Gabriel se entortaram

para baixo.

– Qual é a ruim?

– A professora Marinelli disse que preciso tirar licença-maternidade.

– Por quê?

– Como o bebê vai nascer em setembro, ela não acha que eu deva me matricular em nenhum a disciplina para este outono. De jeito que é o calendário, seria demais se eu tentasse acumular todas as obrigações do terceiro ano no semestre de inverno. Então, ela sugere

que eu tire o ano de folga.

Gabriel esfregou o queixo, pensativo.

– Tinha me esquecido da loucura que é o terceiro ano. O que você quer fazer?

1057/1201

– O que eu posso fazer? Preciso pedir a licença-maternidade. – Ela apoiou os cotovelos no

balcão.

– Julianne, você pode fazer o que quiser. Se

quiser assistir às aulas depois que o bebê nascer, nós daremos um jeito. O

importante é o que pode

acontecer é você ficar com as notas incompletas enquanto se atualiza com o que perdeu.

– O programa de doutorado não gosta que os alunos fiquem com notas incompletas.

– Não, eles não gostam. Mas permitam em determinadas circunstâncias. Tenho certeza de que vão permitir no seu caso.

– Mas depois terei que correr atrás do prejuízo enquanto estudo para as provas.

– Isso é verdade. Só porque Cecilia acha que vai ser difícil, não significa que é impossível. E, como disse antes, vou fazer dar certo. Eu prometo.

Julia olhou para ele, observando a ternura e a determinação em seu rosto.

1058/1201

– Você vai fazer dar certo?

– Claro que sim. Mas não vou lhe dizer o que fazer. Decida-se e eu

conversarei com Greg, se necessário.

– Não, deixe que eu mesma fale com ele. Mas...

– Ela se interrompeu.

– O quê?

– Preciso lhe dar a boa notícia. Cecilia disse que Katherine está vindo para Harvard.

Gabriel ficou boquiaberto de espanto.

– Com o que é? Recebi um e-mail dela semana passada. Ela não mencionou nada.

– Ao que parece, ela continuará em Oxford no ano que vem, mas virá para Harvard no seguinte.

Esse é mais um motivo para Cecilia achar que seria uma boa ideia pedir a licença-maternidade: Katherine chegará assim que eu estiver voltando.

– Isso é ótimo.

1059/1201

– É, sim. Só que... – Julia balançou a cabeça. –

Não quero tirar a licença-maternidade, mas estou com medo de não passar nas provas.

– Claro que você vai passar.

– Talvez, mas talvez também não estarei na minha melhor forma.

– Então nós colocaremos você na sua melhor

forma. Rebecca e eu estaremos aqui, segurando a barra. Você poderá estudar para as provas e fazer tudo o que precisar.

– Também quero ser mãe – sussurrou ela. –

Não quero ignorar o bebê.

– Tenho certeza de que você encontrará um

equilíbrio.

Ele beijou o topo da cabeça dela antes de se encaminhar para a geladeira. Pegou uma garrafa de ginger ale e apressou-se em servi-la em um copo alto com gelo.

Entregou o copo para ela.

1060/1201

– Não precisa decidir agora. Matricule-se no

semestre de outono e, se achar que precisa abandonar as disciplinas ou trancá-las, pode fazer isso depois.

– Não quero cometer algo que não vá terminar.

E certamente não quero me arriscar a não passar nas provas. – Ela olhou para Gabriel, uma expressão aflita em seu rosto. – Não quero ser uma mãe ausente, como o Sharon.

– Você nunca será com ela.

Gabriel olhou para a ilha com tempo de morrer e traçou um desenho invisível em sua

superfície.

– Para ser franco, não sei o que vai acontecer quando o bebê nascer. Mas, como disse, irei tirar a licença de qualquer maneira.

– Cecilia comentou que poderia me dar uma

lista de leituras para o meu projeto de tese. Eu poderia trabalhar enquanto estivesse de licença, além de estudar minhas línguas estrangeiras.

1061/1201

Ele ergueu a cabeça.

– Tenho certeza de que o bebê vai adorar ouvir sobre Dante, além de também ser capaz de falar mais do que um único palavão em alemão.

Julia riu e passou um braço em volta da cintura dele.

– Acho que vou acabar perdendo muita coisa se não tirar pelo menos uma licença-maternidade parcial. Quem sabe em que tipo de

encrenças vo-cê e o neném vão se m eter na m inha ausência?

– Ah, pode ter certeza de que vam os nos m eter em várias. – Ele lhe deu um a piscadela. – Há um grande risco de tam bém nos envolvem os regu-larm ente em um a série de travessuras e

traquinagens.

– Talvez você e o bebê precisem de m im .

Julia o fitou. Gabriel olhou dentro dos olhos dela.

– É claro que vam os precisar de você. Mas eu m e viro se você não puder estar aqui. – Ele

1062/1201

tornou a levar os dedos ao rosto de Julia e acariciou de leve sua bochecha. – Se pedir a licença-m aternidade, poderiam os passar parte do ano na Úm bria.

– Sêrio?

– Ou em Oxford, Paris, Barcelona. Onde quiser.

– Selinsgrove?

Gabriel recuou.

– De todas as cidades do m undo, é para lá que você quer ir?

– É onde sua fam ília m ora. E a m inha tam bém .

Vai ser bom estar perto de Diane. Ela poderá m e dar conselhos e poderem os pôr os bebês para

brincarem j untos.

– Podem os falar com ela da Europa pelo

FaceTim e.

– O pom ar fica lá.

Gabriel percorreu o lábio inferior de Julia com o polegar e suspirou.

– Sim , o pom ar fica lá.

– Vou tentar me matricular para o outono e, se não puder voltar depois de o bebê nascer, tranco as disciplinas. Então peço a licença-maternidade para o semestre de inverno e começo a estudar para as provas.

– Me parece um bom plano. Katherine já estará aqui em setembro do ano que vem.

– Podem os ter o bebê no Hospital Mount

Auburn, e a partir daí decidimos para onde

querem os ir. Não sei se é uma boa ideia colocar um recém-nascido em um voo transatlântico.

– Hum. Não tinha pensado nisso.

Julia passou os braços em volta da cintura dele.

– Não pensamos em um monte de coisas.

– Ah, mas eu tenho um livro.

Gabriel estendeu a mão para pegar um exemplar -

placar de *O que esperar quando você está esperando*, que havia deixado por ali.

– Não deixe de me arcar as partes em que ele fala sobre voos transatlânticos e sobre a possibilidade 1064/1201

de escrever um livro sobre a concepção dantesca do Inferno enquanto cuida de um bebê. Teria

um muito interesse em ler esses trechos.

Ele jogou o livro para o lado.

– Muito engraadinha, Sra. Emerson.

Ela pressionou seu corpo contra o dele.

– Se formos à Europa, poderemos visitar alguns museus.

– É verdade.

– E poderem os dançar tango contra a parede.

– Terem os que levar Rebecca junto se quiserem os voltar a dançar tango dentro de um mês useu algum dia. – Gabriel deu um beijo no pescoço dela.

– Os meus já não são tão tolerantes quanto costumavam ser.

Os olhos dele brilharam .

– Exceto durante nossa última visita à Uffizi.

Dessa vez, Julia ruborizou.

1065/1201

– É isso que eu quero de presente para o nosso próximo aniversário.

– O quê? Um mês useu? – Ele sorriu com malícia.

– Não. Dançar tango contra a parede com você.

– E se experimentarmos o Louvre da próxima vez?

Julia sentiu suas entranhas se incendiarem .

– Me soa muito promissor.

Ele beijou o pescoço dela, deslizando os lábios por sua pele.

– Tem muitas coisas boas pelas quais esperar no futuro, Sra. Emerson. Mas acho que nós dois precisamos ler aquele livro.

CAPÍTULO SETENTA E CINCO

Selinsgrove, Pensilvânia

– Você está o quê?

Um a pilha de talheres escapou das mãos de

Rachel, caindo ruidosamente sobre a ilha da cozinha. Ela ficou olhando, boquiaberta, para sua melhor amiga.

Gabriel estava com o braço ao redor de Julia, os dois em pé na cozinha da família Clark. Scott e Tammy estavam sentados com Quinn em seus respectivos banquinhos, Richard e Aaron en-

tretidos em um a conversa perto do fogão.

– Estou grávida – repetiu Julia, seus olhos estudando o rosto de Rachel.

A cozinha caiu em silêncio.

1067/1201

– Mas... m as eu nem sabia que você estavam

tentando. Achei que iriam esperar – falou Rachel.

– Foi um a surpresa para nós tam bém , m as um a surpresa bem - vinda. – Gabriel deu um beij o na têm pora de Julia.

– Que ótim a notícia, Julia. Para quando é o be-bê? – atalhou Tam m y .

– Setem bro. – Julia passou a m ão sobre a barriga ligeiram ente proem inente. – Contam os para papai, Diane e m eu tio Jack ontem à noite.

– Acho que a ocasião pede alguns charutos.

Estou m uito orgulhoso dos dois. – Richard apertou a m ão de Gabriel e lhe deu um tapa nas costas, beij ando Julia no rosto em seguida. – Vai ser ótim o ter outro bebê por aqui. Quinn e Tom m y terão um novo am iguinho.

– Exatam ente – acrescentou Tam m y , ab-

raçando Julia. Scott fez o m esm o.

Julia lançou um olhar apreensivo para sua m elhor am iga.

1068/1201

– Rach?

– Eu... – Rachel fechou a boca de repente. Parecia prestes a explodir em lágrim as.

Aaron passou um braço em volta da cintura dela. Sussurrou algo em seu ouvido.

– Estou feliz por você – conseguiu dizer Rachel.

Alguns instantes depois, abraçou Julia e Gabriel ao mesmo tempo. – De verdade. Estou feliz por vocês dois.

Os olhos de Julia ficaram marejados.

– Que tal deixarmos as meninas conversarem

um pouco sozinhas? Tem algum jogo passando?

– Aaron apontou com o polegar em direção à sala de estar, onde ficava a TV widescreen.

Tammy, Quinn e os homens se retiraram depressa, deixando as duas mulheres igas

sozinhas.

– Que surpresa – falou Rachel, sentando-se em um dos banquinhos. – Foi um acidente?

Julia mordeu a parte de dentro da bochecha.

1069/1201



– Gabriel não gosta que usem essa palavra

acidente. Não quer que o bebê cresça achando que nós não o queríamos.

– Claro que não! – Rachel parecia horrorizada.

– Não foi isso que eu quis dizer. Desculpe.

– Mas, hum, é claro que foi imprevisto. Tínhamos os planos de esperar.

Rachel fixou os olhos nos dois.

– Deve ter sido um choque para você. Está tudo bem?

– A princípio fiquei transtornada, mas Gabriel tem sido ótimo. Está muito bem polgado, e o entusiasmo dele é contagiante. Rebecca veio falar com a gente, para ajudar com o bebê. Resolvi tirar uma licença-maternidade e Gabriel vai fazer o mesmo.

Rachel abafou um a risada, descansando o braço sobre a ilha da cozinha.

– Gabriel vai tirar um a licença-m aternidade? Só acredito depois de ver.

1070/1201

– Bem , é um a licença-paternidade. Ele tem

direito, então vai tirá-la. De todo m odo, a universidade tam bém lhe deve um ano sabático, m as ele

vai adiá-lo. – Julia se sentou no banquinho à esquerda de Rachel. – Estam os até pensando em

nos m udarm os para cá durante um a parte do

ano, depois que o bebê nascer.

Os olhos de Rachel se encheram de ternura.

– Papai vai adorar. Já contou para ele?

Julia balançou a cabeça.

– Estávam os esperando até contarm os a todos sobre a gravidez. – Lançou um olhar na direção da sala de estar. – Gabriel deve estar conversando com ele agora.

– Papai não vai negar. Rebecca vai vir tam bém ?

– Ainda não pensei nisso. Mas seria um pouco ridículo um bebezinho precisar de três adultos para tom ar conta dele.

Rachel encarou a am iga.

1071/1201

– Você nunca passou m uito tem po com bebês, passou?

– Não.

– Vai precisar m esm o de Rebecca para cuidar da casa e cozinhar para todos. – Rachel fitou as próprias unhas. – Você e Diane poderão chorar

pitangas sobre a m aternidade. Nós irem os visitá-

los nos fins de sem ana. O bebê terá a fam ília inteira por perto.

– Era j ustam ente o que queríam os. Desculpe por ter sido logo agora. Sei que você e Aaron es-tão tentando e m e sinto tão...

– Pare com isso. – Rachel forçou um sorriso. –

Estou feliz por você. E serei a m elhor tia possível.

Espero que um dia você tenha a chance de fazer o m esm o pelo m eu bebê.

– Eu tam bém .

Julia sorriu, sentindo um a tristeza solidária.

1072/1201

Naquela m esm a noite, Aaron estava em pé no quarto que tinha sido da esposa na infância,

ainda decorado com os prêm ios e troféus que Rachel havia ganhado na escola. Ele a abraçava enquanto ela soluçava contra o seu peito.

Sentia-se desam parado. Im potente.

– Rach – sussurrou ele, afagando suas costas.

– Não é j usto – ela conseguiu dizer,

esm urrando-lhe o peito. – Eles nem queriam um bebê! Jules iria esperar até concluir o doutorado.

Não acredito que isso estej a acontecendo.

Aaron não sabia o que dizer. Quando Julia

havia anunciado a notícia, ele sentira invej a, m as não tanto quanto Rachel.

Após um ano tentando

engravidar, ela estava lutando contra um a depressão.

Aaron

não

queria

alim entá-la

concentrando-se em quanto a vida era injusta e levantando questões existenciais que provavelmente nunca seriam respondidas.

1073/1201

– Sei que está chateada, mas precisa se acalmar

– disse ele.

– Quero minha mãe. – Rachel pressionou a

testa em seu ombro. – Ela saberia o que fazer.

– Por mais que eu adorasse sua mãe, ela não podia fazer milagres.

– Mas poderia me dar conselhos. E nunca mais irei vê-la novamente.

– Um a nova onda de

soluções escapou do peito de Rachel.

– Você sabe que isso não é verdade – sussurrou ele, tornando a afagar suas costas. – Entendo que seja um choque, mas você precisa superá-lo. As pessoas à nossa volta vão ter filhos. Você não vai querer que isso atrapalhe seu relacionamento

com Julia.

– Isso não vai acontecer.

– Essa é a minha garota. Então, nada de lágrimas -

as minhas. – Ele recuou, o rosto vincado de

preocupação.

1074/1201

– Não se preocupe. Minha atuação mais cedo

foi digna de um Oscar. Tive vontade de chorar assim que ela contou.

– Não estou pedindo para você fingir, Rachel.

Quero que pareça bem , m as tam bém que isso sej a verdade.

– Mas eu não estou bem . – Ela se sentou na

beirada da cam a.

– Quero falar com você sobre isso. – Aaron se j untou a ela na cam a. – Em vez de se concentrar no que não tem os, gostaria que com eçassem os a pensar no que tem os. Nós tem os nossos em pregos, um bom lugar para viver, tem os...

– Tem os tratam entos de fertilidade que não es-tão funcionando – disse Rachel, xingando

baixinho.

– Existem outras opções. Nós j á falam os sobre isso.

– Não estou pronta para desistir.

1075/1201

– Não precisam os desistir. Mas talvez fosse m elhor relaxarm os um pouco. Darm os um tem po.

– Dar um tem po? – Ela o fitou, intrigada.

– Parar com os tratam entos e esquecerm os essa história de ter um bebê. Pelo m enos por

enquanto.

Ela cruzou os braços diante do corpo.

– Não.

Aaron pegou a m ão dela.

– Acho que a pressão está fazendo m al a você.

– Eu aguento.

– Não, am or, não aguenta. Conheço você com o a m im m esm o. E, ouça o que eu digo, você precisa dar um tem po. Nós precisam os dar um

tem po.

– Deveriam os tentarem os tratamentos de fertilidade durante um ano. Não podem os parar agora. –

O queixo dela com ecoou a tremor.

– É claro que podem os. – Ele roçou os lábios nos dela. – Podem os conversar com nosso

1076/1201

medico quando voltarem os à Filadélfia. Depois, tiram os um as longas férias. Gabriel me prometeu em prestar a casa deles na Itália. Poderem os descansar a cabeça e simplesmente voltar a ser um casal normal.

– E se for isso mesmo o? E se não puderm os... –

Ela não conseguiu se forçar a concluir o raciocínio.

– Então comecem os a buscar outras opções. –

Ele passou um braço ao seu redor. – Quer tenham os um bebê ou não, tem os um ao outro. Isso já é alguma coisa, certo?

Ela assentiu.

– Precisam os tomar conta de nós. E não estarei cuidando de você se deixá-la continuar assim .

– Me sinto um a fracassada. – Rachel secou o rosto com as costas da mão.

– Você não é nada disso – sussurrou ele. – É a mulher mais incrível que já conheci. Adoraria ter uma família com você, mas não se isso significa

◆◆◆

1077/1201

você ficar em frangalhos no processo. Desculpe, mas não quero ter filhos tanto assim .

Rachel o encarou com surpresa no olhar.

– Achei que isso fosse importante para você.

– Você está em primeiro lugar. Sem prestejo. –

Ele apertou seu ombro. – Quero a mulher com quem me casei. Assim que voltarmos a esse ponto, podem os voltar a falar em ter filhos. Está bem ?

Rachel ficou calada enquanto refletia sobre o que ele estava propondo. Fechou os olhos e teve a sensação de que um grande peso tinha sido tirado dos seus ombros.

De repente sentiu que conseguia respirar de novo.

– Está bem .

Aaron puxou a esposa para os seus braços.

– Am o você.

1078/1201

Na outra ponta do corredor, Julia apoiou o quadril contra a bancada do banheiro, observando

Gabriel escovar os dentes.

– Seu pai está muito orgulhoso pelo bebê.

Gabriel assentiu.

– Isso significa que ele está orgulhoso que nós façamos o sexo e que você tenha me fecundado –

perseguia Julia. – Você acha que eles fazem

camisetas para avós que expressem esse tipo de sentimento?

Gabriel soltou um grunhido gutural antes de

começar a cuspir na pia.

– Tudo bem aí? – disse ela, cutucando suas costas. – Sabe falar?

Depois de cuspir mais um pouco, ele deu uma risada.

– Cam isetas – disse enfim , pousando a mão

sobre o balcão para se apoiar. – Com o você pensa nessas coisas?

1079/1201

– Não fui eu quem falei. Acho que ninguém nunca me disse que estava orgulhoso de mim por eu ter feito sexo. Meu pai ficou feliz, mas não falou que estava orgulhoso.

Gabriel guardou a escova de dentes no porta-escovas antes de se endireitar.

– Eu falei.

Eles trocaram olhares.

– Sim , você falou. – Julia sorriu para si mesma.

– Meu tio Jack pareceu feliz quando lhe contei.

Mas estava estranho ao telefone.

– O que ele disse?

– Ele me deu os parabéns, mas também me deu um sermão.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

– Sobre o quê?

– Sobre a necessidade de eu me proteger e ao bebê. Eu garanti que estava fazendo isso e ele me perguntou o que você estava fazendo para nos proteger.

1080/1201

– E o que você respondeu?

– Que você é muito atencioso e que vai comigo a todas as consultas. Ele me informou algo sobre isso não ser o suficiente.

Gabriel franziu a testa.

– Você algum entou?

– Perguntei com o que ele estava preocupado, mas ele me explicou que se fechou. Você acha que tem algo a ver com Simon e Natalie?

– Duvido. Se houvesse alguma coisa, ele nos contaria.

– Talvez. – Julia balançou a cabeça. – Ele me prometeu que ficaria de olho em nós e eu disse que agradeceria qualquer ajuda que ele pudesse nos dar. Foi uma conversa muito estranha.

– Seu tio Jack é estranho. Talvez esteja decidido a espancar Greg Matthews para garantir que você consiga a licença-maternidade.

1081/1201

– Matthews já consentiu. Não preciso da ajuda do tio Jack para isso. – Ela sorriu e saiu do banheiro.

Parou em frente à janela, olhando para o céu noturno sem estrelas.

Gabriel conseguia ver a silhueta do seu corpo através de sua camiseta de linho branco anti-quada: as pernas longas e magras, os quadris e a bunda curvilíneos. Apagou as luzes e foi para trás de Julia, seus dedos talentosos levantando os cabelos dela e brincando com eles.

– A conversa com minha irmã foi difícil, mas ela pareceu receber bem a notícia. – Ele uniu suas mãos, pousando-as sobre onde o bebê deles

crescia.

– Ela e Aaron vêm tentando há tanto tempo, e conosco foi tão rápido! Quando vim os, estavam os grávidos.

Gabriel riu e descansou o queixo sobre o ombro dela.

1082/1201

– Não foi bem assim. Contam os com uma intervenção divina.

– Você acredita mesmo nisso?

– Você não? – O corpo dele se retesou.

– Acredito, mas me sinto culpada. Parece tão injusto – sussurrou ela.

– Talvez devêssemos nos esforçar mais em

apoia-los. Isso só pode ser duro para os dois. –

Ele beijou a nuca de Julia, pressionando o peito nas costas dela. – Já contou a ela com o nos

conhecem os?

– Não. Isso era algo precioso e doloroso demais para ficar trazendo à tona.

– E agora? – insistiu ele.

– Gosto que seja o nosso segredo. A sua família é maravilhosa, mas acredito que entendam. Meu pai iria atrás de você com um a espingarda.

– Tem razão.

1083/1201

Ele começou a arrastar os dedos pelo seu couro cabeludo, tocando-a com carinho, mas ela se encolheu de repente.

– Desculpe – sussurrou ele. – Tinha me esquecido da sua cicatriz.

– Não tem problema. Só levei um susto.

Gabriel tornou a acariciá-la, dessa vez evitando o pedaço de pele protuberante debaixo dos seus cabelos.

– Sharon podia ser carinhosa às vezes, quando não estava bebendo ou entre os seus namorados.

– Julia engoliu em seco. – Costumava me levar para o zoológico e nós fazíamos os piqueniques. Me deixava brincar de vestir as roupas dela e arrumava meu cabelo. Eu gostava dessas coisas.

Gabriel deteve sua mão, refletindo antes de falar.

– Lembra-me de alguma coisa boa sobre a minha mãe também. Lamento que Sharon tenha 1084/1201

me agado você. Quem me dera poder fazer tudo isso desaparecer.

– Fico me perguntando por que Sharon se dava o trabalho de ser carinhosa comigo se a qualquer momento poderia voltar a me tratar de forma abusiva.

Gabriel continuou brincando com seus cabelos.

– Eu entendo. O ciclo de abusos intercalados

por acessos ocasionais de ternura faz você ficar preso, esperando e torcendo pelos momentos de carinho. E, de vez em quando, eles voltam a ocorrer, mas só para serem retirados de você outra vez. Sei bem com o que é. Infelizmente.

Julia se virou para encará-lo.

– Nós passamos por muita coisa.

– Sim, passamos.

– O que aconteceu quando estava com Simon

não me perturba mais. Não como antes. Tenho a sensação de que superei isso.

Gabriel praguejou baixinho.

1085/1201

– Aquele filho da puta tem sorte de ter uma família poderosa. Ainda sinto vontade de enchê-

lo de porrada e ensinar uma lição para a namorada-

adivinha dele. Seu tio Jack não queria que os deixassem se safarem.

Julia pousou a mão no peito dele.

– Agora já acabou. Simon vai se casar e Jack disse que Natalie se mudou para a Califórnia.

– Quanto mais longe, melhor.

– Não sei se serei uma boa mãe, mas sem

dúvida tenho uma boa ideia do que não devo fazer.

Gabriel tocou seu ventre sobre a camisola.

– Parte de ser um a boa mãe ou um bom pai é ser um a boa pessoa. E, Julianne, você é a melhor pessoa que eu conheço.

Ele a beijou com ternura.

– Quando estou nesta casa, não consigo deixar de pensar em como a vida era aqui com meus pais. *Podemos ter um lar como o deles.* Um lar 1086/1201

repleto de amor e felicidade. Nós recebemos um a abundância tão grande de amor e graça... – A

voz de Gabriel foi sumindo aos poucos.

– Estou muito aliviada por não ter que passar por isso sozinha.

– Eu também.

Gabriel pegou a mão de Julia e a levou para a cama.

CAPÍTULO SETENTA E SEIS

Durham, Carolina do Norte

April Hudson chegou feliz da vida ao seu prédio na tarde de segunda-feira, parando para conferir sua caixa de correio. Acabara de voltar de um fim de semana romântico nos Hamptons com seu

noivo, Simon Talbot.

Ela suspirou ao pensar nele. Simon era alto, louro e bonito. Era inteligente e vinha de uma boa família. E as coisas que ele sabia fazer...

Os Hamptons eram um lugar especial para eles.

Foi lá que ela entregou sua virgindade a ele. E

onde ele a pediu em casamento.

(Não no mesmo fim de semana, é claro.)

Enquanto dava uma olhada nas correspondências, sua mente era um feliz turbilhão de planos

1088/1201

de casam ento e lem branças do fim de sem ana. Si-m on tinha sido tão carinhoso. April j á não se sentia culpada por estar dorm indo com ele, afinal iri-am se casar. Em breve acordaria ao seu lado todas

as m anhãs, para sem pre.

(Estava tão im ersa em pensam entos que não

notou um certo ex-fuzileiro naval da Filadélfia sentado em um carro preto do outro lado da rua, que a observava para ver se April iria abrir a carta que ele havia depositado ali. E ela certam ente nao sabia que ele estava garantindo que ninguém per-turbasse sua sobrinha e o filho dela, ainda por nascer.)

No fundo da sua caixa de correio, ela encontrou um envelope pardo. O envelope tinha seu nom e, m as nenhum endereço de rem etente ou selo. Intrigada, j untou toda a sua correspondência e pegou o elevador rum o ao terceiro andar. Assim que entrou no apartam ento e trancou a porta, largou suas m alas e se deixou cair no sofá.

1089/1201

Abriu o envelope pardo prim eiro e ficou pasm a ao descobrir que ele continha um m aço de

grandes fotografias em preto e branco. Todas traziam a data *27 de setembro de 2011* estam pada.

Um estranho zum bido preencheu seus ouvidos.

Assim com o o som das chaves escapando de sua m ão e caindo no piso de m adeira.

Folheando as fotos, ela viu dois corpos nus entrelaçados em um a cam a. A identidade do

hom em era inconfundível. Lá estava o corpo dele, as posições que ele preferia, sua *técnica*.

Mas a m ulher que estava com ele não parecia um a m ulher. Parecia j ovem , um a adolescente.

E as coisas que estavam fazendo...

April tapou o rosto com as m ãos, e um grito de angústia escapou dos

seus lábios.

CAPÍTULO SETENTA E SETE

Naquela noite, Simon Talbot bateu à porta do escritório do pai na casa de sua família em Georgetown. Ele havia sido convocado por Robert, um

dos diretores da campanha do seu pai, que o mandara voltar para casa imediatamente.

Simon não sabia o que poderia ser tão urgente.

Pela manhã, tinha se despedido de April no aeroporto depois de os dois terem passado um fim de semana tranquilo e cheio de sexo. Pretendia

pegar um voo para Durham na semana seguinte e lhe fazer uma surpresa. Em breve ela terminaria o semestre na faculdade e ele ajudaria a arrumar suas coisas e a se mudar para o apartamento dele em Washington, onde era o seu lugar.

– Entre – chamou o senador.

1091/1201

Simon abriu a porta e andou em direção à cadeira posicionada em frente à mesa do pai.

– Não se dê o trabalho de sentar. Serei rápido. –

Com o sem-pre, o senador foi ríspido e direto ao ponto.

Ele atirou um monte de fotos sobre a mesa. Elas se espalharam em leque.

– Já viu essas imagens?

Simon olhou para a fotografia mais próxima dele. Pegando-a, pôs-se a analisá-la com atenção.

Seu rosto ficou lívido.

– E então? Viu essas imagens antes ou não? – O

senador ergueu a voz, esmurrando a mesa com raiva.

– Não. – Sim on devolveu a foto à m esa lenta-m ente, um a sensação de m edo fazendo sua nuca se arrepiar.

– É você, não é?

– Hum ...

– Não m inta para m im ! É você?

1092/1201

– Sim , sou eu. – Sim on sentiu um aperto no peito. Estava com dificuldade para respirar.

– Você tirou essas fotos?

– Não, papai. Juro que não. Não faço ideia de quem as tirou.

O senador xingou.

– São cópias. Sabe de quem eu as recebi?

Sim on balançou a cabeça.

– Do senador Hudson. Alguém enviou as ori-

ginais para a sua noiva. Ela as m ostrou ao pai, que m andou fazer as cópias e as enviou para

m im .

O peito de Sim on se apertou ainda m ais.

– April as viu?

– Viu. Ficou histérica. A m ãe teve que pegar um voo para Durham para ficar com ela. A garota precisou ser levada para o hospital.

– Ela está bem ? Qual hospital?

1093/1201

– Concentre-se no problem a, rapaz, pelo am or de Deus! Você faz algum a ideia do que isso significa para a m inha cam panha?

Sim on cerrou os punhos.

– Esqueça a cam panha por um m inuto. April

tentou se m achucar? Em que hospital ela está?

– Tem os sorte de os Hudsons não estarem in-

teressados em chantagem . Querem apenas que você deixe a filha deles em paz. O casam ento foi cancelado, é óbvio. Eles vão fazer o anúncio

am anã.

Sim on pegou o celular e apertou um a tecla. Levou o telefone à orelha, m as, em questão de segundos, ouviu um a m ensagem gravada dizendo que o núm ero de April estava desativado.

– Papai, eu posso explicar. Deixe-m e falar com April. Não é o que ela está pensando.

– Cale a boca! – gritou o senador. – Robert reconheceu a garota que está com você nas fotografias. Ela é um a estudante do ensino m édio que 1094/1201

estagiou em m eu gabinete. Você tem noção do estrago que fez? Com o pôde ter sido tão burro?

– Isso foi há um ano. A data está errada. Juro que nunca traí April. Eu a am o.

– Ah, am a, sim – zom bou o pai. – Tanto que passou esse tem po todo com endo aquela piranha ruiva pelas costas dela.

Sim on deu um passo à frente.

◆◆◆

– Não fiz nada disso. Eu term inei com ela.

Estou lhe dizendo, papai, com April é diferente.

O senador abanou a m ão com o se estivesse

afastando um a m osca.

– Tarde dem ais. Ela não quer m ais nada com

você. E quem pode culpá-la? A garota nas fotos tinha 17 anos, estava trabalhando para m im , você dorm iu com ela e a incentivou a beber e a usar drogas. E está tudo registrado, porra, preto no branco! – O

senador correu a mão por sobre a mesa, derrubando fotos, canetas e papéis.

1095/1201

– Papai, juro que posso consertar isso. Deixe-me e falar com April.

– Não. – O senador se colocou de pé, fuzilando o filho com o olhar. – Os Hudsons querem que você a deixe em paz, e é isso que vai fazer.

– Mas, papai, eu...

– Faça o que estou mandando uma vez na vida!

– vociferou ele.

Sim ficou petrificado, mas apenas por alguns instantes. Pegou uma estatueta de bronze de um cavaleiro que seu pai mantinha em sua mesa e a atirou contra a parede.

– Você nunca me ouve! – gritou para o pai. –

Durante toda a minha vida, tudo o que fez foi dar ordens e falar, mas nunca ouvi nada nenhum.

Então foda-se. Foda-se a sua campanha e foda-se a família. A única coisa com que me importei um dia é com April. E não vou perdê-la.

Com essas palavras, ele saiu do escritório,

batendo a porta com força atrás de si.

1096/1201

Aquilo era mais uma ironia, pensou Simon, sentado em uma delegacia em Durham.

(Ao contrário de Gabriel, Simon não sabia o

verdadeiro significado da palavra *ironia*.) Ele havia tentado se encontrar com April várias

vezes, sem sucesso. Enviou flores e cartas, mas elas foram todas recusadas. Tentou mesmo andar e-

mas, mas April bloqueara seu endereço.

Por fim , tentou esperar por ela em frente ao seu prédio – e acabou preso. Agora, estava na delegacia, esperando para saber se seria autuado ou não.

Não tinha advogado, e sabia que seu pai não iria ajudá-lo.

Tinha me parecido ser preso da última vez,

quando agrediu Julia. Na ocasião, estava furioso e queria acertar as contas com ela. Mas, no caso de

April, havia agido por amor. Só podia torcer para que, se aceitasse sua prisão e se declarasse

1097/1201

culpado, talvez tivesse a chance de consertar as coisas. Talvez ela (ou sua mãe, que era uma mulher boa e com passiva) lhe desse cinco minutos para se explicar.

Ele não sabia quem havia tirado aquelas fotos.

Natalie não tinha participado daquele encontro em especial, em caso conhecesse o quarto de hotel onde ele aconteceu. Era possível que tivesse contratado alguém para fotografá-lo.

Mas lhe parecia óbvio que tinha sido Natalie

quem enviara as fotos para April. Ela era a única que tinha a ganhar ao vê-los separados. E, com um único gesto calculado, havia prejudicado tanto a ele quanto a April e a campanha do seu pai. E aquela vaca era vingativa o suficiente para querer fazer isso.

Portanto, enquanto Simon esperava pela oportu-

nidade de consertar as coisas com April, ele iria a Sacramento fazer uma visitinha a Natalie.

1098/1201

Esses eram os planos em que pensava, sem nem desconfiar de que Jack Mitchell estava sentado em seu Oldsmobile preto bem em frente à delegacia, sorrindo ao pensar na sobrinha grávida.

CAPÍTULO SETENTA E OITO

Cambridge, Massachusetts

Quando os enjooos m atinais de Julia di-

minuíram, ela desenvolveu uma estranha fixação por comida tailandesa. Havia um restaurante perto de seu velho apartamento em Cambridge

que era o seu favorito, e ela insistia que aquele era o único lugar capaz de saciar o seu desejo. Consequentemente, Gabriel ou Rebecca pediam com -

comida de lá quase todo dia.

Considerando a quantidade de comida tail-

andesa que ela ingeria, Gabriel calculava que, a partir de um determinado momento, 75 por

cento de sua massa corporal (assim como a do bebê) consistia em rolinhos primavera. Assim, já não chamavam o bebê de Ralph. Gabriel, Rebecca 1100/1201

e por fim Julia também com eles se referia a ele com o Rolinho.

No fim de abril, os Emersons foram ao Hospital Mount Auburn para fazerem outra ultrassonografia. Esperavam que a imagem fosse clara o suficiente para revelar o sexo do bebê.

- Rolinho é menino - sussurrou Julia, tentando ignorar a dor de sua bexiga cheia.

- Não, senhora - falou Gabriel com um sorriso.

- Confie em mim. De mulheres eu entendo. Esse bebê definitivamente é uma menina.

Julia não pôde deixar de rir.

A técnica chamou seu nome. Julia apertou a

mão de Gabriel antes de segui-la até a sala de ultrassonografia.

(A esta altura, Gabriel já sabia que era inútil discutir com a técnica sobre como panhar a

esposa.)

1101/1201

– Vai querer saber o sexo do bebê? – perguntou a técnica enquanto estendia um a cam isola hospitalar sobre o leito.

– Sem dúvida. Meu m arido está esperando e sei que ele tam bém está louco para saber.

– Claro. Vou deixá-la trocar de roupa e j á volto.

Meu nom e é Am elia. – A técnica sorriu e saiu para deixar Julia vestir a cam isola hospitalar.

Em poucos m inutos, a barriga de Julia estava coberta com um gel m orno e pegaj oso, e a ultrassonografia com eçou. Não pôde deixar de olhar para a tela do com putador, que exibia um a



sucessão de im agens do bebê.

Na verdade, não conseguiu discernir m uita

coisa além da cabeça e do corpo. O pobre

Rolinho m ais parecia um alienígena.

– Dem os sorte – falou Am elia, pressionando algum as teclas para capturar um a série de im agens.

– Seu bebê está na posição certa para eu poder dar um a boa olhada.

1102/1201

Julia suspirou aliviada. Estava em polgada, m as tam bém nervosa.

– Vou capturar só m ais algum as e então

poderem os cham ar seu m arido. Está bem ?

– Obrigada.

Poucos m inutos depois, Am elia foi buscar Gabriel. Assim que ele entrou, foi direto para o lado de Julia e pegou sua m ão para beij á-la.

– E então? – Ele se virou para Am elia, que tinha voltado a se sentar diante da tela do com putador.

Ela apontou para o m onitor.

– Seu bebê está se desenvolvendo bem . Não

vej o nenhum problem a. E, m eus parabéns, vocês terão um a m enininha.

O rosto de Gabriel se abriu em um sorriso largo e feliz.

Os olhos de Julia se encheram de lágrimas. Ela levou a m ão à boca, surpresa.

– Eu disse, m am ãe. De m ulheres eu entendo. –

Ele beijou o rosto da esposa.

1103/1201

– Vam os ter um a m enininha – repetiu ela.

– Tudo bem por você? – Os olhos cor de safira dele ficaram carregados de preocupação.

– Perfeito – sussurrou ela.

Gabriel fez cópias das imagens da ultrassonografia e mandou que fossem emolduradas imediatamente, mas resistiu ao impulso de deixá-las em exibição fora do quarto deles e do escritório.

– Agora que sabem os que Rolinho é menina,

talvez seja melhor com eles os a pensar em

montar o quarto dela. – Gabriel mandou os olhos na estrada enquanto dirigia o Volvo num sábado de maio. – Também tem os que com eles a pensar em nomes.

– Parece ótimo.

– Talvez você já pudesse ir pensando no que

quer para poderem os ir às compras.

1104/1201

Julia se virou para encará-lo.

– Agora?

– Eu falei que iria levar você para almoçar, e é o que vamos os fazer.

Mas, depois, precisam os

com eçar a pensar no quarto dela. Quero que sej a bonito, m as funcional. Algo que sej a confortável para vocês duas, m as não infantil.

– Ela é um bebê, Gabriel. As coisas dela vão ser infantis.

– Você m e entendeu. Quero que sej a elegante, não com o um a creche.

– Deus do céu. – Julia conteve um sorriso enquanto com eçava a im aginar com o seria a decoração que o professor escolheria.

(Estam pas de losangos, m adeira escura e couro m arom -chocolate im ediatam ente lhe vieram à cabeça.)

Ele pigarreou.

– Devo confessar que j á fiz algum as pesquisas na internet.

1105/1201

– Ah, é? Qual loj a você viu? A Restoration

Hardware?

– Claro que não – falou ele, contrariado. – As coisas de lá não seriam apropriadas para um

quarto de bebê.

– Então o quê?

Ele a fitou com um olhar triunfante.

– A seção infantil da Pottery Barn.

Julia grunhiu.

– Viram os y uppies.

Gabriel olhou para ela, fingindo pavor.

– Por que diz isso?

◆◆◆

– Estam os andando num Volvo e falando de

fazer com pras na Pottery Barn.

– Em prim eiro lugar, Volvos têm um a excelente taxa de segurança e são m ais bonitos que um a m inivan. Em segundo, os m óveis da Pottery Barn são

funcionais

e

esteticam ente

agradáveis.

Gostaria de levar você a um a das loj as deles para que vej a com os próprios olhos.

1106/1201

– Desde que possam os com er em um tailandês antes.

Foi a vez de Gabriel revirar os olhos.

– Está bem . Mas vam os pedir para viagem e

fazer um piquenique. E vou querer com ida indi-ana. Se vir m ais um prato de m acarrão de arroz na m inha frente, não respondo por m im .

Julia caiu na gargalhada.

Mais tarde naquela noite, Gabriel se retirou para o quarto depois de um longo fim de dia listando os artigos necessários para o quarto de bebê. Alguns deles seriam colocados em um a lista de presentes, um a vez que suas irm ãs (Kelly e Rachel), Diane, Cecilia e Katherine haviam exigido que ele e Julia fizessem um a relação do que gostariam de ganhar.

1107/1201

Gabriel não tinha ideia de que os pais faziam isso e se viu intrigado com o conceito.

(Ele ficou irritado ao descobrir que a lista de presentes disponibilizada pela Pottery Barn Kids não incluía livros infantis em italiano ou

ídice.) Enquanto passava pela cama e em direção ao

banheiro, notou que os pés de Julia despontavam de baixo do edredom . O resto do corpo estava coberto.

Gabriel sorriu e puxou o edredom para cima dos pés dela.

CAPÍTULO SETENTA E NOVE

Maio de 2012

Sacramento, Califórnia

Natalie Lundy seguia sua vida cotidiana alegre e confiante. O rompimento de Simon e April fora público, ele fora deserdado pela família e a cama -

panha do senador Talbot estava arruinada.

No fim , ela não precisaria prejudicar seu novo emprego por contar histórias com promotoras a tabloides. Alguém tinha feito isso por ela -

provavelmente um ex-ame antes de Simon ou um adversário político do pai dele.

Natalie não tinha conhecimento dos planos de vingança de Simon. Ou do fato de que ele havia abandonado esses planos quando April decidira não dar queixa contra ele. Natalie ouvira dizer 1109/1201

que ele estava tentando reconquistar April, mas a opinião geral era de que isso seria mais que improvável.

Sem dúvida, Natalie e Simon não tinham ideia do envolvimento de Jack Mitchell, o que significava que ele dormia bem à noite, confiante de ter feito o que precisava para proteger a sobrinha grávida.

CAPÍTULO OITENTA

Julho de 2012

Boston, Massachusetts

– Não sei se isso é uma boa ideia. – Julia hesitou em frente à loja da Agent Provocateur na Newbury Street.

– Por que não? – Gabriel apertou a mão dela.

– Esta não é uma loja para gestantes. Não vão ter nada que sirva em mim. – Ela corou.

– Já falei com Patricia. Ela sabe que nós estamos vindo. – Ele sorriu para sua esposa grávida. – Na verdade, fiz alguns pedidos.

Julia reconheceu o nome da gerente da loja, a quem já havia sido apresentada. Gabriel não era o tipo de homem que se sentia intimidado diante de 1111/1201

de lingerie. Na verdade, preferia escolher as peças ele próprio, pelo menos

para ocasiões especiais.

E aquela era uma ocasião especial. Com a

evolução da gravidez, Julia começou a se sentir desconfortável dormindo nua. Com todas as

suas peças de lingerie sensuais estavam muito pequenas, ela passara a usar calças de íoga e cam -

isetas para dormir. Para Gabriel, essa não era uma mudança bem - vinda.

Então, com o não poder de deixar de ser, ele

toma uma atitude.

Patricia os recebeu calorosamente, conduzindo-os até um provador particular no qual havia deixado um cabideiro repleto de camisolas, lingerie e roupões.

– Se precisarem de alguma coisa, é só chamar. –

Ela indicou com um gesto o telefone em uma mesinha de canto, antes de fechar a porta atrás de si.

1112/1201

Julia correu os dedos pelo chiffon transparente de um baby-doll preto, enquanto Gabriel a observava com o mesmo gato observa um rato.

– Acho que não consigo fazer isso. – Ela olhou de cara feia para o

grande espelho de três folhas.

– Estam os sozinhos. Olhe, Patricia até nos

providenciou bebidas. – Gabriel colocou alguns cubos de gelo em um copo e serviu um a dose de ginger ale sobre eles.

Ela aceitou a bebida, agradecida.

– Hoj e não é um bom dia para m im . Estou m e sentindo um a vaca.

– Você não é um a vaca – falou Gabriel, ríspido.

– Você está grávida. E linda.

Ela evitou o olhar dele.

– Não vou aguentar ficar diante daquele es-

pelho. Vou parecer um a j am anta, e ainda por cim a em três ângulos diferentes.

1113/1201

– Que bobagem . – Ele tirou a bebida da sua

m ão, pousando-a em um a m esa baixa ao seu

lado. – Tire a roupa.

– O quê?

– Eu falei para tirar a roupa.

Julia se afastou dele.

– Não consigo.

– Confie em m im – sussurrou ele, chegando

m ais perto dela.

Ela ergueu os olhos em sua direção. Os olhos azuis dele estavam cheios de ternura, m as ele tam bém parecia bastante determ inado.

– Está tentando m e fazer chorar?

Gabriel ficou tenso.

– Não, estou tentando ajudá-la a ver o que eu vejo.

Ele a chamou e Julia se aproximou.

Ele pousou as mãos em seus ombros e beijou sua testa.

1114/1201

– Escolha algo que achar bonito e experimente.

Vou ficar sentado ali de costas enquanto você se troca. Se não gostar de nada daqui, iremos a outro lugar.

Julia se apoiou nele por alguns instantes. Gabriel sustentou o peso dela, acariciando os lados do seu corpo.

Ela suspirou e foi pegar alguns cabides,

levando-os até uma fileira de ganchos afixados à parede oposta do provador.

Gabriel sorriu, sentando-se em uma poltrona de couro posicionada a alguns metros de distância, de frente para o espelho. Teve o cuidado de ficar de costas para Julia enquanto ela se despiu, pois não queria aborrecê-la.

Serviu-se de um copo de água Perrier e se pôs a avaliar as peças penduradas no cabideiro. Em

consideração ao recato de Julia, não havia selecionado os itens mais provocantes – com os que deixavam os seios à mostra, por exemplo. O

1115/1201

objetivo era comprar lingerie que fizesse Julia se sentir confiante e sensual, e não constrangida e

fria.

Embora algumas de suas escolhas pudessem ex-

trapolar os limites dela, Gabriel não tinha intenção de angustiá-la. Aquilo deveria ser divertido e, se possível, inspirador.

– Está um pouco apertado – falou ela.

– É para ser assim mesmo. Venha cá para eu vê-

la. – Ele manteve os olhos fixos no espelho, quase sem fôlego de expectativa.

– Acho que preciso de um tantinho mais.

– Eu dei suas medidas a Patricia.

– Você fez o quê? – gritou ela, quase histérica. –

Mas eu estou enorme.

– Julianne – disse ele, sua voz autoritária. –

Venha. Aqui.

Ela respirou fundo e andou em direção ao espelho.

Gabriel sentiu seu coração parar de bater.

1116/1201

Julia vestia um baby-doll de chifon preto, bordado com pequenas flores cor-de-rosa. Não

havia tirado suas calcinhas de gestante da mesma cor, mas acrescentara uma meia-calça também preta, que ia até logo abaixo da sua barriga de grávida.

– Espetacular – disse ele.

Ela parou ao lado do espelho, sua mão deslizando entre as camadas de chifon preto até a barriga. Então virou-se devagar, conferindo sua bunda.

– Você está perfeita.

Julia olhou nos olhos dele pelo espelho.

Gabriel já não conseguia ficar sentado. Foi para trás dela, mas resistiu ao impulso de tocá-la. Sabia que, se cedesse à tentação, acabariam fazendo

sexo na poltrona de couro do provador, e as com -

prás iriam por água abaixo. Ele certamente poderia se conter por alguns minutos enquanto ela o provocava.

1117/1201

– O que você acha? – perguntou ele, com voz rouca.

– Gostei. Mas ainda acho que está um pouco apertado. – Ela puxou as alças, expondo um pouco mais os seios inchados.

Gabriel lhe ofereceu as mãos para pousá-las sobre eles, apertando-os.

– Acho que caiu com o um a luva. Seu corpo é lindo.

A expressão nos olhos dela se abrandou.

– Você acha mesmo?

– Acho. – Ele acariciou seus seios através do tecido, deslizando os polegares com todo o cuidado sobre os mamilos sensíveis.

Os lábios de Julia se entreabriram enquanto ela observava Gabriel tocá-la, sua pele se arrepiando diante da voracidade que via nos olhos dele.

Lá estava um homem desesperadamente excitado e repleto de desejo, fazendo seu jogo de sedução.

1118/1201

Gabriel afastou os cabelos dela e colocou os lábios à sua orelha.

– Apenas pense em como vai se sentir quando tirá-lo.

Abandonando toda a cautela, ele pousou os lá-

bios no pescoço de Julia, sua língua despontando para provar a pele dela.

– Está ficando quente aqui. – Ela fechou os

olhos, apoiando-se no corpo dele.

– Estou só com eçando. – Gabriel encaixou seu corpo na curva das costas dela, para que Julia sentisse com o ele estava excitado. – Suponho que vam os levar esse que você está vestindo, não?

Agora escolha outra coisa.

Ela se virou para beij á-lo, erguendo a m ão para afundar os dedos em seus cabelos. Beij ou-o até estarem os dois a ponto de desistirem das com -

pras, antes de devolver as roupas ao cabideiro.

Gabriel foi até a m esinha de canto e tirou o telefone do gancho.

1119/1201

– Patricia? Vam os precisar de m ais gelo.

CAPÍTULO OITENTA E UM

Agosto de 2012

Arredores de Burlington, Vermont Ao longo dos m eses de inverno, Paul passava

cada vez m ais tem po com Allison. Eles saíam para j antar e iam ao cinem a. Flertavam por e-m ail e m ensagens de celular. E os arm ários da casa de fazenda da fam ília Norris estavam sem pre cheios de cafés do Dunkin’ Donuts e biscoitos caseiros.

Na verdade, sua am izade com Ali (pois Paul

ainda a enxergava dessa form a) se tornara m uito im portante para ele. Paul esperava ansiosam ente poder passar algum tem po com ela todos os fins de sem ana. Em bora o relacionam ento físico dos dois não tivesse evoluído para além de alguns 1121/1201

beij os bem com portados, a conexão que tinham se tornava cada vez m ais profunda.

No entanto, nenhum dos dois poderia ter previsto a enorm e alegria que viria no início de m arco, quando Paul recebeu a oferta de um a vaga de professor-assistente no departam ento de

inglês do Saint Michael's College. Ele não perdeu tempo negociando valores salariais, uma enorme carga horária ou qualquer outro tipo de benefício.

Sim, ele mesmo aceitou o trabalho. Com todo o prazer.

Enviou um e-mail para Julia contando-lhe

sobre o novo emprego e eles retomaram a

amável troca de mensagens. Paul ficou pasmo quando, em meados de abril, ela lhe escreveu anunciando que estava grávida.

Levando em conta o fato de que haviam ficado um bom tempo sem se falarem, Paul não se sentiu à vontade para questionar Julia se aquele era o momento propício para a gravidez. Certamente

1122/1201

não tinha intenção de perturbá-la, não só em

consideração à amizade dela, mas também

porque não queria correr o risco de perder a

aprovação de Gabriel no que dizia respeito à sua tese. Assim, Paul apenas enviou uma mensagem

parabenizando-a e prometendo enviar um presente de Vermont para o bebê.

Depois de finalizar e defender sua tese, e de sobreviver à cerimônia de formatura da Universidade de Toronto em junho, no fim de agosto Paul fez a mudança para sua nova sala no campus do St. Michael's College.

Ele estava feliz. Iria continuar morando com os pais até juntar dinheiro suficiente para dar a entrada em sua própria casa. Ajudaria na fazenda sempre que possível, mas os funcionários que seu pai contratara pareciam estar garantindo que tudo corresse bem. Além disso, a saúde do pai tinha melhorado significativamente.

1123/1201

Enquanto desencaxotava os livros no seu novo escritório, encontrou seus bonecos de Dante e Beatriz. Para sua tristeza, a empresa que os fabricava havia ignorado seus insistentes pedidos de que fizessem um

boneco de Virgílio.

(Novam ente, a resposta oficial deles foi que Virgílio não m erecia participar da brincadeira.) Tinha acabado de pôr Dante e Beatriz em cim a da m esa quando ouviu alguém bater à porta.

– Entre – disse ele por sobre o om bro, sem se virar. – Está aberta.

– Oi.

Paul virou as costas para Dante e Beatriz e deparou com Allison parada ali.

Nesse instante, em bora j á a houvesse visto m ilhares de vezes e apesar de conhecê-la havia anos, Paul ficou im pressionado com sua beleza. Seus cabelos, seu rosto, seus olhos. Ela era linda.

– Achei m esm o que você estaria aqui. Pensei que talvez precisasse de aj uda.

1124/1201

– Não tem m uito o que fazer. Estou só arru-

m ando m eus livros. – Ele largou a caixa vazia no chão.

Ela pareceu decepcionada.

– Ah. Bem , não quero incom odar. Vou deixá-lo

voltar ao trabalho.

Ela se virou para ir em bora e o coração de Paul se afundou no peito.

– Espere.

Ele se levantou, foi até Allison e pegou a m ão dela.

– É bom ver você.

Ela abriu um sorriso.

– É bom ser vista.

– Há duas sem anas não tenho notícias suas.

– Minha irm ã precisou de aj uda com as cri-

anças. Eu planejei ficar apenas um a sem ana, mas você sabe com o
é. – Ela esticou a mão e afastou alguns fios de cabelo da testa dele. –
Senti saudade. Estava contando os dias.

1125/1201

– Tam bém senti saudade. Muita.

Eles se olharam pelo que pareceu um a eternidade antes de Paul
encontrar algo para dizer:

– Já estava prestes a dar um a parada mesmo.

Quer comer um a pizza com igo no American

Flatbread?

– Eu adoraria.

Ela fez um enção de sair da sala, mas Paul a

puxou pela mão.

Allison ergueu os olhos para ele, intrigada.

– Rosas – sussurrou Paul, deslizando seus dedos endurecidos pelo
trabalho por sobre os nós dos dedos dela.

– Hein?

– Na nossa primeira vez. Você cheirava a rosas.

Dois m anchas avermelhadas surgiram no rosto de Allison.

– Achei que não se lembrasse.

Paul a fitou com intensidade.

1126/1201

– Com o eu poderia esquecer? Até hoje, todas as vezes que sinto
cheiro de rosas, penso em você.

– Já não uso perfume de rosas. Acho que passei dessa fase.

Paul ergueu a mão para aninhar o rosto de

Allison.

Ela apoiou o rosto na mão dele, fechando os olhos.

– Você voltaria a usar? Por mim ?

Ela abriu os olhos, perscrutando os dele.

– Só se estiver falando sério.

– Estou. – Ele tentou fazer com que sua expressão mostrasse que estava dizendo a verdade.

– Então, sim .

Allison se aproximou e colocou seus lábios aos dele suavemente.

Com um leve gemido, Paul fechou a porta da sala e a puxou para seus braços.

CAPÍTULO OITENTA E DOIS

9 de setembro de 2012

Cambridge, Massachusetts

Um gemido abafado veio do banheiro.

Os olhos de Gabriel se abriram de repente. Ele estava confuso. Por um momento, não sabia onde estava.

Quando tornou a ouvir o gemido, atravessou

o corredor e entrou no quarto escuro.

– Querida? Tudo bem ?

Ao entrar no banheiro, encontrou Julia quase

totalmente arqueada, agarrando-se ao tapete da pia, os nós de seus dedos brancos.

Ela respirava fundo.

1128/1201

– Quer que eu chame a Rebecca? – Gabriel se

virou para ir em bora, preparando-se para sair em disparada pelo corredor.

– Não, ligue para o hospital.

– O que devo dizer?

– Diga que estou em trabalho de parto.

Ele entrou em pânico e com eçou a lhe fazer

um a série de perguntas, zanzando pelo quarto em busca dos óculos e do celular e telefonando às pressas para a m aternidade do Hospital Mount Auburn.

– A bolsa j á estourou? – perguntou ele assim que conseguiu colocar um a enferm eira na linha.

– Não. Seu piso de m adeira de lei está a salvo.

– Muito engraçado, Julianne.

– Está em trabalho de parto ativo?

– Acho que sim . As contrações estão dolorosas e regulares.

Julia tentou continuar respirando fundo e tran-quilam ente, um a técnica que havia praticado 1129/1201

repetidas vezes com sua professora de ioga pré-

natal, que lhe prom etera que isso daria certo.

(Agora ela estava considerando pedir seu din-

heiro de volta.)

– Qual é o espaçam ento das contrações?

– Seis m inutos.

Ela concentrou cada gota de sua atenção na sua própria respiração, isolando o som da voz de Gabriel.

(Ela o am ava, é verdade, m as ele não estava exatam ente aj udando.)

– A enferm eira disse que eu devo levá-la para o hospital agora m esm o. Já peguei a sua bolsa e a do bebê. Está pronta? – Gabriel tentou

soar

calm o e com eçou a afagar as costas dela por cim a da blusa folgada.

– Estou. Vam os.

Julia se em pertigou e deu um a boa olhada para o m arido.

– Você não pode ir assim .

1130/1201

– Por que não? – Ele aj eitou o cabelo com as m ãos, tentando ficar parecido com alguém que tivesse dorm ido a noite inteira. Então coçou sua barba por fazer. – Não vou ter tem po de m e

barbear.

– Dê um a olhada no espelho.

Gabriel olhou para o seu reflexo. Para seu espanto e horror, estava apenas com roupas de

baixo: um a cueca sam ba-canção engraçadinha

com os dizeres *Medievalistas gostam de fazer no escurinho (da Idade das Trevas)* estam pados em letras fluorescentes.

– Droga! Me dê só um m inuto.

Julia o seguiu para o quarto, arrastando os pés e rindo.

– Scott vai gostar de saber que estam os levando o presente de Natal dele para o hospital. Pelo m enos se faltar luz vam os conseguir encontrá-lo.

É só você baixar as calças.

– Você é a com édia em pessoa, Sra. Em erson.

1131/1201

Ela não conseguia parar de rir, achando sua

gafe de etiqueta m ais engraçada do que o norm al.

Ao longo das últim as sem anas, ela havia deixado de usar a lingerie cara que Gabriel com prara na Agent Provocateur, sob o argum ento

de que as peças não eram quentes o bastante. Em resposta, Gabriel tinha declarado que as calças de ioga e camisetinhas que ela vinha usando eram “um atentado contra a sua sensualidade”, sugerindo que Julia usasse o corpo dele para se aquecer.

Mas ela preferiu um travesseiro de corpo.

– Essa cueca medieval é um atentado contra a sua sensualidade – zombou ela, agarrando sua barriga enquanto gargalhava.

Ele lhe lançou com um olhar fulminante en-

quanto vestia uma calça jeans e uma camiseta.

Então, segurando-a pelo cotovelo, cometeu a

conduzi-la pelo corredor. Eles pararam bem em frente ao quarto do bebê quando Julia teve outra contração.

1132/1201

Gabriel acendeu o lustre cor-de-rosa e branco para ver o rosto dela.

– Está muito forte?

– Sim. – Ela tentou se distrair, recostando-se no batente da porta e olhando para dentro do

quarto.

Teria ficado satisfeita em comprar toda a

mercenaria na Target, mas Gabriel havia insistido na Pottery Barn.

(Diga-se de passagem que Julia adorava os móveis-

de lá, mas também achava caros demais.) Juntos ali e com todos os presentes que seus

amigos e familiares tiveram a generosidade de lhes dar, os móveis haviam transformado um dos quartos de hóspedes em um ambiente tranquilo para uma bebezinha. Julia escolhera verde-sálvia para as paredes e branco para os detalhes de

madeira e os frisos. Um tapete elegante com estampa de flores em cor-de-rosa, amarelo e tons 1133/1201

pastel de verde cobria as tábuas do assoalho de carvalho.

– Este é o meu quarto favorito em todo o

undo – sussurrou ela, fitando os adesivos do Ursinho Puff que eles haviam colado sobre o ber-

ço e a mesma de trocar fraldas, antecipando olhinhos arregalados e curiosos.

– Está esperando por ela – disse Gabriel com

um sorriso. – Está esperando pela nossa Rolinho.

Assim que a contração passou, Gabriel pegou a mão de Julia e a ajudou a descer as escadas até o Volvo, onde já havia instalado a cadeirinha do bebê. Enviou um torpedo para Rebecca, explicando o que estava acontecendo e garantindo-lhe que eles manteriam contato.

Minutos depois, chegaram à maternidade do

Hospital Mount Auburn. Quando se viram aco-

modados em uma das salas de parto, Gabriel já tinha conseguido evocar uma aparência de tranquilidade. Não queria que Julia notasse sua

1134/1201

ansiedade ou pressentisse a maneira com o seu íntimo o fervilhava de medos indizíveis.

Mas ela sabia. Julia sabia que ele estava com medo, então segurou sua mão e lhe disse que ela e Rolinho ficariam bem .

Eles ficaram de mãos dadas enquanto Julia fazia o exame pélvico, durante o qual a obstetra de plantão anunciou que Rolinho estava em posição transversal e que ela esperava que o bebê decidisse se virar quando chegasse a hora de nascer.

Gabriel estava nervoso e exigia uma complexa explicação ilustrada do que era uma posição



transversal, então a enfermeira Tracy apressou-se em distraí-lo, ensinando a ele como ler o monitor de modo a poder dizer a Julia

quando um a contração estava no auge e quando já estava prestes a term inar.

Julia ficou grata ao vê-lo distraído. Mas isso não o im pediu de sacar o iPhone e buscar no Google

inform ações sobre bebês em posição transversal e 1135/1201

sobre a equipe de plantão que os estava

atendendo.

(A essa altura, Julia desejava que ele tivesse deixado aquele m aldito telefone em casa.)

Por sorte, os analgésicos a relaxaram a ponto de lhe darem sono, e Julia m ergulhou em um estado de sem inconsciência.

– Julianne?

Ela abriu os olhos e viu o m arido de pé ao seu lado, um a expressão preocupada no rosto.

Julia abriu um sorriso tão fraco que o coração dele quase se partiu.

– Você estava gem endo.

– Devia estar sonhando.

Julia estendeu a m ão e ele pegou, levando-a aos lábios para beij á-la.

1136/1201

– Minhas alianças – sussurrou ela, apertando os dedos em volta da aliança de Gabriel. – Eu as perdi?

Ele alisou seu dedo nu.

– Você as tirou m eses atrás, lem bra? Seus dedos estavam inchando e você ficou com m edo de que elas ficassem presas. Passou a usá-las no cordão que eu lhe dei há um ano, lá no pom ar.

Ela ergueu a m ão para tocar o próprio pescoço.

– Tinha m e esquecido. Eu as guardei na m inha caixa de j oias ontem .

– Você teve um a premonição. Rolinho está

quase chegando.

Ela fechou os olhos.

– Achei que nada poderia ser mais difícil que

meu doutorado em Harvard. Estava enganada.

Gabriel sentiu um aperto no peito.

– Você logo estará de volta à universidade. Rebecca e eu vamos os ajudar.

Julia gemeu em resposta.

1137/1201

– Sei que foi cedo demais. – Ele colocou a boca à sua orelha. – Me desculpe.

– Já falam sobre isso. Às vezes, surpresas são as melhores coisas que podem nos acontecer.

– Farei o possível e o impossível para

com pensá-la.

– Ter um filho com você não é nenhum sacrifício.

Exceto pela dor. – Ela fez um aceno.

Ele pressionou os lábios na testa dela.

– Vou ligar para meu pai. Ele vai falar com Tom e Diane. Duvido que consigam vir de carro com Tom e mim, mas ele vai se oferecer para trazer-

los, de qualquer maneira.

Ela assentiu, mas manteve os olhos fechados.

– Ótimo.

Enquanto Julia dormia, a obstetra tentou tranquilizar Gabriel, dizendo-lhe que bebês em

posição transversal não eram nada incomuns. Às vezes se reposicionavam durante o parto, ou o 1138/1201

obstetra podia virá-los. Não era motivo para preocupação.

Gabriel ficou grato pelo incentivo da médica, mas continuava apreensivo. O que lhe dava forças era a esperança em relação ao futuro – a certeza de que logo conheceria a filha e se tornaria pai.

Enquanto Julia ficava deitada ali, adormecida e sonhando, ele andava de um lado para outro. Ela parecia tão pequena e frágil naquele leito hospitalar grande.

Tão jovem.

CAPÍTULO OITENTA E TRÊS

– Julia? – Gabriel segurava a mão dela enquanto outra contração atravessava seu corpo. Mantinha o olhar atento ao monitor, para avisá-la quando

estivesse acabando; em seguida, acariciava os nós de seus dedos ou sua testa, elogiando-a. – Você está indo muito bem .

Já ele, nem tanto. Estava desalinhado e nervoso e, se pensasse no assunto, extremamente preocupado. Por mais que estivessem em um hospital de renome em Boston, recebendo excelentes cuidados médicos, Gabriel estava apavorado.

Guardando seus medos para si, ele passava o

tempo todo rezando em silêncio para que nada de mais acontecesse a Julia ou ao bebê.

Pouco antes das nove da noite, Julia cometeu a ter febre. A essa altura, a Dra. Rubio já havia 1140/1201

chegado ao hospital. Ela examinou Julia e ordenou que um antibiótico fosse acrescentado ao seu cateter intravenoso.

Gabriel mandou ordear o lábio, observando a enfer-

meira pendurar o novo saco ao lado dos demais fluidos que gotejavam lentamente para dentro do braço da esposa.

A Dra. Rubio rompeu a bolsa d'água de Julia e a encorajou a começar a contrair. A anestesia peridural aliviava apenas parte da dor,

que continuava intensa. Julia ainda conseguia sentir a m etade de baixo do seu corpo.

A enferm eira Susan segurava um a das pernas

de Julia, enquanto Gabriel segurava a outra. Ela em purrava a cada contração e, apesar do incentivo da Dra. Rubio e de Gabriel, tudo con-

tinuava praticam ente na m esm a. Passado algum tem po, a obstetra adm itiu o que Gabriel vinha tem endo: o bebê não queria sair da posição

1141/1201

transversal, e estava alto dem ais para ser retirado a fórceps.

Julia soltou um gem ido fraco ao ouvir a notícia, deixando-se cair para trás no leito, quase

exaurida.

– O que isso significa? – perguntou Gabriel

baixinho, cerrando os punhos.

A Dra. Rubio franziu os lábios.

– Significa que precisarem os fazer um a cesariana de em ergência. Os batim entos cardíacos do bebê estão com eçando a acelerar, sua esposa teve febre e existe possibilidade de infecção. Vou reunir m inha equipe cirúrgica, m as precisam os com eçar im ediatam ente.

– Por m im , tudo bem – disse Julia.

Ela estava cansada. Muito cansada. A ideia de pôr um fim àquele parto lhe trazia um grande alívio.

– Tem certeza? – Gabriel segurava a m ão dela, nervoso.

1142/1201

– Não tem os alternativa, Sr. Em erson. Não

posso fazer o parto natural dessa criança na

posição em que ela está – retrucou a Dra. Rubio em tom firm e.

– Com o j á falei antes, é *professor Emerson* –

irritou-se Gabriel, com as em oções à flor da pele.

– Calm a, querido. Vam os ficar bem .

Julia abriu um sorriso fraco e fechou os olhos, obrigando-se a suportar as contrações que continuavam a fustigar seu corpo.

Gabriel pediu desculpas com um beij o casto e sussurrou algum as palavras de conforto antes de a sala de parto se tornar o epicentro de um a intensa atividade. O anestesista chegou e fez um a série de perguntas. A enferm eira pediu que Gabriel a acom panhasse para vestir um a roupa

cirúrgica.

Ele não queria se separar de Julia nem por um instante. Havia passado horas ao seu lado, dando-lhe lascas de gelo e segurando sua m ão. Mas, 1143/1201

com o queria estar j unto da esposa tam bém na sala de cirurgia, que era um am biente esteriliz-ado, concordou em acom panhar a enferm eira.

Antes de ele sair, Julia estendeu a m ão. Ele a tom ou na sua, pressionando os lábios em sua palm a.

– Não m e arrependo – sussurrou Julia.

Ele recuou. A m edicação para dor parecia estar afetando sua clareza de pensam ento.

– Do que não se arrepende, querida?

– De engravidar. No fim de tudo, terem os um a garotinha. Serem os um a fam ília. Para sem pre.

Ele lhe deu um sorriso tenso e beij ou-lhe a testa.

– Nos vem os em poucos m inutos. Aguenta

firm e.

Ela retribuiu o sorriso e fechou os olhos, con-trolando sua respiração de m odo a se preparar para a nova onda de contrações.

CAPÍTULO OITENTA E QUATRO

Na ausência de Gabriel, Julia sim plesm ente

fechou os olhos e se concentrou na respiração; isto é, até ela estar deitada na sala de cirurgia e a Dra. Rubio com eçar a apalpar a área que tinha

sido preparada para a incisão.

– Consegui sentir isto – disse Julia, claram ente alarm ada.

– O que sentiu foi um a pressão?

– Não. Senti você beliscando m inha pele.

Gabriel sentou-se ao lado dela, atrás do pano que bloqueava sua visão da parte de baixo do

corpo de Julia. Ele pegou sua m ão.

– Está sentindo dor?

– Não – falou ela, em pânico. – Mas continuo com sensibilidade. Estou com m edo de sentir a incisão.

1145/1201

A Dra. Rubio repetiu o teste, beliscando e torcendo a pele dela, que insistia, cada vez m ais ansiosa, que conseguia sentir tudo.

– Vam os ter que colocá-la para dorm ir – anunciou o anestesista, apressando-se em preparar a anestesia geral.

– Não é bom para o bebê. Dê outra coisa a ela –

argum entou a Dra. Rubio.

– Não posso lhe dar m ais nada. Já aplicam os duas doses de peridural. Vou ter que apagá-la.

Julia ergueu o olhar para os olhos bondosos do anestesista.

– Me desculpe – sussurrou ela.

O anestesista afagou o om bro dela.

– Querida, não precisa se desculpar. Estou aqui para isso. Apenas tente

relaxar.

Gabriel começou a fazer uma série de perguntas enquanto a equipe cirúrgica trabalhava a todo vapor ao seu redor.

1146/1201

Julia apertou a mão dele, com o que lhe pediu que não perdesse a cabeça. Ela precisava que

Gabriel ficasse calmo. Precisava que ele velasse seu sono.

Ela mal conseguiu registrar o que os médicos estavam fazendo, ou as instruções do anestesista.

A última coisa que ouviu antes de ser arrastada para a escuridão foi a voz de Gabriel em seu ouvido, garantindo-lhe que ele estaria ao seu lado quando ela acordasse.

CAPÍTULO OITENTA E CINCO

– Droga. – A Dra. Rubio estava agitada.

Deu um monte de ordens e instruções e, no mesmo instante, sua equipe entrou em ação.

– Qual o problema? – Gabriel apertou com mais força a mão inerte de Julia.

A Dra. Rubio virou a cabeça para ele, sem fazer contato visual.

– Tirem o arido daqui.

– O quê? – Gabriel se levantou. – O que está havendo?

– Eu disse para o tirarem daqui! – exclamou a Dra. Rubio para uma das enfermeiras. – E mande o

cirurgião

de

plantão

vir

para

cá.

Im ediatam ente.

A enferm eira com eçou a conduzir Gabriel em

direção à porta.

1148/1201

◆◆◆

– O que está havendo? Alguém m e diga! – Ele ergueu a voz, dirigindo suas perguntas para a equipe m édica.

Ninguém respondeu.

A enferm eira pegou o braço dele e o puxou.

Gabriel lançou um últim o olhar para Julia. Suas pálpebras estavam cerradas, a pele, lívida, o corpo, inerte.

Era com o se ela estivesse m orta.

– Ela vai ficar bem ?

A enferm eira o fez atravessar a porta de vaivém , levando-o até a sala de espera do centro cirúrgico.

– Alguém virá falar com o senhor em breve. –

Ela m eneceu a cabeça para Gabriel de form a encoraj adora antes de voltar à sala de cirurgia.

Ele se deixou cair em um a poltrona, a m ente a m il por hora. Em um m inuto eles estavam se preparando para a cesariana e no m inuto seguinte...

Ele retirou a m áscara cirúrgica do rosto.

1149/1201

Pânico e m edo correram pelas veias de Gabriel.

Tudo o que conseguia ver era o rosto de Julia, os braços esticados para os lados com o se ela estivesse em um a cruz.

Na mente de Gabriel, ele estava no quintal da sua casa em Selinsgrove, cam inhando em direção ao bosque. Havia percorrido aquele cam inho m il vezes. Era capaz de ir até lá no escuro. Agora, era dia.

Ao se aproxim ar do bosque, ouviu um a voz cham ando seu nom e.

Ele se virou e viu Grace de pé na varanda dos fundos, acenando para ele.

– Volte.

Gabriel balançou a cabeça, apontando na direção do pom ar.

– Tenho que encontrá-la. Eu a perdi.

1150/1201

– Você não a perdeu. – Grace deu um sorriso paciente.

– Perdi, sim . Ela se foi. – Os batim entos cardíacos de Gabriel se aceleraram .

– Ela não se foi. Volte para casa.

– Tenho que ir buscá-la.

Gabriel vasculhou as árvores em busca de

qualquer sinal de Julianne antes de entrar no bosque. Seus passos se aceleraram até que ele com eçou a correr, os galhos se agarrando e arran-hando suas roupas e seu rosto. Ele caiu sobre as m ãos e os j oelhos assim que entrou na clareira.

Olhou ao redor depressa e um grito angustiado escapou de seus lábios ao perceber que Julianne não estava em lugar nenhum .

CAPÍTULO OITENTA E SEIS

– Não acredito que perdem os um a hoje.

– Nem eu. Duas cesarianas de emergência ao mesmo tempo. Pelo menos só um a terminou mal.

– A pessoa suspirou. – Detesto noites assim.

– Eu também. Graças a Deus nosso turno acabou.

Gabriel levou alguns minutos para abrir os olhos. Teria adormecido, ou...

Ele esfregou o queixo. Não tinha certeza. Em um minuto estava no bosque nos fundos da casa, no minuto seguinte podia ouvir as enfermeiras conversando.

Seus ouvidos começaram a zumbir à medida

que a mulher branca de Julianne deitada na mesa de cirurgia, pálida e imóvel, lhe voltava à mente.

As enfermeiras só podiam estar falando dela.

1152/1201

Não acredito que perdemos uma hoje.

Ele teve que conter um soluço ao ouvir passos, seus olhos se fixando em um par de sapatos horroresos. Era terrivelmente fora de propósito, e ele sabia disso, mas Gabriel não pôde deixar de notar

como eles eram grosseiros e calçavam mal.

Ele levantou a cabeça.

A enfermeira, que ele nunca tinha visto antes, lhe abriu um sorriso contido.

– Meu nome é Angie, Sr. Emerson. Gostaria de ver sua filha?

Ele assentiu e se levantou, cambaleante.

– Lam ento que tenha ficado esperando tanto

tem po. Alguém deveria tê-la trazido para o senhor antes, m as estam os m uito ocupados e

acabam os de fazer a troca de turno.

Ela o conduziu até a sala ao lado, onde havia um cesto de bebê. Outra enferm eira estava ali, escrevendo em um prontuário.

1153/1201

Gabriel se aproxim ou do cesto e baixou os olhos para o seu interior.

Havia um pequeno em brulho branco ali dentro, totalm ente im óvel. Ele viu um rosto averm elhado e cabelos pretos parcialm ente cobertos por um m inúsculo gorro de crochê roxo.

– Ela tem cabelo – sussurrou ele.

Angie parou ao seu lado.

– Sim , um m onte de cabelos pretos. Ela pesa quase 4 quilos e tem 48 centím etros. É um bebê de bom tam anho.

Angie pegou a criança, segurando-a nos braços.

– Vou lhe dar um pulseira igual à dela, para saber m os que ela é sua.

A segunda enferm eira prendeu um a pulseira de plástico branca em volta do pulso direito de Gabriel.

– Quer segurá-la?

Ele assentiu, secando o suor frio das m ãos na roupa cirúrgica.

1154/1201

Angie colocou o bebê com cuidado nos braços

dele. Na m esm a hora, a criança abriu os olhos grandes e azul-escuros e olhou para ele.

Quando seus olhares se cruzaram , Gabriel teve a sensação de que o m undo havia parado de girar.

Então ela bocej ou, a boca pequenina com o um botão de rosa se

escancarando até os olhos se fecharem de novo.

– Ela é linda – sussurrou ele.

– É m esm o. E saudável. Foi um parto difícil, m as ela está bem . Com o pode notar, o rosto dela

está um pouco inchado, m as vai desinchar com o tem po.

Gabriel ergueu a filha até ela estar a poucos centím etros do seu rosto.

– Olá, Rolinho. Sou seu papai e há m uito tem po venho esperando para conhecê-la. Am o m uito

você.

1155/1201

Ele a colocou ao próprio corpo, escutando sua respiração delicada, sentindo seu coraçãozinho bater por baixo do tecido que a em brulhava.

– Minha esposa – falou ele, a voz falhando, sem se im portar em piscar para conter as lágrim as que voltaram a surgir em seus olhos.

As enferm eiras trocaram olhares.

– A Dra. Rubio não falou com o senhor? – perguntou Angie.

Gabriel balançou a cabeça, abraçando o bebê

com força.

Angie olhou para a outra enferm eira, que franziu o cenho.

– Ela j á deveria ter falado com o senhor a esta altura. Peço desculpas. Estam os m uito ocupados, com o j á disse, e ainda tivemos os a troca de turno. –

Angie gesticulou para um a cadeira. – Por que não senta com a sua filha enquanto vej o se consigo encontrar a m édica?

1156/1201

Gabriel obedeceu, segurando a filha perto do

coração.

As expressões das enfermeiras lhe disseram

tudo o que precisava saber.

Não haveria nenhum reencontro feliz.

Não haveria visão alguma de Julia com a filha nos braços.

Ele a perdera. Da mesma forma que Dante

tinha perdido Beatriz, ele perdera sua amada.

– Eu fracassei com você – sussurrou ele.

Com a filha colada ao peito, Gabriel chorou.

CAPÍTULO OITENTA E SETE

Enquanto Gabriel ficava sentado ali com



Rolinho nos braços, o tempo parecia ter perdido o sentido. Imagens iam aparecendo diante de seus olhos. Ele se viu levando a filha para casa.

Alim entando-a no meio da noite. Descendo o

corredor em direção ao quarto principal vazio.

Sentia-se tão sozinho.

Tinha amado uma única mulher em sua vida. A princípio, ele a amara com o mesmo pagão, ávido por idolatrá-la e adorá-la. Então aprendera que havia coisas mais importantes do que seu amor por Julia – a felicidade dela, por exemplo.

Em sua mente, conseguia vê-la e ouvi-la segurando a mão dele e sussurrando:

Não me arrependo de ter engravidado.

1158/1201

Agora, ela se arrependeria. Gabriel tinha perdido sua vida.

Os ombros dele tremiam quando um soluço

sacudiu-lhe o corpo.

Sua linda e m eiga Julianne.

Gabriel estava com o celular nas m ãos, m as não queria falar com ninguém . A j ulgar pelas

m ensagens que havia recebido, Richard e Rachel chegariam a qualquer m om ento. Rebecca estava preparando a casa para os hóspedes e para o be-bê. Kelly m andara um a m ensagem para dizer que tinha encom endado flores e balões, que estavam a cam inho do hospital.

Não tivera coragem de dizer a eles que Julianne estava m orta.

Olhou para o rosto da filha, perguntando-se

com o conseguiria ser pai sozinho. Ele dependia 1159/1201

tanto de Julianne. E, no fim das contas, foi seu egoísm o que pôs fim à sua vida.

Gabriel estava exausto e im erso em sua dor

quando alguém entrou na sala e parou diante

dele. Seus olhos se fixaram novam ente em um par de sapatos m uito feios e grosseiros.

– Sr. Em erson.

Ele reconheceu a voz da Dra. Rubio e levantou a cabeça.

Ela parecia cansada.

– Sinto m uito pelo que houve. Tivem os várias em ergências ao m esm o tem po e não consegui m e liberar. Peço desculpas por...

– Eu posso vê-la? – perguntou Gabriel,

interrom pendo-a.

– Claro. Mas antes preciso explicar o que

aconteceu. Sua esposa...

Gabriel não conseguia ouvir as palavras da

médica. Estava tomado pela dor. Todas as

1160/1201

conversas que já tinham tido com Julia sobre ter filhos inundavam sua mente.

A culpa era dele. Ele a havia convencido a ter um bebê e então tinha acontecido antes que ela estivesse preparada.

Ele tinha feito aquilo. Ele havia plantado uma criança dentro dela, e disso resultou sua morte.

Gabriel baixou a cabeça, anestesiado.

– Professor Emerson.

A Dra. Rubio se aproximou dele.

– Professor Emerson, o senhor está bem? – A voz dela, que carregava um leve sotaque, ecoou em seus ouvidos. A Dra. Rubio resmungou algumas palavras em espanhol, que Gabriel conseguiu identificar vagamente.

– Posso vê-la? – sussurrou ele.

– É claro. – A Dra. Rubio gesticulou em direção à porta. – Lá embaixo que ninguém tenha vindo

buscá-lo antes, mas a equipe de enfermagem estava sobrecarregada.

1161/1201

Gabriel se levantou devagar, com a filha ainda aninhada nos braços.

A Dra. Rubio o instruiu a colocar o bebê no

cesto e então se pôs a empurrar o carrinho sobre o qual ele estava instalado.

Ele sacou um lenço do bolso e secou o rosto, ignorando as iniciais bordadas nele. Tinha sido um

presente de Julianne, por “nenhum motivo especial”. Ela era assim – generosa de espírito, de coração. Com o ele gostaria de estar usando a estrela

de Davi que ela lhe dera no aniversário de

casam ento. Certam ente teria encontrado algum conforto nisso.

Gabriel seguiu a Dra. Rubio por um a série de salas, até chegar a um espaço que abrigava vários leitos hospitalares.

– Lá está ela.

Gabriel parou na m esm a hora.

1162/1201

Julianne estava deitada em um leito com um a enferm eira inclinada sobre seu corpo, aplicando-lhe um a inj eção.

Ele pôde ver as pernas dela se m exendo debaixo do lençol. Pôde ouvi-la gem er.

Piscou rapidam ente, com o se as lágrim as em seus olhos tivessem gerado um a m iragem .

Sentiu o corpo vacilar.

– Professor Em erson? – A Dra. Rubio o segurou pelo cotovelo, tentando equilibrá-lo. – O senhor está bem ?

Ela cham ou a enferm eira e lhe pediu que colo-casse um a cadeira ao lado do leito de Julia. As duas aj udaram Gabriel a se sentar e em purraram o cesto para perto dele.

Alguém colocou um copo d'água na m ão dele.

Ele o fitou com o se fosse um obj eto de outro planeta.

A voz da Dra. Rubio, que vinha soando nebu-

losa aos seus ouvidos, ficou clara de repente: 1163/1201

– Com o disse, sua esposa perdeu m uito sangue.

Tivem os que fazer um a transfusão. Quando fiz a incisão para a cesariana, um dos m iom as se rom peu e, infelizm ente, sangrou m uito. Tivem os que fazer alguns reparos cirúrgicos em seguida, e foi por isso que o procedim ento dem orou tanto.

– Miom as? – repetiu Gabriel, a m ão pousada

sobre a boca.

– Um dos médicos da sua esposa estava preso à parede do útero bem no local em que fizemos a incisão. Conseguimos estancar o sangramento e suturá-la, mas isso tornou a cesariana mais com -

plicada do que o habitual. Felizmente o Dr. Man-ganiello, nosso cirurgião de plantão, veio nos ajudar. Sua esposa vai ficar bem. – A Dra. Rubio pousou a mão sobre o ombro de Gabriel. – E

parece que não há nenhum dano permanente no útero. Ela vai acordar em breve, mas estará grogue. Vamos lhe dar medicamentos para controlar a dor. Amanhã venho dar uma olhada em 1164/1201

você, quando estiver passando visita. E parabéns pelo nascimento da sua filha. Ela é linda.

A Dra. Rubio deu um tapinha no ombro dele e foi embora.

Gabriel olhou para Julia, notando que a cor voltara às suas faces. Ela estava adormecida.

– Sr. Emerson? – A enfermeira notou suas lágrimas. – Posso lhe trazer alguma coisa?

Ele balançou a cabeça, apressando-se em secar o rosto com as costas da mão.

– Achei que ela estivesse morta.

– O quê? – disse a enfermeira em tom

estridente.

– Ninguém me falou nada. Ela parecia estar

morta. Achei que...

A enfermeira deu um passo à frente, com uma expressão horrorizada no rosto.

– Sinto muito. Alguém do turno da noite deveria ter explicado ao senhor o que estava acontecendo. Houve outra cesariana de emergência

1165/1201

j unto com a da sua esposa, mas a paciente perdeu o bebê.

Gabriel ergueu os olhos para fitar os da
enfermeira.

– Mas isso não justifica – falou ela baixinho. –

Alguém deveria ter vindo lhe dizer que sua esposa estava bem .
Trabalho há dez anos aqui

◆◆◆

fazendo partos e, durante todo esse tempo, foram poucas as mães
que perdem os. Muito, muito

poucas. E, quando isso acontece, abre-se imediatamente

um

inquérito

e

todos

ficam

transtornados.

Gabriel estava prestes a perguntar o que exatamente significava “muito poucas” quando ouviu um gemido vir do leito de Julia. Ele largou o copo d’água de lado e ficou de pé ao lado dela.

– Julianne?

Ela pestanejou, seus cílios se abrindo. Olhou para ele apenas por um instante, então tornou a fechar os olhos.

1166/1201

– Sua filha está aqui. Ela é linda.

Julianne não se mexeu.

Alguns minutos depois, no entanto, voltou a

gemer.

– Está doendo – sussurrou ela.

– Espere um instante. Vou chamar alguém. –

Gabriel chamou uma enfermeira.

Depois que ela ajustou o cateter intravenoso de Julia, Gabriel pegou o bebê.

– Meu amor, esta é a sua filha. Ela é linda. E

tem cabelos. – Ele ergueu o bebê para que Julia pudesse vê-la.

Os olhos de Julia estavam arregalados e sem

foco, então ela os fechou de novo.

Gabriel tornou a aninhar o bebê junto ao peito.

– Querida? Está me ouvindo?

– Vai demorar um pouco até que ela recupere os sentidos. Mas com o tempo ela vai acordar. –

A voz da enfermeira interrompeu os devaneios de 1167/1201

Gabriel, que se perguntava ansiosamente se Julia

estava insatisfeita com a aparência do bebê.

Ele pôs a criança de volta no cesto e sentou-se ao lado dele, vigiando a esposa com atenção.

Jamais a perderia de vista novamente.

Seu iPhone tocou, indicando a chegada de alguém às mensagens que ele logo conferiu. Richard e Rachel chegariam em breve. Tom e Diane enviavam os parabéns e beijinhos para todos.

E Katherine reiterou que fazia questão de ser a madrinha. Chegou inclusive a prometer um raro manuscrito da *Vita Nuova*, de Dante, com o incentivo.

Gabriel tirou algumas fotos de Rolinho com o celular e as enviou rapidamente por e-mail para todo mundo, inclusive Kelly, dando-se o trabalho de dizer a Katherine que não havia necessidade de nenhum incentivo por parte dela.

– Ela tem cabelo?

Quando Julia finalmente acordou, a primeira coisa que notou foram as manchas pretas que despontavam do gorrinho de crochê roxo.

– Tem . Bastante. Mais escuro que o seu.

Gabriel sorriu e pousou o bebê sobre o peito da esposa.

Ela desembrulhou o bebê e tirou seu gorro,

colando a pele da filha à sua. A criança se

aconteceu imediatamente ao corpo da mãe.

Para Gabriel, aquela era a cena mais incrível que ele tinha visto na vida.

– *Ela é linda* – sussurrou Julia.

– Linda com o amor dela.

Ela deu beijinhos carinhosos na cabeça do bebê.

– Acho que não. Ela é a sua cara.

Gabriel riu.

– Permita-me discordar. Não acho que ela se pareça com nenhum de nós ainda, exceto pelo fato de ter os olhos da cor dos meus. Tem os
1169/1201

maiores olhos que já vi, mas não gosta muito de abri-los.

Julia levantou a cabeça para examinar o rosto do bebê, apertando-a ainda mais junto ao peito.

Gabriel a encarou com preocupação.

– Está com dor?

Ela fez uma pequena careta.

– Parece que fui serrada ao meio.

– E acho que foi mesmo.

Ela o fitou com um olhar intrigado.

– Não, querida, eu não olhei. – Ele roçou um

beij o contra os seus cabelos. – Talvez sej a m elhor conversarm os sobre com o irem os cham á-la. Os

avós dela não vão ficar m uito contentes se disserm os que ela se cham a Rolinho. E j á tive notícias de Katherine, que acha que devíam os batizá-la em sua própria hom enagem .

– Nós chegam os a cogitar Clare.

Gabriel refletiu por alguns instantes.

1170/1201

– Gosto de Clare, m as, com o rezam os na cripta de São Francisco, talvez devêsem os cham á-la de Frances.

– Santa Clara era am iga de Francisco.

Poderíam os cham á-la de Clare e colocar Grace com o nom e do m eio.

Gabriel fitou os olhos de Julia e sentiu um nó na garganta.

– Que tal Clare Grace Hope? Ela representa a

culm inação de tanta esperança, de tanta graça...

– *Clare Grace Hope Emerson*. É perfeito – sussurrou Julia, beij ando a pequena bochecha de

Clare.

– Ela é perfeita. – Gabriel beij ou Julianne e Clare, envolvendo as duas em um abraço.

– *Minhas lindas, lindas meninas*.

CAPÍTULO OITENTA E OITO

Julia dorm ia com o um anj o, respirando fundo, o corpo im óvel. Quando a enferm eira instruiu

Gabriel a pousar Clare no cesto para dorm ir, ele se recusou. Segurava

a filha nos braços com o se tivesse m edo de que alguém fosse levá-la em bora.

Seus olhos ficaram pesados e ele se recostou na

cadeira ao lado da cam a de Julia, deitando a filha sobre o peito. Ela bocej ou, parecendo contente, a

bochecha descansando no corpo dele, a bundinha para cim a.

– Fé, esperança e caridade – sussurrou ele para si m esm o. – Mas a m aior de todas essas é a caridade.

– O que disse? – Julia se m exeu na cam a, virando-se para ele.

Ele sorriu.

1172/1201

– Desculpe, não queria acordá-la.

Julia m oveu as pernas, hesitante, levando a m ão ao local da incisão.

– A dor está voltando. Deve estar na hora de outra inj eção.

Ela olhou na direção de Gabriel, para a m aneira com o ele segurava Clare nos braços, o corpo dela repousado bem no m eio do peito dele.

– Você tem um talento inato para isso, papai.

– Espero que sim . Mas, m esm o que não tenha, vou fazer de tudo para desenvolver um .

– Eu não sabia – sussurrou Julia, seus olhos se enchendo de lágrim as.

– Não sabia o quê?

– Não sabia que era possível am ar tanto outra pessoa.

Gabriel aninhou a cabeça de Clare em sua m ão.

– Eu tam bém não sabia. – Ele beij ou a cabeça da filha. – Na verdade, eu estava só discordando de São Paulo,

– Ah, é? – Julia secou um a lágrima. – E o que ele achou disso?

Gabriel a fitou nos olhos. Ela sorriu.

– Eu falei a ele que a maior das virtudes não é a caridade; é a esperança. Conheci a caridade com Richard e Grace, mas também com você. E ela me ajudou a atravessar dias muito sombrios. E também

bem descobri a fé, quando estive em Assis. Mas, sem esperança, não estaria aqui. Eu teria dado

um fim à minha vida. Sem a intervenção divina na forma de um adolescente em um pomar na Pensilvânia, eu estaria no Inferno, e não sentado ao seu lado com nossa filha nos braços.

– Gabriel – sussurrou ela, as lágrimas correndo.

– A caridade é uma grande virtude, assim como a fé. Mas a esperança é mais importante para mim. Isto é esperança. – Ele gesticulou para a bebezinha em seu peito, em brulhada em panos

brancos e usando um minúsculo gorro de crochê.

As preces de agradecimento de Gabriel foram

espontâneas e sinceras. Ali, naquele quarto, ele possuía uma abundância de riquezas: uma esposa bela e inteligente, que tinha um coração enorme e generoso, e uma linda filha.

– Aqui culminam todas as minhas esperanças, Gabriel. – Julia estendeu a mão para ele, que se esticou para enlaçar o dedo mininho dela com o seu. – Este é o meu final feliz.

Ele olhou para o futuro com esperança e viu

uma casa repleta do som de risadas infantis e de pezinhos apressados subindo e descendo as escadas. Viu Clare com uma irmã e um irmão – um adotado, outro não.

Viu batismos e cerimônias de primeira com um-não e a família sentada junto dele no mesmo banco de igreja, mais depois mais, ano após ano.

Viu j oelhos ralados, prim eiros dias na escola, bailes de form atura,
corações partidos e lágrimas 1175/1201

de felicidade, e a alegria de apresentar Dante, Botticelli e São
Francisco a seus filhos.

Viu a si m esm o conduzindo Clare pelo

corredor de um a igrej a em seu próprio

casam ento, e segurando os netos nos braços.

Viu-se envelhecendo ao lado de sua am ada Julianne, de m ãos dadas
com ela em seu pom ar.

– *Eis que surge minha bem-aventurança* – sussurrou ele, segurando a m
ão da esposa e Clare

Grace Hope, que dorm ia com o um anj o em seu
peito.

Fim.

Agradecim entos

Gostaria de agradecer aos falecidos Dorothy L.

Say ers e Charles William s, a Mark Musa, à m inha am iga Katherine
Picton e à Dante Society of Am erica por todo o conhecim ento
relacionado à *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, que serviu de
inspiração à m inha obra.

Neste rom ance, são

respeitadas as convenções da Dante Society

quanto ao uso de m aiúsculas ao Inferno e ao

Paraíso.

Tam bém busquei inspiração na arte de Sandro Botticelli e no espaço
incom parável que é a Galleria degli Uffizi, em Florença. As cidades de
Oxford, Florença, Assis, Todi e Cam bridge ofereceram um pano de
fundo para a história, assim com o o distrito de Selinsgrove.

1177/1201

A tradução para o inglês de Dante Gabriel Rossetti do poem a *Vida nova* foi retirada do site Internet Archive, assim com o original em italiano. Tam bém usei a tradução para o inglês de Henry

Wadsworth

Longfellow

da

Divina

Comédia.

Agradeço a Jennifer, por suas opiniões e seu

apoio. Este livro não existiria sem seu incentivo e sua amizade.

Agradeço tam bém a Nina, por suas

contribuições e sabedoria. Tam bém agradeço de coração a Kris, que leu o m anuscrito original e fez inestim áveis críticas construtivas.

Foi um prazer trabalhar com Cindy , m inha editora na Berkley Books, e m al posso esperar para voltar a fazê-lo em m eus próxim os dois romances. Devo ainda agradecerm entos a Tom , por sua sabedoria e seu empenho em conduzir m inha transição para a Berkley . E tam bém , é claro, às

equipes de revisão, design e diagramação que trabalharam neste livro.

1178/1201

Minha agente, Enn, trabalha incansavelmente

para promover m inha obra e me ajuda a utilizar as mídias sociais, o que me permite manter contato com meus leitores. É uma honra fazer parte da sua equipe.

Tam bém gostaria de agradecer a todos os que me incentivaram , em especial às minhas amigas Tori e Erika e aos leitores que administram o site Argy le Em pire e as páginas do grupo SRFans nas redes

sociais. Meus agradecimentos especiais a Elena, que ajudou com a pronúncia correta do italiano no audiolivro. John Michael Morgan fez um trabalho magnífico em sua leitura de *O inferno de Gabriel* e *O julgamento de Gabriel*.

Por fim, não é nenhum grande segredo que eu pretendia concluir a história do professor e de Julianne com *O julgamento de Gabriel*. Agradeço a todos que me escreveram pedindo que a

história continuasse. O apoio constante de vocês e da minha família é inestimável.

1179/1201

– SR

Ascension, 2013

Quem é Sylvain Reynard?

Quase nada foi divulgado sobre a verdadeira identidade do autor por trás do pseudônimo

Sylvain Reynard.

Sabem os que ele é canadense, já escreveu vários livros de não ficção e tem um profundo interesse pela arte e pela cultura renascentistas. Mas, em -

bora declare ser do gênero masculino, seus fãs têm uma forte suspeita de que na verdade S.R.

seja uma mulher.

Semifinalista ao prêmio de Melhor Autor e

Melhor Livro no Goodreads Choice Awards de

2011, Reynard apoia diversas instituições de caridade e acredita que a literatura ajuda a explorar os diversos aspectos da condição humana,



com o o sofrimento, o amor e a redenção.

1181/1201

www.sylvainreynard.com

CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA EDITORA

ARQUEIRO

Paixão sem Limites

ABBI GLINES

Blaire Wynn não teve uma adolescência nor-

mal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar

1183/1201

com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu.

Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postíça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro aos pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe

dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que

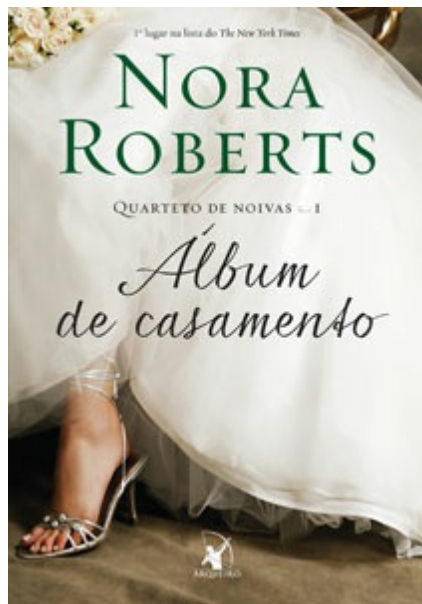
sente a mesma coisa.

1184/1201

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.

Paixão sem limites – primeiro volume da trilogia Sem Limites, que vendeu mais de 500 mil exemplares com o publicação independente – é um livro romântico, sexy e intenso, que vai conquistar os leitores e deixá-los ávidos pela

sequência.



Álbum de Casamento

NORA ROBERTS

Quando crianças, as amigas Parker, Emma,

Laurel e Mac adoravam fazer casamentos de

mentirinha no jardim. E elas pensavam em todos os detalhes. Depois de anos dessa brincadeira, não é de surpreender que tenham fundado a

1186/1201

Votos,

uma

empresaria

de

organização

de

casamentos bem-sucedida.

Mas, apesar de planejar e tornar real o dia perfeito para tantos casais, nenhum a delas teve no amor a mesma sorte que tem nos negócios. Até agora.

Com várias capas de revistas de noivas no currículo, a fotógrafa Mac é especialista em captar os momentos de pura felicidade, mesmo o que nunca

os tenha experimentado em sua vida.

Por causa da separação dos pais e de seu difícil relacionamento com eles, Mac não leva muita fé no amor. Por isso não entende o frio na barriga que sente ao reencontrar Carter Maguire, um

colega de escola com o qual nunca falara direito.

Carter definitivamente não é o seu tipo. Professor de inglês apaixonado pelo que faz, ele cita Shakespeare e usa paletó de tweed. Por causa de

uma antiga quedinha por Mac, fica atrapalhado na frente dela, sem saber bem com o agir e o que 1187/1201

falar. E mesmo assim ela não consegue resistir ao seu charme.

Agora Carter está disposto a ganhar o coração de Mac e convencê-la de que ela é capaz de criar suas próprias lembranças felizes.



MADELINE HUNTER

(Os Rothwells 2)

Atraente, sutil e tentador, lorde Elliot Rothwell é um homem em acostumado a fazer sucesso entre as mulheres e a conseguir tudo o que deseja delas.

Mas isso não se aplica a Phaedora Blair. A brilhante e exótica editora não parece disposta a ceder a seu pedido e cancelar a publicação das 1189/1201

memórias de um membro do Parlamento que po-

dem em anchar o nome e da nobre família Rothwell.

A pedido de seu irmão mais velho, o marquês de Easterbrook, Elliot vai a Nápoles para negociar com Phaedora. Historiador de renome e autor de

livros respeitados, tudo indica que ele seja a pessoa ideal para a tarefa.

Porém, em vez de encontrar a bela mulher descansando à beira do mar Tirreno, Elliot descobre que ela está presa por causa de uma acusação injusta. Graças ao prestígio da família, o nobre consegue libertá-la, mas assim também se torna responsável por ela até voltarem à Inglaterra.

Percorrendo juntos uma das regiões mais belas e românticas da Europa, eles vão descobrir que discordam de quase tudo o que o outro pensa ou faz – exceto o que fazem juntos na cama. E, nessa aula de prazer, será cada vez mais difícil saber qual dos dois tem mais a ensinar.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA

ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett *Não conte a ninguém*, *Desaparecido para*

sempre, *Confie em mim*,

Cilada e *Fique comigo*, de Harlan Coben *A cabana* e *A travessia*, de

William P. Young *A farsa, A vingança e A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de im pacto e Fortaleza digital, de Dan Brown *Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O*

guardião,

1191/1201

Um a curva na estrada, O casam ento e À

primeira vista,

de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo m ais; Até m ais, e obrigado pelos peixes! e*

Praticamente inofensiva, de Douglas Adam s *O nome do vento e O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss *A passagem e Os doze*, de Justin Cronin *A revolta de Atlas*, de Ay n Rand



A conspiração franciscana, de John Sack INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber m ais sobre os títulos e autores

da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta nossas redes sociais.

Além de inform ações sobre os próximos os

lançamentos,

você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar

de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

[facebook.com /editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)

[twitter.com /editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

[instagram .com /editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,

basta cadastrar-se diretamente no nosso site ou enviar um e-mail para

1193/1201

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila

Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Créditos

Prólogo

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

1195/1201

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

1196/1201

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

CAPÍTULO QUARENTA

1197/1201

CAPÍTULO QUARENTA E UM

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

CAPÍTULO CINQUENTA

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

1198/1201

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

CAPÍTULO SESSENTA

CAPÍTULO SESSENTA E UM

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

CAPÍTULO SESSENTA E SETE

CAPÍTULO SESSENTA E OITO

CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

CAPÍTULO SETENTA

1199/1201

CAPÍTULO SETENTA E UM

CAPÍTULO SETENTA E DOIS

CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

CAPÍTULO SETENTA E QUATRO

CAPÍTULO SETENTA E CINCO

CAPÍTULO SETENTA E SEIS

CAPÍTULO SETENTA E SETE

CAPÍTULO SETENTA E OITO

CAPÍTULO SETENTA E NOVE

CAPÍTULO OITENTA

CAPÍTULO OITENTA E UM

CAPÍTULO OITENTA E DOIS

CAPÍTULO OITENTA E TRÊS

CAPÍTULO OITENTA E QUATRO

CAPÍTULO OITENTA E CINCO

1200/1201

CAPÍTULO OITENTA E SEIS

CAPÍTULO OITENTA E SETE

CAPÍTULO OITENTA E OITO

Agradecim entos

Quem é Sy lvain Rey nard?

CONHEÇA

MAIS

TÍTULOS

DA

EDITORIA ARQUEIRO

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA

EDITORIA ARQUEIRO

INFORMAÇÕES

SOBRE

A

ARQUEIRO

@Created by [PDF to ePub](#)

Document Outline

Título original: Gabriel's Redem ption Copy right © 2013 por Sy lvain

Rey nard Copy right da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado m ediante acordo com The Berkley Publishing Group, um

m em bro da Penguin Group (USA) Inc.

Prólogo

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

CAPÍTULO QUARENTA

CAPÍTULO QUARENTA E UM

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

CAPÍTULO CINQUENTA

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

CAPÍTULO SESSENTA

CAPÍTULO SESSENTA E UM

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

CAPÍTULO SESSENTA E SETE

CAPÍTULO SESSENTA E OITO

CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

CAPÍTULO SETENTA

CAPÍTULO SETENTA E UM

CAPÍTULO SETENTA E DOIS

CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

CAPÍTULO SETENTA E QUATRO

CAPÍTULO SETENTA E CINCO

CAPÍTULO SETENTA E SEIS

CAPÍTULO SETENTA E SETE

CAPÍTULO SETENTA E OITO

CAPÍTULO SETENTA E NOVE

CAPÍTULO OITENTA

CAPÍTULO OITENTA E UM

CAPÍTULO OITENTA E DOIS

CAPÍTULO OITENTA E TRÊS

CAPÍTULO OITENTA E QUATRO

CAPÍTULO OITENTA E CINCO

CAPÍTULO OITENTA E SEIS

CAPÍTULO OITENTA E SETE

CAPÍTULO OITENTA E OITO

Agradecim entos

Quem é Sy lvain Rey nard?

CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

SUMÁRIO

Document Outline

- *